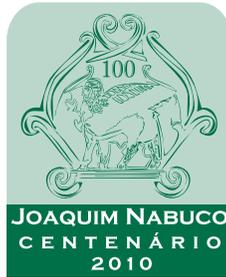


COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Padre Pedro Adrião

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

 TRADIÇÕES CLÁSSICAS
DA LÍNGUA PORTUGUESA

2.^a Edição

Rio de Janeiro 2010

COLEÇÃO ANTÔNIO DE MORAIS SILVA
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2010

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Luiz Paulo Horta*

Tesoureiro: *Murilo Melo Filho*

COMISSÃO DE LEXICOGRAFIA DA ABL

Eduardo Portella

Evanildo Bechara

Alfredo Bosi

Preparação

Aline Rodrigues Gomes

Revisão

Vânia Maria da Cunha Martins Santos

Denise Teixeira Viana

Paulo Teixeira Pinto Filho

João Luiz Lisboa Pacheco

Sandra Pássaro

Produção editorial

Monique Mendes

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Projeto gráfico

Victor Burton

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

A343 Adrião, Pedro.

Tradições clássicas da língua portuguesa / Padre Pedro Adrião ; apresentação
Evanildo Bechara. – 2.^a ed. – Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2010.

402 p. ; 23 cm. – (Coleção Antônio de Moraes Silva. Estudos de
língua portuguesa ; 12)

ISBN 978-85-7440-183-6

I. Língua portuguesa. I. Bechara, Evanildo, 1928-. II. Título III. Série.

CDD 469.83

Apresentação

EVANILDO BECHARA

A atmosfera de humildade que, por toda a vida, envolveu a figura humana e a sua atividade de professor de Língua Portuguesa do Seminário de Olinda, impede-nos de dissertar, ainda que brevemente, sobre o autor de *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*.

Nem nos arquivos e documentos daquele Seminário nem no depoimento de contemporâneos de Ordem e de trabalho, como ocorreu com a entrevista ao ilustre Padre Arnaldo Cabral, a quem chegamos pela mediação da ilustre colega e amiga Prof.^a Dr.^a Nelly Carvalho, glória do magistério superior pernambucano. O Padre Arnaldo só nos disse da extrema humildade do religioso e da excessiva competência do professor. Também não nos foi possível localizar com certeza seu torrão natal em Pernambuco; na opinião do nosso entrevistado, seria talvez Vitória de Santo Antão. Pela própria informação do autor, provindo de família muito pobre e, acolhido pelo Seminário de Olinda, nele encontrou os recursos para ascensão cultural, chegando a integrar o quadro de professores do tão conceituado Seminário. Na dedicatória estampada no livro é peremptório: “Ao queridíssimo Seminário de Olinda, ao qual tudo devo (...)”. A essa instituição também deve o seu mestre de vernáculo: “(...) onde aprendi do meu excelente mestre de português, o virtuoso e ilustrado sacerdote Cônego Alfredo Xavier Pedrosa, a amar com ardor a língua-pátria”.

Saída em 1945, em Porto Alegre, pelo Editor J. Pereira da Silva, mas impressa nas Oficinas Gráficas do *Diário da Manhã*, no Recife, a obra não mereceu, que saibamos, resenha crítica ou nota bibliográfica. O editor utilizou todas as páginas da capa do livro para transcrever opiniões de abalizados filólogos e gramáticos (João Ribeiro, Mário Barreto, Eduardo Carlos Pereira) e escritores (Machado de Assis, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco,

Ronald de Carvalho, Cláudio de Sousa) sobre a lição dos clássicos, a pureza de sua linguagem, a língua portuguesa nos seus tesouros e no descaso de seu uso; mas nada se adianta acerca do Autor, da natureza de sua obra e dos seus propósitos.

Correu, como puro boato bibliográfico, que Pedro Adrião, com o pseudônimo de Lúcio Navarro, escrevera a obra *Legítima Interpretação da Bíblia*, publicada pela Campanha de Instrução Religiosa Brasil-Portugal, no Recife, e que teve a 2.^a edição em 1960. Indagado por nós sobre tal atribuição, Padre Arnaldo Cabral rejeitou a hipótese pelo fato de Pedro Adrião nunca se ter preocupado com temas teológicos. Era, antes de tudo, um professor de Língua Portuguesa.

A razão da proposta encontraria justificativa, talvez, na declaração feita por D. Antônio de Almeida Morais Júnior, prefaciador do livro de Lúcio Navarro, segundo a qual seu autor era “um mestre da língua” (pág. 4). Ora, os seminários sempre foram celeiros de excelentes professores cultores da língua e de excelente magistério. Por outro lado, há profundas diferenças de estilo entre os dois autores. Às vezes lhes falta a esses professores o arcabouço teórico para chegar a melhores descrições e explicações, como ocorre aqui e ali com Pedro Adrião, mas revelam profundo conhecimento dos fatos de língua, haurido na apurada leitura dos bons escritores.

Na conversa inicial com seus alunos e com os possíveis leitores das *Tradições Clássicas*, o padre Pedro Adrião justifica sua posição não só em relação às fontes literárias, mas ainda sobre seu ponto de vista em relação a alguns empréstimos lexicais e sintáticos, especialmente galicismos, que sempre foram os grandes vilões perseguidos pelos vernaculistas da constante bibliografia do Autor e dos filólogos que lhe servem de guia, Mário Barreto e Sá Nunes, entre outros. A estima fervorosa dos clássicos algumas vezes o faz trazer para as páginas deste seu livro construções que se tornaram obsoletas a partir do século XVIII, como, por exemplo, a combinação da preposição *per/por* com o pronome objetivo direto em sintaxes do tipo “*pelo* fazer mais claro” (Rui Barbosa), em lugar de “*para* fazê-lo mais claro”, fato lembrado no §479 das *Tradições*, ou, ainda, meros usos ortográficos, como *fazem-o*, *vel-o*, por *fazem-no*, *vê-lo*, comentados no § 300. Por outro lado, acertou em criticar a lição dos gramáticos – hoje infelizmente dominante –, pela qual se condena a construção *É tempo dos alunos saírem*, em favor de *É tempo de os alunos saírem* [§691].

Pedro Adrião pertenceu a uma geração de professores muito lidos nos autores clássicos e modelares, que incutiram nos alunos as opulências e galas da linguagem, e neles, alunos, incentivavam a permanência dessas riquezas. Tais mestres tinham a consciência de que os idiomas se alteram no tempo, mas as lições do vernaculismo clássico eram boas demais para se desprezarem. No capítulo introdutório sobre “O critério de certeza no estudo da língua portuguesa” levanta três razões básicas (a lógica; a autoridade dos gramáticos e filólogos; o uso constante dos bons autores, e não os desvios que aqui ou ali neles encon-

tramos). Embora nem sempre seus comentários – vistos com a lição de teóricos modernos – mereçam hoje nossos aplausos, a verdade é que Pedro Adrião soube reuni-los para dar unidade a uma obra gramatical de bom mérito, útil a todos aqueles que querem escrever fazendo que seus textos, passando pelo crivo do bom senso, revivam as tradições clássicas que nos legaram os melhores representantes da literatura brasileira e portuguesa.

Conhecemos no Recife notáveis professores de língua portuguesa que não economizaram elogios à obra de Pedro Adrião, e foi por presente generoso de um deles, Adauto Pontes, que passamos a conhecer estas *Tradições Clássicas*. O inicial propósito dos fundadores da Academia Brasileira de Letras de salvaguardar essas tradições vernaculares justifica o desejo de pôr ao alcance do público estudioso uma obra cujo maior empenho, nas palavras do seu Autor, “será apenas como bem intencionado esforço em prol da divulgação das riquezas do nosso idioma”. É lê-la e beneficiar-se de suas lições.

PADRE PEDRO ADRIÃO
(Professor de Português no Seminário de Olinda, Pernambuco)

 TRADIÇÕES CLÁSSICAS
DA LÍNGUA PORTUGUESA

Editor: J. Pereira da Silva
CAIXA POSTAL 1145
Porto Alegre – Rio Grande do Sul
1945

Seminário de Olinda,
Pernambuco



NIHIL OBSTAT

RECIFE, 18 – VI – 1943

Cônego Eustáquio de Queiroz,

Censor

IMPRIMI POTEST

RECIFE, 19 – VI – 1943

† *Michael, Archiep. Olinden,*

et Recifen

Ao queridíssimo
SEMINÁRIO DE OLINDA,
ao qual tudo devo e onde aprendi do meu excelente
mestre de português, o virtuoso e ilustrado sacerdote
CÔNEGO ALFREDO XAVIER PEDROSA,
a amar com ardor a língua pátria, ofereço, dedico e
consagro este modesto trabalho.

O AUTOR

Algumas Palavras ao Leitor

*E*ncarregado das últimas classes de português no Seminário de Olinda, desde fevereiro de 1940, tínhamos, de então por diante, que compulsar, frequentemente os autores clássicos da nossa língua, a fim de nos não afastarmos, no ensino daquela matéria, da moderna orientação que vem tomando a ciência da linguagem. Víamos, por outro lado, que esse contínuo abeberar-se das genuínas fontes do vernáculo não era pensão que pudéssemos impor aos nossos alunos, assoberbados com o estudo de muitas outras disciplinas, acrescendo a inconveniência de que nem sempre os livros que haveriam de manusear seriam bem edificantes e educativos para seu espírito de adolescentes, ocupados, sobretudo, com a própria formação eclesiástica. Daí a ideia de enfeixarmos em livro os bons ensinamentos que a lição dos grandes autores, a pouco e pouco, nos ia deparando.

E assim, foi pensando em nossos alunos que trabalhamos com ardor na composição deste livro. Daí se vê que não traz ele grande utilidade, nem para os mestres nem para os que são principiantes ainda no estudo da língua.

Não para os mestres, assaz familiarizados com a literatura clássica, pois em geral apontamos fatos, tiramos deduções, firmamos doutrinas que sobejamente já lhes são conhecidas. Não para os principiantes, pois o livro supõe um tal qual conhecimento da nomenclatura gramatical, de que não são senhores aqueles que aprendem ainda as noções mais elementares.

Aos nossos alunos, portanto, e, mediante eles, a quantos, sem serem profundos conhecedores dos segredos do idioma pátrio, gostariam de ter uma ideia geral das riquezas que se encontram nos bons autores, nosso modesto trabalho é dedicado.

Tivemos, sobretudo, o fito de vulgarizar e divulgar alguns tesouros ocultos nas obras dos nossos clássicos, infelizmente mui pouco lidos e consultados. Quisemos, demais disto, contribuir de alguma maneira, para desfazer o preconceito de que, na língua vernácula, tudo é incerto e discutido. De tão contínuas e acerbadas dis-

cussões que tem havido sobre assuntos de gramática, no nosso país e em Portugal, pode nascer, desgraçadamente tem nascido alguma desconfiança para com o estudo da linguagem portuguesa. E desta desconfiança, mais desgraçadamente ainda, o propósito em alguns de fazerem mui pequeno cabedal das considerações dos filólogos e preceitos gramaticais. Propusemo-nos, então, mostrar que se há controvérsias no estudo de português (o que é comum também a muitos outros ramos do conhecimento humano) não deixa de haver aí muita e muita coisa indiscutível: pode-se discutir aquilo que vem sendo usado, desde três, quatro ou cinco séculos até o dia de hoje, pelos escritores mais esmerados e escrupulosos do nosso idioma?

Não negamos a possibilidade de serem encontrados no nosso livro alguns pontos de que outros acharão razões para discordar; não excluímos a hipótese de termos caído em muitos erros e desacertos, e cordialmente agradeceremos à crítica serena e desapaixorada dos entendidos, que nos quiser fazer a caridade de os assinalar; mas podemos dizer que, tendo sempre em nada nossa opinião pessoal, procuramos colher os ensinamentos aqui ministrados, no campo do incontroverso ou, pelo menos, do solidamente comprovado.

É por isto que não tocamos em certas questões como a do infinito pessoal e impessoal, aperceber = perceber, si, consigo como tratamento para 2.^a pessoa, todo ele como objeto direto etc. — sobre as quais não encontramos citações em número suficiente para apresentarmos doutrina que se mostrasse arrimada numa sólida e legítima tradição.

É por isto que, como ao leitor não passará despercebido, somos parco na apresentação dos estrangeirismos viciosos. Foi, até, nosso plano primeiramente, dar uma longa enumeração de tais vícios de linguagem, corroborando, no que fosse possível, tão úteis e proveitosos ensinamentos que se encontram nos livros: “Estrangeirismos”, de Cândido de Figueiredo; “Vícios de Linguagem”, de Sandoval de Figueiredo; e “Dicionário das Dificuldades”, de Vasco Botelho — para os quais remetemos os leitores desejosos de maiores informações sobre o assunto.

Entretanto verificamos, para logo, que esta larga enumeração não nos era possível, uma vez que, pelo título e natureza da obra, havíamos de documentar cada termo condenado com as citações clássicas, mais ou menos interessantes, que o evitaram, e estas nem sempre nos apareceram bem à mão. Alguns estrangeirismos, geralmente condenados, tivemos que passá-los para a categoria dos termos já nacionalizados. E enquanto a alguns que os clássicos têm de feito até hoje evitado, resolvemos silenciar, com temor do futuro. O leitor estranhará, por exemplo, não encontrar, no meio dos estrangeirismos rejeitados, alguns como DETALHE, MASSACRE, ELITE etc. Até hoje, ao que nos consta, não têm logrado estes a mesma aceitação dos bons autores que outros galicismos já lograram, e por um motivo bem óbvio. Em vez daquelas palavras de origem francesa, temos termos vernáculos muito mais sonoros, mais eufônicos e mais elegantes: em vez de DETALHE, por menor, minúcia, minudência, miudeza, particularidade; em vez de MASSACRE, morticínio, carnificina, carniceria, hecatombe, mortandade; em vez de ELITE, gema, escol, fina flor, nata, beijinho etc.

A troca dos velhos termos, que já possuíamos, pelos vindos de fora, nenhuma vantagem traz, decerto, no caso para as belezas do estilo. Mas, por outro lado, são aquelas francesias empregadas com demasiada insistência, e amplamente divulgadas pelo uso; cada dia se vão tornando mais velbas na nossa língua (e há sempre

certa condescendência com os velhos galicismos) por isto já há teóricos que as aprovam, como p. ex. Afonso Costa (“Questões Gramaticais”, Rio, 1908, pg. 178), apadrinhava DETALHE e MASSACRE. Além de que, se MASSACRE pode ser bem substituído, o mesmo não se dá com o verbo MASSACRAR, que não tem correspondentes no nosso idioma, salvo chacinar, que não tem logrado muito uso.

Há, por isto, quem condene MASSACRE e admita MASSACRAR, o que não achamos congruente. E já se fala muito em tendência das ELITES, pensamento das ELITES etc., quando os outros substitutos desta palavra ELITE não comportam o plural. No que respeita às flexões, para acentuar ainda mais a dúvida, nem são muito comuns nem são de todo estranhas à nossa língua; se temos talhe, não nos repugnava o DETALHE se possuíssemos lacte, há lugar também para o MASSACRE; se temos apetite, dinamite e mais tantas doenças terminadas em ite, podíamos ter também ELITE. Diante de tais considerações, resolvemos calar, que era o melhor, pois não havíamos prometido enumerar todos os estrangeirismos viciosos, senão alguns poucos deles. Na aula, desde que ensinamos a gente da nossa geração, podemos aconselhar aos alunos que preferiam sempre a tais termos, os outros vernáculos que os substituem, pois, sobre serem mais nossos, são mais belos e mais sonoros. Mas num livro que pode ser compulsado daqui a muitos anos e que procura registrar velhas, persistentes e arraigadas tradições, o melhor era não arriscar nenhuma afirmação imprudente, que pudesse mais tarde tornar-se doutrina antiquada. Sirva isto de amostra para que se veja quanto é delicada, por vezes, a questão dos estrangeirismos.

Outra estranheza que por certo mostrará o leitor será a de ver que, entre os sincretismos, documentamos esta ou aquela forma com a só citação de um autor quinhentista ou seiscentista. Daí não infira que julgamos o simples fato de ser usada uma forma por escritor daqueles tempos, cabal justificativa para ser ela usada nos dias de hoje. Que assim não pensamos, bem se poderá ver logo na Introdução (n.º 13), onde citamos vários termos usados por clássicos antigos, os quais são hoje plebeísmos inelegantes, que não podem ter lugar no dialeto literário. Deu-se apenas o seguinte. Resolvemos, por questão de simetria, só registrar sincretismos de que achássemos documentação para ambas as formas e por isto deixamos de acrescentar muitos outros, com a curiosa circunstância de que, na maioria dos casos, não encontrávamos citação para a forma mais usual nos nossos dias. Por isto, quando deparamos, só nos antigos, justificação de formas que sabíamos serem usuais atualmente ou não destoarem do estilo moderno, não nos quisemos privar da satisfação de consignar o sincretismo.

Não faltará quem nos acuse de tendências arcaizantes e lusitanizantes. Mas estas correm mais por conta da opulência dos mestres do vernáculo, cuja linguagem tentamos descrever. Estes sabem, como Camilo, p. ex., trazer à balha oportunamente, com elegante naturalidade, sem exagero, sem preciosismo, todo o material que possa servir para enriquecer o idioma: o falar antigo e o moderno, o falar erudito e o popular, o falar brasileiro e o português, e às vezes até, além do falar nacional, o falar provinciano.

Quanto à ortografia, procuramos seguir aquela que está em vigor agora no momento de entrar o livro para o prelo; por falta, porém, de material tipográfico, usamos o acento grave em substituição ao trema, bem como nos vemos forçados a omitir alguns acentos no versal e no versalete.

Outras objeções, que poderão surgir no espírito dos mais variados tipos de leitores, não nos é dado ora prever, para as solucionar dantemão.

Queremos, sim, chamar a atenção para um pensamento que lhes pode trazer a leitura de todo o livro: o quanto está longe do ânimo dos nossos grandes escritores a ideia de desagregação, de separatismo, que se tem pomposamente batizado com o nome de língua brasileira. Nas mais autorizadas esferas do dialeto literário, a tendência é para aproveitarem, os autores brasileiros, os tesouros que a língua ostenta em Portugal, bem como os autores portugueses, aquilo que vem a língua adquirindo no Brasil. Sirva este livro, entre outros fins colimados, para mostrar um conagraçamento entre escritores lusos e nacionais, de que só resulta maior enriquecimento para a língua tão bela, que é nosso patrimônio comum.

Terminando este antelóquio que já vai bastante longo, aí está, caro leitor, nosso pequeno trabalho, em que não pretendemos fazer ostentação de sabença ou de erudição. É ele, de sua natureza, tão simples que não há margem para pretensões de mostrar engenho ou perspicácia. Não nos foi preciso talento para este trabalho tão banal de respigarmos, aqui e acolá, alguns milhares de citações. Se nosso livro, portanto, não desmerecer de todo perante o julgar complacente de algum leitor benévolo, será apenas como bem-intencionado esforço em prol da divulgação das riquezas do nosso idioma.

Sirva ele de incentivo para outros estudiosos que poderão realizar obra melhor, mais substancial e mais duradoura. E, se quiser alguém recompensar as fadigas do nosso empreendimento, não há mister qualificar de valioso o nosso trabalho, que a tanto não aspiramos; contentamo-nos com o qualificativo de útil, o que nos compensará amplamente as vigílias empregadas em bem servir a esta língua riquíssima e admirável que é a nossa língua portuguesa.

Seminário de Olinda, janeiro de 1945

PADRE PEDRO ADRIÃO

❧ *Lista dos Autores e Obras Citadas*

SÉCULO XVI

GIL VICENTE (falecido mais ou menos em 1536), português.

Teatro (Coleção Lusitânia), Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Porto.

BERNARDIM RIBEIRO (viveu na primeira metade do século XVI), português.

Menina e Moça (Coleção Lusitânia), Livraria Chardron, Porto.

Éclogas (Jano e Franco), Livraria Civilização, 1940, Porto.

FRANCISCO SÁ DE MIRANDA (1495-1558), português.

Obras Completas, Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA (falecido provavelmente em 1559), português.

História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses, na Tipografia Rolandiana, 1833, Lisboa.

Dr. ANTÔNIO FERREIRA (1528-1569), português.

Poemas Lusitanos, Livraria Sá da Costa, 1939, Lisboa.

JOÃO DE BARROS (1496-1570), português.

Década I.ª livro IV.º, Editor Domingos Barreira, 1941, Porto.

Panegíricos, Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

GARCIA DE ORTA (falecido em 1570), português.

Colóquios dos Simples e Drogas da Índia, Edição dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, Imprensa Nacional, 1891, Lisboa.

FRANCISCO DE MORAIS (viveu entre 1500 e 1572), português.

Palmeirim de Inglaterra, Livraria Avelar Machado, 1940, Lisboa.

DAMIÃO DE GÓIS (1501-1562), português.

Crônica do Sereníssimo Senhor Rei D. Emânuel, na Real Oficina da Universidade. 1790, Coimbra.

LUIZ DE CAMÕES (1524-1580), português

Os Lusíadas.

Teatro (Comédias dos Anfitriões, El-rei Seleuco e Filodemo), Coleção Lusitânia, Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Porto.

FREI TOMÉ DE JESUS (1529-1582), português.

Trabalhos de Jesus, 5.^a edição, em casa do editor A. J. Fernandes Lopes, 1865, Lisboa.

FERNÃO MENDES PINTO (1509-1583, segundo a melhor opinião), português.

Peregrinação, Coleção Lusitânia. Livraria Lelo & Irmão, 1941, Porto.

FREI HEITOR PINTO (falecido em 1584), português.

Imagem da Vida Cristã, Livraria Sá da Costa, 1940, Lisboa.

D. FREI AMADOR ARRAIS (falecido em 1600), português.

Diálogos, na Tipografia Rolandiana, 1846, Lisboa.

PADRE JOÃO DE LUCENA (1550-1600), português.

Antologia Portuguesa, organizada por Agostinho de Campos, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1921, Lisboa.

DIOGO DO COUTO (1544-1616) português.

O Soldado Prático, Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

SÉCULO XVII

FREI BERNARDO DE BRITO (1569-1617), português.

Monarquia Lusitana, na Imprensa Craesbeeckiana, 1690, Lisboa.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO (falecido em data incerta, posterior a 1623), português.

Côrte na Aldeia, 1937, Lisboa.

O Condestabre de Portugal D. Nunalvres Pereira, editor Jorge Rodrigues, 1627, Lisboa.

Poesias, Livraria Sá da Costa, 1940, Lisboa.

FREI LUIZ DE SOUSA (1555-1632), português.

Vida do Arcebispo D. fr. Bertolameu dos Mártires, na Tipografia Rolandiana, 1850, Lisboa.

Anais de D. João III.^o, Livraria Sá da Costa, 1938, Lisboa.

CÔNEGO MANUEL SEVERIM DE FARIA (1583-1655), português.

Notícias de Portugal, na Oficina de Antônio Gomes, 3.^a edição, 1791, Lisboa.

PADRE JACINTO FREIRE DE ANDRADE (1597-1657), português.

Vida de D. João de Castro, Tipografia da Academia Real de Ciências de Lisboa, 1835, Lisboa.

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE SOBRINHO (1567-1660), português.

O Casamento Perfeito, a paginação citada é a mesma do livro *A Inquietação do Casamento* (Editora Guanabara, Rio), de João Ribeiro, que insere esta obra.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO (1621-1666), português.

Apólogos Dialogais, na Oficina de Matias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso, 1721, Lisboa.

Carta de Guia de Casados, inserto no livro *A Inquietação do Casamento*, de João Ribeiro.

Cartas Familiares, Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

FREI MANUEL DE ESPERANÇA (falecido em 1670), português.

Excertos, coligidos por Solidônio Leite, 1918, Rio.

PADRE ANTÔNIO DE SÁ (1620-1670), brasileiro.

Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas, na Oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1732, Lisboa.

FREI ANTÔNIO DAS CHAGAS (falecido em 1682), português

Cartas Espirituais, Livraria Sá da Costa, 1939, Lisboa.

FREI EUSÉBIO DE MATOS (1629-1692), brasileiro.

Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, Rio.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA (1608-1697), português.

Sermões, Livraria Chardron, 1908, Porto.

PADRE MANUEL BERNARDES (1644-1710), português.

Nova Floresta, Livraria Chardron, 1909, Porto

Pão Partido em Pequeninos para os Pequeninos da Casa de Deus, editor Domingos Barreira, 1940, Porto.

Páginas Escolhidas, Editora Educação Nacional, 1941, Porto.

MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA (1636-1711), brasileiro.

Música do Parnaso, Anuário do Brasil, Rio.

PADRE FRANCISCO DE SANTA MARIA (1653-1713), português.

Ano Histórico; Diário Português, na Oficina e à custa de Domingos Gonçalves, 1744, Lisboa.

ARTE DE FURTAR, de autor discutido, 1926, Companhia Melhoramentos de São Paulo.

SÉCULO XVIII

MATIAS AIRES RAMOS DA SILVA DE EÇA (nascido em 1705), brasileiro.

Reflexões sobre a Vaidade dos Homens ou Discursos Morais sobre os efeitos da Vaidade, na Oficina de Francisco Luiz Ameno, 1752, Lisboa.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITA (1660-1738), brasileiro.

História da América Portuguesa, 2.^a edição, editor Francisco Artur da Silva, 1880, Rio de Janeiro.

PADRE ANDRÉ DE BARROS (1675-1754), português.

Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira, Tipografia do Diário, 1837, Bahia.

FREI ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO (1695-1764), brasileiro.

Novo Orbe Seráfico Brasília, 1858, Rio.

PEDRO ANTÔNIO JOAQUIM CORREIA GARÇÃO (1724-1772), português.

Obras Poéticas, na Impressão Régia, 1825, Lisboa.

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO (1737-1784), brasileiro.

Caramuru, Livraria Garnier, 4.^a edição, Rio.

BÁSILIO DA GAMA (1740-1785), brasileiro.

Obras Poéticas, Livraria Garnier, Rio.

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA (1729-1789), brasileiro.

Obras, na Oficina, de Luiz Sêco Ferreira, 1768, Coimbra.

PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO (1725-1797), português.

Tradução da Bíblia Sagrada.

FREI ANTÔNIO DO SACRAMENTO (português).

Ventura do Homem Predestinado, Editora Vozes, 1938, Petrópolis (a primeira edição foi de 1763).

ANTÔNIO DINIZ DA CRUZ E SILVA (1731-1799), português.

O Hissope, obra inserta no livro *Satíricos Portugueses*, de João Ribeiro, Edição Garnier, 1910, Rio.

FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS (1715-1800), brasileiro.

Memórias para a História da Capitania de S. Vicente, Edições Melhoramentos, de São Paulo, 3.^a edição, 1920, S. Paulo.

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE (1765-1805), português.

Sonetos, Edições Cultura, 1942, S. Paulo.

Poesias, (tomo VI.^o), em casa do editor A. J. F. Lopes, 1853, Lisboa.

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA (1744-1807), português.

Marília de Dirceu, Livraria Sá da Costa, 1937, Lisboa.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA (1741-1811), português.

Sátiras, vem no livro *Satíricos Portugueses*, de João Ribeiro, Garnier, Rio, 1910.

PADRE ANTÔNIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS (1762-1804), brasileiro.

Salmos de Davi vertidos em ritmo português, na Oficina de P. N. Rougeron, 1820, Paris.

FILINTO ELÍSIO (pseudônimo do PADRE FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO. 1734-1819), português.

Obras Completas, na Oficina de A. Bobée, 1819, Paris.

Poesias, Livraria Sá da Costa, 1941, Lisboa.

SÉCULO XIX

JOÃO BATISTA LEITÃO DE ALMEIDA GARRETT (1799-1854), português.

Camões, Empresa da História de Portugal, 1904, Lisboa.

Frei Luiz de Sousa. Um Auto de Gil Vicente (Coleção Lusitânia), Livraria Char-dron, Porto.

Arco de Santana, Empresa Lusitana Editora, (Coleção Seleta), Lisboa.

Viagens na Minha Terra (Coleção Lusitânia), Livraria Lelo & Irmão, Porto.

Alfageme de Santarém. D. Filipa de Vilhena (Coleção Lusitânia), Livraria Char-dron, Porto.

Fábulas. Folhas caídas, na Imprensa Nacional, 1859, 4.^a edição, Lisboa.

Portugal na Balança da Europa, Empresa da História de Portugal, 1904, Lisboa.

Helena, 2.^a edição, Parceria Antônio Maria Pereira, 1898, Lisboa.

D. ROMUALDO DE SEIXAS (1787-1860), brasileiro.

Coleção das Obras de D. Romualdo de Seixas, na Tipografia de Santos & Cia., 1839, Pernambuco.

JOÃO FRANCISCO LISBOA (1812-1863), brasileiro.

Obras Completas de João Francisco Lisboa, 1864, Maranhão.

Vida do Padre Antônio Vieira, 5.^a edição, B. L. Garnier, Editor, 1891, Rio.

MANUEL ODORICO MENDES (1799-1864), brasileiro.

Eneida, inserta no livro *Vergílio Brasileiro*, Odorico Mendes, na Tipografia de W. Remquet & Cia., Rua Garancière, 5, 1858, Paris.

Odisseia de Homero, Livraria Leite Ribeiro, 1923, Rio.

ANTÔNIO GONÇALVES DIAS (1823-1864), brasileiro.

Poesias, Livraria Garnier, 1926, Rio.

LUIZ AUGUSTO REBELO DA SILVA (1822-1871), português.

A Mocidade de D. João V.º, Sociedade Editora Portugal-Brasil, Artur Brandão & Cia., 5.ª edição, Lisboa.

A Casa dos Fantasmas, Empresa Lusitana Editora (Coleção Seleta), 3.ª edição, Lisboa.

Ódio Velho não cansa, 3.ª edição (Coleção Seleta), Empresa Lusitana Editora, Lisboa.

Contos e Lendas, 3.ª edição, Sociedade Editora Portugal-Brasil, Artur Brandão & Cia., Lisboa.

De Noite Todos os Gatos são Pardos, 3.ª edição, Empresa Lusitana Editora (Coleção Seleta), Lisboa.

Lágrimas e Tesouros, Livraria Civilização Editora, 1938, Porto.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS (1800-1871), brasileiro.

Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira, 1866, Maranhão.

ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO (1800-1875), português.

A Noite do Castelo. Os Ciúmes do Bardo, Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, 1864, Lisboa.

Quadros Históricos de Portugal, Livraria Civilização Editora, 1938, Porto.

As Geórgicas de Vergílio, 2.ª edição, Companhia Editora Nacional, 1938, S. Paulo.

Tartufo, por ordem e na tipografia da Academia Real de Ciências de Lisboa, 1870.

Colóquios Aldeões, Editora Vecchi, 1939, Rio.

Fausto, 3.ª edição, Livraria Teixeira, S. Paulo.

Felicidade pela Agricultura, 1849, Ponta Delgada.

As Sabichonas (de Molière), Editora Casa Mandarin, Rio.

Mil e Um Mistérios, Livraria Civilização, 1938, Porto.

O Avento (de Molière), por ordem e na tipografia da Academia Real de Ciências de Lisboa, 1871.

ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO E ARAÚJO (1810-1877), português.

Eurico, o Presbítero, 11.ª edição, Tipografia Matos Moreira & Pinheiro, 1893, Lisboa.

O Monge de Cister, 11.ª edição, Livraria Aillaud e Bertrand, Paris-Lisboa.

Lendas e Narrativas, 18.ª edição, Livrarias Bertrand e Francisco Alves.

O Bobo, 9.ª edição, Livrarias Aillaud Bertrand e Francisco Alves.

Poesias, 9.ª edição, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris-Lisboa.

Composições Várias, Aillaud, Alves Bastos & Cia., Lisboa.

Cenas de um ano da minha vida e Apontamentos de Viagem, Livraria Bertrand, 1934, Lisboa.

ANTÔNIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELOS (1816-1878), português.

O Prato de Arroz Doce (Coleção Seleta), Empresa Lusitana, Lisboa.

CAMILO CASTELO BRANCO (1825-1890), português.

Amor de Perdição, 16.^a edição, Magalhães & Moniz Ltda. Editores, Porto.

A Queda dum Anjo, Parceria Antônio Maria Pereira, 7.^a edição, 1925, Lisboa.

Amor de Salvação, 7.^a edição (Coleção Lusitânia), Livraria Chardron, Porto.

Romance de um Homem Rico, (Coleção Lusitânia), Livraria Lelo, Porto.

A Filha do Doutor Negro, 5.^a edição, parceria Antônio Maria Pereira, 1926, Lisboa.

Doze Casamentos Felizes, 7.^a edição, parceria Antônio Maria Pereira, 1926, Lisboa.

Estrelas Propícias, 3.^a edição, parceria Antônio Maria Pereira, 1904, Lisboa.

Riquezas do Pobre e Misérias do Rico. Livro de Consolação, 3.^a edição, Livraria Chardron, Porto.

Agulha em Palheiro, 7.^a edição, parceria Antônio Maria Pereira, 1921, Lisboa.

Horas de Paz, 3.^a edição, parceria Antônio Maria Pereira, 1903, Lisboa.

O Carrasco de Vítor Hugo José Alves, (Coleção Lusitânia) Livraria Chardron, 3.^a edição, Porto.

História de Gabriel Malagrida pelo Padre Paulo Murry, tradução de Camilo, Livraria Editora de Matos Moreira & Cia., 1875, Lisboa.

As Três Irmãs, 8.^a edição, parceria Antônio Maria Pereira, 1922, Lisboa.

No Bom Jesus do Monte (Coleção Lusitânia), Livraria Chardron, Porto.

Delitos da Mocidade, 3.^a edição, parceria Antônio Maria Pereira, 1918, Lisboa.

JOSÉ MARIA LATINO COELHO (1825-1895), português.

Oração da Coroa, Tipografia da Academia, 1880, Lisboa.

Arte e Natureza, 1.^o milhar, Empresa Literária Fluminense Lda, Lisboa.

Fernão de Magalhães, 4.^a edição, Empresa Literária Fluminense Lda, Lisboa.

Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa (Vol. IX.^o), 1922, Rio.

DR. FRANCISCO DE CASTRO (1857-1901), brasileiro.

Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa (Vol. IV.^o), 1921, Rio.

Polêmica Pessoal, Companhia Tipográfica do Brasil, 1894, Rio.

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS (1839-1908), brasileiro

Helena, W. M. Jackson Editores, 1938, Rio.

Quincas Borba, W. M. Jackson. Editores, 1938, Rio.

Papéis Avulsos, Livraria Garnier, 1882, Rio.

A Mão e a Luva, Livraria Garnier, Rio.

Histórias sem Data, B. L. Garnier, Livreiro Editor, 1884, Rio.

Novas Relíquias, Editora Guanabara, Rio.

Americanas, B. L. Garnier, 1875, Rio.

Páginas Recolhidas, Garnier, Rio.

Memórias Póstumas de Braz Cubas, W. M. Jackson Editores, 1937, Rio.

A Semana, Garnier, 1910, Rio.

SÉCULO XX

ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO (1838-1920), brasileiro.

A Redação do Projeto do Código Civil e a Réplica do Dr. Rui Barbosa, Oficinas dos Dois Mundos, 1905, Bahia (para maior comodidade, citamos esta obra sob o título de *Tréplica*).

Páginas de Língua e Educação, Irmãos Pongetti, 1939, Rio.

D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA (1840-1922), brasileiro.

Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso, 2.^a edição, Tipografia Salesiana, 1892, Niterói.

Cartas Pastorais, Editores Leite Ribeiro & Maurílio, 1921, Rio.

A Educação dos Filhos, Tipografia de S. Francisco, 1926, Bahia.

CONSELHEIRO ALFREDO RUI BARBOSA (1849-1923), brasileiro.

A Redação do Código Civil, Réplica às defesas da Redação do projeto da Câmara.

Cartas de Inglaterra, Livraria Acadêmica Saraiva & Cia., 1929, S. Paulo.

Oração aos Moços, Flores & Mano, Rio.

Discursos e Conferências, Empresa Literária e Tipográfica Editora, 1907, Porto.

A Gênese da Candidatura do Sr. Venceslau Braz, Tipografia, Litografia e Papelaria de Almeida Marques & Cia., 1915, Rio.

Ruínas de um Governo, Editora Guanabara, 1931, Rio.

Figuras Brasileiras, Atlântida Editora, Rio.

Colunas de Fogo, Editora Guanabara, 1933, Rio.

O Divórcio e o Anarquismo, Editora Guanabara, 1933, Rio.

Finanças e Política da República, Companhia Impressora, 1892, Rio.

Coletânea Literária, 4.^a edição, Companhia Editora Nacional, 1940, S. Paulo.

Esfola da Calúnia, a paginação é a da Revista de Língua Portuguesa, número de setembro de 1931.

A Grande Guerra, Editora Guanabara, 1932, Rio.

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO (1846-1925), português.

Os Meus Serões, Livraria Clássica Editora, 1928, Lisboa.

Combates sem Sangue, Livraria Clássica Editora, 1925, Lisboa.

- Problemas de Linguagem**, Livraria Clássica Editora, 1921, Lisboa.
Falar e Escrever, Livraria Clássica Editora (1.º volume 1937; 2.º 1941; 3.º 1929), Lisboa.
- CARLOS DE LAET** (1847-1927), brasileiro.
Heresia Protestante, Editor A. Campos, 1907, S. Paulo.
- JOSÉ JÚLIO DA SILVA RAMOS** (1853-1930), brasileiro.
Pela Vida Fora, Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1922, Rio.
- MÁRIO BARRETO** (1879-1931), brasileiro.
Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa, Livraria Francisco Alves, 1914, Rio.
Através do Dicionário e da Gramática, Civilização Editora S/A, 1936, Rio.
Fatos da Língua Portuguesa, Livraria Francisco Alves, 1916, Rio.
- LAUDELINO FREIRE** (1873-1937), brasileiro.
Notas e Perfis, Edição da Revista de Língua Portuguesa.
- ANTERO DE FIGUEIREDO**, português.
O Último Olhar de Jesus, Livraria Aillaud e Bertrand, 6.ª edição, 1929, Paris-Lisboa.
Jornadas em Portugal, 5.ª edição, Livrarias Aillaud e Bertrand, Paris e Lisboa.
Leonor Teles, 5.ª edição, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1925, Lisboa.
Recordações e Viagens, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1925, Paris-Lisboa.
Senhora do Amparo, 3.ª edição, Livrarias Aillaud e Bertrand, 1920, Paris-Lisboa.
- JOSÉ DE SÁ NUNES**, brasileiro.
Aprendeí a Língua Nacional, 1.º vol, Livraria Acadêmica Saraiva & Cia., 1938, S. Paulo, 2.º volume, Editora S. C. J., 1940, Taubaté
Língua Vernácula (4.ª Série), 1.ª edição, Livraria Acadêmica Saraiva & Cia., 1938, S. Paulo.
- JOÃO LÊDA**, brasileiro
A Quimera da Língua Brasileira, 1939, Manaus.

Abreviaturas dos Nomes dos Autores

A. Barros – Padre André de Barros

A. de Sá – Padre Antônio de Sá

A. Ferreira – Dr. Antônio Ferreira

Antero – Antero de Figueiredo

Arrais – D. Fr. Amador Arrais

Arte – Autor da “Arte de Furtar”

Basílio – Basílio da Gama

B. Brito – Frei Bernardo de Brito

Bernardes – Padre Manuel Bernardes

Bernardim – Bernardim Ribeiro

Bocage – Manuel Maria Barbosa du

Bocage

Botelho – Manuel Botelho de Oliveira

Caldas – Padre Antônio Pereira de Sousa

Caldas

Camilo – Camilo Castelo Branco

Camões – Luiz de Camões

Cândido – Cândido de Figueiredo

Castanheda – Fernão Lopes de

Castanheda

Castilho – Antônio Feliciano de Castilho

Chagas – Frei Antônio das Chagas

Cláudio – Cláudio Manuel da Costa

Couto – Diogo do Couto

Cruz e Silva – Antônio Diniz da Cruz
e Silva

D. Góis – Damião de Góis

Durão – Frei José de Santa Rita Durão

E. C. Ribeiro – Ernesto Carneiro Ribeiro

E. Matos – Frei Eusébio de Matos

Esperança – Frei Manuel da Esperança

F. Castro – Dr. Francisco de Castro

Filinto – Filinto Elísio

F. M. Melo – D. Francisco Manuel de
Melo

F. Morais – Francisco de Morais

F. M. Pinto – Fernão Mendes Pinto

Garção – Pedro Antônio Joaquim Correia

Garrett – João Batista Leitão de Almeida
Garrett

Gaspar – Frei Gaspar da Madre de Deus

G. Dias – Antônio Gonçalves Dias

Gil – Gil Vicente

Gonzaga – Tomaz Antônio Gonzaga

Herculano – Alexandre Herculano de
Carvalho e Araújo

H. Pinto – Frei Heitor Pinto

Jaboatão – Frei Antônio de Santa Maria
Jaboatão

Jacinto – Padre Jacinto Freire de Andrade

J. Barros – João de Barros

Laet – Dr. Carlos Maximiano Pimenta
de Laet

Latino – José Maria Latino Coelho

Laudelino – Laudelino Freire

Lêda – João Leda

Lisboa – João Francisco Lisboa

Lucena – Padre João de Lucena

M. Aires – Matias Aires Ramos da Silva
de Eça

M. Assis – Joaquim Maria Machado de
Assis

M. Barreto – Mário Barreto

O. Mendes – Manuel Odorico Mendes

Orta – Garcia de Orta

Paiva – Diogo Paiva de Andrade Sobrinho

Pereira – Padre Antônio Pereira de
Figueiredo

Pita – Sebastião da Rocha Pita

Rebello – Luiz Augusto Rebello da Silva

R. Lobo – Francisco Rodrigues Lobo

Rui – Conselheiro Alfredo Rui
Barbosa

Sacramento – Frei Antônio do
Sacramento

Sá Miranda – Francisco Sá de Miranda

Sá Nunes – José de Sá Nunes

Seixas – D. Romualdo de Seixas

Severim – Cônego Manuel Severim de
Faria

Silva Ramos – José Júlio da Silva Ramos

Silvério – D. Silvério Gomes Pimenta

S. Maria – Padre Francisco de Santa
Maria

Sotero – Francisco Sotero dos Reis

Sousa – Frei Luiz de Sousa

T. de Jesus – Frei Tomé de Jesus

Tolentino – Nicolau Tolentino de
Almeida

T. Vasconcelos – Antônio Augusto
Teixeira de Vasconcelos

Vieira – Padre Antônio Vieira

❧ *Abreviaturas das Obras e Periódicos Citados*

- A. – Americanas
- A. D. – Apólogos Dialogais
- A. de P. – Amor de Perdição
- A. de S. – Amor de Salvação
- A. D. G. – Através do Dicionário e da Gramática
- A. D. J. – Anais de D. João III
- A. em P. – Agulha em Palheiro
- A. e N. – Arte e Natureza
- A. H. – Ano Histórico
- A. I. – Álbum Imperial (revista)
- Alf. de S. – Alfageme de Santarém
- A. L. N. – Aprendeí a Língua Nacional
- A. P. – Antologia Portuguesa
- Arc. de S. – Arco de Santana
- Arte – Arte de Furtar
- Av. – O Avarento
- B. – O Bobo
- B. S. – Tradução da Bíblia Sagrada
- C. – Caramuru
- C. A. – Colóquios Aldeões
- Cam. – Camões
- C. das O. – Coleção das Obras
- C. D. E. – Crônica do Sereníssimo Senhor Rei D. Emanuel
- C. de F. – Colunas de Fogo
- C. de I. – Cartas de Inglaterra
- C. de P. – O Condestabre de Portugal
D. Nunalvres Pereira
- C. dos F. – A Casa dos Fantasmas
- C. E. – Cartas Espirituais
- C. e L. – Contos e Lendas
- C. F. – Cartas Familiares
- C. L. – Coletânea Literária
- C. L. P. B. – Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira
- C. na A. – Corte na Aldeia
- C. P. – O Casamento Perfeito
- C. Past. – Cartas Pastorais
- C. S. D. I. – Colóquios dos Simples e Drogas da Índia
- C. S. S. – Combates sem Sangue
- C. U. A. – Cenas de um Ano da minha Vida

- C. V. – Composições Várias
 C. V. H. J. A. – O Carrasco de Vitor
 Hugo José Alves
 D. – Diálogos
 D. C. F. – Doze Casamentos Felizes
 D. da M. – Delitos da Mocidade
 D. e A. – O Divórcio e o Anarquismo
 D. e C. – Discursos e Conferências
 D. I.^a I. IV – Década I.^a, livro IV
 D. N. T. G. S. P. – De noite Todos os
 Gatos são Pardos
 E. – Eneida
 E. C. – Estante Clássica
 Ecl. – Éclogas
 E. da C. – Esfolia da Calúnia
 E. dos F. – A Educação dos Filhos
 E. P. – Eurico, o Presbítero
 Est. P. – Estrelas Propícias
 Exc. – Excertos
 F. – Fausto
 F. B. – Figuras Brasileiras
 F. de M. – Fernão de Magalhães
 F. D. N. – A Filha do Doutor Negro
 F. e E. – Falar e Escrever
 F. F. C. – Fábulas. Folhas Caídas
 F. L. P. – Fatos da Língua Portuguesa
 F. L. S. – Frei Luiz de Sousa
 F. pela A. – Felicidade pela Agricultura
 F. P. R. – Finanças e Política da República
 G. – As Geórgicas de Vergílio
 G. C. B. V. – A Gênese da Candidatura
 do Sr. Venceslau Braz
 G. G. – A Grande Guerra
 H. – Helena
 H. A. P. – História da América
 Portuguesa
 H. de P. – Haras de Paz
 H. do D. – História do Descobrimento e
 Conquista da Índia pelos Portugueses
 H. G. M. – História de Gabriel
 Malagrida
 Hiss. – O Hissopo
 H. P. – Heresia Protestante
 H. S. D. – Histórias sem Data
 I. V. C. – Imagem da Vida Cristã
 J. do B. – Jornal do Brasil (diário do Rio)
 J. do C. – Jornal do Commercio
 (do Rio de Janeiro)
 J. em P. – Jornadas em Portugal
 L. – Lusíadas
 L. e N. – Lendas e Narrativas
 L. e T. – Lágrimas e Tesouros
 L. T. – Leonor Teles
 L. V. – Língua Vernácula
 M. de C. – O Monge de Cister
 M. de D. – Marília de Dirceu
 M. D. J. – A Mocidade de D. João V.^o
 M. do P. – Música do Parnaso
 M. e L. – A Mão e a Luva
 M. e M. – Menina e Moça
 M. H. C. S. V. – Memórias para a
 História da Capitania de S. Vicente
 M. L. – Monarquia Lusitana
 M. P. B. C. – Memórias Póstumas de Braz
 Cubas
 M. S. – Os Meus Serões
 M. U. M. – Mil e um. Mistérios
 N. B. J. M. – No Bom Jesus do Monte
 N. de P. – Notícias de Portugal
 N. do C. – A Noite do Castelo
 N. E. L. P. – Novíssimos Estudos da
 Língua Portuguesa
 N. e P. – Notas e Perfis
 N. F. – Nova Floresta

- N. O. S. B.** – Novo Orbe Seráfico
Brasílico
- N. R.** – Novas Relíquias
- O.** – Obras
- O. C.** – Obras Completas
- O da C.** – Oração da Coroa
- Od.** – Odisséia de Homero
- O. M.** – Oração aos Moços
- O. P.** – Obras Poéticas
- O. V. N. C.** – Ódio Velho não cansa
- P.** – Poesias
- P. A.** – Papéis Avulsos
- P. A. D.** – O Prato de Arroz Doce
- Pan.** – Panegíricos
- P. B. E.** – Portugal na Balança da Europa
- P. de I.** – Palmeirim de Inglaterra
- P. de L.** – Problemas de Linguagem
- P. E.** – Páginas Escolhidas
- P. R.** – Páginas Recolhidas
- Per.** – Peregrinação
- P. L.** – Poemas Lusitanos
- P. L. E.** – Páginas de Língua e Educação
- P. P.** – Polêmica Pessoal
- P. P. P.** – Pão Partido em Pequeninos
- P. V. F.** – Pela Vida Fora
- Q. B.** – Quincas Borba
- Q. de A.** – A Queda de um Anjo
- Q. H. P.** – Quadros Históricos de Portugal
- Q. L. B.** – A Quimera da Língua Brasileira
- R.** – Réplica
- R. de C.** – Revista de Cultura (periódico)
- R. de G.** – Ruínas de um Governo
- R. do P.** – Riquezas do Pobre e Misérias do Rico
- R. e V.** – Recordações e Viagens
- R. H. R.** – Romance de um Homem Rico
- R. L. P.** – Revista de Língua Portuguesa (periódico)
- R. V. H.** – Reflexões sobre a Vaidade dos Homens
- S.** – Sermões
- Sab.** – As Sabichonas
- Sat.** – Sátiras
- S. de D.** – Salmos de Davi
- S. do A.** – Senhora do Amparo
- S. N. S. M.** – Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas
- Son.** – Sonetos
- S. P.** – O Soldado Prático
- T.** – Teatro
- Tart.** – Tartufo
- T. de J.** – Trabalhos de Jesus
- T. I.** – As Três Irmãs
- Tr.** – Tréplica
- U. O. J.** – O Último Olhar de Jesus
- V. A. P. A. V.** – Vida do Apostólico Padre Antônio Vieira
- V. de P.** – Vozes de Petrópolis (revista)
- V. D. J. C.** – Vida de D. João de Castro
- V. do A.** – Vida do Arcebispo D. fr. Bertolameu dos Mártires
- V. D. V.** – Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso
- V. H. P.** – Ventura do Homem Predestinado
- V. M. T.** – Viagens na Minha Terra
- V. P. A. V.** – Vida do Padre Antônio Vieira

OBSERVAÇÕES SOBRE A MANEIRA DE CITAR

Não havendo indicação especial nas citações, fica entendido que o algarismo romano indica o volume, e o arábico, a página. Havendo antes do número alguma indicação em abreviatura, entende-se:

c. = canto	l. = livro
cap. = capítulo	n.º = número
col. = coluna	pg. = página
e. = estrofe	pr. = prefácio
ed. = edição	supl. = suplemento
intr. = introdução	v. = verso

O traço – indica que se passa, nas citações, para autores de outro século.

☞ Introdução

I.º – O CRITÉRIO DE CERTEZA NO ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA

I – O mais elementar cuidado que há de tomar, quem deseja entender no estudo de uma disciplina qualquer, é formar ideia bem clara sobre o critério de certeza, vigente no ramo de conhecimentos que procura adquirir. Tal critério, é claro que não é o mesmo para todas as ciências. O físico se convence do valor de suas teorias porque vê, com os próprios olhos, o resultado das suas experiências. O historiador, ao contrário, não lhe sendo possível mais presenciar os sucessos passados, firma-se no testemunho de escritores tidos por insuspeitos; conclui e assevera, não porque viu, como o físico, mas porque outros bem informados disseram. O matemático está certo da verdade dos seus teoremas, porque a isto chegou pela segurança do cálculo e do raciocínio.

Eis aí já três critérios diversos: a experimentação, o testemunho e a lógica. Tão ridículo seria o autor de um compêndio de física ou de matemática, que afirmasse que corpos dessemelhantes caem com igual rapidez no ar rarefeito ou que os ângulos verticalmente opostos são iguais, simplesmente porque grandes físicos ou célebres matemáticos já o têm asseverado, como um historiador que quisesse provar unicamente pelo raciocínio que os gregos lutaram contra os persas e saíram vencedores no estreito de Salamina.

Antes de mais nada, a precaução que deve tomar quem deseja saber, com segurança, o que está certo ou não na língua portuguesa, é adotar um critério seguro que lhe sirva de guia no decurso das suas observações e pesquisas. Muna-se o leitor desta fiel balança que há de pesar, com exatidão, o que é e o que não é boa linguagem portuguesa, e colocar-se-á

em terreno bem firme, superior a infinitas questiúnculas sobre o vernáculo que se agitam por aí afora; ao revés, é por uma desprecaução neste sentido que muita gente boa titubeia, se desorienta e contradiz. Mas onde haveremos tão seguro critério?

2 – Examinemos os diversos critérios que se possam adotar no estudo da nossa língua: a lógica, a autoridade dos filólogos e o uso. Ou haveremos de condenar uma expressão qualquer, porque ela peca contra a lógica, só admitindo o que nos pareça razoável segundo o nosso discurso, ou porque contra ela milita a autoridade de gramáticos eminentes que se nos apresentam como os grandes entendidos no assunto; ou então porque se insurge contra ela o uso daqueles que se utilizam da língua portuguesa para veículo de suas ideias.

3 – Vamos primeiramente à lógica. Que nos ensina ela?

Que o sujeito composto deve levar o verbo para o plural. Entretanto frases como esta: PASSARÁ O CÉU E A TERRA, em todas as épocas da língua, foram tidas como corretas e portuguesas.

Que o sujeito no singular deve ter o verbo no singular também. Todavia ninguém condenará o provérbio: *No princípio TUDO SÃO FLORES.*

Que a dupla negação equivale a uma afirmativa. NÃO QUERO NADA logicamente deveria exprimir *quero alguma coisa*; em português significa *nada quero*.

Que não se deve deixar palavra sem ligação na frase. Apesar disto os anacolutos são frequentes no nosso idioma: QUEM *com muitas pedras bole*, CAI-LHE ALGUMA *na cabeça*.

Que, desde que o verbo exprime uma ação que o sujeito pratica e o objeto recebe, já não se pode inverter o papel dos membros da oração, ficando o mesmo o sentido da frase. Entretanto EU ESQUECI O CHAPÉU E ESQUECEU-ME O CHAPÉU exprimem a mesma coisa.

Que, servindo as palavras para exprimir as ideias, não se deverão empregar palavras que nenhum sentido encerrassem. Há, no entanto, no frasear luso-brasileiro, muitas palavras chamadas expletivas ou de realce, que o sentido da frase perfeitamente dispensa: *Que belo dia QUE está fazendo hoje!*

Que uma partícula de negação, colocada em frase que não a possuía, deve servir para lhe dar um sentido inteiramente contrário. Mas tanto dizemos: *Que grande sábio foi Pasteur!* como *Que grande sábio NÃO foi Pasteur!* sem que o sentido da frase sofra alteração alguma.

Que não se empregue o tempo futuro para exprimir uma ação presente, nem o tempo presente para indicar uma ação que já passou. Mas isto é o que fazemos frequentemente: *Que ESTARÁ pensando agora o nosso amigo? César DECIDE-SE, ATRAVESSA o Rubicão e MARCHA contra Roma.*

Que um sujeito da 3.^a pessoa deve levar o verbo para a 3.^a. Contudo na frase: FUI EU QUEM FIZ, o sujeito QUEM, que é da 3.^a, tem o verbo na 1.^a.

4 – Muitos outros exemplos poderíamos apontar; são estes, porém, suficientes para que se veja, à saciedade, como pode estar sujeito a enganos, quem quiser formular regras de vernaculidade, baseando-se simplesmente nas estreitas exigências da lógica. “É sabido mas nunca será demasiado o repeti-lo – diz o grande filólogo vienense Meyer – Lubcke na sua “Introdução ao Estudo da Glotologia Românica” – que a lógica nada tem que ver com a glotologia; se frequentemente coincidem, também a miúdo seguem caminhos diferentes”.

Que adianta condenarmos uma expressão pelo fato de não se nos afigurar razoável, se o uso geral da língua, desde os seus inícios até hoje, o uso dos homens cultos emparelhado com o da arraia-miúda, o uso dos grandes e pequenos escritores, juntamente com o dos não escritores, a consagrou? Não é isolar-se um indivíduo no círculo de suas opiniões, o pretender que a língua, que é de todos, se ajuste ao modo de ver e de interpretar de um só? Nos domínios da linguagem, portanto, a lógica das teorias há de ser subordinada a uma lógica bem mais imperiosa: à lógica dos fatos consumados.

5 – Tempos houve em que predominou esse critério do razoável entre os gramáticos. Hoje porém, todos os grandes mestres da filologia portuguesa têm seguido orientação bem diversa. Não obstante, alguns resquícios de regras ditadas pela lógica contra o testemunho dos fatos, ainda fazem impressão nos estudiosos da nossa língua. Ainda há quem considere um erro crasso empregar dois verbos de regime diverso com o mesmo complemento: *É proibido SUBIR E DESCER DOS BONDES em movimento* (veja-se o n.º 697). Ainda há quem evite e condene a contração da preposição com o sujeito das subordinadas infinitivas ou com o artigo que o vem acompanhando: *Sai antes DELE CHEGAR. São horas DO TREM PARTIR* (veja-se n.º 691). Ainda há quem estranhe o emprego de MEIO advérbio flexionado, p. ex: *homens MEIOS mortos* (veja-se o n.º 332), a elipse do EM antes do pronome relativo, após certas expressões que trazem ideia de tempo: *no dia QUE cheguei* (veja-se o n.º 824) o uso das partículas comparativas TÃO, MAIS acompanhadas de adjetivo, não em forma normal, mas em grau superlativo: *MAIS ÍNFIMO, TÃO MÍNIMO* (veja-se o n.º 292). Construções são estas, no entanto, se bem um pouco renhidas com a lógica, de uso legítimo e corrente na boa linguagem portuguesa.

6 – O segundo critério, a que nos poderíamos socorrer, seria a autoridade dos gramáticos e filólogos.

Seria errônea uma expressão que grandes e eminentes vultos da filologia luso-brasileira condenassem; acertada, aquela em prol da qual militassem respeitáveis autoridades.

Em grande confusão se veria desde logo, quem quisesse seguir só esta norma diretriz no estudo da nossa língua, pois os gramáticos não raro discutem e não raro ateimam porfiosamente nas suas discussões.

Não há aí negar o valor que têm as opiniões daqueles que, estudando a fundo os documentos da antiga e moderna linguagem, emitem parecer em que traduzem a impressão que lhes deixaram inteligentes e prolongadas leituras. Mas, como já se tem dito e redito de sobejo, não é aos gramáticos e filólogos que compete legislar como a língua deve ser; eles a descrevem simplesmente tal qual ela é. Para a grande maioria daqueles que se não podem dar ao trabalho de estar manuseando obras e mais obras da literatura, ou que, antes de poder fazê-lo, já precisariam ter noções bem firmes e assentadas sobre o vernáculo, pois são obrigados a compor e redigir, oferecem eles, os filólogos, a grande vantagem de condensar, concatenar e resumir os conhecimentos que lhes advieram de suas laboriosas investigações, apresentando aos leitores ou discípulos um caminho já bastante andado. Pode acontecer, porém, que alguns menos escrupulosos, aferrando-se a regrinhas pessoais, desprezem ou ocultem certos fatos linguísticos ou citações valiosas que contra elas claramente deponham. Ou, sendo tão vastos e complexos os fatos da língua, pode suceder que a um filólogo, embora muito lido e versado nos autores, escapem certas particularidades que outros lhe apontam ou para as quais, leituras posteriores lhe chamam mais nitidamente a atenção. Daí se tem visto, com grande edificação, que respeitáveis autoridades filológicas, depois de haverem emitido certas opiniões, por um nobre sentimento de amor à verdade, chegaram a retratá-las.

Foi o que se deu – para darmos um só exemplo, mas este bem expressivo – com o extraordinário mestre da língua que já tivemos no Brasil, o Sr. Mário Barreto. Seguindo ao autorizado gramático Júlio Ribeiro, ele havia condenado a expressão *deram onze horas*; o certo havia de ser somente *deu onze horas*. Este seu testemunho fora aproveitado pelos ilustres filólogos Antenor Nascentes e Carlos Góis para justificarem a condenação da frase referida. Mas no seu livro “Através do Dicionário e da Gramática”, página 304, Mário Barreto se penitencia desse erro e cita frases de Frei Luiz de Sousa, Vieira, Garrett, Castilho, Antônio Ribeiro de Saraiva, Mendes Leal, Rebelo da Silva, Andrade Corvo e Pinheiro Chagas em abono da construção estigmatizada.

Por aí se vê o perigo de adotar-se uma opinião, simplesmente porque um filólogo eminente a esposou. Mário seguiu a Júlio Ribeiro, outros já seguiram a Mário e certamente muitos e muitos professores, baseando-se em uns ou em outros, transmitiram o preconceito aos seus alunos.

Pode, portanto, uma construção ajuntar, contra si, grande quantia de gramáticos e filólogos, e ser, no entanto, de legítimo cunho vernáculo.

A opinião dos mestres da língua, só por si, não vale como critério de certeza. A língua já existia antes de doutrinares eles; falece-lhes autoridade para alterá-la; incumbe-lhes ensiná-la e descrevê-la tal qual a encontram nos seus estudos e pesquisas e não como eles quereriam que ela fosse, para atingir a perfeição. Valem muito suas

opiniões, quando documentam as próprias asserções com os fatos da linguagem; mas neste caso a garantia de certeza está nos fatos que apresentam, que não no peso da sua autoridade.

E – observemos de passagem – é mais fácil, para eles, documentar a legitimidade que a condenação de uma palavra ou sintaxe qualquer. Para legitimar, basta citar os autores graves que a perfilharam. Para condenar, não é suficiente demonstrar que os bons autores usaram de outras expressões em vez daquela que se pretende proscrever; possui a nossa língua ampla variedade de recursos e o fato de uma concordância, regência ou colocação ser aceita, não exclui a possibilidade de outras variantes serem corretas e legítimas também.

7 – Resta-nos por conseguinte adotar, como critério de certeza, o uso. Cada língua possui o seu patrimônio de vocábulos, locuções, construções sintáticas, modismos e torneios de expressão que se vão transmitindo, de geração a geração, pela literatura e pela tradição oral. Aí se nos apresenta ela em plena pujança de seus tesouros adquiridos pela origem da língua-mãe, pela influência regular de línguas estranhas, pelos hábitos e praxes introduzidos no falar quotidiano. É aí que a iremos procurar para lhe conhecermos os segredos, os recursos e as opulências.

8 – Mas ainda não achamos toda a solução para o problema do critério de certeza, com o admitirmos o uso por norma diretriz nos estudos linguísticos. No meio do uso, introduz-se o abuso. Há o uso dos que escrevem a primor e dos que manejam bem de-sastradamente o idioma.

O uso que vale como lei, em gramática, é o dos escritores que, levados por amor acendrado ao idioma, o dignificaram nas suas lucubrações, elevando-o a um alto grau de perfeição; é o uso daqueles que melhor, mais elegantemente e com maior fidelidade à índole da língua, dela souberam utilizar-se, para exprimir as suas ideias; em suma, é o uso daqueles que se podem apresentar como modelos seguros à juventude das escolas, sendo-lhe postos à mão como guias exemplares na exteriorização dos pensamentos e a que por isto nós chamamos os autores clássicos da língua.

9 – Estabelecido este princípio do uso clássico por norma de vernaculidade, não há fugir a duas objeções que se apresentam espontaneamente ao espírito do leitor: 1.º – Havemos de admitir como modelos aqueles que melhor manejaram o idioma, mas como saberemos quais os que o manejaram melhor? 2.º – Ainda mesmo que saibamos qual a seleção que havemos de fazer entre os autores, como poderemos aceitar a infalibilidade dos clássicos, se, ao manusearmos as obras daqueles que são apontados unanimemente

como tais, encontramos, nos antigos, expressões arcaizadas que não nos é dado hoje usar, modos de falar tidos já agora por deselegantes e, nos antigos e modernos, às vezes, até erros crassos que todos os filólogos condenam e todos os que se esmeram em falar bem o nosso idioma cuidadosa e repugnadamente evitam?

IO – A primeira objeção, fácil é desmoroná-la desde que atentamente se considere na história do português. Este não é mais do que o latim que nele se transformou, como se transformou também no francês, no espanhol, no italiano etc. Mas não é assim da noite para o dia que uma língua se transmuda em outra diversa. Durante muitos séculos, os habitantes da Península Ibérica falaram alguma coisa que não era, nem o latim, nem o português de hoje, mas um dialeto de transição.

Por todo esse tempo, o português propriamente não existia. Dos fins do século XV para o século XVI é que a evolução se completou, dando-se então, por assim dizer, o nascimento da língua portuguesa. Surgem então, nos séculos XVI e XVII, grandes escritores, que providencialmente se tornam os plasmadores do idioma nascente; eles cristalizam, divulgam, aperfeiçoam nos seus livros, lidos ainda hoje com agrado, a linguagem colhida no seio do povo e dos homens cultos do seu tempo, linguagem saída dos moldes do latim popular, mas que tomou, no novo idioma, suas flexões próprias, seu tom original, sua feição característica. Acontece também que, embora contínua tenha sido a influência do francês na nossa língua desde o período arcaico, mesmo assim nesses séculos XVI e XVII, chamados com razão o período áureo do português, não havia ainda a invasão dos galicismos, a mania de afrancesar.

Se os grandes escritores desses séculos enriquecem com termos novos o vocabulário popular, eles os vão buscar nas fontes genuínas do mais puro latim clássico, estudo que era moda entre os letrados daquele tempo, além de que a maioria dos escritores de então surgem da carreira eclesiástica, a quem a língua oficial da Igreja não podia ser estranha.

Os neologismos que então aparecem, opulentando o nosso léxico, não destoam da índole da língua portuguesa, porque a aproximam ainda mais da língua-mãe; e há orgulho, entre os homens de letras da época, em expressar-se numa língua que é a latina “com pouca corrupção”. Assim que, os escritores desses dois séculos são, por sua natureza, escritores modelares, pois a linguagem corrente na época era pura e genuinamente portuguesa, bastando que sejam notáveis como escritores, para logo os consagrarmos como clássicos e dignos de toda a consideração da nossa parte. Sem negarmos o valor de muitos outros, avultam entre eles Luiz de Camões, a quem tanto deve a nossa língua pela ampla difusão do seu imortal poema os “Lusíadas”; João de Barros, Sá de Miranda, Fr. Heitor Pinto, Gil Vicente, Antônio Ferreira, D. frei Amador Arrais, Bernardim Ribeiro

para o século XVI; e Fr. Luiz de Sousa, Padre Manuel Bernardes, Padre Antônio Vieira, D. Francisco Manuel de Melo e Padre Jacinto Freire de Andrade para o século seguinte, que todos se mostraram opulentos, castiços e escorreitos cultores do idioma, a cujo brilho e esplendor fizeram servir seus primorosos engenhos.

Do século XVIII começa uma época de declínio. Não ostentam mais os escritores desse tempo a opulência dos antigos e, pior ainda, a influência francesa torna-se avassaladora e absorvente; chovem os galicismos e vai-se descurando a pureza e correção dos primórdios. Contudo há vozes que clamam bem alto pela pureza da língua e entre elas avulta Filinto Elísio, que se esmera por escrever com o primor e a correção dos seiscentistas.

No século XIX, bom número de escritores portugueses e brasileiros, reagindo brilhantemente contra os estrangeirismos, as inovações descabidas, o abastardamento da língua e o mau gosto reinante, inspiram-se nos bons autores antigos e apresentam, com as roupagens do estilo moderno, as galas e riquezas da antiga linguagem. Seus nomes são bem conhecidos: Castilho, Herculano, Latino Coelho, Rebelo, Camilo, Garrett, Machado de Assis, Gonçalves Dias, Lisboa, Francisco de Castro e muitos outros.

No século XX, a reação do século anterior continua; grandes filólogos terçam armas em prol da correção e magnificência do idioma, e há escritores que seguem galhardamente a esteira dos antigos, não sendo lícito esquecer, entre eles, por exemplo, Rui Barbosa, Carlos de Laet e D. Silvério Gomes Pimenta.

Não é difícil, portanto, encontrar quais os que melhor souberam manejar o nosso idioma; a história deste, bem claramente os aponta para que os sigamos e imitemos.

II – Passamos à segunda objeção que é um pouco mais séria. De fato encontramos, uma que outra vez, nos clássicos, extravagâncias que não são para imitar.

Filinto Elísio emprega frequentemente CUJO em vez de *que* relativo, mas isto só se ouve no frasear do povo inculato: *Logo lbe perguntou se tinha ali a carta de Verneuil, CUJA lbe entregou Madama d'Embleville* (Filinto O. C. XI-462). Garrett usa CHEFE DE OBRA que é um galicismo de arrepiar cabelos: *Eu hei de perder os meus CHEFES DE OBRA?* (Garrett. V. M. T. I-28). Deste mesmo erro não ficou isento o nosso D. Romualdo de Seixas. Gonçalves Dias usa a ênclise em verbo de modo finito, depois da negativa: *Também me não lembra... por que razão da morte me queixo, que vejo e NÃO VÊ-ME tão sem compaixão*. Tal falha se encontra também nos escritos de Odorico Mendes e nas primeiras crônicas de Carlos de Laet. Castilho peca pela repetição do artigo no superlativo relativo: *Quer-se tudo em seu lugar e o bródio, o MAIS BEM SERVIDO* (Castilho. Av. I67). Igualmente caiu no emprego desta construção afrancesada o Sr. Alexandre Herculano: *Três anos de ordinário NA época da vida, A MAIS APTA para os estudos que requerem o uso da memória, se gastam com o desta língua* (Hercu-

lano C. V. 44). Pode acontecer que, para o futuro, tal emprego se torne por tal forma generalizado que se chegue a perdoar o galicismo, como já bacorejou ao eminente Silva Ramos; para isto terá influído bastante o exemplo de tão conspícuos escritores como foram Herculano e Castilho; entretanto não deixará de ter sido um vício de linguagem no tempo em que eles escreveram. Machado de Assis baralha dois tratamentos diversos, o que é considerado por todos grosseira incorreção gramatical: *VOCÊS aqui estão comigo, dou-lhes tudo; além da minha conversação, VIVEIS em paz, ainda os que sois inimigos, lobos e cordeiros, gatos e ratos* (M. Assis Sem. 141). Rui que tanto fugia aos estrangeirismos emprega *MEETING* onde podia empregar *comício*:... *como se fecha de noite, no recinto dos teatros, o registro do gás para assassinar o povo indefeso e afogar em sangue os MEETINGS abolicionistas* (Rui D. e C. 191). O Sr. Tenório de Albuquerque enumera vários galicismos de Camilo Castelo Branco, entre os quais se encontram *BOUDOIR, DEBUTAR, MADEMOISELLE, PENÍVEL, RENDEZ-VOUS, SOIRÉE*, etc.

Em menor proporção decerto, mas acontece-lhes aos escritores o que se dá com os jogadores de xadrez, de futebol ou de bilhar: os melhores, os mais destros, os mais perfeitos caem sempre em alguma falha. O mesmo passa na nossa vida moral: os homens mais honestos e conceituados estão sujeitos sempre a alguma fraqueza.

Neste mundo, em nada se há de encontrar a perfeição absoluta; é a triste condição dos humanos. Não há escritor, por mais profundo conhecedor da língua, que não tenha, uma vez ou outra, seus deslizes. São inadvertências que escapam ao correr da pena e que uma meticulosa revisão não se encarregou, depois, de corrigir; é o efeito da poderosa influência da conversação ou dos outros escritores, que nem sempre primam num português genuíno; pode ser em alguns casos o desejo de surpreender e recrear o leitor ou de introduzir, com a ampla autoridade de que goza, alguma novidade na linguagem. Algumas vezes até, o erro não é do autor, mas do tipógrafo, que, inadvertidamente, adulterou o texto, contribuindo assim para lançar confusão.

Tais falhas escandalizam, decepcionam, é claro, os estudiosos que, desde que tomam tais e tais autores por mestres do dizer, desejariam ver neles o dom de infalibilidade no meneio da língua, o que tornaria muito mais fácil o estudo desta, exigindo-se, em tal hipótese, muito menos leituras e muito menor precaução. Mas que se há de fazer senão aceitar os fatos tais quais se nos apresentam? Na falta de escritores fecundos e, ao mesmo tempo, infalíveis, escolhemos, por modelos, aqueles em que o erro é muito mais raro e que, além disto, mais vastos conhecimentos revelaram dos recursos da língua.

Recolhemos os grandes tesouros que eles nos deparam em seus livros, para pôr em circulação o ouro que nos oferecem, se bem, quando menos esperamos, surja a moeda falsa que é preciso desprezar. E havemos de concluir desta falibilidade dos artistas da palavra, não que seja inútil inspirarmo-nos nestes modelos, senão que o testemunho

de um ou outro escritor não basta, em geral, para firmar doutrina em português. Se se fosse admitir, como prova de vernaculidade, uma só citação, bastaria, por vezes, um erro tipográfico para apadrinhar uma enormidade linguística. Andar catando, um por um, os descuidos ou singularidades, para destruir as regras de gramática, seria introduzir a mais completa anarquia no seio da nossa língua.

Admitimos, por norma, não o testemunho de um clássico, mas o uso dos clássicos. É a tradição que se firmou na língua e não a voz insulada e falível de um ou outro escritor que pode legitimar uma locução, vocábulo ou maneira de dizer; é o exemplo de vários autores clássicos que se confirmam e corroboram na aceitação dos dizeres peculiares ao idioma. O que porventura se encontrar nesta ou naquela obra clássica, aberrando claramente da praxe dos autores modelares, pode constituir tipo curioso de excentricidade filológica; jamais constituirá uso clássico, pois o emprego esporádico de uma expressão repudiada dos bons autores não se pode batizar com o nome de legítima tradição. Tais aberrações denunciam-se facilmente, a quem seja bem lido nos clássicos, pelo exotismo berrante com que se apresentam, em confronto com o uso geral dos mestres autorizados da linguagem.

Este uso geral, sim, é que canoniza e consagra.

Ora, há inúmeras particularidades da língua portuguesa que gozam do abono de vários escritores clássicos, em todas as épocas da sua existência como autônoma e independente, isto é, desde o século XVI até os nossos dias; são expressões que vêm vigorando desde cinco séculos na escrita dos melhores e mais lídimos representantes do linguajar português.

Constituem tradições abalizadíssimas que a ninguém é lícito destruir ou rejeitar, pois vêm acompanhando a língua em toda a sua história, no discurso de toda a sua evolução.

Pouco importa que a alguma orelha mais caprichosa, elas soem mal. Escusado é insurgir-se alguém contra fatos que são de ontem e de hoje e serão de amanhã, porque têm sido de todas as épocas da língua portuguesa.

No decurso de todo este livro, terá ocasião, o leitor, de ver e apreciar, frequentes vezes, tal concordância admirável entre os antigos e modernos escritores clássicos no usarem certas e determinadas expressões que se mostram assim, por este uso constante, como genuína e indiscutivelmente vernáculas.

12 – Há muita coisa, porém, que se encontra nos melhores escritores antigos e não é mais em uso entre os modernos. Deverão tais expressões ser canonizadas como lícitas e aconselháveis? Até que ponto são os antigos dignos da nossa imitação?

Merecem os velhos autores ser imitados em tudo aquilo que bem se ajusta com as exigências e com a estilística do frasear moderno.

A moda na linguagem tem muito de semelhante com a moda no vestir; cada época, na história de um povo, concebe a elegância, seja no vestir, seja no dizer, à sua feição; e o que é julgado elegante num tempo pode ser considerado ridículo, exótico, estapafúrdio noutra, o que não impede, entretanto, bastas vezes, a reabilitação inesperada de uma moda por longo tempo desprezada e esquecida pelo desuso. O escritor não está obrigado a empregar só e exclusivamente as expressões que correm no seu tempo; mas o está a usar da elegância, tal qual a concebe a sua época.

Desde que a expressão antiga é ouvida com prazer e sem escândalo na linguagem moderna, pode ser readmitida no uso, pois pertence ao patrimônio da língua; e os mestres do bem falar e escrever têm, de feito, ressuscitado inúmeras formas de dizer injustamente relegadas ao olvido; toam bem no falar de hoje e se apresentam aparentemente como neologismos, sendo, ao contrário, velhos tesouros ocultos no rico escrínio da nossa língua e postos novamente em circulação.

Quando a frase ou a palavra antiga reaparece assim nos bons autores de hoje, já é isto bom sinal de que bem merece o ressurgimento. Mas desde que se pode supor que nem todo o oiro de bom quilate que se encontra nos quinhentistas e seiscentistas já foi trazido novamente ao uso corrente, ainda há decerto muita expressão antiga que possa empregar-se com vantagem nos tempos atuais, mesmo que se não encontre nos escritores clássicos de épocas mais recentes.

I3 – Ao lado destas, porém, há muitas outras que seria escandalosa e ridícula imprudência querer ressuscitar e introduzir no falar de hoje. É curioso observar como estão neste caso muitas formas sincréticas, usadas pelos melhores clássicos de antanho, hoje, porém, tidas como deselegantes, errôneas e absurdas na linguagem literária e no falar das rodas cultas, mas que se conservaram por tradição oral nos meios populares.

O nosso povo ainda diz como diziam os bons escritores antigos: ADONDE = onde (Jaboatão N. O. S. B. II-53); AMEDRENTAR (Filinto P. 101); AMENHÃ (Couto S. P. 102); ANRIQUE (Sousa V. do A. I-222); ANTRE ELES (F. Morais P. de I. 43); BERTOLAMEU (Jacinto V. D. J. C. 146); CATERINA (Sousa V. do A. I-233); CONCRUSÃO (F. Morais P. de I. 80); CONTIA = quantia (Sousa A. D. J. II-217); CORENTA (Couto S. P. 102); DEREITO (Couto S. P. 6); DESPOIS (Bernardes P. E. 234); DEVAÇÃO (B. Brito M. L. I-55); DIXE – do verbo *dizer* (D. Góis C. D. E. I-II); EMPARO = amparo (Sousa V. do A. II-93); ENTONCES (Gil T. 143); FREMOSO (A. Ferreira P. L. 96); FROL = flor (H. Pinto I. V. C. III-43); FRUITA (Sousa V. do A. I-136); HAI do verbo *haver* (D. Góis C. D. E. I-98); INGRÊS (Camões T. 26); LANÇOL (F. M. Melo A. D. 22); MARGULHO (F. M. Melo A. D. 455); MENHÃ (Sá Miranda O. C. 234); PIADOSO (A. Ferreira P. L. I-73); PREFEIÇÃO (Severim N. de P. I-57); SALAMÃO (Severim N. de P. I-I); SALUÇO

(H. Pinto I. V. C. II-66); SALVAGE (F. Morais P. de I. 34); SANCRISTÃO (Bernardes P. E. 281); SEMBRANTE (Sousa V. do A. II-89); SOJIGAR = subjugar (A. Ferreira P. L. II-97); SOMANA (D. Góis C. D. E. I-38); SUSTANCIOSO (R. Lobo C. na A. 38); TODALAS COUSAS (F. Morais P. de I. 31); TREIÇÃO (F. M. Melo A. D. 314); TROCER (F. Lobo C. na A. 57); VARGES = várzeas (Bernardes P. E. 273) etc., etc.

Tais formas que já estiveram em moda entre as pessoas cultas, não o estão mais hoje; e um escritor que se preze, não querendo escandalizar pelo plebéismo, atualmente as evita, para não destoar da elegância e distinção, tal-qualmente as concebe o tempo em que escreve.

14 – E aquilo que os modernos empregam, mas não se encontra nos antigos, porque veio depois com a incessante evolução da linguagem? Havemos de seguir os modernos quando empregam maneiras de dizer que os antigos cuidadosamente evitaram? Se é a tradição constante dos bons escritores, desde os primeiros tempos da língua até hoje, que forma o indiscutível, segue-se daí que se estabeleça a confusão sobre as formas modernas em cujo abono tal tradição não pode ainda ser invocada? Quem quer escrever corretamente a língua não pode aceitar, de mão beijada, quantas inovações por aí apareçam nas gazetas e na literatura, que são às vezes estrangeirismos inúteis e pedantescos, filhos da ignorância dos recursos do vernáculo e de uma ridícula e desfrutável xenomania.

Mas desde que há entre os escritores modernos, também zelosos defensores da pureza da linguagem, temos que confiar deles uma orientação segura que nos indique o que se há de admitir ou evitar. Não podemos aceitar, como prova de vernaculidade, uma ou outra citação isolada, pois facilmente pode mesmo o bom autor cair em deslize, máxime influenciado pelo ambiente literário em que vive e contra o qual tem que reagir seriamente para escrever um português genuíno. Mas desde que vários escritores modernos de reconhecida autoridade patrocinam certo vocábulo ou maneira de dizer, temos que admiti-los. Ainda não há tradição bem sólida e firmada no caso; há, porém, o início bem fundamentado de uma tradição futura que será inevitável. O prestígio destes autores, cada vez maior à proporção que se vão tornando mais antigos, o prestígio destes autores, tidos já hoje e, com maioria de razão, amanhã, como espelhos de todos na linguagem, levará outros bons autores que neles se irão abeberar, a escrever da mesma maneira. E a tradição, uma longa e invencível tradição, virá a consagrar definitivamente tais vocábulos e tais maneiras de dizer.

15 – Resumindo:

Temos que admitir um critério seguro para sabermos o que é legítimo e o que não é, em português; sem isto cairemos nas maiores incoerências. Este critério não é a lógica, pois à rigidez de suas normas a língua propriamente não atende; nem a opinião dos gramáticos que não engendram leis, apenas apontam, coordenam, discriminam os fatos da

linguagem. Há de ser o uso dos bons autores clássicos: ou dos antigos juntamente com os modernos, se uma expressão chega a lograr este belo consenso, acompanhando assim a língua em todo o seu evolver; ou dos antigos somente, se este uso bem se casa com a elegância do falar de hoje; ou dos modernos somente, mas em número suficiente para indicar que o fato dará forçosamente em legítima tradição.

E assim encerrando estas considerações, vamos logo satisfazendo à natural pergunta do leitor: e o que é que se encontra nos clássicos? É o que lhe indicaremos, em traços gerais, em todo o restante deste modesto e desprezioso trabalho.

II.º – CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM CLÁSSICA

I6 – O que há notável nos clássicos e os extrema dos mais autores resume-se em três qualidades:

I.º – OPULÊNCIA NO LÉXICO.

Conhecedores profundos da língua, a cujo estudo se dedicam com ardor, desencavam-lhe os tesouros, pondo-os em circulação e apresentam abundante vocabulário, repleto sempre de instrutivas surpresas para o leitor, ainda o não pouco versado nos segredos do idioma.

Se a nossa língua apresenta, nos seus vocábulos, inúmeras variantes e múltiplos recursos para exprimir as ideias, aqueles cujo conhecimento do léxico não vai muito longe, restringem-se, de ordinário, ao emprego do que é mais usual, com desprezo ou desconhecimento do mais inusitado. Os clássicos, não. Se uma palavra se apresenta sob diversas formas, ele as empregam todas; os sincretismos pululam nos seus escritos. Se mudou de significação com o decorrer dos tempos, revivem eles a acepção antiga. Se caiu em desuso e não destoa da linguagem moderna, põem-na em uso novamente. Partículas que se equivalem são usadas alternadamente. E mantêm assim o leitor maravilhado a cada passo com alguma novidade que surde do, quase se diria, inesgotável tesouro do idioma, evitando, com a opulência, o monótono e desenxabido das repetições.

2.º – GENUINIDADE.

A abundância que ostentam, entretanto, não é anárquica nem viciosa. Dela são excluídos os estrangeirismos injustificados, as inovações destoantes. Se é necessária a palavra

estrangeira a fim de exprimir ideia nova, para a qual não dispunha o nosso léxico de meios de expressão, adotam o neologismo, acomodando-o, quanto possível, à feição e ao gênio do idioma. Se há, porém, na abundante prata de casa, meios com que expressar a ideia, refugam o estrangeirismo desnecessário que só serviria de abastardear e corromper a linguagem corrente. Evitam o intrometido galicismo, as flexões que não são próprias da nossa língua, as regências não consagradas pela tradição, os modismos e idiotismos que não são nossos, e só têm valor expressivo no falar de outros países. Quando, porém, o estrangeirismo já se naturalizou, fez-se de casa, confundiu-se perfeitamente com os vocábulos do nosso léxico, então não hesitam em consagrá-lo pelo uso e aproveitá-lo também como material para sua riqueza e opulência.

3.º – VARIEDADE SINTÁTICA.

Limitar-se ao normal, empregando só a ordem direta, dando matematicamente, a cada ideia, a expressão correspondente, usando só a concordância regular, a regência mais comum, a função ordinária dos membros da frase é revelar muito senso de disciplina gramatical, não resta dúvida, mas é também renunciar ao prazer e ao direito de usar uma frase mais harmoniosa, mais deleitosa ao ouvido, e, sobretudo, mais enérgica e elegante no revestir os conceitos. O escritor clássico, liberto das peias de uma estreita rigidez sintática, sujeita-se à disciplina gramatical no evitar o solecismo grosseiro, mas não no preferir o regular, quando o irregular se lhe afigura mais expressivo e galante.

A ordem pode ser direta ou inversa conforme soa melhor a oração. A colocação dos pronomes oblíquos, sem ser arbitrária ou escandalosa, é feita com variedade maior que a da conversação ou a do comum dos escritores. A elipse frequente representa o intuito de primar pela elegância na economia das palavras, sem embargo de que o frequente pleonismo revela também a elegância no frisar e encarecer bem, quando se faz mister, a ideia que se transmite ao leitor. O anacoluto, rompendo audaciosamente com a regularidade da construção normal, encanta pelo imprevisto e pelo caloroso da expressão.

Há, assim, nos seus escritos, extrema variedade nos modos de dizer, variedade com que se apresenta a língua em toda a sua robustez, atraente, maleável, harmoniosa, abundante, opulenta, preenhe de surpresas para quantos têm a dita de a ouvir manejar com segurança e perfeição.

17 – Entretanto estas três qualidades que acima apontamos não brilham com igual intensidade em todos os autores clássicos.

Camilo e Garrett foram mais notáveis pela opulência e variedade do seu dizer do que pela genuinidade. Machado de Assis, muito menos opulento do que eles, foi, no entanto, mais cuidadoso quanto à pureza da linguagem. Rebelo da Silva não teve tanto gosto em reviver os dizeres antigos como tiveram seus compatriotas e contemporâneos Castilho, Garrett, Camilo e Herculano, nem como o nosso D. Silvério. Rui notabilizou-se por uma modalidade de opulência de que muitos outros não cogitaram: a criação de termos novos, de legítimo cunho vernáculo. Este mesmo Rui, sim, juntamente com Herculano, porém mui raros com eles (tirante os três grandes expoentes do período áureo, Vieira, Bernardes e Fr. Luiz de Sousa), mui raros poderão rivalizar no belo equilíbrio das três qualidades da linguagem clássica – opulência, pureza e variedade – possuídas em elevado grau, com este cego genial que foi Antônio Feliciano de Castilho, o qual não nos admira, se por alguém for considerado o mais perfeito, o mais completo, o mais autorizado clássico moderno da língua portuguesa.

❧ PRIMEIRA PARTE:
Opulência Léxica

CAPÍTULO I

ACEPÇÕES DE SABOR CLÁSSICO

18 – Estão sujeitas as palavras, nas línguas vivas, a evolução contínua, não só no seu elemento material ou sônico, mas também na sua significação. A associação de ideias, o gracejo, a ironia, a influência estrangeira, o gosto das metáforas, os ditos que se vão introduzindo no seio do povo, a confusão de um termo com outro parecido, se vão encarregando de gerar semelhantes alterações semânticas. E assim, o sentido das palavras não raro alarga-se, restringe-se, inclina-se para o lado bom ou para o lado mau, é encarado sob um ou sob outro aspecto em diversas regiões ou em várias épocas da história da língua, e às vezes vai sofrendo mudanças sucessivas e paulatinas, até dar em significação visivelmente diversa. Daí se gera, fartas vezes, certa diferenciação entre o sentido primitivo da palavra, aquele com que ela se apresenta desde os tempos antigos, nos mais autorizados documentos da linguagem literária, e o sentido mais usual nos dias de hoje, aquele em que ela se emprega mais geralmente em nossa época, nos jornais, nos discursos, nos livros, nas palestras.

Reviver o sentido tradicional, embora o menos comum atualmente, mostrando assim conhecimento da nossa literatura, comunicar elegantemente, à palavra hoje corrente, um sabor de novidade com lhe não deixar esquecer a significação antiga, eis o que chamamos dar a uma palavra a acepção de sabor clássico.

À margem da linguagem falada, tão fácil em alterar o sentido das palavras, sobretudo em esquecer vocábulos e construções genuinamente nossas, ou pela pobreza de recursos léxicos de que se usa lançar mão na conversação quotidiana ou às vezes pela preferência dada a novidades exóticas e a desajustados estrangeirismos, à margem da linguagem falada e da dos escritores que tímida e pobremente se limitam a segui-la de perto, está a linguagem dos clássicos, menos esquecediça, mais conservadora, mais atenta em não permitir que mergulhem no esquecimento os antigos usos da língua ou, em outros termos, mais amiga da tradição.

Este amor à tradição de maneira alguma envolve desprezo ou desconhecimento do sentido que têm as palavras na linguagem moderna.

Nem também importa a legitimação de arcaísmos semânticos. Há palavras atualmente correntes que tiveram outrora um sentido, o qual está hoje completa e irrevogavelmente

em desuso. FAZENDA já significou, *sentimento, ação, procedimento*: fez FAZENDA *de bom cavaleiro* (citado por Morais). MESURA já quis dizer *generosidade*: MESURA *seria, senhor, de vos amercear de mi* (Cancioneiro do Vaticano). CATAR: *olhar, observar*. *Quem ao diante não CATA, atrás cai e malbarata* (provérbio antiquíssimo). Certo, não são arcaísmos deste feito que vamos aqui recomendar; as acepções de sabor clássico que nós apresentamos são autorizadas pelo uso de escritores, tanto antigos como modernos.

19 – Não se objete que é lançar a confusão no seio da língua, o empregar uma palavra em sentido diverso daquele em que geralmente se emprega, fazendo-a tomar assim um duplo sentido. A grande maioria das palavras da nossa língua têm mais de um sentido: temos abundância e variedade, mas com “economia de som”. Se a cada ideia nova tivesse forçosamente que corresponder uma nova palavra, como é útil e conveniente para variar o fraseado e evitar a monótona repetição dos termos, empregar, no mesmo trabalho, vários sinônimos quando é mister exprimir várias vezes a mesma ideia, tarefa exaustiva e quase poderia dizer-se impossível, seria aprender o vocabulário da língua. Um termo pode ter significados diversos sem daí se gerar confusão, pois o contexto da frase serve bem para mostrar o sentido em que ele se emprega. Quando se fala no CABO *de S. Agostinho*, no CABO *que passou a sargento*, no CABO *da vassoura*, no CABO *do navio que puxam os marinheiros*, no *feito que se consumou ao CABO de muitos dias*, todos já entendem em que sentido a palavra CABO é tomada. Além disto, o significado clássico, longe de ser confuso e enigmático, tendo, na maioria dos casos, perfeita analogia com o significado mais em voga, facilmente se depreende pela simples leitura das palavras que o ostentam, e, quando assim não fosse, aí estão os dicionários a quem cabe expor discriminadamente as várias significações do mesmo vocábulo, até mesmo as arcaicas, quanto mais as que vigoram ainda no uso literário.

Mas não percamos tempo em defesas desnecessárias; os próprios exemplos que vamos apontar de persistência do sentido antigo ou de emprego de sentido, meramente literário, enquadrados na tradição pelo uso de alguns séculos, de tão ilustres escritores, falarão por si mesmos, mostrando a variedade de recursos que eles sabem haurir dos tesouros da nossa língua.

20 – ACABAR COM ALGUÉM = induzir, convencer, conseguir de alguém, fazer alguém resolver-se a.

O Cavaleiro da Fortuna se meteu entre êles... e nem isto pôde ACABAR COM ÊLES (F. Morais P. de I. 43) *os méritos e privança da Senhora... ACABAM COM DEUS que seja mais cedo ouvido* (Arrais D. 33) – *aproveitou-se o demônio dêste instrumento e em poucas palavras ACABOU COM EVA que... estendesse a mão onde não devera* (B. Brito M. L. I-3) *o meu amor e a vossa obrigação não pode ACABAR CONVOSCO a que*

cortéis pelo sono? (Vieira S. V. I56) *tanto fêz que ACABOU COM o corregedor que não bulisse nem tocasse no negócio* (Sousa V. do A. II-40) – *nada se podia ACABAR COM ÊLE para êste feito* (Jaboatão N. O. S. B. II-I46) – *ACABAMOS COM ÊLE... que nos acompanhasse na vingança* (Castilho Q. H. P. I-206) – *ACABOU COM ÊLE que a fechasse em uma das arca* (Silvério V. D. V. 26).

21 – ACABAR CONSIGO = resolver-se a.

Não posso ACABAR COMIGO a tê-la por tais (H. Pinto I. V. C. II-66) – *não posso ACABAR COMIGO tresladar escrituras inteiras onde basta especificar a su(b)stância* (Sousa A. D. J. II-8I) – *como ACABARIA ELA CONSIGO suportar a vista dum monstro?* (Filinto O. C. X-223) – *em meus escritos não posso ACABAR COMIGO que me resolva ao fastio de inteiros, os derreter* (Castilho N. do C. 200) – *ninguém pôde ACABAR CONSIGO em o deixar* (Silvério V. D. V. 250) *o inolvidável mestre talvez ACABASSE CONSIGO não ser mais realista que o rei* (Sá Nunes L. V. I38) *não podemos ACABAR CONOSCO ocultar o nosso espanto* (Rui C. de I. I52).

22 – ACORDAR-SE = recordar-se.

ACORDA-TE de tua morte e não peçarás (H. Pinto I. V. C. II-89) – *agora encomendo eu muito a V. Mcê., me sofra como seu despertador e que SE ACORDE do prometido a Deus* (Chagas C. E. 69) – *a estatura soberba, o saio negro, o morrião, a negra côr das plumas, nenhum SE ACORDA de os jamais ter visto* (Castilho N. do C. 22) *de vê-lo SE ACORDAM* (Garrett Cam. I03).

23 – APELIDO = nome próprio. APELIDAR = chamar (referindo-se não à alcunha mas ao próprio nome, à designação própria).

O cabo que coo nome se APELIDA da cidade Fartaque ali sabida... (Camões L. c. X.º e. I00) *nem são dignos de ser chamados homens, nem lhes convém tal APELIDO* (H. Pinto I. V. C. I-57) – *do APELIDO Belarmino, concordando com a inocência e pureza dêste santo cardeal...* (Bernardes N. F. I-8) *quem teve unbas tão farpantes para destruir um reino que APELIDAVA seu, piores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse que era albeio* (Arte 97) – *saindo pelas portas que tem no sul, lhe fica o bairro de S. Bento... APELIDA-SE do nome dêste glorioso patriarca pelo suntuoso templo e convento que tem na entrada dêle* (Pita H. A. P. 36) *vi que se chamava Depreval: APELIDO sôbre o qual maquinaalmente estive a refletir* (Filinto O. C. X-56) *uns reinos prometeu-nos, que ou Hespéria ou Itália APELIDAVA* (O. Mendes E. I. III.º. v. I87) *e a isto se APELIDA o meu mundo* (Castilho F. 40) – *tôda economia interna e externa do curso de humanidades, que APELIDAMOS Seminário Menor, continuava a cargo do Reitor* (Silvério V. D. V. I40).

24 – APELIDAR = convocar.

APELIDARAM tôda a companhia dos soldados que os judeus levavam para guarda, porque ninguém se atrevesse a querer defender o Senbor (T. de Jesus T. de J. II-68) – *...APELIDANDO em seu favor*

a terra tôda (B. Brito M. L. I-49) – tomada esta determinação, APELIDA toda sua terra, congrega a maior massa de gente (Castilho Q. H. P. I-I10) a pátria convoca e APELIDA, em seu amparo e defesa, a todos os seus filhos extremosos (Latino E. C. I32).

25 – APETITE = desejo, paixão, ambição.

Não é pequeno trabalho vencer os APETITES (J. Barros Pan. I03) é como o salteador, o APETITE do louvor humano (Arrais D. 27) o entendimento ficará prostrado aos pés dos seus APETITES (Couto S. P. 69) – santifiquem as vontades albeias, se não se atrevem, nem têm valor para mortificar os APETITES próprios (Vieira S. XI-40) S. Filipe Néri tinha atado o APETITE da honra, fama e fazenda (Bernardes N. F. III-I03) – tu, inclinado aos APETITES, fôste fazendo pouco caso das inspirações do santo anjo (Sacramento V. H. P. 51) fêz com que lhe viessem APETITES de viver (Filinto O. C. IX- I09) – com a limpeza vem o bom gosto e com êste o APETITE de andar mais bem vestido (Castilho C. A. I02) – em vão se agitará... tudo que é mesquinho e efêmero no homem... as misérias da baixaza... os APETITES dos partidos (Rui C. L. I04) outros, muito ao contrário estudam... os APETITES dos plutocratas (Laet R. de C. ano XIV n.º 167 pg. I81) faria aliança com êste rei, se um especial apêlo lhe não viesse despertar na sua alma de político... o APETITE de aumentar o seu reino (Antero L. T. 30).

26 – APONTADO = atilado, pechoso, correto, alinhado, cuidadoso.

Dom Nunalvres... semelhante ao sagaz cortesão mais APONTADO, nenhum quer que, em o ser, se lhe adiante (R. Lobo C. de P. I9) – trajava de negro, não muito APONTADO no asseio, mas muito longe de desleixado (Camilo N. B. J. M. 45) – sua questão não é restabelecer a boa linguagem do projeto, mas demonstrar quanto se enganava o comum da gente em me supor bem APONTADO no escrever (Rui R. n.º 354 pg. I62)... três autores mais bem APONTADOS no falar e escrever (E. C. Ribeiro P. L. E. I22) “boas letras”... é expressão consagrada pelos autores mais bem APONTADOS no dizer castiço (Sá Nunes A. L. N. II-210).

27 – APOSENTAR = alajar, dar aposento. APOSENTAR-SE = tomar aposento, alajar-se, estabelecer-se.

Quando êle já tornou, estava a côrte APOSENTADA naquela cidade (Bernardim M. e M. I32) pesa-lhe que tão longe o APOSENTASSE das terras européias abundantes, a ventura (Camões L. c. VI.º e I.ª) tornando-se, APOSENTOU-SE com êles na cidade de Nazaré (T. de Jesus T. de J. I-I48) – foi no melhor da côrte APOSENTADO como era, a seu valor, conveniente (R. Lobo C. de P. 60) Luiz de Melo, com os seus, foi APOSENTADO no baluarte Santiago (Jacinto V. D. J. C. I64) – verãõ... aquêlê íntimo secreto... onde se APOSENTOU o Verbo Divino (Sacramento V. H. P. 209) ajuntai ainda as pertensões de sua família, muitos membros da qual SE APOSENTARAM já em minba casa (Filinto O. C. X-I27) – não há julgá-lo doutro estôfo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana e dous filbinhos que APOSENTOU em Lisboa, num palacete de Belém (Camilo R. H. R. 98) nesta vasta

quadra, onde a senhora Felícia, a nossa digna hóspeda, nos APOSENTOU, apenas se vêem quatro cadeiras de couro tauxiado (Herculano C. U. A. 226) uma hora depois estava o rapaz APOSENTADO num lindo quarto (M. Assis H. S. D. 239) – APOSENTADO o Sr. Bispo, veio ter com êle o subdelegado do lugar (Silvério V. D. V. 245)... mosteiro de S. Domingos, onde SE APOSENTARAM as primeiras figuras desta comitiva principesca (Antero L. T. 192).

28 – AQUILO = aquela sentença, aquele dito, aquela palavra.

A êles se pode aplicar AQUILO de Isaías: ai de vós que sois sábios em vossos olbos e prudentes diante de vós mesmos (H. Pinto I. V. C. III-40) – quando chegaram ÀQUILO do Salmo, onde se diz que mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem que passou, admirou-se grandemente (Bernardes P. P. P. 26) – se colhesse a censura do mestre, igualmente à justa se aplicaria ÀQUILO de Castilho nos Fastos: acaba de descobrir-se a constelação da Águia de Júpiter, começada a aparecer a 25 de maio (Rui R. n.º 259 pg. 128) nunca me há de esquecer AQUILO de Pope: dá-se com as nossas opiniões, o que se dá com os nossos relógios (Silva Ramos P. V. F. 12) tôdas as vêzes que me acho diante de uma consulta sôbre assuntos de filologia, lembra-me AQUILO do excelso oratoriano: não há modo de mandar ou ensinar mais forte e suave do que o exemplo (Sá Nunes A. L. N. II-217).

Em vez de AQUILO pode-se empregar ISTO:

O pronomo anuncia um regime nominal colocado depois do verbo, como NISTO de Garrett, no seu poema trágico intitulado “Camões”: soberbo Tejo, nem padrão ao menos ficará de tua glória?... (M. Barreto F. L. P. 40).

29 – ARMAR A = pretender, dispor-se a conseguir, procurar, visar, candidatar-se a.

ARMAIS A introduzir nesta prática quanto tendes lido nos prognósticos do vosso Arnaldo de Vilanova (Arrais D. 18) –... laço, com que V. S.^a. ARMAVA A suas maiores pretensões (F. M. Melo C. F. 24) – faltava-me arte de me salvar de sua astúcia que ARMAVA sempre A dar conta a seu amo da impressão que as cartas em mim faziam (Filinto O. C. XI-414) – é natural que o candidato inglês ARME À popularidade (Lisboa O. C. I-122) eu escrevi as confissões da minha vida tôda, não para ARMAR À fama (Castilho M. U. M. 281) – esta é a verdade que vai francamente exposta neste livro de verdades, o qual não ARMA AOS aplausos dos portugueses, nem aos louvores dos compatriotas (Leda Q. L. B. 29) o governo americano ARMAVA A aspirações políticas de imenso alcance (Rui F. P. R. 406).

30 – ASSINAR = apontar, marcar, designar.

ASSINOU el-rei tempo limitado em que pudessem estar no reino (D. Góis C. D. E. 18) verdadeira é a diferença que Sêneca nas suas Epístolas ASSINA entre as enfermidades corporais e espirituais (Arrais D. 105) o Padre ASSINARA o dia e a hora de sua morte (Lucena A. P. I-264) –... depois de ASSINAR dia para as exéquias de seu pai (Sousa A. D. J. I-38) duas razões de sua repetição, ASSINOU o amado de Cristo (Bernardes N. F. III-126) – com novo e mais benigno influxo lbe trocou a vivenda,

ASSINANDO-LHE por morada (já na côrte) a casa do Noviciado da Companhia de Jesus (A. Barros V. A. P. A. V. I-276) e um dia ASSINADO, Herodes, vestido em traje real, se assentou no tribunal (Pereira B. S. Atos cap. XII v. 21) – a prosperidade ASSINA a cada um o seu quinhão de glória (Lisboa O. C. I-88) – até a estratégia naval tem que estar em atividade... ASSINANDO aos navios ou às esquadras, as posições convenientes (Rui C. de I. 260) deixo aos leitores tomar o pêso dêste testemunho pelo lugar que lhe ASSINA entre os prelados do Universo (Silvério V. D. V. 347).

31 – ASSOMBRAR = cobrir de sombra.

Outro navio está cá muito melhor ASSOMBRADO (Gil T. 88) a terra era muito graciosa e bem ASSOMBRADA (Castanheda H. do D. I-13) a casa está despejada e esta varanda cá fora está melhor ASSOMBRADA (Camões T. 202) – não dilatou muito el-rei o negócio a quem fortuna mostrava tão bem ASSOMBRADO rosto (B. Brito M. L. I-75) tornou-se logo para o seu remanso amado da cela, a Benfica, que então lhe parecia muito melhor ASSOMBRADA (Sousa V. do A. I-67) todos navegando ASSOMBRADOS com o verdor de diferentes ramos (Jacinto V. D. J. C. 235) – todo o dia me ASSOMBRA o escuro manto da aspérrima tristeza (Caldas S. de D. 179) – entrava-se logo em um redondo ASSOMBRADO de antigas árvores (Rebello L. e T. II-64) só nuvens inconstantes a lua ASSOMBRAM (Castilho N. do C. 104) que tristezas, pois ASSOMBRAM a alegria daquela família? (Camilo T. I. 224) – o Sr. Francisco com o carão súbitamente ASSOMBRADO de respeito, tira o seu chapeleirão (Antero J. em P. 142).

32 – CALMA = calor produzido pelo sol.

Outra muita variedade de regalos: uns para a CALMA, e outros para o frio (T. de Jesus T. de J. I-84) porque o fervor da CALMA é acabado, ergamo-nos e caminhemos (H. Pinto I. V. C. I-132) – para todos houve verão e inverno, frio e CALMA (F. M. Melo A. D. 30) em Sicília certo mancebo... saíra, à prima noite, a banhar-se no mar, por despicar-se com êste refrigério, das CALMAS do dia (Bernardes N. F. I-477) – um dia, pois, que à sombra desejada se repousam, passando a CALMA ardente... Fernando, um deles diz (Durão C. c. I.º e. 33) fatigado da CALMA, se acolhia junto o rebanho à sombra dos salgueiros (Cláudio O. I-33) – não podem esquecer-nos os nossos veneráveis irmãos, os R. R. párocos... chamados a suportar conosco o pêso do dia e da CALMA na cultura da vinha do Pai de família (Seixas C. das O. I-5) os ramos sequiosos como que se penduravam para aplacar os ardores da CALMA (Rebello C. e L. 162) muita CALMA, hem? é de frigar ovos (Herculano M. de C. II-97). ENCALMAR = esquentar; abrasar (o sol): o ardor da sesta ENCALMA os gados e emudece os campos (Filinto P. 173) – estavam ENCALMADOS pela força do sol (Silvério V. D. V. 6) DESENCALMAR = aliviar o calor, refrescar, refrigerar: El-rei os mandou também assentar defronte dêle e mandava-lhes dar água às mãos para DESENCALMAREM porque, pôsto que fôsse inverno, não deixava de fazer calma (Castanheda H. do D. I-60) – D. Cipriana DESENCALMAVA-SE com uma taça de hidromel (Herculano M. de C. II-164).

33 – CASAL = casa de campo, vivenda.

Foi-se viver a seu CASAL, longe de Roma (H. Pinto I. V. C. II-4) *não há gôsto que chegue a semear terra minba... e viver no meu CASAL longe da côrte* (Arrais D. 71) *para que se veja como lhe pertence o CASAL, sôbre que litiga com seu vizinho* (Lucena A. P. II-99) – *vendo-se o capitão Sisara desbaratado... fugiu do campo, como qualquer particular soldado, té dar em um CASAL, em que vivia Abner Cineu e sua mulher Jael* (B. Brito M. L. I-71) *estava fugida da peste... em um CASAL que tinham no lugar da Torrugem* (Sousa V. do A. I-17) – *tenho próprio CASAL e nêle assisto* (Gonzaga M. de D. I) – *recolhia ao CASAL já noite* (Castilho G. I. III.º v. 187) *vive em companhia da mãe, em um CASAL, que lhe doou o seu protetor* (T. Vasconcelos P. A. D. 263) – *vêem-se, por entre latadas, branquejar CASAIS modestos* (Antero J. em P. 17).

34 – CATIVAR = tornar prisioneiro, reduzir a cativo

Indo uns homens para o CATIVAR e ficando dêle cativos, não permitiu que lhes fôsse feito mal algum (H. Pinto I. V. C. II-288) – *toparam com a armada do Dio que os CATIVOU e levou a el-rei de Cambaia* (Sousa A. D. J. II-67) *CATIVAMOS, entre outros, um seu modeliar* (Jacinto V. D. J. C. 247) – *o mais ordinário estilo dos piratas cristãos é contentarem-se com as fazendas e não CATIVAREM os donos delas* (Gaspar M. H. C. S. V. 227) *CATIVAR possa êle cedo os malditos filhos teus e todos contra um penedo, para punir-te, esmagar* (Caldas S. de D. 411) – *os granadeiros acutilados dispersam-se diante dos cavaleiros que os perseguem... CATIVANDO quase a cada passo, os que fogem* (Rebelo C. dos F. 270) *os homens dalém do mar mataram-lhe ou CATIVARAM-LHE mulher e filhos* (Herculano E. P. 171) – *não recebe com maior alvoroço, um cativo, a carta de liberdade... do que o jovem Antônio a notícia de poder CATIVAR para sempre o seu alvedrio ao doce jugo da obediência evangélica* (Silvério V. D. V. 12).

35 – COMETER = confiar, encarregar, entregar.

COMETEU primeiro ao bravo mar, num fraco pau, a vida (A. Ferreira P. L. I-125) – *aconselhava, a êste monarca um cortesão, que se eximisse de memórias de pobres, COMETENDO êste expediente a qualquer outro ministro* (Bernardes N. F. III-78) *chamavam a Madri as demandas portuguesas; COMETIAM-NAS a juízes castelhanos* (Arte 96) –... *estado em que se achavam os negócios de Portugal COMETIDOS aos dous embaixadores naquelas côrtes* (A. Barros V. A. P. A. V. I-21) *à vossa generosidade COMETO o mais* (Filinto O. C. X-37) – *a primeira educação moral dos nossos filhos, a quem é COMETIDA?* (Castilho F. pela A. 74) *COMETEU importantes encargos ao advogado da sua casa* (Camilo R. H. R. 243) – *aos mestres, pois, é que está COMETIDO o futuro da República* (E. C. Ribeiro P. L. E. 146) *na Alemanha a proteção das costas FOI COMETIDA à marinha* (Rui C. de I. 282) *sentia-se doente e COMETEU a carinhoso colega a incumbência de ler a conferência anunciada* (Laudelino N. e P. VI-31).

36 – COMPADECER-SE = ser compatível, conciliar-se, harmonizar-se, ajustar-se, coadunar-se.

Com as consolações dêste mundo, não SE COMPADECEM as de Deus (Arrais D. 87) como se COMPADECE num mesmo tempo estarmos e correremos, ficarmos e passarmos? (H. Pinto I. V. C. I-25) – duas inclinações que SE COMPADECEM mal em um sujeito, como são disciplina militar e perfumes de gente que professa vida ociosa (B. Brito M. L. I-43) é tanto como essencial ao nome de Maria uma filiação divina, que não SE COMPADECE com filiação puramente humana (A. de Sá S. N. S. M. 15) – nem esta tolerância, nem aquela ordem... SE COMPADECEM com a asseveração de que os governadores gerais trabalharam por impedir as invasões dos paulistas (Gaspar M. H. C. S. V. 232) orgulho é êsse que muito SE COMPADECE com a virtude (Filinto O. C. X-376) – em tôda a parte a soberana potestade estabelece as leis que mais SE COMPADECEM com a sua utilidade (Latino O. da C. intr. CCIII) o pai de Teresa não embicaria na impureza do sangue do corregedor, se o ajustarem-se os dois filhos em casamento SE COMPADECESSE com o ódio de um e o desprezo de outro (Camilo A. de P. 24) – ver... matronas da primeira nobreza acarretar água, preparar a comida SE COMPADECE tão pouco com os costumes, que aqueles fatos reais se nos figuram cenas imaginárias (Silvério V. D. V. 327) verdade seja que esta maneira de ver em crítica de arte... não SE COMPADECE por forma alguma com o dogmatismo catedrático de Edouard Scherer e Ferdinand Brunetière (Silva Ramos P. V. F. 62).

37 – COMPOR = reconciliar, harmonizar, fazer chegar a um acordo.

COMPOSIÇÃO = reconciliação.

O grande amor e obrigação que a êle, imperador, tinha, lhe descobriria um meio... que era COMPOR-SE ambas as coroas na questão que todavia durava (Sousa A. D. J. II-81) enfim partiram e COMPUSERAM a diferença (Jacinto V. D. J. C. 277) – dirigiu então o Padre Vieira a sua eloquência a COMPOR as vontades (A. Barros V. A. P. A. V. I-82) tinha ela... feito COMPOSIÇÃO com os berdeiros de M. Depreval (Filinto O. C. X-I45) – de repente e ao toque oficial da sinêta, COMPÕE-SE o tumulto (Lisboa O. C. I-I26) vinha conversar o seu pedaço com os anciões da terra, para saber as novidades e espreitar as rixas e discórdias afim de as COMPOR (Rebello C. L. II) – na última destas paragens foi, de indústria, chamado para COMPOR os habitantes discordes (Silvério V. D. V. 45).

38 – CONJUNÇÃO = circunstância, conjuntura, ocasião, ensejo, oportunidade.

Se por seus feitiços e astrologia acham boa CONJUNÇÃO e hora afortunada no primeiro dia de setembro, naquele o começam (D. Góis C. D. E. 98)... negócios grandes do reino, que Deus ordenaria que naquela CONJUNÇÃO se acumulassem (T. de Jesus T. de J. I-I12) – é tempo de dizermos alguma coisa do que, nesta CONJUNÇÃO, se fazia pelos nossos naturais em Ásia (Sousa A. D. J. I-I01) tal é pontualmente a circunstância e CONJUNÇÃO do tempo em que nos acabamos (Vieira S. XI-I06)... oferecendo-se-lhe muitas ocasiões de se restituir, dissimulou esperando CONJUNÇÃO de o fazer com sossêgo (Arte 74) – nesta CONJUNÇÃO caiu o forte de Inbobi (Jaboatão N. O. S. B. II-74) – de folgar

eram elas e sobradamente deleitosas naquela CONJUNÇÃO (Castilho Q. H. P. II-218)... *conseqüências que naquela melindrosa CONJUNÇÃO era necessário evitar* (Herculano B. I79) *esta era a CONJUNÇÃO favorável de Joaquim Luiz falar, ao pretendente de sua filha, em assunto de dote* (Camilo T. I. 46) *devem julgar-se os homens... nessa especial CONJUNÇÃO da vida em que foram singulares no seu modo de pensar* (F. Castro E. C. IV-I47) — *foi numa destas CONJUNÇÕES que o Sr. Bispo do Ceará, então seu companheiro, o encontrou* (Silvério V. D. V. 307).

39 – COPA = taça.

Tem-se usado ultimamente a palavra COPA no sentido de *taça* para indicar aquelas que são dadas, em prêmio, como troféus de vitórias esportivas: COPA ROCA, COPA RIO BRANCO, COPA MUNDIAL.

Queremos crer mesmo que os restauradores do antigo sentido deste termo não se foram inspirar na leitura dos autores clássicos, mas, sim, no vocabulário de línguas estrangeiras, como o inglês (*cup*) ou francês (*coupe*), que possuem o termo derivado do latim *cuppa-æ* e com esta significação de *taça*. Mas tenham tido ou não a má intenção de pôr em voga mais um estrangeirismo, o fato é que contribuíram para ressurgimento popular de um termo genuinamente português, usado pelos autores antigos e também por clássicos mais recentes.

Farei como já fêz um inocente, um rústico pastor dentre as manadas, que água of'receu em mãos lavadas a Xerxes; bebeu êle e santamente jurou que não bebera té o presente com tal sabor, por COPAS douro obradas (Sá Miranda O. C. I-305) *tirando-lhe o coração pelas costas e metido nesta COPA o mandou apresentar a sua filha... a princesa... tomou a COPA nas mãos* (F. Moraes P. de I. 73) *depois de ser tomada tôda a cidade, com glória de Anfitrião bem ganhada; como em sinal de vitória, esta COPA lhe foi dada; por ela bebia el-rei, enquanto a vida queria* (Camões T. 32) — *haverás válido coche, três corcéis, linda COPA que em sagradas libações dêste amigo te recorde* (O. Mendes Od. I. IV.º v. 451) *em fundos vasos dalvacenta argila ferve o cauim; enchem-se as COPAS; o prazer começa, reina o festim* (G. Dias P. II-I18) *nenhum punhal trago, que não se embainhasse nalgum coração; nem COPA brilhante que não propinasse veneno terrível aos lábios de um são* (Castilho F. 331) *seguindo o exemplo do conde de Seia, os cavaleiros pegaram a um tempo nas taças: À saúde — exclamou D. Henrique — levantando a sua COPA cheia a trasbordar* (Herculano M. de C. I-I96) — *voltara-se aos tempos de D. Diniz, das grandes e ricas baixelas, em que as COPAS, os pichéis e as escudelas eram de ouro e prata* (Antero L. T. I37).

40 – CORRER (A OBRIGAÇÃO) = incumbir, caber, pertencer, tocar.

CORRE-ME a obrigação de o avisar em secreto (Bernardes N. F. I-I41) — *havia dez, a quem CORRIA particular obrigação de defender os interesses da pátria* (Lisboa O. C. I-24) *quanto mais apertada nos não CORRERÁ ainda a obrigação de lhe não deixarmos improdutiva a nossa razão* (Castilho F. pela A. I66) *aos infelizes CORRE maior obrigação de averiguarem os caminhos, por onde teriam*

alcançado a quietação (Camilo T. I. 259) – CORRIA-LHES obrigação rigorosa de elegerem não só o mais digno, senão quem fôsse positivamente digno de reger as almas (Silvério V. D. V. 86) a obrigação CORRE desde o momento em que se fala (Rui R. n.º 157 pg. 74).

41 – CORRER-SE DE = envergonhar-se de.

Não TE CORRAS DE mim (Gil T. 193) quem SE CORRE DE mim diante dos olhos do mundo, eu ME CORREREI dêle diante de meu Padre Eterno (T. de Jesus T. de J. I-222) – vejamos o que o demônio hoje fêz por uma alma albeia, para que nós NOS CORRAMOS e confundamos DO pouco que fazemos pelas próprias (Vieira S. III-II) – DE vício tal, se é vício, não ME CORRO (Bocage Son. 94) – não VOS CORREIS DO vil papel de rufiões que estais fazendo? (Garrett. Alf. de S. 218) os pais CORREM-SE DE ver que seus filhos... lbes deitam a barra adiante (Castilho C. A. 92) não SE CORRA DE ter um dia escrito que o padre é ignorante porque o não ensinam (Camilo R. H. R. 31) – nada menos do que sete amancebados se apresentaram instando para que fôssem recebidos a legitimar... as uniões criminosas, DE que já agora SE CORRIAM (Silvério V. D. V. 223) ninguém SE CORRA DESSAS cicatrizes (Rui C. L. 258) basta citar Rui Barbosa que não SE CORRE DE utilizá-lo (Sá Nunes A. L. N. I-49).

42 – CREDO = pequeno espaço de tempo, o suficiente para se rezar um CREDO.

Em menos de um CREDO se fizeram todos à vela (F. M. Pinto Per. I-18) – em menos de dois CREDOS, a rua ficou despejada (Rebelo D. N. T. G. S. P. I50) se vossenboria é servido do nosso almôço – bradava o moleiro – não tarda aí um CREDO (Herculano L. e N. II-I67) a pouca distância daquele alpendre, obra de seis CREDOS, não mais, achamos outra multidão de gente (M. Assis P. A. I65) peste me rape, antes de um CREDO (Castilho Av. II2).

43 – CUMPRIR = completar.

E por ser já CUMPRIDO o ano do falecimento del-rei D. João, lbe mandou el-rei D. Emânuel... fazer um solene saimento (D. Góis C. D. E. 31) em cada um dos cinco, cinco pinta, porque assim fica o número CUMPRIDO (Camões L. c. III.º e. 54) –... não esperando que CUMPRISSE quatro anos (Sousa A. D. J. I-8) chegando a Belém, SE CUMPRIRAM e encheram os dias do sagrado parto (Vieira S. V. II4) e passados assim três anos, quando Angelina CUMPRIA os quinze e João de Têrmis, os vinte e um, cortou Deus a vida dêste (Bernardes N. F. II-346) – e fizeram vir os nazarenos que tinham CUMPRIDO os seus dias (Pereira B. S. I.º Macabeus cap. III.º v. 49) – CUMPRIDOS doze anos, D. Inigo voltou (Rebelo C. e L. 21) morei lá vinte anos CUMPRIDOS (Garrett F. L. S. 74) Gonçalo Mendes de Maia, o velho fronteiro de Beja, CUMPRIA os noventa e cinco anos (Herculano L. N. II-86) êstes honrados embaixadores... três meses CUMPRIDOS estanciarium em Macedônia (Latino O. da C. IO) – a despeito dos meus oitenta janeiros hoje CUMPRIDOS, ainda me não aborrece o vosso convívio (E. C. Ribeiro P. L. E. I63).

44 – CURAR DE = cuidar de, tratar de, procurar, dar atenção a, lembrar-se de, interessar-se por.

Os nossos pregoeiros não CURAM já DE dar brados (Sá Miranda O. C. I-297) *meus duros pais não CUREM DE cansar-me* (A. Ferreira P. L. II-225) *levanta-te, rei, e vai CURAR DE negócios que Deus quis que CURASSES* (Couto S. P. 22) – *DESTAS povoações e de outras muitas que lhe atribuem com pouca autoridade, não CURO muito* (B. Brito M. L. I-42) *não CURAMOS DE o guardar dos ladrões* (Bernardes N. F. I-I13) – *deixou, pois a Lísias... para que tivesse cuidado dos negócios do reino... e outrossim CURASSE DA educação de seu filho Antíoco* (Pereira E. S. I.º Macabeus cap. III.º v. 32) *DE humanos feitos eu já nada CURO* (Caldas S. de D. 50) – *tiravam aos cidadãos e mais arraia-miúda tudo aquilo de que precisavam, sem CURAR DE saber quanto custava* (Herculano M. de C. I-225) *ninguém CURAVA DE saber dos negócios da casa* (Camilo T. I. I33) – *o admirável colorista do estilo... nem sempre CURAVA DA sua pureza* (Rui R. n.º I44 pg. 66) *melhor é que quebre a pena e vá CURAR DE outro ofício* (M. Barreto N. E. L. P. 17).

45 – DESAMPARAR = não só deixar ao desamparo uma pessoa, mas abandonar, em todo o sentido da palavra, mesmo tendo por objeto coisa material ou noção abstrata.

DESAMPARARAM muitos a vida (Camões L. c. V.º e. 81) *o azougue, tendo liga e união com o ouro, o DESAMPARA, tanto que lhe dá o fogo* (H. Pinto I. V. C. III-239) – *os feridos e enfermos DESAMPARARAM os leitos e os remédios* (Jacinto V. D. J. C. I15) *é ingratição atravessada de aleivosia, DESAMPARAR o homem aquela doutrina que recebeu de seus maiores* (F. M. Melo A. D. 217) – *os que DESAMPARARAM ao Senhor, serão consumidos* (Pereira B. S. Isaías cap. I.º v. 28) *DESAMPAROU o fôro e forenses lidas para se retrair ao campo* (Filinto O. C. IX-252) – *a minha idéia era menos subida, sendo-o todavia tanto, que por me sentir desigual, a DESAMPAREI* (Castilho N. do C. I66) *prouvera a Deus... que nos fôsse lícito DESAMPARAR êstes muros* (Herculano E. P. I40) *desanimado... DESAMPAROU o processo e foi para os seus* (Camilo Est. P. 96).

46 – DESENHO = plano, empresa, projeto, desígnio. DESENHAR = planejar, projetar.

Não queria o inimigo mais que saber o DESENHO de seu i(ni)migo (Couto S. P. 7) – *com o DESENHO que traz, impaciente, a carta escreve* (R. Lobo C. de P. 37 v.) *com facilidade dava conta de seus conceitos e DESENHOS* (Sousa V. do A. I-341) *êste, sabendo por inteligências secretas, os DESENHOS de Cofe Sofar... escreveu ao governador* (Jacinto V. D. J. C. 72) – *a um tempo DESENHARAM os inimigos duas emprêsas* (Pita H. A. P. I30) *pacíficos me falam, mas irados murmuram DESENHANDO dolo borrendo* (Caldas S. de D. I69) – *... ao saberdes, pelos recados da embaixada, os DESENHOS de Filipe* (Latino O. da C. II) *Pelágio expôs, em breves palavras, os seus DESENHOS para obter dos árabes um triunfo completo* (Herculano E. P. 258) – *com êste DESENHO, acomete outra vez todos os enojos de esmolar* (Silvério V. D. V. 22).

47 – DESVELADO = desperto, em vigília, sem dormir. DESVELAR = privar do sono, tirar o sossego. NOITE DESVELADA = noite em que não se dorme.

...*Matéria que DESVELOU muitos engenbos* (Jacinto V. D. J. C. II) *um irmão monge cluniacense, estando de noite DESVELADO na sua cama...* (Bernardes N. F. II-471) – *determinaram resolutos ocultamente partir-se e obedecer sem demora à voz interior que os DESVELAVA* (A. Barros V. A. P. A. V. I-173) – *ao cabo de tantos dias de trabalho ininterrupto e não poucas NOITES DESVELADAS até sol fora, saiu a presente versão* (Castilho F. I2) *fugiam as horas do dia; as do silêncio, na breve noite que se seguiu, passou-as DESVELADAS, a pobre mãe* (Camilo R. H. R. 88).

48 – DISCURSO = raciocínio, razão, cálculo.

Perguntado Anaxágoras, dum homem depravado e de fraco DISCURSO, quem era bem-aventurado, respondeu: não por certo quem tu cuidas que o é (H. Pinto I. V. C. IV-292) – *porém logo lhe mostrou o sucesso quão errados são muitas vêzes os DISCURSOS do juízo humano* (Sousa A. D. J. I-2) *trouxeram para defender a cidade dous mil soldados pagos, que, com a milícia da terra, fizeram número bastante a defendê-los, conforme a seu DISCURSO* (Jacinto V. D. J. C. 47) *quem pelo DISCURSO humano presume esquadrinhar os juízos divinos, sonda o mar com uma bóia* (Bernardes P. E. 239) – *quais fôssem os atos particulares de abatimento e humildade... bem o infere o DISCURSO, ainda que os não pode individuar a notícia* (A. Barros V. A. P. A. V. I-30) *o sentimento privou-me do DISCURSO* (Gonzaga M. de D. 197) *a mais pura alegria é aquela que gozamos no tempo da inocência, estado venturoso em que nada distinguimos por DISCURSO, mas por instinto* (M. Aires R. V. H. I44) – *o que pede o bom DISCURSO é que, por um fato ser verdadeiro, não tiremos dêle consequências mais gerais do que nêle se contém* (Castilho C. A. 155) – *foi receber no Céu o prêmio de suas muitas virtudes, quanto podemos alcançar pelo DISCURSO humano* (Silvério V. D. V. 32).

49 – DISCURSO = decurso

É razão que no capítulo seguinte trate algumas particularidades do DISCURSO da sua vida (D. Góis C. D. E. 8) *que foi o nascimento de Cristo e sua morte e todo o DISCURSO de sua vida senão uma reprovação da falsa sabedoria do mundo?* (H. Pinto I. V. C. I-67) – *inda hoje a conserva, como diremos no DISCURSO da história* (B. Brito M. L. I-48) *veio o DISCURSO do tempo a abrir os olhos aos mouros* (Sousa A. D. J. II-171) *do que achava pelo DISCURSO do ano, se vestia e pagava as casas* (F. M. Melo A. D. 92) – *a cada passo que damos no DISCURSO da vida, se nos oferece um teatro novo* (M. Aires R. V. H. 97) – *apontaremos aqui a seu favor o que no DISCURSO desta obra teremos ocasião de desenvolver mais largamente* (Castilho Q. H. P. I-83) *na margem direita do Tejo... jaz assentada a fortaleza que... depois, pelo DISCURSO de muitos anos, se chamou de S. Gião* (Latino A. e N. 101).

50 – DIVERTIR = afastar de um assunto (a atenção ou o pensamento de alguém).
DIVERSÃO = mudança de assunto ou de objeto.

E perdoe-me V. Mercê, que me DIVERTI da eleição da cidade, em que ia tratando (Couto S. P. I 19) – *o rei daquele intento o DIVERTIA* (R. Lobo C. de P. 42 v.) *por nos DIVERTIR a atenção* (Jacinto V. D. J. C. I 40) *DIVERTIU êle a prática, dizendo graciosamente...* (Bernardes N. F. I-71) – *traça que... o demônio costuma intrrometer para DIVERTIR as operações do espírito* (Jaboatão N. O. S. B II-133) – *Vossa Paternidade pode ditar a lei... exclamou o ministro, tentando a DIVERSÃO para melhor conhecer o inimigo* (Rebelo M. D. J. II-12) *um correr de cavalos... lbes DIVERTIU a atenção* (Herculano E. P. 201) *nada que DIVIRTA a atenção pausada do leitor* (M. Assis M. P. B. C. 42) *do assunto predileto DIVERTIA as atenções* (Latino E. C. 30) *o salvarem a filha e a irmã foi para Maria e Jerônima DIVERSÃO de angústia, mas não de saudade do espôso e pai* (Camilo T. I. 133) – *não permite DIVERTIR o coração e a inteligência dos infortúnios da pátria* (Silva Ramos P. V. F. 39).

51 – EMBORAS não só significa adeuses, despedidas (*Naqueles quatro lenhos que soltam as velas em frente do Restelo, ante as copiosas lágrimas e os simpáticos EMBORAS de uma numerosa povoação, naquelas quatro galés... vai a fortuna de Portugal e os destinos da moderna Europa* (Latino A. e N. 78) mas também parabéns, felicitações.

Os príncipes da Ásia com ambiciosas mensagens lbe deram EMBORAS da vitória (Jacinto V. D. J. C. 211) – *senhor conde de Ourém, dignai-vos aceitar os sinceros EMBORAS, os parabéns do coração* (Garrett Alf. de S. 152) *os sonhos das noites me vinham todos povoados de inumeráveis e cordiais abraços, de EMBORAS, perguntas e respostas de bons amigos* (Castilho F. pela A. 138) *ninguém lbe apertou a mão, dando-lbe os EMBORAS de sair vivo dos ferros* (Camilo F. D. N. 86) – *veio ter com êle certo sujeito e, entre EMBORAS pela distinção tão merecida quão pouco procurada, perguntou se seu condado era alguma povoação nesta província* (Silvério V. D. V. 317).

52 – ENGENHO = talento, aptidão natural, inteligência.

O que é Deus, ninguém o entende, que a tanto o ENGENHO humano não se estende (Camões L. c. X.º e. 80) *nas cousas sobrenaturais está cego o ENGENHO humano* (H. Pinto I. V. C. I-61) – *o ENGENHO humano, como os próprios humanos, necessita de alguma variedade, para que produza obras convenientes* (F. M. Melo A. D. 55) *por não parecer que só chegava seu ENGENHO a cousas rústicas e grosseiras, o exercitou nas políticas* (B. Brito M. L. I-94) – *determinou-se, pois, a alistar-se na Companhia de Jesus onde, para cultivar seu ENGENHO, tinha oportunidade* (A. Barros V. A P. A V. I-8) *nos homens de grande ENGENHO, vêm-lbes as idéias como de nascença* (Filinto O. C. IX-467) – *negação para o teatro em um povo de tanto ENGENHO, em que outros ramos de literatura se têm cultivado tanto...* (Garrett F. L. S. 134) *tinha um ENGENHO prodigioso para a poesia* (Castilho F. pela A. 96) *instou-me o amigo; encareceu-me, benévolo, os dotes do meu ENGENHO* (Latino F. de M. 71) – *não abona pouco o ENGENHO e aplicação dêste jovem o ter acabado em tão pouco tempo matérias tão difíceis e importantes* (Silvério V. D. V. 9) *os ENGENHOS humildes e medíocres discorrem com mais segurança* (Laudelino N. e P. IV-22).

53 – ENTENDER EM = aplicar-se a, dedicar-se a, trabalhar em, cuidar de, estudar, preocupar-se com.

Eu dissimulei fazendo que ENTENDIA EM outras cousas (Sá Miranda O. C. II-159) morta a rainha princesa, el-rei D. Emânuel... começou logo a ENTENDER NO que cumpria aos legados (D. Góis C. D. E. 66) os franceses iriam ENTENDER EM obras virtuosas em que desejavam de se ocupar (H. Pinto I. V. C. II-322) – cuidou el-rei ter concluída a paz entre os sobrinhos e, contente, ENTENDIA EM se tornar para Espanha (B. Brito M. L. I-54) detiveram-se dous dias sem acabarem EM que ENTENDER mais que montaria e caça (Sousa A. D. J. II-9) – um alargou os limites de seus imensos Estados e ENTENDEU (com firmeza ao menos) NA governança dêles (Garrett P. B. E. 96) ENTENDEU Catão principalmente NOS meios mais eficazes de extirpar a corrupção eleitoral (Lisboa O. C. I-61) para ENTENDEREM NOS aprestos de cada galé, chamar-se-ão... dezesseis trierarcas (Latino O. da C. 35) assim o executavam, ENTENDENDO NISSO Augusto (O. Mendes V. B. 12) a questão do trabalho dá-me cem vêzes mais EM QUE ENTENDER que essoutras das formas políticas do govêrno (Castilho C. A. 158) Jerônima era a menos bela e a mais varonil no gênero de labor a que se dava em casa, ENTENDENDO NO tráfico, na labutação e na contabilidade (Camilo T. I. 25) – além da vida temporal de que estávamos tratando e da sobrenatural, EM QUE dentro em pouco ENTENDEREMOS, temos a vida social (Silvério E. dos F. 16).

ENTENDER COM = tem o sentido de referir-se, dizer respeito a.

Vergília tragou, raivosa, êsse malôgro... não pela cousa em si, senão porque ENTENDIA COM o filho (M. Assis M. P. B. C. 268) – conhecida a escassez do nosso meio artístico, mormente no que ENTENDE COM a educação da voz humana, bem se compreende a dificuldade da empresa (Laet V. de P. ano XI.º n.º 21 pg. 1283).

54 – ESTAR QUE, ESTAR EM QUE = opinar que, julgar que.

Também ESTAVA EM QUE tanto são as leis para socorrer os cidadãos, quanto o são para intimidá-los (Filinto O. C. IX-82) – com pequenas correções na forma, ESTOU EM QUE será útil e agradável a Deus e à Igreja (Rebello M. D. J. I-53) ESTOU EM QUE te há de tratar sempre muito bem (Castilho M. U. M. 251) se êle quisesse agora, em tão douto areópago, recitar qualquer coisa, ESTOU QUE mui bem pago ficara (Castilho Sab. 135) ESTOU QUE a beleza de Leonor não fascina ninguém (Camilo R. H. R. 223) sei que é bom e ESTOU QUE é sincero (M. Assis Q. B. 224) – ESTOU QUE, nem por ser de Latino Coelho, será das mais bem soantes a locução “nunca pôde” (Rui R. n.º 43 pg. 26) força-me a gentileza da sua carta a estas confabulações, as quais ESTOU QUE ninguém lerá (Laudelino N. P. IV-21) refletisse o Dr. Rui Barbosa... e ESTOU QUE não seria tão iníquo como foi (E. C. Ribeiro Tr. 512).

55 – FÁBRICA = construção.

Tomando-o pela mão, o leva e guia para o cume dum monte alto e divino, no qual na rica FÁBRICA se erguia, de cristal tôda e de ouro puro e fino (Camões L. c. IX.º e. 87) – começou a FÁBRICA daquela

maravilhosa arca (B. Brito M. L. I-6) *continuaram os nossos a FÁBRICA da igreja com maiores despesas* (Jacinto V. D. J. C. 42) *a FÁBRICA do Tabernáculo, não a encomendou Deus a Arão* (Vieira S. XI-40) —... *cujas rendas empregam no culto divino, FÁBRICA de templos, socorro de pobres* (Pita H. A. P. 96) *que maior prova do que a FÁBRICA de um elevado mausoléu?* (M. Aires R. V. H. I) *há por todo o Brasil, em quantidade, madeiras para FÁBRICAS* (Durão C. c. VII.º e. 53) — *Domingos Botelho... começou a FÁBRICA de um palacete* (Camilo A. de P. IO) *as nações na idade primitiva legam as suas tradições nas FÁBRICAS ainda bárbaras da sua arquitetura* (Latino A. e N. 84) —... *cedeu todo produto para a FÁBRICA de sua catedral* (Silvério V. D. V. 158) *a outros cabe a honra de ter erigido o belo edifício; Frei Palácios, porém, se não ergueu tamanha FÁBRICA, edificou outros templos* (Laet A. I. ano II.º n.º I.º pg. 8) **FABRICAR** = construir: *FABRICARAM os antigos romanos a estátua da deusa da agonia com um cadeado e um sêlo na bôca* (H. Pinto I. V. C. IV-114) *chegamos à porta de uma grande sala térrea FABRICADA ao modo de igreja* (F. M. Pinto Per. II-24) **FABRIQUEI** *uma estreita celinha* (Bernardes N. F. 333) — *mandou FABRICAR o novo templo* (Pita H. A. P. 320) *de tôdas as pedras que um artifice traz para FABRICAR uma casa...* (Sacramento V. H. P. 270) — *no recinto derrocado de uma cidade antiga e suntuosa se FABRICAM e aprimoram os monumentos de uma nova civilização* (Latino O. da C. intr. CIX).

56 – FACÇÃO = feito, façanha.

Ouviu diversas vêzes a Barba-roxa que lhe persuadiu serem os úteis desta FACÇÃO maiores que as dificuldades (Jacinto V. D. J. C. 15) — *seu sobrinho Antônio Muniz Barreiros... foi a quem persuadiu o animoso tio, tomasse à sua conta coroar os passados merecimentos com FACÇÃO tão ilustre* (A. Barros V. A. P. A. V. I-75) — *D. Sancho acompanhara seu pai no infeliz recontro do Arganbal contra el-rei de Leão, sendo talvez esta mal sucedida FACÇÃO da sua infância um como preságio das desventuras e reveses que lhe entristeceram os últimos dias da vida* (Castilho Q. H. P. II-200) *as maiores FACÇÕES nas terras africanas tinham dado um renome, difícil de igualar, a D. João I.º e a Afonso V.º* (Latino A. e N. 77).

57 – FALECER = faltar.

Já a ela lhe ia FALECENDO a fala (Bernardim M. e M. 33) *só me FALECE ser a vós aceito* (Camões L. c. X.º e. 155) *onde FALECE a graça, ainda que sobeje a ciência, não são os entendimentos tão claros, que não vivam às escuras* (H. Pinto I. V. C. I-17) — *não cuide o inimigo que o intento com que me ofereci, já me FALECE* (R. Lobo C. de P. 41) *entrei em lugar da chapa que FALECIA e ficou tudo feito* (F. M. Melo A. D. 83) — *cobrem com seu amparo a outros literatos, a quem sobra em luzes o que lhes FALECE em cabedais* (Filinto O. C. IX-384) — *o espírito de meu pai desceu do céu e veio unir-se ao meu, trazer-lhe tôda a fôrça e virtude que FALECIAM numa criança* (Garrett Alf. de S. 211) *em vossas casas FALECE a prata e o cobre* (Castilho F. pela A. 93) *estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira com os outros pecados que me não FALECEM* (Herculano L. e N. I-249) *FALECIAM-LHE fôrças para o trabalho* (Camilo R. H. R. 153) — **FALECEM-NOS**

elementos para a constituição de um idioma (Leda Q. L. B. 8) como vê o Sr. G. P., FALECEM regras absolutas, mas há normas mais ou menos seguras (Cândido F. e E. I-262).

58 – FAZER CABEDAL DE = dar apreço a alguma coisa, tê-la em grande conta, ligar-lhe importância, levá-la em consideração.

Já nenhum pretendente discreto FAZ GRANDE CABEDAL DÊLES, como de ministros que ouçam (R. Lobo C. na A. 74) – César, SEM FAZER CABEDAL DE semelhante exigência, o fêz passar a Catão (Lisboa O. C. I-72) aos outros ninguém procura fazer mal, ou porque êstes se entendiam com o povo, ou porque o povo FAZIA DÊLES POUCO CABEDAL (Herculano C. V. 98) José Augusto contou-me um sucesso vulgar de amuos e despeitos; não FIZ CABEDAL DA história (Camilo N. B. J. M. 82) – os cônegos eleitores FAZIAM TÃO BAIXO CABEDAL DOS bons costumes de um sacerdote que não reputavam parte, para excluir do primeiro lugar da diocese, a falta dêles no sujeito que haviam de eger (Silvério V. D. V. 87) não fiz DAQUELE reparo, ali incidentemente inserido, GRANDE CABEDAL (Rui R. n.º 42 pg. 25) não fiz grande CABEDAL da terminação “ente” (E. C. Ribeiro Tr. 83).

59 – FELICITAR = tornar feliz.

Êste acredita ao servo que obedece; FELICITA ao rei que manda (Cláudio O. 59) de o FELICITAR capaz não era nem a glória (Bocage Son. 37) o númen que os trabalhos de um humano desta sorte FELICITA... não é um númen tirano (Gonzaga M. de D. 164) – era terrível exemplo para a Europa ver... um povo verdadeiramente FELICITADO por seu rei (Garrett P. B. E. 124) acusavam-o... de se FELICITAR com os alheios males (Rebello C. dos F. 45) Deus guarde e FELICITE a sagrada pessoa de V. M. I. (Seixas C. das O. II-17) não sou eu sôzinha a FELICITAR meu primo: são as orações das nossas mães e o amor angélico dos nossos filhinhos (Camilo A. de S. 215) – caíam... sôbre as cabeças dos promotores desta festa... FELICITANDO-LHES o lar, as pérolas de aljôfar (E. C. Ribeiro P. L. E. 148) destinada a FELICITAR-NOS... essa peça legislativa deve ter a luminosidade de tôdas as aparições (Laet J. do C. ano 65 n.º 135 pg. I.^a col. 6.^a).

60 – FENECER = acabar, terminar, morrer.

E se do mundo mais não desejas, vosso trabalho logo aqui FENECE (Camões L. c. VI.º e. 93) vêdes aqui... quão asinha FENECEU sua vida (H. Pinto I. V. C. II-232) – deixai-me já FENECER o meu conto (F. M. Melo A. D. 12) lembrado vives, no coração de todos retratado, como se nunca foras FENECIDO (Botelho M. do P. 123) – começava ao FENECER do dia (A. Barros V. A. P. A. I-102) o louvor, depois do homem estar morto, FENECE, tornando-se como num puro nada (Pereira B. S. Eclesiástico cap. XVII v. 26) de meus dias FENECE o fio avaro (Caldas S. de D. 146) – (esta imensa autoridade) pode-se dizer que FENECEU de todo com a monarquia militar dos imperadores (Lisboa O. C. I-39) oh! morte, amiga morte, é sôbre as vagas, entre escarcéus erguidos, que eu te invoco,

pedindo-te, FENEÇAM meus dias aborridos (Herculano P. 70) – *destas palavras FENECIDAS ficam de ordinário vestígios nos compostos ou derivados* (M. Barreto F. L. P. 93).

61 – FIAR = ser de opinião, crer.

FIAIS *que lbes valerá mais a vossa providência ímpia, o seu intento, do que a providência de Deus?* (Bernardes P. P. P. 96) – *tal é o meu caminho e FIO que lbes preste* (Castilho G. I. III.º v. 373) *se... atentais maduramente em minbas palavras, FIO que vos pareçam oportunas* (Latino O. da C. 60) – *FIO que bastará a meditação dessas poucas palavras para acender os mais frios sacerdotes do mundo* (Silvério V. D. V. 159) *fico e podeis FIAR.... que será esta que há de vencer* (Silva Ramos P. V. F. 175).

62 – FICAR = garantir, assegurar.

Tranqueiras, baluartes, lanças, setas, tudo FICO que rompas e submetas (Camões L. c. X.º v. 57) *tudo o que V. Excelência quiser saber dêle ouça-o que êle o dirá sem importunação e eu FICO que se satisfaça dêle* (Couto S. P. 2) *fazei vós por onde sem risco de vossa alma se possa esforçar êsse corpo e eu vos FICO que cessem os vossos ais* (Arrais D. 107) – *eu vos FICO que nem por isso tina pior a vossa campanha* (F. M. Melo A. D. 15) *não se metam os mesmos inimigos pelos raios de sua justiça, que eu FICO que êle sòmente os busque com flores de sua misericórdia* (A. de Sá S. N. S. M. 14) *se continuardes êste exercício, eu FICO que brevemente vos acheis tão outro que vos não conheçais* (Bernardes P. P. P. 112) – *se êste bom imperador... volvesse hoje ao mundo... FICO que não se faria rogar para expedir circulares garantindo a liberdade de voto* (Lisboa O. C. I-80) – *FICO que quem o ler com pausa e reflexão difficilmente poderá negar-lhe a palma* (Silvério V. D. V. 49) *FICO e podeis fiar... que será esta que há de vencer* (Silva Ramos P. V. F. 175).

63 – FORTUNA = sorte, destino.

Tamanha pressa dava já a FORTUNA ao desastre (Bernardim M. e M. 60) *mas se a FORTUNA tanto me sublima que eu torne à minha pátria...* (Camões L. c. VIII.º e. 68) *magnânimo é... quem sofre temperadamente a próspera e adversa FORTUNA* (J. Barros Pan. 121) – *pretendendo êles todos quebrar as fôrças do inimigo, com um desdém manifesto da FORTUNA que nestas suas mudanças se estava deleitando* (Esperança Exc. 122) *não dilatou muito, el-rei, o negócio a quem FORTUNA mostrava tão assombrado rosto* (B. Brito M. L. I-75) – *experimentou, aos doze dias, tão contrária FORTUNA que... aos vinte e quatro de abril avistou ignorada terra e jamais sulcada costa* (Pita H. A. P. 3) *a mísera FORTUNA não maldigas, espôsa* (Cláudio O. 170) *quem debaixo do açoite da FORTUNA aflito geme* (Gonzaga M. de D. 98) – *seja o que lembras, se a FORTUNA o aprova* (O. Mendes E. I. IV.º v. 113)... *um homem desterrado pela FORTUNA para além-mar* (Castilho F. pela A. 112) *iam dispostos a segui-lo, na sua boa ou má FORTUNA* (Latino F. de M. 147) – *não sei por que boa FORTUNA me coube o saudar-vos hoje* (E. C. Ribeiro P. L. E. 189) *faziam extremos de contentamento, por lbes haver sua boa FORTUNA deparado tal sacerdote* (Silvério V. D. V. 58).

64 – FORTUNA = boa sorte, dita, felicidade.

Rui Freire... navegando aquêlê dia e outro com FORTUNA, avistou a costa de Dio (Jacinto V. D. J. C. 175) *cederam finalmente, os holandeses, à FORTUNA das nossas armas* (S. Maria A. H. I-161) – *fôra o primeiro que atacara a batalha do Canal, com tanto esforço como FORTUNA* (Pita H. A. P. 238) *da FORTUNA à desgraça o passo é curto* (Bocage P. VI-271) *tendo o seu patrocínio, podeis estar descansado, que tudo vos sucederá com FORTUNA* (Sacramento V. H. P. 110) – *traduzo muitas vêzes, copio outras... no precioso manuscrito que tive a FORTUNA de achar* (Garrett Arc. de S. 182) *Damião... deu um empurrão à porta que por FORTUNA não estava fechada a chave nem ferrólbo* (M. Assis P. R. 4) *a aia protestou vingar-se denunciando o réu... se tivesse a FORTUNA de averiguar quem fôsse* (Rebelo L. e T. II-67) *na indulgência dos senadores adversos ao divórcio... transparece uma dessas debilidades que têm sido... a desgraça das opiniões moderadas e a FORTUNA das radicais* (Rui D. e A. 9) *há ruins que têm FORTUNA, não é verdade?* (Cândido F. e E. I-138).

65 – GANÂNCIA = ganho, lucro.

Calar os apetites é conhecida GANANCIA da alma (Chagas C. E. 106) *ora em água revólta acham maior GANANCIA os pescadores* (Arte 106) – *e serão as suas negociações e as suas GANANCIAS consagradas ao Senhor: não serão guardadas nem entesouradas* (Pereira B. S. Isaiás cap. XXIII v. 18) – *deixa que eu medre e sôlbo corpulento repescado por ti, grossa GANANCIA te alcance* (Filinto O. C. VI-198) – *esta reação religiosa que os especuladores quiseram logo converter em GANANCIA* (Garrett V. M. T. 77) *a hipocrisia tem neste mundo a sua GANANCIA e êles bem sabem que eu nada tenbo ganhado* (Camilo R. H. R. 42).

66 – GESTO = semblante, fisionomia.

Afeiçoada ao GESTO belo e tenro, deseja de comprar-vos para genro (Camões L. c. I.º e. 16) – *todos no GESTO e côres demonstravam alvoroço, prazer, gôsto e alegria* (R. Lobo C. de P. 16v) *a tristeza e desconsolação, que seu GESTO representava, era muito menos da que interiormente atribulava sua alma* (Sousa V. do A. I-30) – *grita, lavado em pranto o GESTO lindo: ai de mim* (Bocage Son. 41) *quando um por outro na rua passa, se ela diz graça ou muda o GESTO, esta negaça faz-lbe impressão* (Gonzaga M. de D. 46) *demonstrava no GESTO, quando pela manhã veio, cansaço e desalinho* (Filinto O. C. X-29) – *a outra de GESTO magro e macilento* (Garrett F. F. C. 72) *não era Henrique não, segundo entendo, até mui diverso em GESTO e corpo* (Castilho N. do C. 35) *os toques belos e puros do seu GESTO formoso e varonil transpareciam-lbe a custo através do véu da muda tristeza que lbe entenebrecia a frente* (Herculano E. P. 12) *o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o GESTO do cocheiro; os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde com um grande ar de superioridade* (M. Assis Sem. 28) – *na palidez habitual do GESTO revia a bondade, a simpatia, a doçura do costume* (Rui E. C. IV-6).

67 – GOVERNANÇA = governo (sem o sentido depreciativo).

Êles nos instruem na GOVERNANÇA da vida corrutível para alcançarmos a imortal (H. Pinto I. V. C. III-23) *recebem da côrte os despachos ordinários e mandam executar os próprios nas cidades e lugares de suas GOVERNANÇAS* (Lucena A. P. II-219) – *não queriam vender pão fiado a alguns senhores da GOVERNANÇA* (Arte 49) – *ao som do sino da cidade convocou as pessoas da GOVERNANÇA e povo que costumavam assistir àquele ato* (Pita H. A. P. 200) – *vós, chanceler, sabeis de direito e de regimentos e da GOVERNANÇA e de tudo o que tange à paz e assossêgo do reino* (Herculano M. de C. II-33) *em ambos os reinos da Península Ibérica se espaçavam mais e mais as convocações das côrtes que ateli tinham parte... na administração e GOVERNANÇA da coisa pública* (Garrett P. B. E. 22) – *alcaldes, alvazis, meirinhos e corregedores políciam a GOVERNANÇA e administram justiça* (Antero J. em P. 77).

68 – HAVER = julgar, compreender, ter por certo.

Os estóicos HAVIAM que era fraqueza a compaixão (Arrais D. 65) *um dos fundamentos por que os brâmenes têm tanto respeito às vacas é por HAVEREM que no corpo desta alimária fica uma alma melhor agasalhada que em nenhum outro* (Lucena A P II-27) *HOUE o padre que era escusado repetir-lhes mais* (Couto S. P. 14) – *este capitão que Bramaluco se chamava... HOUE que era tempo de se restituir no que tinha por fazenda própria* (Souza A. D. J. II-153) – *o comendador... HOUE que era prudência aguardar ocasião mais favorável* (Filinto O. C. X-181) – *HAVIA cada um dêles que não era nascido só para seu pai e sua mãe, senão principalmente para a pátria* (Latino O. da C. 69) *HOUEMOS que seria melhor arbítrio cerrarmo-nos à parte do silêncio* (Castilho O. H. P. II-180) – *acabou o Padre Franco de confirmar-se no primeiro júizo que aquêlo propósito era sólido e vinha do céu; e HOUE que não devia espaçar mais a admissão de Antônio* (Silvério V. D. V. 12).

69 – HAVER = conseguir, alcançar.

Fêz muitos e assinalados serviços à ordem, entre os quais foi a formosa vitória que HOUE de uma armada de galés do turco (D. Góis C. D. E. 123) *dos hóspedes que tínhamos vizinhos, com mostras aprazíveis e jucundas HOUEMOS sempre o usado mantimento* (Camões L. c. V.º. e. 79) *os judeus sem nenhum trabalho HOUEMOS gloriosa vitória contra tamanbo e tão poderoso exército* (J. Barros Pan. 12) – *a outra é de mais importância e por isso irá aqui lançada, assim como a HOUEMOS do cartório do convento* (Sousa A. D. J. II-185) *Samuel governou temporalmente o povo, o qual HOUE por suas orações uma vitória tão sinalada dos inimigos do povo judaico...* (B. Brito M. L. I-95) – *as notícias que podemos HAVER desta jornada nos insinuam...* (A. Barros V. A. P. A. V. I-234) *HOUE Zadíg a taça e el-rei obteve o renome de príncipe excelente* (Filinto O. C. IX-80) – *emprêsa não cometiam, sem primeiro comunicar... porém vitórias HOUEMOS que são muito de espantar* (G. Dias P. II-224) – *à força, pois, de repetidas instâncias HOUE do seu pai licença para seguir o têrmo que mais lhe convinha* (Silvério V. D. V. 21) *assegurar-lhe o domínio... do peixe que êle HOUE mediante o anzol, a rêde e os demais artificios da pesca* (Rui R. n. 215 pg. 106).

70 – HAVER-SE = portar-se, conduzir-se, agir, proceder.

Quanto melhor SE HAVIA Davi quando dizia a Deus... (Arrais D. 88) – com tanto valor SE HOUVE, que só aquele verão tomou cinquenta velas (Sousa A. D. J. II-62) os outros fidalgos e cavaleiros SE HOUVERAM tão iguais no valor, que nenhum mereceu segunda fama (Jacinto V. D. J. C. 281) – não obstante isso... ME HOUVE contigo, até agora, como irmã (Sacramento V. H. P. 42) ficou Manuel Nunes Viana exercendo com maior liberdade o cargo de governador... no qual SE HOUVE com tão acertadas disposições que mereciam não só perdões, mas prêmios (Pita H. A. P. 274) – pode ser que êle, desconhecendo a origem real da luveira, SE HOUVESSE em presença dela com menos resguardos (Camilo C. V. H. J. A. 100) aqui tens tu o como um amigo meu... SE HOUVE afinal neste negócio (Castilho C. A. 100) depois de eleito, SE HOUVE de maneira no govêrno do seu rebanho, que a história o qualificou príncipe dos apóstolos (Lisboa O. C. I-104) êle porém HOUVE-SE com a maior delicadeza e habilidade (M. Assis M. P. B. C. 393) – como SE HAVERIA na palestra o sonoro poeta de verão, era fácil antevê-lo (Silva Ramos P. V. F. 129) com tal segurança e arte SE HOUVE, que a obra... ainda hoje presta serviços e é admirada (Antero J. em P. 260).

71 – INFINITOS = inúmeros.

Disso têm resultado INFINITOS males (Couto S. P. 8) olha cá, pelos mares do Oriente, as INFINITAS ilhas espalhadas (Camões L. c. X.º. e. 132) – não é um só, mas INFINITOS os caminhos de ir buscar a Deus (F. M. Melo A. D. 236) cativou INFINITAS almas (Jacinto V. D. J. C. 5) – por todo o mato que entre êles há, correm INFINITOS ribeiros de menor fama (Pita H. A. P. 246) gente, de cuja crueldade se queixavam INFINITAS nações (A. Barros V. A. P. A. V. I-147) – está pronto a administrar-lhes, ainda à custa de INFINITAS fadigas, os bens espirituais de um preço inestimável (Seixas C. das O. I-72) êste figurão trazia... sobre os calções, muito risinhos na costura, cinco, oito, INFINITAS véstias (Rebelo M. D. J. I-131) – o traje é descuidado, a casa, nua... freqüentes, os desaires, as privações, INFINITAS (Rui C. L. 139) um exemplo dentre outros INFINITOS (M. Barreto N. E. L. P. 296).

72 – LIÇÃO = leitura.

Homens de engenho que pretendem abalizar-se no estudo das letras e na LIÇÃO das histórias antigas... (H. Pinto I. V. C. II-83) bem mostra Antíoco, em quanto fala, seu claro engenho ocupado em LIÇÃO de bons livros (Arrais D. 5) – ocupava-se até pela manhã na LIÇÃO da Sagrada Escritura (Sousa V. do A. I-75) como os versos não sejam LIÇÃO própria de sisudos, mas de mancebos, damas e ociosos... (F. M. Melo A. D. 367) o entendimento a deseja, para tirar o tédio da LIÇÃO dos livros (Botelho M. do P. 57) – caduco, pouco leio; os olhos negam à prolixa LIÇÃO o acume antigo (Filinto P. 131) – a LIÇÃO dos seus escritos nunca fôra vedada (Lisboa V. P. A. V. 211) costume era do homem... alargar muitas vezes seu pensamento imerso na LIÇÃO dos nossos fastos (Castilho Q. H. P. 19) – educaram a faculdade da palavra na LIÇÃO de escritos estrangeiros (Rui R. n.º 422 pg. 180).

73 – LINGUAGEM = o idioma vernáculo.

Não sei mais LINGUAGEM (Gil T. 86) que os físicos não recebem as mezinhas senão em LINGUAGEM (D. Góis C. D. E. 53) muitos outros originais de cartas estavam naquele caderno, assim em latim como em LINGUAGEM (H. Pinto I. V. C. III-209) – inda que eu sou bacharel em LINGUAGEM, me atrevo a contradizer essa opinião adquirida em latim (R. Lobo C. na A.23) – quando trasladava, do latim em LINGUAGEM, alguma lei... (Herculano M. de C. II-234) “ne sutor ultra crepidam”, o que em LINGUAGEM quer dizer: não analise o sapateiro acima da chinela (Camilo Q. de A. 51) J’y suis, j’y reste — como tenho ouvido dizer nas câmaras; creio que é latim ou francês; digo por LINGUAGEM que ainda posso ir adiante (M. Assis Sem. 44) são palavras de S. Bernardo postas em LINGUAGEM (Silvério C. Past. 5)... o manuscrito da Odisséia vertida em LINGUAGEM por Odorico Mendes (Laudelino N. e P. VI-75) só conhece um livro: o Novo Testamento pôsto em LINGUAGEM (Antero J. em P. 82).

74 – LUSTROSO = ilustre, notável, esplêndido, apreciável, distinto.

Herdastes sobrenomes tão LUSTROSOS (Sá Miranda O. C. II-47) com toda esta LUSTROSA companhia, Joane forte sai da fresca Abrantes (Camões L c. IV.º e. 23) nunca a formosura é mais LUSTROSA que ao tempo que sem adornos se nos oferece (F. M. Melo A. D. 54) muitos foram os que se aproveitaram de tão LUSTROSA e honrada ocasião (S. Maria A. H. I-9) – tinham deixado... as LUSTROSAS ocupações (A. Barros V. A. P. A. V. I-88) os seus moradores foram os que armaram... aquêlê LUSTROSO e forte esquadrão (Jaboatão N. O. S. B. II-92) – aspirando incessantemente a coisas mais árduas e LUSTROSAS (Lisboa V. P. A. V. 7) Fr. Lourenço... viu uma LUSTROSA companhia de cavaleiros (Herculano L. e N. I-246) Fernão de Magalhães começou a cursar os exercícios de guerra naquele grande e LUSTROSO teatro (Latino F. de M. I34) – ainda privado assim de tão LUSTROSA companhia, não me deslustrará a que me resta (Rui R. n.º 191 pg. 99).

75 – LUZIR = servir de proveito, medrar, dar resultado.

Êste dinheiro da Índia é excomungado porque não LUZ a nenhum de nós (Couto S. P. I3) LUZIU-lhe o trabalho (Bernardes N. F. I-I50) paguem pontualmente... se querem que lhes LUZAM mais suas rendas (Arte 23) – dinheiro extorquido à força não LUZ a quem assim o obtém (Herculano M. de C. II-23) – não descansava na pesquisa dos meios; como o de que falamos neste capítulo LUZIA pouco... lembrou-lhe um amigo, outro alvitre (Silvério V. D. V. I30).

76 – MIMOSO = predileto, favorito, tratado com mimo.

Nós pecadores, somos MIMOSOS e singulares amigos (T. de Jesus T. de J. I-102) há alguns que a essa conta trazem os contadores tão MIMOSOS, que não há quem possa com eles (Couto S. P. I05) – viveu Moisés, depois disto, mui MIMOSO no paço de Faraó (B. Brito M. L. I-52) agora julgo por demais a recomendação desta obra, muito MIMOSA entre as minhas (F. M. Melo A. D. I29) e tais

são também as unhas de todos os validos, MIMOSOS e apaniguados dos grandes (Arte 256) – os MIMOSOS da fortuna já requestam meu canto (Filinto O. C. IX-5) – Horácio, Salústio e Tácito eram os seus autores MIMOSOS (Rebello C. e L. 12) lisonjeando êsse homem MIMOSO do vulgo, tirariam juntamente dois resultados (Herculano L. e N. I-63) o castelhano, mais MIMOSO filho da fortuna (Latino F. de M. 197) – mas o réu era um MIMOSO do Catete (Rui R. de G. 42).

77 – MOLÉSTIA = incômodo, enfado, sacrificio.

Um dos mores trabalhos e de mor MOLÉSTIA, que dizem que teve, foi pelejar com a hidra (H. Pinto I. V. C. III-51) – tinha de oprimir a Hildalcão com guerra mais pesada, para evitar as MOLÉSTIAS de tão repetidas entradas (Jacinto V. D. J. C. 261) a mesma fortuna... me fêz encontrar-vos, porque pagasse com tão grande achado as MOLÉSTIAS de tão grande caminbo (F. M. Melo A. D. 295) – a habitação sôbre o mar dava tanta MOLÉSTIA ao corpo quanta matéria de paciência às almas (A. Barros V. A. P. A. V. I-241) – a viúva... pôde ainda sair-se do perigo sem mais MOLÉSTIA senão a da galbofa dos ociosos (Camilo D. C. F. 13) espero que não lbe cause MOLÉSTIA a novidade (Rebello D. N. T. G. S. P. 128) – esperamos encontrar, no nosso querido clero, sacerdotes que ainda se animem a afrontar MOLÉSTIAS a efeito de salvar a honra e dignidade da arquidiocese (Silvério C. Past. 107).

78 – MONTAR = interessar, aproveitar, servir, importar.

Em o pouco tempo que bastou ao Senhor para fazer e acabar tantas e tamanhas cousas... se vê claro quanto mais MONTA curta vida bem ocupada que a larga ociosa (T. de Jesus T. de J. I-289) que MONTA mais dois dias antes que dois dias depois? (H. Pinto I. V. C. II-295) – não quero fácilmente aventurar-vos em cousa que a meu reino pouco MONTA (R. Lobo C. de P. 42) se a ida do provincial a Braga não foi de momento para a pretensão que levava, MONTOU e foi bem a tempo para o arcebispo dar à execução um pensamento que, havia dias, o desvelava (Sousa V. do A. I-146) – o francês para mim o mesmo MONTA que a língua dos selvagens botocudos (Cruz e Silva Hiss. 58) – mas o sonhar que MONTA, se passa e não conforta? (Herculano P. 77) tinha o sobrinbo grande cautela em desviá-la dos locais que lbe despertassem memórias do cunbado e das irmãs; que MONTAVA isso? ia ela procurá-los (Camilo T. J. 263) que MONTA o padecer? (M. Assis A. 142) – por seu procedimento confessam quanto MONTA a Religião para a felicidade dos municípios (Silvério C. Past. 19) que MONTAVA semelhante increpação? (Rui R. n.º 418 pg. 179).

79 – NOMEAR = chamar pelo nome, denominar, lembrar o nome.

Gonçalo Ribeiro se NOMEIA (Camões L. c. VIII.º e. 27)... antes que o menino saiba NOMEAR pai e mãe (T. de Jesus T. de J. I-34) – no Padre Nosso NOMEAMOS a Deus como Pai (Vieira S. XI-I47) pai do povo cristão, o NOMEOU S. Agostinbo (Bernardes N. F. II-228) – espremem em instrumentos de palha que NOMEIAM tapitis (Pita H. A. P. 12) Catarina Alves se NOMEIA a bela (Durão C. c. VII.º e. 19) –...de quem não é para teus lábios NOMEAR (Garrett F. L. S. 171) e

esta que NOMEAVAS tua espôsa (O. Mendes E. I. II.º v. 699) — *em suas epístolas... S. Paulo NO-MEIOU a Jesus Cristo cêrca de duzentas vêzes* (Laet H. P. 41).

80 – ORELHAS = ouvidos.

Esta fama as ORELHAS penetrando do sábio capitão, com brevidade faz represália nuns (Camões L. c. IX.º e. 9) *vós sabeis que nenhuma cousa mais a vossas ORELHAS brada que meus males* (T. de Jesus T. de J. I-I06) *só por êste ségredo podemos subir a ver aqueloutros maiores que viu o glorioso Paulo, que nem olbos viram, nem ORELHAS ouviram* (Couto S. P. I0) — *sendo-lhe tratado segundo casamento... deixou de lhe dar ORELHAS muitos dias* (Sousa A. D. J. I-2) — *peçamos... que te dê para ouvir, dócil ORELHA* (Durão C. c. II.º e. 29) *e logo da França velha reconta o pobre peralta cousas que pescou de ORELHA* (Tolentino Sat. 190) — *foram censuradas algumas proposições com nota de serem umas contra o comum sentido católico, fátuos, temerárias e escandalosas; e outras, ofensivas das ORELHAS dos pios e fiéis católicos* (Lisboa V. P. A. V. 209) — *um grito dêsses soa às ORELHAS do criminoso, como voz de prisão* (Rui C. L. 282) *uma ORELHA delicada e atenta não deixa de perceber que há aqui a cadência e número de um verso endecassílabo* (M. Barreto N. E. L. P. 172) *avisos para quê, se são mais as ORELHAS tontas que as prudentes?* (Antero J. em P. 251) *o conjunto não agrada a ORELHAS finas* (Sá Nunes A. L. N. I-99).

81 – PARECER = semblante, feição, fisionomia.

Seu rosto e PARECER logo mostrava qu'êste era o que mandava o grande mar (A. Ferreira P. L. I-I94) *se os homens usaram dos olbos do Lince... reputaram por torpíssimo o corpo de Alcebiades, na superfície formosíssimo, e a bela cara e extremado PARECER de tôdas as mulheres* (Arrais D. II5) *a formosura e PARECER de Palmeirim trazia consigo o merecimento desta afeição* (F. Morais P. de I. 27) — *além do PARECER gentil que há nela, vem de coradas rosas afrontada* (R. Lobo C. de P. 66) *fácilmente se conservaram nesta felicidade, se o bom PARECER de ua moça gentia não domara com sua fôrça as muitas desta coluna do povo hebreu* (B. Brito M. L. I-85) *muda-se numa criança de divino PARECER* (Gonzaga M. de D. 61) — *a compaixão se pinta no PARECER de todos* (Garrett Cam. 17) *o prior do Crato, apenas fitou a vista no PARECER de el-rei, adivinhou logo* (Rebello C. L. 251) *era sereno o PARECER do mendigo, como o de uma criancinha que dorme em seu berço* (Herculano C. U. A. 103).

82 – PARECER = aprazer, parecer bem.

A. D. Francisco não lhe PARECEU apartar-se do regimento que lhe deram (Lucena A. P. I-I98) *não PARECEU a Henrique Barbosa saber a princesa da nossa chegada* (F. M. Pinto Per. I-I7) — *PARECEU a el-rei passar-se para Almerim* (Sousa A. D. J. I-202) — *porém a todos PARECEU que a guerra se deferisse para tempo oportuno* (Jacinto V. D. J. C. 261) *êle a parte, êle a reparte como lhe PARECE* (F. M. Melo A. D. I80) *PARECEU-ME fazer esta digressão breve, porque não tropeçasse*

alguém no arrogante dito (Bernardes N. F. III-181) – PARECENDO ao sereníssimo Sr. D. João V.º separar daquela jurisdição as minas... o enviou a governá-las (Pita H. A. P. 277) PARECEU-ME também a mim... dar-te por escrito a série delas (Pereira B. S. Lucas cap. I.º v. I.º) – uma boa garrafa de... do que te PARECER (Garrett Alf. de S. 195) PARECEU ao senado e ao povo, que sejam coroados Caridemo e Diótimo (Latino O. da C. 39) quando lbe PARECEU, deitou-se aos pés de Fr. Muniz e confessou-se com êle (Rebelo O. V. N. C. 168) era logo a charruazinha a romper nêles que era um gôsto, para trigo ou que me a mim PARECESSE (Castilho C. A. 239) se vos PARECE, rodaremos a Ilha Verde (Herculano E. P. 42) – chamamos vossa atenção... para o que determina o Santo Concílio... cujas palavras nos PARECEU trazer para aqui (Silvério C. Past. 66) vi o enfêrmo buscar a cura nas mãos de quem lbe PAREÇA (Rui C. de F. 44).

83 – PARTES = qualidades.

O julgador... é-lbe necessário ter estas duas PARTES de justiça e misericórdia (F. M. Pinto Per. I-186) se essas PARTES... deve ter qualquer juiz ou governador de qualquer lugar, quanto mais o príncipe, que é juiz universal de todos (H. Pinto I. V. C. IV-99) vence teu coração, não o afeies; nem corrompas muitas boas PARTES que em ti há (Arrais D. 101) – que sirvam as igrejas e as governem, aquêles que para isso têm talento e experiência... mas que se busquem para elas homens sem nenhuma destas PARTES, é grande temeridade dos eleitores (Sousa V. do A. I-326) perguntou alguém, algumas vêzes, se seria lícito deixar usar, a mulber própria, daquelas boas PARTES, de que a dotou a natureza (F. M. Melo C. G. C. 196) na pessoa concorriam tantas PARTES, que para tudo o tinham habilitado (Esperança Exc. 202) – grande homem! muitas letras e de muito galante prática, e não somenos as outras PARTES de cavaleiro (Garrett F. L. S. 20) Maomé que tinha algumas PARTES de grande homem... consentiu o uso do xadrez aos seus árabes (M. Assis Sem. 147)... livro que valeu ao seu autor, assim pelo objeto tratado, quanto por PARTES pessoais de letras e bravura, a qualificação de Xenofonte brasileiro (F. Castro E. C. 150) ora o cavaleiro assaz era nomeado por opulência, dotes pessoais e mais PARTES de sua pessoa (Castilho N. do C. 153) – não era só a distinção de sua presença, a calma de sua voz, a nitidez de sua dicção; o impêrio sereno das suas respostas, dos seus conselhos, das suas soluções, das suas ordens profissionais; sôbre tôdas essas PARTES que já o privilegiavam, se revia nêle uma emanção do interior (Rui E. C. IV-II).

84 – PENDER = depender.

Está a divina consolação... em andar sempre por amor unidos a êle e PENDENDO em tudo dêle (T. de Jesus T. de J. II-10) nascendo morremos, e o fim PENDE do princípio (H. Pinto I. V. C. I-23) o príncipe prudente, de quem PENDE o bem e descanso de todo o povo, é digno de mor louvor que os outros homens (J. Barros Pan. 104) – sabendo ser aquêlo o último combate, donde PENDE o vencer ou ser vencido para sempre... apertam quanto podem (Bernardes P. P. P. 137) – de vós PENDE o encurtá-las (Filinto O. C. XI-492) êste amor, que não PENDE da fortuna, não recebe o destino (Bocage P. VI-49) – a nossa vida PENDE agora do nosso amor (G. Dias P. II-78) a existência de uma, quando

não de duas criaturas, PENDE muito problemáticamente da aplicação dos meios extremos em obstetrícia (F. Castro E. C. 60) *dos deuses, não de mim PENDIA o desenlace* (Latino O. da C. 66) — *o Sr. Campos Sales está sendo, neste momento, a castelã rica, de cujas boas graças PENDE a fortuna dos aduladores* (Rui D. e A. 122) *dêsse batismo de luz é que PENDE a vida das instituições republicanas* (E. C. Ribeiro P. L. E. 144).

85 – PENSÃO = obrigação, encargo, trabalho, incômodo, consumição, sacrifício, desvantagem.

Dê Deus a V. S.^a com êste, muitos anos de vida, sem nenbuma de aquelas PENSÕES que sói trazer a idade (F. M. Melo C. F. 152) *a outra que lhe responde do sul, nos foi dada com PENSÃO dalguns sufrágios por João Gonçalves* (Esperança Exc. 153) *para remédio de nossas culpas, tomastes as PENSÕES de nossa natureza* (E. Matos E. C. 72) *benefícios há sem PENSÃO e benefícios há com ela* (Arte 31) — *e como se achavam já em casa própria... se aplicaram também, com maior fervor de espírito e sossêgo da alma, às PENSÕES do côro, orações e outras mais domésticas* (Jaboatão N. O. S. B. II-147) — *foi como quem me deu com um maço rodeiro pela cabeça; é a PENSÃO de quem a tem má* (Castilho C. A. 273) — *muito mais fácil, porém, se lhe figurava salvar-se vivendo entre homens que, desafrontados das PENSÕES dêste mundo, só cuidassem do outro* (Silvério V. D. V. 10) *fora dessas ouve o presidente, ainda a tôda hora; e a própria segunda-feira reservada não se poupa a essa PENSÃO* (Rui D. e A. 107).

86 – POLÍCIA = civilização, adiantamento, cultura, progresso.

Vês Europa cristã mais alta e clara que as outras em POLÍCIA e fortaleza (Camões L. c. X.^o e. 92) *os negros que viviam fora de tôda a POLÍCIA, habitando as cavernas da terra, sem lei, sem justiça, sem direito humano... levantaram templos a Cristo* (J. Barros Pan. 170) *todos, no bom ensino e POLÍCIA, parecem homens de côrte* (Lucena A. P. II-139) — *vendo a povoação de Setúbal que, como fôra a primeira, era a mais notável e de mor POLÍCIA que as outras... foi correndo tôda a costa ocidental da Espanha* (B. Brito M. L. I-II) *entregou grão parte da nobreza da côrte... que se alojou, separada do campo, em mui lustrosas tendas que não deviam nada à POLÍCIA da Europa* (Jacinto V. D. J. C. 91) — *a POLÍCIA daquela inculta gente é a mesma barbaridade* (A. Barros V. A. P. A. V. I-69) — *uma só nação, para cuja grandeza contribuíra aquela com as virtudes ásperas da Germânia, esta com as tradições da cultura e POLÍCIA romanas* (Herculano E. P. 4) — *teve, especialmente a seu cargo a POLÍCIA dos índios* (Rui C. de I. 342).

87 – PRÁTICA = conversação. PRATICAR = conversar.

A Moisés cobriram o rosto, pela muita claridade que trazia da PRÁTICA que convosco tivera (T. de Jesus T. de J. II-70) *quereis saber de que está pintado o coração dum homem? PRATICAI com êle* (H. Pinto I. V. C. I-93) *com Deus não é necessário estar em muitas PRÁTICAS* (J. Barros Pan. 109)

— travaram PRÁTICA os dois e quanto Catarina mais via e ouvia o companheiro, mais se lhe ia afeiçoando (Vieira S. XI-65) murmuraram três religiosos de um secular não em matéria grave; procurou êle desviar a PRÁTICA com destreza (Bernardes N. F. III-22) — e lhe diviso, na PRÁTICA que com êle teve, superiores lumes (Filinto O. C. IX-150) — à proporção que iam entrando, começavam logo a PRATICAR sôbre o grande assunto do dia (Lisboa O. C. I-181) assim PRATICANDO amigos, a aurora nos vinha achar (G. Dias P. II-81) na sacristia mesmo, quando o vosso pároco se houver acabado de desvestir, puxai com êle a PRÁTICA a êste propósito (Castilho F. pela A. 191) entreteve-se largo tempo com D. José de Noronha; versou a PRÁTICA sôbre o aceitar benignamente os acometimentos de Teodora (Camilo A. de S. 126) — vamos chamar êsses leais companheiros de além-túmulo e com êles renovar a PRÁTICA interrompida (Rui O. M. 19) estando êste a PRATICAR com outras pessoas na sala, se pôs a esperar fora da porta (Silvério V. D. V. 239).

88 — PREVENÇÃO = o ato de prevenir-se ou prevenir alguém, precaução, preparativo, cuidado, medida preventiva.

É isto um modo de PREVENÇÃO e cautela contra a variedade de alterações que o tempo... traz consigo (Sousa A. D. J. I-7) tudo na casa eram PREVENÇÕES festivas e aparatosas (Bernardes N. F. II-243) havia tôdas as PREVENÇÕES que a arte militar inventou para uma vigorosa defesa (S. Maria A. H. I-3) — fazia PREVENÇÕES de viveres, por se lhe irem acabando os que trouxera (Pita H. A. P. 241) — tôdas estas PREVENÇÕES legais não preservavam a tribuna de ser invadida por gente corrompida e de baixa condição (Lisboa O. C. I-28) respondeu-se de dentro com um toque de PREVENÇÃO, para verificar a identidade do adepto (Rebelo M. D. J. I-161) Abul-Hassan tinha tido a PREVENÇÃO de comunicar ao mestre dos engenhos... o lugar onde o devia encontrar (Herculano B. 201) — a gramática não deixa nunca de advertir os incautos do grave dano denominado barbarismo... de nada vale a PREVENÇÃO (Silva Ramos P. V. F. 169.).

89 — QUANTIA = quantidade.

Ofereciam-vos, os tratados de Física, grossa QUANTIA de fatos verídicos e de arriscados razoamentos (Filinto O. C. IX-452) — com êstes diálogos incorporou boa QUANTIA doutros ainda inéditos (Castilho C. A. 12) — a QUANTIA dos exemplos mostra a vulgaridade da construção (Leda Q. L. B. II3) desta classe de palavras... traz boa QUANTIA de exemplos... o illustre literato e estadista brasileiro Rui Barbosa (M. Barreto F. L. P. 218) não traslado nesta resposta os exemplos clássicos que transcrevi naquela revista e grande QUANTIA de outros que tenho colbido (Sá Nunes R. L. P. set. 1931 pg. 138).

90 — RESPONDER = corresponder.

À pobreza de seu nascimento RESPONDE a de sua vida e de sua morte (H. Pinto I. V. C. IV-206) um alto espírito achei que bem RESPONDE em tudo ao seu (A. Ferreira P. L. II-4) — não achamos que

RESPONDESSEM os prêmios a seu merecimento (Jacinto V. D. J. C. 219) a estas doze portas RESPONDIAM outros tantos fundamentos (Vieira S. III-35) — só nos infernos há pena que RESPONDA ao seu delito (Bocage P. VI-I64) —... sem que o número dos representantes RESPONDESSE de nenhum modo ao dos representados (Lisboa O. C. I-II6) a este momento na evolução da arte grega RESPONDE a profusão das esculturas (Latino E. C. I13) já é bom que um livro RESPONDA ao título (M. Assis Sem. 171) —... imposição das penitências, sendo a primeira e principal que RESPONDAM, quanto possa ser, ao número e pêso das culpas (Silvério V. D. V. 320).

91 — SABER A = ter o sabor de.

E me fareis amargosas tôdas as cousas que me não SOUBEREM A vós (T. de Jesus T. de J. I-248) *não tendo uma noite que cear, senão pão de farinha, disse que nunca cousa melhor lhe SOUBERA* (J. Barros Pan. I44) — *não podia SABER mal o jantar AO Arcebispo em tal casa* (Sousa V. do A. I-368) *agora hão de provar A QUE SABE o tormento* (Bernardes N. F. III-346) — *os comeres de casa mal LHE SABEM* (Filinto P. 243) — *SABE-ME a comida melhor, depois que ele foi para S. Roque de Lameira* (T. Vasconcelos P. A. D. 153) *era ótimo vinho e havia de SABER-NOS aqui que nem o néctar dos deuses* (Camilo R. H. R. 36) — *embargam-se quantas leis e decretos da Santa Sé não SOUBEREM AO gôsto dos ministros* (Silvério V. D. V. 91)... *ainda que SAIBA A paradoxo* (Rui C. de I. 182).

92 — SER = existir.

Se seu pai não casara, o filho não FÔRA (F. M. Melo C. G. C. I69) — *em nome de todas as criaturas que existem e HÃO DE SER, vos rendo as graças* (Sacramento V. H. P. 228) — *em chegando a hora que os pudesse tornar em si, já não SERÃO* (Castilho Q. H. P. I-I12) *o alento lhe falece, que ERA dantes em seus membros* (O. Mendes Od. I. XI v. 307).

93 — SER PARTE = concorrer, contribuir, servir de motivo, ocasionar.

Da minha mágoa infinda eu FUI PARTE e causador (Bernardim Ecl. 57) —... *não SENDO PARTE a comunicação e trato dos egípcios para lhe tirar ponto do conhecimento de Deus* (B. Brito M. L. I-40) *esta determinação... FOI PARTE para ser primeiro a tomar, contra êle, as armas* (Sousa A. D. J. II-39) *pergunta agora se tantos mares, tantos climas em meio, tantos perigos interpostos FORAM PARTE para que os fidalgos e nobres portugueses deixassem de os atropelar* (F. M. Melo A. D. 193) — *tu também ÉS PARTE de meu saudoso mal* (Cláudio O. 262) — *Messala Corvino a Cássio chamava publicamente seu general; e não FOI ISSO PARTE para que os não abastassem a ambos em honras e riquezas* (Lisboa O. C. I-87) *a mesma dificuldade a vencer É PARTE para que cheguem, não poucas vêzes, à perfeição suma* (Sotero C. L. P. B. I-9) *todavia não FOI ISTO PARTE para eu não dar uma tradução de Anacreonte* (Castilho F. 13) — *a mãe... fazia extremos de esforços e diligências, para que nada aprendessem que lhes FÔSSE PARTE para mancharem a pureza e graça batismal* (Silvério V. D. V. 5).

94 – SISUDO = cheio de siso, sensato, prudente, ajuizado.

De que te aproveita ser SISUDO entre tantos doudos? (Sá Miranda O. C. II-144) *o homem que fôr SISUDO, numa tão grande questão há de tomar, por escudo, a justiça e a razão* (Camões T. 99) – *a castelhana gente alegre fica, mas triste em Portugal, qualquer SISUDO* (R. Lobo C. de P. 57) *D. Rodrigo, como SISUDO, quis salvar sua prêsa* (Sousa A. D. J. II-188) – *o vinho e as mulheres fazem apostatar os mesmos sábios e precipitarão em opróbrio os homens SISUDOS* (Pereira B. S. Eclesiástico cap. XIX v. 2) *a SISUDOS argumentos só com fábulas respondo* (Tolentino Sat. 224) – *o povo, sábio e SISUDO como nenhum outro, elegia então os cidadãos mais capazes* (Lisboa O. C. I-34) *dantes eras, Boétides, SISUDO.... mas louquejaste* (O. Mendes Od. I. IV.^o v. 24) *não é neste aposento e a tais desoras que loucos ou SISUDOS devem demandar justiça* (Herculano M. de C. II-268) – *os escritores e jornalistas mais SISUDOS receberam, de boa avença, a reforma* (Cândido M. S. 280) *o doente, levado às portas da morte, desanima e apela para facultativos SISUDOS* (Laet J. do C. ano 65 n.^o I07 pg. I.^a col. 5.^a) *ao SISUDO artifice, que se lhe dá que a pedra de tocar do comprador lhe examine o artefacto...?* (E. C. Ribeiro Tr. 559).

95 – SÍTIO = local, situação.

Adiante particularmente descrevemos o SÍTIO desta cidade Calicut (J. Barros D. I.^a I. IV pg. I03) *dois olhos, sendo diversos no SÍTIO, são um só no ato da vista* (H. Pinto I. V. C. IV-38) –.... *alegou indisposição da cabeça e que estava em SÍTIO que não era visto del-rei* (Sousa A. D. J. I-78) *e se achava de repente no mesmo SÍTIO da praça, onde a princípio estava* (Bernardes N. F. III-72) – *era grande a vantagem que nos ofereciam a ocasião e o SÍTIO* (Pita H. A. P. I21) *o invejoso dêle se arredou, quando ao SÍTIO do congresso o conduziu o povo* (Filinto O. C. IX-159) – *a história lida e contada nos próprios SÍTIOS em que se passou, tem outra graça e outra fôrça* (Garrett V. M. T. II-10) *no SÍTIO em que pousou a taça, uma malha de ferro em brasa queimou a alvura do linho* (Rebelo C. e L. 28) – *ia-se introduzindo o abuso de levantarem-se igrejas novas, mudá-las de SÍTIO, reconstruir as destruídas sem nenhuma atenção ao Diocesano* (Silvério V. D. V. I97) *avenida Central, o SÍTIO mais elegante e concorrido do Rio de Janeiro* (Rui R. de G. I21) *os dois buracos, no SÍTIO dos olhos, semelhavam enormes órbitas de pavorosas caveiras* (Antero U. O. J. 40).

96 – SUCESSO = o sucedido, fato, acontecimento em geral, seja bom, seja mau.

...Lamentando o triste SUCESSO de nossa perdição (F. M. Pinto Per. I-51) – *foi o SUCESSO tão contrário aos portugueses e tornates, que ficaram mortos uns, e desbaratados todos* (Sousa A. D. J. II-77) *SUCESSO tão lastimoso, andam as moças carpindo* (Garção O. P. II-37) *o que sua mulher e mais eu podíamos fazer era olharmo-nos encobrir as lágrimas e fazer votos porque nos consentissem os SUCESSOS tornarmos a viver unidos* (Filinto O. C. X-II4) – *queria mitigar, no ânimo da donzela, a sensação amarga daquele SUCESSO* (T. Vasconcelos P. A. D. I67) *tal era, em resumo, o estado político e moral da Espanha, na época em que aconteceram os SUCESSOS que vamos narrar* (Herculano E. P. 8) *correu*

a fama a contar os SUCESSOS pelas mil bôcas da difamação (Camilo R. H. R. 97) *vinte e quatro horas depois dos SUCESSOS narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do govêrno* (M. Assis P. A. 53) — *ponto por ponto, em todo o meu ver e prever, me deu a mais estrondosa razão, o curso dos SUCESSOS* (Rui G. G. 151) *quando faleceu o Sr. D. Pedro II.º, os republicanos assustados pela repercussão dolorosíssima que, em todo o país, ia tendo o infausto SUCESSO, apedrejaram o jornal “Brasil”* (Laet A. I. ano II.º n.º 17 supl.).

97 – SUJEITO = pessoa, homem, indivíduo (sem o sentido pejorativo).

A natureza tem cuidado de prover o mundo de SUJEITOS notáveis (F. M. Melo A. D. 282) *três religiões tendes neste Estado, onde há tantos SUJEITOS de tantas virtudes e tantas letras; perguntai; examinai; informai-vos* (Vieira S. III-16) *para grandes ofícios buscaram-se grandes SUJEITOS* (Arte 293) — *todos os referidos lugares têm ocupado SUJEITOS de nascimento claro, qualificados por virtudes e letras* (Pita H. A. P. 40) *há nesse estado,... SUJEITOS privilegiados que escapam à lei comum* (Filinto O. C. IX-438) — *celebrou-se no ano de 1694, no colégio da Bahia, um congresso provincial para o fim de eleger-se um SUJEITO que fôsse a Roma por procurador da província* (Lisboa V. P. A. V. 257) *é D. Fuas Roupinho SUJEITO, em fama tão remontado, que a Homero cobiçava Camões a cítara para o celebrar* (Castilho Q. H. P. 171) *entre os SUJEITOS de nascimento ilustre e dotes de alta inteligência, primava D. João de Azevedo* (Camilo N. B. J. M. 17) — *S. Antônio... veio a encontrar depois imitador em SUJEITO não menos que o padre Antônio Vieira* (Rui D. e C. 391).

98 – TANGER = tocar (sino ou instrumentos).

E quanto a TANGER viola, logo me vereis TANGER (Gil T. 151) *a viola, senhor, vem sem primas, nem derradeiras... se quer, senhor, TANGER bem, há de haver mister terceiras* (Camões T. 178) — *os pastores TANGER não me ouvirão a minha desejada sanfonina* (R. Lobo P. II) *acabadas completas, mandou TANGER a capítulo* (Sousa V. do A. I-56) — *buscaram mestres que os ensinassem a cantar e TANGER os instrumentos* (Jaboatão N. O. S. B. II-150) — *na aldeia vizinha, TANGE o sino da oração* (Camilo H. de P. II-200) — *êle mesmo TANGIA a campainha ao têrmo de cada mistério* (Silvério V. D. V. 309) *possuísse o poder mágico de TANGER... a lira afinada e melodiosa da poesia...* (E. C. Ribeiro P. L. E. 139).

TANGER também significa — referir-se a, dizer respeito a

Vós, chanceler, sabeis de direito e de regimentos e da governança e de tudo o que TANGE à paz e assossêgo do reino (Herculano M. de C. II-33).

99 – TER = julgar, ter por certo.

TEM o cobiçoso que não há outro Jó no mundo, se lhe falta o dinbeiro para o jôgo (T. de Jesus T. de J. I-173) *S. Agostinho... TEM que foi pior a Roma destruir Cartago* (H. Pinto I. V. C. I-136) *e TINHA el-rei Ciro que o bom príncipe não havia de levar vantagem a seus vassalos em boa vida, senão*

em muito trabalho (J. Barros Pan. 6) – *nasceram Caim e Calmana ambos de um ventre, segundo* TEM GENEBRARDO (B. Brito M. L. I.3) o imperador Justiniano TEM que os príncipes hão de estar armados com as armas de guerra (Arte I03) – *não há que perguntar-lhes, a um nem a outro, o que eles sentiam a respeito da morte; pois que ambos* TINHAM que não havia de que a temer (Filinto O. C. IX-260) – *por duas excelências, TEMOS que se distingue o nosso autor em meio da multidão dos escritores abalizados desta idade* (Castilho C. A. I6) – *para isso costumava revestir-se de murça e roquete, TENDO que o sagrado e venerável daquelas vestes era parte para minorar o perigo de semelhantes práticas* (Silvério V. D. V. 334) TENHO que só se devem votar a tão embaraçoso mister, os engenhos de eleição (Laudelino N. e P. II-27).

100 – TER MÃO = conter, impedir, suster.

Parece-me que desfazeis tôda a física e todo o modo de curar; portanto TENDE MÃO em vós e *dizei-me donde vos veio êste error* (Orta C. S. D. I. I-188) os votos de misericórdia... TINHAM MÃO na divina ira (T. de Jesus T. de J. I-231) – *eu fico melborado, seja Deus bendito; mas com grande fraqueza e esta me* TEM MÃO para que não esteja mais longe (Chagas C. E. I44) TENDE MÃO, Senhor, em vossos rigores (E. Matos E. C. 41) TENHA-SE MÃO no golpe (Vieira S. V-42) – TENDE MÃO, meu caro, e não vos deixeis arrebatar assim pelo orgulho da vossa indisputável superioridade (Lisboa O. C. I-152) não sei que me TEM MÃO que vos não leve a pau (Castilho F. I85) *custa-me a TER MÃO na verdade, que me não saia da bôca* (T. Vasconcelos P. A. D. I44) – *o culto da forma pela forma é uma enfermidade congênita das literaturas decadentes; nem há TER MÃO nela* (Silva Ramos P. V. F. 66) *ia perguntar-lhe por essas coisas, ou melhor, pela sua mania, quando* TIVE MÃO em mim (Antero R. e V. 227).

101 – TRAÇA = plano, ardil, indústria. TRAÇAR = planejar.

Logo naquele mesmo dia se tomou conclusão, com todos os capitães, sôbre a ordem que se havia de ter no acometer do castelo, de que o Jorge Mendes dava a TRAÇA (F. M. Pinto Per. II -11) – *êle tinha TRAÇA para o salvar* (Sousa A. D. J. I-180) os hereges antigos... por TRAÇA e conselho verdadeiramente saído do inferno, trocaram as armas e lbe fizeram guerra por meio de mulheres (Vieira S. XI-52) não faltam aos reis TRAÇAS e modos para evitar danos (Arte 245) –... ou fôsse isto TRAÇA para totalmente o divertir, ou atenção ao perigo dos temporais (A. Barros V. A. P. A. V. I-50)... TRAÇANDO os invejosos e malquerentes maligná-lo com todos (Filinto O. C. IX-210) – *no orbe entroná-la já* TRAÇA e tenta (O. Mendes E. I. I.^a v. 26) foi TRAÇA da Providência (G. Dias P. II-234) a TRAÇA total da arquitetura... é o Divino Arquitecto que tem escondida na sua mente (Castilho F. pela A. I85)... *preceitos que lbes impõe a TRAÇA geral da construção* (Latino A. e N. I40) – *aquela tragédia temerosa não fôra mais do que uma engenbosa TRAÇA de seus educadores para amedrontá-lo* (Silvério V. D. V. 8) *de que TRAÇAS usa agora o Dr. Clóvis para a inverter em seu proveito?* (Rui R. n.º 437 pg. 186).

I02 – VELA = ato de velar ou vigiar, vigilância, guarda.

Sósia, até minha tornada, fica nesta casa em VELA (Camões T. 75) – era um rouxinol que ali ficara de VELA e companhia à sua protetora (Garrett V. M. T. I-146) pediu êle a honra de ser, enquanto vivesse, A VELA e providência da cidade onde nascera (Castilho Q. H. P. II-144).

I03 – VOZ = vocábulo, palavra.

Ela, com tristes e piedosas VOZES saídas só da máguia e saudade do seu príncipe e filhos que deixava... assim dizia (Camões L. c. III.º e I24) – Santiago! VOZ é esta que em todo o tempo foi flagelo dos mouros (Sousa A. D. J. II-56)... versos alguns de grande dificuldade pelo muito que afetaram VOZES peregrinas (F. M. Melo A. D. 336) – a filosofia (empreguemos antes outra VOZ que a ninguém assuste) a razão tem ensinado... (Filinto O. C. IX-430) – alegre aos três a mão calosa of’rece rompendo nestas VOZES: desde quando cabe ao soldado pleitear combates? (G. Dias P. II-210) a educanda desmaiara de todo, mais das VOZES que lhe ouviu, do que da ferida que a ensangüentava (Rebelo M. D. J. II-172) mas por que “abril”?! voz grega em lácia língua? (Castilho F. pela A. I05) – acode o Dr. Carneiro que não; que também «honorabilitas» era VOZ latina (Rui R. n.º I26 pg. 61) (decesso) estará antiquado em lugar de morte, óbito, falecimento; mas eu gostaria de que o ressuscitassem, como fêz com outras VOZES menos consuetas, o prof. Ricardo Jorge (M. Barreto A. D. G. I20)... construção fraseológica, em que tão conveniente se faz a harmonia resultante da boa disposição das VOZES (Laudellino N. e P. IV-28).

CAPÍTULO II

REVIVESCÊNCIA LÉXICA

I04 – Não se limita, a linguagem clássica, a continuar dando a certas palavras o sentido tradicional e de uso na literatura, embora não seja ele empregado na conversação quotidiana. Vai mais além a sua reação conservadora: chega até a reconstituir termos que não só nas palestras, mas até na linguagem literária já haviam caído em desuso.

Num país como o nosso, de língua tão opulenta, mas também onde é tão grande a soma de analfabetos e onde há tão pouco entusiasmo pela lição dos clássicos e tamanha predileção pelas novidades de linguagem e exóticos estrangeirismos, uma reação, discreta e moderada, é certo, por parte dos bons escritores, tendente a não deixar jazerem para sempre no desuso termos que já foram bem nossos e bem correntes na nossa língua, se faz útil, proveitosa, por vezes até necessária.

Não convém, se percam com tanta facilidade os tesouros do nosso idioma.

I05 – Certo é, todavia, que nem todos os termos desusados merecem ser reconduzidos à circulação; há, entre eles, arcaísmos tais, que seria ridículo e absurdo querer encaixá-los na linguagem de hoje; sumiram-se, uma vez para sempre, no torvelhinho da evolução.

Como por exemplo:

CONCRUDIR = concluir: *eu não vejo aqui maneira senão enfim CONCRUDIR* (Gil T. 79).

CRARO = claro: *os outros erram a barreira em CRARO* (H. Pinto I. V. C. III-105).

DE PRÃO = sinceramente: *DE PRÃO que vós havedes bem contado o feito de Amádis* (A. Ferreira P. L. I-95).

ENDE = por isso: *vós seredes sempre ENDE loado* (A. Ferreira P. L. I-95).

GIOLHO = joelho: *assentou-se Vasco da Gama em GIOLHOS ante el-rei* (J. Barros D. I.^a I. IV.^o pg. 50).

GUAI = ai: *GUAI de nós, se se descobrissem* (Arrais D. 56).

LEIXAR = deixar: *quantas donzelas comeu já a terra com a saudade que lbe LEIXARAM cava-leiros...?* (Bernardim M. e M. 17).

NEGO = senão: *estas cachopas não vêm à feira NEGO a folgar* (Gil T. 205).

OGANO = êste ano: *já se isto cuidava, Nisa, quando OGANO trocaste a novilha pelo seu almalho* (R. Lobo P. II6).

PERÓ = porém: *PERÓ depois que êles quiseram navegar a descoberto... conheceram quantos enganoses recebiam na estimação das singraduras* (J. Barros D. I.^a I. IV.^o pg. 59).

REM = nada, coisa alguma (equivalendo ao francês *rien*): *vós havedes bem contado o feito de Amádís, sem quedar por contar ende i REM* (A. Ferreira P. L. I-95).

SALVANOR = devido respeito: *falando com SALVANOR, tu diabo me parecez* (Gil T. I85).

SAMICA = talvez: *quanto ao que entendo, sois SAMICA anjo de Deus* (Gil T. 205).

SEGRE = século: *os amadores dêste SEGRE temem tanto ser separados de sua amizade, que nenhuuma cousa têm por mais trabalhosa que não trabalhar* (H. Pinto I. V. C. III-233).

SEM = geração, estirpe: *Bom Vasco de Sobreira e de grão SEM* (A. Ferreira P. L. I-95).

ULO = onde o? ULA = onde a?: *se com fumos e vaidades (que outra coisa não é tôda a potência humana) nos havemos de acreditar, os bispos, ULAS partes que deixamos a Deus? ULAS partes que damos à virtude?* (Souza V. do A. I-143).

106 – Tais palavras e inúmeras outras que azularam, muito há, não só da conversação e meneio vulgar da língua, senão também da linguagem literária, toando, além disto, como se foram estrangeiras ao ouvido daqueles que hoje falam o português, não merecem ressuscitadas, por se não ajustarem às condições do falar hodierno.

Mas, juntamente com estas, muitas outras existem, que não merecem propriamente o nome de arcaicas, senão o de esquecidas e inusitadas somente. São desusadas de fato, mas não de direito, pois não destoariam da linguagem moderna.

É preciso revivescer-lhes o uso, a bem da nossa literatura, evitando-lhe um esfacelamento que seria funesto, pois não convém que, com o acelerar da evolução, os documentos mais antigos se tornem ininteligíveis para os vindouros. É de mister guardar sempre razoável ligação com o passado, para que as obras, de que se orgulha a nossa literatura, não venham a tornar-se estranhas e peregrinas para os próprios leitores nacionais.

Somos dos primeiros em reconhecer que há de haver, sem dúvida alguma, certa seleção e cautela no emprego de vocábulos não correntes no falar de hoje, e que toda a perícia e tacto do bom escritor se revela no apresentar o antigo com a graça, dignidade e elegância do moderno, pois dar à frase uma feição exótica, unicamente pelo gosto de ostentar a expressão antiga, só poderia chocar as orelhas afeitas aos usos e estilos da linguagem atual, sacrificando a elegância ao sabor de classicismo. Mas também não vamos com a neomania daqueles que rejeitam toda e qualquer ressurreição de termos, atirando-lhe indiscriminadamente a pecha de passadismo.

Escritores há, partidários de uma exagerada transformação da linguagem; querem romper, quase que por completo, com o passado, ajudando a língua a evoluir-se aceleradamente, galopantemente, sentindo satisfação em vê-la alterar-se, de dia para dia, de uma maneira brusca, extraordinária e escandalosa. Tais escritores, decerto, têm em muito pouco o valor das suas próprias obras, pois, desejando e favorecendo tal evolução – relâmpago, eles se arriscam daqui a boas dezenas de anos a não serem mais entendidos. Escrevem, não para a imortalidade, mas apenas para o seu tempo e a sua geração.

Mas a literatura não consta somente desta gatinha de tão escassa influência: tem também os seus grandes vultos, cujas obras desafiam ousadamente a ação destruidora dos séculos: há de exercer, portanto, certa ação conservadora, com respeito à linguagem, a fim de manter sempre lúcidos, sempre procurados, sempre bem compreendidos, seus autores imortais.

E quanto mais escritores geniais e modelares tem uma língua, mais tende a conservar os seus tesouros. As grandes obras, pela ampla divulgação de que gozam, pelo gosto e entusiasmo com que são sempre citadas, tendem a cristalizar cada vez mais no uso as expressões que nelas se acham exaradas. Haja vista o poema de Camões que, apesar da distância de quatro séculos que dele nos separa, conserva muito melhor do que todas as obras, suas contemporâneas, e muitas posteriores, uma linguagem semelhante à nossa de hoje, pois a imortalidade do poema muito contribuiu para a imortalidade dos vocábulos e construções de que ele fez uso. Evoluciona bastante a língua, não há dúvida; termos surgem e termos desaparecem, mas tal evolução não há de ser anárquica e dissolvente, senão temperada, racionalizada, regularizada pela tradição.

107 – Mas não será destoar claramente do espírito de seu tempo, empregar alguém palavras que caíram em desuso? Teria razão de ser tal observação, se as tentativas de chamar à circulação palavras encostadas, sempre saíssem infrutíferas. Que assim não é, prova-o o seguinte fato expressivo por demais, para que lhe precisemos acrescentar mais nada.

Rui foi censurado de ter empregado LÍDIMO em vez de *legítimo* na redação do Código Civil, por estar a palavra em desuso naquele tempo e considerada antiquada pelos dicionários de Morais, Constâncio e Vieira e já por Duarte Nunes Leão em 1606. Defendendo-se disto, cita na sua “Réplica” muitas palavras de pleno uso hoje, que já naquele tempo eram apontadas como obsoletas por Duarte Nunes na sua “Origem e Ortografia da Língua Portuguesa”, entre as quais: *acoimar, afã, aleave, algo, albergar, algures, albrures, aquecer, arrefecer, aturar, confortar, haveres, desempachar, doesto, falba, finado, grei, lidar, ufano, sagaz, sanbudo, talante, vindita*. E cita também Francisco José Freire, que, nas “Reflexões sobre a Língua Portuguesa”, em 1765, apresentava, como arcaísmos, entre outros: *acatar, acendrado, achanar, açodado, adrede, amamentar, andrajo, aviventar, caroável, córrego, denodado, empantufado,*

guarida, menestréis, palafrém, passamento, pujança, quejando, reptar, retoçar, roçagante, tosquenejar, trabuco, amarelecer, amigar-se, desatinar, esquivar, extremar, bastear, enfermar, aquinboar, sortear, tartamudear. Diante disto, nada mais resta que dizer; as palavras em desuso voltam com facilidade ao uso corrente e passam a ser usadas novamente com tal frequência que, muitas vezes, ninguém se lembra que já foram antiquadas algum dia.

Passemos a alguns exemplos de revivescência de palavras desusadas, que notamos nos clássicos.

I08 – AÇOTEIA = terraço, mirante.

O que é hoje paço dos monarcas portugueses já viu o estandarte cavaleiro do Islã desfaldar-se das suas AÇOTÉIAS ao vento das serranias (Latino A. e N. 38).

I09 – AGRO (subst.) = campo.

Acabou o que lbe restava da vida... negociando com os AGROS que quase sempre tornam, com grossa onzena, quanto nêles se lança (H. Pinto I. V. C. II-23) – *levou José o corpo do Patriarca Jacó à terra de Canaã e o enterrou com seus antepassados, no AGRO de Hebron* (B. Brito M. L. I-41) *os limites dos AGROS, que granjeia, o são de seus desejos* (R. Lobo P. 45) – *os ecos vão bramindo ao longe, DAGRO EM AGRO* (Castilho G. I. II.º v. 227) – *esperanças, enleios, arroubos, e dulcíssimas quimeras de ainda ver florescerem os AGROS da pátria* (Camilo Q. de A. 66) *por AGROS e plantios... com minbas servas anda após o carro* (O. Mendes Od. I. VI.º v. 196).

I10 – AGUÇOSO = pressuroso, diligente, apressado, ativo, solerte.

Mas eu, mãe sou (sam) AGUÇOSA e vós dai-vos de vagar (Gil T. I32) – *certos há (a)í que, espertos, AGUÇOSOS, em tudo se entremetem* (Filinto O. C. VI-386) – *êle, AGUÇOSO, empina a espúmea taça* (O. Mendes E. I. I.º v. 770) *a mulher ao tear, tôda AGUÇOSA, em teias cantando, engana o tempo* (Castilho G. I. I.º v. 572) – *não pôde executar sem grandes abalos da natureza que, em semelhantes conjunções, pune AGUÇOSA por seus direitos* (Silvério V. D. V. 13) *vieste a ser agora um dos mais AGUÇOSOS colaboradores numa ditadura militar* (Rui C. L. 249).

III – AL = outra coisa.

Se não queres AL de mim, vou-me (Sá Miranda O. C. II-227) *senhor, que AL fará quem chega a ver-vos... que dar-vos de sua alma tôda parte?* (A. Ferreira P. L. I-36) *falemos, senhora, em AL* (Camões T. 205), *em AL não cuida, em AL não trabalha, senão em buscar meios para conhecer o que é bem e em saber qual é o melhor* (J. Barros Pan. 105) – *AL não faço senão gemer e chorar minha triste sorte* (F. M. Melo A. D. 58) *e AL não façais, com pena de morte* (Arte 245) – *nem elas buscam AL que desfadiga de ânimo* (Filinto O. C. IX-437) – *basta; nem de AL me é lícito avisar-te* (O. Mendes E. I. III.º v. 457) *do mal que me foi comigo acontecido AL não sei, senão que por amor dêle muito má vida*

levei (G. Dias P. II-237) — aqui busca remediar todos os males, quando AL não seja, ao menos misturando suas lágrimas coas lágrimas dos miseráveis (Silvério V. D. V. 126) quando por AL não valha (e creio que não vale) valerá pelo menos como voz de rebate ao país (Rui C. de I. 124) de AL não serve ela, no idioma de Voltaire, senão de anunciar o infinitivo (M. Barreto N. E. L. P. 213) melhor será falarmos em AL (Antero L. T. 313).

II2 — ALDEMENOS = ao menos, pelo menos.

Não quisera eu ser ALDEMENOS o relógio que tal hora desse (F. M. Melo A. D. 33) — ALDEMENOS, na aldeia, fala-se que se entende (Castilho Sab. 53) — continuaremos todos a pronunciar mal, mas tenhamos ALDEMENOS a consciência do êrro (Cândido F. e E. III-231).

II3 — ALEVANTO = motim, bulha, levante.

Da grandeza dêste vendaval ficou-lhe a idéia que fôra um vulgar ALEVANTO popular, que os fidalgos sufocaram e esmagaram (Antero L. T. 7).

II4 — ALFANADO = polido, aceado, elegante, penteado.

Vês aquêlê perro de Muça, como saiu boje ALFANADO, com sua aljuba nova e sua aljubeta verde...? (Herculano M. de C. I-77)... unbas escovadas e ALFANADAS (Camilo C. V. H. J. A. 93) um ancião de cara augusta, neve a barba, o casco à vela, val mais que uns impertinentes torcidos, ALFANADINHOS (Castilho Av. 147).

II5 — ALFIM = enfim.

...Tornar à casa, ALFIM, abafando de enôjo e cansaço (Filinto O. C. X-158) — pátria, ALFIM torno a ver-te (Garrett Cam. 14)... pondo-se, ALFIM, têrmo a tantos desastres (Lisboa V. P. A. V. 129) Gurupema pesa a prudente voz e ALFIM responde: Tupã decidirá (G. Dias P. II-213) a chusma jubilosa a pôpa ALFIM coroa (Castilho G. I. I.º v. 388) alumiou-se com os conselhos do seu confessor, homem pio e prudente, e ALFIM decidiu-se a alistar-se sob a bandeira de Santo Inácio (Camilo H. G. M. 7) não há cachorrinho tão adestrado, que ALFIM lhe não ouçamos o latir (M. Assis M. P. B. C. 353) — uma vez ali acastelado, conseguiu, ALFIM, recobrar-se (Laet J. do C. ano 58 n.º 109 pg. I.ª col. 5.ª).

II6 — ALMADRAQUE = leito, enxerga, coxim, colchão de palha.

Se tivésseis procurado o aposento dos donzéis, nós vos daríamos ao menos um ALMADRAQUE para repousar (Herculano L. e N. I-137) há princesas não refestaldadas em ALMADRAQUES de cetim (Camilo C. V. H. J. A. 15) — em Coimbra, do seu ALMADRAQUE de parturiente, Leonor Teles escrevia aos seus amigos (Antero L. T. 150).

117 – ALMUINHA = quinta, horta, quintal cercado. ALMUINHEIRO = hortelão.

Representava uma ALMUINHA com os seus alfobres, canteiros, nora, canaviais e hortaliça (Herculano M. de C. II-81) *representavam-na os ALMUINHEIROS ou hortelões de Valverde* (Herculano M. de C. II-81).

118 – AMARAR = levar para o alto-mar. AMARAR-SE = fazer-se ao mar.

Os pretendentes AMARARAM-SE logo, soltaram as velas e esperaram pela noite (O. Mendes Od. pg. 60) *que plenas velas AMARAR te possam, boleadas a prazer* (O. Mendes E. I. III.º v. 450) – *mas, na sua insurdescência fatal, o ministério, panos cheios, ventapopa, SE AMARAVA ao largo em plena ilegalidade* (Rui D. e C. 432).

119 – ANDURRIAL = lugar ermo, sem caminho.

Muita vez, dia e noite, e por um mês inteiro, vai pascendo e viandando o gado aventureiro, sem ter nos ANDURRIAIS nem sombra de malhada (Castilho G. I. II.º v. 501).

120 – ANUMERAR = acrescentar, ajuntar, adicionar, enumerar.

Salomão, nos seus “Provérbios”, entre os mais feitos da vinolência, ANUMEROU também êste da loquacidade (Bernardes N. F. I-32) – *dito isto, dispensa o leitor que se ANUMEREM outras virtudes a fato só por si tão significativo* (Camilo Q. de A. II8) *esta idéia... dá... a Demócrito a singular preeminência de ser ANUMERADO na ilustre série dêstes factos luminosos* (Latino O. da C. intr. CXXXIV).

121 – A SABENDAS = de propósito, cientemente, porque quer, de caso pensado, deliberadamente.

O que trata de pronunciar um idioma estrangeiro foge de tôdas as dificuldades, que encontra nas palavras, e faz, umas vêzes A SABENDAS e outras inconscientemente, pelas acomodar ao gênio de seu próprio idioma (M. Barreto N. E. L. P. 32).

122 – ASINHA = depressa.

ASINHA saberá se mais tempo ali o detinha (Camões L. c. VIII.º e. 91) *se nós outros passamos tão ASINHA, que podemos fazer que dure?* (Sá Miranda O. C. II-147) *aquêles fios de vãos pensamentos tão longos e tão ASINHA cortados... que são senão terríveis perseguições?* (H. Pinto I. V. C. I-110) – *deseja o prazo ver mais perto para mostrar seus intentos mais ASINHA* (R. Lobo C. de P. 39) – *que o mar se tente, ASINHA é profetado* (O. Mendes E. I. II.º v. 177) *ASINHA trazei, disse êle, o bissope e a benta caldeirinha* (G. Dias P. II-245) – *as intenções de D. Fernando feriram sua irmã e a firme resolução em que Leonor está de partir ASINHA para junto do seu marido* (Antero L. T. 48).

I23 – AVENÇA = acordo, conciliação, aliança, ajuste.

Esta fonte corre mais claro do que entrou na AVENÇA (F. M. Melo A. D. 148) – *meu pai é da melhor AVENÇA* (Castilho Sab. 26) – *notificaram-se os artigos da paz de Alcoutim, criando-se novas AVENÇAS com Castela* (Antero L. T. 68) *os escritores e jornalistas mais sisudos receberam de boa AVENÇA a reforma* (Cândido M. S. 280) *é ao liberal sem AVENÇAS com o cativoiro* (Rui F. B. 188).

I24 – BAGO = báculo.

Mas olha um eclesiástico guerreiro que em lança de aço torna o BAGO de ouro (Camões L. c. VIII.º e. 23) – *é duque e príncipe do Império e tem uso da mitra e BAGO* (Bernardes N. F. III-171) – *êste, a grande filáucia encarecia, com que a portuense mitra na cabeça e seu BAGO rege já se supunha* (Cruz e Silva Hiss. 94) – *D. Bernardo amaldiçoaria aquêle a quem deve o BAGO pontifical?* (Herculano L. e N. II-60).

I25 – BOFÉ, À BOFÉ = francamente, sinceramente, na verdade.

BOFÉ que me esquece o nome (F. M. Melo A. D. 81) – *BOFÉ, Madama, que não é bem difícil isto* (Filinto O. C. X-42) – *BOFÉ, mui devoto padre prior, que por pouco estive a ponto de ter que levar a vossos pés mais uma mentira* (Herculano L. e N. I-249) *não sei Á BOFÉ com quem me esgrimo* (Camilo Q. de A. 68).

I26 – BOLHÃO = jorro, borbotão d’água.

Brotavam, aquêles dois olhos sacratíssimos, BOLHÕES e fontes de lágrimas (T. de Jesus T. de J. I-74) – *reventou-me, a BOLHÕES, do peito, a eloquência da paixão* (Camilo A. de S. 139).

I27 – BRAVARIA = bravata, fanfarronice.

São BRAVARIAS de Palermo (Sá Miranda O. C. II-130) – *mas não se lhe dê nunca das investidas e BRAVARIAS, das pequenezes e maldades* (Rui Prefácio as “Questões de Português” de Assis Cintra).

I28 – CADIMO = artiloso, exercitado, destro, perito na sua arte, versuto, atilado.

Enfim é chapado oficial e muito me receio que CADIMO (F. M. Melo C. F. 41) *as patentes se dão aos gramáticos destas conjugações tão peritos ou tão CADIMOS nelas* (Vieira S. V-72) – *vai dum ratoneiro a CADIMO ladrão, grão trato* (Filinto O. C. VI-114) – *estas mouras da Mourama nascem já bruxas CADIMAS* (G. Dias P. II-227) *CADIMO comilão, vezeiro e useiro, induziu-me à Fenícia* (O. Mendes Od. I. XIV.º v. 230) *em que razões te fundas, ladrão CADIMO, para contar com perdões?* (Castilho Av. 312) – *fôra necessário ser galiciparla resoluto e CADIMO* (Rui R. n.º 254 pg. 126).

I29 – CANTARINA = cantora.

As CANTARINAS, segundo me dizem, ganham trinta e quarenta moedas por noite (Camilo Q. de A. 42) um dêles dedilbou, no alaúde romântico, a história daquele sultão que requestava uma CANTARINA de Granada (M. Assis Sem. 69).

I30 – CÂRREGO = cargo, encargo (encontra-se hoje em dia só em narrações de fundo histórico e que procuram reconstituir a linguagem antiga).

Cada um se foi entender no CÂRREGO que tinha encomendado (F. Morais P. de I. 90) êste CÂRREGO, disse o teólogo para o jurista, era o vosso (H. Pinto I. V. C. I-40) o exemplo da sua vida e bondade aproveitava mais ao povo que nenhum CÂRREGO de censor (J. Barros Pan. 96) – quem tanto quer viver no temor e respeito dos maiorais não devia aceitar o CÂRREGO de punir e zelar pelos pequenos (Garrett Arc. de S. 63) senhores, a mim deram CÂRREGO estas gentes, que aqui estão juntas, de dizer algumas coisas a el-rei (Herculano L. e N. I-III).

I31 – CEM-DOBRO = cêntuplo.

A magistratura e a advocacia, tão velhas como a sociedade humana, mas elevadas ao CEM-DÓBRO na vida constitucional do Brasil (Rui O. M. 66).

I32 – CLAUSTRA = claustro.

Não diz maravilhoso em colunas jônicas ou coríntias, nem em grande e formoso cruzeiro, nem em CLAUSTRAS espaçosas e nitidamente lavradas (H. Pinto I. V. C. I-206) – isto, meu primo, é mi-lagre de duas santas que temos inteiras na CLAUSTRA (Camilo A. de P. 158) – o brado horrível e lamentoso se ouvia longe, do lado de lá do Mondego, na silenciosa CLAUSTRA do mosteiro de Santana (Antero L. T. 172).

I33 – CONVINHÁVEL = conveniente, oportuno, razoável.

Fernando Gomes dizia aquelas cousas mais ou menos CONVINHÁVEIS às pessoas (Camilo A. em P. 56) – Deus... não precisaria dialogar com os seus santos para manifestar-lhes o que, em sua infinita sabedoria, julgasse CONVINHÁVEL que êles soubessem (Laet H. P. 48).

I34 – CORRENÇA = diarreia.

Dir-se-ia, porém, um caso de cólera-morbus nos domínios do senso moral: tal a CORRENÇA e coliquação com que se sucedem os despropósitos e maranhões (Rui E. da C. 44).

I35 – CRASTA = claustro.

Entramos com ela para outro pátio... cercado à roda de duas ordens de varandas, como CRASTA de frade (F. M. Pinto Per. I-I65) a CRASTA, que serve sòmente de recolher o gado que se há de sacrificar, tem

setecentas colunas de mármore lavrado (Lucena A. P. II-25) – jantou com a comunidade e, depois de graças, assentou-se na CRASTA com o Prior e padres em boa conversação (Sousa V. do A. I-187) – se quereis ver a casa do capítulo, vamos para a banda da CRASTA (Herculano L. e N. I-251) onde se erguia outrora a CRASTA de um mosteiro, levanta-se hoje um edifício que é como uma lenda mourisca (Latino A. e N. 45).

I36 – DETENÇOSO = vagaroso, demorado, longo, que se detém, que se faz com detença.

Todo êste trabalho de empenho sério e DETENÇOSA consulta seria, naquele espaço de tempo, uma impossibilidade total (Rui R. n.º 2 pg. 4).

I37 – DEVEDADO = vedado, proibido, defeso.

Nas costas, diz, contra ela, palavras DEVEDADAS, como comborça, barregã e outras (Antero L. T. 214).

I38 – DÍVIDO = relações de antiga amizade, parentesco.

É por isso que eu desposi hoje a mui ilustre D. Leonor, filha de D. Afonso Telo... ligada com os mais nobres dentre vós pelo DÍVIDO de sangue (Herculano L. e N. I-168).

I39 – EMBURILHADA = embrulhada.

Já por duas vêzes me quisera matar com peçonha, só por lbe eu não poder dizer as EMBURILHADAS que tinha feitas (F. M. Pinto Per. I-42) – mas que EMBURILHADA é esta? (Herculano M. de C. I-304).

I40 – ESCANÇÃO = copeiro, aquele que serve o vinho.

Os ESCANÇÕES enchem as taças e fazem-as circular em roda (Rebelo C. e L. 27) de balde o ESCANÇÃO fazia correr novas taças, cheias de vinho (Castilho Q. H. P. II-210) nada mais deleitável que... o vinho haurir, que da cratera vaza nos copos, o ESCANÇÃO (O. Mendes Od. I. IX.º v. 4) as taças que os ESCANÇÕES enchiam de novo, apenas eram esgotadas, começavam a fazer seu ofício (Herculano B. 152).

ESCANCEAR é fazer o ofício de escanção:

Eumeu taças ministra; o pão, Filétio; ESCANCEIA Melântio; o bodo encetam (O. Mendes Od. I. XX.º v. 200).

I41 – ESCONTRA = de encontro a, em frente, em direção a.

Corre ao polo e reverte ESCONTRA o meio-dia (Castilho G. I. II.º v. 515).

I42 – ESCOTE = quota-parte, parte da contribuição que a cada um compete na despesa comum, subscrição.

Pois assim é que havemos de entrar ao ESCOTE, carniceira, alça o cutelo e reparte (Sá Miranda O. C. II-229) – *vê-los-ei... se entrarem ao ESCOTE nos empenhos* (Arte 35) – *e todos três, o ESCOTE pagaremos* (Garção O. P. II-219) – *estendia para trás a mão aberta em ato de receber o ESCOTE da sua digna freguesia* (Herculano M. de C. II-101) *é banquete? por ESCOTE o não fazem* (O. Mendes Od. I. I.º v. 183) *se acontece levantar-se uma gabela ou um tributo, é sempre maior do que o devido, o ESCOTE do bom e honrado cidadão* (Latino O. da C. intr. CCIV) – *nenhum dos tributados poderia recusar o seu ESCOTE* (Rui R. de G. 159) *resume êle assim... todo o ESCOTE negro ao nosso misturado linguajar* (Leda Q. L. B. 45).

I43 – ESMARRIDO = sem seiva, sem vigor, mirrado, estéril.

Outras, pelo contrário... vêm à luz, mesquinhas e amofinadas, logo ao assomar do primeiro rebento à flor da terra ESMARRIDA (Rui R. de G. 250) *ficaria o mesmo que restaria da árvore... que a mão brutal do podador desbastasse... deixando-a apenas tronco ESMARRIDO* (Laudelino N. e P. IV-166).

I44 – FILHO DE ALGO = fidalgo.

Tôdas as donzelas FILHAS DALGO, como eram em idade para isso, se levavam à côrte da rainha (Bernardim M. e M. 122) – *compreender a nobreza no seu valor e prestígio era a natural instrução dos FILHOS DE ALGO* (Antero L. T. introdução pg. XVI).

I45 – GARNIR = guarnecer, adornar, enfeitar, arrear.

A minha terra se GARNIA de louçanias de flores, para aclamar, na ilusão do seu alvorôço, como o maior, o mínimo de seus filhos (Rui D. e C. 397).

I46 – GOLIARDO = frequentador de tabernas, tunante, boêmio, farrista.

Uma vergonha para tavolageiros GOLIARDOS (Herculano M. de C. I-157) – *nunca deixara de ter à sua mesa um dêsses GOLIARDOS, escolar noctívago e tunante* (Antero L. T. II).

I47 – GUARECER = livrar, salvar, defender, curar.

Alma que lbe é encomendada, se enfraquece e lbe vai tomando raio de desmaio, se chegando a esta pousada, se GUARECE (Gil T. 99) *é cousa muito boa para GUARECER asinha* (Orta C. S. D. I. I-29) *mais com vontade de GUARECER tuas feridas que mêdo de tuas fôrças, te cometi que deixasses a batalha* (F. Moraes P. de I. 25) *cansado de batalbar com o comum inimigo e lidar com os seus membros, me vim a GUARECER nestes montes* (Arrais D. 5) – *GUARECERAM as vidas, inda que com muito trabalho* (B. Brito M. L. I-98) *mais arditosas são as cobras que... fazem minas em que se GUARECEM* (Arte I60) – *a natureza... GUARECEU-A contra as invasões profanas dos homens* (Latino A. e N. 37)

muitas lágrimas foram enxutas e muitas chagas, GUARECIDAS (Camilo H. de P. I-52) – um dia, um dia! ameaçava o rei... certo de que, GUARECIDO tinha de si muito tempo para realizar os seus instintos de vingança (Antero L. T. 250).

I48 – HAVER VISTA DE = avistar, ver.

E seguindo sua viagem, dali a oito dias, HOUVE VISTA DAS Canárias (Castanheda H. do D. I-7) passou sem HAVER VISTA DA povoação de Sofala (J. Barros D. I.^a I. IV.^o pg. 69) – sôbre a tarde HOUVERAM VISTA DA fortaleza (Jacinto V. D. J. C. 151) – andando assim mansamente... HOUVERAM VISTA DE muitos fachos de luz (Garrett H. 30) – ao quarto dia de viagem, HOUVERAM VISTA DE um vaso que, ou com razão ou por mêdo, julgaram ser de corso (Silvério V. D. V. 18).

I49 – IDAS E VENIDAS = idas e vindas.

Estranha desordem, a destas IDAS E VENIDAS (Rui R. n.^o 66 pg. 34).

I50 – INIMIZIO = inimizade, enredo, intriga.

O espírito de INIMIZIO de Leonor Teles instantâneamente maranba intriga que a defenda, a ela, e o perca, a êle (Antero L. T. 345).

I51 – MAL-PECADO = por mal de seus pecados, por desconto dos pecados, infelizmente, por infelicidade.

Gentil infante, engraçado, que vives tão sem cuidado, serás homem, MAL-PECADO, findará teu sonbo então (G. Dias P. II-45).

I52 – MENAGEM = vassalagem, preito, homenagem, promessa sobre o cumprimento de um contrato.

Vieram os procuradores do mundo que foram os reis magos, os quais deram a Cristo MENAGEM e obediência (H. Pinto I. V. C. IV-126) como bons e leais vassalos, lbe vieram dar suas MENAGENS (D. Góis C. D. E. 6) a MENAGEM, porém, que costumam dar ao seu imperador e as zumbaias que lbe fazem, nem pela própria vida as fariam a quem não tivessem por daquela fabulosa geração solar (Lucena A. P. II-58) – recebeu por sua pessoa, em nome do príncipe, os juramentos e MENAGENS ordinárias (Sousa A. D. J. I-7) – o perseguidor cruel de donzelas nega-me o preito e MENAGEM (Rebello C. e L. II5) só entregaria àquele que de mim tivesse preito e MENAGEM (Herculano L. e N. I-73).

I53 – MESNADA = leva de gente de guerra, tropa assalariada.

Partiu com lustrosa MESNADA de homens darmas, para a hoste del-rei Ramiro (Herculano L. e N. II-15) em suas MESNADAS ou companhias de homens darmas, ardia a guerra em tôda a fúria (Rebello C. e L. I7).

154 – MESTEIRAL = artífice, que exerce um mister.

Também era honra que vós, filho e neto de MESTEIRAS e vilãos, não merecíeis (Herculano M. de C. I-29) *diante do meu poder, são iguais o magnata e o MESTEIRAL* (Latino E. C. 157) *D. Fuas Mendo casara com a filha de um MESTEIRAL* (Camilo Q. de A. II) – *a seguir aos solarengos, aos jogadores, aos MESTEIRAS estavam os vizinhos, os homens bons e de criação* (Antero L. T. 72).

155 – PALHAÇO (adj.) = de palha.

Acharão doze moradas PALHAÇAS (Gil T. 181) *são tudo casas de terra e PALHAÇAS* (Castanheda H. do D. I-II) – *uma poderosa manga de soldadesca paraguaia deixaria devastado êsse trecho do torrão, afugentados os habitantes dêles, posta em cinzas a casaria PALHAÇA* (F. Castro E. C. 149).

156 – PANTALONAS = calças.

Uma larga PANTALONA de xadrez branco e preto e uma ampla, mas curta, levita azul de estôfo ligeiro deixavam perceber as magras formas que vestiam (Garrett H. 7) *vi as largas PANTALONAS* (G. Dias P. II-227) *não se sabe a razão por que o morgado de Agra se afeiçoara às calças rematando em polainas abotoadas de madreperôla; vestira assim umas PANTALONAS em 1833* (Camilo Q. de A. 50).

157 – PASCIGO = lugar de pastagem para o gado.

A boiada não vi eu... nem sei que PASCIGO é o seu (Gil T. 230) *ficai, minhas ovelhas, meus cordeiros* (diz Dáfnis) *claras fontes, bons PASCIGOS* (A. Ferreira P. L. I-229) – *que alvorôto não causa em dando num PASCIGO!* (Castilho G. I. II.º v. 224).

PASCIGOSO = que tem muitos campos de pastagens:

Êle estava lá num retiro de Argos PASCIGOSA (O. Mendes Od. I. III.º v. 206).

158 – PELA VENTURA = por ventura.

A idade, PELA VENTURA, parecerá mais do que é, coos nojos e coos trabalhos (Sá Miranda O. C. II-I50) *pergunto se, PELA VENTURA, há cá essa cânfora* (Orta C. S. D. I. I-I58) – *o segundo... constará de dois períodos literários ou de dois livros e, PELA VENTURA, dos mais interessantes da obra* (Sotero C. L. P. B. intr. XVI) – *será, PELA VENTURA, Jacinto Freire posterior ao século XVII?* (Rui R. n.º 122 pg. 58).

159 – POJAR = desembarcar, aportar.

Assentou-se que a gente passasse aos batéis e que no quarto dalva POJASSE em terra (Jacinto V. D. J. C. 46) – *POJOU com leve lombo, em terra, o burro* (Filinto O. C. VI-I06) – *já el-rei Afonso quinto nas suas terras POJOU* (G. Dias P. II-226) *caíram os ventos, serenaram as ondas, e a barca POJOU felizmente no pôrto* (Camilo H. G. M. 127) – *POJARAM em terra os nossos dous apóstolos, resolutos a*

entender logo na missão de Mato Grosso (Silvério V. D. V. 20) o navio... faz-se na volta da Ilha Grande, onde POJA em terra tôda a gente de bordo que se recolhe ao lazareto (Rui F. B. 61).

I60 – PREITEJAR = combinar, ajustar, contratar, pactuar, apalavrar.

A Abraão mandou sair de sua pátria para só coêler se PREITEJAR (Arrais D. 92) —vários moradores da cidade estavam PREITEJADOS com el-rei de Castela, para lhe abrirem uma das portas (Herculano L. e N. I-187) — acabava de PREITEJAR com êle, nos tratos de paz, o casamento da sua mui amada irmã (Antero L. T. 155).

I61 – PROL (subst.) = lucro, proveito, favor.

Pediram os Estados do reino... que o quisesse el-rei corrigir e emendar, por PROL comum de seus reinos (D. Góis C. D. E. 51) e lhes ensinou o caminho que haviam de seguir acêrca do que tocava ao PROL comum de todos (J. Barros Pan. 186) — daqui o mandou visitar pelo secretário, mandando-lhe dizer... que boa PROL lhe fizesse tanta festa e tanta côrte (Sousa V. do A. I-289) o dinbeiro é o nervo da guerra, e, onde êste falta, arrisca-se a virtude e o PROL do bem comum (Arte 211) — se gostas, PROL te faça (Castilho F. 50) obrigado... aos conselheiros del-rei pelos bons desejos que em meu PROL têm (Herculano L. e N. I-243) — são frases estas de uso corrente mas sem o cunho da vernaculidade; têm quando muito, em seu PROL, a prática de personagens muito ilustres (Laudelino N. e P. IV-79).

I62 – PROPOEDOR = proponente, orador, intérprete, procurador.

Não era Fernão Vâsques homem que faltasse a êste auto, tendo-o a arraia-miúda elegido por seu PROPOEDOR (Herculano L. e N. I-101).

I63 – QUAMANHO = quão grande.

Ora vê, rei, QUAMANHA terra andamos (Camões L. c. V.º e. 69) QUAMANHA verdade disses-tes! (T. de Jesus T. de J. I-78) está claro quão grande mal é a ira, e QUAMANHO bem é a paciência (H. Pinto I. V. C. I-231) bem se deve cuidar QUAMANHO contentamento é o dêstes reinos (J. Barros Pan. 10) — deve a oferta ser tamanha, QUAMANHA foi a mercê (G. Dias P. II-233) — leia o sr. pastor, nas suas horas vagas, o que escreveu Goelzer... e reconbecerá QUAMANHA transformação operou o Cristianismo no léxico romano (Laet H. P. 75).

I64 – QUE FARTE = em abundância, fartamente, em barda, copiosamente.

Como que não víssemos por aqui moças sisudas e velbas doudas QUE FARTE... (Sá Miranda O. C. II-153) — dessa mercancia há aí QUE FARTE (Filinto O. C. VI-80) — estás liberto; agora exercício QUE FARTE (Castilho F. 193) trezentos mil réis mensais... davam QUE FARTE para satisfazer às necessidades do luxo (Camilo R. H. R. 200) — “A Brasileira de Prazins” (4.ª edição) oferece QUE FARTE para uma avaliação cabal (Leda Q. L. B. 94).

I65 – REBENTINA = acesso de fúria, furor.

Impulsivo até à REBENTINA, mas leal... a todos agasalhava com franqueza e galhardia (Antero L. T. I64).

I66 – SÊMEL = geração, descendência.

Vênho do SÊMEL de reis (Herculano L. e N. II-8).

I67 – TRIGOSO = apressado, pressuroso, precipitado, irrefletido.

Essa zorra, essa malina, se lhe correras TRIGOSA, não fizera essa chacina (Gil T. 231) *fazendo vai, o sol TRIGOSO, tantas mudanças* (Sá Miranda O. C. I-245) – *o fato dos benefícios já realizados no tempo de D. Pedro, interpretava-o apenas como... um movimento impulsivo da sua TRIGOSA justiça* (Antero L. T. 6).

I68 – TRUPITANTE = estrepitoso, estrondoso.

Não há um que não trate, na ausência, o patrão, como nós o tratamos, negando-lhe tudo o que, nos discursos e escritos, TRUPITANTEMENTE lhe atribuem (Rui R. de G. I80).

I69 – VAGANAU = vadio, maganão, mariola.

Haveria desafeto seu que se lhe pudesse furtar à nota de ébrio, VAGANAU, mendicante, “bicheiro” ou jogador? (Rui D. e A. II4).

I70 – VILTA = aviltamento, injúria, vitupério, pecha, acusação.

Quem com mais urgentes razões proporia nosso agravo e a desonra e VILTA del-rei, do que vós o fizestes hoje?... (Herculano L. e N. I-6I) – *houve quem se lembrasse, pois, de vedar-me a tribuna parlamentar com o decreto que me substituíra, pela VILTA de traidor, as honras de general* (Rui D. e C. 407).

CAPÍTULO III

EXPRESSÕES POPULARES

171 – Embora usem frequentemente termos e construções, que o vulgo desconhece, porque fazem parte dos tesoiros do dialeto literário, muita vez relegados ao olvido pelo insuficiente conhecimento da língua entre a gente inculta, mostram, também, os clássicos abundância e opulência léxica em se socorrerem, com igual felicidade, de expressões da gíria e do linguajar popular, quando elas bem se adaptam à elegância da linguagem escrita. “A fala popular – diz o Sr. Mário Barreto (F. L. P. 55) – é mina de palavras, frases e construções sintáticas variadíssimas e fonte onde há de enriquecer-se e robustecer-se a linguagem literária”. É verdade que nem tudo o que o povo diz, se escreve, e o autor que ousasse trasladar para as suas obras quantas expressões se acham em voga no seio da multidão, cairia no ridículo dos mais grosseiros plebeísmos. Contudo, ora porque a arraia-miúda conservou, mais afincadamente do que a gente culta, certos dizeres clássicos, ora porque aos bons escritores, em dadas ocasiões, o termo popular, mais rude, mais franco, mais ingênuo, mais expressivo, se lhes afigura o mais próprio e enérgico para exprimir a ideia que têm em mente, ora porque, às vezes, ao estilo faceto quadra melhor uma linguagem mais pitoresca, são enconradiças, nos autores clássicos da língua, certas expressões populares de que, muitos escritores mais tímidos ou menos opulentos, se julgariam obrigados a abster-se, por lhes parecerem vulgaridades plebeias.

Damos o exemplo de algumas:

172 – ACHANAR = tornar raso ou chão, aplanar.

Como um mar que se ACHANA depois do frêmito da procela e do banzar das vagas, o alto rumor da tavolagem asserenou (Herculano M. de C. I-195).

173 – A MODO QUE = parece que.

Êle que a viu empalidecer, perguntou-lhe: A MODO QUE não gostaste, Vêrgília? (M. Assis M. P. B. C. 235) *ela estará com febre? A MODO QUE extravaga* (Castilho F. 191) *como quem se afirma, um e outro dos dois que acompanham, fita admirado e A MODO QUE procura reconhecer feições que há visto algures* (Garrett Cam. 37) *êle A MODO QUE desconfia da gente* (T. Vasconcelos P. A. D. 155)

o que será? balbuciava o robusto camponês da Aramanha, A MODO QUE sinto patas de cavalos lá fora (Rebello C. dos F. 202) *A MODO QUE Homero quis representar um dos achaques da Humanidade* (O. Mendes Od. pg. 117).

174 – ANCHO = satisfeito, cheio de si, entonado, vaidoso.

São senhoris e ANCHOS os vilãos (Herculano M. de C. I-195) – *o maldito entronizou-se a dez passos de mim e atormenta-me, muito a seu salvo, ANCHO, como está, com a imprevidência das posturas municipais* (Laet J. do C. ano 58 n.º 116 pg. I.ª col. 5.ª).

175 – ARTEIRO = astucioso, ardiloso, manhoso, astuto.

Em profícua aliança, espera os frutos que do ARTEIRO cristão lhe finge a astúcia (Bocage P. VI-269) – *outro gabinete maquiavélico ruminava todos os estratégias de sua política ARTEIRA* (Garrett P. B. E. 72) – *ARTEIRA, Leonor vive agora afastada de tudo* (Antero L. T. 48).

176 – AVANTE = adiante.

Vou logo AVANTE (Sá Miranda O. C. II-230) *tu, que dos sabedores tanto AVANTE sempre estás, se deus és dos mercadores, sê-lo-ás dos amadores* (Camões T. 17) – *não quis o capitão que se passasse AVANTE* (Sousa A. D. J. II-57) *determinou D. Francisco passar AVANTE* (Jacinto V. D. J. C. 244) – *passou AVANTE e chegou aos Oroeporás* (A. Barros V. A. P. A. V. I-70) – *todavia bás mister passar AVANTE* (O. Mendes E. I. III.º v. 473) *os estranhos que passam, se honestos, seguem AVANTE, meneando a cabeça* (Herculano M. de C. I-68) – *a função de revisor daí AVANTE me ficava inteiramente desvincilhada* (Rui R. n.º 21 pg. 16).

177 – BANDALHEIRA = trapaça, falcaturia, indignidade.

Esta BANDALHEIRA que outro nome não tem, porque, para tais falcaturias, as designações literárias já não servem... (Rui R. de G. 98).

178 – BAQUE = queda, ruído de um corpo que cai.

Não sentiste da campa o BAQUE horrendo (Bocage P. VI-125) – *o mancebo, aturdido com o BAQUE, vai para cair* (Castilho M. U. M. 80) *um bramido que atroou o circo, e o BAQUE do corpo agigantado na arena, encerraram o extremo ato do funesto drama* (Rebello C. e L. 125) *o BAQUE surdo da cal deu-me um estremecimento passageiro* (M. Assis M. P. B. C. 389) *e um BAQUE na campa se ouviu horroroso* (Camilo D. da M. 181) – *assim o movimento político de maio: um BAQUE, um susto, um esparramo e desordem geral no mundo político surpreendido* (Rui C. L. 242).

I79 – BEM QUE = muito, decerto.

O Sr. D. Antônio Joaquim de Melo BEM QUE o desejou, sem que lhe fôsse dado realizá-lo (Silvério V. D. V. I42).

I80 – BOTAR = pôr, colocar.

Aquêle dia e a noite seguinte, nos BOTAMOS fora de tôdas as ilbas de Angitur (F. M. Pinto Per. I-I47) o lume da lâmpada se apagará, se lhe não BOTAREM azeite (H. Pinto I. V. C. IV-225) – aquela água BOTADA aos poucos, se vai convertendo em vinagre (Arte 248) BOTANDO o cabelo atrás... a bizarrria acrescentas (Botelho M. do P. II0) vinham muitas pessoas ricas e BOTAVAM quantidades grossas (Bernardes N. F. II-171) – fica o oiro no fundo ou centro da bateia donde o BOTAM em uma bacia (Pita H. A. P. 27) – essa observação, porém, que valeria alguma cousa em outro espírito, depressa a BOTEI fora (M. Assis P. R. 80) do rei, BOTO-ME ao coche e as plantas beijo (O. Mendes Od. I. XIV v. 222) olha se BOTAS abaixo as décimas (Camilo Q. de A. 103) – os povos BOTAM em comum os gados ao pasto (Antero J. em P. 205).

I81 – BOTE = assalto, arremesso, arremetida, salto do animal sobre a presa.

Furta-se ao BOTE, a meus pés firme (O. Mendes Od. I. X.º v. 244) –...arrancando-lhe os mais firmes e seguros esteios da virtude e o escudo que essa opõe aos BOTES do vício (E. C. Ribeiro P. L. E. 90) por mais acima que se esteja da corrupção, ninguém o está dos BOTES dos corruptores (Rui F. P. R. 330).

I82 – BUCHO = estômago, abdômen.

Vêde agora quanto essa justiça de BUCHO de ema... tem custado à nação (Rui R. de G. 203).

I83 – CACHOLA = cachimônia, cérebro, bestunto, inteligência.

Leis... concebidas na CACHOLA dos ministros (Rui R. de G. 57).

I84 – CAFAJESTE = indivíduo de baixa condição, biltre, maroto, patife.

... Entre as vaias de um grupo de CAFAJESTES (Rui R. de G. 47).

I85 – DESCURIOSO = descuidado, negligente. DESCURIOSIDADE = desleixo, inadvertência, negligência, descuido.

Foi DESCURIOSIDADE minha não citar as fontes donde as tirava (Bernardes N. F. I-5) – em tal matéria, nos deixou quase às escuras, a DESCURIOSA antiguidade (Castilho Q. H. P. II-180) e não nos envergonharemos da nossa DESCURIOSIDADE? (Castilho Q. H. P. I-158) o mais DESCURIOSO e desleixado de estudo era Álvaro (Camilo R. H. R. 68) – as turbas agora passam, DESCURIOSAS e irreverentes (Rui C. L. 310) os antigos escritores não curavam de aprimorar nesta parte os seus livros: Fr. Luiz de Sousa não se esquivou à DESCURIOSIDADE comum (Rui R. n.º 270 pg. 135).

186 – EMBELECO = negaça, embuste, engodo.

Nem sempre, palavras servem de EMBELÊCO ao povo (Herculano C. V. 97).

187 – ESTRANJA = países estrangeiros.

Nem tudo que é da ESTRANJA há de enjeitar-se (Castilho F. 164).

188 – FANIQUITO, CHILIQUE = síncope, desmaio, desfalecimento, ataque de nervos.

Que desamparo o meu! vou ter um FANIQUITO (Castilho F. 223) – *algumas pobres senhoras tiveram FANIQUITO* (Laet J. do C. ano 58 n.º 61 pg. I.^a col. 7.^a) *consinto mesmo que em momentos de CHILIQUE me caia nos braços* (Laet J. do C. ano 65 n.º 114 pg. I.^a col. 3.^a).

189 – FAZER DEIXAÇÃO = abandonar, renunciar.

Conhecerei muito bem se a vossa vocação é verdadeira, pela DEIXAÇÃO que deveis FAZER do mundo e de vós mesmos (Sacramento V. H. P. 106).

190 – GOELA (O) = homem ganancioso e sem escrúpulos, finório, espertalhão.

Os aventureiros, os cavadores, os GOELAS apontados a dedo pela população tôda (Rui R. de G. 198).

191 – INGRESIA = confusão, trapalhada, alarido, linguagem arrevesada e ininteligível, algaravia.

Parecia tôda a aldeia endemoninhada, tanta e tão confusa e desentoada era a bulha, matizada e INGRESIA que por aí soava (Herculano M. de C. I-76) – *os aliados... reguingham agora na INGRESIA parlamentar que a boa nova dêste ano é muito mais adiantada* (Rui D. e C. 135).

192 – MACACOA = doença ou achaque ligeiro que se repete de vez em quando, doença de pouca monta.

Receitava-lhe e enfermava-o nas suas MACACOAS (Castilho M. U. M. 107) *e diziam-lhe que não era nada, que eram MACACOAS do tempo* (M. Assis H. S. D. 53).

193 – MADORNA = forma popular e mais doce de – modorra.

No meio destas ondas durmo; não sei se MADORNA de Jonas, se presença de Deus (Chagas C. E. 122).

194 – MAGOTE = porção, grupo, ajuntamento de gente.

Caminhou com a gente... assim por se não encontrar com a muita que pelos caminhos, em MAGOTES, o estava esperando, como também pela outra que os senhores traziam consigo (F. M. Pinto Per. II-16) – o

povo, quieto mas animado ainda, andava aos MAGOTES por aquelas Cangostas, Banbaria e rua dos Caldeireiros (Garrett Arc. de S. 141)... *perpassar contínuo dos MAGOTES e pinhas de gente que se encontravam* (Herculano L. e N. I-69) – o povo *ajunta-se em MAGOTES* (Antero J. em P. 29).

195 – NANJA, NENJA = não.

Pescador foi Santiago, NANJA de cavalaria (Castilho Q. H. P. I-133) *diz que... o que eu preciso é duas bofetadas, NENJA eu que lhas leve* (Castilho Sab. 53) *paz nesta casa? seja e em quem a pode ter, amém; NANJA eu* (Garrett Arc. de S. 74) *se eu fôsse como aquela descarada... também teria quem me desse, NANJA dez alnas de ipre, mas vinte de brocado* (Herculano M. de C. I-77) – mas “a câmara abriu”, *diga-o quem quiser, NANJA eu* (Cândido F. e E. I-85).

196 – PALEIO = conversação animada e em voz alta, com muitas gargalhadas, pândega, troça.

Moças repontonas que nos serões das espadeladas, nos arraiais e nas barulhentas feiras de ano, se mostram ariscas para armar ao PALEIO (Antero R. e V. 125).

197 – QUE FARÁ? = quanto mais, imaginem agora.

Se os estranhos pensam assim, QUE FARÁ um pai? (Camilo Est. P. 59).

198 – QUE NEM = como.

Alardes fazia comigo QUE NEM escudeiro (F. M. Melo A. D. 90) – *as feras, tímidas QUE NEM cordeiros, acoutavam-se submissas nos povoados* (Rebelo C. e L. 20) *Deus o livre de cuidar que há de entrar... por umas salas QUE NEM palácios* (Castilho C. A. 115) *nisto de modas, falava QUE NEM um livro* (Herculano L. e N. II-257) *estonei a batata; salguei-a e soube-me QUE NEM manjar de anjos* (Camilo D. C. F. 101) – *alguma cousa miraculoso... deve de haver... para que... se doire tudo, tudo se desobumbre, tudo clareie, tudo cresça, QUE NEM a terra e o céu, quando, com o fugir da noite, o horizonte se rasga* (Rui G. G. 73).

199 – TOMARA = desejava, queria.

Aqui TOMARA eu agora todos os reis e príncipes... para dizer a todos em segredo como andam cegos no ponto mais essencial de seu governo (Arte 21) *sou tão malvada criatura que TOMARA os frades pregando, os letrados lendo, os soldados servindo, os políticos observando* (F. M. Melo C. F. 64) *TOMARA eu ver esta linguagem em toda outra pessoa antes que na boca dos que tanto me tocam* (Sousa V. do A. I-141) *TOMARA eu saber se te salvarás ou não* (Bernardes N. F. I-105) – *TOMARA costumar-me à desventura* (Bocage Son. 130) – *pelo amor de Deus TOMARA eu destes grilhões* (M. Assis Sem. 48) *já que o não pode mudar para si, TOMARA êle despojar o que o tem* (Camilo R. do P. 100) *TOMARA-LHE eu dar a minha vida, o meu sangue e tudo quanto sou e valho* (Garrett

F. L. S. 186) *queira Deus que me não traga outra repreensão; e se trouxesse?* TOMARA *ocê muitas como a de outro dia* (T. Vasconcelos P. A. D. 118) TOMARA *que algum engenho agudo me atinasse uma explicação clara e cabal* (Castilho N. do C. 168) – *igrejas, que um homem limpo* TOMARA *não ter por habitação, serviam de alcáçar a Deus para a celebração de seus tremendos mistérios* (Silvério V. D. V. 89).

200 – TRAMOIA = trama, ardil, enredo.

Bem vejo que a TRAMÓIA, antes de consumada, por força se descobre (Castilho Av. 250) *foram os sofismas, as trapaças, as ladras TRAMÓIAS da sua habilidade* (Camilo F. D. N. 99) – *baldara-se a TRAMÓIA* (Rui R. de G. 47).

201 – VASQUEIRO = raro, difícil de encontrar.

Somos um povo desafeito a estribar-se em si mesmo e costumado a procurar homens, gênero de dia a dia mais VASQUEIRO (Rui F. B. 140).

202 – VENETA = capricho, veleidade, mania, tineta, impulso repentino, resolução momentânea.

Aí anda êle com a VENETA, dá-lhe que dá-lhe, a passear (Herculano M. de C. I-282) *quando lhe dava na VENETA, metia-se na barca e ia a Niterói* (M. Assis P. R. 32) *mas de repente dava-lhe a VENETA* (Garrett Arc. de S. 32) – *é um ricaço, um “felizardo” que, se tem a VENETA de dotar uma escola... chega fatalmente a comendador* (Cândido F. e E. I-49).

CAPÍTULO IV

SINCRETISMOS

203 – Muito abundantes são, nos autores clássicos, os sincretismos, isto é, mui frequentemente uma palavra, sem mudança de significação, aparece com diversidade de formas, seja por acréscimo, seja por perda, seja por transposição ou ainda por permuta de letras. Várias foram as causas que os produziram.

Alguns nos vieram do próprio latim: *auréola* e *lauréola*, *estrito* e *restrito*, *lacerar* e *dilacerar*, *mudar* e *demudar*, *dêstera* e *destra*, *esposar* e *desposar*, *tardo* e *tardio*, *defensa* e *defensão*, *lucubração* e *elucubração*.

Outros, da sinonímia dos afixos, pois os temos, às vezes, vários com a mesma significação: IN e DES: *inumano* e *desumano*; URA, OR e DÃO: *frescura*, *frescor* e *fresquidão*; EZA e EZ: *altiveza* e *altivez*; EAR e EJAR: *planear* e *planejar*.

Outros vêm da duplicidade de formas: uma popular e outra erudita. Enquanto no seio do povo as vozes latinas sofreram abrandamentos (de P em B, de C em G, de T em D, de S em Z, de F em V), quedas de letras, principalmente de vogais entre consoantes e vice-versa, transposições (p. ex. de PRE em PER, de ÁRIO em ARIO e EIRO), vocalizações e consonantizações etc., os escritores antigos, inspirando-se nas fontes clássicas latinas, faziam não raro voltar a palavra a uma semelhança mais perfeita com a língua-mãe. Assim temos: *lagrimoso* e *lacrimoso*, *mudável* e *mutável*, *liar* e *ligar*, *feitiço* e *fictício*, *aspeito* e *aspecto*, *jerarquia* e *hierarquia*.

Outros vêm de acréscimos (o A inicial) ou de permutas (B e V, E e A, L e R) que foram outrora e ainda são hoje comuns no seio do povo: *baixar* e *abaixar*, *assobio* e *assovio*, *ralé* e *relé*, *flecha* e *frecha*. Outros, de uma aceitação simultânea da forma feminina e da masculina: o *chinelo* e a *chinela*.

E assim por diante. De tudo isto nasce uma variedade imensa de formas, com grande vantagem para o poeta, na metrificação, principalmente quando há desigualdade de sílabas e para todos os escritores em geral, dando-lhes ensanchas de repetir a mesma palavra sob forma nova, quando são obrigados a fazê-lo, ou de escolher a variante que mais sonora, agradável ou de maior efeito se lhes afigura na frase que desejam escrever.

Dividiremos os sincretismos em:

sincretismos de acréscimo (prótese, epêntese, paragoge);
 de diminuição (aférese, síncope, apócope);
 de transposição (hipértese e metátese);
 sinonímia de prefixos e sufixos;
 oscilações ou permutas;
 e vários outros casos de sincretismo.

Antes de mais nada, advertimos que o nosso fito, ao indicarmos estes exemplos de variantes sincréticas, é apenas mostrar a variedade de formas, todas elas com boa aceitação nos melhores escritores, antigos e modernos, e, por conseguinte, bem admissíveis ao uso contemporâneo. Não pretendemos entrar em sutis discussões sobre qual tenha sido a forma original e qual a forma alterada, ou, em outros termos, se em determinado caso houve prótese ou aférese, se houve epêntese ou síncope, paragoge ou apócope. A tendência do aluno de português é para considerar, como forma originária, aquela que ele vê mais em uso e alterada a que se lhe afigura mais rara. Tal critério, entretanto, não é sólido, pois as formas preferidas pelo uso podem variar conforme as determinadas épocas ou, na mesma época, de acordo com as diversas regiões. Achamos que aí deve de prevalecer o critério histórico e assim convém considerar-se como forma primordial aquela que primeiro se usou na língua, e alterada aquela que veio depois. Ora, acontece muitas vezes que a forma que se usou primeiro, sendo a mais antiga, é justamente a que está hoje menos em uso; assim o critério histórico pode estar em muitos casos em oposição com o critério, tão espontaneamente admitido, do uso atual. Na dúvida sobre qual tenha sido a forma mais antiga, por aparecerem igualmente ambas as formas desde os alvares do período clássico da língua, há-se de considerar original aquela que mais se aproxima da etimologia. Esta, a norma que havemos adotado; se, em algum caso, estranha, o leitor, a classificação que usamos e opina, p. ex. por uma aférese onde colocamos prótese etc., lembre-se que não estamos escrevendo um tratado sobre figuras de metaplasmo, senão apenas descrevendo a opulência vocabular dos grandes cultores da nossa língua.

I.º – SINCRETISMOS DE ACRÉSCIMO

a) A prostético

204 – A existência, na língua, de prefixos expletivos, isto é, que nenhuma ideia acrescentam a certas palavras, dá margem a casos frequentes de prótese ou aumento no começo da palavra. Destes o mais usual é o prefixo A, cujo emprego é uma das tendências populares no Brasil e em Portugal.

- BAIXAR (Rebelo C. e L. 210) e ABAIXAR (F. M. Melo A. D. 227 – Gonzaga M. de D. 27 – Rebelo M. D. J. I-382; M. Assis M. e L. 98).
- BANDEAR (Camilo N. B. J. M. 142) e ABANDEAR (Cândido M. S. 242).
- BASTAR (Laudelino N. P. V-252) e ABASTAR (Camões L. c. V.º e. 6; H. Pinto I. V. C. I-188 – Camilo Q. de A. 59).
- BASTECER (Jacinto V. D. J. C. 98 – Pita H. A. P. 81 – Silvério V. D. V. 36) e ABASTECER (F. Castro P. P. 14 – Rui C. de I. 263).
- BOIAR (Garção O. P. I-45) e ABOIAR (Vieira S. XIV-296 – Castilho F. pela A. 226).
- BONANÇA (H. Pinto I. V. C. III-71) e ABONANÇA (M. Aires R. V. H. 140).
- CALMAR (Castilho N. do C. 219) e ACALMAR (Castanheda H. de D. I-34).
- CAREAR (Castilho F. pela A. 74) e ACAREAR (Filinto O. C. IX-275 – Castilho M. U. M. 212).
- CAUTELAR (Bernardes N. F. III-82) e ACAUTELAR (Arte 96).
- CEIFA (Castilho F. pela A. 219) e ACEIFA (Castilho F. pela A. 99).
- CINGIR (Camilo H. de P. I-195) e ACINGIR (Herculano M. de C. II -351).
- CIPRESTE (Castilho M. U. M. 253) e ACIPRESTE (Castilho F. pela A. 52).
- CONCHEGAR (O. Mendes E. I. IV.º 147; Castilho F. pela A. 90; Latino A. e N. 128) e ACONCHEGAR (Camilo Q. de A. 45 – Cândido M. S. 186).
- COSTUMAR (Camões L. c. II.º e. 62 – Bernardes N. F. I-80 – Rebelo C. e L. 40 – Laet H. P. 123) e ACOSTUMAR (Camões L. c. II.º e. 57 – Filinto O. C. IX-323 – M. Assis Q. B. 53; Garrett F. L. S. 29).
- CREDOR (Garção O. P. II-15) e ACREDOR (J. Barros Pan. 93 – Bernardes N. F. III-9 – A. Barros V. A. P. A. V. I-30 – Camilo T. I. 259 – Silvério V. D. V. 340).
- CURVAR (Camilo H. de P. II-5) e ACURVAR (F. Castro E. C. 143 – Antero U. O. J. 9).
- DEMÃO (Rui R. pg. 2) e ADEMÃO (Silvério C. Past. 38).
- FORMOSEAR (Camilo H. de P. II-89) e AFORMOSEAR (Camilo H. de P. II-196).
- FRESCO (pintura) (Antero R. e V. 9) e AFRESCO (Antero J. em P. 359).
- FUZILAR (Rebelo O. V. N. C. 32) e AFUZILAR (Sousa A. D. J. I-239 – Herculano E. P. 97; Camilo N. B. J. M. 174).
- GASALHADO (Camões L. c. II.º e. 63 – Filinto O. C. IX-351 – Herculano B. 49 – Silvério V. D. V. 20) e AGASALHADO (J. Barros Pan. 200 – F. M. Melo A. D. 81).
- GRUPAR (Sotero C. L. P. B. I-60; Castilho G. I. I.º v. 41 – Rui R. de G. 176) e AGRUPAR (Cândido M. S. 282).
- JOELHAR (Camilo H. de P. II-124) e AJOELHAR (M. Assis H. S. D. 5).
- JUNTAR (Latino F. de M. 176) e AJUNTAR (Camilo Q. de A. 142).
- LAGOA (Pita H. A. P. 57) e ALAGOA (Camões L. c. X.º e. 95).

- LAMIRÉ (Cândido F. e E. II-57) e ALAMIRÉ (Herculano M. de C. I-80).
- LAMPADA (Bernardes N. F. III-47 – G. Dias P. II-34) e ALAMPADA (Camões L. c. VIII.º e. 44 – Jacinto V. D. J. C. 313 – Cláudio O. 89 – Garrett H. 159; Castilho F. 295; Herculano L. e N. II-274; G. Dias P. II-7; Seixas C. das O. II-103 – Silvério V. D. V. 280).
- LANCEAR (Antero S. do A. 9) e ALANCEAR (Camilo T. I. 82).
- LANTERNA (Camilo N. B. J. M. 32) e ALANTERNA (Castilho N. do C. I33).
- LEMBRAR (M. Assis Q. B. 230) e ALEMBRAR (Castilho F. 244).
- LEVANTAR (Laet H. P. 123) e ALEVANTAR (T. de Jesus T. de J. I-3 – Sousa A. D. J. I -53 – Herculano L. e N. I-28; Latino F. de M. I61).
- LIANÇA (do verbo liar ou então do b. latim ligantia-ae) (Camões L. c. VII.º e. 62; J. Barros Pan. 183 – G. Dias P. II-I61; Herculano M. de C. I-I40) e ALIANÇA (Rui C. de I. 371).
- LIGAR (Rebelo C. e L. 13) e ALIGAR (Camilo H. de P. II-I6).
- LIMPAR (Rebelo C. e L. 60) e ALIMPAR (Bernardim M. e M. 94 – Bernardes N. F. III-2 – Pita H. A. P. 10 – Camilo Q. de A. 210 – E. C. Ribeiro P. L. E. 211; Laet H. P. 12).
- MACHUCAR (G. Dias P. II-206) e AMACHUCAR (Antero J. em P. 6).
- METADE (Rui C. de I. 159) e AMETADE (Severim N. de P. I-4; Bernardes N. F. III-38 – A. Barros V. A. P. A. V. I-34 – Garrett Arc. de S. 157; Rebelo M. D. J. II-310; Castilho Tart. 2I; Herculano C. U. A. 50).
- MOLDAR (Herculano L. e N. II-III) e AMOLDAR (Latino A. e N. 169).
- MOSTRA (Camões L. c. I.º e. 56 – Filinto O. C. IX-17; Cláudio O. 7 – Rebelo C. e L. 155 – Silvério V. D. V. 92) e AMOSTRA (Rui D. e C. 506).
- NIVELAR (M. Assis Q. B. 179 – Rui C. de I. 226) e ANIVELAR (Garrett H. 155).
- PALPAR (F. M. Melo A. D. 77 – Castilho F. pela A. 25 – Rui C. de I. 214) e APALPAR (Rebelo M. D. J. II-17; Castilho C. A. 240 – Silva Ramos P. V. F. 276).
- PERFEIÇOAR (T. de Jesus T. de J. II-80 – B. Brito M. L. I-30) e APERFEIÇOAR (Latino A. e N. 105).
- PORFIAR (S. Maria A. H. I-39) e APORFIAR (H. Pinto I. V. C. I-200 – Filinto O. C. X-224 – Castilho F. 67; Herculano L. e N. I-297; Camilo A. de P. 151 – Silvério V. D. V. 344).
- POSTEMA (H. Pinto I. V. C. II-108 – Rebelo M. D. J. I-356) e APOSTEMA (Castilho Tart. 144).
- PRAZER (verbo) (H. Pinto I. V. C. I-68 – F. M. Melo A. D. 178 – O. Mendes E. I. I.º v. 299; Castilho F. 27; Herculano B. 203; M. Assis N. R. 151) e APRAZER (Laet H. P. 134).

- RECEAR (M. Assis Q. B. 264) e ARRECEAR (Bernardim M. e M. 68 – Castilho F. pela A. 77 – Laet H. P. 24; Cândido M. S. 291).
- RECIFE (Pita H. A. P. 24 – Rui C. de I. 292) e ARRECIFE (Durão C. c. VI.º e. 74 – E. C. Ribeiro P. L. E. 155).
- REMATAR (Arte 36) e ARREMATAR (Couto S. P. 143 – Durão C. c. VII.º e. 25 – Silvério V. D. V. 240).
- REMESSAR (Filinto O. C. IX-466 – Camilo F. D. N. 120) e ARREMESSAR (Bernardes P. P. P. 127).
- RENEGAR (Latino F. de M. 143) e ARRENEGAR (F. M. Melo A. D. 12 – M. Assis Q. B. 26).
- RUÍDO (Herculano L. e N. II-91) e ARRUÍDO (J. Barros Pan. 12 – Garção O. P. II-134 – Castilho F. pela A. 204; Herculano L. e N. I-73; M. Assis Q. B. 137).
- SELAR (Arte 72) e ASSELAR (Camões L. c. II.º e. 71; H. Pinto I. V. C. I-49 – Rui C. L. 99; Leda Q. L. B. 20).
- SENTAR (Latino F. de M. 67) e ASSENTAR (Bernardim M. e M. 86 – Filinto O. C. IX-20 – Rebelo C. e L. II; Castilho F. pela A. 145; Latino F. de M. 174; Herculano L. e N. I-67 – Rui D. e C. 526).
- SERENAR (Castilho F. pela A. 73) e ASSERENAR (Rebelo C. e L. 186; Herculano B. 90 – Rui D. e C. 40; Leda Q. L. B. 19).
- SINALAR (Castilho N. do C. 120) e ASSINALAR (Antero S. do A. 150).
- SOCIAR (Sacramento V. H. P. 20) e ASSOCIAR (Rui D. e A. 166).
- SOMBREAR (Herculano L. e N. II-86) e ASSOMBREAR (Rebelo C. e L. 159; Latino F. de M. 212).
- SOPRAR (H. Pinto I. V. C. I-182) e ASSOPRAR (Camões L. c. II.º e. 22; T. de Jesus T. de J. I-15 – Castilho F. pela A. 64; Camilo Q. de A. 222; Rebelo C. e L. 194; Herculano L. e N. I-96).
- SOSSEGAR (Rebelo C. e L. 130) e ASSOSSEGAR (Garrett Alf. de S. 57).
- SUJEITAR (Pita H. A. P. 27) e ASSUJEITAR (Filinto O. C. IX-41).
- TAMBOR (Arte 294) e ATAMBOR (Sá Miranda O. C. II-89 – Herculano B. 220).
- TEIMAR (M. Assis Q. B. 215) e ATEIMAR (Castilho F. 141; Rebelo C. e L. 190 – Silva Ramos P. V. F. 38).
- VERGAR (Rui R. de G. 13) e AVERGAR (Camilo A. de P. 113 – Rui D. e C. 481).
- VEXAR (Herculano C. V. III) e AVEXAR (Garção O. P. I-38 – Garrett Alf. de S. 139; O. Mendes E. I. I.º v. 123; Rebelo C. e L. 42; Castilho F. pela A. 44; Herculano M. de C. II-153).
- VINCULAR (Rui C. L. 85) e AVINCULAR (Filinto O. C. X-15 – M. Barreto N. E. L. P. 249).

VOEJAR (Latino A. e N. 99) e AVOEJAR (O. Mendes E. I. III.º v. 445; Camilo Q. de A. 178; M. Assis Q. B. 263).
 ZURRAR (Garrett F. F. C. 47) e AZURRAR (Castanheda H. do D. I-12 – Garrett F. F. C. 47; Herculano L. e N. II-38 – Rui R. n.º 286 pg. 141).

b) Outros casos de prótese ou aumento no começo

205 – AURÉOLA (Herculano E. P. 38) e LAURÉOLA (Bernardes N. F. III-6 – Pita H. A. P. 75; Sacramento V. H. P. 200).
 BOFETEAR (Camilo C. V. H. J. A. 178) e ESBOFETEAR (M. Assis H. S. D. 47).
 BRAVEJAR (Rui C. L. 331) e ESBRAVEJAR (Camilo H. de P. I-170).
 CAVALGAR (Garrett Arc. de S. 41) e ENCAVALGAR (Herculano M. de C. I-150).
 CLAUSURAR (Latino E. C. 36) e ENCLAUSURAR (Castilho M. U. M. 218).
 ESPARZIR (Camões L. c. II.º e. 36 – G. Dias P. II-64 – Rui C. de I. 330) e DESPARZIR (Camões L. c. III.º e. 52 – Filinto O. C. IX-238 – O. Mendes E. I. IV.º v. 626; Garrett Arc. de S. 123 – Laudelino N. e P. V-181).
 ESPERTAR (J. Barros Pan. 87 – F. M. Melo A. D. 87 – Castilho F. pela A. 236; M. Assis M. e L. 102 – Silvério V. D. V. 60) e DESPERTAR (Cândido M. S. 283).
 ESPOSAR (Rui D. e C. 233) e DESPOSAR (Filinto O. C. X-9).
 ESTRAGAR (Garrett Alf. de S. 183) e DESTRAGAR (Camilo Q. de A. 71).
 ESTRITO (Latino A. e N. 137; T. Vasconcelos P. A. D. 47 – Silvério E. dos F. 9; Rui C. L. 308) e RESTRITO (Silvério V. D. V. 48).
 FERVILHAR (Antero R. e V. 19) e ESFERVILHAR (Rui D. e C. 127).
 FRAUDAR (Lisboa O. C. I-96; Latino E. C. 79 – Rui D. e C. 412) e DEFRAUDAR (Arte 43 – O. Mendes E. I. IV.º v. 372).
 GLADIADOR (Pita H. A. P. 236 – Latino E. C. 17) e DIGLADIADOR (Bernardes N. F. III-146).
 LACERAR (Rui C. L. 50) e DILACERAR (Filinto O. C. IX-125 – Rui D. e A. 152).
 LUCUBRAÇÃO (Garrett P. B. E. 226) e ELUCUBRAÇÃO (Silva Ramos P. V. F. 96).
 MUDAR (Lisboa V. P. A. 177) e DEMUDAR (T. de Jesus T. de J. II-96 – Rebelo C. e L. 217; Herculano L. e N. I-88).
 NOVADOR (Seixas C. das O. I-103; Lisboa O. C. I-46) e INOVADOR (Camilo H. de P. I-195).
 PENDURAR (Rui D. e C. 193) e DEPENDURAR (H. Pinto I. V. C. I-85).
 PIORAR (Garrett H. 149) e EMPIORAR (M. Aires R. V. H. 126; Tolentino Sat. 221 – Garrett P. B. E. 23; Castilho Sab. 51 – Silvério V. D. V. 48).

PERECER (Rui D. e A. 57) e DEPERECER (Latino E. C. 164; Camilo R. H. R. 23).
 PERNEAR (Durão C. c. II.º e. 13; Garção O. P. II-112; Filinto P. 161 – Camilo A. de P. 50) e ESPERNEAR (Rebello C. e L. 234; Castilho Tart. 164).
 PUXAR (Castilho G. I. III.º v. 182) e EMPUXAR (Castilho N. do C. 44).
 RISCAR (Herculano P. 28) e DERRISCAR (Rui R. pg. 3).
 VAPORAR (Camilo R. H. R. 27) e EVAPORAR (Arrais D. 2 – Garrett Arc. de S. 87).
 VAZIAR (Garrett Alf. de S. 66) e ESVAZIAR (Rui C. de F. 60).
 VERDECER (Arrais D. 43 – Antero J. em P. 23) e ENVERDECER (Filinto P. 225 – Camilo N. B. J. M. 106).
 VIUVAR (Antero L. T. 232) e ENVIUVAR (Castilho M. U. M. 39).

c) Epêntese ou acréscimo no meio

206 – AÇAMAR (Arte 44) e AÇAIMAR (Garrett F. L. S. 179).
 DESVENTURA (Camilo R. H. R. 207) e DESAVENTURA (H. Pinto I. V. C. I-30 – F. M. Melo A. D. 10 – Castilho F. pela A. 164).
 FLEUMÁTICO (F. M. Melo A. D. 113 – Pita H. A. P. 20) e FLEUGMÁTICO (Castilho M. U. M. 75).
 REMOINHO (Garrett Alf. de S. 63; Castilho F. 20 – E. C. Ribeiro P. L. E. 130) e REDEMOINHO (Castilho F. 318).

d) Paragoge ou Epítese, isto é, aumento no fim

207 – AFÃ (Filinto P. 169 – Castilho G. I. I.º v. 152) e AFANO (Silva Ramos P. V. F. 50).
 PALADIM (do francês ant. paladin) (Castilho F. pela A. 74 – Sá Nunes A. L. N. I-266) e PALADINO (Rebello M. D. J. I-210 – Rui C. L. 286).
 UTENSIL (Filinto P. 123 – Castilho C. A. 192) e UTENSÍLIO (Seixas C. das O. II-120; Castilho C. A. 142; Camilo Q. de A. 76).

2.º – SINCRETISMOS DE DIMINUIÇÃO

a) Aférese ou diminuição no princípio

208 – AINDA (Garrett F. L. S. 174) e INDA (Cláudio O. 22; Filinto O. C. X-159 – Garrett Alf. de S. 5; Lisboa O. C. I-24; G. Dias P. II-14; Castilho Tart. 25 – Sá Nunes A. L. N. I-182).

ALAMEDA (Filinto O. C. IX-188 – Castilho C. A. 87) e LAMEDA (Filinto O. C. IX-277 – Rebelo M. D. J. I-96).
 ALAÚDE (Castilho Q. H. P. I-46) e LAÚDE (Herculano M. de C. II-257).
 ÀS AVESSAS (Bernardes N. F. II-233) e ÀS VESSAS (Filinto O. C. IX-433 – Garrett Alf. de S. 6).
 DESTRUIR (Garrett Alf. de S. 143) e ESTRUIR (Camões L. c. X.º e. 21 – Caldas S. de D. 157 – Castilho C. A. 95).
 ENOJO (do latim in odio) (Filinto O. C. IX-153 – Camilo A de P. 3; M. Assis M. e L. 106) e NOJO (H. Pinto I. V. C. I-221 – F. M. Melo A. D. 141).
 ENSAMBLAR (Rui C. de F. 136) e SAMBLAR (Camilo Q. de A. 164).
 INTENÇÃO (Castilho F. 9) e TENÇÃO (H. Pinto I. V. C. I-28 – Bernardes N. F. III-124 – Pita H. A. P. 53 – Garrett H. 171; O. Mendes E. I. I.º v. 611; Rebelo M. D. J. 1.92; Castilho F. 9; Lisboa O. C. I-13 – Silvério V. D. V. 21).

b) Síncopa ou queda no meio

209 – ACOROÇOAR (F. Castro P. P. 8 – Rui D. e C. 450; Silvério V. D. V. 206) e ACORÇOAR (Filinto O. C. IX-14 – O. Mendes E. I. II.º v. 639 – Silvério V. D. V. 22).
 ADMOESTAR (Bernardes N. F. III-126 – Filinto O. C. IX-307 – Laet H. P. 27) e AMOESTAR (Bernardim M. e M. 49 – F. M. Melo A. D. 154 – Camilo Est. P. 202; O. Mendes E. I. III.º v. 431; Herculano P. 221 – Silvério V. D. V. 167).
 ALJOFARAR (Garrett H. 43) e ALJOFRAR (Castilho G. I. III.º v. 18).
 DESAPEGAR (Filinto O. C. IX-328) e DESPEGAR (Rebelo O. V. N. C. 25).
 DESASSOSSEGO (H. Pinto I. V. C. I-86 – Arte 264 – Rebelo C. e L. 157) e DES-SOSSEGO (G. Dias P. II-122; Castilho N. do C. 41; Camilo A. de P. 44).
 DESCOROÇOAR (Seixas C. das O. II-203; Rebelo M. D. J. II-220 – Cândido M. S. 67) e DESCORÇOAR (Filinto O. C. IX-24 – Castilho C. A. 126).
 DÊSTERA (Pereira B. S. Sab. cap. V.º v. 17) e DESTRA (Herculano M. de C. II-185).
 EREMITA (Bernardes N. F. III-46) e ERMITA (Rebelo C. e L. 22; Camilo H. de P. II-138).
 ESCONDERIJO (Bernardes N. F. II-186 – Castilho F. pela A. 54 – Rui C. de I. 394) e ESCONDRIJO (Filinto O. C. XI-390 – Lisboa O. C. I-91; O. Mendes E. I. III.º v. 234; Herculano B. 194; Camilo Q. de A. 83).
 ESGARAVATA.R (Camões T. 117 – Chagas C. E. 106 – Lisboa O. C. I-110 – Rui R. n.º 409 pg. 177; Silva Ramos P. V. F. 116) e ESGRAVATAR (Chagas C. E. 138).

- FAGULHA (O. Mendes E. I. III.º v. 571) e FAÚLHA (Antero L. T. 23; Sá Nunes A. L. N. I-224).
- GANDARA (Castilho F. pela A. 47 – Antero J. em P. 373) e GANDRA (Herculano E. P. 222).
- LIGAME (Laet H. P. 112) e LIAME (Silvério V. D. V. 334).
- LIGAR (Rebello C. e L. 13) e LIAR (Camões L. c. VIII.º e 62 – Jacinto V. D. J. C. 177 – Pereira B. S. Atos cap. XII v. 6 – O. Mendes E. I. IV.º v. 731 – Rui R. n.º 336 pg. 156).
- LIMINAR (O. Mendes E. I. IV.º v. 218 – Silvério V. D. V. 41) e LIMIAR (O. Mendes E. I. IV.º v. 496; Herculano E. P. 129; Camilo T. I. 257).
- LUMINAR (no sent. de limiar) (Camilo H. de P. II-95) e LUMIAR (Pereira B. S. Juízes cap. XIX.º v. 27 – Camilo H. de P. II-95).
- MAESTRIA (Rui R. n.º 487 pg. 199) e MESTRIA (Rebello D. N. T. G. S. P. 164; Herculano B. 16 – Rui C. de I. 171; Antero J. em P. 269).
- MAIOR (Camões L. c. IV.º e. 80) e MOR (T. de Jesus T. de J. 146 – R. Lobo C. de P. 32v – Filinto O. C. IX-16 – Lisboa O. C. I-179; Sotero C. L. P. B. I-14 – Laet H. P. 25).
- MAIORMENTE (J. Barros Pan. 70 – Bernardes N. F. III-49 – Filinto O. C. IX-196 – M. Assis Q. B. 113) e MORMENTE (J. Barros Pan. 58 – Filinto O. C. IX-215 – Castilho F. pela A. 56 – Silvério V. D. V. 161).
- MENOSCABAR (Couto S. P. 70 – Silvério V. D. V. 161) e MESCABAR (Sousa V. do A. II-41 – Filinto P. 29 – Camilo Q. de A. 135).
- OFERENDA (Seixas C. das O. II-155; Camilo H. de P. I-156) e OFRENDA (Caldas S. de D. 241; Pereira B. S. Atos cap. XXI.º v. 26; – Castilho N. do C. 116 – Laet H. P. 147).
- PALADAR (Silvério V. D. V. 324) e PADAR (F. M. Melo A. D. 75; Arte 19 – Filinto O. C. IX-308 – Castilho G. I. III.º-v. 563).
- PÉLAGO (Pita H. A. P. 34 – O. Mendes E. I. I.º v. 102 – Rui C. de I. 210) e PEGO (Camões L. c. V.º e. 73 – F. M. Melo A. D. 78 – Filinto O. C. IX-303 – O. Mendes E. I. I.º v. 54).
- PÉROLA (H. Pinto I. V. C. I-III – Camilo Q. de A. 149) e PERLA (Camões L. e. X.º e 102; Sá Miranda O. C. II-279 – Botelho M. do P. 96 – Gonzaga M. de D. 70 – O. Mendes E. I. I.º v. 686; Camilo Q. de A. 67).
- PROGNÓSTICO (Arrais D. 18 – Rui C. de F. 77) e PRONÓSTICO (A. Barros V. A. P. A. V. I-238 – O. Mendes Verg. Bras. pg. 9).
- REDINTEGRAR (Camilo C. V. H. J. A. 87) e REINTEGRAR (Castilho M. U. M. 138).
- SOALHEIRA (Castilho G. I. II.º v. 195) e SOLHEIRA (Antero U. O. J. 208).

SOLIDÃO (G. Dias P. II-218; Castilho F. pela A. 197) e SOIDÃO (G. Dias P. II-69; Castilho F. pela A. 152; M. Assis A. 42).
 SONIDO (Vieira S. XI-117 – Pereira B. S. Isaías cap. V.º v. 30 – O. Mendes E. I. III.º v. 668) e SOÍDO (G. Dias P. II-16; Herculano B. 123).
 SUBVERTER (E. C. Ribeiro P. L. E. 144) e SOVERTER (Sousa A. D. J. I-164 – Garrett P. B. E. 23 – Silvério V. D. V. 211; Laet A. I. ano II.º n.º 17 supl.).
 TERRENAL (Latino A. e N. 181) e TERREAL (H. Pinto I. V. C. I-49 – G. Dias P. II-68).
 TRÍPLICE (Rui C. de F. 25) e TRIPLE (Filinto P. 143 – Camilo H. de P. II-155).

c) Apócope ou perda no fim

210 – DIZE (imp.) (Garrett F. F. C. 185) e DIZ (Garrett F. F. C. 185; Castilho M. U. M. 36; Camilo R. H. R. 228).
 FAZE (M. Assis P. A. 99) e FAZ (Camilo R. H. R. 216; M. Assis Sem. 194).
 GRANDE (E. C. Ribeiro P. L. E. 204) e GRÃO (Camões L. c. X.º e. 9; H. Pinto I. V. C. III-45; D. Góis C. D. E. 97 – Jacinto V. D. J. C. 91; F. M. Melo A. D. 183 – Filinto O. C. X-109; Pereira B. S. I.º Mac. cap. VI.º v. 63 – Lisboa O. C. I-57; Herculano B. 184; Castilho N. do C. 18 – M. Barreto N. E. L. P. 161).
 MUITO (E. C. Ribeiro P. L. E. 98) e MUI (J. Barros Pan. 40; Camões L. c. V.º e. 75 – Bernardes N. F. II-129 – M. Aires R. V. H. 27 – Castilho C. A. 13; G. Dias P. II-38; Latino A. e N. 86; T. Vasconcelos P. A. D. 169; M. Assis Q. B. 170 – Silvério V. D. V. 21; Rui C. de I. 278; Laet H. P. 151).
 QUERE (H. Pinto I. V. C. I-6 – Garrett Alf. de S. 27 – Silva Ramos P. V. F. 102) e QUER (Caldas S. de D. 98).
 VALE (verbo valer) (Laet H. P. 40) e VAL (D. Góis C. D. E. I-2 – F. M. Melo A. D. 91 – M. Aires R. V. H. 37 – G. Dias P. II-142; Castilho F. pela A. 151).
 VALE (substantivo) (Gonzaga M. de D. 35) e VAL (T. de Jesus T. de J. I-81).

3.º – SINCRETISMOS DE TRANSPOSIÇÃO

a) Hipértese ou transposição de uma sílaba para outra

211 – DESVARIO (Bernardim M. e M. 99 – Rui C. de I. 145) e DESVAIRO (Bernardim M. e M. 70 – Laet A. I. ano II.º n.º I pg. 6; Antero U. O. J. 208).
 RESSÁBIO (Filinto O. C. IX-470; A. Barros V. A. P. A. V. I-254) e RESSAIBO (Arte 193 – Camilo R. H. R. 119 – Silvério V. D. V. 166; Laet H. P. 21).

b) Metátese ou transposição dentro da mesma sílaba

212 — BURNIR (Garção O. P. I-35) e BRUNIR (Jacinto V. D. J. C. 312 – Gonzaga M. de D. 85 – G. Dias P. II-85 – Antero J. em P. 24).

ESBORCINAR (H. Pinto I. V. C. IV-201) e ESBROCINAR (Camilo N. B. J. M. II6).

ESBURGAR (Bocage Son. 99 – Rebelo M. D. J. II-131) e ESBRUGAR (Herculano L. e N. II-187).

PERGUIÇA (J. Barros Pan. 184 – Filinto O. C. IX-369 – Herculano C. U. A. 244) e PREGUIÇA (F. M. Melo A. D. 13 – Castilho F. pela A. 191).

PERJÚRIO (Castilho N. do C. 95) e PREJÚRIO (Castilho N. do C. 58; Herculano C. V. 178).

PRATELEIRA (M. Assis Q. B. 347) e PARTELEIRA (Castilho F. 55).

PREGUNTA (J. Barros Pan. 211 – Cândido M. S. 32; Silva Ramos F. L. P. pr. XVI) e PERGUNTA (M. Barreto A. D. G. 157).

PREGUNTAR (H. Pinto I. V. C. I-7; D. Góis C. D. E. I-57; Couto S. P. 52 – R. Lobo C. de P. 4; F. M. Melo A. D. 193; Bernardes P. E. 126 – M. Aires R. V. H. 64 – Castilho Q. H. P. II-31 – Antero U. O. J. 331) e PERGUNTAR (Couto S. P. 9 – F. M. Melo A. D. 193 – M. Assis M. e L. 113).

PRETENDER (T. de Jesus T. de J. I-7 – Bernardes N. F. III-83 – Filinto O. C. IX-327 – G. Dias P. II-38) e PERTENDER (Camões T. 198; T. de Jesus T. de J. I-67 – F. M. Melo A. D. 181; Chagas C. E. 204; Bernardes N. F. III-9; Arte 3 – Garção O. P. II-126; Cláudio O. 59; Filinto O. C. IX-59 – Seixas C. das O. I-19; Castilho F. pela A. 90; Herculano C. V. 270; Camilo H. de P. I-92).

PRETENSÃO (Silvério V. D. V. 181) e PERTENSÃO (Arte 45 – Filinto O. C. IX-172; M. Aires R. V. H. 190 – Seixas C. das O. II-13; M. Assis M. e L. 102 – Silvério V. D. V. II6).

RETORCER (Durão C. c. V.º e. 14) e RETROCER (F. M. Melo A. D. 149 – Durão C. c. IV.º e. 41 – Camilo Q. de A. 205).

4.º – SINONÍMIA DE PREFIXOS

a) A e com

213 – AMISERAR-SE (Rui C. de F. 233) e COMISERAR-SE (Rui D. e A. 44).

b) A e em

214 – ARREVESADO (E. C. Ribeiro P. L. E. 68) e ENREVESADO (Filinto P. 23).
ARRUGAR (Herculano L. e N. II-128; M. Assis M. e L. 36) e ENRUGAR (Gonzaga
M. de D. 85 – Rebelo M. D. J. I-236).
ASSENHOREAR (Herculano C. V. 133) e ENSENHOREAR (Pereira B. S. Isaías
cap. XXXIII v. I4).
AVERGONHAR (Rui R. n.º 127 pg. 61) e ENVERGONHAR (Camilo H. de P. I-170).

c) Contra e contro

215 – CONTRAVERTIDO (Lisboa V. P. A. V. 220) e CONTROVERTIDO (Camilo
Q. de A. II).

d) De e des

216 – DECAIR (Sotero C. L. P. B. I-31) e DESCAIR (Pereira B. S. Isaías cap.
XXIV v. 4).
DELEIXO (M. Assis M. e L. 23 – Silvério V. D. V. 238) e DESLEIXO (G. Dias P. II-
215; Rebelo M. D. J. I-38).

e) Des e es

217 – DESCARNAR (Garção O. P. I-50 – Herculano M. de C. I. 20) e ESCARNAR
(Gonzaga M. de D. 143 – Rebelo C. e L. 58).
DESCOMUNAL (Cândido F. e E. III-205) e ESCOMUNAL (Rui G. G. 139).
DESCULPAR (Camilo F. D. N. 55) e ESCULPAR (Rui D. e A. 131).
DEFOLHAR (Garrett H. 44) e ESFOLHAR (Rebelo C. e L. 29; Camilo R. H. R.
148; M. Assis N. R. 194).
DESMIUÇAR (Rui R. n.º 12 pg. 12) e ESMIUÇAR (Rui R. n.º 28 pg. 20).
DESPAVORIDO (Camilo H. G. M. 73) e ESPAVORIDO (Camilo C. V. H. J. A. 126).
DESPEDAÇAR (Herculano B. 141) e ESPEDAÇAR (Camões L. c. X.º e. 30 – Arte
127 – O. Mendes E. I. I.º v. 82; Latino F. de M. 126; Castilho F. pela A. 65; M.
Assis N. R. 183 – Rui D. e C. 430).
DESPERDIÇAR (Camilo H. de P. I-184) e ESPERDIÇAR (H. Pinto I. V. C. I-130 –
F. M. Melo A. D. 23 – Filinto O. C. IX-98).
DESTORCER-SE (Herculano E. P. 226) e ESTORCER-SE (Herculano L. e N. II-205).

f) Des e in

218 – DESCÔMODO (Pita H. A. P. 89; A. Barros V. A. P. A. V. I-230) e INCÔMODO (Rebelo M. D. J. I-233).

DESCURIOSO (Castilho Q. H. P. II-180; Camilo R. H. R. 68 – Rui C. L. 310) e INCURIOSO (Latino O. da C. intr. CLXXXII).

DESELEGANTE (M. Assis H. S. D. 87) e INELEGANTE (E. C. Ribeiro Tr. 596).

DESMORALIDADE (Seixas C. das O. I-38) e IMORALIDADE (Camilo H. de P. I-196).

DESOBEDIENTE (Silvério V. D. V. 191) e INOBEDIENTE (S. Maria A. H. I-83).

DESPIEDOSO (Filinto P. 150) e IMPIEDOSO (E. C. Ribeiro P. L. E. 199).

DESQUIETAR (Rui C. de F. 210) e INQUIETAR (Bernardes N. F. II-181).

DESRESPEITOSO (Antero R. e V. 208) e IRRESPEITOSO (Rui R. n.º 438 pg. 187).

DESUMANO (Cláudio O. 306) e INUMANO (Camões L. c. VII.º e. 79 – Garção O. P. II-217).

g) Em e re

219 – ENFREAR (T. de Jesus T. de J. I-21 – Caldas S. de D. 163 – M. Assis H. S. D. 197) e REFREAR (H. Pinto I. V. C. II-51).

h) Entre, inter e intro

220 – ENTRECALAR (Castilho F. pela A. 110) e INTERCALAR (M. Assis Q. B. 85).

ENTREMETER (F. M. Melo A. D. 213; Bernardes N. F. III-147; Arte 188 – Cruz e Silva Hiss. 98; Filinto O. C. IX-258 – Castilho N. do C. 140), INTERMETER (F. M. Melo A. D. 420) e INTROMETER (F. M. Melo A. D. 420 – Castilho Tart. 45; T. Vasconcelos P. A. D. 80).

ENTREMITENTE (F. M. Melo A. D. 387) e INTERMITENTE (Camilo C. V. H. J. A. 126).

ENTREPOR (F. M. Melo A. D. 448) e INTERPOR (Camilo H. de P. I-190).

ENTREPRESA (Pita H. A. P. 126) e INTERPRESA (Pita H. A. P. 131).

ENTRETECER (Rui C. L. 66) e INTERTECER (Castilho F. pela A. 20).

ENTRETENIMENTO (Arte 223) e INTERTENIMENTO (Castilho F. pela A. 231; Camilo H. de P. II-137).

i) Per e por

221 – PERCENTAGEM (Camilo T. I. 94) e PORCENTAGEM (Rui C. de F. 187).

j) Trans, tras e tres

222 – TRANSBORDAR (Rebello M. D. J. I-114 – Silvério V. D. V. 283), TRASBORDAR (Bernardes N. F. III-48 – Durão C. c. I.º e. 79 – O. Mendes E. I. I.º v. 771; Castilho F. pela A. 40; M. Assis M. e L. 89; Herculano L. e N. I-56) e TRESBORDAR (T. de Jesus T. de J. I-47).

TRANSCORRER (Garrett Cam. 53) e TRASCORRER (Castilho Q. H. P. II-21).

TANSLADAR (Silvério V. D. V. 156), TRASLADAR (Jacinto V. D. J. C. 310 – Pita H. A. P. 85 – O. Mendes E. I. I.º v. 286; Latino A. e N. 94 – Laet H. P. 145) e TRESLADAR (Bernardim M. e M. 89 – Vieira S. XI-59).

TRANSMALHAR (Filinto P. 203 – Silvério V. D. V. 223), TRASMALHAR (Sá Miranda O. C. II-281 – Cláudio O. II – Laet H. P. 17; Silvério V. D. V. 65) e TRESMALHAR (Sá Miranda O. C. II-35 – E. C. Ribeiro P. L. E. 102).

TRANSPASSAR (Filinto O. C. IX-140; Sacramento V. H. P. 238), TRASPASSAR (H. Pinto I. V. C. I-114 – Vieira S. XI-66 – Filinto O. C. IX-469 – O. Mendes E. I. II.º v. 123; Garrett F. L. S. 93; Herculano M. de C. I-31 – Rui C. de I. 360) e TRESPASSAR (J. Barros Pan. 19 – F. M. Melo A. D. 90 – Pita H. A. 179 – Rebello C. e L. 124; Herculano M. de C. I-31; Camilo Q. de A. 82 – Antero U. O. J. 110).

5.º – SINONÍMIA DE SUFIXOS

a) Ado e oso

223 – ACHACADO (Rebello C. e L. 271 – Rui R. n.º 317 pg. 151) e ACHACOSO (T. de Jesus T. de J. 40 – F. M. Melo A. D. 127 – Camilo R. H. R. 33).

ANIMADO (Sotero C. L. P. B. I-33) e ANIMOSO (Bernardes N. F. I-69).

CULPADO (Sacramento V. H. P. 123) e CULPOSO (Rui F. B. 143).

DESASTRADO (Cândido M. S. 219) e DESASTROSO (Latino F. de M. 198).

DESCUIDADO (Castilho M. U. M. 303) e DESCUIDOSO (Laet R. de C. ano VIII.º n.º 93 pg. 147).

DESPEITADO (Antero L. T. 127) e DESPEITOSO (Filinto O. C. XI-453 – Herculano M. de C. II-146).

DESVENTURADO (Camilo H. de P. II-97) e DESVENTUROSO (T. Vasconcelos P. A. D. 61; Latino A. e N. 39).

IRADO (Durão C. c. II.º e. 6) e IROSO (Camões L. c. IV.º e. 36 – Basílio O. P. 169 – O Mendes E. I. I.º v. 147; Rebelo L. e T. II-181; Camilo R. H. R. 160 – Rui O. M. 25).

PORFIADO (Sousa V. do A. I-14) e PORFIOSO (Seixas C. das O. II-10 – Leda Q. L. B. 76).

b) Al e o

224 – DIVINAL (Camões L. c. VI.º e. 25 – G. Dias P. II-34 – E. C. Ribeiro P. L. E. 149; Laet H. P. 129) e DIVINO (Vieira S. V-158).

HUMANAL (Gil T. 235 – Herculano M. de C. I-12) e HUMANO (Castilho M. U. M. 125).

MUNDANAL (Latino E. C. 12) e MUNDANO (Latino E. C. 23).

NEUTRAL (Arte 53 – A. Barros V. A. P. A. V. I-33 – Silvério V. D. V. 243; Cândido M. S. 205) e NEUTRO (Rebelo L. e T. I-206 – Laet A. I. ano II.º n.º 17 pg. 7).

TERRENAL (Latino A. e N. 181) e TERRENO (Camilo H. de P. II-60).

c) Ança e dade

225 – SEGURANÇA (Camões L. c. VII.º e. 19 – Seixas C. das O. II-12) e SEGURIDADE (Filinto O. C. X-40 – Seixas C. das O. II-11; Garrett F. L. S. 102 – Rui C. de F. 210).

d) Ança e edo

226 – FOLGANÇA (G. Dias P. II-162; Castilho C. A. 80; Herculano L. e N. I-127; Camilo A. de S. 62) e FOLGUEDO (M. Assis H. S. D. 148 – E. C. Ribeiro P. L. E. 98; Silvério V. D. V. 166).

e) Ança ou ença, mento, ção e o (a)

227 – ACANHAMENTO (Antero J. em P. 25) e ACANHO (M. Assis Q. B. 140).

CONFRONTAÇÃO (Camilo C. V. H. J. A. 139 – Silvério V. D. V. 112) e CONFRONTO (Cândido C. S. S. 9).

CONSULTAÇÃO (Garrett H. 110) e CONSULTA (Silvério V. D. V. 47).

CRESCIMENTO (Castilho G. I. II.º v. 431) e CRESCENÇA (F. M. Melo A. D. 47 – Rui C. de I. 209).

CULTIVAÇÃO (Severim N. de P. I-14 – Herculano C. V. 60) e CULTIVO (Filinto P. 38).

DEFENDIMENTO (Castilho C. A. 150) e DEFENSÃO (G. Dias P. II-155).

DESANIMAÇÃO (Camilo T. I. 51) e DESANIMO (Castilho G. I. III.º v. 614. – Rui C. de F. 42).

DESAPEGAMENTO (Silvério V. D. V. 23) e DESAPEGO (Laet H. P. 129).

DESCONTENTAMENTO (Garrett P. B. E. 34) e DESCONTENTO (Garrett P. B. E. 37).

DESEPERAÇÃO (Vieira S. XI-121 – Silvério V. D. V. 235) e DESESPERO (Camilo H. de P. II-97).

DESTINAÇÃO (Castilho F. pela A. 14) e DESTINO (Camilo H. de P. II-23).

DURAÇÃO (E. C. Ribeiro P. L. E. 86) e DURA (H. Pinto I. V. C. I-96).

ENSINAMENTO (Rui C. de I. 387) e ENSINANÇA (Rui D. e C. 414).

EQUIVOCAÇÃO (H. Pinto I. V. C. I-96) e EQUÍVOCO (Bernardes P. E. 176).

HUMILHAMENTO (Camilo R. do P. 61) e HUMILHAÇÃO (Latino O. da C. intr. XIX).

NUTRIÇÃO (Rui F. B. 220) e NUTRIMENTO (H. Pinto I. V. C. III-20).

PERDIMENTO (H. Pinto I. V. C. II-200 – Castilho C. A. 178; Camilo Q. de A. 119 – Rui C. de I. 246) e PERDIÇÃO (Camões L. c. V.º e. 44 – F. M. Melo A. D. 70 – Rui C. L. 321).

PRONUNCIÇÃO (M. Barreto F. L. P. 311) e PRONÚNCIA (M. Barreto F. L. P. 296).

RECEPÇÃO (Camilo H. de P. II-142) e RECEBIMENTO (F. Morais P. de I. 55 – Bernardes P. P. P. 122; Sousa V. do A. I-276 – M. Assis H. S. D. 43 – Silvério V. D. V. 246).

REFORMAÇÃO (T. de Jesus T. de J. I-32 – Arte 105 – Castilho F. pela A. 84; Latino F. de M. 130 – Silvério V. D. V. 31) e REFORMA (Cândido M. S. 280).

RENUNCIACÃO (T. de Jesus T. de J. I-3 – Bernardes N. F. III-32 – Castilho F. pela A. 206) e RENÚNCIA (Filinto O. C. XI-176).

SUSTENTAMENTO (D. Góis C. D. E. I-114 – Herculano L. e N. I-242), SUSTENTAÇÃO (Sousa A. D. J. I-242) e SUSTENTO (Sacramento V. H. P. 210).

228 – ABUNDANTE (Camões L. c. X.º e. 102) e ABUNDOSO (Bernardim M. e M. 121; Camões L. c. VII.º e. 69 – Castilho F. pela A. 153 – E. C. Ribeiro P. L. E. 159; Laudelino N. e P. II-248).

AVILTANTE (Camilo N. B. J. M. 189) e AVILTOSO (Filinto O. C. IX-435).

FULGURANTE (Castilho M. U. M. 68) e FULGUROSO (Laet A. I. ano II.º n.º 2 pg. 8).

LAGRIMANTE (Castilho Q. de A. 96) e LAGRIMOSO (Camilo Q. de A. 95).
 RADIANTE (M. Assis H. S. D. 27) e RADIOSO (Rebelo M. D. J. I-355; Camilo R. H. R. II8).
 TRIUNFANTE (Caldas S. de D. 337) e TRIUNFOSO (O. Mendes E. I. IV.º v. 37).

f) Ar e ear

229 – ABASTARDAR (Rui C. de I. 440) e ABASTARDEAR (Latino A. e N. 86).
 AFORMOSAR (Filinto P. 38) e AFORMOSEAR (Filinto P. 231).
 ASSENHORAR (Rui C. de I. 228) e ASSENHOREAR (Rui C. de I. 240).
 LISONJAR (Filinto P. 193) e LISONJEAR (Rui C. de F. 86).
 PASTORAR (Castilho G. I. II.º v. 495) e PASTOREAR (Herculano E. P. 13).
 RELANÇAR (Camilo R. H. R. 89) e RELANCEAR (Camilo R. H. R. 206).
 SOLETRAR (F. M. Melo C. F. 120) e SOLETREAR (Filinto O. C. IX-149).
 TARTAMUDAR (Camilo F. D. N. 36) e TARTAMUDEAR (Camilo F. D. N. 92).
 TITUBAR (Garção O. P. I-76; Bocage Son. 125 – O. Mendes E. I. III.º v. 47; Castilho F. 46) e TITUBEAR (Couto S. P. 173 – Herculano M. de C. II-299).

g) Ar e iar

230 – MOBILAR (Rebelo M. D. J. I-368; Castilho Sab. I3; Camilo T.I. 174) e MOBILIAR (Rui C. de F. 9).

h) Aria e eria

231 – ARTILHARIA (H. Pinto I. V. C. I-65 – Vieira S. VII-50 – Rui C. de I. 242) e ARTILHERIA (Camões L. c. I.º e. 89 – Vieira S. XI-203; Sousa A. D. J. I-94; Severim N. de P. I-7 – Pita H. A. P. 3 – Latino F. de M. 68 – Rui C. de I. 253).
 CARNIÇARIA (T. de Jesus T. de J. I-36 – Bernardes N. F. III-15 – Castilho F. pela A. 213) e CARNICERIA (Rui C. L. 304).
 CAVALARIA (Couto S. P. 107 – Arte 174 – Pita H. A. P. 68 – Garrett F. L. S. 29) e CAVALERIA (B. Brito M. L. I-81 – Garrett F. L. S. 179 – Silvério V. D. V. 68).
 FANCARIA (Rui R. n.º 20 pg. 16) e FANQUERIA (Rui R. n.º 4 pg. 5).
 FEITIÇARIA (Paiva C. P. 139; Bernardes N. F. III-149 – Laet H. P. 104) e FEITICE-
 RIA (Castilho F. pela A. 161).
 GALANTARIA (H. Pinto I. V. C. I-80 – Jacinto V. D. J. C. 271 – Garção O. P. II-92 – Antero U. O. J. 102) e GALANTERIA (F. M. Melo A. D. 341 – Garrett F. L. S. 205; Rebelo M. D. J. II-91; Herculano L. e N. II-255).

GLOTONARIA (Pereira B. S. Rom. cap. XIII v. 13 – Seixas C. das O. I-86) e GLOTONERIA (Bernardes N. F. III-149).

GROSSARIA (F. M. Melo A. D. 285 – Cláudio O. XVIII; Filinto O. C. IX-276 – Cândido C. S. S. 294) e GROSSERIA (Castilho F. pela A. 121 — Silvério V. D. V. 237).

INFANTARIA (J. Barros Pan. 134 – Arte 39) e INFANTERIA (Jacinto V. D. J. C. 215; F. M. Melo A. D. 169; Arte 28 – Pita H. A. P. 38 – Herculano B. 219; Camilo T. I. 135).

MAÇONARIA (M. Assis N. R. 24) e MAÇONERIA (Silvério V. D. V. 208; Rui R. n.º 401 pg. 176).

MONTARIA (Herculano B. 46) e MONTERIA (Herculano M. de C. I-204).

NINHARIA (M. Assis M. e L. 116) e NINHERIA (Arte 25 – Bocage Son. 87).

PARÇARIA (H. Pinto I. V. C. II-93 – Herculano M. de C. I-194; Camilo Q. de A. III – Silva Ramos P. V. F. 176) e PARCERIA (Bernardes N. F. III-76 – Castilho Tart. 116 – Silvério C. Past. 165).

POLTRONARIA (F. M. Melo A. D. 17) e POLTRONERIA (Rui C. de F. 104).

SELVAJARIA (Rui R. de G. 51) e SELVAGERIA (Rui R. de G. 78).

SOBRANÇARIA (Sousa A. D. J. II-51) e SOBRANCERIA (F. Castro P. P. 6; Castilho F. pela A. 62 – Rui D. e C. 474).

SOFISTARIA (H. Pinto I. V. C. III-47) e SOFISTERIA (Rui D. e C. 126).

VOZARIA (Jacinto V. D. J. C. 214; R. Lobo C. de P. 48v – Castilho Q. H. P. I-230) e VOZERIA (Jacinto V. D. J. C. 158 – Filinto O. C. IX-180 – O. Mendes E. I. II.º v. 64. – Silvério V. D. V. 237).

i) Dão, or e ura

232 – FRESQUIDÃO (B. Brito M. L. I-2 – Filinto O. C. X-279 – Rebelo C. e L. 21; Latino A. e N. 37), FRESCOR (Camilo F. D. N. 87) e FRESCURA (Jacinto V. D. J. C. 311; Arte 35 – M. Assis H. S. D. 153).

SEQUIDÃO (Lisboa V. P. A. V. 225; M. Assis H. S. D. 172) e SECURA (Filinto P. 37).

j) Dela e dura

233 – OLHADELA (Camilo Q. de A. 17) e OLHADURA (Herculano L. e N. II-258; Camilo D. da M. III).

k) Dor e tivo

234 – CONSOLADOR (Latino F. de M. 201) e CONSOLATIVO (Filinto O. C. IX-150 – Camilo Q. de A. 7).

l) Ear e ejar

235 – BANDEAR (Camilo N. B. J. M. 142) e BANDEJAR (Castilho Q. H. P. II-67).

BRANQUEAR (Herculano E. P. 164) e BRANQUEJAR (O. Mendes E. I. I.º v. 234; Herculano E. P. 16).

CLAREAR (Castilho Q. H. P. II-66) e CLAREJAR (Castilho N. do C. 109).

ESBRAVEAR (Sá Miranda O. C. II-167) e ESBRAVEJAR (Camilo H. de P. I-170).

FLAMEAR (Latino E. C. 79 – Rui C. L. 180) e FLAMEJAR (Filinto P.138).

FRAQUEAR (Filinto O. C. X-390 – Herculano E. P. 267) e FRAQUEJAR (Caldas S. de D. 118).

PLANEAR (M. Assis H. S. D. 31; Camilo R. H. R. 184) e PLANEJAR (Rui F. P. R. 13).

m) Ento e oso

236 – CIUMENTO (Laet V. de P. ano X n.º 7 pg. 386) e CIUMOSO (M. Barreto N. E. L. P. 345).

FRAUDULENTO (Pereira B. S. 2.º Mac. cap. I.º v. 13) e FRAUDULOSO (Caldas S. de D. 328).

n) Eza e ez

237 – ALTIVEZA (F. M. Melo A. D. 112; Vieira S. VII-79 – Pereira B. S. Eclesiástico cap. XIII.º v. 26 – Herculano M. de C. II-318; Camilo Q. de A. 220 – Silvério V. D. V. 321) e ALTIVEZ (Filinto O. C. IX-60 – F. Castro P. P. 62 – Rui D. e C. 44).

ESCASSEZA (Couto S. P. 181; H. Pinto I. V. C. II-217 – Sousa A. D. J. I-79; Arte 201 – Cândido M. S. 186) e ESCASSEZ (Rebelo C. e L. 142).

ESTRANHEZA (Seixas C. das O. II-266) e ESTRANHEZ (Bernardes N. F. III-9).

MADUREZA (S. Maria A. H. I-32) e MADUREZ (Filinto O. C. IX-22).

NUDEZA (Seixas C. das O. II-210) e NUDEZ (M. Assis Q. B. 88).

PEQUENEZA (Camilo D. C. F. 118) e PEQUENEZ (Castilho C. A. 78).

PROFUNDEZA (E. C. Ribeiro P. L. E. 205) e PROFUNDEZ (Garrett P. B. E. 117; Castilho Q. H. P. I-248 – M. Barreto N. E. L. P. 118).

RUDEZA (Camões L. c. X.º e. 145 – Arte 3 – Pita H. A. P. 4 – Castilho F. pela A. 16 – Rui D. e C. 472) e RUDEZ (Castilho F. pela A. 60).

SINGELEZA (M. Assis M. e L. 40 – Laet H. P. 157) e SINGELEZ (Filinto O. C. IX-432 – Castilho F. pela A. 150).

SISUDEZA (Rebelo C. e L. 224; T. Vasconcelos P. A. D. 31) e SISUDEZ (Castilho M. U. M. 191).

TIBIEZA (Pita H. A. P. 135 – Latino F. de M. 198) e TIBIEZ (Rui D. e C. 446).

o) Eza ou ez, ura, dade, dão e o

238 – ABSURDEZA (Camilo Q. de A. 71 – Leda Q. L. B. 82), ABSURDIDADE (Camilo Q. de A. 71 – Rui C. L. 297; Cândido C. S. S. 163) e ABSURDO (Camilo H. de P. II-75).

DEVASSIDADE (Camilo N. B. J. M. 95) e DEVASSIDÃO (T. de Jesus T. de J. I-310).

ESCUREZA (Castilho G. I. III.º v. 689; Camilo Q. de A. 109), ESCURIDADE (Camões L. c. IV.º e. I.a – Vieira S. XI-117 – Tolentino Sat. 158 – Rebelo C. e L. 165; Castilho F. pela A. 211; Herculano B. 181 – Rui C. de I. 343; Laet H. P. 66), ESCURIDÃO (H. Pinto I. V. C. I-82 – G. Dias P. II-14) e ESCURO (Camilo H. de P. II-140).

FECUNDEZ (F. Castro E. C. 52) e FECUNDIDADE (F. Castro E. C. 56).

FEREZA (Bernardim M. e M. 97 – B. Brito M. L. I-64 – Garção O. P. I-20 – O. Mendes E. I. I.º v. 320; Camilo Q. de A. 123 – Rui C. de I. 362) e FERIDADE (Camões L. c. III.º e. 129 – Castilho F. pela A. 211).

GRANDEZA (Camilo N. B. J. M. 146) e GRANDURA (O. Mendes E. I. II.º v. 636).

PROFUNDEZA (Herculano P. 30), PROFUNDIDADE (Pereira B. S. Sab. cap. VIII.º v. 8) e PROFUNDURA (Rui D. e C. 412).

INCOMODIDADE (Jacinto V. D. J. C. 260) e INCÔMODO (Rebelo M. D. J. I-233).

OBSCUREZA (Sá Nunes L. V. 42) e OBSCURIDADE (E. C. Ribeiro Tr. pg. XI).

SIMPLEZA (Antero J. em P. 25) e SIMPLICIDADE (Camilo N. B. J. M. 86).

TRISTEZA (Caldas S. de D. 179) e TRISTURA (Gil T. 31 – Garrett F. F. C. 137; Herculano L. e N. II-19; M. Assis Q. B. 268).

p) Ícia e ície

239 – ESTULTÍCIA (Bernardes N. F. III-43 – Camilo R. H. R. 120) e ESTULTÍCIE (Rui C. de F. 14).

IMUNDÍCIA (T. de Jesus T. de J. II-78 – F. M. Melo A. D. 304) e IMUNDÍCIE (Pereira B. S. Isaías cap. XXX v. 22 – Castilho Tart. 98).

6.º – OSCILAÇÕES

a) Entre a e e

240 – ABÓBADA (Castilho G. I. I.º v. 306) e ABÓBEDA (Garrett F. F. C. 86).

AFEMINADO (Bernardes N. F. II-356 – Garção O. P. II-84 – Garrett H. 160; Herculano E. P. 7) e EFEMINADO (Pereira B. S. Isaías cap. III.º v. 4 – Lisboa O. C. I-72).

ALARMA (G. Dias P. II-131; Herculano B. 261 – Rui R. pg. 2; Cândido M. S. 244) e ALARME (Antero S. do A. 233).

ALCÁÇAR (Rebello O. V. N. C. 94 – Silvério V. D. V. 91) e ALCÁCER (Rebello O. V. N. C. 81; Castilho Q. H. P. II-194).

ARRAIGAR (Castilho F. pela A. 236; Herculano B. 139) e ARREIGAR (Bernardim M. e M. 98 – F. M. Melo A. D. 189 – Bocage Son. 15 – Garrett H. 170; Castilho F. pela A. 15; Rebello C. e L. 184 – M. Barreto A. D. G. 61; Leda Q. L. B. 81).

ARRAZOAR (Rui R. n.º 326 pg. 153) e ARREZOAR (Castilho F. pela A. 117).

ATANAZAR (T. de Jesus T. de J. I-55 – F. M. Melo A. D. 198 – Rebello C. e L. 237 – Rui D. e C. 262) e ATENAZAR (Bernardes N. F. III-14).

AVANTESMA (Antero S. do A. 232) e AVENTESMA (Filinto O. C. IX-112 – Herculano M. de C. II-86 – Antero S. do A. 16).

BARBARIA (Herculano M. de C. prefácio XI – Rui C. L. 291) e BARBÁRIE (Latino A. e N. 184 – Rui C. L. 133).

BÊBADO (D. Góis C. D. E. I-138 – Arte 227 – Filinto O. C. X-304 – Lisboa O. C. I-28) e BÊBEDO (Arte 38 – Rebello M. D. J. I-152; Castilho C. A. 205).

BRAMANE (J. Barros D. I.a I. IV.º 110) e BRAMENE (Lucena A. P. II-17 – Jacinto V. D. J. C. 41 – Garção O. P. I-18 – Sotero C. L. P. B. I-17).

CALAFRIO (Rebello C. e L. 227; Castilho F. 23; M. Assis Q. B.90; Herculano B. 69) e CALEFRIO (Rebello C. e L. 75).

- CAMARA (Garrett F. L. S. 220; O. Mendes E. I. IV.º v. 411 – Silvério V. D. V. 321) e CAMERA (Jacinto V. D. J. C. 27; Severim N. de P. I-60; Arte 71; F. M. Melo A. D. 321 – A. Barros V. A. P. A. V. I-242; Filinto O. C. IX-445 – Garrett Alf. de S. 190 – Silvério V. D. V. 157).
- CAMALEÃO (Sá Miranda O. C. II-52 – Pita H. A. P. 20 – Rui C. L. 329; M. Barreto N. E. L. P. 41) e CAMELEÃO (Arrais D. 25 – Durão C. c. VII.º e. 58 – Rui D. e C. 128).
- DEGRADAR (D. Góis C. D. E. I-75; T. de Jesus T. de J. I-109; Couto S. P. 160 – Bernardes N. F. III-80; Arte 299 – A. Barros V. A. P. A. V. I-264; Jaboação N. O. S. B. II-89; Gaspar M. H. C. S. V. 105 – O. Mendes E. I. I.º v. 651 – Rui D. e A. 59) e DEGREDAR (Couto S. P. 161).
- DEZASSEIS (B. Brito M. L. I-17; Arte 24 – Garrett Alf. de S. 188; Castilho F. pela A. 160 – Cândido M. S. 266; Silva Ramos P. V. F. 207) e DEZESSEIS (Durão C. c. VIII.º e. 78 – M. Assis M. e L. 45).
- DEZASSETE (Camões L. c. VIII.º e. 35 – Jacinto V. D. J. C. 24; Arte 246 – Garrett F. L. S. 26 – Cândido M. S. 225; Silva Ramos P. V. F. 158) e DEZESSETE. (Rui C. de I. 171).
- DEZANOVE (D. Góis C. D. E. I-112 – B. Brito M. L. I-42 – Castilho F. pela A. 46 – Antero U. O. J. 29) e DEZENOVE (Rebello M. D. J. I-136).
- ENTRANHAS (Castilho M. U. M. 20) e ENTRENHAS (Herculano M. de C. II-362).
- ESCARLATA (Botelho M. do P. 185; Jacinto V. D. J. C. 187 – Pita H. A. P. 18) e ESCARLATE (M. Assis H. S. D. 133).
- ESTANDARTE (Garrett Arc. de S. 145) e ESTENDARTE (Garrett Arc. de S. 163).
- FANTASIA (Cláudio O. 31) e FANTESIA (A. Ferreira P. L. I-222 – R. Lobo C. de P. 46; F. M. Melo A. D. 227 – Filinto O. C. X-414 – Castilho F. pela A. 61; Camilo H. de P. I-158).
- FRAGATA (G. Dias P. II-38) e FREGATA (G. Dias P. II-48).
- GADELHA (Gil T. 41) e GUEDELHA (H. Pinto I. V. C. II-169 – Jacinto V. D. J. C. 310).
- GASNATE (F. M. Melo A. D. 177 – M. Assis Q. B. 107) e GASNETE (Herculano M. de C. I-156; Camilo A. de P. 171 – Rui C. de F. 99).
- HECATOMBA (Camilo C. V. H. J. A. 31) e HECATOMBE (Rui R. de G. 45).
- INAPTO (Sacramento V. H. P. 47 – Cândido F. e E. I-151) e INEPTO (Rui D. e A. 69).
- LANTEJOULA (Rebello M. D. J. I-81; Camilo Q. de A. 122) e LENTEJOULA (Cruz e Silva Hiss. 18 – Antero J. em P. 39).

- LÁPIDA (Garrett F. F. C. 53; Herculano M. de C. prefácio VIII – E. C. Ribeiro P. L. E. 63) e LÁPIDE (Rebelo M. D. J. I-367).
- LIÇA (Leda Q. L. B. 10) e LICE (Filinto O. C. IX-158 – Garrett P. B. E. 15).
- LIDA (Castilho F. pela A. 98; Garrett Alf. de S. 95) e LIDE (O. Mendes E. I. I.º v. 33 – Rui C. L. 122; Laet H. P. 139).
- MAGNATA (Cruz e Silva Hiss. 17 – Camilo T. I. 7 – Rui C. L. 258) e MAGNATE (Jacinto V. D. J. C. 59 – Herculano M. de C. I-II7).
- MANEAR (Cláudio O. 306; Durão C. c. I.º e. 78 – Herculano M. de C. I-235) e MENEAR (Cláudio O. 40; Durão C. c. II.º e. 13 – Castilho F. pela A. 230 – Laet H. P. 139).
- MANIATAR (Gonzaga M. de D. 198; Filinto O. C. IX-301 – O. Mendes E. I. II.º v. 63; Camilo Q. de A. 144 – Rui C. L. 176) e MANIETAR (Bernardes N. F. III-345 – Tolentino Sat. 167 – Herculano B. 20).
- MANJADOURA (T. de Jesus T. de J. II-81 – Castilho F. pela A. 98) e MANJEDOURA (T. de Jesus T. de J. I-70 – Lisboa O. C. I-90).
- MASCABAR (Arrais D. 42 – Camilo H. de P. I-142) e MESCABAR (Camilo Q. de A. 135).
- MILANÁRIO (Castilho F. pela A. 66) e MILENÁRIO (Latino E. C. 53).
- MIRÍADAS (Garrett H. 156; G. Diais P. II-10; Herculano P. 32) e MIRÍADES (E. C. Ribeiro P. L. E. 148).
- OPÍPARO (Herculano C. U. A. 251) e OPÍPERO (O. Mendes E. I. I.º v. 670).
- PARALTA (Camilo Q. de A. 21) e PERALTA (Camilo Q. de A. 228).
- PARLANDA (Bernardes N. F. I-75), PARLENDIA (Filinto O. C. IX-295 – Camilo T. I. 72 – Cândido P. de L. I-7; Silva Ramos P. V. F. 271) e PERLENDIA (Laet H. P. 124).
- PLÊIADA (Camilo C. V. H. J. A. 52) e PLÊIADE (E. C. Ribeiro P. L. E. 70).
- RABATINHAS (ÀS) (Castilho C. A. 183) e REBATINHAS (ÀS) (Couto S. P. 208 – Bernardes N. F. III-75 – Rui R. de G. 56).
- RABECA (Castilho C. A. 276) e REBECA (Filinto O. C. IX-84).
- RALÉ (Arte II – M. Assis Q. B. 42 – Rui D. e C. 229) e RELÉ (F. M. Melo A. D. 14 – Filinto O. C. IX-20 – Castilho F. 23; Herculano M. de C. II-70).
- RAMERRÃO (Rui D. e A. 100) e REMERRÃO (Rui C. de F. 215).
- REFASTELAR-SE (Herculano M. de C. II-I66; Camilo F. D. N. 29) e REFESTELAR-SE (Camilo R. H. R. 38 – Rui D. e C. 195).
- RESPLANDECER (H. Pinto I. V. C. III-25) e RESPLENDECER (Cláudio O. 124 – O. Mendes E. I. III.º v. 153).
- RESPLANDOR (J. Barros Pan. 206; H. Pinto I. V. C. I-4 – Vieira S. XI-II; Bernardes N. F. III-19 – Latino F. de M. 75) e RESPLENDOR (T. de Jesus T. de J. I-67 – Pita H. A. P. 182 – Castilho Tart. 36 – Laudelino N. e P. V-I40).

SANDÁLIA (Antero R. e V. II-16) e SENDÁLIA (Camilo H. de P. II-54).
 SANZALA (Castilho F. I-83) e SENZALA (Rui D. e C. 63).
 SARAIVADA (Herculano L. e N. II-179) e SERAIVADA (Castilho F. pela A. 194).
 SARÃO (Castilho F. pela A. 19) e SERÃO (Castilho G. I. I.º v. 569).
 TERRAMOTO (Bernardes N. F. III-65 – Rebelo C. e L. 29; Herculano L. e N. I-79;
 Camilo Q. de A. 30) e TERREMOTO (J. Barros Pan. 67 – Durão C. c. V.º e. 36 –
 Rui C. de I. 219)
 TOSCANEJAR (Bernardes P. E. 191) e TOSQUENEJAR (Pereira B. S. Mat. cap.
 XXV.º v. 5 – Camilo Q. de A. 23).

b) Entre b e v

241 – ABANTESMA (Sacramento V. H. P. I-33 – Rui D. e C. 446) e AVANTESMA
 (Antero S. do A. 232).
 ALBERGUE (Castilho C. A. I-12) e ALVERGUE (Filinto P. 107 – O. Mendes E.
 I. II.º v. 655; Herculano M. de C. I-228; Latino A. e N. 76 – Silvério V. D. V.
 238).
 ALBOR (G. Dias P. II-99 – E. C. Ribeiro P. L. E. 107; Laudelino N. e P. VI-103) e
 ALVOR (Garrett F. L. S. 87; Castilho F. pela A. 238; Camilo Q. de A. 40).
 ASSOBIAR (Filinto O. C. IX-449; Garção O. P. I-38; Cláudio O. 33) e ASSOVIAR
 (D. Góis C. D. E. I-142 – F. M. Melo A. D. 92 – Rebelo C. e L. 33; Castilho E. pela
 A. 75; Camilo Q. de A. 25).
 BODAS (Sá Miranda O. C. I-152 – Arte I-69; Paiva C. P. 160 – O. Mendes E. I.
 III.º v. 139) e VODAS (D. Góis C. D. E. I-46; Camões L. c. X.º e. 74 – Sousa A.
 D. J. I-77; F. M. Melo A. D. 442 – Filinto O. C. XI-508; A. Barros V. A. P. A. V.
 I-233; Pereira B. S. Mat. cap. XXII v. 2 – Garrett Alf. de S. 201; Herculano B.
 250 – Laet H. P. 24).
 COBARDE (Arte I-25 – Cláudio O. I-26 – G. Dias P. II-129) e COVARDE (J. Barros
 Pan. I-85 – Arte I-26 – Garção O. P. II-69 – Herculano B. I-03).
 DEALBAR (Antero S. do A. 55; Leda Q. L. B. I-6) e DEALVAR (Rui D. e C. 480).
 ESBELTO (Garção O. P. II-73 – G. Dias P. II-36) e ESVELTO (Latino A. e N. 44 –
 Antero U. O. J. 65).
 FEBRA (Garrett Arc. de S. 214) e FEVRA (Garrett F. L. S. 88).
 GABAR (Rui C. de I. 219) e GAVAR (J. Barros Pan. 35).
 LABAREDA (Chagas C. E. I-91 – Pita H. A. P. I-18 – O. Mendes E. I. II.º v. 784 –
 Silvério V. D. V. 315) e LAVAREDA (Chagas C. E. I-75; Vieira S. III-6 – Garrett F.
 L. S. 47; Camilo Q. de A. 39).

LABOR (Silvério V. D. V. 184) e LAVOR (F. M. Melo A. D. 384 – Filinto O. C. IX-31 – Castilho F. pela A. 54; Herculano E. P. 182; O. Mendes E. I. II.º v. 312; Camilo H. G. M. II – Rui C. de I. 182).

LABORAR (M. Barreto N. E. L. P. 179) e LAVORAR (Laet H. P. 52).

LIBRA (Herculano L. e N. II-210) e LIVRA (Esperança Exc. 162 – Herculano M. de C. II-24).

MÓVEL (no sent. de motivo) (F. Castro E. C. 54) e MÓBIL (Filinto O. C. X-307 – Seixas C. das O. I-6; Lisboa V. P. A. V. 176; M. Assis N. R. 120; Latino O. da C. 50).

REBELDE (Silvério V. D. V. 191) e REVEL (Lucena A. P. II-114 – Filinto P. 245 – Garrett Alf. de S. 141; Lisboa O. C. I-92; Herculano L. e N. I-242; Camilo R. H. R. 80 – Silvério V. D. V. 321; Rui C. de F. 176).

REBOADA (Camilo H. G. M. 80) e REVOADA (E. C. Ribeiro P. L. E. 174).

SEIBA (Castilho F. pela A. 32) e SEIVA (Camilo R. H. R. 211).

TABERNA (Castilho F. pela A. 121; Herculano B. 24 – Cândido M. S. 72; Silva Ramos P. V. F. 271) e TAVERNA (F. M. Melo A. D. 77 – Rui D. e C. 477).

TURBAÇÃO (Bernardes N. F. II-231 – F. Castro E. C. 109) e TURVAÇÃO (J. Barros Pan. 167 – Camilo A. de P. 29 – Rui D. e C. 423).

ZEBRA (Herculano C. U. A. 117) e ZEVRA (Herculano B. 23).

c) Entre c e g, qu e gu

242 – ALPARCATA (F. M. Melo A. D. 78 – Filinto O. C. IX-120) e ALPARGATA (Herculano M. de C. I-300).

ANTIQUALHA (Antero R. e V. 226) e ANTIGUALHA (H. Pinto I. V. C. II-79 – Herculano C. U. A. 87 – Rui F. B. 134).

AQUARELA (Garrett H. 84 – Silva Ramos P. V. F. 263) e AGUARELA (Antero J. em P. 50).

ARÁBICO (Camões L. c. V.º e. 77 – Cláudio O. 66 – G. Dias P. II-6) e ARÁBIGO (D. Góis C. D. E. I-76 – B. Brito M. L. I-16 – Sotero C. L. P. B. I-19; Latino A. e N. 196 – M. Barreto N. E. L. P. 304).

LACRIMOSO (Bernardes N. F. I-98 – Durão C. c. X.º e. 44 – M. Assis M. e L. 101 – Antero U. O. J. 40) e LAGRIMOSO (Botelho M. do P. 59 – Garção O. P. I-3 – Camilo Q. de A. 95).

SECUNDAR (Cândido M. S. 287) e SEGUNDAR (Bernardes N. F. III-51 – Filinto O. C. IX-332 – Castilho F. 87; Herculano E. P. 102 – Silvério V. D. V. 12).

SECURE (Herculano E. P. 246) e SEGURE (subst.) (Herculano E. P. 216 – Silva Ramos P. V. F. 126).

VACATURA (Lisboa V. P. A. V. 230; Castilho F. pela A. 216) e VAGATURA (Rebello C. de L. 266 – Cândido M. S. 250).

d) Entre d e t

243 – AVELUDADO (M. Assis M. e L. 156) e AVELUTADO (G. Dias P. II-81). BANDIDISMO (Rui C. de I. 254) e BANDITISMO (Rui C. L. 174). FADIGA (Rui C. L. 136) e FATIGA (Silvério V. D. V. 138). IMUDÁVEL (T. de Jesus T. de J. I-130) e IMUTÁVEL (Rebello C. e L. 124). MARGARIDA (Antero J. em P. 126) e MARGARITA (F. M. Melo A. D. 141; Bernardes N. F. I-93 – Pita H. A.P. 20; A. Barros V. A. P. A. V. I-78 – Camilo R. H. R. 33). NADO (part.) (F. M. Melo A. D. 57 – Antero J. em P. 55) e NATO (Seixas C. das O. II-217). SOLDÃO (D. Góis C. D. E. 43 – Jacinto V. D. J. C. 64 – Gaspar M. H. C. S.V. 64 – G. Dias P. I-158) e SULTÃO (Castilho Tart. 138).

e) Entre e e o na desinência

244 – ACEITE (adj.) (Garrett Arc. de S. 227; Camilo H. de P. II-13) e ACEITO (T. de Jesus T. de J. I-302). ADERECE (Herculano C. U. A. 86) e ADEREÇO (Filinto O. C. XI-561). ALARDE (F. M. Melo A. D. 90 – Filinto O. C. X-338) e ALARDO (Camões T. 175; H. Pinto I. V. C. I-219 – Pita H. A. P. 134 – Castilho C. A. 53; Herculano B. 182; Latino F. de M. 189). AMIÚDE (D. Góis C. D. E. I-45 – O. Mendes E. I. III.º v. 113 – Rui D. e C. 491; Cândido M. S. 184) e A MIÚDO (Sá Miranda O. C. II-203 – F. M. Melo A. D. 55 – Garção O. P. II-13; Filinto O. C. IX-93 – Rebello C. e L. 8; Sotero C. L. P. B. I-121; Castilho F. pela A. 51 – Silvério V. D. V. 318; Sá Nunes L. V. 99). ANDAIME (Herculano C. V. 205 – Rui C. de F. 228) e ANDAIMO (Castilho N. do C. 133; Herculano B. 202). APRESTE (subst.) (Castilho N. do C. 152) e APRESTO (Rui C. de I. 220). DESBARATE (H. Pinto I. V. C. I-131 – Sousa A. D. J. II-149; F. M. Melo A. D. 446) e DESBARATO (Couto S. P. 54 – Herculano E. P. 29). DESGARRE (M. Assis P. A. 239) e DESGARRO (Laet J. do C. ano 58 n.º 82 pg. I.a col. 4.a). DESVAIRE (Sá Nunes L. V. prelução XII) e DESVAIRO (Laet A. I. ano II.º pg. 6).

- GOLE (Herculano M. de C. I-263; M. Assis M. e L. 3) e GOLO (Garrett H. I04; Rebelo M. D. J. II-75; M. Assis Q. B. 214 – Rui R. de G. 32).
- LANÇE (Garção O. P. II-72 – Lisboa V. P. A. V. 22 – Silvério V. D. V. 259) e LANÇO (Arte 23; F. M. Melo A. D. 176 – Pita H. A. P. 37 – Rebelo C. e L. 268; Castilho F. pela A. 110 – Silvério V. D. V. 6).
- LUSQUE-FUSQUE (Rebelo C. dos F. 76) e LUSCO-FUSCO (Herculano E. P. 16).
- RELANCE (Latino F. de M. 61) e RELANÇO (Filinto O. C. IX-361).
- RUDE (Arte 10 – Garção O. P. I-12 – Castilho F. pela A. 162) e RUDO (Camões L. c. X.º e. 38 – Cláudio O. 115 – Garrett P. B. E. 20; G. Dias P. II-116; Camilo Q. de A. 116 – Antero J. em P. 149).
- SAQUE (Durão C. c. IV.º e. 43 – Rui C. L. 172) e SACO (J. Barros Pan. 191 – Sousa A. D. J. I-97; Jacinto V. D. J. C. 43; Bernardes N. F. III-41; Arte 73 – Durão C. c. II.º e. 34; Pereira B. S. Isaiás cap. XXIII v. 23 – Herculano E. P. 146 – Rui C. de F. 172).
- TRAJE (Arte 4 – Cláudio O. 32 – Castilho F. pela A. 80 – Rui C de I. 339) e TRAJO (H. Pinto I. V. C. I-83 – Filinto O. C. IX-252 – Herculano B. 92; Rebelo C. e L. 105; O. Mendes E. I. I.º v. 333 – Silvério V. D. V. 166).
- TRESPASSE (Camilo R. H. R. 249 – Rui C. L. 318) e TRESPASSO (Silva Ramos P. V. F. 31).

f) Entre hi e j

- 245** – HIERARQUIA (H. Pinto I. V. C. I-125) e JERARQUIA (Vieira S. VII-33 – Pita H. A. P. 88 – Herculano B. 8; Camilo R. H. R. 117).
- HIEROGLÍFICO (H. Pinto I. V. C. III-123 – Herculano C. V. 238) e JEROGLÍFICO (Bernardes N. F. I-9 – Cândido M. S. 95).

g) entre CE e X na desinência

- 246** – CÁLICE (Pita H. A. P. 121) e CÁLIX (Arte 74 – G. Dias P. II-182; Rebelo M. D. J. II-252 – Rui C. de I. 134).
- ÍNDICE (Bernardes P. E. 155) e ÍNDEX (Bernardes N. F. I-6).

h) Entre l e lh

- 247** – CALABOUÇO (Antero J. em P. 325) e CALHABOUÇO (Silvério C. Past. 180).

CAVALARIÇA (Antero J. em P. 380) e CAVALHARIÇA (Lisboa O. C. I-212; Castilho C. A. 229; Camilo T. I. 253).

CAVALEIRO (D. Góis C. D. E. I-118 – Herculano E. P. 128) e CAVALHEIRO (F. M. Melo A. D. 348 – Filinto O. C. X-233 – Herculano E. P. 135; Rebelo M. D. J. II-134 – Rui C. L. 172).

FAÚLA (Camilo N. B. J. M. 145) e FAÚLHA (Antero L. T. 23).

PALETA (E. C. Ribeiro P. L. E. 80; Silva Ramos P. V. F. 273) e PALHETA (Herculano M. de C. II-251; Latino A. e N. 148; Camilo H. de P. I-164 – Rui C. L. 173).

TORVELINHO (Pereira B. S. Isaías cap. XXVIII v. 2) e TORVELHINHO (Pereira B. S. Isaías cap. XXV v. 4).

i) Entre l e r

248 – ALUGUEL (Castilho C. A. 92 – Rui. C. L. 88) e ALUGUER (Sousa V. do A. I-127; Bernardes N. F. II-254 – Filinto O. C. X-269 – Castilho C. A. 147 – Rui R. n.º 177 pg. 84; Cândido F. e E. II-146; M. Barreto N. E. L. P. 289).

DOBLEZ (Garrett P. B. E. 221) e DOBREZ (E. C. Ribeiro P. L. E. 96).

FLAUTA (Cláudio O. 6 – O. Mendes E. I. III.º v. 659) e FRAUTA (J. Barros Pan. 202; D. Góis C. D. E. I-73 – Garção O. P. I-15 – Sotero C. L. P. B. I-III – Rui C. L. 205).

FLECHA (M. Assis P. R. 105) e FRECHA (D. Góis C. D. E. I-133; Camões L. c. X.º e. 63 – Arte 53 – Pita H. A. P. 75; Durão C. c. I.º e. 89 – O. Mendes E. I. IV.º v. 76; G. Dias P. II- 89; Herculano E. P. 28; Latino E. C. 135).

NEBLINA (O. Mendes E. I. III.º v. 201; M. Assis M. e L. 185 – Rui C. L. 54) e NEBRINA (Rebelo C. e L. 82; Latino E. C. 146).

j) Entre n e nh

249 – DESCORTINAR (Camilo H. de P. II-33 – Rui C. de F. 15) e DESCORTINHAR (G. Dias P. II-48).

PEQUENEZ (Castilho C. A. 78) e PEQUENHEZ (Filinto O. C. XI-401; Jaboatão N. O. S. B. II-36 – Seixas C. das O. II-258 – E. C. Ribeiro P. L. E. 159; Silvério V. D. V. 15; Rui F. B. 195).

TAMANINO (T. de Jesus T. de J. I-68 – Herculano M. de C. I-157) e TAMANHINHO (Garrett F. L. S. 26).

k) Entre o e a na desinência, com duplicidade de gênero

- 250** – O ALARIDO (O. Mendes E. I. II.º v. 319 – Rui D. e C. 480) e A ALARIDA (Sousa A. D. J. I-104 – Garrett F. F. C. 260; Herculano L. e N. I-144).
- O AMEAÇO (Camões L. c. VIII e. 90 – Vieira S. XIV-332; Bernardes N. F. III-II – Pita H. A. P. 93; Durão C. c. I.º e. 23; Gonzaga M. de D. 209 – Garrett P. B. E. 81; Seixas C. das O. II-34 – Rui R. n.º 46 pg. 26) e A AMEAÇA (M. Assis Q. B. 241 – Silvério C. Past. 80).
- O BEIÇO (Caldas S. de D. 206) e A BEIÇA (Antero U. O. J. 63).
- O BORBORINHO (Filinto P. 54) e A BORBORINHA (Cruz e Silva Hiss. 86).
- O CARAPUÇO (Rebello M. D. J. I-131; Castilho F. pela A. 84) e A CARAPUÇA (Castanheda H. do D. I-15 – Arte I3 – M. Assis H. S. D. 72).
- O CHINELO (Garrett F. L. S. 199) e A CHINELA (Lucena A. P. II-154 – Bernardes N. F. I-12 – Tolentino Sat. I84 – Garrett H. 109; Rebello M. D. J. I-194; M. Assis M. e L. 3).
- O CHUÇO (Jacinto V. D. J. C. I55 – Lisboa O. C. I-49) e A CHUÇA (Jacinto V. D. J. C. I45 – Herculano M. de C. II-77).
- O CIMO (Herculano E. P. 86) e A CIMA (Herculano E. P. 53).
- O CLAUSTRO (Bernardes N. F. III-64 – Herculano E. P. 27; Camilo R. H. R. 222) e A CLAUSTRA (Camilo A. de P. 158 – Antero J. em P. 351).
- O DOMINGO (litúrgico) (Herculano L. e N. II-145) e A DOMINGA (Herculano L. e N. II-141).
- O ESTOFO (Camilo R. H. R. 98 – Rui C. L. I41) e A ESTOFA (H. Pinto I. V. C. II-46 – Chagas C. E. 170 – Cruz e Silva Hiss. 20 – Camilo T. I. 107).
- O ESTRUPIDO (Herculano E. P. 98; Camilo T. I. 221 – Rui R. n.º 217 pg. 107) e A ESTRUPIDA (Herculano B. 262).
- O EXTREMO (da rua) (Castilho M. U. M. 132) e A EXTREMA (Camilo R. H. R. 39).
- OS GALHOS (G. Dias P. II-170) e AS GALHAS (Rui R. n.º 490 pg. 210).
- O JALECO (Garção O. P. II-93) e A JALECA (Camilo T. I. 34).
- O MIGALHO (Castilho C. A. 91) e A MIGALHA (Castilho C. A. 109).
- O PINGO (Rebello D. N. T. G. S. P. 15 – Antero J. em P. 129) e A PINGA (Chagas C. E. 37 – M. Aires R. V. H. 139; Pereira B. S. Isaías cap. XXXIX v. 15 – M. Assis P. A. 42).
- OS POLAINOS (Antero J. em P. 209) e AS POLAINAS (Rui C. de I. 220).
- OS RAMOS (H. Pinto J. V. C. III-20) e AS RAMAS (Garrett H. 151; Rebello O. V. N. C. 199; Herculano E. P. 87 – Antero J. em P. 197; Rui R. n.º 486 pg. 208).

- O RAPAZIO (Camilo T. I. 194 – Antero J. em P. 149) e A RAPAZIA (Garção O. P. I-32).
- O RIBEIRO (H. Pinto I. V. C. I-150 – Garção O. P. II-31) e A RIBEIRA (H. Pinto I. V. C. I-112 – Garção O. P. I-41; Pereira B. S. Isaías cap. XIX v. 6 – Rebelo C. e L. 10; Herculano E. P. 288).
- O SOLHEIRO (Antero J. em P. 144) e A SOLHEIRA (Antero U. O. J. 208).
- O TERÇO (terça parte) (Arrais D. 21) e A TERÇA (Gil T. 55 – Rebelo O. V. N. C. 182).

l) Entre o e a na desinência, sem mudança de gênero

- 251** – O CATACLISMO (Rui F. B. 109) e O CATACLISMA (Laet J. do C. ano 58 n.º 68 pg. I.^a col. 8.^a).
- O PARASITO (Rui F. B. 23; Leda Q. L. B. 124) e O PARASITA (Camilo C. V. H. J. A. 118).
- O POLIGLOTO (Camilo C. V. H. J. A. 77) e O POLIGLOTA (Sá Nunes A. L. N. II-154).

m) Entre o e u

- 252** – CÔMPLICE (Sousa A. D. J. II-110 – Pita H. A. P. 75; A. Barros V. A. P. A. V. I-245; Filinto O. C. X-238 – Lisboa O. C. I-51; Castilho F. pela A. 160; M. Assis H. S. D. 150 – Silvério V. D. V. 236) e CÚMPLICE (F. M. Melo A. D. 243 – Camilo R. H. R. 32).
- CONCORRENTE (Cândido M. S. 214; Silva Ramos P. V. F. 195) e CONCURRENTE (Filinto O. C. X-260 – Lisboa O. C. I-58).
- CROSTA (Rui C. de F. 6) e CRUSTA (Gaspar M. H. C. S. V. 121 – G. Dias P. II-183).
- GLOTÃO (Lisboa O. C. I-98; M. Assis H. S. D. 13) e GLUTÃO (Bernardes P. E. 160).
- GROTA (Rui C. L. 59) e GRUTA (Rui C. de F. 72).
- GROTESCO (Rui C. de I. 295) e GRUTESCO (Rui R. n.º 41 pg. 177).
- PINTORESCO (M. Assis H. S. D. 22) e PINTURESCO (Herculano B. 73 – Silva Ramos P. V. F. 74).
- TODO – NADA (Camilo A. de P. 170) e TUDO – NADA (Castilho C. A. 63; F. Castro E. C. 131 – Antero J. em P. 8).
- TREMOLAR (S. Maria A. H. I-42 – Caldas S. de D. 390; Filinto P. 101 – Herculano

L. e N. II-110) e TREMULAR (Herculano E. P. 118).
TRONCAR (Castilho N. do C. 209) e TRUNCAR (Leda Q. L. B. 103).

n) Entre ou e oi

253 – ACOUTAR (Rebello C. L. 20) e ACOITAR (Castilho Tart. 117).
AÇOUTE (Rebello C. e L. 89) e AÇOITE (Rui C. de I. 263).
AFOUTO (Filinto O. C. IX-400 – O. Mendes E. I. III.º v. 610; G. Dias P. II-106 –
Silvério V. D. V. 48) e AFOITO (Gonzaga M. de D. 68 – Castilho Tart. 88).
AGOURO (M. Assis M. e L. 10) e AGOIRO (G. Dias P. II-10).
BALOUÇAR (Herculano L. e N. II-115) e BALOIÇAR (Garrett F. L. S. 235; Rebello
C. e L. 176 – Silva Ramos P. V. F. 279).
BISCOUTO (Arte 139 – Silvério V. D. V. 251) e BISCOITO (M. Assis H. S. D.
164).
CALABOUÇO (Herculano B. 26) e CALABOIÇO (Castilho F. pela A. 213).
COURAÇA (Castilho Q. H. P. II-230) e COIRAÇA (O. Mendes E. I. I.º v. 517).
COURO (Rebello M. D. J. I-371) e COIRO (Rebello M. D. J. I-68).
COUSA (Gonzaga M. de D. 41) e COISA (Garrett Alf. de S. 22).
DESDOURO (Silvério V. D. V. 244) e DESDOIRO (Castilho Tart. 41).
DOUDEJAR (Castilho G. I. I.º v. 528) e DOIDEJAR (Castilho F. pela A. 8).
DOURAR (Herculano B. 73) e DOIRAR (Rui C. de I. 157).
DOUS (Laudelino N. e P. VI-178) e DOIS (H. Pinto I. V. C. I-258).
DURADOURO (F. Castro P. P. 6) e DURADOIRO (Castilho F. pela A. 58).
FOUCE (Garção O. P. I-50) e FOICE (Garção O. P. I-129).
FROUXO (Herculano B. 71) e FROIXO (Rebello M. D. J. I-118).
IMORREDOURO (Latino A. e N. 42) e IMORREDOIRO (Rui C. de I. 189).
LAVOURA (Vieira S. XI-27) e LAVOIRA (Castilho F. pela A. 12 – Rui F. B. 25).
LENTEJOULA (Antero J. em P. 39) e LENTEJOILA (Cândido M. S. 292).
LOUÇA (H. Pinto I. V. C. III-204) e LOIÇA (Rui C. de I. 361).
LOURO (F. Castro P. P. 9) e LOIRO (Laudelino N. e P. IV-216).
LOUSA (M. Assis P. A. 250) e LOISA (Garrett F. L. S. 85).
MOUREJAR (Laet H. P. 86) e MOIREJAR (Castilho F. pela A. 188).
MOURO (Bernardes N. F. III-II) e MOIRO (F. M. Melo A. D. 62).
MOUTA (Rebello C. e L. 117) e MOITA (Camilo R. H. R. 39).
NOUTE (Bernardes N. F. III-126) e NOITE (Cláudio O. 255).
OURO (Couto S. P. 108) e OIRO (G. Dias P. II-99).
OUROPEL (F. Castro P. P. 6) e OIROPEL (G. Dias P. II-27).

OUTEIRO (Durão C. c. IV.º e. 30) e OITEIRO (Castilho Tart. 146).
 PAPOULA (Rebello O. V. N. C. 268) e PAPOILA (Silva Ramos P. V. F. 195).
 POUSSADA (Herculano B. 71) e POISSADA (Castilho F. pela A. 144).
 POUSSIO (Antero S. do A. 3) e POISSIO (Castilho F. pela A. 85).
 REPOUSAR (Latino F. de M. 68) e REPOISAR (Rebello C. e L. 237).
 RETOUÇAR (Silvério V. D. V. 6) e RETOIÇAR (Castilho G. I. I.º v. 471).
 TESOURO (G. Dias P. II-146) e TESOIRO (Laudelino N. e P. V-252).
 TOURO (Cláudio O. 93) e TOIRO (Cândido M. S. 18).
 VINDOURO (Silvério V. D. V. 85) e VINDOIRO (Rui C. de I. 179).

o) Entre s e z

254 — Designamos com S o som sibilante forte desta letra, seja qual for a grafia: S. C. ou Ç.

CIZÂNIA (Bernardes N. F. I-80) e ZIZÂNIA (H. Pinto I. V. C. II-170 – Pita H. A. P. 10; Sacramento V. H. P. 147 – Seixas C. das O. II-162; Lisboa V. P. A. V. 47).
 LUCERNA (H. Pinto I. V. C. II-173) e LUZERNA (Pereira B. S. Marc. cap. IV.º v. 21 – Castilho M. U. M. 105).
 MENOSPREÇO (Filinto O. C. IX-252 – Camilo Q. de A. 70 – Silva Ramos P. V. F. 150) e MENOSPREZO (Botelho M. do P. 106).

p) Entre t e tr

255 – ARRASTAR (A. de Sá S. N. S. M. 28) e ARRASTRAR (T. de Jesus T. de J. I-69 – F. M. Melo A. D. 55 – Basílio O. P. 199; Caldas S. de D. 19 – Filinto O. C. IX-442 – G. Dias P. II-40).
 ARROSTAR (Herculano B. 155) e ARROSTRAR (Silvério V. D. V. 126).
 EMPLASTO (Arte 16 – Pita H. A. P. 19 – Rebello M. D. J. I-352) e EMPLASTRO (Arte 173; F. M. Melo A. D. 361).
 RASTO (Arte 161 – Rebello C. e L. 169; Castilho F. pela A. 201; Camilo R. H. R. 94) e RASTRO (Arrais D. 30 – Rui C. de I. 198).
 REGISTAR (T. de Jesus T. de J. I-149 – Arte 94 – M. Aires R. V. H. 84; Latino A. e N. 65; Castilho F. pela A. 194 – Laudelino N. e P. IV-140) e REGISTRAR (Silvério V. D. V. 233; Rui C. de I. 186; Laet H. P. 121; Laudelino N. e P. V-63).
 REGISTO (Castilho F. pela A. 187) e REGISTRO (H. Pinto I. V. C. I-15 – Filinto O. C. IX-425 – F. Castro P. P. 61 – Rui C. de I. 340).

q) Entre vogal nasal e oral

256 – CARMESIM (Pereira B. S. Isaías cap. I.º v. 8) e CARMESI (Camões L. c. III.º e. 54).

DEMONSTRAR (Laet H. P. 142) e DEMOSTRAR (F. M. Melo A. D. 325; R. Lobo C. de P. 16v – Filinto O. C. IX-35 – Castilho Tart. intr. XII – Sá Nunes L. V. 83).

FRENESIM (Rui D. e C. 555) e FRENESI (Garção O. P. II-176 – G. Dias P. II-55; Herculano E. P. 221; Camilo T. I. 78 – Rui D. e C. 49).

LONGÍNQUO (Lisboa V. P. A. V. 176; Castilho F. pela A. 66; Herculano B. 132) e LONGÍQUO (Lisboa V. P. A. V. 58; Rebelo C. e L. III; Herculano B. 257 – Rui C. de I. 332).

RIMBOMBO (Castilho G. I. I.º v. 421) e RIBOMBO (Camilo N. B. J. M. 35).

RUBIM (F. M. Melo A. D. 36 – M. Aires R. V. H. 139; Garção O. P. I-21; Basílio O. P. 154) e RUBI (Couto S. P. 161 – Rebelo M. D. J. I-107).

VOLANTIM (Pita H. A. P. 272) e VOLATIM (Arte 23 – Rui C. L. 322; Laudelino N. e P. V-177).

7.º – VÁRIOS OUTROS CASOS DE SINCRETISMOS

257 – ABENDIÇOAR (Pereira B. S. Josué cap. XIV v. 13 – M. Barreto N. E. L. P. 284) e ABENÇOAR (E. C. Ribeiro P. L. E. 195).

ABOMINÁVEL (Rui D. e C. 517) e ABOMINOSO (Castilho M. U. M. 221).

ABORRECIDO (Cláudio O. 35) e ABORRIDO (Herculano E. P. 61).

ALJÔFAR (Botelho M. do P. 115 – Castilho C. A. 75 – E. C. Ribeiro P. L. E. 103) e ALJOFRE (Filinto P. 215).

ALVENER (Sousa V. do A. I-5 – M. Barreto N. E. L. P. 174) e ALVANÉU (Castilho C. A. 59).

ALVOROÇO (J. Barros Pan. 12 – Pita H. A. P. 28 – Rui D. e C. 67) e ALVOROTO (Filinto O. C. IX-48 – Garrett F. L. S. 227; Castilho F. pela A. 230 – Silvério V. D. V. 51; Rui R. de G. 48).

ASPECTO (Antero U. O. J. 37) e ASPEITO (Camões L. c. VII.º e. 77 – Sousa V. do A. I-112 – Tolentino Sat. 178; Caldas S. de D. 10 – M. Assis A. 28; Garrett F. F. C. 76; Herculano P. 70; Camilo Q. de A. 188 – Antero U. O. J. 37).

ASQUEROSO (Bernardes N. F. III-I – Pita H. A. P. 20 – Herculano E. P. 59), ASCOROSO (Sacramento V. H. P. 142 – Camilo Q. de A. 39) e ASCOSO (Filinto P. 222 – Castilho F. 185).

- AUTOPSE (Rui C. de F. 234) e AUTÓPSIA (F. Castro E. C. 132).
- BAIXO (banco de areia) (E. C. Ribeiro Tr. 260) e BAIXIO (E. C. Ribeiro Tr. 364).
- BANDOLIM (G. Dias P. I-41) e MANDOLIM (Silva Ramos P. V. F. 47).
- BATOTA (Rui R. de G. II) e PATOTA (Laet J. do C. ano 58 n.º 82 pg. I.a col. 7.a).
- BUFARINHEIRO (G. Dias P. II-10; Castilho C. A. 80), BELFURINHEIRO (Rebelo M. D. J. I-18; Castilho N. do C. 139; Camilo Q. de A. 139), BELFORINHEIRO (Castilho. C. A. 275) e BAFORINHEIRO (Filinto O. C. IX-357).
- CINTILANTE (Cândido M. S. 185) e CENTELHANTE (M. Assis H. S. D. 194).
- COMPRIDÃO (Castilho N. do C. 3) e COMPRIDEZ (M. Barreto F. L. P. 138).
- CONSOLADOR (Latino F. de M. 201) e CONSOLATÓRIO (H. Pinto I. V. C. III-154).
- CONTÁGIO (Camilo N. B. J. M. 29) e CONTAGIÃO (Rui F. B. 27).
- DEFESA (Rui C. de I. 275), DEFENSA (Camões L. c. X.º e. 21; J. Barros Pan. 26 – Jacinto V. D. J. C. 189; Bernardes N. F. III-115 – Pita H. A. P. 22; Filinto O. C. IX-212 – O. Mendes E. I. II.º v. 297; Castilho F. pela A. 160 – Rui D. e C. 133) e DEFENSÃO (Camões L. c. X.º e. 94; H. Pinto I. V. C. I-232 – Sousa A. D. J. I-155; Arte 97; F. M. Melo A. D. 113 – Latino A. e N. 102 – Silva Ramos P. V. F. 119; Antero L. T. 140).
- DERRUBAR (J. Barros Pan. 191 – Vieira S. XI-154 – Gonzaga M. de D. 30) e DERRIBAR (Camões L. c. I.º e. 88; H. Pinto I. V. C. I-73 – Herculano E. P. 126 – Rui C. de I. 232).
- DESMENTIDO (subst.) (Rui D. e C. 538) e DESMENTIMENTO (Rui C. de F. I).
- DOÇURA (H. Pinto I. V. C. I-27) e DULÇURA (Antero U. O. J. 29).
- DOMINICANO (Antero U. O. J. 303) e DOMÍNICO (Sousa V. do A. I-256; Bernardes N. F. II-161 – Rebelo M. D. J. II-5; Camilo H. de P. I-150).
- EDITAR (Antero U. O. J. 319) e EDITORAR (Camilo Q. de A. 7 – Cândido M. S. 258; M. Barreto N. E. L. P. 303).
- EFETUAR (Laet H. P. 152) e EFEITUAR (H. Pinto I. V. C. II-36; Couto S. P. 154 – Jacinto V. D. J. C. 123; Arte 20 – O. Mendes E. I. IV.º v. 121; Lisboa O. C. I-184; Garrett P. B. E. 103 – Silvério V. D. V. 92; M. Barreto N. E. L. P. 237).
- ENFADONHO (Bernardes N. F. III-37 – Filinto O. C. X-I66) e ENFADOSO (Bernardes N. F. III-36 – Filinto O. C. X-I57 – Lisboa O. C. I-99; Camilo R. H. R. 68).
- ENTRETENIMENTO (Bernardes P. E. 87) e ENTRETIMENTO (Castilho C. A. 123).
- ERIÇAR (Garrett P. B. E. 66; Herculano M. de C. I-107) e ERRIÇAR (Cruz e Silva Hiss. 96; Bocage Son. 28).
- ERRO (Camilo H. de P. II-23) e ERROR (J. Barros Pan. 186 – Filinto O. C. IX-329 – Lisboa V. P. A. V. 31).

- ESCUMA (H. Pinto I. V. C. II-234 – Garção O. P. II-167 – Herculano E. P. 26) e ESPUMA (Garção O. P. II-242 – Rui C. L. 237).
- ESFOMEADO (Antero J. em P. 270) e ESFAIMADO (Filinto P. 143).
- ESPARZIR (Rebello C. e L. 145; Herculano B. 96) e ESPARGIR (Couto S. P. 4 – Garção O. P. I-13 – O. Mendes E. I. II.º v. 101 – Rui C. de I. 124).
- ESQUADRINHAR (Chagas C. E. 170 – Pereira B. S. Sab. cap. I.º v. 6 – Rui R. n.º II pg. 11) e ESCULDRINHAR (M. Barreto N. E. L. P. 196).
- ESTADA (Garrett H. 184 – Rui C. de F. 135; Silva Ramos P. V. F. 105) e ESTADIA (E. C. Ribeiro P. L. E. 192).
- EXALÇAR (H. Pinto I. V. C. I-199) e EXALTAR (Rui C. de F. 15).
- FARTUM (Antero J. em P. 22; Leda Q. L. B. 12) e FORTUM (F. M. Melo A. D. 15 – Castilho F. pela A. 213; Camilo C. V. H. J. A. 49).
- FASTOSO (Castilho Q. H. P. II-85; Herculano C. V. 87; Camilo N. B. J. M. 79), FAS- TUOSO (Rebello O. V. N. C. 240), FAUSTOSO (Garrett H. 182) e FAUSTUOSO (Camilo T. I. 19).
- FECUNDIDADE (Latino E. C. 56) e FECÚNDIA (Latino E. C. 53).
- FEROCIDADE (Rui G. G. 127) e FERÓCIA (Rui G. G. 125).
- FIBRA (Rui C. de I. 224) e FEBRA (Rebello O. V. N. C. 194; Castilho F. pela A. 79).
- FICTÍCIO (Rui D. e A. 122) e FEITIÇO (adj.) (Latino E. C. 17 – E. C. Ribeiro P. L. E. 144).
- GRAÚDO (Filinto P. 28) e GRADO (H. Pinto I. V. C. III-33 – Lisboa O. C. I-90 – Rui R. n.º 12 pg. 12).
- HUMILDE (Camilo H. de P. II-129) e HUMILDOSO (Camilo H. de P. I-171).
- IDEAR (M. Aires R. V. H. 36 – M. Assis H. S. D. 52) e IDEALIZAR (M. Assis H. S. D. 225).
- IMPUNE (Seixas C. das O. III-66) e IMPUNIDO (Seixas C. das O. III-66).
- INDEFENSÁVEL (Rui R. n.º 16 pg. 13 – Sá Nunes A. L. N. I-11) e INDEFENSÍ- VEL (Sá Nunes A. L. N. I-82).
- INDEFENSO (Bernardes N. F. III-69 – Herculano B. 89 – Rui D. e C. 491) e INDE- FESO (Jacinto V. D. J. C. 218 – Rui C. de I. 241).
- INESCRUTÁVEL (de IN e ESCRUTÁVEL) (Arte 251 – Cláudio O. 109 – Seixas C. das O. II-9 – Rui C. de I. 196) e INSCRUTÁVEL (do latim INSCRUTABILIS-E) (Bernardes N. F. III-78 – A. Barros V. A. P. A. V. I-161; Durão C. c. V.º e. 7).
- INESPERADO (de IN e ESPERADO) (T. Vasconcelos P. A. D. 28 – Rui C. de F. 46) e INSPERADO (do latim INSPERATUS – A – UM) (Jacinto V. D. J. C. 252).
- INFIDELIDADE (Bernardes P. E. 188) e INFIELDADE (Antero J. em P. 26).
- INFLUÊNCIA (E. C. Ribeiro P. L. E. 79) e INFLUIÇÃO (E. C. Ribeiro P. L. E. 63).

- INTRIGANTE (Rui R. de G. 76) e INTRIGUISTA (Camilo A. de P. 12).
- LAJE (Pita H. A. P. 62 – Camilo A. de P. 192), LAJEM (Garção O. P. I-19 – G. Dias P. II-22) e LÁJEA (Sousa V. do A. I-280 – Herculano E. P. 46; Rebelo C. e L. 234).
- MELES (Pita H. A. P. 10 – M. Assis A. 114; Castilho G. I. III.º v. 199) e MÉIS (Castilho G. I.º v. 161).
- MELHORA (F. M. Melo C. F. 98) e MELHORIA (H. Pinto I. V. C. II-256).
- MIGALHA (T. de Jesus T. de J. II-127 – M. Assis M. e L. 31) e MEALHA (Camilo Q. de A. 66).
- MURMÚRIO (Castilho N. do C. 66) e MURMURINHO (Castilho N. do C. 188).
- NEOLATINO (Rui R. n.º 139 pg. 64) e NOVILATINO (Rui R. n.º 127 pg. 61).
- NIVELAR (Latino A. e N. 98 – Rui C. de I. 226) e LIVELAR (Herculano L. e N. I-57 – Rui R. n.º 474 pg. 202).
- OUROPEL (H. Pinto I. V. C. III-113 – Sotero C. L. P. B. I-44) e OURIPEL (Garrett F. L. S. 190).
- PARLENDÁ (Silva Ramos P. V. F. 271) e PARLENGA (Castilho M. U. M. II6 – Laet H. P. 38).
- PEGADA (Pereira B. S. Sab. cap. II.º v. 8; Jaboatão N. O. S. B. II-29), PEUGADA (F. Castro E. C. 133 – M. Barreto F. L. P. 317; Silva Ramos P. V. F. 252) e PIUGADA (Castilho F. 13; Camilo H. G. M. 40).
- PERENE (Pereira B. S. Sab. cap. XI v. 7) e PERENAL (H. Pinto I. V. C. I-128 – F. M. Melo A. D. 109 – Camilo R. H. R. 170).
- PESADUME (Filinto O. C. IX-173 – Rui D. e C. 411) e PESADUMBRE (Castilho F. 265).
- PINTURESCO (Herculano B. 73 – Silva Ramos P. V. F. 74) e PITORESCO (Lisboa O. C. I-8; Sotero C. L. P. B. I-9; Latino A. e N. 41; Camilo R. H. R. 29 – Silva Ramos P. V. F. 10; Antero J. em P. 31).
- PIPILAR (Rui C. L. 186) e PIPITAR (Rebelo C. dos F. 8).
- PORCELANA (Cruz e Silva Hiss. 26) e PORÇOLANA (Arte 17 – Garção O. P. I-120 – Garrett Cam. 90).
- POTRO (Antero J. em P. 24) e POLDRO (Castilho G. I. II.º v. III.º).
- POUCOCHINHO (Bernardim M. e M. 63) e POUACACHINHO (Chagas C. E. 124).
- POVILÉU (Leda Q. L. B. 98) e POVOLÉU (Camilo A. de P. 16 – Rui C. L. 207; Antero S. do A. 118).
- PREEMINENTE (Sá Nunes A. L. N. I-205) e PROEMINENTE (Latino E. C. 67; Herculano C. U. A. 144 – E. C. Ribeiro P. L. E. 65).

- PRESEPE (A. Ferreira P. L. I-253 – Bocage Son. 184 – Garrett F. L. S. 137) e PRE-
SÉPIO (Pereira B. S. Isaías cap. I.º v. 3.º).
- PRESA (Arte 10 – Rui C. de I. 243) e PREIA (Filinto O. C. X-19; Pereira B. S. Ecle-
siástico cap. XIII v. 23 – Herculano B. 105; G. Dias P. II-56).
- PROLIXO (Arrais D. 19) e PROLUXO (Herculano M. de C. II-335).
- PROTAGONISTA (Herculano M. de C. II-148 – Silva Ramos P. V. F. 88) e PROTO-
GONISTA (Rebelo M. D. J. I-12; Castilho Tart. intr. X; Herculano M. de C. I-259;
Camilo D. C. F. 83 – Rui F. P. R. 165).
- PRURIDO (do latim PRURITUS – US) (M. Assis H. S. D. 95 – M. Barreto N. E. L. P.
22) e PRUÍDO (do latim PRUDIRE) (Seixas C. das O. II-177).
- RAMALHETE (Silvério V. D. V. 66) e RAMILHETE (M. Barreto N. E. L. P. 243).
- REDEMOINHO (Pereira B. S. Sab. cap. V.º v. 24 – Rui C. L. 298) e REDOMOI-
NHO (M. Assis N. R. 12).
- RELAMPAGUEAR (B. Brito M. L. I-71) e RELAMPEJAR (Rebelo C. e L. 184).
- RESMONEAR (Castilho Tart. 15; Herculano M. de C. I-280 – Laet H. P. 137) e
RESMONINHAR (Pereira B. S. Isaías cap. XXIX v. 4.º).
- REVINDICAR (Herculano C. V. 124; Camilo C. V. H. J. A. 292) e REIVINDICAR
(Rui E. da C. 31).
- RIDICULARIZAR (Sotero C. L. P. B. I-57) e RIDICULIZAR (Filinto O. C. IX-
346 – Laet H. P. 130).
- ROMARIA (Antero J. em P. 123) e ROMAGEM (H. Pinto I. V. C. III-187 – Antero
J. em P. 54).
- RONDA (Rebelo M. D. J. I-252) e ROLDA (Castilho Q. H. P. II-204; Herculano B.
100).
- SANGRENTO (Antero S. do A. 146) e SANGUENTO (Bocage Son. 53 – Hercula-
no P. 78; Garrett Cam. 78; Camilo H. G. M. 178).
- SANGREIRA (Rui R. de G. 217) e SANGUEIRA (Castilho M. U. M. 165).
- SANHUDO (Rui F. B. 67) e SANHOSO (Rui G. G. 140).
- SELVÍCOLA (Laet A. I. ano II n.º I.º pg. 6) e SILVÍCOLA (Antero J. em P. 206).
- SURPREENDER (Camilo Est. P. 74.) e SURPRENDER (G. Dias P. I-282; Camilo
Est. P. 135) e SORPRENDER (M. Barreto F. L. P. 174).
- TARDIO (Tolentino Sat. 231 – Lisboa O. C. I-95) e TARDO (Pita H. A. P. 245; A.
Barros V. A. P. A. V. I-113 – Herculano B. 180; G. Dias P. II-176).
- TORRÃO (Castilho C. A. 274 – Antero J. em P. 14) e TERRÃO (Filinto P. 31 – An-
tero J. em P. 23).
- TUGÚRIO (Herculano C. U. A. 91) e TEGÚRIO (Rebelo M. D. J. I-192).
- UMBIGO (Rebelo C. dos F. 245) e EMBIGO (O. Mendes Od. I. I.º v. 44).

UNIFORMAR (M. Barreto F. L. P. 198) e UNIFORMIZAR (M. Barreto F. L. P. 285).

VAGABUNDO (H. Pinto I. V. C. II-36 – Durão C. c. III.º e. 63 – O. Mendes E. I. I.º v. 42; Herculano E. P. 16) e VAGAMUNDO (Sousa A. D. J. II-41; F. M. Melo A. D. 77; Arte 253 – Rui D. e A. II4; Antero J. em P. 378).

VELHUSCO (Castilho F. 212) e VELHUSTRO (F. M. Melo A. D. 34 – Rui R. n.º 485 pg. 208).

VIAGEIRO (Rui C. de F. 93), VIAJOR (Rui C. de F. 95) e VIAJANTE (Rui C. de F. 93).

CAPÍTULO V

USO DE PREFIXOS

a) Prefixo “des”

258 – PREFIXO “DES” PRIVATIVO.

O prefixo privativo ou negativo DES tem, na língua, emprego muito mais amplo do que vulgarmente se imagina. Assim temos, para nos limitarmos a alguns poucos de exemplos:

ACEITAR e DESACEITAR (rejeitar).

Jerônima DESACEITOU o convite generoso (Camilo T. I. 211) – muitos propugnadores da “língua brasileira” DESACEITAM êsse derradeiro fato (Leda Q. L. B. 81).

ACERTAR e DESACERTAR (errar).

Aquêles dois juristas nossos DESACERTARAM (Rui R. n.º 374 pg. 169).

AMÁVEL e DESAMÁVEL (indelicado).

Daqui se vê também se alimento, ou não, o propósito de ser DESAMÁVEL para com os investigadores (Cândido C. S. S. 100).

AUTORIDADE e DESAUTORIDADE (falta de autoridade).

Triunfariam de sua pobreza e DESAUTORIDADE (Sousa V. do A. II-5) – envelbeci, cada vez mais consciente da minha fraqueza, da minha ignorância, da minha DESAUTORIDADE (Rui G. G. 12).

CABER e DESCABER (não caber).

O sentimentalismo e a indigência DESCABEM em tamanha crise (Leda Q. L. B. 98).

CARIDADE e DESCARIDADE (falta de caridade).

Ninguém me viu... repelir com DESCARIDADE os aflitos (Rui G. C. V. B. 64).

COR e DESCOR (palidez).

A asa do tempo lbe há roçado veneranda DESCOR em formas virgens (Castilho N. do C. 18).

COSTUME e DESCOSTUME (falta de costume)

Do DESCOSTUME das cousas nasce o espanto delas (H. Pinto I. V. C. III-201) — *fêz dano aos nossos o DESCOSTUME, em que estavam, das armas* (Souza V. do A. II-5) — *a tal impressão de fealdade... é devida ao DESCOSTUME* (M. Barreto F. L. P. 268).

CUMPRIR e DESCUMPRIR (não cumprir).

Convidá-lo, sob a invocação da honra, a DESCUMPRIR o dever... é pôr a honra em conflito com a honra (Rui C. de F. 177).

ENSINAR e DESENSINAR (fazer desaprender).

Não há banimentos, nem perseguições, que lbe DESENSINEM a gratidão (Laet A. I. ano II.º n.º 9 supl.).

ESPERANÇA e DESESPERANÇA (desespero, falta de esperança).

Era a crítica severa de Proudhon, associada ao naturalismo de La Mettrie e à DESESPERANÇA de Schopenhauer acêrca da melhoria moral da humanidade (Latino O. da C. intr. CCVI).

FECHAR e DESFECHAR (abrir).

O sangue de Cristo foi chave que DESFECHOU a porta do paraíso (H. Pinto I. V. C. II-123).

FREQUÊNCIA e DESFREQUÊNCIA (falta de frequência).

Não sendo a ciência dom inamissível que, ao revés, com a DESFREQUÊNCIA do estudo fâcilmente se perde... (Silvério V. D. V. 156).

GABAR e DESGABAR (acusar, injuriar, maldizer).

Já DESGABA, já maldiçoa o mimo com que, cada ano, os céus o presenteiam (Filinto O. C. VI-238) — *ainda menos merecido seria capitularem-me das três misérias, com que me DESGABOU o nobre senador* (Rui G. C. V. B. 63).

LEMBRANÇA e DESLEMBRANÇA (esquecimento).

Era noite; Morfeu me tinba em braços; DESLEMBRANÇA profunda de fadigas... me coava nos plácidos sentidos (Filinto P. 245) — *para renovar dúvidas... seria mister uma dessas DESLEMBRANÇAS que caem no domínio da patologia moral* (Rui F. P. R. 363).

LEMBRAR e DESLEMBRAR (esquecer).

DESLEMBRAMOS *que as nações pequenas, é bem que se façam grandes pela prudência e o valor* (Latino E. C. 71) *assim os encarregados pela Soberana conciliam as opiniões e DESLEMBRAM as injúrias* (Camilo D. da M. 85) – *a palavra dos Apóstolos, não o DESLEMBREMOS, foi uma sementeira de mártires* (Laet V. de P. ano IX n.º 9 pg. 547).

LOUVAR e DESLOUVAR (depreciar).

Querê-la eu LOUVAR é DESLOUVÁ-LA (H. Pinto I. V. C. II-7).

MELANCOLIZAR e DESMELANCOLIZAR (tirar a tristeza a).

O ânimo angustiado e lastimado se alegra e DESMELANCOLIZA com as palavras doces e consolatórias do leal amigo (H. Pinto I. V. C. III-I54) *êste, que é mais alegre e menos sisudo, porque agrada mais nos japões e DESMELANCOLIZE o enfêrmo* (F. M. Pinto Per. II-51).

MELHORA e DESMELHORA (piora).

Com várias alternativas de melhoras, DESMELHORAS, e agravações, foi D. Antônio completando os seus dias (Silvério V. D. V. 293).

NATURAL e DESNATURAL (fora do natural).

José da Fonseca... chorou a morte do seu amigo do exílio e caiu em DESNATURAL tristeza (Camilo T. I. 254).

NOBRE e DESNOBRE (sem nobreza).

... almas DESNOBRES (F. Castro E. C. 138).

PEJO e DESPEJO (falta de pejo).

Um soldado com DESPEJO e galantaria militar disse que, se livrasse daquela tormenta, votava ou prometia casar com D. Leonor de Sá (S. Maria A. H. I-II) *pedem dinheiro com DESPEJO e soberba* (Sousa A. D. J. II-190) – *não tinham DESPEJO bastante para comparecer nesse ato vergonhoso e ridículo* (Garrett P. B. E. 151) *teve o DESPEJO de chamar os povos à revolta em nome de Jesus-Cristo* (Camilo H. de P. I-149) *demo algumas voltas e no meio de uma delas... teve o DESPEJO de renovar a súplica* (Rebelo C. dos F. 67).

POLIDEZ e DESPOLIDEZ (grosseria).

Tomou meu tio por feita a si essa DESPOLIDEZ de Verneuil (Filinto O. C. XI-452).

PORTUGUESA e DESPORTUGUESA (não portuguesa)

Sobre temeridade, nos parece cobardia muito DESCAVALEIRA e muito DESPORTUGUÊSA (Castilho Q. H. P. I-88) – pronúncia artificial, pedante, DESPORTUGUÊSA (M. Barreto N. E. L. P. 24).

PREMIADO e DESPREMIADO (sem prêmio).

Tenho maiores simpatias para com aqueles que labutam e sucumbem DESPREMIADOS (Laet R. de C. ano XV.º n.º 169 pg. 63).

VENERAÇÃO e DESVENERAÇÃO (desconsideração, desrespeito).

Eu não quis ser parte, ainda testemunhal, daquela DESVENERAÇÃO (Camilo N. B. J. M. 141).

VESTIR e DESVESTIR (despir).

Mas a Grécia... senão improvisa, de um só jato, as teorias filosóficas, DESVESTE-AS de qualquer indumento mitológico (Latino O. da C. intr. LXXXV).

VIRTUDE e DESVIRTUDE (vício, defeito, crime).

A obra lhe pode entrar em casa e o Sr. Enéias pode compulsá-la sem DESVIRTUDE (Rui C. de F. 231).

259 – PREFIXO “DES” INTENSIVO.

Nem sempre, porém, o prefixo DES tem sentido negativo. Serve, às vezes, de reforçar a ideia da palavra a que se junta; nestes casos lhe chamam os gramáticos PREFIXO INTENSIVO.

Assim temos:

NUDEZ (Seixas C. das O. II-59; Camilo H. de P. II-98) = DESNUDEZ (Arte 27 – Sacramento V. H. P. 240).

INQUIETO = DESINQUIETO; INQUIETAR = DESINQUIETAR.

... DESINQUIETADORES *do silêncio da santa justiça* (F. M. Pinto Per. I-188) – *de que serve revolver os séculos, DESINQUIETAR as cinzas e dar esta vida aos mortos?...* (Chagas C. E. 22) – *sobressaltando-lhes o coração, os começou a DESINQUIETAR um repentino cuidado* (A. Barros V. A. P. A. V. I-173) – *via-te aquela Joaquinha pequena, DESINQUIETA, travêssa* (Garrett V. M. T. I-181) *nunca DESINQUIETEI ninguém* (Rebello D. N. T. G. S. P. 70) *pior fazem outros que andam, de noite, à tuna, a DESINQUIETAR rapariguinhas honestas* (Castilho M. U. M. 95).

b) Prefixo “mal”

260 – PREFIXO “MAL” NEGATIVO.

O prefixo MAL é usado, muitas vezes, como o prefixo DES, em sentido negativo. MALCONTENTE é o mesmo que *descontente*, e, embora se pareça com o francês *malcontent*, nada tem de galicismo. MALSINCERAMENTE = sem sinceridade. MALDESTRO = imperito. MALCHEIO = que não está cheio. MALFIRME, MALSEGURO = sem segurança. MALSERENO = agitado. MALFECUNDO = estéril.

Eu vejo arder teu peito em nova glória, claríssimo D. Pedro, MALCONTENTE de não largar já as penas altamente (A. Ferreira P. L. I-82) *os astrólogos MALDESTROS sempre falam no porvir e nunca vem o que êles prometem* (H. Pinto I. V. C. III-94) – *até nos MALCONTENTES amainou a raiva, quando se soube a nova de sua doença* (Sousa V. do A. I-65) *e se lhe lançamos Ludovico de Casteveltro e a escola dos MALCONTENTES, que dirão dêle?* (F. M. Melo A. D. 332) *não se experimentariam os graves inconvenientes e contínuos dissídios que resultam de se meterem... os súditos MALCONTENTES com a reforma dos Superiores* (Bernardes N. F. III-157) – *sei que êle há de salvar o seu ungido da MALSEGURA sorte* (Caldas S. de D. 85) *cobiça de MALFIRME valimento* (Filinto P. 233) *não me ponho a pregar aos literatos o desprezo da glória mundana, tanto e tão MALSINCERAMENTE pelos filósofos recomendada* (Filinto O. C. IX-348) – *ao sêco e MALFECUNDO abonas humidade* (Castilho G. I. I.º v. 85) *as gândaras se transformariam em searas, debaixo dos seus pés... a arca MALCHEIA, em celeiros atulhados* (Castilho F. pela A. 47) *no seio MALSERENO confesso* (Castilho F. 250) – *bem que ambos saíssem MALCONTENTES de uma solução que não podia satisfazer cabalmente a um e outro...* (Rui R. n.º 25 pg. 18) *a afirmativa é consequência imediata... das ponderações MALSEGURAS do Dr. Rui Barbosa* (E. C. Ribeiro Tr. 67).

261 – PREFIXO “MAL” INTENSIVO.

Também, como o prefixo *des*, MAL pode deixar de exprimir negação, para indicar maior intensidade. MALFERIDO significa mui gravemente ferido; MALDOENTE, bastante doente.

Francisco Álvares, depois de muito MALFERIDO, apenas se recolheu a um batel, com vida, à fortaleza de Tornate (Lucena A. P. I-II6) – *por mil partes andava MALFERIDO, pela praia o seu sangue se reparte* (R. Lobo C. de P. 50) *ficaram os sete vitoriosos, porém quase todos, MALFERIDOS* (Sousa A. D. J. II-92) *perdemos quarenta homens ficando muitos MALFERIDOS, mas bem vingados* (S. Maria A. H. I-23) – *junto dêle... um homem de brônzea tez jazia MALFERIDO* (Garrett. Cam. 36) *por sugestões do tio, mandou, o sobrinho, dar uns tiros em Antônio de Brito que saiu MALFERIDO e ficou depois aleijado de um braço* (Lisboa V. P. A. V. 247) *ali Dom Ribas... desafiava o seu furioso agressor que muitas vêzes saía MALFERIDO daquele combate desigual* (Herculano B. 35) – *a outra desanda gramatical não me deixou menos MALDOENTE* (Rui R. n.º 104 pg. 51) *outros experimen-*

tam depois êsse açoite... e não sei se saíram menos MALFERIDOS (Rui C. L. 66) tantas vêzes foi visto aquêle admirável e heróico capuchinho Fr. Fidélis d'Avola percorrendo as linbas de fogo, dando absolvição aos MALFERIDOS (Laet V. de P. I6-2-1915 pg. 241).

c) Prefixo “re”

262 – O prefixo RE junta-se a adjetivos repetidos para lhes reforçar a ideia.

Hei de ser vosso e REVOSSO (Camões T. 29) – engana-se; foi sua; hoje é minha e REMINHA (Castilho Tart. I39) – é coisa velha e REVELHA, sabida e sabidíssima (Sá Nunes A. L. N. I-22).

d) Prefixo “sem”

263 – Não se deve esquecer também o uso de SEM negativo. SEM-JUSTIÇA = injustiça. SEM-RAZÃO = injúria, despropósito, injustiça.

Quem faz injúria vil e SEM-RAZÃO com fôrças e poder em que está pôsto, não vence (Camões L. c. X.º e. 58) nem se espante alguém de ver o Senhor em casa de Anaz a uma só bofetada, estranbar a quem lba deu, a SEM-RAZÃO com que o injuriara (T. de Jesus T. de J. II-62) não cessava a culpa da SEM-JUSTIÇA (J. Barros Pan. 20) – uma vez se humilhou muito às SEM-RAZÕES de seus próximos, a Serva de Deus, Maria de la Antígua (Bernardes N. F. III-175) bem se vê a SEM-RAZÃO desta idolatria (Arte IO) – eu, o mísero Alfeu, que em meu destino lamento as SEM-RAZÕES da desventura (Cláudio O. 8) vendo SEM-RAZÕES tamanbas, eu exclamo transportado... (Gonzaga M. de D. 74) mas da tua SEM-RAZÃO eu vi prova verdadeira (Tolentino Sat. 204) – basta de SEM-RAZÕES (Castilho Tart. 73) acho eu que vêm a ser quatro as razões... não, senhor, são simplesmente três, porque a quarta é uma SEM-RAZÃO (Camilo R. H. R. 224) –... pouco se lbe dando das SEM-RAZÕES com que o castigavam as línguas (Silvério V. D. V. 169) mostrarei sem dificuldade a SEM-RAZÃO e a SEM-JUSTIÇA da crítica adversa ao meu escrito (Rui R. n.º I20 pg. 57) é tal a SEM-RAZÃO de algumas críticas, que pendemos a crer que os autores delas não leram o livro de Gonçalves Viana (M. Barreto F. L. P. 237).

CAPÍTULO VI

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS CATEGORIAS GRAMATICAIIS

I.º – SUBSTANTIVO

a) Palavras Substantivadas

264 – Infinito impessoal substantivado.

Uma fonte de imensa variedade, no léxico português, se encontra no intercâmbio existente entre as categorias gramaticais. Frequentemente passa uma palavra para outra categoria, com notável vantagem para a energia e elegância da frase. Muito são, p. ex., do agrado dos escritores clássicos, os infinitos, passados a substantivos verbais: v. g. O LER, O MEDITAR, O SOFRER, ao lado de *a leitura, a meditação, o sofrimento*.

O seu PESCAR não é com rédes, senão com cabaços, que metem por baixo água (D. Góis C. D. E. 137) *o velho pai sisudo que respeita o MURMURAR do povo... tirar Inez ao mundo determina* (Camões L. c. III.º e. 122) – *todo o REINAR é saboroso* (Sousa A. D. J. II-10) *não é a menor dificuldade da festa, o CELEBRAR-SE hoje* (Vieira S. VII-133) – *um MURMURAR sonoro apenas se me escuta* (Cláudio O. 87) *êle conservará o BENFAZER do homem como a menina do ôlbo* (Pereira B. S. Eclesiástico cap. XVII.º v. 18) – *esta ânsia quebra seu REPOUSAR* (O. Mendes E. I. IV.º v. 399) *ditas estas palavras, abismou-se em tão profundo CISMAR que parecia morta* (Rebelo C. e L. 93) *que aprazível SONHAR!* (Castilho F. 86) *quem me responde por êle é o seu DORMIR profundo* (Herculano L. e N. I-75)... *embelezados no RUMOREJAR de árvores e fontes* (Camilo A. de S. 17) – *para alguns escritores vai grande a diferença entre o INSTRUIR e o EDUCAR* (E. C. Ribeiro P. L. E. 87) *o TRABALHAR é como o SEMEAR onde tudo vai muito das sazões, dos dias e das horas* (Rui O. M. 50).

265 – Plural do infinito substantivado.

A alguns destes infinitos substantivados não repugna o plural.

Sõem doces TANGERES, doces cantos (A. Ferreira P. L. II-204) *aqueles CANTARES finos... donde os houveram?* (Sá Miranda O. C. II-54)... *sem esperar os VAGARES ordinários da geração*

humana (T. de Jesus T. de J. I-32) – *quisera, se por amor disto não houvesse de cortar por outros QUERERES* (Bernardes N. F II-63) – *não olhes para a mulher de muitos QUERERES* (Pereira B. S. Eclesiastes cap. IX.º v. 3) – *D. João d’Ornelas, semi-oculto nos grupos de cortesãos, por essas tardes e serões de TANGERES e momos e FOLGARES, parecia pensativo* (Herculano M. de C. II-140) *disso não me queixo eu; sou de poucos COMERES* (M. Assis Sem. 30) *é viva, bela, engraçada, festejada nos CANTARES do sertão* (G. Dias P. I-133).

266 – Infinito pessoal substantivado.

Não raro, o infinito que vem substantivado é o pessoal.

Êles não têm por injúria o FAZEREM-NO e têm por injúria o DIZEREM-LHO (H. Pinto I. V. C. III-97) – *mas, caso que todo o mundo tenha a mal o PERDOARDES, disse-me, o mundo há de ser vosso juiz ou Cristo?* (Bernardes P. P. P. 100) – *o DARMOS é fazermo-nos melbores* (Castilho C. A. 136) *vós é que tendes seguro o PASSARDES* (Herculano L. e N. II-186) *o DESCOBRIREM-SE daria rasto à suspeita* (Camilo A. de S. 12) *era preciso dar-lhes um govêrno idôneo; hesitei na escolba; muitos dos atuais pareciam-me bons; alguns, excelentes, mas todos tinham contra si o EXISTIREM* (M. Assis P. A. 211).

267 – Infinito substantivado com complementos.

O infinito pessoal ou impessoal, que vem servindo de substantivo, não perde o direito de trazer consigo seu sujeito ou seus complementos, tornando-se assim bem enérgica e precisamente expressa a ação indicada pelo substantivo verbal.

Quando vejo... êsse NÃO SOFRER DETENÇAS EM ME FAZER MERCÊS... que direi? (T. de Jesus T. de J. I-39) – *trocou, o mesmo santo, êste IREM AS RELIGIOSAS ÁS ENFÊRMAS em que as enfêrmas viessem às religiosas* (Bernardes N. F. III-I19) – *na tua livre vontade está o SEGUARARES PARA TI E PARA TEUS FILHOS UM BEM INFINITO* (Sacramento V. H. P. 231) – *ÊSTE FAZER ESCRAVOS UNS E SENHORES OUTROS é que não pode ser* (Garrett Alf. de S. 193) *aquêlê CONVIVER AO BAFO E SOB OS OLHOS DE UMA BOA MESTRA emenda muito defeito miúdo* (Castilho C. A. 101) *êste DEVORAR-SE A SI PRÓPRIO era ajudado pelo repouso dos sentidos externos* (Herculano B. 259) *voltara a si, rompendo em soluços, como se a partida fôsse um ARRANCAREM-NA Á FELICIDADE* (Camilo R. H. R. 147) *agora, porém, eram trinta mil cuidados, janelas fechadas, advertências à preta, uma vigilância perpétua, um ESPIAR OS GESTOS E OS DITOS, uma campanha de D. Bártolo* (M. Assis H. S. D. 168) – *era de crer que o SEGUIRMOS, OS MEMBROS DO SEGUNDO, A LIÇÃO FIRMADA PELO OUTRO, a êste se afigurasse testemunho de harmonia com os seus intuitos e preito aos seus ditames* (Rui R. pg. 2) *a êste contínuo EXAGERAR TUDO... não há como lhe pôr termo, nem medida* (E. C. Ribeiro Tr. pg. XIII).

268 – Verbo substantivado no modo finito.

Não só no modo infinito, senão também no finito, pode o verbo substantivar-se.

Quiseram aquêles em que estava o PRAZ-ME do casamento (Bernardim M. e M. 80) *o seu QUERO é NÃO QUERO* (Arrais D. 94) *pôr um CUMPRA-SE em uma patente... nunca o pôde alcançar* (Couto S. P. 54) – *se, tão gravemente ofendido do povo hebreu, por um QUE DIRÃO dos egípcios, lhe perdoastes...* (Vieira S. XIV-288) – *chovam em cima os BEM-HAJAS dos infelizes* (Castilho C. A. 93) – *um leigo... abre pôsto fiscal para vigiar-nos a língua no Brasil, negando-se o seu PRAZ-ME às deslocações de pronomes* (Leda Q. L. B. 16) *o NÃO QUERO do escravo impôs aos fazendeiros a abolição* (Rui D. e C. 277).

269 – Adjetivo qualificativo substantivado.

Ouviu diversas vêzes a Barba-roxa que lhe persuadiu serem, os ÚTEIS desta facção, maiores que as dificuldades (Jacinto V. D. C. 15) *não têm capacidade para sondar o PROFUNDO dos vossos juízos* (Vieira S. XIV-288)... *em quem, com rara e admirável concórdia, se uniam o ILUSTRE do sangue, o COPIOSO das riquezas, o FLORIDO da gentileza e o AJUSTADO dos bons procedimentos* (Bernardes N. F. II-296) – *sem o deter o FRACO da embarcação, nem a valentia dos mares, nem o TEMEROSO do contágio... voou intrépido* (A Barros V. A. P. A. V. I-29)... *semelhante ao impulso das ondas, a que não resiste o FRÁGIL de uma nau* (M. Aires R. V. H. 129) *donde, meu rico senhor, vos vem o PENSATIVO e o CABISBAIXO?* (Filinto O. C. XI-548) – *não é o SUBLIME da montanha, nem o AUGUSTO do bosque, nem o AMENO do vale* (Garrett V. M. T. I-52) *a dificuldade que até agora se tem oposto a haver muitas escolas... era o RONCEIRO, o MOROSO, o SEM-SABOR, o IMPERFEITO do ensino* (Castilho F. pela A. 191) *iam os navios em mau estado pelo TRABALHOSO da viagem* (Latino F. de M. 190) – *no VIRGINAL de suas florestas, no CAUDALOSO de seus rios... no ANILADO de seu céu, sempre azul e puro, hauriu as primeiras inspirações do gênio* (E. C. Ribeiro P. L. E. 65) *com o AGUDO da enfermidade, ajuntou-se a falta de médicos* (Silvério V. D. V. 260) *onde faz de científico e letrado é com o SUPERFICIAL, o ÔCO, o INDIGESTO da ciência de ocasião* (Rui R. n.º 23 pg. 17).

270 – Outras categorias substantivadas.

Como o verbo e o adjetivo, também os pronomes, os advérbios, as conjunções, as interjeições podem figurar como substantivos na frase, sendo precedidos de adjetivo determinativo.

Aquêlé... vossos NADAS deixou (Sá Miranda O. C. II-25) *o AGORA e DEPOIS dos bons é muito diferente do AGORA e DEPOIS dos maus* (H. Pinto I. V. C. I-238) – *mas que os NINGUÉNS de agora queiram também que lhes pesem, na balança de seu interêsse, os desvarios... é a cousa mais desvariada que há no mundo* (F. M. Melo A. D. 202) *não é justiça.... que essa alma, onde houve os AQUI-DEL-REIS, viva muito à vontade* (Chagas C. E. 58) *os PORQUÊS de Deus são só a êle manifestos* (Vieira S. IX-322) *não parece em boa razão que o MAIS se deixe pelo MENOS*

(Bernardes N. F. III-34) – *alta permissão, cujos PORQUÊS só sabemos venerar, nunca entender* (A. Barros V. A. P. A. V. I-188) *sempre à mira de lhe descobrir os SENÕES* (Filinto O. C. IX-409) – *tinha um QUÊ nos olhos, de pudor virginal* (G. Dias P. II-70) *dás-me o SIM?* (Rebelo C. e L. 95) *êsse INTEIRAMENTE não cabe ao mundo* (Castilho F. pela A. 92) *descrevia-lhe o QUASE NADA que conhecia do mundo* (Camilo A. de S. 58) – *não compreendemos o PORQUÊ desta censura* (E. C. Ribeiro Tr. pg. X).

271 – LONGES.

Merece especial menção o advérbio LONGE que pode substantivar-se no plural, tomando o sentido de *paisagens* ou *regiões longínquas* ou então *vestígios, traços, laivos, indícios, sinais longínquos de pareença*.

Que LONGES tão formosos, que almenaras mostravas (Sá Miranda O. C. II-23) – *aquela noite, se aperceberam todos, vendo já, no semblante do general, uns LONGES da vitória* (Jacinto V. D. J. C. 46) *já cá neste destêrro se começam a lograr uns LONGES da celeste pátria* (Chagas C. E. 121) – *pelos dilatados LONGES, pelas asperezas do caminho... saía muito caro à coroa* (Pita H. A. P. 234) *amparase êste alento que a constância, nos LONGES da esperança, vem trazendo* (Cláudio O. 144) – *uns LONGES de rosa lhe avivam a côr* (Garrett F. F. C. 167) *só desejo que a experiência encontre engano e ficção, onde divisei uns LONGES de acêrto e realidade* (F. Castro P. P. 13) *detiveram-se em Espanha, dois meses, até pressentirem uns LONGES de fastio* (Camilo A. de S. 148) –... *tereis uns LONGES de semelhança com o que viu Mariana nesse dia* (Silvério V. D. V. 272) *publiquei outro volume “Poema da Miséria” que, pelos seus LONGES de socialismo, pareceu indignar Fernandes Costa* (Cândido M. S. 117).

TENHO MEUS LONGES significa *tenho cá minhas suspeitas*:

MEUS LONGESTENHO *de que não haveria dificuldade em que se me comute ao Brasil o destêrro da Índia* (F. M. Melo C. F. 91).

LONGE substantivado no singular é usado por Castilho, também no sentido de *ligeiro vestígio*:

O leite da mungida traz um LONGE de sal que lhe refina a graça (Castilho G. I. II.º v. 580).

272 – Um caso interessante de advérbio substantivado que, apesar disto, continua a modificar o sentido de um verbo que lhe vem próximo, se vê nos seguintes exemplos:

Não temos outro mais certo sinal do BEM que CAMINHAMOS que fazer o que não queremos (Chagas C. E. 166) – *bem vejo, filha, o MUITO que SENTES os meus trabalhos* (Sacramento V. H. P. 159) *olbe para sua sobrinha (disse) e o ENFEITADA que VEM* (Filinto O. C. XI-395) – *estás melhor? tão bem que me parece impossível o MAL que ESTIVE todo o dia* (Garrett H. 54).

b) Gênero dos Substantivos

273 – Há hesitação quanto ao gênero de muitos substantivos que podem ser masculinos ou femininos, sem alterar-se a forma nem a significação. Damos exemplos de alguns poucos:

- O ANEURISMA (Cândido F. e E. II-86) e A ANEURISMA (Camilo R. H. R. 164).
- O CASCAVEL (Castanheda H. do D. I-12) e A CASCAVEL (G. Dias P. II-172).
- O CAUDAL (Silvério C. Past. 158) e A CAUDAL (Camilo N. B. J. M. 67).
- O CÓLERA (doença) (Camilo H. de P. I-52) e A CÓLERA (Herculano M. de C. prefácio V; Camilo R. H. R. 214 – Rui F. B. 25).
- OS EMBORAS (R. Lobo C. de P. 54v – Garrett Alf. de S. 152; Castilho F. pela A 138) e AS EMBORAS (Pereira B. S. Atos cap. XXV v. 13).
- O ÊXTASIS (Camilo R. H. R. 243) e A ÊXTASIS (Camilo R. H. R. 254).
- O FANTASMA (Castilho M. U. M. 105) e A FANTASMA (Castilho M. U. M. 103).
- O GUARDA-ROUPA (Jacinto C. V. H. J. A. 48 – Rui C. L. 121) e A GUARDA-ROUPA (Jacinto V. D. J. C. 96 – Rebelo L. e T. I-134; Castilho M. U. M. 45; Camilo C. V. H. J. A. 64 – Antero L. T. 26).
- O PERSONAGEM (F. M. Melo A. D. 278; Bernardes P. E. 93 – Rebelo C. e L. 63; Sotero C. L. P. B. I-123; Herculano L. e N. II-294; Latino F. de M. 164; Camilo Q. de A. 7; F. Castro P. P. 62 – Silvério V. D. V. 269; Laet H. P. 135) e A PERSONAGEM (F. M. Melo A. D. 215; Bernardes N. F. III-107 – Filinto O. C. IX-323 – Seixas C. das O. II-212; Castilho F. pela A. 55; Latino F. de M. 118; M. Assis N. R. 67 – Cândido M. S. 79; Antero U. O. J. 9).
- O PREAMAR (Antero L. T. 264) e A PREAMAR (Castanheda H. do D. I-28 – Rui C. de I. 423).
- O SENTINELA (Pereira B. S. Isaías cap. LVI v. 10) e A SENTINELA (A. Barros V. A. P. A. V. I-208 – Rebelo C. e L. 51; Latino F. de M. 200 – Rui D. e C. 497).
- O TEIRÓ (rixa, ódio, contenda) (Herculano M. de C. I-206 – Leda Q. L. B. 6) e A TEIRÓ (Herculano M. de C. I-294 – Rui R. n.º 285 pg. 141).
- O TIGRE (Cláudio O. 156 – G. Dias P. II-172) e A TIGRE (Cláudio O. 22 – Castilho G. I. II.º v. 175).
- O TRAMA (Castilho F. pela A. 146; Herculano B. 162 – Rui C. de I. 333) e A TRAMA (Camões T. 191 – Filinto O. C. X-148 – Seixas C. das O. I-85; Herculano E. P. 74 – Rui C. de I. 238; Laudelino N. e P. V-229).

c) Número dos Substantivos

274 – Alguns substantivos mais comumente usados hoje no singular apresentam-se também nos clássicos com a flexão do plural. Disto damos exemplos, nos sete números seguintes.

275 – ANOS.

Ao lado de *no ano de 1430* usa-se PELOS ANOS DE 1430.

PELOS ANOS DE 1430 *chegou depois Fr. Rogério* (Esperança Exc. 129) PELOS ANOS DE 1583 *voltava, de Malaca para Goa, D. João da Gama* (S. Maria A. H. I-74)... *certos hereges que se levantaram em Arábia* PELOS ANOS DE 245 (Bernardes N. F. I-124) – PELOS ANOS DE 1577... *foi ter ao pôrto de Pernambuco* (Jaboatão N. O. S. B. II-53) *êste religioso veio à capitania de S. Vicente* PELOS ANOS DE 1598 (Gaspar M. H. C. S. V. I42) – *a primeira edição destas “Memórias Póstumas de Braz Cubas” foi feita, aos pedaços, na “Revista Brasileira”,* PELOS ANOS DE 1880 (M. Assis M. P. B. C. 7).

276 – BEXIGAS.

E duas que adoeceram de BEXIGAS... ambas convaleceram por meio do mesmo cordão (Lucena A. P. I-284) – *o que não padeceram em si e obraram em bem do povo, no grande contágio das BEXIGAS do ano de 1666...* (Jaboatão N. O. S. B. II-166) *mudaram-no (a não se conhecer) as BEXIGAS de que enfermou* (Filinto O. C. XI-487) – *as BEXIGAS tinham sido terríveis* (M. Assis M. P. B. C. 137) – *entrando as BEXIGAS em Mariana, foram obrigados a sair os estudantes* (Silvério V. D. V. 141) *tive uma filha com BEXIGAS, apeguei-me àquela Senhora* (Antero R. e V. 173).

277 – BONS DIAS, BOAS TARDES, BOAS NOITES.

Depois de dar a todos os BONS DIAS com semblante alegre e quieto, perguntou se aparecia o batel (F. M. Pinto Per. II-150) – *BOAS TARDES, minha jóia (me disse) correis como um cavalinho sem freio* (Filinto O. C. XI-474) – *então BOAS NOITES!* (Rebello M. D. J. II-139) *fui eu que lhe disse: BONS DIAS, Sr. João* (Castilho M. U. M. 57) *dei com um conhecido que me disse, depois dos BONS DIAS costumados: que há de novo?* (M. Assis Sem. 93) *BOAS TARDES, padre prior; quer alguma cousa?* (Herculano L. e N. II-153) *BOAS NOITES vos dê Deus, Rui Vaz* (Garrett Arc. de S. 27) – *os estalajadeiros acenderam-lhe o candieiro e retiram-se dando as BOAS NOITES* (Antero J. em P. 331) *BOAS NOITES, folbetinista* (Laet J. do C. ano 58 n.º 61 pg. I.ª col. 2).

278 – ESPÍRITOS é usado no sentido de qualidades do espírito, ânimo, coragem.

Era homem de grandes ESPÍRITOS e muito próprio para dar fim a êste descobrimento (Castanheda H. do D. I-6) *como de seu pai não tivesse herdado nada mais que os altos ESPÍRITOS* (Camões T.

170) *ainda que os homens de rasteiros juízos... julgam as pretensões e conquistas de Alexandre, por ilustres e soberanas... todavia os que têm altos ESPÍRITOS as têm por pequenas e abatidas* (H. Pinto I. V. C. II-293) – *mas os portugueses... cobraram novos ESPÍRITOS* (Souza A. D. J. II-75) *assim lbes foi o capitão criando ESPÍRITOS novos* (Jacinto V. D. J. C. 247) – *criavam novos ESPÍRITOS, senão para a defesa dos corpos, para alento das almas* (Jaboatão N. O. S. B. II-86) – *Fr. Policarpo, era homem de altos ESPÍRITOS* (Rebelo D. N. T. G. S. P. 104) *o espanhol vivia regaladamente, quanto lbo permitia... a mesa lauta de Caetano Alves que recobrava ESPÍRITOS, consoante se ia conformando com a esperança* (Camilo F. D. N. 185).

279 – FEBRES.

Os doentes de FEBRES e fastio têm por insuave e desgostosa tôdas as cousas que comem (H. Pinto I. V. C. II-278) *quisera antes em minha casa aquêlê médico celestial que curou as FEBRES da sogra de São Pedro* (Arrais D. 31) – *tratai de não ter mais FEBRES que estas do amor de Deus* (Chagas C. E. 242) *outro homem da mesma vila adoeceu de umas FEBRES ardentes* (Souza V. do A. II-308) – *achava-se gravemente enfêrmo de FEBRES contínuas o Irmão Corista Fr. João dos Anjos* (Jaboatão N. O. S. B. II-48) *a sogra de Simão padecia grandes FEBRES* (Pereira B. S. Lucas cap. IV.º v. 38) – *acudia um seu parente que se morria de FEBRES malignas* (Garrett Arc. de S. 194) *acometiam-no de vez em quando as FEBRES* (Lisboa V. P. A. V. 260) *Fernando mentiu ao seu pai: disse que estava enfêrmo de FEBRES* (Camilo A. em P. 60) – *diz-se que fôra sepultado aqui, no princípio do século XII, morto de FEBRES ao passar o Tâmega* (Antero J. em P. 246).

280 – NARIZES.

Dêste odor não julgam os NARIZES (Arrais D. 28) – *muito mais o ilustrou derramando, pela fé de Cristo, às mãos dos ímpios, que lbo fizeram rebentar pela bôca e NARIZES* (Bernardes N. F. II-251) – *eu te porei, pois, uma argola nos teus NARIZES* (Pereira B. S. Isaías cap. XXXVIII v. 29) *dá-lhe embora com as portas nos NARIZES; pela janela te entra* (Filinto O. C. VI-118) – *fungar – fazer sonido ou ronco sorvendo o ar pelos NARIZES* (Dicionário de Moraes) *o leigo fêz uma cortezia profunda aos degraus, beijou-os com os NARIZES* (Rebelo O. V. N. C. 236) *o primeiro murro, apanha-o pelos NARIZES o inofensivo mestre* (Castilho M. U. M. 164) *o vinho jorrava-lhe pelos NARIZES* (Herculano M. de C. I-198).

281 – PRÓXIMO.

Não será possível fazer-vos a vontade e errar no que devo aos PRÓXIMOS (T. de Jesus T. de J. I-331) *nem se deve cuidar, por o solitário estar separado dos PRÓXIMOS, quanto ao corpo, que o está quanto à alma* (H. Pinto I. V. C. II-10) *todos os nove companheiros... votaram de viver em perpétua pobreza, ocupando-se no bem espiritual dos PRÓXIMOS* (Lucena A. P. I-19) – *e conserve-se no desprezo de si mesmo, na caridade dos PRÓXIMOS e presença de Deus* (Chagas C. E. 109) *uns têm para si*

que só é espírito de Cristo muita penitência... outros, muito zelo dos PRÓXIMOS (Bernardes N. F. II-310) — *a fama voadora destes benefícios para com os PRÓXIMOS... já era clarim* (Jaboatão N. O. S. B. II-I48) *nelas faz grandes progressos, com edificação dos PRÓXIMOS* (Sacramento V. H. P. 46).

282 – PARABÉNS e BODAS.

Mais frequentemente usados hoje no plural, admitem também a forma do singular:
PARABÉM

Do novo senhorio lhe dava o PARABÉM (Jacinto V. D. J. C. 82) *semelhantes prodígios de misericórdia são para dar o PARABÉM à Mãe de Deus* (Vieira S. XI-40) — *enviou, com tôda a brevidade, a seu filho... com o PARABÉM a el-rei* (Pita H. A. P. I44) *a dar-lhe o PARABÉM de ter empunhado o cetro... mandou D. Jorge Mascarenhas... a seu filho D. Fernando* (A. Barros V. A. P. A. V. I-I4) *PARABÉM, PARABÉM, senhora Aldonsa* (Garção O. P. II-80) *deu-se o Egito PARABÉM e sem pavor se sentiu* (Caldas S. de D. 406) — *foi Magalhães o que recebeu as frechadas em Matã, e Elcano o que recebeu em Madri o PARABÉM e galardão* (Latino F. de M. 197) — *o Barrote... por fim pronunciou, a meia voz, uma forçada palavra de escasso PARABÉM* (Antero U. O. J. 63) *deve dar-se o PARABÉM aos que por tal modo forem demitidos* (Laet J. do C. ano 65 n.º 100 pg. I.^a col. 2.^a).

BODA

Celebradas as festas da sua BODA... Escolástica... começou a prantear, com afluência de lágrimas, a iminente perda de sua virgindade (Bernardes N. F. II-339) — *o anel da BODA lá está no dedo dela* (Castilho N. do C. 88) — *BODA de infanta e morte de rei* (Antero L. T. 233).

283 – Plural dos substantivos abstratos.

Não é raro, na linguagem clássica, o uso dos nomes abstratos no plural.

Da muita vossa fraqueza vêm... êstes MÉDOS à pobreza (Sá Miranda O. C. II-73) — *AUSÊNCIAS de Maria são para Cristo o maior tormento* (A. de Sá S. N. S. M. 8) *guardou, de um heróico lanço, três FÉS: a Deus, ao imperador e à sua mulher própria* (Bernardes N. F. II-296) — *levantando-se dos SILÊNCIOS da sepultura, mais clamorosa, sua fama* (A. Barros V. A. P. A. V. I-I64) *ainda nas nossas províncias meridionais duravam os SUSTOS e as LEMBRANÇAS da peste* (Filinto O. C. IX-I3) — *deixa-nos o vácuo... das tristes DESCRENÇAS em Deus* (Camilo H. de P. II-18) *a vossa Circe manda-vos... que lhe perdoeis os MÉDOS* (M. Assis P. R. 205) — *metei no regaço estas três FÉS, êstes três AMÔRES* (Rui O. M. 67) *eleva bem alto o crucifixo, ensinando aos homens tôdas as RESIGNAÇÕES no sacrifício* (Laet A. I. ano II.º n.º I.º pg. 7) *querem-se entre justos e bons para se clarearem nas PUREZAS da verdade* (Antero J. em P. 36).

II.º – ADJETIVO

a) Palavras Adjetivadas

284 – Substantivos adjetivados.

Nas frases: *é forçoso, é razoável, é lastimável, é pasmoso que isto aconteça* e outras semelhantes, é frequente o uso do substantivo em vez do adjetivo: É FORÇA, É RAZÃO, É LÁSTIMA, E PASMO que isto aconteça.

Já RAZÃO parece que saibamos (Camões L. c. I.º e. 52) não parece RAZÃO que estejam a todo tempo preparados para todos os negócios (Couto S. P. 21) – não houve quem duvidasse da bondade do leite...nem dêle pedisse exames, como fôra RAZÃO (Sousa A. D. J. I-6) assim como há rios que adocem o mar, não será MARAVILHA que haja um rio que o amanse (Vieira S. XI-I22) para adquirirmos um, é FÔRÇA perdermos outro (Bernardes N. F. II-I20) – sofrer tirana morte, é FÔRÇA enfim que eu vá (Caldas S. de D. 95) PASMO é, não saberem êles fazer cabal diferença nem das obras, nem dos homens (Filinto O. C. IX-340) –... govêrno memorável, cujas grandes virtudes, é LÁSTIMA que fôssem, mais de uma vez, deslustradas pela demasiada severidade (Latino A. e N. I34) e RAZÃO era que se ofendesse (Camilo A. de P. I2) FÔRÇA é que lhe diga tudo (M. Assis M. e L. 69) – PENA foi, porém, que os achaques do último quartel da vida, não lhe dessem licença para verter as notas (Silvério V. D. V. I57) LÁSTIMA é que o cavaleiro Von Genz não houvesse mostrado à posteridade (Rui R. de G. I54).

285 – É BEM = é bom.

Muito usada é a expressão É BEM que seja assim – equivalente a *é bom que seja assim*.

BEM FÔRA que aqui Baco os sustentasse (Camões L. c. I.º e. 39) como muitas destas hei de apontar em conselhos, não BEM É que andem primeiro pelas bocas dos rapazes (Couto S. P. 7) – o homem, BEM É que se estime, para que dos outros seja estimado (F. M. Melo A. D. I71) É BEM que para o tributo se tire da bôca (Vieira S. VIII-I41) – ERA BEM que a morte destruísse quem para imortal fim nunca nascera (Durão C. c. III.º e. I6) a altivez... que BEM É moderá-la, mas nunca sufocá-la, se espinhou com violência (Filinto O. C. X-55) – depois do furor e da demência, BEM ERA que a imbecilidade tivesse também a sua vez (Lisboa O. C. I-92) – BEM É que a memória do pai venha trazer hoje o testemunho incorruptível dos mortos (Rui C. L. I34) não É BEM que me detenha a comentar mais largamente a sua obra (Silva Ramos P. V. F. I32).

286 – Mais é empregado muitas vezes adjetivamente no sentido de *restante, outro, demais*.

... Ficando, com isto, as nossas fustas de todo mancas, porque a MAIS esquippação se lançou tôda ao mar (F. M. Pinto Per. I-18) – se não levou os raios de sua doutrina a MAIS partes do mundo... (Vieira S. VII-I56) só os elevados sôbre a MAIS superfície da terra, podem aquietar-se naquela serenidade (Bernardes N. F. III-42) – a glória que nestes escritos falta a êste insigne varão e aos MAIS missionários... estará

expressa nos livros de Deus (A. Barros V. A. P. A. V. I-105) a glória da cabeça aos MAIS membros se estende (Cruz e Silva Hiss. 38) – a MAIS gente tem as suas épocas na vida (Garrett V. M. T. I-72) as MAIS províncias da Espanha gradualmente foram parecendo... uma terra estrangeira (Herculano B. 53) – podemos ajuizar pelo acabado de suas virtudes em o MAIS tempo da vida (Silvério V. D. V. I4) a terra seria deserta... e os MAIS planétas... vagariam, sombras errantes, pelo espaço (Rui C. L. 305).

287 – LONGES.

LONGE aparece como adjetivo, equivalendo a *longínquo*, *remoto* e recebe flexão numérica.

Menina e moça, me levaram da casa de meu pai para LONGESTERRAS (Bernardim M. e M. 3) foi de tão LONGES TERRAS a ver a grandeza de Salomão (Couto S. P. 191) – ver ir a LONGES TERRAS o seu amante (Filinto O. C. XI-470) – a LONGES COSTAS a borrasca dispersos remetera (O. Mendes E. I. I.º v. 539) andei LONGES TERRAS (G. Dias P. II-121) êle chamou, de LONGES TERRAS, oficiais estranhos (Herculano L. e N. I-244) as fugitivas tribos vão buscando LONGES SERTÕES para chorar seus males (M. Assis A. 40).

b) Grau dos Adjetivos

288 – MAIS PEQUENO ao contrário de *mais grande* não caiu em desuso.

Quanto mais me vou chegando a esta minha esperança, tanto se me faz ela MAIS PEQUENA (Sá Miranda O. C. II-172) êste orbe que primeiro vai cercando os outros MAIS PEQUENOS... (Camões L. c. X.º e. 81) – ora estoutro MAIS PEQUENO... donde veio? (F. M. Melo A. D. 438) as horas MAIS PEQUENAS são as da oração (Bernardes N. F. I-3) – outros rios, MAIS PEQUENOS no princípio, logo se fazem caudalosos (M. Aires R. V. H. I35) de teu composto as MAIS PEQUENAS partes mudaram de figura e de lugares (Filinto P. 244) – não poderiam aliciar... sequer a MAIS PEQUENA aldeia da Judéia (Seixas C. das O. I-14) as MAIS PEQUENAS fazem liga (Castilho C. A. 104) – a esta manifestação não sucedeu... o MAIS PEQUENO protesto (Laet V. de P. I.º II 1914 pg. 1321).

289 – MAIS DE, MAIOR DE = mais do que, maior do que.

Usa-se como partícula de ligação, nos comparativos, não só a conjunção *que*, *do que* mas também, algumas vezes, a simples preposição *DE*. Torna-se tal uso até mais eufônico, nos casos em que à partícula de ligação se segue o *que*, *a que* – *maior DA QUE tivera*, em vez de *maior do que a que tivera*.

Ontem me senti MAIS contente de mim DO necessário (Arrais D. 55) passaram por uma afronta muito MAIS bárbara e cruel DA que usou com os mensageiros de Davi, el-rei de Amon (Lucena A. P. I-181) – nem o soberbo Anteu... mostrou poder MAIOR, fúria MAIS brava DA que Nuno mostrou naquele dia (R. Lobo C. de P. 50v) só havia que cuidar se estava a Ordem em tempo para aceitar MAIS

casas DAS que tinha (Sousa V. do A. I-149) *o muito amor próprio que V. M. tem nesse corpo, lhe faz esgaravatar MAIS DO necessário* (Chagas C. E. 118) – *pôsto que D. João achasse MAIS dificuldades DAS que imaginara no arbitrio...* (Pita H. A. P. 249) – *não necessitam outra nobreza, MAIS DA que lhes provém das próprias obras* (Sotero C. L. P. B. I-126) *não digo MENOS DISTO* (Castilho Sab. 52) *êste poderoso vassalo da coroa... ganhou, na côrte de D. João I.º, notável importância e valia, MAIOR porventura DA que tivera como simples abade de Alcobaça* (Herculano M. de C. I-114) – *ouvira as opiniões albeias tão desarrimado da sua, que não punha dificuldade em deixá-la, se se lhe apresentavam razões MAIS sólidas DAS que militavam por seu lado* (Silvério V. D. V. 317).

290 – Superlativos com tema duplo.

Muitos superlativos absolutos são formados não só com o tema latino, mas também com o vernáculo, como por exemplo:

CRUDELÍSSIMO (B. Brito M. L. I-47) e CRUELÍSSIMO (T. de Jesus T. de J. I-38 – Bernardes N. F. III-175 – Basílio O. P. 109 – Garrett F. F. C. 112; Latino F. de M. 161; Camilo H. G. M. 40).

DULCÍSSIMO (Camilo R. H. R. 65 – Laet H. P. 31) e DOCÍSSIMO (H. Pinto I. V. C. I-27 – Pita H. A. P. 9).

HUMÍLIMO (Botelho M. do P. 108 – Laet H. P. 18; Antero U. O. J. 323), HUMÍLÍSSIMO (T. de Jesus T. de J. I-150 – Herculano M. de C. II-243) e HUMILDÍSSIMO (F. M. Melo C. F. 190 – Filinto O. C. IX-132 – M. Barreto A. D. G. 7).

PAUPÉRRIMO (Silvério V. D. V. 239) e POBRÍSSIMO (T. de Jesus T. de J. I-23 – Bernardes N. F. II-170 – Gaspar M. H. C. S. V. 172 – Castilho F. pela A. 88; Herculano M. de C. I-81; M. Assis H. S. D. 36 – Cândido M. S. 263; M. Barreto N. E. L. P. 283).

SACRATÍSSIMO (Rebelo M. D. J. I-192) e SAGRADÍSSIMO (Seixas C. das O. I-4).

291 – Um dos latinismos introduzidos pela reação erudita é o uso do superlativo absoluto pelo relativo.

Aquela com o cetro de Rômulo acabou de uma vez todos os reis romanos e esta, com o de Rodrigo, cativou por oitocentos anos, o FLORENTÍSSIMO DOS GODOS (Vieira S. XI-51) *Filo, o DISCRETÍSSIMO ENTRE OS HEBREUS* (Bernardes N. F. II-120) – *a última obra de autor célebre que não teve o dom de lhes agradar é sempre (no dizer dos tais), a PÉSSIMA DE SUAS COMPOSIÇÕES* (Filinto O. C. IX-341) – *DOS ENTES O MISÉRRIMO na terra, ao regaço da pátria, em sonho levás* (Garrett Cam. II) *houvera eu mesmo pôsto fim, PELO PÉSSIMO DE TODOS OS CRIMES, a um viver cuja idéia, só por si, era o mais espantoso dos suplícios* (Castilho M. U. M. 280) – *o que seria, na essência e na forma, a TRISTÍSSIMA DAS SENTENÇAS... é a “Resposta” indevidamente formulada em seu nome*

(Rui R. n.º 22 pg. 16) *como não executaria a primor, a dansa do seu sonbo, ao compasso da FORMOSSÍSSIMA DAS LÍNGUAS* (Silva Ramos P. V. F. 129).

292 – Por uma ênfase bem enérgica, notam-se nos clássicos: 1.º alguns superlativos precedidos dos advérbios *tão* e *mais*: TÃO MÍNIMO, TÃO ÍNFIMO, TÃO PÉSSIMO, MAIS MÍNIMO, MAIS ÍNFIMO; 2.º o adjetivo *único* precedido do advérbio *tão*, apesar de pelo sentido não admitir grau; bem como, com a terminação de superlativo, certos adjetivos que também não admitem grau pela sua significação como: *infinito*, INFINITÍSSIMO; *invicto*, INVICTÍSSIMO.

A divina Escritura tem INFINITÍSSIMOS tesouros (T. de Jesus T. de J. I-302) *fazer e efetuar tudo o que quis, foi de potência incomparável e INVICTÍSSIMA* (Arrais D. 40) *chamando todos, a uma vez, por seu INVICTÍSSIMO nome* (Lucena A. P. I-212) – *S. Vicente, padroeiro de Lisboa, mártir INVICTÍSSIMO, nasceu em Osca, cidade de Aragão* (S. Maria A. H. I-138) *dêstes foi Moisés ensinado, e saiu TÃO ÚNICO em todo o gênero de ciências, que aventajava a seus próprios mestres* (B. Brito M. L. I-52) *ua TÃO PÉSSIMA criatura, de que serve?* (F. M. Melo C. F. 158) – *não há parte por MAIS MÍNIMA que seja...* (M. Aires R. V. H. 161) *em cada um dos MAIS MÍNIMOS bem-aventurados...* (Sacramento V. H. P. 186) – *começaram os gritos da rebelião pela MAIS ÍNFIMA canalha* (Garrett P. B. E. 135) *é um documento de perfídia TÃO ÚNICO e singular, que... nenhum dos outros exemplos de perjúrio e má-fé dos gabinetes lhe é comparável* (Garrett P. B. E. 109) *que te não enfadem estas particularidades, grave leitor amigo; aqui as tens ainda MAIS ÍNFIMAS* (M. Assis P. R. 152) – *representa o Brasil papel TÃO ÍNFIMO que quase nos lança fora das nações católicas* (Silvério C. Past. 166) *a difamação... sendo TÃO MÍNIMA criatura como eu, não vale a pena* (Rui R. n.º 73 pg. 37) *nada há MAIS MÍNIMO que o bacilo* (Sá Nunes A. L. N. II-202).

c) Outras Observações sobre o Adjetivo

293 – TANTO, QUANTO.

É de notar o emprego dos adjetivos TANTO, QUANTO equivalendo a *tão grande, quão grande*. Já não posso dar passada, de cansada, TANTA é minha fraqueza (Gil T. 109) – TANTA foi a sua paixão que... o mandou prender (Sousa A. D. J. II-109) QUANTA é a brandura das mãos de um médico que se desejam as feridas só por sentir os seus toques! (Bernardes N. F. II-218) –... TANTA é a fome e sede que da Europa se leva àquele país (A. Barros V. A. P. A. V. 236) QUANTA foi a alegria do Dr. Sanches!... (Filinto O. C. IX-15) –... TANTA era a precipitação vertiginosa dos sucessos (Lisboa O. C. I-99) TANTA é a complexidade da moléstia no caso concreto... que a escolha de um processo diagnóstico, totalmente escoimado de causas de erro, é ponto até agora mais altercado do que resolvido (F. Castro E. C. 98) com tanto melhor razão se bão de aplicar os moralistas ao conhecimento do homem interior e espiritual, QUANTA é a preexcelência da alma sôbre o corpo (Latino O. da C. intr. CCCXLII).

294 – NENHUNS.

Nenhum admite plural.

Os seus cabelos soltos expiraram um odor que, a NENHUNS mortais sentidos, nunca chegou (A. Ferreira P. L. I-184) *os que falam geralmente dos reis, não são obrigados a NENHUMAS leis* (J. Barros Pan. I 60) – *Herculano teve por NENHUMAS suas grandezas, não sendo participante nesta* (B. Brito M. L. I-73) *NENHUNS serviços paga sua Majestade hoje, com mais liberal mão, que os do Brasil* (Vieira S. IX-312) – *não havia meios conducentes que pudessem fugir à sua perspicácia, como também NENHUNS omitia Castela* (A. Barros V. A. P. A. V. I-23) *em um lugar, tantos motivos de vaidade, e NENHUNS, em outro* (M. Aires R. V. H. 92) – *se anda nisto mistério... espero que não serão NENHUNS feitiços* (Rebello C. e L. 195) *não somos NENHUNS Esáus da liberdade que vendêssemos o nosso morgado* (Castilho F. pela A. 84) *a vida para mim não promete contentamentos NENHUNS* (Camilo A. de S. 206) – *nós, porém, não somos NENHUNS fanáticos pelo projeto 15 de junho* (Rui D. e C. 157) *quanto a sacrifícios, não fará NENHUNS a seus pais* (Cândido M. S. 81).

295 – O PRÓPRIO = o mesmo (adjetivo e pronome).

Nesta PRÓPRIA hora aconteceu outro caso de mais lástima (F. Morais P. de I. 93) – *bastava mandar el-rei dizer, a qualquer vassalo seu, que tinha pouco gosto de sua vida, para êle se matar à PRÓPRIA hora* (B. Brito M. L. I-48) *nunca ouvistes de um, que se vingava dos cães que lhe ladravam, levantando-lhes que eram danados? pois o PRÓPRIO sucede entre os homens* (F. M. Melo A. D. 8) *é o PRÓPRIO que a M. de Sonnetterre dei na véspera do meu noivado* (Filinto O. C. X-120) *a surucucu... faz o PRÓPRIO ao gado menor* (Pita H. A. P. 20) – *era Carlos Maria, o PRÓPRIO do almôço do nosso Rubião* (M. Assis Q. B. I 15) *as leis histológicas... são as PRÓPRIAS sob cujo império... se produzem os neoplasmas* (Latino O. da C. intr. CCCXXXV) *saí de Santarém na PRÓPRIA hora em que vós... estáveis à porta de Atamarma* (Garrett Alf. de S. 147).

296 – NÃO POUCO serve para variar o emprego de muito.

Há NÃO POUCAS mulheres proluxíssimas (F. M. Melo C. G. C. 177) –... *gostaríamos muitas páginas e NÃO POUCOS algarismos* (Pita H. A. P. 39) – *NÃO POUCOS dos escritores latinos mais notáveis dessa época aí tiveram nascimento* (Sotero C. L. P. B. I-16) *NÃO POUCAS dúvidas recrescem acêrca deste arco* (Castilho Q. H. P. 165) – *por êste sentir estão NÃO POUCAS autoridades estrangeiras* (Rui F. B. 45).

297 – LHE pelo possessivo.

O adjetivo possessivo é, muitas vezes, elegantemente substituído pelo pronome oblíquo: *dói-ME a cabeça* em vez de *dói a minha cabeça*. Esta construção é, quando possível, mais usada pelos clássicos do que o próprio possessivo. Diz Rui Barbosa a este respeito na sua Réplica: “A repetição de – meu, teu, seu, seus, nosso, nossos, vosso, vossos – toda a

vez que importa exprimir a relação de pertença ou dependência, desvigor, peia e arrasta a prosa vernácula, amarrando-a a trambolhos, a mais das vezes, inúteis. Um prosador hábil no meneio do nosso idioma não diria, por exemplo, como o projeto: *É direito do progenitor sobre a pessoa dos filhos menores dirigir sua educação. A boa forma portuguesa, clara, incisiva e tersa é – dirigir-lhes a educação*” (Réplica n.º 262).

A palma que LHE nasce junto à COVA (Camões L. c. VIII.º e. 18) *primeiramente entende quanto deve a este Senhor e quanto êle LHE tem merecido o AMOR* (T. de Jesus T. de J. I-5) – *atrevo-me a LHE adivinhar os PENSAMENTOS* (F. M. Melo A. D. 138) *só o CORAÇÃO LHE estava rebentando dentro do peito, de dor e contrição de seus pecados* (Vieira S. XI-66) – *noite e dia nunca as LÁGRIMAS se LHE enxugavam* (Filinto O. C. IX-62) – *em mim descansava, que FILHO LHE sou* (G. Dias P. II-123) *o CORAÇÃO ME EXULTA alegre, alvoroçado* (Castilho F. 42) *OS OLHOS fiscavam-LHE* (Herculano M. de C. I-105) *mostravam bem claro que o CORAÇÃO se LHES ia após os viajantes* (Silvério V. D. V. 251) *os PASSOS não LHE vacilaram; não LHE tremeu a voz; a CABEÇA esteve-LHE sempre ereta* (Rui C. de I. 137) *sinto que a VIDA se ME renova, se ME corre plácida e serena* (E. C. Ribeiro P. L. E. 153).

III.º – PRONOME

298 – QUE = O QUE.

Quando o pronome relativo QUE se refere, não a uma palavra anterior, mas a uma frase inteira, equivalendo assim ao demonstrativo *isto*, é costume hoje vir expresso pela forma O QUE: *êle me recebeu mal, O QUE muito me contrariou*. Mas os antigos empregavam, não raro, neste caso O QUE desacompanhado do artigo e disto também há exemplos nos escritores modernos.

Êste, pelo seu povo injuriado, a si se entrega só, firme e constante; estoutro a si, e os filhos naturais e a consorte sem culpa, QUE dói mais (Camões L. c. VIII.º e. 15)... *não porque nela haja matéria para exercitar os atos de tôdas, QUE não pode ser* (T. de Jesus T. de J. I-6) – *a sua obrigação não era sòmente castigar culpas e repreender vícios, QUE é officio de visitador* (Sousa V. do A. I-95) *desconfia em ti e confia em Deus, QUE é o mesmo que não fundar em areia movediça, mas em penha nova* (Bernardes P. E. 240) – *conseguindo prodigiosos triunfos ao céu, QUE foi o fim principal para o qual... fizeram tantas conquistas os seus augustos progenitores* (Pita H. A. P. 201) – *então sempre julga covardia matar-se ou expor-se voluntariamente à morte, QUE é o mesmo?* (Rebelo M. D. J. II-122) *os que mais se distinguiram serão galardoados com livros úteis, QUE é fazer dois proveitos em lugar dum* (Castilho F. pela A. 180) – *conseguiu também faculdade para permitir, se conservasse o Santíssimo Sacramento, ainda em igrejas não paroquiais, QUE foi benefício muito considerável* (Silvério V. D. V. 282).

299 – QUAL... QUAL...

Os pronomes correlativos *este... aquele, um... outro* podem ser substituídos pela forma: QUAL... QUAL.

QUAL *do cavalo voa, que não desce*; QUAL *coo cavalo em terra dando, geme*; QUAL, *vermelhas, as armas faz, de brancas*; QUAL *coos penachos de elmo, açouta as ancas* (Camões L. c. VI.º e. 64) – QUAL *movido de amor*; QUAL, *da cobiça, confundem os respeitos e a justiça* (R. Lobo C. de P. 61) QUAL *julgava que eram aguagens...* QUAL *acudia ao leme*, QUAL, *à bomba*, QUAL, *à sonda*; QUAL, *dando-se por perdido, buscava barril ou tábua para a salvação* (Sousa A. D. J. I-I64) *dos nossos soldados uns as roubavam, outros as defendiam*; QUAIS *seguiam os afetos do tempo*, QUAIS, *os da natureza* (Jacinto V. D. J. C. 48) – QUAL *se desfazia em prantos*; QUAL *com os ais embaraçava a despedida*; QUAL, *mostrando as chagas àquela mão que as costumava curar, queria, com esta lembrança, atrair a compaixão* (Cláudio O. prefácio XIII) QUAL *solta a branca vela e afronta, sôbre o pinbo, os mares grossos*; QUAL *cinge, com a malha, o peito duro* (Gonzaga M. de D. 15) – QUAL *diz que todo o seu empenho é manter a ordem...* QUAL *se erige em campeão exclusivo de uma cousa vaga e indeterminada, a que se chama a dignidade da província*; QUAL *enfim declara que na província não houve, em tempo algum, partidos políticos* (Lisboa O. C. I-230) QUAL *resvala*, QUAL *todo se enterra no inimigo* (G. Dias P. II-107) *imagine uma cachoeira de idéias e imagens* QUAL *mais original*, QUAL *mais bela* (M. Assis P. A. 180) QUAL *das servas, água lbes verte às mãos*, QUAL *mesa limpa desdobra* (O. Mendes Od. I. XVII v. 66).

Usa-se também a alternativa: TAL... TAL...

TAIS *sumindo as esmolas*; TAIS *cerceando os rendimentos*; TAIS *emprestando com as tesourarias*; TAIS *recebendo em si as mandas dos outros* (F. M. Melo A. D. 237) – TAL *afeta alegria e esconde a amargura no fundo do coração*; TAL *parece rico e deve mais do que possui*; TAL *parece poderoso, e o seu poder, ruindo desde os fundamentos, vai amanhã aluir-se* (Camilo R. do P. 36).

300 – FAZEM-O, PROVAM-O.

Quando, aos tempos dos verbos que terminam em nasal se acrescentam encliticamente os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, é costume antepor-se a estes pronomes um N eufônico: *fazem-no, provam-no*. Não é, porém, obrigatória, a interposição deste N.

E do banho que diz o texto, FAZEM-O? (Orta C. S. D. I. I-36) *e EXECUTAM-O cada dia assim* (Lucena A. P. II-180) – *é quase um vício ser poeta*; CONFUNDEM-O *com o homem sem caráter* (Tolentino Sat. I62) *deixando tudo*, FORAM-O *seguindo* (Pereira B. S. Lucas cap. V.º v. II) EMPENHARAM-A *que lbes contasse os infortúnios que tinha padecido* (Filinto O. C. X-181) – *governos tais não quebram... os laços sociais, mas APODRECEM-OS* (Garrett P. B. E. 55) *os homens SAUDAVAM-O* (Rebelo C. e L. 18) PROVAM-O *os reinados de Luiz XIV, do marquês de Pombal, de Pedro o Grande e de Napoleão* (Herculano C. V. 36) *sintomas aterradores AMEAÇAVAM-O de graves padecimentos* (T. Vasconcelos P. A. D. 19) *os circunstantes confirmaram a suspeita do morgado*

e LASTIMARAM-A também (Camilo R. H. R. 208) *êles não concederam o poder aos bispos, mas PROCLAMARAM-O e INSERIRAM-O nas leis regulamentares do seu pacto social* (Seixas C. das O. III-28) – *três estouros aplicados em nome da ordem pública DEIXAM-O atordoado* (Laet J. do C. ano 58 n.º 109 pg. I.^a col. 5.^a).

301 – BEM NO SEI, NÃO NAS VEMOS, NINGUÉM NO ATINGE.

O uso do N eufônico antes dos pronomes oblíquos não é só após dos verbos, mas também após certos termos que terminam em som nasal como QUEM, BEM, NINGUÉM, NÃO, etc.

NÃO NO *pude sofrer mais* (Sá Miranda O. C. II-159) *o que arde no íntimo do coração, NÃO NO apagam remédios que vêm de fora* (Arrais D. 2) – *na vida, a mais certa constância É NÃO NA guardar o tempo em cousa alguma* (B. Brito M. L. I-8) *os vossos serviços.. NÃO NOS posso pagar* (R. Lobo C. de P. 170) – *depois de terem reconhecido a Deus, NÃO NO glorificaram* (Pereira B. S. Rom. I-21) – *o que eu perco, BEM NO sei* (Garrett F. F. C. I26) *o que é mister saber, NINGUÉM NO atinge* (Castilho F. 84) – *quem não sabe quão fácil é à composição tipográfica o engolir um acento e, à revisão mais cuidadosa, NÃO NO perceber?* (Rui R. n.º 185 pg. 86) *razão NÃO NA terá nenhum* (Silva Ramos P. V. F. I69) *podemo-las adivinhar, porém NÃO NAS vemos* (M. Barreto N. E. L. P. 98).

302 – CUJO interrogativo e predicativo.

A locução *de quem* nas frases interrogativas, diretas ou indiretas e também, nas declarativas, quando serve de adjunto predicativo do verbo SER *de quem será? não sei certo de quem é* pode ser substituída pelo pronome CUJO: *CUJA será? não sei certo CUJA é* (Camões).

Tresmalbamo-vos os frutos que não sabeis CUJOS são (Sá Miranda O. C. II-35) *as descrições do sítio e clima... deixarei aos mesmos cosmógrafos, CUJO o tal ofício é* (D. Góis C. D. E. I35) *CUJA será? não sei certo CUJA é* (Camões T. 223) *parvo, esta noite morrerás e o que ajuntaste, CUJO será?* (T. de Jesus T. de J. I-242) – *não me direis CUJO é aquele escandaloso tabernáculo* (F. M. Melo A. D. I90) *pediu que lhe mostrassem, perguntou CUJO era* (Bernardes N. F. I-393) *e assim se concluiu... a satisfação de todos e mui particular contentamento do Arcebispo, CUJO havia sido todo o peso do trabalho* (Sousa V. do A. I-341) *perguntou-lhe Atílio CUJAS filhas eram e que lei professavam* (S. Maria A. H. I-112)... *como se o mandaram negociar só para si e não para toda a companhia, CUJO era o cabedal* (Arte 20) – *no calendário estão os dias santos, CUJOS são os nomes postos por Martin Afonso* (Gaspar M. H. C. S. V. II6) *assim atarão os judeus, em Jerusalém, o varão CUJA é esta cinta* (Pereira B. S. Atos cap. XXI v. II) – *a vossa causa é a do vosso príncipe, CUJO sois* (Garrett Alf. de S. 45) *CUJO filho é êsse?* (Garrett Arc. de S. 61) *antes de o tragar o inferno, CUJO é, o árabe sensual passava pelo paraíso que nos tinha roubado* (Rebello C. e L. I6) *hei fé em Deus, CUJAS são as vitórias* (Castilho Q. H. P. II-158) *e CUJO é êsse nome?* (Herculano B. I83) *semblantes radiosos*

que, de si mesmos, estavam dizendo CUJOS eram (Camilo R. H. R. 118) – *recorreu à caridade do povo, CUJO era todo o proveito da empresa* (Silvério V. D. V. 261) *toque a responsabilidade a CUJA é* (Rui R. pg. 214) *na Revista da Língua Portuguesa... onde se estampou o discurso, CUJO é o trecho que ora se analisa* (Sá Nunes L. V. 82).

303 – “O Que” Interrogativo – já houve quem o condenasse, afirmando que se deveria dizer *que queres? que é o homem?* e nunca O QUE *queres? O QUE é o homem?* Esta segunda forma, porém, está hoje plenamente autorizada pelo bom número de escritores modelares que a têm empregado.

Respondeu, desde a sua cadeira, o mestre da paciência: Pedro, O QUE fiz eu para me porem na cruz? (Bernardes N. F. II-200) – *saudavam-no admirados perguntando-lhe todos: O QUE é isto, Padre Fr. Pedro?* (Jaboatão N. O. S. B. II-35) – *O QUE se segue?* (Garção O. P. II-188) *O QUE é, meu Deus, o homem?* (Caldas S. de D. 23) – *no fim de tudo isto, O QUE lucrou a espécie humana?* (Garrett V. M. T. I-18) *O QUE te fêz meu filho, O QUE, os troianos?* (O. Mendes E. I. I.º v. 245) *reis da terra, O QUE sois?* (G. Dias P. II-73) *por que chora a bela Auzenda? O QUE lhe diz o coração?* (Rebello C. e L. 25) *O QUE ê?* (Castilho C. A. 206) *e O QUE fiz eu?* (Seixas C. das O. III-117) *O QUE parece ao vilão?* (Herculano M. de C. I-236) *O QUE é a poesia?* (Latino E. C. 14) *O QUE eu vejo?* (Camilo Q. de A. 59) *se todos os gostos fôssem iguais, O QUE seria do amarelo?* (M. Assis P. A. 35) – *O QUE seria a vida de então?* (Antero J. em P. 189) *quanto ao segundo... O QUE concluir do assassinio Espíndola?* (Laet J. do C. ano 58 n.º 12 pg. I.ª col. I.ª).

304 – A QUAL pode substituir o indefinido *cada qual: homens, A QUAL mais ladino.*

Vão-se logo as três deusas pelas mãos, A QUAL mais alva e loura (A. Ferreira P. L. I-183)... *ser de um juiz levado a outro, e a outro, e todos, A QUAL pior e mais perverso* (T. de Jesus T. de J. II-38) – *mais perto um cardeal, uma viúva, uma donzela... se apegam ao cordão, A QUAL primeiro* (Filinto P. 192) –... *complicado de regras, A QUAL mais desvairada* (Garrett V. M. T. I-178) *as leis ainda multiplicavam as dificuldades, exigindo dêles uma infinidade de condições, A QUAL delas mais rigorosa* (Lisboa O. C. I-27) *mil outras hipóteses, A QUAL mais verossímil, desfariam esta bôlba de dificuldades do crítico* (Castilho Q. H. P. II-175) *êle despertava, na própria fantasia, um tropel de vinganças imaginárias, A QUAL delas mais absurda e inexequível* (Herculano B. 194) *eu conheço duas dúzias de infames, A QUAL mais contente e feliz* (Camilo F. D. N. 134).

305 – QUAL A QUAL = cada qual.

Vinha-a êle aturdindo com erudições e finezas, QUAIS A QUAIS mais cirúrgicas (Castilho M. U. M. 238)... *para rebater e anular a agressão dos rancores coligados, QUAL A QUAL mais perverso e mais impotente* (F. Castro P. P. 55) – *vários oradores, QUAL A QUAL com mais eloquência, se indignaram* (Rui C. L. 275) *de três casos, QUAL A QUAL mais interessante, discorre, na sua bem feita correspon-*

dência, o Sr. Manuel Ferreira (Sá Nunes A. L. N. II-48).

Pode-se empregar também, equivalente a *cada qual* a forma QUAL DELES ou QUAL DELAS:

Cada fidalgo pompeava à comita na comitiva dos pajens, QUAL DÊLES mais lustroso (Camilo D. C. F. I55)... *formoso cortejo de mouras, QUAL DELAS mais guapa* (Camilo D. C. F. I53).

306 – QUALQUER é usado como pronome, no sentido de *qualquer pessoa, cada um, cada qual, alguém*.

QUALQUER então consigo cuida e nota na gente e na maneira desusada (Camões L. c. I.º e. 57) – o primeiro... a si próprio se entrega... à fortuna, à ocasião, ao juízo de QUALQUER (Latino O. da C. 64) eu costume olbar sempre, como uma impiedade, destruir a fé de QUALQUER, ainda do mais simples ou do mais ignorante (Camilo R. do P. 178) a situação moral do desgraçado Asinipes, QUALQUER a pode avaliar (Herculano M. de C. I-240) QUALQUER os fará mais belos (Garrett F. F. C. 246) não te parece que esses dias todos somados dão de sobra para QUALQUER se pôr corrente no ler, escrever e contar? (Castilho C. A. 70) – a todos nesta Câmara tocaria ela: em QUALQUER seria simplesmente o exercício de um direito constitucional (Rui C. L. 44) QUALQUER acreditaria que a literatura portuguesa havia já chegado a esta última fase (Silva Ramos P. V. F. 99).

307 – O QUER QUE.

Em vez de o *que quer que seja* pode-se usar a forma mais breve o QUER QUE SEJA.

Parece que havia QUER QUE SEJA de semelhante, pelo menos em alguns lugares da Grécia (O. Mendes Od. pg. 204) o QUER QUE é que o perturba, coisa não é natural (G. Dias P. II-244) notava-se, na fisionomia, o QUER QUE FÔSSE de carregado e inquieto (Rebello O. V. N. C. 60) parecia mirar o QUER QUE era, na extremidade menos iluminada do dormitório (Herculano M. de C. II-286) sinto aqui... o QUER QUE é que me desassossega (Camilo T. I. 195) – segredou, ao ouvido de Regina, o QUER QUE fôsse (Antero Cômicos 4.ª ed. pg. 147).

308 – HOMEM.

HOMEM (sem artigo) é empregado com o valor de pronome indefinido, equivalendo ao *on* francês. Tal emprego, comuníssimo entre os quinhentistas, tem sido mui louvavelmente renovado por escritores modernos.

Por mais que HOMEM se mata, de birra não quer falar (Gil T. 195) às vezes a paixão cega o juízo para que haja HOMEM, por bem, o mal (Bernardim M. e M. 87) não há, logo, de ser tudo como HOMEM quer (Sá Miranda O. C. II-139) mas o alto Deus... ou, para que se emende, às vezes tarda ou por segredos que HOMEM não conhece (Camões L. I. III.º e. 69) daqueles autores se há HOMEM de guardar (H. Pinto I. V. C. II-140) para ouvir palavras tão divinas devera-se HOMEM preparar como Protógenes (Arrais D. 39) prudência é saber HOMEM as cousas que se devem saber (J. Barros Pan.

88) – *do que* HOMEM não presume, poucas vêzes se desvia (R. Lobo P. 132) – *nunca* HOM'acerta *coo que deve pedir* (Filinto O. C. VI-224) – *o que* HOMEM herda, só o pode chamar seu, quando o utiliza (Castilho F. 57) *o que* êle pensa do céu e da terra e o mais que nunca HOMEM se lembrou de pensar (Camilo F. D. N. 15) – *elegeis então a mais eminente das profissões, a que* HOMEM se pode entregar neste mundo (Rui O. M. 70).

309 – PRIMEIRO QUE NENHUM = primeiro que todos.

Equivalência interessante entre os pronomes NENHUM e *todos* se nota nas frases: PRIMEIRO QUE NENHUM = *primeiro que todos*; ANTES QUE NENHUM = *antes que todos*; MAIS QUE NENHUM = *mais que todos*.

Fêz cavaleiro, por sua mão, a Palmeirim de Inglaterra, PRIMEIRO QUE NENHUM (F. Moraes P. de I. 28) PRIMEIRO QUE NENHUMA, *viera ter ao mar da Índia* (D. Góis C. D. E. 43) *vós, tenro e novo ramo florescente de uma árvore de Cristo*, MAIS amada QUE NENHUMA nascida no Ocidente (Camões L. c. I.º e. 7) – *a maior parte dêles pelo menos acudirá ao chamamento; e* PRIMEIRO QUE NENHUM, *o Diário do Govêrno* (Castilho F. pela A. 32) *agora segue-se o que devera ter sido* ANTES DE NENHUMA *destas coisas* (Castilho C. A. 87) *não sabe que a minha Alda foi criada... com* MAIS virtudes QUE NENHUMA *delas* (Garrett Alf. de S. 18) *um dia foi êle colocado* ANTES DE NENHUM (M. Assis P. R. 177).

IV.º – VERBO

a) Ter, Haver, Ser, Estar

310 – HAVER = Ter.

Sendo o verbo *ter* de tão largo uso, convém substituí-lo muitas vezes, em benefício da variedade, pelo verbo HAVER.

SEJA COMO AUXILIAR DO PREDICADO:

Tudo HEI ANDADO e cursado (F. M. Melo A. D. 99) *muitas ocasiões* HÁ TIDO *o Brasil de se restaurar* (Vieira S. IX-306) – *vós sabeis quanto* HAVEMOS PELEJADO, *eu e meus irmãos* (Pereira B. S. I.º Macabeus cap. XIII v. 3) *livres estais do mais violento homem que* HEI jamais VISTO (Filinto O. C. IX-99) – *já demais* HEI SOPEADO *meu desejo* (G. Dias P. I-235) *é sinal de que não* HAVEREI ENTRADO *no obituário do mesmo verão* (M. Assis Sem. II0) *só quero falar do* QUE HEI DESEJADO *em vossa mesma terra* (Castilho F. pela A. 234) *a Inglaterra* HÁ VISTO *nascer, no seu grêmio, grandes poetas* (Herculano L. e N. II-309) – *os dous Seminários... HÃO CHEGADO a tal ponto de perfeição...* (Silvério V. D. V. 142) *mais uma vez... HEI RECONHECIDO a argúcia dêsses esquadrinhadores de textos* (Laet H. P. 38).

SEJA COMO O PRÓPRIO PREDICADO DA ORAÇÃO:

Em tempo antigo, longe, em terra estranha, um rei e ua rainha HOUVERAM filhas (Sá Miranda O. C. I-256) *os brâmanes... HÃO mêdo de perder a autoridade* (Camões L. c. X.º e. II2) *HOUVESTES dó de começarmos a vida com tanto trabalho* (T. de Jesus T. de J. I-48) *HAVENDO Deus misericórdia do homem que criara, mandou seu Filho Unigênito* (H. Pinto I. V. C. I-60) – *buscou uma faca para se matar, e não a podendo HAVER às mãos, tentou degolar-se* (Bernardes N. F. III-74) – *nem HAJAS por mais suspeito, na vida, tempo algum, que o tempo da completa ventura* (Filinto O. C. XI-542) – *com a fé e a esperança por minha parte, HAVERÃO caridade comigo* (Garrett Alf. de S. 22) *nem justo é que se diga que eu possa HAVER jamais contentamento entre gente inimiga* (G. Dias P. I-289) *senhor, bispo HAVEMOS, não cabe aí outra eleição* (Herculano L. e N. II-63) *aquele... FOI HAVIDO por homem arrogante e de perigosas invenções* (Latino F. de M. 208) *a idéia de eleger o morgado foi recebida entusiasticamente por quantos HOUVERAM notícias da sua parlenda* (Camilo Q. de A. 21) *para as ambições, se êle as HOUVESSE, a esperança era nenhuma* (M. Assis N. R. 154) – *não HAJAIS mêdo a que a sorte vos ludibrie* (Rui O. M. 67) *então perante o Senhor, nenhum valimento HAVERIAM as preces desses heróis da santidade* (Laet H. P. 36).

311 – SER = Ter como Auxiliar.

Ter, como auxiliar, pode ser substituído pelo verbo SER, tratando-se de certos verbos como CHEGAR, FALECER, NASCER, etc.

Eram gentes roubadoras essas, que de novo são CHEGADAS (Camões L. c. I.º e. 78) *ERA esta Senhora CHEGADA à cidade de Belém aquele dia, com seu espôso José* (T. de Jesus T. de J. I-62) – *ERA também CHEGADO da sua jornada do estreito, Antônio de Miranda* (Sousa A. D. J. I-245) *SOIS CHEGADO ao Tácito francês* (F. M. Melo A. D. 417) – *quando chegaram, ERA FALECIDO no sertão o chamado descobridor das minas* (Pita H. A. P. 198) *lá lbes chegou a fama de SEREM CHEGADOS os padres do Maranhão* (A. Barros V. A. P. A. V. I-107) – *senhor, um peão que afirma SER CHEGADO, há pouco, da Terra Santa, pretende falar-vos* (Herculano B. 94) *havia cada um dêles que não ERA NASCIDO só para seu pai e sua mãe* (Latino O. da C. 69) – *trouxeram a notícia de SER FALECIDO de repente o primeiro vigário geral* (Silvério V. D. V. 179).

312 – HAVER AÍ.

O verbo HAVER apresenta-se também com a forma HAVER AÍ como no francês *y avoir*. Tal construção, longe de ser uma francesia, remonta aos primeiros tempos da língua.

Não HAJA AÍ mais tal parvoíce (Sá Miranda O. C. II-151) *que geração tão dura HÁ AÍ de gente, que bárbaro costume e usança feia...?* (Camões L. c. II.º e. 81) *que cousa HÁ AÍ mais mudável e inconstante que a sombra?* (H. Pinto I. V. C. I-18) – *vilão sou, não HÁ AÍ negá-lo* (F. M. Melo A. D. 2) *AÍ não pode HAVER maior confiança do que a de um cabo* (Arte 269) – *o amor, não HAVIA AÍ pretendê-lo* (Filinto O. C. X-225) – *então o algoz... declarou que já tinha feito o seu dever e certamente*

não HAVIA AÍ obrigá-lo a moer outra dose de cegude (Lisboa O. C. I-35) *mas que MAL HÁ AÍ na terra que não venha para bem?* (G. Dias P. II-237) *amai-vos: onde HÁ AÍ doçura de mel que chegue à do amor?* (Castilho C. A. 48) *que consolação HÁ AÍ semelhante à da alma crivada de remorsos, quando se encosta a outra cujos pensamentos moram aos pés do trono do Senhor?* (Herculano M. de C. I-57) *HOUVE AÍ quem dissesse que tudo era divino na natureza* (Camilo H. de P. I-43) – *quem HAVERÁ AÍ que possua uma noção exata do tempo?* (Silva Ramos P. V. F. 21) *HÁ AÍ comparação entre êsse e o nosso quinhão de prejuízos?* (Rui P. F. R. 93).

313 – NÃO HÁ com infinito. Emprego elegante do verbo HAVER se nota em frases como estas: NÃO HÁ RESISTIR equivalente a *não é possível a resistência*; NÃO HÁ FUGIR, isto é, *não é possível a fuga*.

E em tôda a distância dêste caminho... era tanta a gente de cavalo, que NÃO HAVIA PODER ROMPER por parte nenhuma (F. M. Pinto Per. II-18) – *por mais leis que se façam contra esta gente... NÃO HÁ EXECUTÁ-LAS* (Severim N. de P. I-55) *vós outros afirmais que NÃO HÁ ENTRAR no Céu sem batismo* (Bernardes N. F. I-72) *NÃO HÁ FURTAR sem malícia* (Arte I39) – *por mais que se lhe pregue, NÃO HÁ TIRAR-LHE da cabeça tais desvarios* (Sacramento V. H. P. III) *NÃO HÁ FIAR-SE em ninguém* (Filinto O. C. XI-468) – *o tratante ameaçou, NÃO HÁ DORMIR* (Castilho Tart. I65) *desde êsse dia NÃO HOUVE SABER mais nem da mãe, nem da filha* (Herculano L. e N. II-14) *NÃO HAVIA ESPERAR que a fôsse colbêr em sítios agrestes e nus* (M. Assis M. e L. I45) – *NÃO HÁ FUGIR do argumento* (Laet H. P. I52) *NÃO HAVIA RESISTIR à palavra de Antônio* (Silvério V. D. V. 45) *é que ambas... são perfeitamente autorizadas, e NÃO HÁ CONDENAR qualquer delas* (Laudelino N. e P. V-31).

314 – PARA QUE É?

Enquanto é hoje costume suprimir o verbo SER nas frases interrogativas que se iniciam com PARA QUE: PARA QUE *dizer-te mais?* os antigos gostavam de trazê-lo expresso: PARA QUE É *dizer-te mais?* e os clássicos modernos não desprezam esta praxe dos antigos.

PARA QUE É *envelhecer, esperando pelo vento?* (Gil T. I5) PARA QUE SÃO *mais palavras?* (Sá Miranda O. C. II-199) PARA QUE É, *logo, ocupar o desejo em cousas que o não podem satisfazer?* (H. Pinto I. V. C. I-69) – PARA QUE É *mais?* (F. M. Melo A. D. 99) PARA QUE É *dizer-lhe?* (Chagas C. E. 59) PARA QUE SÃO *mais contas?* (Bernardes N. F. II-287) – PARA QUE FOI *êste desperdício?* (Pereira B. S. Mat. cap. XXVI v. 8) PARA QUE É *êste modo de vida desprezível?* (Sacramento V. H. P. II6) – PARA QUE É, *logo, exigir a prova dos milagres à vista de um fato tão prodigioso...?* (Seixas C. das O. I-17) PARA QUE É *essa eterna peleja do bem e do mal?* (Camilo H. de P. I-II4) – *mas PARA QUE É perder tempo em uma controvérsia já solenemente dirimida...?* (Rui R. n.º 36 pg. 23).

315 – SER = Estar.

O verbo *estar* pode ser frequentemente substituído pelo verbo SER.

Quero, se me deixais, ir só por terra, porque eu SEREI convosco em Inglaterra (Camões L. c. VI.º e. 54) *nesta vida ninguém... pode SER certo que lbe tem Deus perdoado* (T. de Jesus T. de J. I-189) *ainda que FÔSSE agora em minhas mãos, tornar aos anos de minha mocidade, não o faria* (H. Pinto I. V. C. I-219) – *graças a Deus que SOMOS em era em que os homens calam como pedras, e as pedras falam como gente* (F. M. Melo A. D. I38) *respondeu que ERA contente* (Bernardes N. F. II-44) – *não É em meu ânimo ditar leis* (Filinto O. C. IX-457) – *Joaninha não ERA ali, a velha estava só* (Garrett V. M. T. I-134) *nunca vos menti, senhor, nem quando ÉREIS na puerícia, nem depois que sois meu rei* (Herculano L. e N. I-177) *como, pois, não SERÁ êle conosco no dia da aflição?* (G. Dias P. I-262) *aqui SOMOS agora para a requêsta em nosso próprio domicílio* (Latino A. e N. 124) *chegou... a boa nova de SEREM já no Brasil os missionários e Irmãs de Caridade* (Silvério V. D. V. I38).

b) Uso dos Tempos**316** – Não desprezam, os clássicos, o uso da 2.^a FORMA DO CONDICIONAL, E DO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO: AMARA em vez de *amaria* e *amasse*.

Mas Afonso... FÔRA por certo invicto cavaleiro, se não QUISERA ir ver a terra Ibéria (Camões L. c. IV.º e. 54) *o avarento... sem dúvida FÔRA taful, desonesto e destemperado se, sem gasto, o PUDERA ser* (T. de Jesus T. de J. I-175) – *o Samorim tentou uma obra que FÔRA a mais danosa de quantas tinha feito, se Deus a não REMEDIARA com sua providência* (Sousa A. D. J. I-243) *pôsto que não derramou sangue, tão mártir foi como se o DERRAMARA* (Vieira S. VII-32) *se eu o OFERECERA na igreja de S. Pedro... não HOUVERA êle perdido a vida; e eu, a alegria da minha casa* (Bernardes N. F. II-112) – *se ao meu contrário, entre as chamas VIRA, eu mesmo, sim, da morte aos ombros o REMIRA, inda por êle muito mais OBRARA; e se nada servisse, FIZERA então o que fêz êste: GEMERA e SUSPIRARA* (Gonzaga M. de D. I06) *inda que eu, formosa senhora, lbe QUISERA perdoar, de nada lbe VALERA o meu perdão* (Filinto O. C. IX-118) – *... onde o ferro traiçoeiro DEVERA d'entrar primeiro* (G. Dias P. I-240) *se louvores fraternos não FORAM proibidos pelos melindres da decência...* (Castilho F. 9) *que FÔRA a vida, se nela não HOUVERA lágrimas?* (Herculano E. P. 33) – *se FÔRA sua, é provável que não a ESBANJARA* (Silvério V. D. V. 30).

317 – Imperfeito = condicional.

O imperfeito do indicativo é largamente usado em lugar do condicional.

ESTAVA isso muito bem, se nesse tempo não saísse despachado o criado do mordomo-mor (Couto S. P. 23) – *bem ACABAVA aqui o sermão, se me não faltara a última cláusula* (Vieira S. VII-53) *se eu vos não guardara e defendera, nem leite, nem lã, nem cordeiro HAVÍEIS vós de ter* (Bernardes N. F. II-222) – *se êste documento fôsse universal... ESTAVA achado o meio de abreviar uma das ciências que*

nos é mais importante (M. Aires R. V. H. 100) *e nem que pinto fôra, assim* PIAVA (Garção O. P. I-37) *se não vivera uma esperança no peito seu, já morto* ESTAVA o bom Dirceu (Gonzaga M. de D. 132) – *mas se êle vivesse... não* EXISTIAS tu agora (Garrett F. L. S. 60) *se Rossini ali chegasse de súbito, ou não a* CONHECIA, ou ESGANAVA-SE (Herculano L. e N. II-229) *se me dissesses que a tua inocência baqueara à voragem das paixões,* REPELIA-TE (Camilo A. de S. II 6) – *se a política se abrisse à nação... essa candidatura* ESTAVA perdida (Rui R. de G. 20) *se pudéssemos fixar o número de exceções...* FICAVA liquidado o pleito (Cândido P. de L. I-91) *se Molière o visse,* MANDAVA-O à posteridade (Silva Ramos P. V. F. 49).

318 – Infinito = imperativo.

O infinito é muitas vezes usado pelo imperativo.

E quanto ao doutor, DEIXÁ-LO revolver seus Bártolos (Sá Miranda O. C. II-I66) – *ARRENEGAR destas lágrimas dos monarcas, se vêdes que um Alexandre, quando chora, chora não haver mais que um mundo para usurpar* (F. M. Melo A. D. 435) *meus irmãos da minha alma,* LANÇAR não da inspiração, quando Deus a dá (Vieira S. V-49) – *assim* COMEÇAR desde hoje, meu brinquinho, a queixar-te de grandes dores de cabeça (Filinto O. C. XI-482) – *agora* CANTAR, raparigas, e FOLGAR que êste é dia de grande alegria (Garrett Alf. de S. 51) *agora* FICAR quietinho; não TUGIR nem MUGIR; *se não, asso-o numa camisa de pez* (Rebelo O. V. N. C. 234) *teimemos... no nosso fadário; e* DEIXAR os outros obstinar-se lá no seu (Castilho F. pela A. 192) *TOMAR tento!* (Herculano M. de C. I-I61) – *VÊ-LO quando nos descreve as fugas noturnas de Messalina* (Rui R. n.º 133 pg. 63).

319 – Gerúndio preposicionado.

Ao gerúndio, quando exprime uma circunstância de tempo, causa ou condição, pode-se elegantemente antepor a preposição EM.

EM TOMANDO do reino a governança, a tomou dos fugidos homicidas (Camões L. c. III.º e. 136) *de tal maneira escolheu êste tratamento a seu corpo,* EM NASCENDO, *que êsse lbe deu tôda a vida* (T. de Jesus T. de J. I-64) – *já então havia filhos que,* EM NASCENDO, *se persuadiam saber mais que seus pais* (Sousa A. D. J. I-60) *Adão,* EM PECANDO, *no mesmo dia ficou mortal* (Bernardes N. F. II-124) – *de que modo posso vencer o natural antôjo que me domina,* EM VENDO arregalados, *de um velho dêstes, os sumidos olhos?* (Garção O. P. II-55) *não sai pastor daqui para a cidade que,* EM VOLTANDO de lá, *não conte cousas dignas de grande novidade* (Cláudio O. II 5) – *também eu, no meu tempo,* EM VENDO moça errada, *logo a punha por monstro* (Castilho F. 287) *êle,* EM SE TRATANDO da própria consideração, *mentia sem dificuldade* (M. Assis Q. B. 124) – *sentia e não podia calar-se,* EM LHE VINDO ao conhecimento que algum freqüentava bailes (Silvério V. D. V. I 66) *EM SE TRATANDO da prioridade de certas idéias, bom será recordar, com Xavier de Maistre, que tôdas as tradições antigas são verdadeiras* (Laet H. P. 4).

320 – Gerúndio preposicionado com sujeito interposto.

Às vezes, entre o gerúndio e a partícula EM, aparece o sujeito do gerúndio.

EM O CAPITÃO MOR FRANCISCO D'EÇA DESFERINDO *a vela com grande regosijo e grita de todos, a sua fusta se sossobrou* (F. M. Pinto Per. II-143) – EM VÓS CREND0 *que Deus está em vós... logo vos acendeis em amor* (Chagas C. E. II) EM A ÁGUA CHEGANDO *à terra, os montes ficam enxutos; e os vales, afogando-se* (Vieira S. VIII-143) – e EM TU do alto ASSO-PRANDO, *verás chamejar o fogo* (Tolentino Sat. I 83) – EM SE o Bootes PONDO, *é que êle principia* (Castilho G. I. I.º v. 291) EM EU TENDO 722 pintos, *está logo o caso explicado* (T. Vasconcelos P. A. D. I44) *não bás de chorar e rezar muito por mim*, EM EU MORRENDO (Herculano M. de C. II-182) EM EU TE DESAMPARANDO, *cuidas que vales alguma coisa?* (Rebelo C. dos F. I60) – EM ÊSTES SENHORES APANHANDO *o fio de uma idéia, não o largam mais* (Silva Ramos P. V. F. 42).

321 – DEVEU.

Não deve haver receio em usar o verbo DEVER no pretérito perfeito.

Aqui se esconde Elmano; alegre estado algum tempo DEVEU à amiga estrêla (Bocage Son. 50) *DEVEU-SE nunca triunfo do amor a um refalsado lance?* (Filinto O. C. X-202) – *para côrte... foi escolhida esta nossa boa vila de Almada que o DEVEU à fama de suas águas sadias* (Garrett F. L. S. 38) *Augusto, o primeiro dos imperadores, não DEVEU o supremo poder a ato algum positivo de eleição regular* (Lisboa O. C. I-82) *coisa de amôres, ou seus, ou alheios, DEVEU por certo de andar por aí* (Castilho F. pela A. 97)... *mulher, a cujos cuidados maternos DEVEU Portugal os três mais belos caracteres da sua história* (Herculano M. de C. II-137) – *se o buril jamais DEVEU ter emprêgo, em nenhum trabalho fôra mais merecido* (Silvério V. D. V. 216) *lucidez solar, meridiana, a que o illustre filólogo DEVEU o lograr-lhe digerir e refundir os 1.800 artigos em 4 dias* (Rui R. n.º 156 pg. 74).

322 – HAVERÁ TRINTA ANOS.

Na expressão *há tantos anos* pode-se empregar o futuro em vez do presente, quando se quer manifestar alguma dúvida sobre a exatidão do tempo indicado.

Mofina Mendes, quanto há que vos serve de pastôra? bem trinta anos HAVERÁ ou creio que os faz agora (Gil T. 228) *um poderoso rei do reino Deli conquistou, HAVERÁ 300 anos, esta terra tôda* (Orta C. S. D. I. I-I19) – *eu estive, HAVERÁ um ano, em Turim* (Bernardes N. F. II-220) *HAVERÁ quarenta anos, que Castela lançou uma pragmática* (Arte 206) – *HAVERÁ quase um mês, que me achei numa casa, onde alguém disse que se via obrigado a ir a Londres* (Filinto O. C. X-98) – *quando fui de visita a Portugal, HAVERÁ dois anos, não chegamos a ver-nos* (Garrett H. 53) *HAVERÁ minutos, vi Sua Alteza conversando na sala do dossel* (Rebelo M. D. J. I-268) – *HÁ DE HAVER três meses que por aqui passei* (Silva Ramos P. V. F. 189).

323 – VERDADE SEJA.

Um emprego original do subjuntivo, em vez do indicativo, nota-se na expressão VERDADE SEJA, equivalente a: *é verdade, concedo, não se pode negar.*

Foi contrária, VERDADE SEJA, aos réus, a sentença desse tribunal (F. Castro E. C. 50) – VERDADE SEJA *que não perdemos, de todo, os nossos vasos de combate* (Rui C. de I. 265) VERDADE SEJA *que esta maneira de ver, em crítica de arte... não se compadece, por forma alguma, com o dogmatismo* (Silva Ramos P. V. F. 62) VERDADE SEJA *que nem as línguas albeias escapam à fúria niveladora do calão brasileiro* (Leda Q. L. B. 67) VERDADE SEJA *que os autores dessas formas talvez possam aduzir uma suposta analogia com certos verbos* (Cândido F. e E. I-307).

324 – Participípios depoentes.

Alguns participípios passados têm significação ativa, em vez de passiva:

ALMOÇADO = que almoçou.

La ali às onze horas, ALMOÇADO, assinava o expediente... (M. Assis Sem. 47).

CEADO = que ceou.

Venbo CEADO (R. Lobo C. na A. 18).

DESCRIDO = descrente, que descrê.

Em sangue português juram DESCRIDOS de banhar os bigodes retorcidos (Camões L. c. X.º e. 68) – *não, homem DESCRIDO, não disse tal* (Garrett Alf. de S. 158) *com êstes mouros DESCRIDOS vieram também aquelas moiras, filhas da mourama* (G. Dias P. II-231) *os melhores castelos ainda tinham a voz dos DESCRIDOS* (Rebello C. e L. 15) *a Alemanha alimentou-nos duma literatura vaporosa, metafísica e DESCRIDA* (Camilo H. de P. I-44) – *tem-se a desgraça de lidar com um auditório incrédulo, cético, DESCRIDO* (Laet J. do C. ano 58 n.º 103 pg. I.^a col. 3.^a).

ESQUECIDO = que esquece.

Vossos, os castelos; vossas, as terras da coroa; vossos, os direitos reais, porque os comprastes com sangue? por Deus que sois ESQUECIDOS (Herculano M. de C. I-243).

JANTADO, DIGERIDO = que jantou, que digeriu.

No aniversário do casamento da filha, ia para lá às seis horas da tarde, JANTADO e DIGERIDO (M. Assis H. S. D. 90).

LIDO = que leu.

Não há cousa mais gostosa do que praticar e conversar com homens discretos, em especial, se são LIDOS e de rara erudição (H. Pinto I. V. C. II-48) – *o mais LIDO e circunspecto deles diria* (Camilo T. I. 240) – *tão disparatadas como estas formas, que ninguém perpetra, creio eu, são outras em que escorregam pessoas LIDAS* (Cândido C. S. S. 171).

POUPADO = que poupa.

Êle é amigo do trabalho, pacato e POUPADO (Castilho C. A. 176) era naturalmente modesta, frugal, POUPADA (M. Assis H. S. D. 164).

PREVISTO = que prevê, providente.

Nas cousas do mundo são PREVISTOS; e, nas de Deus, cerrados (H. Pinto I. V. C. III-61) – vem, vem; doce esperança... mostra na c'roa a flor da amendoeira que, ao lavrador PREVISTO, da primavera próxima, dá novas (Filinto P. 199) – sempre era homem ativo e PREVISTO, o senbor D. João: tu cá virás (Camilo N. B. J. M. 22) – Carlos III.º não dá ouvidos ao seu PREVISTO aconselhador (Rui G. G. 19).

c) Algumas Formas Menos Usuais Hoje, porém Autorizadas

325 – Participípios regulares.

Não deve haver receio em empregar as formas regulares de participípio passado dos verbos *afligir, ganhar, gastar, pretender*: AFLIGIDO, GANHADO, GASTADO, PRETENDIDO.

AFLIGIDO

Depois da grande adversidade e grave enfermidade de que se viu AFLIGIDO (Arrais D. 72) – considerai, almas devotas, qual seria a dor daquela tão amorosa e AFLIGIDA mãe (Vieira. S. V-50) foi gênero de contrato, comutar-lhe noutras penas, em que só êle fôsse o AFLIGIDO e lastimado (Sousa V. do A. II-4) – aquilo foi um muito AFLIGIDO transe de minha vida (Camilo N. B. J. M. 102).

GANHADO

O mal GANHADO mal se há de despender (Sá Miranda O. C. II-138)... os lugares, que tinham GANHADO os reis (D. Góis C. D. E. 29) ou GANHADO, ou bem perdido, faça enfim o que quiser (Camões T. 239) – tinha GANHADO honra e proveito, seguindo as armadas portuguesas (Sousa A. D. J. II-70) entre os nossos, se levantou uma voz, que o baluarte era GANHADO (Jacinto V. D. J. C. II-17) – uma demanda que ela se finava de ver perdida, tão solenemente GANHADA! (Filinto O. C. X-334) –... cuja proteção tinham GANHADO (Lisboa O. C. I-29) roubando-lhe, inimiga, num momento, o GANHADO em horas de fadiga (Castilho G. I. I.º v. 256)... depois de ter GANHADO, para mim e para ela, um bocado de pão negro (Herculano M. de C. I-95) fala-me... da doçura do pão GANHADO com o nobre trabalho da inteligência (Camilo R. H. R. 227).

GASTADO

Depois de ter GASTADO perto de trezentos cruzados com ela... fêz de mim mangas ao demo (Camões T. 195) é de tanto merecimento, a vida ocupada e GASTADA na fome e sede (T. de Jesus T. de J.

I-202) *as letras estavam, pela maior parte, GASTADAS (Lucena A. P. II-50) – todo tempo que Hércules reinou em Espanha... foram... dezanove anos GASTADOS em doutrinar os naturais da terra (B. Brito M. L. I-42) as munições, em grande parte GASTADAS, tinham reduzido os nossos a perigoso estado (Jacinto V. D. J. C. I00) – havia GASTADO tudo quanto tinha (Pereira B. S. Marc. cap. V.º v. 20) choro os mal GASTADOS anos em que servi tal senhor (Tolentino Sat. I75) – com honras e prêmios, tão mal GASTADOS em gente infrutífera (Castilho N. do C. 5) se não fôsse a dura e longa prisão, porventura teria GASTADO os seus dias no meio dos tumultos da guerra (Herculano C. V. I56) – resgata-se o tempo mal GASTADO, empregando-o utilmente (Rui R. n.º 448 pg. I89) esta foi novamente anteposta, como um enxêrto, no já GASTADO tronco (M. Barreto N. E. L. P. 303).*

PRETENDIDO

Os soberanos da aliança como hão de chamar a êste crime PRETENDIDO? (Garrett P. B. E. I67)... na noite em que devera efetuar-se, no colégio da cidade, o PRETENDIDO conciliábulo (Lisboa V. P. A. V. 253) dois dias antes da prisão do duque de Aveiro e de seus PRETENDIDOS cúmplices, foi Malagrida chamado súbitamente à capital (Camilo H. G. M. I61).

326 – RESOLUTO.

Também, ao contrário, em vez da forma regular *resolvido*: *resolvido a fazer alguma coisa* pode-se empregar a irregular: *RESOLUTO A FAZER ALGUMA COISA.*

Estava RESOLUTO em não querer (Sousa A. D. J. II-218) vendo que estava RESOLUTO a ir neste socorro, lhe deu sete navios (Jacinto V. D. J. C. I25) – recebei-me... como a uma alma que foi grande pecadora, porém RESOLUTA a fazer, a todo custo, penitência (Sacramento V. H. P. I08) RESOLUTO a renunciar ao mundo, tomei por única companhia, a do cura (Filinto O. C. XI-6I0) RESOLUTA a seguir-te, não duvidava, até o fim do mundo, acompanhar-te (Bocage P. VI-I17) – mergulhou o corpo e o desespero numa vasta poltrona de marroquim, RESOLUTO a não dizer palavra (M. Assis P. A. I04) o bom do sapador, cópia do Olindo do Tasso, RESOLUTO a viver e a morrer com Sofrônia, não se esquece, não se distrai um instante de velar pela segurança daquela a quem votou a sua existência (Herculano C. U. A. 266) – não basta querer deixar êste ou aquêlpe pecado, é necessário estar RESOLUTO a não cometer mais nenhum (Silvério C. Past. 61).

327 – HEMOS = havemos. HEIS = haveis.

Se é mezinha... por que lhe HEMOS de dar nome antigo? (Orta C. S. D. I. I-86) Deus, a quem HEMOS de ir dar conta rigorosa da perda do tempo (Arrais D. I04) HEMO-NOS senhores, de ir (Camões T. I43) – tão materiais HEMOS de ser, que nem ao menos saberemos conversar? (E. Matos E. C. 20) – de viver como irmãos, HEIS (de) prometer-me (Filinto O. C. VI-I82) – HEMOS sofrido de covardes sem pejo que nos roube, a prepotência dos tribunais, as leis (Garrett Cam. I8) fôlbas

misérrimas do meu cipreste, HEIS de cair como quaisquer outras vistosas e belas (M. Assis M. P. B. C. 219) em dois mosteiros HEIS sido fundador (Castilho Q. H. P. II-47) muito HEMOS de folgar (Castilho F. 220) – confiamos ainda no êxito da revista pelo concurso efetivo que HEMOS de receber (Laudelino N. e P. V-263) pobres empregados! preparai já o bule de ouro que HEIS de oferecer a S. Excia. (Laet J. do C. ano 58 n.º 75 pg. I.ª col. 4.ª).

328 – IMOS = vamos.

IMOS buscando as terras do Oriente (Camões L. c. I.º e. 50) quanto mais vivemos, tanto mais nos IMOS chegando à morte (H. Pinto I. V. C. I-26) nas entranhas desta grande madre, IMOS descobrir os mais perigosos que preciosos metais (Lucena A. P. II-240) – vamos agora à significação, que já IMOS enfianço o Rosário, ainda que não se veja (Vieira S. XI-56) mestre, não vos toca que IMOS a pique? (Bernardes N. F. III-I57) – para donde quer que vamos, a vaidade nos leva e IMOS por vaidade (M. Aires R. V. H. 23) eram habitadores do convento de Olinda, de que IMOS falando (Jaboatão N. O. S. B. II-206) – a maior parte das notícias, que IMOS a dar, não havia sido publicada (Castilho Q. H. P. I-I63) parece que os novos lugares, onde IMOS, nos não conhecem (Camilo Est. P. I48) dá-me, e ao sócio, o voltarmos, tendo obtido o que IMOS procurando a remo e vela (O. Mendes Od. I. III.º v. 49).

V.º – ADVÉRBIO

a) Ligeiras Observações sobre Advérbios

329 – Adjetivo adverbial.

Emprega-se, muitas vezes, o adjetivo em substituição ao advérbio.

Mas o velho... se parte DILIGENTE da cidade (Camões L. c. III.º e. 81) – levanta-se ANIMOSO, DILIGENTE para o passo atalhar ao castelhano (R. Lobo C. de P. 6) Senhor Relógio da cidade, badalemos LIMPO, que as paredes ouvem (F. M. Melo A. D. 7) entrou, enfim, Policarpo ANIMOSO na fogueira (Bernardes N. F. II-204) – nenhuma embarcação redonda pode navegar... por correrem VIOLENTAS as águas (Pita H. A. P. 8) o tigre fero, talvez, o brando afago, HUMILDE, reconhece (Cláudio O. I56) és sujeito a essa cruel moléstia? lhe dizia MAVIOSA (Filinto O. C. IX-65) – vigiai ATENTA sobre os dias da Augusta Imperatriz (Seixas C. das O. II-14) bom pajem, falas SÁBIO (Castilho N. do C. 35) a noite descia RÁPIDA (Herculano L. e N. I-10) – já eu tinha mostrado, mas torno PACIENTE a dizê-lo (Laet H. P. II6) o estrangeiro vem para o Brasil ser estrangeiro, viver ESTRANGEIRO, falar estrangeiro (Laudelino N. e P. V-255).

330 – APENAS não só significa somente, unicamente, mas também com dificuldade, raramente, dificilmente.

APENAS se acharão homens que, em gerar, ou em criar o que geram, ponham semelhante cuidado (Arrais D. 41) Francisco Álvares, depois de muito malferido, APENAS se recolheu, num batel, com vida, à fortaleza de Tornate (Lucena A. P. I-II6) – se atentamente se lerem as nossas crônicas, APENAS se achará templo ou mosteiro, em todo o Portugal, que os reis portugueses... ou não fundassem, ou não enriquecessem (Vieira S. VII-I49) não se falava em outra cousa, APENAS havia quem não trouxesse novas dêste e daquêle (Bernardes N. F. III-70) APENAS se acharia, neste reino, casa e apelido ilustre que não desse muitos aventureiros para esta infeliz expedição (S. Maria A. H. I-81) – êsses mesmos que, tomados por si sós, cabiam em um breve espaço, medidos pelas suas vaidades, APENAS cabiam em todo o mundo (M. Aires R. V. H. II4) et haec dicentes VIX sedaverunt turbas: e dizendo isto, APENAS puderam apaziguar as gentes (Pereira B. S. Atos cap. XIV v. I7) APENAS precisaremos de dinheiro, a não ser para algum capricho (Filinto O. C. X-80) – APENAS haverá algum esquadrinhador de antiguidades que tenha notícia das três malogradas letras (Lisboa O. C. I-93).

331 – ENTRETANTO é empregado adverbialmente no sentido de *neste ínterim*, *nesta ocasião*, *neste intervalo*.

Sobreestemos alguns dias, ENTRETANTO trabalha tu, que teu filho se emende (Sá Miranda O. C. II-I96) peço-vos, Antíoco, que tornemos ao nosso Galeno e esquecer-vos-eis, ENTRETANTO, de vossos aís, porque a boa prática é médico da alma triste (Arrais D. 46) – mandou-lhes o Provincial que, sem sua expressa licença se não saísse de Lisboa e, ENTRETANTO, tomasse bom conselho e falasse com seus amigos (Sousa V. do A. I-53) isto dizia, para desvanecer as diligências do presidente e fugir, ENTRETANTO, para onde tinham ido os corpos dos mártires (Bernardes N. F. II-97) – Mícer Percival... vai começou a recuar pouco a pouco para a porta que comunica com a rua; ENTRETANTO, o chanceler tinha pegado rapidamente num pergaminho (Herculano M. de C. II-I9) reclamemos o concurso de todos os publicistas ilustres e homens religiosos para confeccionar uma lei que restabeleça a honra dos cidadãos, nos casos de injúria pessoal... ENTRETANTO dê-se à sociedade uma educação que a encaminhe ao respeito da dignidade pessoal... e depois o duelo... será recordado como um marco vergonhoso na história das gerações (Camilo H. de P. I-188).

332 – MEIO pode flexionar-se tomando gênero e número do adjetivo a que modifica: MEIA aberta, MEIOS mortos ao lado de meio aberta, meio mortos.

Eis se mostrava ora MEIA, ora tôda DESCOBERTA (A. Ferreira P. L. I-217) esta, MEIA ESCONDIDA que responde de longe à China... é Japão (Camões L. c. X.º e. 131) – estavam já os portugueses MEIOS ENTERRADOS (Jacinto V. D. J. C. 121)... será o preço dêstes que chamamos MEIOS CATIVOS ou MEIOS LIVRES (Vieira S. III-I9) – limitemo-nos, neste discurso, em fazer algumas reflexões MEIAS CONSOLADORAS, MEIAS TRISTES (Filinto O. C. IX-443) – não imaginem alguma divindade MEIA VELADA (Garrett F. F. C. II9) e MEIA AJOELHADA, o pranto corria, os soluços estalavam (Rebelo M. D. J. I-120) êstes homens combatiam MEIOS NUS (Hercu-

Iano E. P. 94) *vejo-me MEIA MORTA* (Camilo R. H. R. 241) *foi à sala de visitas, chegou à janela MEIA ABERTA* (M. Assis H. S. D. 93).

333 – Melhor ou Mais Bem com Adjetivo Participial.

Antes dos adjetivos participiais tanto pode usar-se MELHOR como MAIS BEM.

MELHOR:

Nenbuma coisa é MELHOR RECEBIDA na terra que a granjearia custosa (T. de Jesus T. de J. I-139) *nunca outros MELHOR NASCIDOS e entendidos chegaram àquele lugar, porque o não solicitaram* (Couto S. P. 118) – *não se tinha visto, até então, na Índia, feito mais bem ordenado, nem MELHOR OBEDECIDO e executado* (Sousa A. D. J. I-254)... *dispondo como os poderosos... sejam MELHOR OUVIDOS* (F. M. Melo A. D. 119) *as primeiras fôlhas que vão ao prelo, depois de composta a página, ficam MELHOR ASSINADAS* (Bernardes N. F. III-126) – *menos freqüentes se dêem os prêmios, e assim MELHOR DISTRIBUÍDOS* (Filinto O. C. IX-388) – *Santarém é das terras de Portugal a MELHOR SITUADA* (Garrett V. M. T. II-96) *há, porventura, quadro mais realista ou MELHOR TIRADO do natural?* (Latino A. e N. 157) – *resolveram passar o Seminário para Angra dos Reis, cuidando que seriam MELHOR PROVIDOS do necessário e MELHOR ACOMODADOS* (Silvério V. D. V. 41) *o govêrno francês, MELHOR ESCLARECIDO, cogita na reabilitação do oficial injustamente condenado* (Rui D. e C. 468).

MAIS BEM:

Não se tinha visto, até então, na Índia, feito MAIS BEM ORDENADO nem melhor obedecido e executado (Sousa A. D. J. I-254) *a rês MAIS BEM MEDRADA a que faz maiores cócegas ao cutelo do carniceiro* (F. M. Melo A. D. 32) – *quais fôssem MAIS BEM CHORADOS, não alcançavam os homens, sendo as lágrimas indistintas* (A. Barros V. A. P. A. V. I-104) – *todos os espíritos MAIS BEM NASCIDOS de cada século a têm padecido* (Castilho F. pela A. 205) *não havia de ser MAIS BEM SUCEDIDO na petição de herói do que fôra então, na de requerente e de soldado* (Latino F. de M. 141) – *naturalmente o país MAIS BEM ARMADO para a guerra naval terá caprichado em possuir os navios mais ligeiros* (Rui C. de I. 260) *dou êste conselho, declara, por não achar ortografia MAIS BEM REGULADA, que a que se faz por etimologias e derivações* (Laudelino N. e P. VI-271).

b) Formas Equivalentes para Variar

334 – ASSAZ = bastante.

Não posso ASSAZ louvar quanto requiere sua dignidade e excelência (Arrais D. 40) – *importa-me ASSAZ que se dê essa carta em Guimarães* (F. M. Melo C. F. 98) *ainda que êle o não disserra, o estado de um e outro ladrão o declarava ASSAZ* (Vieira S. V-59) – *a glória tranqüila e modesta das letras não o*

tentou ASSAZ (Lisboa V. P. A. V. 7) *êste misto de tudo... denuncia ASSAZ a infância da arte dramática* (Sotero C. L. P. B. I-124) *doidejaram ASSAZ* (Castilho Tart. 73) – *o preconceito gramatical tem restringido ASSAZ o uso de semelhantes construções* (M. Barreto F. L. P. 242).

335 – ORA = agora.

Que desculpa porei ORA, a quem não ma há de ouvir? (Bernardim Ecl. 89) *antes ditosa, senhora, pois que me vejo ante teus olhos... põe-nos ORA... nesta coitada* (A. Ferreira P. L. II-275) – *senhor, tratemos ORA de nós e deixemos o mundo* (F. M. Melo A. D. 64) – *o único remédio é que ORA vos direi* (Filinto O. C. X-172) – *perdoai-me, que não sei ORA o que digo* (Garrett F. L. S. 198) *ORA não há quem me inveje; foi Alá que assim o quis* (G. Dias P. II-254) *o sol oriental que ORA bate ridente no pavimento da igreja aflige a minha alma* (Herculano E. P. 39).

336 – PORVENTURA = talvez.

Tôda ocupação parece pouca e PORVENTURA a mesma eternidade pareceria curta (T. de Jesus T. de J. I-131) – *só vos lembrarei, senhores... o que me passou por estas mãos, que todos deveis de ter ouvido e PORVENTURA vos esquece* (Sousa A. D. J. I-250) *PORVENTURA foi para nós esta perda maior benefício de Deus do que seria o lucro* (Bernardes N. F. III-4) – *tôdas estas minúcias ou PORVENTURA impertinências* (Castilho F. II) *o alfaiate não pôde resistir, nem PORVENTURA tinha vontade disto, a tanta popularidade* (Herculano L. e N. I-70) *tive uma desculpa nesta, que pareceria PORVENTURA, arrogância da minha parte* (Latino F. de M. 60) *o velho, tocado de piedade e PORVENTURA amor paternal deliberou tirar do convento a filha* (Camilo A. de P. 155) – *no Ouro Branco houveram de estanciar de falha muitos dias e PORVENTURA mais de um mês* (Silvério V. D. V. 26) *é o verbo a palavra que PORVENTURA mais influi no uso desta liberdade do hipérbato* (Laudelino N. e P. IV-13)... *os merecimentos do humilde orador que, neste momento, está a abusar PORVENTURA da vossa atenção* (E. C. Ribeiro P. L. E. 142).

337 – QUE = quão.

Oh! QUE seguro temos, nesta parte, o bom sucesso das nossas armas (Vieira S. XIV-323) *QUE rijo é o açoite de Deus que nós mesmos lhe metemos na mão!* (Bernardes N. F. III-76) – *QUE dignos sois de uma imortal história* (Gonzaga M. de D. 202) *QUE formosos são, sôbre os montes, os pés do que anuncia e prega a paz* (Pereira B. S. Isaías cap. LII v. 7) *QUE delicioso lhe pareceu êsse primeiro dia* (Filinto O. C. IX-85) – *eu sonhei durante a noite... QUE triste foi meu sonhar!* (G. Dias P. II-24) *QUE fiel, QUE horrorosamente fiel não é o retrato que, do soldado olhado a esta luz, pintou a negro Alfredo de Vigny* (Castilho F. pela A. 212) *QUE linda é a sua auréola de justo!* (Camilo R. H. R. 245) *QUE extraordinário, QUE imensurável... não será o papel da justiça!* (Rui O. M. 63) *QUE rico não é o coração, quando, com mão larga e liberal, patenteia as jóias de seu escrínio* (E. C. Ribeiro P. L. E. 157).

338 – SALVO = senão.

Já não ficava outro bem, outro descanso, outra nenhuma consolação, SALVO aquelas poucas regras (Sá Miranda O. C. II-I41) *não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, SALVO as mãos* (Arrais D. 31) *jurar... é invocar a Deus por testemunha e não é lícito fazê-lo, SALVO intervindo verdade e juízo e justiça* (H. Pinto I. V. C. IV-I05) – *dizem, a não viu nunca homem algum, SALVO seu próprio marido* (B. Brito M. L. I-72) *Lázaro que há de dar, SALVO as suas chagas a lamber, aos cães?* (Bernardes N. F. II-I68) – *nenhuma outra diferença havia entre aqueles e estes, SALVO em brilharem, caídas por terra, as armas dos últimos* (Herculano C. U. A. III) *não dou conta dos meus atos de alienista a ninguém, SALVO aos mestres e a Deus* (M. Assis P. A. 45) *“defeituosa probidade” é que ainda não vimos escrito, SALVO agora nessa emenda do Dr. Rui Barbosa* (E. C. Ribeiro Tr. 236).

339 – TAL = assim.

Assim como a bonina que cortada, antes do tempo foi... o cheiro traz perdido e a côr murchada, TAL está morta a pálida donzela (Camões L. c. III.º e. 134) – *de lá a transportaram os anjos ao sítio em que ora a vemos; TAL no-lo contou um venerável religioso* (Filinto O. C. XI-529) – *como se alegre o filho cujo enfêrmo pai dileto... sara de uma longuíssima doença... TAL folga êle* (O. Mendes Od. I. V.º v. 290) *assim como um coração verdadeiramente português precisa de buscar no passado motivos para ufanar-se da sua origem, TAL a imaginação carece de despir estas abóbadas e colunas, de emprestada alvura e de ridículos ouropéis* (Herculano C. U. A. 69) *ri-te dêles, de ti, ri-te da lira e de mim, se quiseres, TAL me falou a minba bela deusa* (Garrett F. F. C. 40) *a Casa-Verde é uma instituição pública, TAL a aceitamos das mãos da câmara dissolvida* (M. Assis P. A. 57) – *TAL se achava a diocese de Mariana* (Silvério V. D. V. 91).

340 – Reforço de superlativos.

As orações conjuntivas que se seguem a certos superlativos relativos, v. g. o *mais eloquente discurso que eu ouvi* podem admitir os advérbios JÁ, AINDA, NUNCA, JAMAIS, reforçando enfaticamente o superlativo:

- o mais eloquente discurso que JÁ ouvi.
- o mais eloquente discurso que AINDA ouvi.
- o mais eloquente discurso que NUNCA ouvi.
- o mais eloquente discurso que JAMAIS ouvi.

JÁ

Êste... concluía a oração mais maravilhosa que dali JÁ se proferiu (Rui C. de I. 213) *sinto ondearem-me, no cérebro, aqueles versos estonteantes... os mais balanceados e cantantes que JÁ me soaram aos ouvidos* (Silva Ramos P. V. F. 122).

AINDA

É o mais soez e ranço que AINDA compôs mestre Gil (Garrett F. L. S. 174) é, em verdade, a mais vasta agremiação de homens que INDA viu o universo (Lisboa O. C. I-54) tudo deixei ir na caudal da torrente... tudo, menos as cartas do mais infeliz homem que AINDA conheci (Camilo N. B. J. M. 67) — especializarei o Sr. Dr. Heráclito Graça, a quem devo a mais longa e minuciosa análise que INDA lograram os meus modestos livros (Cândido P. de L. I-7) quero apresentar... três pedacinhos de um dos críticos mais terríveis que AINDA existiram em nossa terra (Sá Nunes A. L. N. II-48).

NUNCA

Aquela mais perfeita criatura que NUNCA entre nós houve, ah! — grave dor! meteste-a em ua negra sepultura (Sá Miranda O. C. II-24) eles e os que viam, a louvavam por uma das melhores que NUNCA viram (F. Morais P. de I. 31) de doença crua e feia, a mais que eu NUNCA vi, desampararam muitos a vida (Camões L. c. V.º e. 81) — foi o mais formoso lanço que se fez NUNCA (Vieira S. VIII-138) — é o desapontamento mais chapado e solene que NUNCA tive na minha vida (Garrett V. M. T. I-29) temos, à porta, a comunhão dos meninos e meninas, disse êle, grande festa e o prazo mais dourado que NUNCA haverão em suas vidas (Castilho C. A. 222) — a mais estrondosa blasfêmia que NUNCA ressoou num tribunal (Rui R. de G. 231).

JAMAIS

Líves estais do mais violento homem que hei JAMAIS visto (Filinto O. C. IX-99) — a nova época se abre com os maiores e mais gloriosos nomes que JAMAIS ilustraram as páginas da história (Lisboa O. C. I-54) remontavam... pelo tão falado rio, uma das mais soberbas teias de sêda e prata que JAMAIS a natureza desenrolou (Castilho Q. H. P. II-23) —... escandalosa proteção do govêrno mais imoral que JAMAIS dirigiu os negócios públicos no Brasil (Silvério V. D. V. 213) o almirante de Gueydon, a mais luminosa inteligência que JAMAIS possuiu a marinha francesa (Rui C. de I. 280).

c) Locuções Adverbiais.

341 — Imensa é a variedade de locuções adverbiais em português. Apenas se encontrará uma língua que a possua em tão elevado grau. São tantas estas locuções, que correm algumas o risco de cair no desuso. Por isto nos julgamos no dever de apresentar aqui, não todas, que não nos seria possível, mas bom número delas, como uma pálida amostra da grande riqueza que ostenta, neste particular, o nosso idioma.

342 — À BAILA, À BALHA.

Usada nas expressões VIR À BAILA ou À BALHA, isto é, *vir a propósito, ser citado, ser lembrado* — TRAZER À BAILA OU À BALHA, isto é, *citar, lembrar a propósito de alguma coisa, mencionar*.

A cada instante eu vinha À BALHA (F. M. Melo A. D. 90) – veio o negócio À BALHA e pôs-se tudo em pratos limpos (Herculano M. de C. I-285) – aí é que vem À BALHA, em tôda a sua inocência o “devirginare” (Rui R. n.º 133 pg. 63) não é verdade que eu trouxesse À BAILA o Bluteau a cada passo (Rui R. n.º 495 pg. 213) trouxeram À BALHA os dicionários (Sá Nunes A. L. N. I-21).

343 – À BOCA CHEIA = gostosamente, francamente, publicamente, com alarde, sem rebuços.

Podéis dêle prezar-vos, à BÔCA CHEIA (F. M. Melo A. D. 454) – êle, italiano, dizia, à BÔCA CHEIA, que dava dez moedas a quem lba trouxesse (Castilho M. U. M. 243).

344 – A BOM RECADO = sob vigilância, sob cautela, sob custódia, bem guardado, em segurança.

A minha porta, como digo, esteja A BOM RECADO, que me custou muito e bom dinheiro (Sá Miranda O. C. II-207) agora buscai quem solte a vós, que êste outro A BOM RECADO está (F. Morais P. de I. 40) dei-vos cargo que estivesse tôda a armada A BOM RECADO (Camões T. I01) – Pedro estava guardado na prisão, A BOM RECADO (Pereira B. S. Atos cap. XII v. 5) – que me deixeis ir para o meu filbinho, que está seguro e A BOM RECADO (Garrett Arc. de S. 210)... passando a mão em 33 honradíssimos eleitores que puseram A BOM RECADO, em uma estribaria (Lisboa O. C. I-123) são, entre as gentes arianas, os belenos, os que têm, A sua guarda e BOM RECADO, os tesouros da imaginação e da ciência (Latino E. C. 98).

345 – A CAVALEIRO = mais alto, superiormente, em posição superior ou de domínio, em lugar eminente, sobranceiramente.

Tinha fundado uma fôrça, A CAVALEIRO da nossa (Sousa A. D. J. II-171) ao desígnio pudera responder o sucesso, se o nosso forte, que estava A CAVALEIRO dos seus, lbes não fizera tanto dano (Jacinto V. D. J. C. 92) – o presente já a herdou destroncada, senhoreando ainda todavia a cêrca das vizinhas religiosas, A CAVALEIRO do seu muro elevado (Castilho Q. H. P. II-I13) – dos males que afligem a humanidade, é a guerra, dos mais horrendos e não sei qual outro lbe fique A CAVALEIRO (Silvério V. D. V. 46) está, pois, o seu indianismo A CAVALEIRO de quaisquer arguições de solidariedade com as fantasias glotológicas de Alencar (Leda Q. L. B. 7)... morro de S. Teresa que das colinas A CAVALEIRO desta cidade, é a mais aprazível e bem frequentada (Laet V. de P. ano XI.º n.º 21 pg. 1281).

346 – À COMPETÊNCIA, À COMPITA = à porfia, com rivalidade, fazendo competição.

Ambos os periódicos, À COMPITA, lbe deram êstes regalados e maviolos nomes (Camilo A. de S. 13) À COMPETÊNCIA os três ditosos moradores se davam alegrias (Camilo Est P. 199).

347 – À DESGARRADA = à solta, à vontade, desregradadamente.

O disparate da censura faria rir, À DESGARRADA, os ouvintes (Camilo C. V. H. J. A. 50).

348 – A EITO = a fio, sem interrupção, frequentemente, continuamente, sempre, sem parar.

Nem se há de imolar, à onomatopéia, a cadência e número do metro, a brandura e elegância da frase, como A EITO o praticou Filinto (Castilho N. do C. 12) – *botados os banhos três domingos A EITO, recebem-se na igreja* (Antero S. do A. 21).

349 – A ESPAÇOS = por intervalos, de tempos a tempos, de longe a longe.

Pude talvez, A ESPAÇOS, pisar albeios vestígios (Castilho N. do C. 10).

350 – À FÉ, a LA FÉ = com certeza, sem dúvida, na verdade.

À FÉ que não (Sá Miranda O. C. II-231) *A LA FÉ que aí vai o ponto* (Sá Miranda II-222) – *À FÉ que não é tão longe do Recio ao terreiro do Paço* (F. M. Melo A. D. 133) – *a mão que tal figura aqui delineou, À FÉ que era divina* (Castilho F. 42) *A LA FÉ que não minto em protestar-lhos* (Castilho F. 238) *À FÉ que nunca a adúltera será rainha de Portugal* (Herculano L. e N. I-144) *A LA FÉ que nunca tal vi* (Herculano L. e N. II-13) *À FÉ que sim* (Camilo Q. de A. 85).

351 – À FEIÇÃO = à maneira, ao modo, ao feito.

Bem parecia feita À FEIÇÃO de pé de pomba (Orta C. S. D. I. I-60) – *os géômetras tratam-nos, e aos grandes, em França, À FEIÇÃO que se tratam os embaixadores da Pérsia ou da Turquia* (Filinto O. C. IX-352) – *uma última palavra, À FEIÇÃO de post-scriptum* (Lisboa O. C. I-14) *as mangas curvas, À FEIÇÃO de um arco, beijavam-lhes o tecto* (G. Dias P. II-I68) – *o tempo que destrói os desejos túbios, firma e robustece os bem assentados, À FEIÇÃO do vento que, ao fogo escasso, apaga; ao incêndio valente, mais anima e atea* (Silvério V. D. V. 12) *não sei de menina e moça, talhada À FEIÇÃO da de Bernardino, que se não absorva tôda em êxtase ao pronunciar aquêles carmes* (Silva Ramos P. V. F. 121).

352 – A FESTO na expressão SUBIR A FESTO, isto é, encosta acima, sem ladear, como a tesoura corta, de baixo para cima, a dobra que se faz no meio da largura do pano.

Para lá chegar sobe-se A FÊSTO por um carreiro de cabras (Antero J. em P. 243).

353 – À FULA – FULA = a toda a pressa, numa louca arrancada, vertiginosamente.

Ei-los vão À FULA-FULA; ginete e guerreiro arquejam; a faísca, a pedra pula (Herculano P. 234).

354 – A FURTA-PASSO, A FURTO = mansamente, cautelosamente, sem ruído, às escondidas, furtivamente, clandestinamente.

Marília ria-se A FURTO e disfarçava (Gonzaga M. de D. 95) parti A FURTO, com uma escrava egípcia (Filinto O. C. IX-139) – o filho de Jaguar sorriu-se A FURTO (G. Dias P. II-156) o homem... saiu do pouso, A FURTA-PASSO (Rebello M. D. J. I-31) a mão enxugou, A FURTO, duas lágrimas (Rebello M. D. J. II-211) – quando imaginas estar a sós, manobrar A FURTO... colhido estás (Rui C. L. 176).

355 – À GRANDE, À LA GRANDE = como gente grande, regaladamente, ostentadamente.

Vivem A LA GRANDE, têm carruagens etc. (Filinto O. C. X-90) – em banquetes nesta casa diariamente, À GRANDE nos consomem cabras e ovelhas (O. Mendes Od. I. XVII.º v. 408) – riram-se À GRANDE os circunstantes (Silvério V. D. V. 243).

356 – À GUISA DE = à maneira, ao modo de. À SUA GUISA = a seu modo. DESTA GUISA = desta maneira, POR ESTA GUISA = por esta forma.

Além da fama comum, o soube de um rico mercador e bom letrado À SUA GUISA (Orta C. S. D. I. I-26) – disfarçou-se, o bom rei, Á GUISA DÊLES (Arte 245) – que te enforquem À SUA GUISA e que me deixem (Garrett Arc. de S. 185) jamais o aconselhei, como vós outros, pendendo, À GUISA DE balança, para o lado onde a peita era avultada (Latino O. da C. 98) desbravando, POR ESTA GUISA, o terreno intelectual... faziam campo franco ao exame contraditório de tôdas as idéias morais ou científicas (Latino O. da C. intr. CXCVII) eu na altura da baforeira, À GUISA DE morcêgo, me implico (O. Mendes Od. I. XII.º v. 320) – reclamando, À GUISA DE parente, a honra de encarnar-lhe a autoridade (Rui C. de I. 183) pelo falso princípio do livre exame, cada qual, Á SUA GUISA, interpreta as Escrituras (Laet H. P. 41)... descomedindo-se DESTA GUISA (M. Barreto N. E. L. P. 300).

357 – À JUSTA = com justeza, com exação, precisamente, acertadamente.

Ninguém o pode À JUSTA discriminar (Latino E. O. 152) – À JUSTA, o notara o professor Carneiro (Laudelino N. e P. IV-228)... locuções e vocábulos que lbes podem traduzir À JUSTA o que exprimem (Sá Nunes A. L. N. I-51).

Pode-se também empregar a locução no masculino AO JUSTO:

Êste nome de pobres quadrava, mui AO JUSTO, à maior parte dos seus diocesanos (Souza V. do A. I-328) – eu não sei, AO JUSTO, quem fiscaliza êstes mal-aventurados sucessos (Camilo Q. de A. 159).

358 – A LA MIRA = à espera, na expectativa, de ânimo prevenido, à espreita, de atalaia.

Os nossos, retirando-se com os navios... estiveram A LA MIRA, vendo pelear a Deus (Lucena A. P. II-I18) – está um dêstes A LA MIRA, espreitando quando vêm as nossas façções de Castela (Arte 266) – mas a polícia dos verdugos estava A LA MIRA (Rui R. de G. 32).

359 – A LA MODA = em moda, em uso.

São malícias A LA MODA, que se não viram na minha mocidade (F. M. Melo A. D. 71) – *só num país todo de luz.... poderia fundar-se e manter-se um regime representativo em vez destes A LA MODA* (Castilho F. pela A. 181).

360 – A LANÇO, A PELO = a propósito.

Interromper-me!? qual! chegaram muito A PÊLO (Castilho Av. 43) – *A LANÇO vem transplantar para aqui o que diz Constâncio* (E. C. Ribeiro Tr. 610) *sempre que vem A PÊLO nas minhas aulas... costume ilustrar a preleção com anedotas a propósito* (Silva Ramos R. de C. ano I.º n.º I.º).

361 – A LANÇO e LANÇO = pouco a pouco, aos pouquinhos.

Só a associação das nossas forças... pode não só agüentar as nossas cidades, que A LANÇO E LANÇO se desabam, mas fundá-las novas (Castilho F. pela A. 65).

362 – A LA PAR = juntamente.

Mas, se a combatem A LA PAR ocasião e tentação, inda que seja mui valente, ligeira e esforçada, ordinariamente é vencida (Arrais D. 95) – *pinto a asnal vaidade que, A LA PAR com a inveja, são os dous polos, hoje, em que a rodamos* (Filinto O. C. VI-193).

363 – À LIGEIRA = rapidamente, de leve, resumidamente, parcamente, sem aparato, à fresca.

Almoçamos Á LIGEIRA (Filinto O. C. X-269) – *o mordomo partiu dêste mundo um pouco Á LIGEIRA* (Rebello M. D. J. I-204) – *vou partir para ver minha terra; e vou Á LIGEIRA, escoteiro, sem malas civilizadas, sem livros instrutivos, sem programas antecipados* (Antero J. em P. 56).

364 – ALTO E MALO = indistintamente, em conjunto.

Desde já lhe cede, ALTO E MALO, às escuras, tudo quanto possui (Castilho Av. 250).

365 – À MATROCA = à toa, sem governo, ao léu, sem saber como.

A alcunha da Petaburro andava, digamos assim, Á MATROCA (Herculano M. de C. I-183).

366 – A MEDO = timidamente, com receio, a furto, baixinho, em voz baixa.

Não sou digno de culpa em vos dizer isto destas mezinhas, com dúvida e tanto A MÊDO (Orta C. S. D. I. I-152) – *docemente o bosque A MÊDO rumoreja* (G. Dias P. II-166) *tal nunca se disse! murmurou A MÊDO D. Henrique* (Herculano M. de C. I-233) – *redargüi-lhe sempre A MÊDO* (Silva Ramos P. V. F. II 6) *a garotada assobiava A MÊDO* (Antero J. em P. 59).

367 – AO COMPASSO DE = paralelamente a, com igual andamento, na mesma proporção.

Cresce a cobiça ao COMPASSO DAS riquezas (Arte 300) – a nação cresce e toma vulto, entre os Estados da península, AO COMPASSO DAS emprêsas com que vai dilatando o território (Latino E. C. 137) a cólera recrudescia AO COMPASSO DA dor atroz, que lhe sangrava na cara (Camilo C. V. H. J. A. 222) – AO COMPASSO DA educação do sexo masculino... andava a do sexo feminino (Silvério V. D. V. 101).

368 – AO DEMAIS = além disto.

AO DEMAIS, o leitor instruído se enfadaria (Lisboa O. C. I-36).

369 – A OLHO = visivelmente, evidentemente, claramente, manifestamente.

A ÔLHO vêdes que ambos são de uma feição (Orta C. S. D. I. I-181) A ÔLHO se vê o que disse Isaías dêles (T. de Jesus T. de J. I-302) – A ÔLHO cresciam suas riquezas (B. Brito M. L. I-35) – crescia A ÔLHO o valor dos seus produtos e drogas (Lisboa V. P. A. V. 51) – não há tal: A ÔLHO se vê que o não era (Rui R. n.º 373 pg. 169).

Emprega-se também A OLHO VISTO:

Desenha-se, A ÔLHO VISTO, a distância palpável, o respaldo de uma cadeira parlamentar (Camilo D. C. F. 47).

370 – A OLHOS VISTOS = claramente, visivelmente.

A OLHOS VISTOS pelevava por êles o mesmo Senhor (Lucena A. P. I-212) – A OLHOS VISTOS cresciam nêle tôdas as virtudes (Sousa V. do A. II-39) – decaía a fôlha A OLHOS VISTOS (Latino F. de M. 71) ao passo que se multiplicam as declamações democráticas acêrca da nulidade da fidalguia, as fileiras desta engrossam A OLHOS VISTOS (Herculano C. V. 71) esta formosa instituição... prosperava A OLHOS VISTOS (Camilo H. G. M. 20) padecia calada e definhava A OLHOS VISTOS (M. Assis P. A. 13) – os sintomas de uma grande reação crescem A OLHOS VISTOS (Rui G. G. 67).

371 – AO MESMO PASSO = igualmente, conjuntamente, simultaneamente, ao mesmo tempo.

Consenti em passar por um malvado... sem que AO MESMO PASSO sacrificasse as virtudes e a vida duma senhora que merece o acatamento do mundo todo (Filinto O. C. X-426) como, em tão doce paz, repousa agora, dorme e descansa Vossa Senhoria, AO MESMO PASSO que na terra tôda, de seu nome se faz ludíbrio e mofa? (Cruz e Silva Hiss. 39) – sou velho e AO MESMO PASSO razoável (Camilo Est. P. 192) o deus, enfim, que o inspira... intimou-lhe o socorrer e ajudar os parturientes do espírito e proibiu-lhe, AO MESMO PASSO, a gestação espiritual (Latino O. da C. intr. CCXVIII) – estas explicações acusam e defendem AO MESMO PASSO o meu respeitável mestre (Rui R. n.º 2 pg. 4).

372 – AO PARECER = na aparência, segundo parece, aparentemente.

Éle, para mostrar seu poder, faz as coisas, AO PARECER, sem remédio (Bernardim M. e M. 92) – *determinou-se, então, o capitão em um feito, AO PARECER, cruel* (Sousa A. D. J. I-137) *depois lhe repararam na ação, AO PARECER, pouco piedosa e modesta* (Bernardes N. F. II-326) – *vê lutando formosa nau de gálica bandeira que a terra, AO PARECER, vinha buscando* (Durão C. c. VI.º e. 34) *esta escolha, ainda que, AO PARECER, mal vista por alguns, deu larga satisfação a todos os seus invejosos* (Filinto O. C. IX-207) – *a idéia, com ser imaterial e, AO PARECER, inerte e inofensiva, tem deixado, muitas vezes, na sua marcha triunfante, um sulco de sangue, em seu caminho* (Latino F. de M. 165) – *o gênero de vida, AO PARECER, tão comum e simples dêste Prelado...* (Silvério V. D. V. 92) *o Dr. Carneiro, AO PARECER, não o notou* (Rui R. n.º 246 pg. 122).

373 – AO REVÉS = ao contrário, às avessas.

Tudo anda AO REVÉS (Sá Miranda O. C. I-294) *sempre andavam AO REVÉS da vontade de Deus* (T. de Jesus T. de J. I-301) – *um pintor astuto... pintou um relógio AO REVÉS, a campainha para baixo e os pesos para cima* (F. M. Melo A. D. 7) – *Aristides... foi banido e ao sair de Atenas, AO REVÉS de Aquiles e Coriolano, erguen as mãos ao céu* (Lisboa O. C. I-31) *comprazia, AO REVÉS, o amante de Fornarina em animar, nas suas telas e nos seus frescos, o gracioso, o feminino, o sentimental, o delicado* (Latino A. e N. 185) – *a caridade não se acobarda, nem olha sequer para as dificuldades, AO REVÉS mais com elas se acorçoa* (Silvério V. D. V. 22) *eu, AO REVÉS, reconhecera à comissão o mérito de haver chegado, até onde lhe era possível* (Rui R. n.º 18 pg. 14) *jamais pleiteou primazia às línguas do continente, AO REVÉS institui, nos seus ginásios, o estudo do idioma de Cervantes* (Laudelino N. e P. V-254).

374 – À PANCADA = de chofre, apressadamente.

Não se pôde acabar tudo À PANCADA e só ao cabo de muitos anos (Silvério V. D. V. 151).

375 – A PONTO = bem disposto, esperando hora e sinal certo, bem a propósito, em tempo conveniente, bem aparelhado.

Estava tudo A PONTO para poder caminhar quando quisesse (Sousa V. do A. II-95) *tudo estava tanto A PONTO, quanto longe, os missionários de tal pensamento* (A. Barros V. A. P. A. V. I-186) – *obrigado, meu amigo! A PONTO vindes* (Garrett Alf. de S. 85) *o que em si é limpo, traz a casa bem ordenada e os negócios A PONTO* (Castilho C. A. 52) *ninguém acha argumento mais A PONTO para persuadir um avaro velhaco a abrir a bolsa* (Herculano M. de C. II-24) – *muito A PONTO vem, pois, o aresto americano de 20 do corrente* (Rui C. de I. 387) *aquí vem A PONTO dizer o conceito que, sobre os consultórios gramaticais, formava um autor conhecido e simpático* (M. Barreto A. D. G. 8).

376 – A PRECEITO = perfeitamente, como deve, com maestria, primorosamente.

Jerônima se aplicava afanosamente a cultivar prendas de costura, como marcar e bordar, cousas que não aprendera A PRECEITO (Camilo T. I. 151) *as postas, A PRECEITO assam de espêto* (O. Mendes Od. I. XIV v. 334) – o Castilho, o Garrett, o Camilo sabiam A PRECEITO a sua língua (M. Barreto N. E. L. P. 223) *o ponto é grave demais para que se possa ventilar A PRECEITO, em meia dúzia de linbas* (Cândido F. e E. I-46).

377 – À PURIDADE = em segredo, ao ouvido, reservadamente, intimamente.

Mas o santo... fugiu para o seu mesmo coração perplexo e ali, levantando um invisível oratório, falou com Deus À PURIDADE (Bernardes N. F. I-72) *avisando-lhes, por lhes fazerem mercês, À PURIDADE, que não apareçam os oito dias seguintes* (Arte 30) – *estando êle assentado no monte das Oliveiras, se chegaram a êle os seus discípulos À PURIDADE, perguntando: dize-nos, quando sucederão estas cousas?* (Pereira B. S. Mat. cap. XXIV v. 3) – *depois de me ouvirdes À PURIDADE, falarei diante de todos, se quiserdes* (Rebello C. e L. 202) *apareceu outro velho amigo nosso, o qual nos revelou, muito À PURIDADE, que na quinta-feira teríamos graves acontecimentos* (M. Assis Sem. 82) *preciso de falar-vos À PURIDADE, disse Garcia Bernardes* (Herculano B. 98) *estiveram conversando, À PURIDADE, sôbre o desgosto que revia à face do hospedeiro ancião* (Camilo Q. de A. 82) – *logo depois corria À PURIDADE entre os amigos da situação...* (Rui R. de G. 174) *esta demora, digamo-lo À PURIDADE, tem sido prejudicial à parte interpelada* (Laet J. do C. ano 58 n.º 103 pg. I.^a col. 6.^a).

378 – A REVEZES = cada um por sua vez, ora um, ora outro, alternadamente.

Também as cousas tôdas vão A REVÊZES: *muito tempo mandou, agora é mandada* (Sá Miranda O. C. II-202) – *seu dessossêgo, seu A REVÊZES cambiar de côres, já pálida, já rosa... davam mostras de muito* (Castilho N. do C. 41) – *a água... vai juntar-se, poucos metros adiante, numa larga poça, donde a tiram, A REVÊZES, os donos das hortas contíguas* (Cândido M. S. 20) “grossus”, *irmão germano de «crassus» que com êle se usa, A REVÊZES, nos antigos manuscritos* (Rui R. n.º 458 pg. 195).

379 – A RODO, A RODOS = em abundância, à farta, em grande cópia, a granel.

Por ora dai-vos gáudio; temos comida A RÔDO (Filinto O. C. VI-190) – *conta com trigo* A RÔDO (Castilho G. I. I.º v. 239) *a dedicação, a generosidade, a justiça, a fidelidade, a bondade andam* A RÔDO (M. Assis Sem. 67) – *eu sei que esta amizade não tem sectários* A RODOS (Cândido M. S. 173) *derramem, os poderes públicos, escolas* A RÔDO (Leda Q. L. B. 101).

380 – ÀS INVEJAS = à porfia.

Parece andarem ÀS INVEJAS, *cada um dêstes elementos, sôbre qual lhes seria mais favorável* (Lucena A. P. II-206) – *consolavam-nos das fadigas, fazendo como* ÀS INVEJAS, *os extremados obséquios que os itinerantes mereciam* (Silvêrio V. D. V. 138).

381 – À SOCAPA, DE SOCAPA = ocultamente, disfarçadamente, furtivamente.

E abaixando as cabeças riam, DE SOCAPA, a bom rir (Herculano M. de C. I-198) éle declarou aderir à situação, não Á SOCAPA, mas estrepitosamente (M. Assis H. S. D. 187).

382 – ÀS REBATINHAS = à porfia, em disputa, em leilão, a quem der mais.

Andam ÀS REBATINHAS a quem lho dará primeiro (Couto S. P. 208) – não havia mortaldas bastantes e andavam estas ÀS REBATINHAS (Bernardes N. F. III-75) – triunfou a vossa generosidade ÀS REBATINHAS com o vosso espírito de justiça (F. Castro E. C. 140) – os diplomas científicos, vendidos ÀS REBATINHAS (Rui R. de G. 56).

383 – ASSIM COMO ASSIM = em qualquer hipótese, de qualquer modo, seja como for, desta ou daquela maneira.

ASSIM COMO ASSIM, havemos de morrer (H. Pinto I. V. C. II-295) – ASSIM COMO ASSIM, não haveis de alegrar-vos (Bernardes N. F. I-66) – o dinheiro, ASSIM COMO ASSIM, está perdido (Rebelo M. D. J. I-64) eu, ASSIM COMO ASSIM, não nasci para sábia (Castilho Sab. 15) – ASSIM COMO ASSIM, pode Misonéista empregar qualquer das expressões citadas (Sá Nunes A. L. N. I-209).

384 – ÀS SURDAS = à calada, sem fazer rumor.

Quando chegou à casa foi, muito ÀS SURDAS, até à porta dos aposentos do conde (Camilo C. V. H. J. A. 191).

385 – ÀS TESTILHAS = em luta, em briga, em disputa.

Encontrara, numa gaveta, um cartão escrito por um colega dos mais ilustrados, no qual Vós e V. Excia. andavam ÀS TESTILHAS (Silva Ramos R. de C. ano I.º n.º I.º).

386 – A SÚBITAS = subitamente, repentinamente, inesperadamente, de improviso.

... Outra mulher tornada, A SÚBITAS e involuntariamente assassina! (Castilho F. pela A. 164) ouviu o padre Malagrida, A SÚBITAS uma voz misteriosa que lhe murmurava ao ouvido (Camilo H. G. M. 28) – um dia a sensibilidade nacional, advertida pelos rumores subterrâneos da traição, ACORDA A SÚBITAS (Rui G. G. 150).

387 – À SURRELFA = ocultamente, dissimuladamente, mansamente, com o intuito de enganar, sonsamente.

À SURRELFA, pelo confessionário ia passando (Castilho F. 197).

388 – ÀS VINTE = a toda a pressa, sem demora.

Êste foi o homem, com quem tomou conhecimento o Padre Antônio Ferreira Viçoso, no Rio de Janeiro, o qual, em sabendo da vinda dos dous missionários, correu ÀS VINTE a fazer-lhes cordial visita (Silvério V. D. V. 24).

389 – A TALHO, A TALHO DE FOICE = a propósito, adequadamente.

O honrado cônego invectivava assim, tôdas as vêzes que lhe caía A TALHO, contra os sectários de Mafamede (Herculano B. 57) *assim que o ensejo lhe saiu A TALHO, disse ao cadete que se não reprimisse* (Camilo F. D. N. 22) *– não podia vir mais A TALHO esta notícia* (Silvério V. D. V. 24) *esta lição... vem A TALHO DE FOICE para dar o último golpe no êrro* (Rui C. de I. 385) *quem é o desassisado purista que põe escrúpulo em reproduzir qualquer daquelas expressões, quando venham A TALHO DE FOICE?* (Cândido P. de L. I-94) *vem aqui A TALHO a borrascosa questão do “se”* (Leda Q. L. B. I14) *cai-me A TALHO êste pedacinho de um dêles* (Sá Nunes A. L. N. I-196).

390 – A TODA A LUZ, A TODAS AS LUZES = sob todos os aspectos, claramente, evidentemente, a todos os respeitos, sob qualquer prisma.

Oh! espetáculo, A TÔDAS AS LUZES admirável! (Bernardes N. F. II-155) *assim engrandeceu o valor daquele herói, A TÔDA A LUZ, famoso* (S. Maria A. H. I-61) *– admirável país, A TÔDAS AS LUZES, rico* (Pita H. A. P. I) *no exercício de virtudes diferentes se fez, A TÔDAS AS LUZES, grande... o heróico Padre Vieira* (A. Barros V. A. P. A. V. I-194) *minha intenção consiste em assegurar a felicidade desta donzela que, A TÔDAS AS LUZES, a merece* (Filinto O. C. X-41) *– provou A TÔDAS AS LUZES, que o testamento era mais que verdadeiro* (M. Assis P. A. 77) *– vive em Sergipe um magistrado A TÔDAS AS LUZES digno de acatamento* (Laudelino N. e P. IV-262) *aquêlê “que” sobra A TÔDAS AS LUZES* (M. Barreto F. L. P. 49) *respon-di-lhe que a mim me parecia vernaculíssima A TÔDAS AS LUZES, e não tinha nada que lhe opor* (Sá Nunes A. L. N. II-213) *a Escritura mostra, pois, A TÔDAS AS LUZES que há pecados pequenos e pecados grandes* (Laet H. P. 151).

391 – À UMA = conjuntamente, igualmente, ao mesmo tempo, unanimemente, simultaneamente.

Todos Á UMA arremeteram ao teatro (Pereira B. S. Atos cap. XIX v. 29) *é ter Á UMA, a doce satisfação de dizer mal do seu século e a tão quaarada prudência de lhe carear os votos* (Filinto O. C. IX-430) *– ali se divisam... todos, Á UMA confundidos na mesma humildade* (Castilho C. A. 78) *todos, Á UMA, entendemos que deveis ser vós, mestre Fernão Vasques* (Herculano L. e N. I-61) *acodiram todos Á UMA* (Camilo T. I. 80) *– dizem todos, Á UMA, certas inexactidões* (M. Barreto N. E. L. P. 7).

392 – À VENTURA = ao acaso, à sorte.

Tome-se, Á VENTURA, qualquer dos seus sermões (Laudelino N. e P. IV- 163).

393 – A VOZES = em altos gritos, veementemente, com toda a força dos pulmões, com ardor.

O nosso *almocadém* A VOZES *requeria que não passasse ninguém adiante* (Sousa A. D. J. II-48) e todos A VOZES *publicavam suas maldades* (Bernardes P. P. P. I27) – A VOZES *lbe suplica, recolha o açoite* (Castilho C. A. 83) *levantei-me, então, atestando, e bradando, A VOZES, na assembléia popular “trazes a guerra ao seio da Ática”* (Latino O. da C. 49) – o professor *defende A VOZES e com calor...* (Sá Nunes A. L. N. I-I31).

394 – BASTAS VEZES, FARTAS VEZES = frequentemente, muitas vezes, em várias ocasiões.

FARTAS VÊZES, os *portuguêses haviam tentado subjugar aquêles bárbaros* (Camilo H. G. M. 34) – no *escrever clássico*, BASTAS VÊZES, *se emprega “donde” por “onde”* (M. Barreto N. E. L. P. 302) *é vêzo do Sr. Osório juntar H a T, onde não há motivo, para tal, e assim aparecem FARTAS VÊZES em “Donca e Lavínia”* (M. Barreto F. L. P. 280).

395 – COM CEDO = cedo.

Todos os *viajantes desejam velas dobradas e ainda asas para chegarem*, COM CEDO, *a vencer o cabo temeroso da Boa Esperança* (Sousa A. D. J. I-192) *V. Mcê. venha com Deus e COM CEDO* (F. M. Melo C. F. 198) – *muito fôra de desejar... que COM CEDO os lessem os infantes* (Filinto O. C. IX-434) – *Catarina... COM CEDO se desaviera da vontade do marido* (Camilo Q. de A. 82) *estas crianças se vão COM CEDO acostumando e afazendo à disciplina* (Castilho C. A. 89).

396 – COM VERAS = deveras, cordialmente.

Havia muito para entristecer um coração que ama, COM VERAS, a classe eclesiástica (Silvério V. D. V. 85).

397 – DE BOA AVENÇA = de bom gosto, com satisfação, concordemente, em harmonia.

Os escritores e jornalistas mais sisudos receberam DE BOA AVENÇA a reforma (Cândido M. S. 280) *as conclusões não se acham DE BOA AVENÇA com as premissas* (Rui C. de F. 59).

398 – DE CACHAPUZ, DE CHAPUZ = de chofre, com estrondo, inesperadamente.

Como queria... lbe fôsse eu DE CHAPUZ couma proposta oposta? (Castilho Sab. 81) *o desgraçado caíra DE CACHAPUZ* (Camilo A. de S. 170) – *gritava-lhe logo “Gare l’obus” só pelo gôsto de o ver atirar-se DE CACHAPUZ no chão* (Silva Ramos P. F. V. 22).

399 – DE CAMBULHADA = em confusão, desordenadamente, de envolta.

Filhos naturais que, DE CAMBULHADA, se criavam com os legítimos (Antero J. em P. 384).

400 – DE CORRIDA = às pressas.

Não é razão que se aparelhem DE CORRIDA os que devem julgar as consciências (Silvério V. D. V. 14).

401 – DE COTIO = quotidianamente, comumente, vulgarmente, diariamente, com frequência.

DE COTIO *o praticamos* (Rui R. n.º 79 pg. 41) *esta é incontestavelmente a prosódia usada DE COTIO pelos professores de geografia* (Sá Nunes A. L. N. II-122).

402 – DE ESCANTILHÃO = apressadamente, de roldão, de pancada, precipitadamente.

Um cometa... passou DE ESCANTILHÃO, tão perto ao nosso globo... que, por um triz, não fez como ao cordeiro, o Lobo (Castilho Sab. 161) – *com essas, iriam também DE ESCANTILHÃO para o limbo, as frases sem fim, sem conta* (Rui R. n.º 85 pg. 45).

403 – DE ESCONSO = às ocultas, disfarçadamente, furtivamente.

Sorria, DE ESCONSO, para o colête listrado (Camilo C. V. H. J. A. 90) – *todos os circunstantes... nos lançariam, DE ESCONSO, um olhar compassivo* (Cândido P. de L. I-57) *o hoteleiro entrou, DE ESCONSO, pelo vão da porta meio aberta* (Antero J. em P. 333).

404 – DE ESPAÇO = com vagar, à vontade, atentamente, demoradamente.

Manda-lhe que DE ESPAÇO cuide e veja o que êle não cuidar tanto deseja (R. Lobo C. de P. 25) – *amanhã conversaremos mais DE ESPAÇO* (Garrett Arc. de S. 42) *para o diante, acharemos ocasião de apreciá-lo mais DE ESPAÇO e assento* (Lisboa O. C. I-231) *falaremos DESPAÇO, mícer Percival* (Herculano M. de C. II-20) *o genro prometia contar-lhe tudo, mais DE ESPAÇO* (Camilo T. I. 81) – *depois de estudar DE ESPAÇO o surto da ciência histórica* (Leda Q. L. B. 28).

405 – DE ESPAÇO EM ESPAÇO = de tempos em tempos, aqui e acolá.

DE ESPAÇO EM ESPAÇO *divisava-se... o clarão mortício de uma lâmpada acesa* (Rebello D. N. T. G. S. P. II).

406 – DE ESTUDO = estudadamente, de propósito, de caso pensado, calculadamente, de indústria.

A reiteração da palavra... mui DE ESTUDO se usou para trilhar e retrilhar o risível da expressão (Rui R. n.º 206 pg. 101).

407 – DE FEITO = de fato, com efeito, realmente.

E DE FEITO, *sendo chegados à costa de Espanha... armou-se-lhe grande tormenta* (Camões T. I69) – *era tempo de começarem as letras a florescer no Brasil, como DE FEITO começam* (Sotero C. L. P. B. I-71) *já me acho, DE FEITO e com tôdas as veras, empenhado nestas* (Castilho F. pela A. I13) DE FEITO, *Libório estava deputado* (Camilo Q. de A. 64) – *o texto era, DE FEITO, ininteligível* (Rui R. n.º 19 pg. 15) e *assim DE FEITO escreveram o Padre Manuel Bernardes e o Filinto* (M. Barreto F. L. P. 190).

408 – DE FORÇA = forçosamente, inevitavelmente, a pulso e a canelão, à viva força, por força.

DE FÔRÇA *haviam de ser muitas e sem algum número, as pedras polidas e preciosas para fabricar aquela formosíssima cidade* (Sacramento V. H. P. 270) – *se DE FÔRÇA quiser entrar no discurso, reduza-o à simples confissão de que está aborrecido* (Camilo R. H. R. 46) *era influência que nascia e, DE FÔRÇA, viria a crescer* (M. Assis M. e L. 53).

409 – DE FUTURO = futuramente, para o futuro, mais para diante.

Caça que abasteceria DE FUTURO as mesas dos banquetes triunfais dos seus sucessores (Herculano B. 20).

410 – DE GOLPE = repentinamente, de chofre, improvisadamente, inesperadamente, imediatamente.

Caiu a cruz DE GOLPE na cova, que era funda (Vieira S. V-46) – *quantos eruditos, arrancados à obscuridade, caindo DE GOLPE no círculo dos cortesãos, não deveram dizer: reponham-me no meu retiro* (Filinto O. C. IX- 368) e *os que estavam numa destas máquinas haviam já entrado DE GOLPE na cidade* (Pereira B. S. I.º Mac. cap. XIII v. 44) – *estas idéias que, DE GOLPE, tinham ocorrido a Fr. Hilarião...* (Herculano B. I17) *como DE GOLPE saiu o padre do seu transporte* (Camilo R. H. R. 41) e, *levantando-se, DE GOLPE, alvoroçado, ergueu os braços exclamando...* (M. Assis Q. B. 40) – *esta terminante réplica murchou DE GOLPE as esperanças do tal sacerdote* (Silvério V. D. V. I73) *uma proclamação de Lincoln destrói DE GOLPE a propriedade escrava* (Rui D. e C. I84).

411 – DE GORRA = em aliança. METER-SE DE GORRA COM ALGUÉM = aliar-se, emparceirar-se com alguém.

Foi-se metendo DE GORRA com seus fregueses (Arte 266) *outras vêzes, dava em servir a Deus e me metia DE GORRA com os hipócritas* (F. M. Melo A. D. 99) – *antes o neologismo mais ou menos violento, mas explicável, do que o francês puro metido DE GORRA com a nossa formosa linguagem* (Cândido F. e E. II-56).

412 – DE LÉS A LÉS = de lado a lado.

A fama dêste escultor alastrou-se pelo país fora, de ponta a ponta, DE LÉS A LÉS (Antero U. O. J. 94).

413 – DE LIGEIRO = levemente, de leve, ligeiramente, em poucas palavras, sucintamente.

Perto está de se arrepender quem julga DE LIGEIRO (H. Pinto I. V. C. IV-228) – *cairá em si o mestre vendo e tateando quão* DE LIGEIRO *andou em um relevantíssimo ponto* (Rui R. n.º 253 pg. 126) *vou citar-lhe, DE LIGEIRO, uma dúzia dos nossos mais cotados homens de letras* (Sá Nunes A. L. N. I-163).

414 – DE LONGE A LONGE, DE LONGE EM LONGE = de tempos em tempos, mui espaçadamente, com grandes intervalos.

Afeto, como deve ser em coração de filhos, não se vê senão DE LONGE A LONGE (Castilho C. A. 108) *DE LONGE EM LONGE, se dá a ouvir algum débil gorjeio* (Castilho N. do C. 5) – *só escreve* DE LONGE EM LONGE (Silva Ramos P. V. F. 186).

415 – DE MAIS A MAIS = além disto, ainda por cima.

E saiba, DE MAIS A MAIS que nenhum prelado pode mandar o súdito, que seja bispo ou arcebispo por obediência (Chagas C. E. 61) – *até deus, DE MAIS A MAIS, o pontificado ao ímpio Alcino* (Pereira B. S. I.º Mac. cap. VII.º v. 9) – *eu tenho uma saleta onde posso receber senhoras amigas e DE MAIS A MAIS, pobres* (Camilo C. V. H. J. A. 166) – *o que se não compreende é essa aceitação... por parte de um crítico que, DE MAIS A MAIS, se diz paladino da ortografia etimológica* (M. Barreto F. L. P. 310) *deu-se tal encargo, não a um arquiteto, mas a um cenógrafo, DE MAIS A MAIS, estrangeiro e italiano* (Antero J. em P. 356).

416 – DE MANO A MANO = juntinho, aconchegadinho, com intimidade, familiarmente.

De como, estando a avó e a neta a conversar muito DE MANO A MANO, *chega Fr. Diniz* (Garrett V. M. T. I-79) *éstes eram os que... tratavam* DE MANO A MANO *com os grandes* (Camilo T. I. 103).

417 – DE MARAVILHA = raramente, por milagre, excepcionalmente, dificilmente.

DE MARAVILHA *se achará cousa nesta vida que não tenha que limar* (H. Pinto I. V. C. II-289) *as alegrias são tão raras, que* DE MARAVILHA *nos passam pela porta e se detêm conosco* (Arrais D. 46) – *DE MARAVILHA há ódios começados nos avós, que não se venham a remir com sangue de netos* (B. Brito M. L. I-83) *DE MARAVILHA se achará um lugar, se é capaz de convento, no qual ela o não*

tenha (Esperança Exc. 37) – *hoje se derramam pelo universo inteiro e, DE MARAVILHA encontrareis, em toda sua vasta superfície, um ponto ignoto e obscuro que eles não tenham devassado* (Lisboa O. C. I-154) – *DE MARAVILHA empregava rigor pela raridade dos casos, em que o havia mister* (Silvério V. D. V. 35).

418 – DE MOTO PRÓPRIO, DE SEU MOTO PRÓPRIO = por sua própria iniciativa, espontaneamente, sem constrangimento, porque quer, por si.

Que me direis ao imperador Diocleciano, que realmente a deixou DE SEU PRÓPRIO MOTO? (H. Pinto I. V. C. II-30) *nunca Deus fizera, DE SEU MOTO PRÓPRIO, a mulher imperfeita, se alguma grande utilidade se não seguira de tal imperfeição* (Arrais D. 43) – *as palavras virão, DE SEU PRÓPRIO MOTO, acudir ao discurso* (Filinto O. C. IX-299) – *para bem verter do francês, mais cabedal se requer do que para escrever DE PRÓPRIO MOTO* (Castilho N. do C. 203) *o médico que a visitou, levou-lho um criado DE SEU MOTO PRÓPRIO* (Camilo T. I. 125).

419 – DE PAUSA = lentamente, pausadamente, sem pressa.

Calisto... foi, mui DE PAUSA e a passo mesurado, à estante dos seus livros (Camilo Q. de A. 53).

420 – DE PER SI MESMO, DE PER SI SÓ = por si mesmo, por si só, sem ajuda.

A solução, DE PER SI MESMA, se está apresentando aos olhos de todos (Garrett P. B. E. 23) *veio a ditosa necessidade do capelão, capelão que é, só DE PER SI, uma palavra que denota ilustríssima prosápia* (Camilo T. I. 40) – *as gramáticas, DE PER SI SÓS, são insuficientíssimas para ensinar uma língua* (Cândido P. de L. I-5).

421 – DE PLANO = plenamente, redondamente, abertamente, sinceramente, francamente.

Confessemos DE PLANO nossos pecados (E. Matos E. C. 21) *confessará DE PLANO ser verdade, o que assentava Hermes* (Bernardes N. F. II-106) – *convencido Adão do delito e tremendo, confessou DE PLANO o seu pecado* (Sacramento V. H. P. 236) *quando corriam, prósperos a Atenas, os sucessos, negavas com juramento o que DE PLANO confessavas, se os desastres afligiam a cidade* (Latino O. da C. 94) – *da circunstância de encontrar “lídimo” nas Ordenações Manuelinas, conclui DE PLANO contra a vitalidade atual desse adjetivo* (Rui R. n.º 348 pg. 160).

422 – DE PRESENTE, AO PRESENTE, NO PRESENTE = presentemente.

Era governador da Índia e, DE PRESENTE, servia a el-rei, de seu almotacé-mor (Sousa A. D. J. II-3) *el-rei andava entendido... em buscar, para a Índia, os pregadores que NO PRESENTE lhe mandou* (Sousa A. D. J. II-165) *só ficavam, AO PRESENTE, alguns mecânicos* (Jacinto V. D. J. C. 241)

quer que já, DE PRESENTE, *lbe comecemos a pagar* (Bernardes N. F. II-126) – *nos que DE PRESENTE existem, se acham as mesmas prerrogativas* (Pita H. A. P. 40) – *o prelado... podia tudo* NO PRESENTE (Rebello M. D. J. I-166)... *usando, sem temperança, da fortuna que*, AO PRESENTE, *lbe sorri* (Latino O. da C. 62) *o que sabemos é o que os homens são*, AO PRESENTE (Castilho C. A. 108) – *nada mais acrescentaremos*, DE PRESENTE (Silvério V. D. V. 210) *haveria*, DE PRESENTE, *escritor que ousasse perpetrar frases destas?* (Rui R. n.º 201 pg. 96).

423 – DE ROJO = de rastos, tocando o chão.

O corpo resvalou ao chão, mas foi DE RÓJO largo espaço, suspenso num dos estribos (Camilo R. H. R. 206).

424 – DE ROLDÃO = de golpe, de sobressalto, precipitadamente, de mistura com outros.

Onde aspira à ironia, cai DE ROLDÃO no insulto (Rui R. n.º 23 pg. 17) *oriunda de Norte-América ou Grã-Bretanha*, DE ROLDÃO *nos está invadindo* (Laudelino N. e P. V-254) *a Terra Negra foi moradia de bandidos que acabaram seus dias, em fétidos calabouços*, DE ROLDÃO *com a vasa repelente dos tísicos e dos piolhosos* (Antero J. em P. 325).

425 – DE SISO = sensatamente, prudentemente, seriamente, retamente.

Ora falemos DE SISO (Gil T. 41) *mas, falando DE SISO, grandes privilégios têm as mulheres dos doutores* (Sá Miranda O. C. II-153) – *mostrou que duvidava mui DE SISO* (Bernardes N. F. II-119) *DE SISO ou não DE SISO sonhamos acordados* (Filinto O. C. VI-289) – *conquista se diz vulgarmente do que devera, mais DE SISO, chamar-se derrota* (Camilo A. de S. 10) – *lembre-se, mui DE SISO, a mãe que tem, no ventre, tesouro mais precioso que tôdas as riquezas da terra* (Silvério E. dos F. 8).

426 – DE SOBREMÃO = com todo o interesse mui diligentemente, com esmero.

Só mui de assento e SÔBRE MÃO, se poderiam sair bem, os mais versados mestres (Rui R. n.º 2 pg. 4) *vejo, de relance, tratados mais ou menos de SÔBRE MÃO, os três pontos de que fala o meu amável correspondente* (Sá Nunes A. L. N. II-49).

427 – DE SOBREPENSAMENTO = pensadamente, refletidamente, calculadamente.

Nós o fizemos mui DE SÔBRE PENSAMENTO (Silvério C. Past. 197).

428 – DE SORRATE = sorateiramente, furtivamente, dissimuladamente.

Dêste modo empalmam, DE SORRATE, o direito supremo do escravizado (Rui D. e C. 223).

429 – DE TODO O PONTO = inteiramente.

Crescendo a aversão dos mesmos, pelo modo como os franceses a pronunciam e falam, de TODO O PONTO indecifrável (Silvério V. D. V. 139)

430 – DE TORNA-VIAGEM = de volta.

DE TORNA VIAGEM, *às vèzes, não acho senão patranhas* (Sá Miranda O. C. II-187) – *entrou o vapor do Pará, já DE TORNA VIAGEM* (Lisboa O. C. I-199).

431 – DONDE EM ONDE, DE ONDE EM ONDE, DE ORA EM ONDE = de tempos a tempos, de quando em quando, aqui e acolá.

Não lbe sofre a paciência que, DE ONDE EM ONDE não salte, a pés juntos, as raias da sua tarefa (Rui R. n.º 40 pg. 24) *DONDE EM ONDE, aparecia um ou outro bacharel* (Cândido M. S. 25) *uma campainha rouca chocalhava, DE ONDE EM ONDE* (Antero U. O. J. 39) *o monte é rapado, calcinado, tendo no entanto, DE ORA EM ONDE, a secar ao sol, panos verdes de mato novo* (Antero J. em P. 248) *Garrett teve voto, DE ONDE EM ONDE, em questões de arte* (Leda Q. L. B. 28).

432 – EM BARDA = em grande quantidade.

Jasmins de Itália poucos, serpol EM BARDA (Filinto O. C. VI-155) – *para não narcotizar a minha palestra, com citações EM BARDA dos velhos clássicos, limito-me à citação de um mestre de nós todos* (Cândido C. S. S. 211) *Cândido de Figueiredo teve desacertos EM BARDA* (Leda Q. L. B. 70) *podera eu citar exemplos EM BARDA* (Sá Nunes A. L. N. II-62).

433 – EM TALAS = em apuros, em dificuldades.

Por que não consulta, o Sr. Tomé da Silva, um dicionário analógico, quando se vê EM TALAS para achar a palavra que deseja empregar? (Sá Nunes A. L. N. II-85).

434 – EM TANTO = neste ínterim, nesta ocasião.

Vão passando as esquadras; êle EM TANTO tudo nota de parte (Basílio O. P. 96) *fujam teus olhos, teus sentidos fujam do perigoso objeto que o enleia; EM TANTO coo teu rei vou desculpar-te* (Bocage P. VI-303) *EM TANTO caminhava Florisa para o mosteiro* (Filinto O. C. IX-195) – *o velho EM TANTO... escuta, pávido, e tiritita, de frio e mêdo* (G. Dias P. II-179) – *paralelamente ao bloqueio interno, o bloqueio externo estendia, EM TANTO, a sua obra esmagadora* (Rui C. de I. 243).

435 – ENTRE LUSCO E FUSCO = ao crepúsculo, ao raiar da aurora – ou – ao anoitecer.

Entre em ermidas de altares pobrinhos, onde se reza, na primeira hora do dia, ENTRE LUSCO E FUSCO, a missa das almas (Antero J. em P. 46).

436 – ENTRE MIM = de mim para comigo, cá comigo, com os meus botões. ENTRE SI = de si para consigo.

Leu a carta ENTRE SI e entendendo a su(b)stância dela ficou algum tanto mais carregado (F. M. Pinto Per. II-49) – *prometia eu em tanto, ENTRE MIM, fazer uma vida nova* (F. M. Melo A. D. 77) – *disse ENTRE MIM: está-se ali chorando a perda de uma vida* (Camilo N. B. J. M. 156) *se êste me conhece, disse o caixeiro ENTRE SI, balda-se tudo* (Camilo F. D. N. 226) *o jovem rei aplaude... e ENTRE SI pensa: um dia ofuscarei tôda essa glória* (Garrett Cam. 89) – *vem a ser justamente o que, ENTRE MIM, sempre supus* (Rui R. n.º 483 pg. 206).

437 – FIO A FIO = sem interrupção, a eito, sem intermitência, sem descanso, continuamente.

A questão da instrução vai, FIO A FIO, entretecida com a questão máxima dos nossos dias (Castilho C. A. 62).

438 – MANSO E MANSO = de mansinho, calmamente, sem ruído, pouco a pouco.

MANSO E MANSO as lágrimas corriam (A. Ferreira P. A. I-202) – *M.^a. d’Olmancé... empenhou-se em dissipar, por quantos meios soube, a carregada tristeza que a sossobrava; MANSO E MANSO o foi conseguindo* (Filinto O. C. X-381) – *o ministério Polignac... carecia de... ir MANSO E MANSO em sua difícil tarefa* (Garrett P. B. E. 203) *MANSO E MANSO, encaminhou-se para a torre da sé da banda do norte* (Herculano L. e N. I-77).

439 – MÃO POR MÃO = intimamente, conjuntamente, só a só, familiarmente.

Também me achei poucas vêzes MÃO POR MÃO com o senhor Justo Lúpsio (F. M. Melo A. D. 310) – *um sábio tratar tão MÃO POR MÃO couma pobre ignorante?* (Castilho F. 242) *a oposição espantou-se de ver o deputado por Miranda, conversando, muito MÃO POR MÃO, com os ministros* (Camilo Q. de A. 232) – *chegou o tempo de vos assentardes, MÃO POR MÃO com os vossos sentimentos* (Rui O. M. 37).

440 – MOLE MOLE = pouco a pouco, devagar, lentamente, gota a gota, aos pouquinhos.

Destarte lá iria, MOLE MOLE, calando a instrução naqueles espíritos ainda boçais (Castilho C. A. 119).

441 – MUITA VEZ = muitas vezes.

Êsses atavios rústicos... trazem consigo, MUITA VEZ, o inconveniente de desmentir do assunto (Filinto O. C. IX-398) – *MUITA VEZ a meu filbo eu disse* (Castilho Tart. 4) *ia, MUITA VEZ, a bordo do “Japorá”, um chefe guaicuru* (M. Assis A. 202).

442 – NA COLA = atrás, seguindo de perto.

Manda que monte o filho e à pata o pai lhe vai NA COLA (Filinto O. C. VI-123) – *e NA COLA dêsses, virão pessoas ricas redimir-vos da ociosidade forçada* (Castilho C. A. 163)... *soldadesca desenfreada que vinha NA COLA dos franceses* (Camilo D. C. F. 142).

443 – NESTE COMENOS, NESTE EM MEIO, NESTE ENTANTO, NESTE ENTREMEIO, NESTE ENTREMENTES, NESSE ENTRETANTO = neste ínterim, nesta mesma ocasião.

NESTE COMENOS, *Oto se adiantou a fazer o que não fazia Galba e levou-lhe a coroa* (Bernardes N. F. II-211) – NESTE COMENOS, *os estrangeiros levantaram os seus olhos e viram que a gente de Judas vinha marchando contra êles* (Pereira B. S. I.º Mac. cap. IV.º v. 12) NESTE EM MEIO, *de tão ocupado, meu tio, nos negócios de outrem, quão pouco o era nos meus, respondeu...* (Filinto O. C. XI-391) NESSE ENTRETANTO, *enganada e impelida minba mãe pela ruindade de d'Olmancé... aparelhava o meu suplício* (Filinto O. C. X-192) – *apareceu-me*, NESTE COMENOS, *o meu defunto Alves* (Camilo C. V. H. J. A. 42) NESTE EM MEIO, *o virtuoso missionário, postos os olhos no céu, agradecia ao Senhor havê-lo julgado digno de sofrer em glória do seu santíssimo nome* (Camilo H. G. M. 29) NESTE ENTANTO, *D. Maria não dava sinais de susto* (Camilo C. V. H. J. A. 147) NESTE ENTREMEIO, *D. Manuel da Cruz... entregou a diocese a D. Francisco de S. Tiago* (Camilo H. G. M. 188) – NESTE ENTREMENTES, *as intolerâncias nacionalistas deflagram em estupendas metamorfoses* (Leda Q. L. B. 6).

444 – NO MESMO PONTO = imediatamente, na mesma hora.

Então lhe lembrou o Santo Bispo Luiz e, implorando a sua proteção, o viu NO MESMO PONTO *junto a si* (S. Maria A. H. I-51) – *e êles* NO MESMO PONTO (*statim*), *deixando as rêdes e o pai, foram em seu seguimento* (Pereira B. S. Mat. cap. IV.º v. 22) – *NO MESMO PONTO se levantou, desapressado do enjôo* (Silvério V. D. V. 18).

445 – Num Átomo = num abrir e fechar de olhos, rapidamente, sem demora, num instante.

NUM ÁTOMO, *passei da extrema confiança à extrema difidência* (Filinto O. C. X-258) – NUM ÁTOMO, *desmontam-se os companheiros* (Silvério V. D. V. 258).

446 – NUM FLAGRANTE = sem demora, na mesma ocasião.

O que eu queria era que todos nós soubéssemos o que havíamos de fazer NUM FLAGRANTE, *enquanto não chega o facultativo* (Castilho C. A. 200).

447 – NUM REPENTE = subitamente, de repente, imediatamente.

E se eu quisesse NUM REPENTE haver outra vez o meu dinheiro? (Castilho C. A. 187).

448 – NUNCA DOS NUNCAS = maneira de encarecer e enfatizar o advérbio – nunca.

NUNCA DOS NUNCAS *vira o Rio de Janeiro* (M. Assis P. A. 14).

449 – PARA ETERNO = eternamente, por toda a eternidade.

Oh! Deus da minha alma, meu bem e minha sorte, que me toca PARA ETERNO (Bernardes N. F. I-132) – *a criatura que os pais puseram no mundo, há de viver PARA ETERNO* (Silvério E. dos F. 6).

450 – PARA LOGO = logo, sem demora, imediatamente, desde logo.

Como se secou PARA LOGO? (Pereira B. S. Mat. cap. XXI v. 20) – *PARA LOGO conheceu êle o erro deplorável em que caíra* (Lisboa O. C. I-41) *como não têm ninguém por si, PARA LOGO perdem a força* (Castilho C. A. 35) *êste recolhimento, a par com ardentíssimo zêlo, conquistou-lhe, PARA LOGO, a confiança de tôda a comunidade* (Camilo H. G. M. 19) – *PARA LOGO se viu negrejar a mais escura procéla* (Rui R. pg. 2) *PARA LOGO manifestei, ao egrégio crítico, a minha gratidão* (Sá Nunes A. L. N. I-95).

451 – PAR A PAR = lado a lado, conjuntamente.

Ponho aqui, PAR A PAR, êstes dois espécimes de Camões (Sá Nunes A. L. N. II-204).

452 – PELA BOCA PEQUENA, À BOCA PEQUENA = reservadamente, sem alarde, em cochichos, à puridade, baixinho.

Os mais... me amaldiçoavam PELA BÔCA PEQUENA (F. M. Melo A. D. 19) *fazendo os lanços por terceiras pessoas, manifestando, PELA BÔCA PEQUENA, que o lanço é de um poderoso* (Arte 124) – *disse-se então, PELA BÔCA PEQUENA, que não era êste o primeiro emprêgo que o Sr. Quintiliano reduzia a dinheiro* (Lisboa O. C. I-249) *dizem, PELA BÔCA PEQUENA... que aquilo são visitas ruins* (Castilho M. U. M. 184) – *já êle, À BÔCA PEQUENA comunicara aos amigos: mudei de rumo* (Antero S. do A. 66).

453 – PER SI, PER SI SÓ = por si, pessoalmente, por si mesmo.

São obrigados os bispos a pregar ou PER SI ou por pessoas idôneas (Bernardes N. F. III-27) *esta mesma severidade que, PER SI SÓ, em muitos não conciliava amor, junta com a pureza da vida... em todos excitava veneração* (S. Maria A. H. I-145) – *a voz dos pequenos municípios... não pode, SÓ PER SI, sobrelevar ao tumulto da guerra* (Herculano M. de C. I-135).

454 – POR SEM DÚVIDA = inegavelmente, sem dúvida.

O Padre Malagrida, POR SEM DÚVIDA, compusera uma Vida de Sant'Ana (Camilo H. G. M. 174).

455 – POUCO E POUCO, A POUCO E POUCO = pouco a pouco, paulatinamente.

Descobriram, POUCO E POUCO, caminhos estrangeiros (Camões L. c. VIII.º e. 72) – *foram-se POUCO E POUCO, metendo pela terra* (B. Brito M. L. I-103) *começou por entretenimento e riso do povo, o que POUCO E POUCO se foi transformando em desgraça* (Bernardes N. F. III-70) – *o alento, POUCO E POUCO, se extinguia* (Cláudio O. 63) – *a cobiça dos ricos conseguiu, a POUCO E POUCO, despojar os pobres* (Lisboa O. C. I-45) *da morte o cru torpor nos membros frios, POUCO E POUCO, s'espalha* (G. Dias P. II-9) *POUCO E POUCO o tumulto começado pelos dous dilatou-se e cresceu* (Herculano B. 87) *os vadios foram-se dispersando, a POUCO E POUCO* (M. Assis Q. B. 397) – *havia mister um caráter como o do Bispo de Mariana que... fôsse, POUCO E POUCO, restabelecendo a verdadeira doutrina* (Silvério V. D. V. 192).

456 – SEM CONTO = sem conta.

Exércitos SEM CONTO, com que passava Xerxes o Helesponto (Camões L. c. IV.º e. 23) – *havia povo SEM CONTO* (Sousa A. D. J. I-270) – *os cativos injustos eram SEM CONTO* (A. Barros V. A. P. A. V. I-III) – *hóstias SEM CONTO, havemos de inolar nas aras tuas* (O. Mendes E. I. I.º v. 351) *e a selva vomitou homens SEM CONTO, à voz do Onipotente* (G. Dias P. II-54) – *mancebias e casamentos desunidos era SEM CONTO* (Silvério V. D. V. 89) *vêzes SEM CONTO* (Rui O. M. 14).

457 – SEM QUESTÃO = sem dúvida, inquestionavelmente, indiscutivelmente, com toda a certeza.

Vós sois SEM QUESTÃO a cousa mais profunda e admiravelmente piegas e asnática do mundo (Herculano M. de C. II-151) *a viúva Souto-Maior é, SEM QUESTÃO, três vêzes romântica* (Camilo R. H. R. 225) *SEM QUESTÃO é tal e qual como eu sou* (Castilho Av. 150).

458 – SEM TIR-TE NEM GUAR-TE = sem mais nem menos, repentinamente, quando menos se espera.

Eu não posso deixar a sandice de gente que sem quê nem para quê, nem mais TIR-TE NEM GUAR-TE... se mate e consuma a fogo e sangue (F. M. Melo A. D. 74) – *vir SEM TIR-TE NEM GUAR-TE* (Castilho Sab. 154).

459 – SEM TOM NEM SOM = disparatadamente, desarrazoadamente, à toa, desatinadamente.

Palrem SEM TOM NEM SOM, que eu fico surdo-mudo (Castilho Tart. 9).

460 – SOBREMEDIDA, SOBREPOSSE = demasiadamente, com excesso, fora da conta.

Torna a tossir SÔBRE POSSE (Castilho Av. I58) – fizemos duas censuras ao Dr. Rui: uma, a de empregar a vírgula antes da conjunção “ou”, quando de todo desnecessária, outra, a de SÔBRE MEDIDA multiplicá-la (E. C. Ribeiro Tr. 690) no meu tempo de estudante, aconselhavam os médicos ao que se excedia na luta: não trabalhe SÔBRE POSSE (Silva Ramos P. V. F. I14).

461 – SOBRETARDE = ao findar a tarde.

Chegou, pois, SÔBRE TARDE, à casa do ouvidor (Sousa A. D. J. I-71) chegados pois a Tréveris já SÔBRE A TARDE, o santo visitou primeiro a igreja (Bernardes N. F. III-49) – SÔBRE A TARDE, porém, lhe puseram diante muitos endemoninhados (Pereira B. S. Mat. cap. VIII.º v. 16) – êles voltaram SÔBRE A TARDE, com uma bem triste nova (Herculano E. P. I83) – quando foi SÔBRE TARDE, voltaram à vila (Silvério V. D. V. 19) adoecera cêrca de meio-dia e, SÔBRE A TARDE, pelas sete boras, expirara, vítima do acesso sinistro (Rui C. de F. 46).

462 – SÓ POR SÓ, SÓS POR SÓS, A SÓ POR SÓ, A SÓS POR SÓS = a sós, sozinho, sem mais companhia, por si só.

Mostrar quero o valor de minha espada convosco, ou SÓ POR só como valente, ou seja dez por dez, numa estacada (R. Lobo C. de P. 38 v.) ali, SÓ POR só com seu novo amante, só consigo e com o seu Deus (tão seu) passou os dias que lhe restaram de vida (Vieira S. XI-67) – evitando com a prudência... tôdas as ocasiões de nos acharmos SÓS POR SÓS (Filinto O. C. X-I13) o marquês jantava SÓ POR SÓ com Mda. de Séniane (Filinto O. C. X-367) – hei de chamá-lo à parte e ali a SÓS POR SÓS forçá-lo a que desista (Castilho Tart. 81) pode... confiar-lhes a SÓ POR SÓ máguas, segredos e alegrias (Castilho C. A. 27) quem conferia e praticava SÓ POR SÓ com o mensageiro do inimigo era também, por sua natureza, espia e contrário à sua pátria (Latino O. da C. 46) – uma exígua oligarquia de déspotas constitui, SÓ POR SÓ, o povo soberano (Rui D. e C. 523)... quando nos vemos SÓS POR SÓS (Silva Ramos P. V. F. I72)... tornando-se a civilização a maior inimiga de si mesma, quando se desenvolve e cresce SÓ POR SÓ, sem o apoio da moral (E. C. Ribeiro P. L. E. 99) o conhecimento SÓ POR SÓ das regras e convenções prescritas na gramática, não basta (Laudelino N. e P. VI-57).

463 – TAL QUAL VEZ = uma ou outra vez.

Que muito, pois, que também Latino Coelho TAL QUAL VEZ se descuidasse? (Rui R. n.º 43 pg. 26).

464 – TERRA A TERRA = rasteiramente, sem elevação, superficialmente.

Era um anjo de Deus que se perdera dos céus e TERRA A TERRA voava (Garrett F. F. C. I42) – o Dr. Caldas... me argumentaria TERRA A TERRA (Cândido M. S. 94).

VI – PREPOSIÇÃO

a) Formas Equivalentes para Variar

465 – A PAR DE = junto de.

Viu A PAR DE SI *Lamentor* (Bernardim M. e M. 29) *estava*, A PAR DO *Senhor*, *um criado do sacerdote maior* (T. de Jesus T. de J. III-41) A PAR DE *Hípanis*, *rio da Cítia... diz Aristóteles que nasceram uns pequenos animais que não duram mais que um dia* (H. Pinto I. V. C. I-23) – *que outra coisa é, senão desprezá-la, fazer a nossa cozinha*, A PAR DE *seus altares?* (Bernardes N. F. I-19) – *quero que A PAR DE MIM se assente Aldonsa* (Garção O. P. II-79) *e o rei o fêz assentar* A PAR DE SI (Pereira B. S. I.º Mac. cap. X.º v. 62) – *um A PAR DOUTRO*, *ei-los lá vão felizes* (G. Dias P. II-63) *as obras de Tácito e de Vergílio, Orlando de Ariosto e as tragédias de Corneille... A PAR DO livro de Horácio... atestavam que ao velho erudito era familiar a conversação das musas* (Rebelo M. D. J. I-71) *lá*, A PAR DA *invenção*, *aparece constantemente o prêmio* (Castilho F. pela A. 48) *e o levita que entrara* A PAR DO *vigário aproximou-se da cabeceira do leito* (Camilo R. H. R. 247) – *só por encontrarmos um adjetivo* A PAR DE *outro*, *colheremos daí que se empregaram sinônimamente?* (Rui R. n.º 274 pg. 137).

466 – APÓS DE, DEPÓS, EMPÓS, EMPÓS DE = após.

Vou-me DEPÓS ela (Sá Miranda O. C. II-229) *vai-se Vênadoro APÓS DE Florimena* (Camões F. 244) – *cansam-se os modernos, esbaforidos APÓS DA novidade* (F. M. Melo A. D. 411) – *o Senhor da vinha universal... dispôs sempre que os operários, para a sua cultura, não entrassem a ela todos juntos, mas uns APÓS DOS outros* (Jaboatão N. O. S. B. II-31) *se alguém quer vir APÓS DE mim, negue-se a si mesmo* (Pereira B. S. Mat. cap. XVI v. 24) *se eu posso um dia ir EMPÓS DA minha vontade na dourada mediania, tenho de deparar... com o remanso de ânimo* (Filinto O. C. X-II4) – *viver fora de si e correr APÓS DE fantasmas* (Garrett Arc. de S. 158) *todos os povos modernos foram, um DEPÓS o outro, pelo caminho que nós encetáramos* (Garrett F. L. S. 141) *rompendo o coração do peito, ia-lhe EMPÓS dessa visão divina* (M. Assis A. 102) *fugia-lhe o coração APÓS DA saudade* (Camilo T. I. 215) *a enfermeira foi DEPÓS êle* (Camilo A. de S. 96) *vi D. João de Azevedo... a criança mais doida de quimeras que ainda se rasgou as carnes EMPÓS DUMA borboleta* (Camilo N. B. J. M. 152) – *eis os meus crimes DEPÓS o exílio* (Rui D. e C. 106) *EMPÓS Camões, a língua se ostentou no gênio de Vieira, Sousa e Bernardes* (Laudelino N. e P. V-257) *Rui usava a elipse do verbo “ser” EMPÓS DO verbo “merecer”* (Sá Nunes A. L. N. II-104) *APÓS DE me felicitar pelo advento do ano que surge* (Sá Nunes A. L. N. I-20).

467 – DE = por (nos complementos de causa eficiente).

Prometido lhe está DO fado eterno... que tenham longos anos o govêrno do mar (Camões L. c. I.º e. 28)... *suave comunicação de amor... só conhecida DOS que sabem com Jesus amorosamente chorar para ser*

DÊLE suavemente consolados (T. de Jesus T. de J. I-77) – não é digno de ser lido DE nenhum sisudo (F. M. Melo A. D. 418) para lutarem com as feras e serem DELAS despedaçadas (Bernardes N. F. II-186) – é defendida DE muitas fortalezas (Pita H. A. P. 77) buscada DOS prazeres (Filinto O. C. IX-57) – ao ocidente de Verágua havia um mar ainda não freqüentado DE europeus (Latino F. de M. I31) um e outro se deixavam devorar DAS angústias do êrmo ou cortar DO ferro islamita (Camilo A. de S. I10) – não poucos, levados DO exemplo e movidos DE especial toque do Céu, abraçaram o mesmo teor de vida (Silvério V. D. V. 54) a epístola é aceita DE protestantes, bem como DE católicos (Laet H. P. I11).

468 – DE = sobre (nos complementos de matéria).

É, senhor, grande trabalho, escrever DE gerações (Sá Miranda O. C. II-115) trabalhem por ter conversação e conhecimento com servos de Deus e os busquem e pratiquem, com êles, DAS cousas divinas (T. de Jesus T. de J. I-207) com que brandura e lbaneza lbes escrevia DAS cousas naturais, curiosidades e costumes bárbaros (Lucena A. P. II-101) – escreveremos sòmente DALGUMAS religiosas mais vizinhas a esta nossa idade (Esperança Exc. I88) – a escrever-se DE um varão tão sublime, devia ser com os raios do sol ou com a sua pena (A. Barros V. A. P. A. V. I-1) com razão, os que escreveram DÊSTE herói, o chegaram a colocar alguns na classe dos varões justos (Jaboatão N. O. S. B. II-195) – nossos bárbaros avoengos não conheciam outro poder senão a fôrça – a fôrça material; daí não historiaram senão DELA (Garrett F. L. S. I12) ao chá conversamos primeiramente DE letras e, pouco depois, DE política (M. Assis P. R. I62) – muitos paisanos, antes de mim, se aventuraram... a escrever DE coisas militares (Rui C. de I. I12).

469 – DENTRO EM = dentro de.

À manhã do outro dia se achavam DENTRO NUMA enseada (Bernardim M. e M. I87) os religiosos DENTRO EM seu mosteiro... produzem o doce fruto da religião (H. Pinto I. V. C. I-100) – fizeram inveja, DENTRO NO inferno, ao inimigo do gênero humano (Sousa A. D. J. I-4) Fábio Máximo afirmava que melhor era defender a pátria DENTRO NELA (Arte I20) – DENTRO NÁGUA se apaga o fogo ardente (Durão C. c. V.º e. 34) sentia DENTRO EM SI os anúncios da próxima visitação da morte (Filinto O. C. IX-219) – DENTRO NA fazenda está a casa, DENTRO NA casa, o colono; DENTRO NO colono, espírito e coração (Castilho F. pela A. 235) lá DENTRO NAQUELE coração (Camilo H. de P. II-52) – nada sabemos do que então se passou DENTRO NAQUELA alma (Silvério V. D. V. I6) só DENTRO NO ano que terminara, lbe era lícito desempenhar a tarefa ali cometida (Rui R. de G. 220) felizes os que trazem, DENTRO NO sacrário do peito, o culto da saudade (Laudelino N. e P. I06).

470 – DERREDOR DE = ao redor de.

De panos de algodão vinham vestidos; de várias côres, brancos e listrados; uns trazem DERREDOR DE si cingidos; outros em modo airoso, sobraçados (Camões L. c. I.º e. 47) DERREDOR DELAS havia muitos baixos (Castanheda H. do D. I-27) – rocedão – o fio com que o sapateiro ata o couro DERREDOR DA

fôrma (Dicionário de Morais) *presentis que, DERREDOR DE vós, adensaram-se as brumas de uma vasta noite* (F. Castro E. C. 31) – *flores que a humanidade reverente espargiu DERREDOR DA gleba que lhe comprime e envolve os preciosos despojos* (E. C. Ribeiro Tr. 536) *levando... em tôrno de si, as nações latino-americanas, como astros gravitantes DERREDOR DE um grande ideal* (Rui G. G. 65).

471 – EM ORDEM A = para, afim de. Aparente anglicismo pela semelhança com *in order to*.

Prospectiva onomástica de várias diferenças de durações ou medidas do “Quando”, EM ORDEM A formarmos mais nobre conceito da eternidade (Bernardes N. F. I-334) *acabadas vésperas, se vieram juntos a êle dar-lhe a boa vinda, ajuntando grandes graças e abraços pelo (polo) que já sabiam, que trazia negociado com S. Santidade, EM ORDEM A se dar brevemente remate ao Concílio* (Sousa V. do A. I-339) – *o nosso cuidado todo está em descobrir o expediente e isto EM ORDEM A mostrar que, se mudamos, é por vício do contrato e não por nosso vício* (M. Aires R. V. H. 104) *fizeram uma junta magna para deliberarem o que se devia fazer, EM ORDEM A darem socorro a seus irmãos* (Pereira B. S. I.^a Mac. cap. V.^o v. 10) – *vão também os moleiros das azenhas alteando as suas reprêsas, EM ORDEM A lhes não minguar a água* (Castilho C. A. 231) – *o Dr. Carneiro atafulhou 34 páginas de reflexões, regras e exemplificação clássica EM ORDEM A contrabalançar as teorias e doutrinas do Dr. Rui Barbosa* (Sá Nunes A. L. N. II- 245) *são diversas as armas, com que esgrime o sábio autor da Réplica, EM ORDEM A depreciar o nosso... trabalho* (E. C. Ribeiro Tr. XXII).

472 – ENQUANTO A = quanto a.

ENQUANTO A me dizerdes que não podeis negar isso a um fidalgo vosso amigo... amigo muito da alma era Antipáter do grande Fócion (Couto S. P. 75) – *esta, ENQUANTO Á primeira parte, se colhe geralmente do concílio geral* (Bernardes N. F. III-28) – *sendo, ENQUANTO AOS acidentes da côr, pela grande intensão do sol, mais verossímil a opinião dos filósofos* (Pita H. A. P. 27) *eu que ENQUANTO A mim, nunca conheci a ambição, confesso que a conheci ENQUANTO A meu filho* (Filinto O. C. X-23) – *ENQUANTO AO seu título, não será despropositado o advertir...* (Castilho N. do C. 169) *ENQUANTO AOS engenheiros, parece-me que o govêrno já tem tomado algumas medidas a êste respeito* (Seixas C. das O. III-3) *ENQUANTO A costumes...* (Camilo A. de S. 8) – *ENQUANTO A mim, Sr. Presidente, nenhuma razão há que me pudesse inclinar o ânimo para o candidato conservador* (Rui C. L. 42) *ENQUANTO AOS exemplos... estão muito certos* (M. Barreto A. D. G. 172) *ENQUANTO Á situação de Lisboa, o povo que se defendesse* (Antero L. T. 150) *ENQUANTO ÁS outras consultas, acho ocioso dizer aqui o que está bem explanado* (Sá Nunes A. L. N. I-35).

473 – POR = como. A preposição POR substitui, quase sempre com vantagem, a conjunção *como* em frases como estas: *enviar POR embaixador, coroar POR rei, vir POR chefe* etc., em vez de *enviar como embaixador, coroar como rei, vir como chefe*.

A tribulação sofrida com paciência nos faz ter a Deus POR defensor (H. Pinto I. V. C. I-243) elegeram, POR embaixador, ao cônsul Marco Régulo (Couto S. P. I23) – Ester, coroada POR rainha dos persas e medos (Vieira S. XI-36) ocasião em que se havia de coroar em côrtes, POR rei dos romanos, Henrique IV.º (Bernardes N. F. III-172) – nomeou, POR bispo dela, a D. Fr. Manuel da Natividade (Pita H. A. P. 44) dos benefícios que recebera, tirou a consequência de que devia adorar, POR Deus, ao seu Augusto (Cláudio O. I08) tínhamos, POR vizinho, a M. d’Olmancé (Filinto O. C. X-182) – querem-nos dar, POR senhor, a el-rei D. João de Castela (Garrett Alf. de S. 53) D. João d’Ornelas... enviara o mestre de teologia, POR visitador, aos mosteiros de Cárquere e Bouro (Herculano M. de C. I-257) designado Fernão de Magalhães, POR capitão-mor da expedição, entrou a governar a “Trinidade” que ia POR capitânia (Latino F. de M. I53) – no seu sermão... tido POR modelo incomparável de eloquência (Laudelino N. e P. IV-156).

474 – POR = para (nas orações infinitivas finais.)

POR de todo se não perder, obrou o que estava certo (Bernardim M. e M. 86) a lei tenbo d’Aquê... que do céu à terra enfim desceu, POR subir os mortais da terra ao Céu (Camões L. c. I.º e. 65) – alijaram ao mar o trigo, POR salvarem as vidas (Sousa A. D. J. I-65) retardava a bem-aventurança própria, POR não retardar o aproveitamento albeio (Bernardes N. F. III- 26) – e os vão matar só POR lhes tirarem os couros (Pita H. A. P. 19) os homens... POR obsequiar aos reis, deram às pedras e ao pau um nome incomunicável (Pereira B. S. Sab. cap. XIV.º v. 21) – buscava ainda a corrente POR dizer-lhe que a não deixasse, não (G. Dias P. I-266) relatarei sumariamente, POR não consumir espaço largo em tão útil fôlha, o que tenbo feito (Castilho F. pela A. I14) POR salvar sua autoridade... os mandou êle punir de pena capital (Latino F. de M. I57) – nós mesmos nos vimos constringidos a anuir, POR não concorrer para males muito maiores (Rui R. de G. 29).

475 – SOB COLOR DE, SOB COR DE, SOCOLOR DE = a pretexto de, sob aparência de.

Êste... SOB CÔR DE amizade, mandou visitar Vasco da Gama (D. Góis C. D. E. I06) ao mundo, se me crerdes, não lbe creais, porque tem por manha... SOB COLOR DUMA verdade, dizer mil mentiras (H. Pinto I. V. C. II-57) – SOB COLOR DE amizade, eram dêles acometidos, roubados e mortos (Sousa A. D. J. I-56) – levaram-lhe uma bolsa com seis mil dobrões de ouro, SOB CÔR de os distribuir com esmolas (Lisboa V. P. A. V. I51) SOCOLOR DE atacar a epidemia, fomos, por tôdas estas vizinhanças, mais peste do que a própria peste (Castilho F. 83) por lá regularmente se exerce o apostolado da ignomínia e da desonra, SOB CÔR DE serviços à nação (F. Castro P. P. I5) – SOB COLOR DE instrução que tanto nos seduz, se trata arrancar-nos a fé e a religião que nos salvam (Silvério C. Past. 98)... não deve obstar a que se admita a nova voz, SOCOLOR DE que esta exprime... ao menos algum novo matiz em seu significado (M. Barreto F. L. P. I29) bouve, é verdade, quem SOB COLOR DE crítica, estampasse umas parlandas que eu castiguei talvez com demasiada crueldade (Cândido P. de L. I-7) leis sofismadas mais ou menos capciosamente SOB COLOR DO bem público (Rui C. de I. I57).

476 – SOBRE = além de.

Doutra maneira seria tarde ouvido e, SÔBRE isso, mal despachado (J. Barros D. I. I. IV.º 121) – *entrou logo num mar de cuidados porque, SÔBRE ter pouca gente e muita dela, enfêrma, eram os mantimentos muito poucos* (Sousa A. D. J. I-155) *eu, SÔBRE velha, sou curiosa* (F. M. Melo A. D. 140) *a segunda propriedade do sal é, SÔBRE preservativo, não ser desabrido* (Vieira S. VII-I55) – *as frechas seriam as respostas das nações, SÔBRE tão ferozes, escandalizadas* (A. Barros V. A. P. A. I-209) *a vil Paraguassu que, sem que o creia, SÔBRE ser-me inferior, é néscia e feia* (Durão C. c. VI.º e. 40) – *SÔBRE olbarem por tôdas as necessidades morais e corporais do seu rebanho, até a estas do ensino acodem* (Castilho F. pela A. 191) *esfriam no pobre o amor ao trabalho, a extrema e, SÔBRE tôdas, horrível perda que o operário pode sofrer* (Camilo R. do P. 27) *pequei como todos... como frágil e carnal que era, e SÔBRE carnal, criança de poucos anos* (Latino F. de M. 68) *interrogar a moça era inútil, SÔBRE perigoso* (M. Assis M. e L. 146) – *se reincidir na culpa, SÔBRE não admitir mais rogos nem promessas, cobrar, em um castigo, o devido por ambos os pecados* (Silvério V. D. V. 8) *o algodão, SÔBRE alimentar a lavoira... era o único valor em trôco do qual o govêrno confederado sustentava tropas e navios* (Rui C. de I. 243) *a leitura das obras de Matias Aires, SÔBRE útil a todos, interessa especialmente ao labor do lexicógrafo* (Laudelino N. e P. IV-179).

477 – “SOBRE” no superlativo relativo.

Em vez da conjunção *que, do que*, pode-se usar a preposição SOBRE no superlativo: *incerto SOBRE todos em lugar de mais incerto do que todos*.

Direita vara de Arão, alva SÔBRE quantas foram, santa SÔBRE quantas são (Gil T. 222) *chamava a Deus fonte de vida, cuja sêde o tinha inflamado, e a si, cervo sequioso, ligeiro e corredor SÔBRE os outros animais* (H. Pinto I. V. C. II-120) – *preço de português que é, SÔBRE todos, incerto* (F. M. Melo A. D. 68) – *João Fernandes Vieira, SÔBRE todos, é um herói digno da admiração e reconhecimento de nós outros brasileiros* (Lisboa V. P. A. V. 95) – *a prerrogativa, SÔBRE tôdas, majestática do poder, está em gerar milhões* (Rui C. de I. 325).

Idêntica função pode ser desempenhada pela preposição ENTRE:

Que homem aí há, verdadeiramente tal que se não ensoberbeça de pertencer à espécie capaz de gerar essa fôrça, ENTRE tôdas, sincera, fecunda e criadora? (Rui G. G. 100).

b) Contração das Preposições**478** – EM O, EM ESTE = no, neste.

A contração da preposição EM com o adjetivo determinativo é facultativa; pode o escritor, em dados casos, achar mais elegante não a fazer.

Já que em si tornou, se pôs novamente a cuidar EM O sonbo (Bernardim M. e M. 87) *não foram* EM ESTA hora, *menores os sentimentos interiores* (T. de Jesus T. de J. I-33) *as forças dos príncipes não estavam nas pedras preciosas e elefantes da Índia, senão* EM A temperança da vida (J. Barros Pan. 196) – *EM ÊSTE assalto perdemos sete soldados* (Jacinto V. D. J. C. 123) *confesso-vos que estranhei, vendome* EM AQUELAS alturas (F. M. Melo A. D. 18) – *entrou esta capitania, por sucessão feminina, EM* A grande casa dos marqueses de Cascais (Pita H. A. P. 50) *êste foi o fim desta contenda travada...* EM O segundo de março de 1653 (A. Barros V. A. P. A. V. I-98) – *ao pintor naturalista... se deparam* EM A NATUREZA... *os quadrozinhos da vida individual* (Latino A. e N. 153) *era que* EM ÊLES ambos *surgira uma idéia idêntica* (Herculano E. P. 110) – *o que se observa realmente* EM O nosso cenário... (Laudelino N. e P. IV-I49) EM O Novo Testamento *continua a doutrina da intercessão dos santos* (Laet H. P. 4).

479 – Contração de “POR” com o pronome oblíquo.

A contração da preposição POR não se dá somente com o artigo, senão também com o pronome oblíquo O, A, OS, AS: *fiz isto PELO não contrariar, isto é, por não o contrariar.*

Nápoles onde os fados se mostraram, fazendo-a a várias gentes subjugada, PELA ilustrar no fim de tantos anos (Camões L. c. IV.º e. 61) *grandíssima clemência de V. Alteza aceitar a governança dêle PELO salvar* (J. Barros Pan. 188) *não vês tu que por isso o leio coberto, PELO tu não sabes?* (Couto S. P. 9) – *jamais me untou as rodas, PELAS juntar ao carro de seu proveito* (F. M. Melo A. D. 5) *furiosas, arremeteram à balança... TRABALHANDO PELA fazer descer* (Vieira S. XI-12) – *pôsto que D. Gaspar de Gusmão... procurasse diminuir o conceito delas PELO não divertir das branduras do ócio* (Pita H. A. P. 105) *se os padres, PELOS contentar, respondessem...* (A. Barros V. A. P. A. V. I-86) *mas eu, PELO não confundir com o “Homem de ferro”... lbe mudei o nome* (Filinto O. C. X-I86) – *Júlia revia-se nela e eu acabei PELA adorar* (Garrett V. M. T. II-I56) *não pudera fazer grandes progressos, PELO não ajudar a memória* (Lisboa V. P. A. V. 6) *por esta regra prosperamos e PELA despreçar, havemos de cair* (Rebelo M. D. J. I-I86) *tenbo... alguns meios internos para ser útil... forcejo PELO ser* (Castilho F. pela A. 201) – *já o aduzido... bastava para lbe evidenciar o engano; PELO fazer mais claro, porém, lbe adicionarei novos excertos do grande cronista* (Rui R. n.º 52 pg. 29) *elidiu-se a preposição de “como”, PELA não exigir a clareza* (M. Barreto N. E. L. P. 81) *não lbe louvo o mau gosto que, PELO ser, não merece louvado de pessoa nenhuma* (Sá Nunes A. L. N. I-208) *apega-se o Sr. Xavier Marques a esta suposição de que estou a forcejar PELO demover* (Laudelino N. e P. III-I25).

480 – POR O.

Não é, porém, obrigatória a contração mencionada no número precedente.

POR OS *espantar, lbes mandou atirar com dous berços* (Castanheda H. do D. I-I3) e POR O *não acabar, não é bem que seja cálamo aromático* (Orta C. S. D. I. I-I45)... *dando graças a Deus e aos portugueses, POR O restituirem à posse do seu reino* (Lucena A. P. I-215) – *só do irmão era estorvado*

POR O *ver do perigo estar tão perto* (R. Lobo C. de P. 39v) – *Martim Afonso deu-lhe o nome de “Rio de Janeiro”* POR A *ter descoberto no primeiro dêste mês* (Gaspar M. H. C. S. V. II6) – *para Maria, nada ficava que fazer senão... rezar pelas próprias contas dela que, por serem dela, tanto como* POR AS *ter benzido o Capelão da quinta dos Álamos, deviam de ter muito mais virtude* (Castilho M. U. M. 247) – *afligia-se* POR OS *não poder consolar, nem valer* (Silvério V. D. V. 18) *acabaram* POR OS *incorporar na substância viva e genuína da nossa linguagem* (Rui R. n.º 466 pg. 199).

481 – Inversão na contração.

Um caso original de ordem inversa na contração, ditado pela eufonia, dá-se em frases como estas: *o de que duvido é de que comecemos, o em que não possa consentir é que deite fogo à casa*, em que a preposição passa para antes do pronome demonstrativo: DO *que duvido é de que comecemos* (Herculano) NO *que não posso consentir é que deita fogo à casa* (Laet).

Êstes são AOS *que ela falta* (Couto S. P. 60) – *quero ver agora* NO *que dá a sua grande candidatura* (Lisboa O. C. I-181) DO *que duvido é de que comecemos* (Herculano L. e N. I-236) *eu*, NO *que penso, é em converter o meu leitor à religião da verdade* (Camilo R. H. R. 134) *foi justamente* DO *que não cuidou* (M. Assis M. e L. 26) – *com a França de onde tudo nos vem, bem poderíamos aprender* NO *que acabam as forças de patriotas, em tempos de demagogia* (Rui D. e C. 477) *não sabe* DO *que se livrou* (Cândido M. S. 75) DO *que bem me lembro é de que, quando chegou a vez de Pedro Lessa pronunciar-se, o fêz naquelas palavras* (Laudelino N. e P. IV-212) NO *que não posso consentir é que deite fogo à casa* (Laet H. P. 123).

VII – CONJUNÇÃO

a) A Conjunção “Que”

482 – Largo é o uso da conjunção QUE. Além do seu emprego mais comum como integrante (*sei QUE morrerai*), comparativa (*és mais sábio QUE Pedro*) e consecutiva (*foi tal a dor, QUE ele desmaiou*), pode ser copulativa na expressão QUE NÃO equivalente a *e não*; alternativa QUE... QUE em lugar de *ou... ou*; causal em vez de *porque*, final substituindo *para que*; concessiva no sentido de *ainda que, mesmo que*.

483 – “QUE” copulativo.

Êsses, Senhor meu, são os que arreceio, QUE não os velhos (Sá Miranda O. C. II-131) *maravilha feita de Deus QUE não de humano braço* (Camões L. c. VIII.º e 24) – *assim é a virtude, assim a nobreza que dela procedem, cujo símbolo no ouro e seus compostos se verifica, QUE não nos de “quis” vel “quid”* (F. M. Melo A. D. 83) – *de gratidão, QUE não da pena, brotaram minbas lágrimas* (Filinto

O. C. IX-396) – *êle seria hoje exemplo e modêlo, QUE não escândalo à Europa* (Garrett P. B. E. 166) *devera o amor chorar sôbre o teu seio, QUE não grinaldas fúnebres tecer-te* (G. Dias P. II-24) *esta nova crença tinha de destruir, QUE não de modificar tôdas as idéias religiosas* (Herculano C. U. A. 79) – *expressões são estas reforçadas, mas são-no, convém adverti-lo, no ponto de vista etimológico, QUE não no ponto de vista semântico* (M. Barreto N. E. L. P. 229).

484 – “QUE” alternativo.

QUE brilhe no prado flor, QUE fulja no céu estrêla, ainda é ditosa e bela (Garrett F. F. C. 165) *QUE punas, QUE perdoes, êsse crime tem de custar-te filbo* (Herculano L. e N. I-25).

485 – “QUE” causal.

Senhor cavaleiro... dalto sangue e feitos darmas deveis ser, QUE vossas obras o afirmam muito (Bernardim M. e M. 61) *ali perecem alguns dos seus, QUE o ânimo valente perde a virtude contra tanta gente* (Camões L. c. IV.º e. 35) – *não te faças mouro, QUE eu te prometo de te favorecer tôda a vida* (Bernardes N. F. III-10) *tende-me em lugar de mãe, QUE amor e anos há em mim para êsse ofício* (F. M. Melo A. D. 135) – *podes cuidar no mais, QUE o velbo é nosso* (Garção O. P. II-57) *nem também pleiteio antiguidades QUE ser feliz é tudo, ser antigo, pouco* (Filinto O. C. IX-113) – *D. Inigo estava à mesa, mas não podia cear, QUE grandes desmaios lhe vinham ao coração* (Herculano L. e N. II-16) *não vou adiante, QUE a delicadeza me manda calar* (F. Castro P. P. 12) – *nessa pressa recorre Maria Gertrudes ao céu, QUE em suas aflições as almas pias primeiro se lembram do céu que da terra* (Silvério V. D. V. 5) *repartam-no os berdeiros como puderem, QUE a berança não dá para mais* (Cândido M. S. 293).

486 – “QUE” final.

Criarei estas reliquias suas que aqui viste, QUE refrigério sejam da mãe triste (Camões L. c. III.º e. 130) *prendei êste vadio coração, QUE não cuide tanto desatino* (T. de Jesus T. de J. II-35) *deve o prudente governador... tirar os maus costumes, antes que criem raiz, QUE depois não lhe aconteça, como aos físicos na cura dos éticos* (J. Barros Pan 89) – *detém-lhe a vara QUE não saia* (F. M. Melo A. D. 180) *corre por conta dos guardas e rendeiros a defensão dos pastos, vinbas, olivais, coutadas, QUE não as destruam os gados albeios* (Arte 13) – *assim luza a vossa luz diante dos homens, QUE (ut) êles vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai* (Pereira B. S. Mat. cap. V.º v. 16) *por teus preceitos vem firmar-me os passos, QUE não resvalem* (Caldas S. de D. 50) – *pegai nas mãos de uns e de outros, ajuntai-lhas, QUE as tornem a apertar como bons amigos* (Castilho C. A. 47) *custa-me a ter mão na verdade, QUE me não saia da bôca* (T. Vasconcelos P. A. D. 144) *não tenbo remédio senão ir amanbã, QUE não vá o papá dar fé da minha falta* (Camilo R. H. R. 87) *cortar a civilização da Europa, QUE não penetre para além* (Garrett P. B. E. 98).

487 – “QUE” concessivo.

Essa daria eu por agora... e QUE a perdesse da maneira que, pouco há, sonhava... folgaria (Bernardim M. e M. 87) *êste coração... não te deixa dormir e, QUE durmas, os sonbos não te deixam* (Sá Miranda O. C. II-264) *não me veio nada disto ter às mãos e QUE me viera, nisso que me dizeis dos casamentos, também o fizera* (Couto S. P. 67) – *pergunta ao nosso Caminha o que é êsse atrevido, o que vale a sua poesia... mas, QUE seja outra e melhor, não a quero para mim, nem para ti* (M. Assis P. R. 192) *o seu espírito e o seu coração estavam noutra parte e, QUE não estivessem, aqueles não eram ainda os tempos de tentar as abstrações filosóficas* (Rebello C. e L. 216) *cóleras de amantes passam como a nuvem varrida do norte; e, QUE não fôsse assim, seria eu o tufão que a afugentasse* (Herculano B. 80).

b) Locuções Conjuntivas Copulativas

488 – As locuções copulativas *não só... mas também, tanto... como* podem ser substituídas por outras equivalentes, o que permite um uso bem variado da expressão: *assim... como, assim... quanto; assim... que; não só... como; não só... porém sim; não só... que também; não só... senão que; não só... senão também; não só... também.*

489 – ASSIM... COMO.

Aqui tens companheiro, ASSIM nos feitos, COMO no galardão injusto e duro (Camões L. c. X.º e. 23) *traga à memória como guardou aquêlê dia os seus propósitos, ASSIM gerais, COMO particulares* (T. de Jesus T. de J. I-23) – *ASSIM os pregadores, COMO os ouvintes, todos foram salvos com o mesmo instrumento* (Vieira S. XI-44) *ASSIM em casa, COMO pelas ruas, se lhe representavam as pessoas em figura de morte* (Bernardes N. F. II-129) – *o pêso do açúcar, ASSIM branco, COMO mascavado... é diverso nos engenbos* (Pita H. A. P. 9) *atinou também com o segredo de despachar de manhã os negócios, ASSIM gerais, COMO particulares* (Filinto O. C. IX-87) – *infinitamente superior a tudo o que a razão havia produzido, ASSIM pela excelência dos seus preceitos, COMO pela pureza dos seus motivos* (Seixas C. das O. I-23) *nesse dia de punição, esta devia abranger ASSIM os infiéis, COMO os que lhes haviam vendido a pátria* (Herculano E. P. 287) – *o saber de realidade, quanto mais real, mais desconfia, ASSIM do que vai aprendendo, COMO do que elabora* (Rui O. M. 55) *foi esta página apropriadamente lançada para servir de paradigma, ASSIM a escritores lusitanos, COMO a escritores brasileiros* (Laudelino N. e P. IV-19).

490 – ASSIM... QUANTO.

O meio eficaz que sugeria... era o exame de consciência para o qual traçava métodos, ASSIM fáceis, QUANTO seguros (Camilo H. G. M. 131) *a ciência da vida... ASSIM pela sua porção técnica, QUANTO pelo seu lado geral ou filosófico, cai inteira na jurisdição do médico* (F. Castro E. C. 124).

491 – ASSIM... QUE.

São consagrados pelo uso dos melhores escritores, ASSIM antigos, QUE modernos (Sá Nunes A. L. N. I-63) um entre os escritores modernos que merecem citar-se e ler-se ASSIM por sua harmonia, QUE pela correção e pureza lusitana do dizer é, sem dúvida, Camilo Castelo Branco (M. Barreto N. E. L. P. I79).

492 – NÃO SÓ... COMO.

NÃO SÓ a cortejavam, COMO a louvavam (M. Assis P. A. 6) – não teremos nós o direito de reclamar... NÃO SÓ essa economia realizada, COMO a condenação oficial da legitimidade desse regime? (Rui F. P. R. I2).

493 – NÃO SÓ... PORÉM SIM.

...Impedido NÃO SÓ dos anos, PORÉM SIM dos importantes negócios que tinha entre mãos (Pita H. A. P. 97).

494 – NÃO SÓ... QUE TAMBÉM.

Ela respondeu que a magoava a pergunta, sendo êsse NÃO SÓ o dever dela, QUE TAMBÉM a sua mais ardente vontade (Camilo R. H. R. I52).

495 – NÃO SÓ... SENÃO QUE.

NÃO SÓ lho aceitais, SENÃO QUE lhe dais o vosso dinheiro em cima (Vieira S. III-I2) NÃO SÓ não trabalho comendo, SENÃO QUE mal as deixo comer (Bernardes N. F. III-I20) – vós NÃO SÓ me negais êsse alívio, SENÃO QUE ainda, com a vossa mágoa, me dais tormento (Filinto O. C. XI-457) NÃO SOMENTE correrá perigo de que esta nossa profissão venha a ficar em descrédito, SENÃO QUE também o templo da grande Diana será tido em nada (Pereira B. S. Atos cap. XIX v. 27) – NÃO SÓ não enobrece ou eleva o homem... SENÃO QUE o torna inferior e mais desprezível (Seixas C. das O. II-I3) e êle NÃO SÓ me deixa, SENÃO QUE nem me escreve (Castilho F. 217) na pátria NÃO SÓ lhe não aprestam galeões, SENÃO QUE o ameaçam quase com as galés (Latino F. de M. 210) – NÃO SÓ temos o bastante para as nossas necessidades, SENÃO QUE também já podemos remediar as dos nossos amigos (Silvério C. Past. I91) NÃO SÓ a negam, SENÃO QUE, contra todos os estilos, não me concedem a cortesia... da passagem da 1.^a à 2.^a discussão (Rui R. de G. 85) os dois filólogos... NÃO SÓ ensinam... SENÃO QUE o praticam em suas obras (Sá Nunes A. L. N. I-90).

496 – NÃO SÓ... SENÃO TAMBÉM.

NÃO SOMENTE é para estranhar êste desafôro de tua malícia por ser feito a um Menino que é Filho de Deus, SENÃO TAMBÉM por ser feito a um Menino que é Filho de Maria (A. de Sá S. N. S. M. I7) deixava-nos estar excomungados... para que NÃO SÓ os corpos, SENÃO TAMBÉM as almas padecessem

(Arte 96) – NÃO SÓ *no espiritual*, SENÃO TAMBÉM *no temporal* devem as terras do Maranhão à *Religião da Companhia de Jesus, a felicidade de que logram* (A. Barros V. A. P. A. V. I-72) – Cristo mesmo NÃO SÓ *curava as almas*, SENÃO TAMBÉM *os corpos* (Castilho F. pela A. 69) NÃO é SÓ *lucro* o que se pode haver em moeda, SENÃO TAMBÉM *o que traz consideração e louvor* (M. Assis P. A. I69).

497 – NÃO SÓ... TAMBÉM.

Dá tudo o que conduz NÃO SÓ para a sustentação precisa da vida humana, TAMBÉM *para o seu melhor regalo* (Jaboatão N. O. S. B. II-4) NÃO SÓ *nos é preciso constância para sofrer*, TAMBÉM *necessitamos paciência para gozar* (M. Aires R. V. H. I31).

b) Locuções Conjuntivas Concessivas

498 – As conjunções concessivas *ainda que*, *mesmo que*, *conquanto*, *embora*, *se bem que*, *posto que*, além da forma simples *que*, da qual já falamos no n.º 487, possuem ainda outras formas que não são esquecidas por aqueles que estão ao par dos variadíssimos recursos da nossa língua: *apesar de que*; *dado que*; *em que*; *mas que*; *não obstante que*; *suposto que*.

499 – APESAR DE QUE.

O negócio de quem caminha consiste em não parar e ir por diante... por flores de consolação ou por espinhos de tribulação, APESAR DE QUE *picam e magoam* (Chagas C. E. 49) – APESAR DE QUE *vivem nos públicos registros as testemunhas do que afirmo... receio que julgueis a enormidade da minha acusação superior à protérvia do meu adversário* (Latino O. da C. 48).

500 – DADO QUE.

O servo de Deus, DADO QUE *não escapa da morte, ao menos não a teme* (H. Pinto I. V. C. II-II6) *por isto se enganam muitas vèzes*; DADO QUE *por elas acertem melhor que os médicos em suas curas e juízos* (Arrais D. I4) – *cade-lhe bem o nome de monte serrado ou fechado... pela (pola) forma piramidal...* DADO QUE *a razão de lhe chamarem serrado os naturais, procede da abertura que faz no alto* (Sousa V. do A. I-362) – *qualificava-a êle de prédio nobre em razão talvez de que havia nela um pombal*, DADO QUE *danificado já* (Filinto O. C. XI-388) – *é a invenção parte muito principal no mérito do que se escreve; e DADO QUE muito menos obras se hajam salvo do esquecimento pela originalidade do que pelas galas e donaires do estilo, nem por isso decai de sua valia* (Castilho N. do C. 7) *e o zeloso missionário, DADO QUE não pronunciava facilmente a língua portuguesa, pintou com tão vivas côres o ultraje feito a Deus pelo pecado...* (Camilo H. G. M. 21) *há muita ternura naquele gesto e DADO QUE não o houvesse, não se perderia nada* (M. Assis P. A. I31) – *não havia de dar contas a Deus pelos que... desistiam da vocação eclesiástica, DADO QUE a tivessem* (Silvério V. D. V. I69) *submeter-me a ela era pôr-me evidentemente, DADO QUE o mal me viesse de mãos amigas, em risco de provável desastre* (Rui F. B. I2).

501 – EM QUE.

EM QUE *a fortuna não mande, ponho aqui Bruto, o segundo* (Sá Miranda O. C. II-49) *se algum'hora meu cuidado vos der dor, EM QUE pequena, peço-vos... que vos não pese da pena* (Camões T. 80) *muitas vêzes... ouvi nela falar mas, EM QUE ma mostrem de dia, não sei se a conhecerei* (H. Pinto I. V. C. II-277) – *cantamos, EM QUE Bento estava rouco* (R. Lobo P. 120) – EM QUE *nada lhe dissesse, muitas coisas lhe pedia* (G. Dias P. II-264) – *mas, EM QUE se não infrinja a lei gramatical, há todavia uma divergência na maneira de enunciar a ação do verbo* (Rui R. n.º 318 pg. 151) *mas, EM QUE João Ribeiro confirmasse o seu parecer, não creio que seja francesia* (Sá Nunes A. L. N. I-159).

502 – MAS QUE.

A melhor festa que tivestes... foi não vos aparecer lá alguma lembrança minha, MAS QUE fôsse vestida em trajos de cumprimento (F. M. Melo C. F. 37) *a paixão com o tempo se irá moderando e, tanto mais depressa, quantos mais atos contrários fizeres, dizendo, MAS QUE seja à fôrça, que amais a êsse próximo como a vós mesmo* (Bernardes P. E. 288) – *como não tinha naquela mísera terra quem lhe desse poderoso remédio, por isso determinou buscar-lho, MAS QUE fôsse por baixo das ondas* (A. Barros V. A. P. A. V. I-114) – *como houvera, o pequeno poder dos exércitos do meio-dia, de resistir às fôrças colossais de todo êste norte? exército por exército era impossível, MAS QUE fôramos nós gigantes, pigmeus êles* (Garrett P. B. E. 67) *chefe estulto dum povo de bravos, MAS QUE os piagas vitórias te fadem, hão de, os teus miserandos escravos, tais triunfos, um dia chorar* (G. Dias P. II-103) *agora razão é que da autora se dê alguma notícia a minhas leitoras, MAS QUE leve seja e por alto* (Castilho N. do C. 206) *hei de achá-lo, MAS QUE haja de descer vestido e calçado, em busca dêle, aos infernos* (Rebelo C. dos F. 77) *são, contudo, MAS QUE dêbeis e tristes, no concêrto da orquestra universal, sentidas notas* (M. Assis A. 45) – *não se pode, de forma alguma, assistir a sessões espíritas, MAS QUE fôsse por simples curiosidade* (Silvério C. Past. 188) *a eclipse não o assustou, MAS QUE falasse ao povo e não se descuidasse jamais da clareza* (Rui R. n.º 284 pg. 146) *entremos, MAS QUE seja de fugida, no campo dessa ciência* (M. Barreto N. E. L. P. 207) *e Portugal é tão lindo! MAS QUE fôra feio, o mesmo carinho lhe devíamos* (Antero J. em P. II) *o apontar a alguém uma falta, MAS QUE seja devida a lapso de atenção... é fazer-lhe assacadilha...!* (E. C. Ribeiro Tr. pg. XVI).

503 – NÃO OBSTANTE QUE.

NÃO OBSTANTE QUE *seus milagres e obras santíssimas testemunhavam quem êle era, contudo a inveja e malícia os cegava* (Bernardes P. P. P. 53) – *vivem com largueza de costumes, NÃO OBSTANTE QUE por razão do estado, devem ser mais perfeitos* (Sacramento V. H. P. II4) – *o grande Camilo não ignorava a existência daquele galicismo e NÃO OBSTANTE QUE o censurou o eminente escritor, quem folhear os seus romances, nêles encontrará, repetidas vêzes, a palavra “fortuna” na acepção a que a estenderam os franceses* (M. Barreto N. E. L. P. 253).

504 – SUPOSTO QUE.

Perguntou-lhe se tinha quebrado as tréguas; disse o homem: Não, SUPOSTO QUE me custou muito (Bernardes P. E. 197) – *SUPOSTO QUE tinham nesta vila uma residência os Padres Jesuítas... ainda não haviam, até êste tempo, dado princípio à conversão do gentio* (Jaboatão N. O. S. B. II-41) *eu, SUPOSTO QUE como tentador a persuadi para as culpas, não a violencei para cometer pecados* (Sacramento V. H. P. 72) – *nomeio-vos êste autor que, SUPOSTO QUE seja português, deve todavia pertencer à literatura da língua em que escreveu* (Sotero C. L. P. B. I-41) – *SUPOSTO QUE a culpa merecia mais compaixão do que castigo, resolveram aterrâ-lo com ameaças* (Silvério V. D. V. 7).

c) Locuções Conjuntivas Conclusivas

505 – As locuções conjuntivas conclusivas *de modo que, de maneira que, de sorte que* (equivalentes a *portanto*) podem ser substituídas por: *assim que; de feição que; de guisa que; por maneira que; por modo que; por forma que.*

506 – ASSIM QUE.

Pândaro o chamou que se recolhesse, que Dramusiando o chamava; ASSIM QUE, não teve tempo para mais que para dizer-lhe que se ia à sua prisão (F. Morais P. de I. 22) *não menos têm mostrado esforço e manha; ASSIM QUE, nunca enfim com lança estranha se têm, que por vencidos se conheçam* (Camões L. c. VII.º e. 71) – *cansa o estilo, atrevimento e arte que comete louvar sua grandeza; ASSIM QUE, em tais louvores imagino igual a obrigação e o desatino* (R. Lobo P. 20) *esta fonte corre mais claro do que entrou na avença; ASSIM QUE, os príncipes não devem malbaratar suas demonstrações* (F. M. Melo A. D. I48) *eu hei de ser mouro; ASSIM QUE, vos escusais de cansar com quem teve a ventura de ver a Mafoma e de obedecer-lhe* (Bernardes N. F. III-11) – *o pecado, tomando ocasião do mandamento, me enganou e me matou pelo mesmo mandamento; ASSIM QUE, a lei é, na verdade, santa* (Pereira B. S. Rom. cap. VII.º v. 12) *como acabaria ela consigo suportar a vista dum monstro? ASSIM QUE, remeteu a prazo mais favorável o reconciliar-se comigo* (Filinto O. C. X-223) – *nunca se tinha visto que os portugueses, entrando em Castela, fizessem cousa considerável, nem que os castelhanos entrassem em Portugal que não fôsem vencidos e desbaratados; ASSIM QUE, o dinheiro que se havia de gastar e consumir em exércitos invasores se applicasse antes à fortificação das praças principais* (Lisboa V. P. A. V. 36) *ao injusto, por sua vez, tudo lhe sucede à maravilha; ASSIM QUE, é mais conducente à felicidade o ofender que o venerar o direito e a justiça* (Latino O. da C. intr. CCIV) *bem como o ferro, na frágua; no sofrer a alma se apura; ASSIM QUE, disse eu comigo que a triaga também cura* (G. Dias P. II-243) – *ASSIM QUE, não me ides ouvir de longe* (Rui O. M. I2) *ASSIM QUE, disse Azurara* (E. C. Ribeiro Tr. 768) *de ordinário se constrói o verbo “incurrer” com a preposição “em” ASSIM QUE, pululam exemplos como êstes* (Sá Nunes L. V. 45).

507 – DE FEIÇÃO QUE.

Assim o fiz e amuei-me, DE FEIÇÃO QUE, nas 24 horas do dia, minha bôca se não despregava (F. M. Melo A. D. II) afirmava que tudo era nêle em supremo grau: a virtude, letras, zêlo, observância religiosa... DE FEIÇÃO QUE não havia poder-se discernir em qual se esmerava mais (Sousa V. do A. I-298) – deu-lhes um poder sem limites, DE FEIÇÃO QUE se milhões de vêzes um pecador se chegar ao tribunal da Penitência bem disposto, milhões de vêzes encontrará nêle a absolvição (Silvério C. Past. 56) ocupavam o primeiro plano na hierarquia literária pela clareza, precisão, pureza e elegância... DE FEIÇÃO QUE eram os verdadeiros guias e exemplares do bom dizer (E. C. Ribeiro P. L. E. 68).

508 – DE GUISA QUE.

Parece homem de Deus, DE GUISA QUE, a la fé, de todos os seus momos êste último é o que mais me faz rir (Herculano M. de C. I-158).

509 – POR MANEIRA QUE.

Foi primeiro cuidado de D. Jorge levá-lo para a fortaleza, POR MANEIRA QUE a felicidade real andava junta com viver encarcerado quem tinha o nome de rei (Sousa A. D. J. II-108) – o tráfico eleitoral de compra e venda não se introduziu senão largo tempo depois... POR MANEIRA QUE nunca se pôde saber ao certo qual o romano que abriu o exemplo de corromper o povo e os magistrados (Lisboa O. C. I-40) o miserável... acabou a vida despedaçado de dores, POR MANEIRA QUE seus próprios parentes reconheceram nêle a vingança divina (Camilo H. G. M. 27) POR MANEIRA QUE a nova descoberta pouca sensação fêz (Garrett P. B. E. 49).

510 – POR MODO QUE, POR FORMA QUE.

Cada uma destas palavras era dita com grandes intervalos uma da outra e crescendo progressivamente de tom, POR MODO QUE a última já se devia de ouvir sem dificuldade (Garrett Arc. de S. II) ocorrera no lugar coisa que a obrigou a aparelhar a égua e ir-se em cata dêle; POR MODO QUE o zêlo do serviço era uma das razões que a traziam (Castilho M. U. M. 108) e de feito Malagrida era eminentemente orador... POR MODO QUE o ouvi-lo era prazer insaciável (Camilo H. G. M. 90) há modificações lentas, sucessivas, POR MODO QUE, ao cabo de um século, já a droga... não cura (M. Assis Sem. 103) – ensina-nos o autor que temos muitas consoantes compostas que não influem na pronúncia, mas que conservam a etimologia, POR FORMA QUE as respectivas palavras, se não tivessem tais consoantes, perderiam o vestígio da sua procedência (Cândido P. de L. I-244).

d) Formas Equivalentes para Variar**511 – AGORA... AGORA = ORA... ORA.**

AGORA lbe pergunta pelas gentes de tôda a Hispéria última onde mora; AGORA pelos povos vizinhos; AGORA pelos úmidos caminhos (Camões L. c. II.º e. 108) – tais eram as mostras que o Arcebispo tinha dado de suas letras e juntamente do seu zêlo... AGORA propondo e apontando como sábio, AGORA votando

com liberdade de varão apostólico... AGORA praticando e definindo como douto e resoluto mestre (Sousa V. do A. I-256) *AGORA era jantar, AGORA ceia* (F. M. Melo A. D. 99) — *como que o vemos... vertendo AGORA os chuviros precipitados que inundam; AGORA o sereno rocio que resplandece por cima da verdura* (Castilho C. A. 75) *AGORA a dança, AGORA alegres vinbos, três dias há que de inimigos povos esquecidos os trazem* (M. Assis A. 191) — *sem cessar de dar vozes, AGORA por cartas de adesão e animação aos bispos perseguidos, AGORA com pastorais a suas ovelhas* (Silvério V. D. V. 210).

512 – ASSIM COMO = ASSIM QUE.

ASSIM COMO me dava o faro que algum bacharel impertinente estava marcando horas para dar assalto em casa do Regedor ou Presidente do Paço, sabeis o que fazia? (F. M. Melo A. D. 201) *chegou, pois, o santo e tirou um bicho; mas, ASSIM COMO o pôs na palma da mão, se lhe converteu em uma formosíssima pérola* (Bernardes N. F. III-3) — *ASSIM COMO chegou à Babia, tratou da fortificação da cidade* (Pita H. A. P. I 17) — *porém Giraldo... ainda os não desamparou; ASSIM COMO houve a cidade às mãos, despachou embaixador a D. Afonso* (Castilho Q. H. P. II-139).

513 – COMO = QUANDO.

COMO a luz crástica chegada ao mundo fôr, em minbas almadias eu irei visitar a forte armada (Camões L. c. II.º e. 88) *mantinha-se usança que tôdas as donzelas filbas dalgo, COMO eram em idade para isso, se levavam à côrte da rainha* (Bernardim M. e M. 122) *outros muitos modos por onde Deus leva as almas, COMO chega a sua hora* (T. de Jesus T. de J. I-9) — *respondeu o mancebo que, COMO ficassem sós, então lho diria* (Vieira S. XI-66) — *COMO ela assomava já aos seus 16 anos e trazia eu na idéia dar-lhe marido competente ao dote que lhe eu preparara, chegou meu filbo do seu regimento* (Filinto O. C. X-26) — *e Tupã, de benigno, os influi sempre, em vésperas de batalbas, COMO as chuvas descem, quando a terra humores pede ou COMO em razão própria brotam flores* (G. Dias P. II-187) *COMO houver acabado cada uma de suas leituras, corra a se purificar nas fontes vivas e copiosas dos nossos clássicos* (Castilho N. do C. 204) — *COMO chegaram ao arraial de Chapéu de Uvas, receberam letras do Governador do Bispado* (Silvério V. D. V. 26).

514 – COMO QUE = COMO SE.

Para me magoar busco ainda desaventuras albeias, COMO QUE as minbas não abastassem (Bernardim M. e M. 14)... *COMO QUE não víssemos por aqui moças sisudas e velbas doudas que farte* (Sá Miranda O. C. II-153) *nem há aí razão para dizerdes que os olhos são o coração donde procedem tôdas as veias da filosofia, COMO QUE sem êles não pudéssemos filosofar* (H. Pinto I. V. C. I-31) — *COMO QUE em ti meu coração ficasse, tu viras com horror, de Adolfo a audácia, o prejuízo de Inez, de Orlando a insânia* (Castilho N. do C. 88).

515 – EM TANTA MANEIRA... QUE = de tal modo... que.

EM TANTA MANEIRA alcançara, o grande mestre, o aprêço do orgulhoso macedônio, QUE daí veio a originar-se a tradição... de que o filbo de Filipe defendera por decreto, que algum outro escultor o retratasse

(Latino E. C. I23) – e esta é EMTANTA MANEIRA ponderável, QUE a crítica positiva... só conseguiu até hoje estabelecer um único princípio irrefragável (Silva Ramos P. V. F. 191).

516 – ENTRETANTO QUE = enquanto, ao passo que, ao mesmo tempo que.

ENTRETANTO QUE *aquela nobre cidade esteve em pé, sempre tinha novas* (Sá Miranda O. C. II-I72) ENTRETANTO QUE *se estas práticas passavam... atiravam muitas bombardadas* (D. Góis C. D. E. 86) – ENTRETANTO QUE *nos não vemos, me encomende V. Reverência muito a Deus* (Chagas C. E. I09) *os mouros pediram Ceuta com o infante por reféns, ENTRETANTO QUE se não entregava* (Bernardes N. F. III-97) – ENTRETANTO QUE *os índios iam à fábrica das igrejas em suas brenbas, passou o Padre Antônio Vieira às partes do Pará* (A. Barros V. A. P. A. V. I-212) *um doirado no anzol está pendente, sofre morte tirana; ENTRETANTO QUE a sente, ao tombadilho açouta a cauda e a barbatana* (Gonzaga M. de D. I79) – e por que é que a serenidade está na face do artista, ENTRETANTO QUE *os cuidados arrugam sempre a fronte do homem rico?* (Camilo R. do P. 69) *nem por isso ambicioso algum cuidou ainda de perpetuar-se no poder; ENTRETANTO QUE a última constituição francesa, porque proibia expressamente que o presidente pudesse ser reeleito... foi por isso rasgada pelo presidente* (Lisboa O. C. I-I41) – o trono cometeu esta insuportável infração das normas constitucionais... ENTRETANTO QUE *o nome de Teófilo Otôni, quase idolatrado pelo país inteiro, tinha sido, por cinco vezes, submetido... à escolha imperial* (Rui D. e C. 49).

517 – MAL QUE = logo que.

MAL QUE *ligeiros do ferro pelas minas se escoaram, fogem súbitamente* (Bocage P. VI-27) *afervorou, MAL QUE voltou, minha partida* (Filinto O. C. XI-392) – *embruxado vinha; sou eu que vo-lo digo; na cara lbo conheci, MAL QUE entrou* (Garrett Arc. de S. I62) MAL QUE *se viu livre, tornou êle à tribuna* (Lisboa O. C. I-61) MAL QUE *um instante a inspiração deixa de nos favorecer ou descansamos no remo, em vez de contrastar e subir a corrente, com ela descemos precipitados* (Castilho N. do C. 203) *aos peitos esta cinge, para salvar-te, imortal banda; ao negro ponto, às praias MAL QUE atinjas, virando as costas, para trás a arrojes* (O. Mendes Od. I. V.º v. 255).

518 – NEM = ou.

É digno de nota o uso facultativo de NEM em vez de *ou* em frases que logicamente são negativas, embora gramaticalmente não o sejam. Assim, em vez de dizer: *Que excelência pode haver ou imaginar-se que seja maior do que esta?* Vieira disse: *Que excelência pode haver, NEM imaginar-se que seja maior do que esta?* A frase equivale a: Não pode haver, nem imaginar-se excelência que seja maior do que esta.

Para que é a liberdade NEM alvedrio, se o tenbo tão mal empregado que com êle vos não busco? (T. de Jesus T. de J. I-I19) *chegados à vista do Tolo, primeiro que pusessem os pés, NEM a proa em terra... mandaram os portugueses, por fiéis mensageiros, dizer aos revéis que êles eram ali vindos com aquela arma-*

da, mais com zelo e desejos de os salvar que de os castigar (Lucena A. P. II-114) — antes de poderem os nossos fazer volta NEM valer-se darmas, foram mortos (Sousa A. D. J. I-153) que excelência pode haver, NEM imaginar-se que seja maior do que esta? (Vieira S. XI-6) pouco te importa a ti, NEM a mim, saber de Salomão se se salvou (Bernardes N. F. I-105) — raras vêzes somos generosos só pela generosidade, NEM valerosos só pelo valor (M. Aires R. V. H. 84) — onde há cárcere, NEM masmorra que chegue à miséria de querer falar e não ver a quem? (Castilho C. A. 108) como acabar, porém, o nosso Rubião, NEM o cachorro, se ambos haviam partido para Barbacena? (M. Assis Q. B. 405) antes de haver sofistas, NEM retores, já existem iluminados cidadãos (Latino O. da C. intr. CDII) era pouco para arrostar em fortificações, NEM meios sólidos de resistência, o valor disciplinado dos soldados do exército da Gironda (Rebelo C. dos F. 310).

519 — PORQUE = para que.

À casa santa passa o santo Henrique, PORQUE o tronco dos reis se santifique (Camões L. c. VIII.º e. 9) tomastes meus trabalhos às costas, PORQUE nêles vos achasse companheiro (T. de Jesus T. de J. I-142) têm alguns que as repúblicas e cidades se devem fundar em lugares estériles, PORQUE todos trabalhem e fujam à ociosidade (J. Barros Pan. 100) — vão distribuídas por lugares comuns do abecedário, PORQUE a miscelânea não prejudicasse à boa obra (Bernardes N. F. I-5) — fêz desfilar as tropas pelo plano, PORQUE visse o espanhol, em campo largo, a nobre gente e as armas que trazia (Basílio O. P. 96) foi preciso, PORQUE Zadig montasse, segurá-lo (Filinto O. C. IX-96) — ao vosso aposento, real senhor, PORQUE tomeis alguma refeição (Herculano L. e N. I-250) se não as afogava eu, as sepultava em apertada clausura PORQUE não fôsem praga dos jornais (Latino F. de M. 69) — trataram de eleger seus superiores, PORQUE a corporação não viesse a perecer de todo (Silvério V. D. V. 44) ei-la que volve, trazendo, PORQUE ninguém a reconheça, no rosto do papel onde se renova, a expressão da mesma calúnia (Rui R. n.º 32 pg. 21).

520 — SENÃO = mas (em contraposição com orações negativas).

O seu pescar não é com rêdes, SENÃO com cabaços (D. Góis C. D. E. 137) ninguém ama o que deve, SENÃO o que sòmente mal deseja (Camões L. c. IX.º e. 29) nós não nascemos para conhecer o sol, SENÃO para conhecer a Deus (H. Pinto I. V. C. I-35) — não é Isidoro nem Marco Várro o autor desta funesta etimologia, SENÃO a própria natureza (Vieira S. VII-79) não é mais rico o que mais tem, SENÃO o que menos há mister (Bernardes N. F. II-276) — nem agora quiseram chegar êstes da tropa, SENÃO só os valorosos aventureiros da milícia de Cristo (A. Barros V. A. P. A. V. I-200) não havia dito que se guardassem do fermento dos pães, SENÃO da doutrina dos fariseus e saduceus (Pereira B. S. Mat. cap. XVI v. 12) — disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do ocidente, SENÃO a nossa terra (Garrett V. M. T. I-64) o céu se deixa contemplar já não como paragem de vidas futuras, SENÃO como estrelado envoltório dêste globo (Camilo A. de S. 110) — não se ordenara para fazer companhia aos parentes, senão para servir a Igreja (Silvério V. D. V. 165) mas eu não sou um especialista, SENÃO um pobre estudante de catecismo (Laet H. P. 50).

❧ SEGUNDA PARTE:
Genuinidade

CAPÍTULO VII

ESTRANGEIRISMOS

521 – A riqueza verbal usada pelos bons escritores não é anárquica, nem desordenada.

Há vocábulos que, usados embora com a maior naturalidade por muita gente, merecem a repulsa dos autores corretos, por serem intrusos estrangeirismos, infensos ao gênio da língua, deturpadores do idioma vernáculo. Por outro lado, nem todas as palavras de origem estrangeira são rejeitadas dos zelosos cultores da nossa língua; desde os primórdios desta, as outras línguas lhe hão ministrado vocábulos que se integram no léxico e se naturalizam, passando-nos a enriquecer o vocabulário.

Assim que, a questão dos estrangeirismos é, por vezes, bem árdua e delicada. Há estrangeirismos viciosos e há estrangeirismos naturalizados, e quando não é evidente a viciosidade ou a naturalização de um estrangeirismo, há margem para indecisões e controvérsias que nada é melhor que o exemplo dos clássicos, ciosos igualmente da riqueza e da genuinidade do vocabulário, possuidores num alto grau do faro vernáculo, nada é mais apto que o seu exemplo (quando pode ele ser invocado) para dirimir e resolver.

Temos, antes de tudo, que distinguir quatro grupos diversos de estrangeirismos.

522 – I.º grupo. Uns são necessários e naturalizáveis ao mesmo tempo.

Necessários, porque não existe na língua uma palavra que possa exprimir cabalmente a ideia, sendo preciso usar de incômodos circunlóquios ou de termos pouco expressivos, se não se quiser admitir o termo estrangeiro. Naturalizáveis, porque trazem consigo a boa fortuna de se adaptarem às flexões do nosso idioma, sem perderem a semelhança com a forma primitiva:

Agiotagem, camuflagem, chantagem, maquilagem, paisagem, boné, bidé, cabaré, cabriolé, chaminé, croché, avião, carrilhão, cotilhão, craião, cupão, gim, pasquim, pudim, talharim, trampolim, zepelim, guilbotina, limusina, sonatina, usina, boicotar, derrapar, macadamizar, diletante, restaurante, absenteísmo, humorismo, turismo, etc., etc.

Tais palavras, em que sejam de origem estrangeira, não há purista, por exagerado que seja, que se negue a admiti-las; de mais a mais, a necessidade não conhece lei; elas se acomodam muito bem ao comum das nossas palavras e não destoam pela feição peregrina.

523 – 2.º grupo. Outros estrangeirismos são necessários, porém não adaptados. Não têm correspondente no idioma e além disto a sua forma não se presta a uma feição vernácula:

Bridge, deficit, dumping, flamboyant, footing, fuehrer, habeas corpus, hors-d'œuvre, lock-out, rally-paper, shakespeareano, smoking, shunt, warrant, etc. Palavras deste gênero são a dor de cabeça, a espinha de garganta dos puristas. Aí é que se mostra a necessidade da intervenção de uma autoridade na língua. Se tivéssemos (infelizmente não temos) uma autoridade prestigiosa e com voz ditatorial de mando, encarregada de velar pela pureza do idioma, como seria, p. ex., a Academia de Letras, ela, auxiliada pela imprensa e o rádio que tão depressa põem em uso os vocábulos no seio do povo, poderia impor desde logo a substituição de certos termos estrangeiros por outros de feição nacional. Contudo haveria de proceder com muita moderação e cautela, para evitar a fabricação em massa de termos antipáticos ou pedantescos.

O que é certo é que a tentativa particular de certos filólogos, apresentando neologismos para substituir os estrangeirismos mais refratários à nacionalização, nem sempre tem dado grande resultado, como, p. ex., não deu o esforço do ilustre latinista Dr. Domingos de Castro Lopes. Note-se, porém, que a ele coube, quase sempre, a culpa deste fracasso: em vez de propor termos fáceis e singelos, se saía com vocábulos duros e pesados que não podiam, de forma alguma, granjear a popularidade. Queria que se dissesse não *reclame*, mas PRECONÍCIO; em vez de *avalanche*, RUNIMOL; em lugar de *nuance*, AN-CENÚBIO. Mandava substituir *carnet* por CORIBEL, *repórter* por ALVISSAREIRO; *abat-jour* por LUCIVEL; *claque* por VENAPLAUSO. Chamava o *golpe de Estado*, LEGICÍDIO SOCIAL. E assim por diante. Por vezes o simples aportuguesamento do estrangeirismo dava uma palavra de feição mais vernácula do que o termo por ele proposto. Assim, neologismo por neologismo, era mais simples dizer *drenagem* do que HAURINXUGO ou HAURICANULAÇÃO; e *turista* parece mais nosso do que o LUDAMBULO, que ele propunha. Entretanto alguma coisa pegou. Sua substituição de *ouverture* por PROTOFONIA foi uma proposta bem-sucedida. Também propôs ele o termo CARDÁPIO para substituir o *menu* que a palavra *ementa* não substitui perfeitamente, por mais vaga e genérica. E o CARDÁPIO deu sorte, agradou, vulgou-se amplamente, pelo menos no Brasil. Certo influiu bastante em ambos os casos, a ausência, em nossa língua, de fonema correspondente ao U francês. Porém, mesmo sem esta circunstância favorável, CONVESCOTE agradou ao público e à imprensa, se bem não lograsse eliminar o *piquenique*.

Felizmente, que com o decorrer dos tempos, vão aparecendo substitutivos para certos termos estrangeiros. E a imprensa que tanto mal tem feito à língua, nesta matéria de estrangeirismos, muitas vezes também lhe faz muito bem, quando toma a peito divulgar palavras de cunho vernáculo em substituição às palavras vindas de fora. Foi o que se

deu, p. ex., com todos os termos do futebol: GUARDIÃO ou ARQUEIRO, TENTO, META, ZAGUEIRO, DIANTEIRO, ESCANTEIO, ÁRBITRO, BANDEIRINHA, FINTAR, PELOTAÇO, IMPEDIMENTO, etc.

Substituiu-se o termo *speaker* com o louvável neologismo: LOCUTOR, tirado do latim LOCUTOR ORIS e mui bem admissível, pois já possuímos *interlocutor*, *alocução*, *elocução*, *locutório*. Em vez de *chauffeur*, os jornais já usam MOTORISTA, AUTOMOBILISTA; em lugar de *boxeur*, PUGILISTA.

Logo que se puseram a efetuar as experiências de entenebrar a cidade, para ensaios de defesa antiaérea, começaram a falar, em vez de *black-out*, no ESCURECIMENTO, no APAGA-LUZES.

E a propósito de nacionalização de palavras exóticas, seja-nos lícito fazer uma observação. Muitas vezes, o povo rude, simples e ingênuo, percebendo mal a palavra estrangeira e não sabendo reproduzi-la fielmente, se mostra muito mais feliz no seu aportuguesamento do que a gente mais culta, que é mais ciosa de se não mostrar imperita no meneio de uma língua estranha. É assim que o povo fez de *sleeper* (dormente) CHULIPA; de *shoo-maker* (sapateiro) CHUMECO; transformou o latim *vade mecum* em BADAMECO, o francês *l'aube* em LOBA, outra vez o inglês *piss-pot* em BISPOTE, como também *pilot-boat* em PALHABOTE, *arrow-root* em ARARUTA. É assim que *manneken* (homenzinho) do germânico deu MANEQUIM; e agora recentemente no jogo do bilhar *snooker* deu muito naturalmente SINUCA. De *rosa Paul Neyron*, fizeram os jardineiros ROSA PALMEIRÃO.

Eis aí o que reputamos o tipo ideal de derivação estrangeira: há semelhança com o termo de origem mas não é muita, pois a palavra recebeu, na grafia ou na pronúncia, uns tons tão fortes de feição vernácula, que já traz bem velada a sua procedência.

524 – 3.º grupo. Outros se adaptam bem ao vernáculo, mas não são necessários. Às vezes, as palavras estrangeiras que recebem forma vernácula já encontram equivalentes na nossa língua. A teoria deveria condená-las como peregrinismos desnecessários. Mas na prática, muitas vezes, o escritor necessita de sinônimos para desmonotonizar o estilo, e o uso contínuo, geral, insistente destes termos que não destoam, pela forma, das palavras vernáculas, apesar dos protestos dos puristas, se impõe e as consagra e naturaliza. A palavra assim se faz de casa, passa a ser empregada até pelos escritores mais ciosos da genuinidade da linguagem e deixa de ser estrangeirismo vicioso para se tornar legítima palavra nossa derivada de uma língua estrangeira.

Assim temos VÍVERES, usado desde o século XVII, quando o vernáculo já possuía *vitualbas*, *mantimentos*, *comestíveis*; ATAQUE, ao lado de *insulto*; BANAL, sinônimo de *vulgar*, *trivial*, *comezinho*, *corriqueiro*; DESCOBERTA, quando já tínhamos *descobrimento*; EMOÇÃO, equivalente a *comoção*, *abalo*, etc., etc.

É quanto ao uso principalmente dos estrangeirismos deste 3.º grupo que se nota a divergência entre duas escolas filológicas: o purismo rigoroso e o purismo mitigado. Quanto aos do 1.º, todos estão de acordo: se a palavra estrangeira é necessária e se adapta bem à natureza da nossa língua, não há rejeitá-la. Quanto aos do 2.º, também: enquanto não se acha uma palavra nossa que substitua aquela que tem feição claramente estrangeira, não há outro jeito senão ir lidando assim mesmo com ela, até encontrar-se uma palavra mais de casa que de plano a substitua, e esta então só não aceita, quando aparece, aqueles que nenhuma preocupação alimentam, quanto à pureza do idioma.

Mas quando as palavras estrangeiras que se irmanam bem com a nossas já possuíam dentro no nosso léxico, outras perfeitamente equivalentes, aí as duas escolas se dividem. O purismo rigoroso tende sempre a condená-las, alegando com a sua não necessidade; tende a aceitá-las, o purismo mitigado, alegando o uso que as justifica e a sua forma que não destoa. Os clássicos, dado o seu amor à abundância e riqueza verbal, sempre favorecem, uns mais, outros menos, a esta segunda escola que pode lograr também, a seu favor, um argumento de ordem prática. Mui difícil se tornaria àqueles que procuram falar e escrever corretamente o idioma, o discernimento do que seria ou não vernáculo, se tivessem de surpreender-se a cada passo, com a condenação de vocábulos que eles se acostumaram, desde cedo, a ver usados por todos, não só na conservação vulgar até das rodas mais cultas, senão também nos livros de insignes escritores, incluindo-se entre estes, mestres da língua, desde que estes vocábulos morfológicamente se confundem com os termos mais antigos da língua. As vozes manifestamente estrangeiradas, sim, eles serão aptos para descobrir-lhes o vício e acharão bem razoável que se condenem elas, e que se lhes imponham termos portugueses para evitá-las. Mas aquelas tão generalizadas e tão irmãs das nossas, para evitá-las todas, há mister de conhecimentos mui vastos sobre a etimologia das palavras, que já não são poucas no nosso idioma. Exigir menos, nesta questão de purismo, é muitas vezes evitar o desânimo e conseguir muito mais.

O que aí dissemos da naturalização de palavras, vale também para a de certas regências ou construções.

525 – 4.º grupo. Existem, finalmente, estrangeirismos que, além de desnecessários, conservam escandalosamente a feição da língua de origem. Além do purismo rigoroso e do purismo mitigado, existe, infelizmente, para desdouro das nossas letras, mais outra escola: a xenomania linguística, a petulância falastrona que às formas vernáculas prefere sempre a expressão estrangeira.

Em vez de dizer: vou DAR-LHE UM APERTO DE MÃO, dizem estes estrangeirados: *vou dar-lhe um shake-hands*. Um DESEQUILIBRADO é um *detraqué*; ESCOTEIRO é *boy-scout*; LER A MÃO é *ler a buena-dicha*; CRIADO DE QUARTO é *valet de chambre*; HABILIDADE é *savoir-faire*;

uma GORJETA é um *pourboire*; um SOBRETUDO é um *pardessus*; CRIANÇA DE PEITO é *nourrisson*; TROCADILHO é *jeu de mots*; POLTRONA é *fauteuil*; uma SENHORITA é uma *demoiselle*. Não vão à SENTINA ou à PRIVADA, vão ao *water-closet*. Despedem-se, não com o nosso tão expressivo ADEUS, mas com um *good bye* ou um *au revoir*. Têm CORBELHA e dizem *corbeille*, HABITUADO e dizem *habitué*; em vez de BLUSA, dizem *blouse*; em vez de VITRAIS, *vitreaux*.

Contra estas ridículas preferências pelo vocábulo e construção estrangeira, se erguem sempre os protestos bem justificados de quantos têm algum amor ao idioma. Vamos enumerar alguns poucos destes estrangeirismos desnecessários e deturpadores da nossa língua, especialmente galicismos, mostrando como os clássicos os souberam desprezar e evitar. Mostraremos em seguida francesismos já naturalizados e aportuguesados, para enfim dedicarmos um capítulo aos galicismos aparentes, isto é, expressões bem portuguesas que iludem facilmente, parecendo grosseiros galicismos, só pelo fato da inevitável semelhança entre as duas línguas irmãs: o francês e o português.

CAPÍTULO VIII

ESTRANGEIRISMOS VICIOSOS (I)

526 – *A BRULE-POURPOINT* = de chofre, À MÃO-TENENTE, À MÃO-TENTE.

Aí é que é ferir a salvo e À MÃO-TENENTE (Castilho G. I. II.º v. 543) pelo sim, pelo não, onde quere que encontre o valdevinos, desando-lhe uma roda de pau, À MÃO-TENTE (Castilho M. U. M. 71) e o mesmo foi convidá-lo com três tapa-olhos À MÃO-TENTE (Camilo C. V. H. J. A. 147).

À QUEIMA-ROUPA:

É capaz de disparar À QUEIMA-ROUPA sôbre Asmodeu em pessoa (Rebelo C. dos F. 205).

527 – ALIAGEM = LIGA.

O azougue, tendo LIGA e união com o ouro, o desampara, tanto que lhe dá o fogo (H. Pinto I. V. C. III-239).

528 – *APLOMB* = altivez, desempenho, empertigamento, sobrançaria, garbo, arrogância, entusiasmo, APRUMO.

Antônio, admirado do APRUMO da formosa mulher... continuava a obedecer ao impulso da sua generosidade (Camilo F. D. N. 30) – como é, portanto, que um dos protagonistas... revolta-se hoje, com êsse APRUMO, contra o plano, em que é, tanto quanto eu mesmo, parte capital? (Rui F. P. R. 165) o Sr. Osório que fala tanto e com tanto APRUMO em “Formas divergentes”, deve saber que, às vêzes, se desprezam os vocábulos populares (M. Barreto F. L. P. 288) glosou-as no “Comércio do Pôrto”, cacarejando umas risadinhas irritantes com aquêlê APRUMO que lhe conhecem de linguísta canbestro (Leda Q. L. B. 27) com o APRUMO do que estivesse na posse da verdade, se exprime o Dr. Rui (E. C. Ribeiro Tr. 433).

DESGARRE:

Olhavam para o bispo com certo ar, seguiam aos cônegos com tal DESGARRE... que um amigo das semelhanças clássicas não duvidaria compará-los aos jovens e altivos concidadãos do filho da Réia-Sílvia (Garrett Arc. de S. 100) era o próprio Alcebiades... cheio daquela gentileza e DESGARRE com que usava arengar às grandes assembléias de Atenas (M. Assis P. A. 230).

ENTONO:

O que, com seguro e desenganado ENTONO, o ilustre escritor sustenta... (E. C. Ribeiro Tr. 513) a êstes senhores que com grande ENTONO vos saem a falar de fôrças, de paralelogramos de vibração (Laet R. de C. ano IV.º n.º 47 pg. 266).

529 – ARGOT = gíria, calão, geringonça, INGRANZÉU.

Vamos ver seguidamente como o poeta julgava o INGRANZÉU da plebe (Leda Q. L. B. 14).

ARAVIA:

A intragável sintaxe, no século XVI, apenas surge na ARAVIA do negro lançado à cena por Gil Vicente (Leda Q. L. B. 109).

Está-se generalizando a palavra francesa *patois*, susceptível de aportuguesamento gráfico:
...Cantando com a sua bela voz uma ária em PATUÁ italiano (Castilho M. U. M. 67).

530 – ARTIGO.

A repetição do artigo definido antes do superlativo relativo: *o homem, o mais sábio*, é condenável galicismo. Interpondo-se, porém, algum advérbio como: MESMO, AINDA etc., não há nenhum vício de linguagem.

É êste soberano árbitro dos impérios... quem prepara na sua sabedoria AS CAUSAS, AINDA AS MAIS REMOTAS dêsses grandes fenômenos políticos (Seixas C. das O. II-29) não basta O DIAGNÓSTICO, AINDA O MAIS EXATO (F. Castro E. C. 89) o que se notava neste velho singular, era a graça inata com que realçava tôdas AS AÇÕES, AINDA AS MAIS RIDÍCULAS (Rebelo M. D. J. I-71) – concede também que qualquer confessor aprovado no lugar possa absolver os PECADOS, AINDA OS MAIS ATROZES (Silvério C. Past. 71) é pois, a vida mesma, A VIDA, AO MESMO TEMPO, A MAIS INTENSA e a mais variada nas suas formas (Laudelino N. e P. VI-131) nisto erram constantemente os APRENDIZES, AINDA OS MAIS ESTUDIOSOS e aplicados (Sá Nunes L. V. 44) OS NOSSOS ESCRITORES, AINDA OS MAIS ANTIGOS fornecem-nos grande quantia de palavras fora da voga (E. C. Ribeiro Tr. 767).

Não havendo artigo definido antes do substantivo, não há galicismo:

Ob! NINFA, A MAIS FORMOSA do oceano (Camões L. c. V.º e. 57)... DISCÍPULO de Deus, o MAIS AMADO (A. Ferreira P. L. I-I04) veio Platão a definir e descrever UMA REPÚBLICA, A MAIS EXCELENTE que êle imaginou (H. Pinto I. V. C. I-I61) – sendo êste testemunho... EM MATÉRIA, A MAIS GRAVE que se pode considerar (Bernardes N. F. III-55) Salvador Ribeiro de Sousa... soldado (como se diz) da fortuna, mas FORTUNA DE SOLDADO, A MAIOR E MAIS ALTA que, até seu tempo, se viu no Oriente (S. Maria A. H. I-64) – êles usaram de UMA INOSPITALI-

DADE, A MAIS DETESTÁVEL (Pereira B. S. Sab. cap. XIX v. I3) *fêz dela* UMA MÚMIA, A MAIS PRECIOSA *que pode haver* (Filinto O. C. IX-III) – *andas... a levantar êsse fantasma*, CUJA SOMBRA, A MAIS REMOTA *bastaria para enodoar a pureza daquela inocente* (Garrett F. L. S. 30) ESTA PROPOSTA, A MAIS IMPORTANTE *de tôdas quantas se podem fazer, é a criação dum Ministério dos Negócios da Agricultura* (Castilho F. pela A. 38) *ai é que me aperta o sapato – disse do lado, em tom de oráculo, mestre Esteveanes*, SAPATEIRO, O MAIS RICO DE LISBOA (Herculano M. de C. II-69) – NESSA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA, A MAIS MEMORANDA *nos anais daquela casa* (Rui D. e C. 196) *êsse obstáculo*, O MAIS FORMIDÁVEL *da natureza moral... é a inércia* (Laet J. do C. ano 58 n.º 40 pg. I.^a col. 4.^a).

531 – A *TOUT HASARD* = dê por onde der, custe o que custar, haja o que houver, a torto e a direito, POR FÁS E POR NEFAS.

E andam tão longe de deixarem cárrego e ofícios inquietos e perigosos, que antes os buscam, POR FAS E POR NEFAS (H. Pinto I. V. C. II-58) *e acabam com êles que POR FAS E POR NEFAS, por qualquer via lícita ou ilícita, tratem de haver à mão o que cobizam* (Arrais D. 93).

532 – ATURDIDO é galicismo no sentido de *leviano, estouvado, irrefletido* (étourdi), mas é vernáculo no de *atoradoado, perturbado, tonto*.

ATURDIDO *da pancada... o pregador municipal fêz-se roxo* (Rebello O. V. N. C. 60) *o mancebo, ATURDIDO com o baque, vacila, vai para cair* (Castilho M. U. M. 80) *eu estava por tal modo ATURDIDO e embriagado da felicidade, que nem sei se lbe agradei* (Camilo C. V. H. J. A. I69) *fiquei vexado e ATURDIDO; a jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante* (M. Assis M. P. B. C. 31).

533 – A *BON MARCHÉ* = a bom preço, barato, A BOM MERCADO.

Para haver-te me expus a tudo, afoito, e ao dôbro ainda, só por lograr de longe e mal distintos o teu lago sequer, sequer teus montes, me aventurara e A BOM MERCADO o houvera (Castilho N. do C. 79).

DE BOM MERCADO:

Vá DE BOM MERCADO o que quiserem (Rui G. C. V. B. 61).

534 – A *RABAIS* = com grande redução, por tuta e meia, AO DESBARATO.

Todo o trem do conde se vendeu AO DESBARATO (Camilo C. V. H. J. A. 219).

535 – A *VOL D'OISEAU* = de relance, sucintamente, pela rama, por alto, ao de leve, DE VOO.

Passou DEVÔO as criaturas e buscou o seu centro (H. Pinto I. V. C. II-160).

PELA FLOR:

O ponto respectivo às febres do torrão fluminense, tocado muito PELA FLOR no último discurso, envolve o problema mais complexo de quantos se abrangem na patologia das terras tropicais (F. Castro E. C. I32).

536 – BIZARRO.

O legítimo sentido desta palavra em português é: *nobre, generoso, garboso, jactancioso, valente, distinto*. Mas por influência francesa passou a palavra a ser empregada também no sentido de *exótico, extravagante, excêntrico, esquipático, ridículo*. O emprego das duas acepções daria margem a frequentes ambiguidades, que nem sempre o contexto poderia resolver. Quando falássemos em BIZARRO *cavalheiro*, BIZARRAS *ações* – não se saberia se queríamos ressaltar a coragem e a generosidade – ou algum lado grotesco ou ridículo daquele cavaleiro ou daquelas ações.

Na luta entre as duas acepções é a vernácula (que de modo algum está arcaizada como provamos pelos exemplos infra-aduzidos) que deve prevalecer. Deve-se, portanto, proscrever este galicismo semântico (bizarro = extravagante) por inconveniente e gerador de anfibologias; de mais a mais, ele não tem tradição clássica que o possa autorizar, como lhe falta também apoio dos dicionários. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, de Hildebrando Lima e Gustavo Barroso (1939), não toma conhecimento desta acepção afrancesada: “Bizarro – adj. – *gentil, garboso; bem apessoado; bem vestido; generoso, nobre, jactancioso*”. Cândido de Figueiredo (Novo Dicionário, 5.^a edição, 1939) registra só para condená-lo: “Bizarro adj.: *Gentil; bem apessoado; bem vestido; generoso, nobre, jactancioso* – na acepção de *excêntrico, esquisito, novo, é francesismo*”. Aulete e Morais não faziam menção alguma da acepção francesa.

Ao subir do cadafalso, levantara com tanto brio a falda do capucho, que levava por dó de si mesmo, que até o confessor que o ajudava a bem morrer, reparou na sobeja BIZARRIA e graça daquela ação (F. M. Melo A. D. 371) *saiu pois Catarina, um dia, a espaço e... viu que ia juntamente pelo mesmo caminho o mais gentil-homem, o mais airoso, o mais BIZARRO mancebo que vira em sua vida* (Vieira S. XI-65) *foi o infante D. João BIZARRO príncipe, pela gentil disposição do corpo e por outras muitas singulares prendas* (S. Maria A. H. I-54) – *quando aparecia nas praças e entrava nos templos era, pelo asseio e BIZARRIA, o atrativo das atenções de todos* (Sacramento V. H. P. II2) *tem valor e de muitas contendas saiu com BIZARRIA* (Filinto O. C. X-378) – *D. Nuno, moço tão fidalgo e BIZARRO, não vê como a trata?* (Garrett Alf. de S. 20) *o seu ginete mandava, com tal arte e BIZARRIA, que ao passar no povoado, donas de muita valia, lindos olhos consertavam, nas grades da gelosia* (G. Dias II-314) *sentiu desejos veementes de acudir ao indivíduo que, tão BIZARRO, se defendia contra todos* (Rebelo D. N. T. G. S. P. I49) *para as famílias dêles, que BIZARRAS cartas de nobreza!* (Castilho C. A. 256) *não era o mais imbele: ouvi que a muitos... se avantajava garboso, velocíssimo Antíloco e BIZARRO* (O. Mendes Od. I.

IV.º v. 159) *não falarei da crueza com que vimos a Filipe tratar aos outros helenos... nem da lenidade que... afetou para convosco e de que pudestes colhêr os frutos, graças ao vosso BIZARRO proceder* (Latino O. da C. 78) *santa audácia, BIZARRA índole de antigo cavaleiro, que abriga no peito a generosidade* (Camilo Q. de A. 87) – *por ocasião da tresloucada revolta da maruja na Ilha das Cobras, BIZARRAMENTE se mostrou dirigindo a bateria do cais de Pharoux, onde o atingiu e gravemente o maltratou, uma bala dos contrários* (Laet R. de C. ano XV n.º 16 pg. 62) *já Rui Barbosa, na Réplica, defendeu, com BIZARRIA, aquelas formas* (Sá Nunes A. L. N. I-63) *vêm, reconhecidas à vossa gentileza e BIZARRA fidalguia, testificar-vos, de concêrto, sua indelével gratidão* (E. C. Ribeiro P. L. E. 141).

537 – *BLASÉ* = enervado, enfasiado, enfarado, enfartado, abichornado, aborrecido, SACIADO.

O Mirabeau do Terror, vendo fugir-lhe das mãos o cutelo da guilhotina, sente-se SACIADO, enjoado dos homens (Rui C. de F. 65) *órfã de pai, absolutamente senhora da mãe que a adorava, fazia vida libérrima; e, SACIADA, chegara ao tédio dos que tudo realizam no abuso dos prazeres sem prudência* (Antero S. do A. 122).

538 – *BOUDOIR* = antecâmara, camarim, TOUCADOR.

Dado que... deparasse coo meu TOUCADOR carregado de mais estofos que competia a meu estado... nada menos me penalizava êsse seu proceder (Filinto O. C. X-63) – *as três meninas tinham-se juntado no TOUCADOR de D. Catarina* (Rebelo M. D. J. II-126) *torrentes de aromas inebriantes que pareciam haver sido roubados, durante o dia, a algum TOUCADOR de odalisca* (Castilho M. U. M. 198).

539 – *BOUQUET* = braçada de flores, RAMILHETE ou RAMALHETE.

O pajem olhando para cima mostrou um RAMALHETE (Rebelo O. V. N. C. 69) – *naquela obra de filosofia moral... RAMILHETE de avisos e conselhos referentes ao matrimônio... escreveu o famoso sábio* (M. Barreto N. E. L. P. 243).

RAMINHO:

Madre Ana de S. Agostinho... deu ao Menino Jesus que se dignou aparecer-lhe naquela amável forma, um RAMINHO de goivos (Bernardes N. F. II-175) – *para me dares um RAMINHO de violetas...* (Camilo A. em P. 204).

REGAÇADA DE FLORES:

Foi uma noite, véspera de S. João, quando tôda a gente festejava o bendito santo, apanhando REGAÇADAS de flores e dançando ao som das cantigas costumadas (Rebelo O. V. N. C. 99).

540 – *CASQUETTE* = carapuça, barrete, *CASQUETE* (Ê).

Era a êle que o Sindbad português fustigava em efígie, punindo, implacável, no inofensivo CASQUETE, as ofensas do erudito (Rebello M. D. J. I-338).

GORRA:

Na cabeça, por GORRA tinham posta, ua mui grande casca de lagosta (Camões L. c. VI.º e. 17).

CASQUETA:

Outros ingleses de CASQUETA, calções e sapatos ferrados, em rancho se partiam afrontando solbeiras (Antero R. e V. 71).

541 – *CHAISE-LONGUE* = espreguiçadeira, preguiçosa, preguiçeira, *CAMILHA*.

Assim falando entravam já na sala onde aquêle potente imperador numa CAMILHA jaz (Camões L. c. VII.º e. 57) – *a mulher ia, quase sempre, numa CAMILHA rasa* (M. Assis M. P. B. C. 82) *em CAMILHAS sentados, uma serva, água em bacia argêntea às mãos entorna* (O. Mendes Od. l. XV.º v. 101).

CANAPÉ:

Ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do CANAPÉ (M. Assis P. R. 79) – *Ignarus, podendo dormir tranqüilamente a sesta no seu CANAPÉ, se pôs a sonhar anglicismos* (Cândido F. e E. I-95).

542 – *CHARIVARI* = motim, reboição, corrimaça, chinfrim, bernarda, banzé, *BULHA*.

Mas a BULHA crescia; os apupos, os uivos e as palmadas, atroavam tudo; era um MOTIM infernal (Rebello O. V. N. C. 47).

ASSUADA:

A ASSUADA transformou-se então em revolta (Rebello O. V. N. C. 8).

INGRESIA:

Parecia tôda a aldeia endemoninhada, tanta e tão confusa e desentoada era a BULHA, matinada e INGRESIA que por aí soava (Herculano M. de C. I-76).

543 – *CHEFE DE OBRA* = *OBRA-PRIMA*.

Além dos “Lusíadas”, sua OBRA PRIMA, devem-se-lhe canções, elegias, sonetos, bucólicas... (E. C. Ribeiro P. L. E. II4).

544 – **COMLOT** = **CONJURAÇÃO**.

Eis a minha parte pessoal na CONJURAÇÃO (Rui F. P. R. 376) *engendraram uma espécie de CONJURAÇÃO que teria por fim derrubar o ministério* (Laet J. do C. ano 58 n.º 103 pg. I.^a col. 4.^a).

CONSPIRAÇÃO:

Esboçada a CONSPIRAÇÃO... principiaram os primeiros conjurados a atrair outros (Rebelo C. dos F. 96).

545 – **CORBELLE** = **CORBELHA**.

Mil frutos, mil CORBELHAS, mil compotas, a terceira coberta, logo adornam (Cruz e Silva Hiss. 35) – *CORBELHAS de prata arrendada ostentavam as suas pirâmides de laranjas* (Rebelo M. D. J. II-97) *agora coas vermelhas, dóceis hásteas do choupo entecem-se CORBELHAS* (Castilho G. I. I.º v. 338) – *como uma CORBELHA imensa, em camadas superpostas de flores, sorri tôda uma sociedade inumerável de rosas, de violetas, de carbúnculos* (Rui C. L. 204).

546 – **COUP D'OEIL** = **olhadela, VISTA DOLHOS**.

Por querer dar uma VISTA DOLHOS a êstes, não jardins, sim pomares de muitos frutos (Castilho N. do C. 206).

LANÇO DOLHOS:

Demos um LANÇO DOLHOS pela Europa (Garrett P. B. E. 57).

VOLVER DE OLHOS:

A desgraçada não disse uma palavra, não deitou um VOLVER DE OLHOS para o cavaleiro (Garrett Arc. de S. 199) *D. Martim e sua irmã trocaram um VOLVER DE OLHOS* (Rebelo O. V. N. C. 133) *devo, senhores... um rápido VOLVER DOLHOS para a literatura portuguesa* (Sotero C. L. P. B. I-77) *as raparigas aflagavam-no com um sorrir e VOLVER DOLHOS afetuoso que fazia cismar o bom do pároco* (Herculano L. e N. II-289).

VOLTAR DE OLHOS:

Só com um VOLTAR DE OLHOS fêz cair desmaiada a rainha Ester (Bernardes N. F. II-223).

RELANCEAR DE OLHOS, RELANCE DE OLHOS:

D. Afonso e os portugueses podem, num RELANCEAR DE OLHOS, fazer o alardo do imenso inimigo que os espera (Castilho Q. H. P. II-21) *sempre é bom que vás dar um RELANCE DE OLHOS ao que por lá se faz* (Garrett F. L. S. 41).

547 – *DANDY* (do inglês) = casquilho, janota, almofadinha, ELEGANTE.

Os ELEGANTES da cidade eterna... seriam oito, quando muito (Camilo D. C. F. 81)... *lisonjear-se de ser amada pelo mais afamado ELEGANTE de Paris* (T. Vasconcelos P. A. D. 211).

PERALVILHO, FRANÇA:

Um moço PERALVILHO, um FRANÇA como se chamavam os petimetres, não o excedia no apuro (Rebello M. D. J. I-70).

PINTALEGRETE:

Enfeitado como uma imagem, rescendendo a aromas, como um pivete, *dir-se-ia a alma do judeu de Veneza no estojo dourado de um PINTALEGRETE de quarenta anos* (Rebello C. dos F. 231) a velha palavra portuguesa “madre” já começava a ser *dulcificada, pelos PINTALEGRETES do tempo de D. João I.º, em “mãe”* (Herculano M. de C. I-184) – *as meninas e os PINTALEGRETES não gostam naturalmente do “cotilão”, porque é português* (Cândido F. e E. III-274).

548 – *DEBACLE* = derrocada, descalabro, falência, descaída, eversão, desastre, BANCARROTA.

Fôra mister recuar às épocas de liquidação social, a essa espécie de BANCARROTA da civilização humana (F. Castro E. C. 22).

DESBARATO:

Ameaçavam ao Presidente com... o DESBARATO da riqueza coletiva, pela lesão da vida econômica (F. Castro E. C. 144) *quanto ao DESBARATO que Atenas padeceu... acabareis, atenienses, que não sucedeu por minha culpa* (Latino O. da C. 81).

DESABE:

Alguns anos mais dêste DESABE e o egoísmo dos nossos desfrutadores, o indiferentismo dos nossos fatalistas, o otimismo dos nossos poetas abriram os olhos entre surpresas (Rui D. e C. 530).

SUBVERSÃO, CATÁSTROFE:

Iremos assistir à SUBVERSÃO da nossa pátria, numa CATÁSTROFE inominável (Rui G. C. V. B. 18).

DESMANTELAMENTO:

Nunca deixou de frequentar a mente de uns tantos “patriotas” a quem pouco importaria o DESMANTELAMENTO da pátria, contanto que se realizem as suas utopias (Laet A. I. ano II.º n.º 17 supl.).

ESBOROAMENTO:

A anarquia é, de presente, a grande responsável pelo ESBOROAMENTO financeiro que aumenta de dia para dia (Rui F. P. R. I45).

DESGRAÇA:

A DESGRAÇA financeira do país é o efialta da sua obsessão sonolenta (Rui F. P. R. I51).

RUÍNA:

Obraram tais desordens que se viu em têrmos aquêlê país de uma grande RUÍNA (Pita H. A. P. 310).

DESFALCIMENTO:

Que é o acréscimo de 100 ou 200 contos de réis, para que estejamos com tanto receio, como se disto dependesse o total DESFALCIMENTO do Brasil? (Seixas C. das O. II-126).

549 – DEBOCHE = devassidão, corrupção, libertinagem, desregramento, imoralidade, SALÁCIA.

A SALÁCIA dos costumes imperiais se reproduziu (Rui R. n.º 133 pg. 63).

DESMANCHO:

Tanto pôde o DESMANCHO dos costumes (Filinto P. 240) – *uso é dos príncipes, escolher, para privados seus, os com que melhor conformaram na idade e inclinações e, muitas vêzes, nos vícios e DESMANCHOS* (Castilho Q. H. P. I-41).

DISSOLUÇÃO:

Substituíra, à severidade antiga do paço, todo o brilho de luxo insensato e, o que mais era, a DISSOLUÇÃO DOS COSTUMES que, quase sempre, acompanha êsse luxo (Herculano L. e N. I-189).

DESORDEM:

No cartório do nosso colégio... está o original de uma informação... sôbre as grandes DESORDENS e corrupção dos costumes que àquele tempo havia nos homens da Índia (Lucena A. P. I-55) – *estou inteirado das DESORDENS da vossa vida passada* (Sacramento V. H. P. 106).

DEVISSIDADE:

Penduraram, no gancho de andrajosa adela, o cinto e o amicto mascarrados de suas DEVISSIDADES (Camilo N. B. J. M. 95).

DESBRAGAMENTO DOS COSTUMES:

Animando, ao invés disto... a dissolução, o DESBRAGAMENTO DOS COSTUMES (E. C. Ribeiro P. L. E. 92).

O termo DEBOCHE é ainda empregado na gíria, no sentido de *zombaria, troça, mangação*. DEBOCHAR, TOMAR DEBOCHES, é, na linguagem popular, *zombar, dirigir gracejos*. Não é nesta acepção que o condenamos aqui.

550 – *DESSERT* = sobremesa, POSPASTO.

Ao POSPASTO, os dois truões... quiseram, com seus arremedilhos e visagens, vir cortar aquelas, no seu entender, mal cabidas tristezas (Castilho Q. H. P. II-210).

POSTRES:

Os POSTRES *com que se concluiu: alguma fruta pouca do tempo (Sousa V. do A. I-136) – e se dava por bem e lautamente jantado quando, de POSTRES, lhe servia certo queijo (Filinto O. C. IX-262) – para POSTRES, preferia frutas comuns (Silvério V. D. V. 328).*

551 – *DÉTRAQUÉ* = desequilibrado, maníaco, desparafusado, vesano, desassissado, lunático, ORATE:

Requer de baetão côvados sete, que o mercador lhe fia, anoso ORATE (Bocage Son. 185) quererem dar quinaus na frase pura, é mais que ser ORATE, é ser jumento (Filinto P. 59) – que valem para mim crônicas rançosas ou as oitavas chochas de um ORATE? (Rebelo L. e T. I-65) o obreiro que não poupa, nem junta... é um ORATE que se não lembra da velhice (Castilho C. A. 182).

ALUADO:

Pior que cego, ficou ALUADO (M. Assis H. S. D. 235).

MATOIDE:

São, quase sempre, anormais, geralmente MATÓIDES ou semi-doidos (Rui D. e A. 68) amanhã dirá qualquer MATÓIDE que para isso me compraram os alemães (Laet V. de P. I.º/2/1915 pg. 140).

552 – *ENFANT GATÉ* = mimoso, mimalho, mimanço, predileto, MENINO BONITO.

Uma parda velha, a boa Rosa de Lima, de que eu era o MENINO BONITO, entre todos os rapazes... era a cronista-mor da família (Garrett F. L. S. II 19).

553 – *ENRAGÉ* = ferrenho, intransigente, encarniçado, implacável, irreduzível, indomável, inflexível, pertinaz, inconvenível, OBDURADO.

Por tais crimes e como heresia OBDURADO, o condenaram a ser, sem demora, degradado das ordens (Camilo H. G. M. 177).

554 – *ENTÊTÉ*, Entestado = obstinado, teimoso, cabeçudo, caturra, renitente, pirrônico, casmurro, testaçudo, turrão, CONTUMAZ.

Eu ainda estou CONTUMAZ (R. Lobo C. na A. 28).

OPINIÁTICO:

São os homens tão OPINIÁTICOS e altivos... (H. Pinto I. V. C. I-123). – OPINIÁTICO, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui (M. Assis M. P. B. C. 47).

OBFIRMADO:

Há condições tão OBFIRMADAS na ingratidão que são piores que o Cérbero trifauce (Bernardes N. F. II-211).

555 – *ENTOURAGE* = séquito, camarilha, facção, comensais, coniventes, RODA.

Agora dizemos: F. é ou não é da minha RODA; gosto dêle mas não vou com aquela RODA (Silva Ramos P. V. F. III).

PRÉSTITO:

O monarca e seu numeroso PRÉSTITO demoraram-se a contemplar os quadros de Bento Coelho (Rebelo D. N. T. G. S. P. 97) *D. Mafalda e o padre mestre vieram ao Pôrto, com grande* PRÉSTITO de parentes e lacaios (Camilo T. I. 249).

ACOMPANHAMENTO:

Caminhando um grande rei, com todo o ACOMPANHAMENTO e fausto da sua côrte, encontrou dous pobres homens (Bernardes P. E. 92).

COMPANHIA:

Seguem todos o rei... pelos bosques... a real COMPANHIA vai entrando (Garrett Cam. 82).

556 – *EXTRAIT* = essência, nata, requinte, substância, QUINTESSÊNCIA.

Fr. Trolho possuía a QUINTA ESSÊNCIA *dessas prendas* (Rebelo O. V. N. C. 169).

557 – *FAUX MÉNAGE* = mancebia, concubinato, barreguice, BARREGANIA.

Lavrava, por tôda a parte, a BARREGANIA (Antero L. T. intr. XXVI).

558 – *FIVE-O-CLOCK TEA* (do inglês) = CHÁ DAS CINCO.

Só um homem de espada realmente podia beneficiar a nossa Marinha de Guerra, com o serviço que lhe dispensou o marechal, dando alguma coisa em que se empregarem os nossos dread-noughts, com o CHÁ DAS CINCO oferecido à noiva do presidente (Rui R. de G. 66) fujo para não ter de, mais dia menos dia, assistir... a um CHÁ DAS CINCO com muita intriga e algum calão (Antero J. em P. 365).

559 – *FRISSON* = arrepio, calafrio, estremecimento, REPELÃO.

D. Zuleima espreitava, por cima do ombro do cavaleiro, a operação aritmética, acompanhando, com os olhos amigos, cada moeda, sentindo um REPELÃO, em todo o corpo, quando o seu perseguidor se demorava com alguma (Rebelo O. V. N. C. 190).

ESTREMEÇÃO:

O nosso estudante sentiu, por todo o seu corpo, aquêlo ESTREMEÇÃO nervoso, que dá a faísca elétrica da ambição (Garrett Arc. de S. 176).

560 – *GAFFE* = disparate, deslize, cincada, pexotada, despropósito, rata, tonteria, dislate, desconchavo, DESPRIMOR.

Cometi, para com V. Excia., um DESPRIMOR (Latino F. de M. 59) – O Fonseca Pinto sabia o que escrevia e era incapaz de um DESPRIMOR (Cândido M. S. 183).

561 – *GAUCHERIE* = desazo, lorpice, enleio, bisonhice, acanhamento, DESJEITO.

Amigos, companheiros ou co-interessados me suprem, a êsse respeito, o DESJEITO e o ACANHAMENTO (Rui E. da C. 45).

562 – *GENTLEMAN* (do inglês) = GENTIL-HOMEM.

Indo depois de comer com a rainha... verem alguns GENTIS-HOMENS de sua casa, que andavam a jogar a péla (D. Góis C. D. E. 57) vendo Isócrates um mancebo GENTIL-HOMEM no corpo, mas feio na alma, disse-lhe que tinha bom casco de nau, mas mau piloto (H. Pinto I. V. C. IV-193) – o príncipe... não parece bem retratado, salvo fôr em quadro com bom pincel; mas com pena, nem de palavra, não fica GENTIL-HOMEM (Arte 159) – estas eram as filhas dos generais do império... as filhas dos GENTIS-HOMENS (Camilo A. de S. 182).

563 – *GRANDE MUNDO* = alta sociedade, aristocracia, escol social, RODA FINA.

Quem gira nesta RODA FINA não se há de ir vestir ao Nunes Algiçebe, por dez ou doze pintos (Camilo C. V. H. J. A. 74).

ALTA-RODA:

Gente de ALTA RODA, personagens do alto comércio, famílias que se prezam, reeditam aquilo a tôda a hora (Cândido F. e E. I-286).

GRANDE RODA:

O espírito do homem das GRANDES RODAS perde tôda a sua originalidade e fisionomia (Camilo R. do P. 37).

564 – GRIMAÇAS, GRIMANÇAS = macaquices, caretas, truanices, monadas, TREJEITOS, MOMICES.

A cada TREJEITO, a cada MOMICE dos padecentes, redobravam as risadas (Rebelo O. V. N. C. I79).

GAIFONAS:

O gentil escudeiro... depois de fazer suas GAIFONAS, partiu a galope (Herculano M. de C. I-284).

MOMOS:

De todos os seus MOMOS, êste último é o que mais me faz rir (Herculano M. de C. I-158).

VISAGENS:

Ao pospasto, os dois truões... quiseram, com seus arremedilhos e VISAGENS, vir cortar aquelas, no seu entender, mal cabidas tristezas (Castilho Q. H. P. II-210).

Também é de uso clássico a palavra ESGARES que, não se sabe ao certo, se vem do francês *égards* ou se é simples corruptela do vernáculo *escárneo*:

Então o corpo todo agita e move, com medonhos ESGARES (Cruz e Silva Hiss. I02) – *mas do inumado consorte, com ESGARES espantosos, pálida, em sonhos, lhe aparece a virgem* (O. Mendes E. I. I.º v. 372) *o maninelo entre ESGARES e pulos, vozeava* (Rebelo C. e L. I55) *era o demônio que trago em mim e costuma fazer dêsses ESGARES de saltimbanco* (M. Assis H. S. D. I44) *as comendadeiras do convento houveram horror e não piedade dos ESGARES frenéticos da morgada* (Camilo R. H. R. I65) – *todo o riso da linba afeleada se enviesa num ESGAR malévol* (Antero J. em P. 64) *o ministro com... alguns ESGARES de baixa comédia... tem pulverizado o contraditor* (Rui F. B. I72).

565 – *HABITUÉ* = frequentador, assinante, assíduo, parceiro, HABITUADO.

Os HABITUADOS do paço... nenhuma fé deram dêstes imperceptíveis sinais de sobressalto (Lisboa O. C. I-169) *nenhum dos HABITUADOS da casa compareceu ao almôço* (M. Assis Q. B. 213).

566 – IMBRÓGLIO (do italiano) = embrulho, embrulhada, alhada, salgalhada, CALABREADA.

Diremos que êste é o que faz tôdas estas CALABREADAS (Sá Miranda O. C. II-I66).

EMBURILHADA:

Fino devia ser o frade para a pilbar com a bôca na botija, se houvesse alguma EMBURILHADA (Herculano M. de C. I-298).

567 – IN PERPETUUM (do latim) = para sempre, POR TODO O SEMPRE.

Sua memória curtirá, POR TODO O SEMPRE, a infâmia (Rui R. de G. 32).

PARA PERPÉTUO:

... A aquisição de cabedal suficiente a manter, PARA PERPÉTUO, alguns missionários regulares ou seculares (Silvério V. D. V. 261).

568 – INTERMEZZO (do italiano) = ENTREMEZ.

O presidente, entendendo que o fizera por via de ENTREMEZ, para dar que rir a todos, desfechou a rir (Bernardes N. F. I-71) – *êste Ajax, esbravejando com o florete e talhando os ares, mais prometia uma cena de ENTREMEZ do que um combate sério* (Rebelo M. D. J. 214).

INTERMÉDIO:

Queria dizer isto que o INTERMÉDIO cômico tinha acabado e que o verdadeiro drama ia começar (Rebelo M. D. J. I-384).

ENTREMEIO:

O comerem em público os príncipes era uma espécie, ora de prólogo, ora DENTREMEIO nas festas reais (Herculano M. de C. II-257).

569 – INTERVIEW (do inglês) = entrevista, INTERLÓQUIO.

Já no princípio dêste nosso INTERLÓQUIO... mostrei ser, de todo em todo, falsa a arguição de que a reforma Gonçalves Viana é de base puramente fonética (M. Barreto F. L. P. 273).

570 – MANTEAU = MANTOL.

O bruto vai com MANTOL de ouro e sêda (Bernardes N. F. II-224).

MANTÉU:

Nunca trouxe da Índia MANTÉU, nem lôba (Lucena A. P. I-172) – *era uma velha muito velha, mais velha que o seu recosido MANTÉU* (Garrett Arc. de S. 179) *ia de sege, velado o rosto, envolvida*

numa espécie de MANTÉU (M. Assis M. P. B. C. 232) *adeus, vizinho Braz, disse a servente, conchegando o MANTÉU* (Rebelo D. N. T. G. S. P. 40) – *as senhoras e as criadas, com seus MANTÉUS pela cabeça, acocoravam-se nas soleiras das varandas* (Antero U. O. J. 38).

571 – MEETING (do inglês) = COMÍCIO.

Vivemos... na praça dos COMÍCIOS (Castilho Q. H. P. I-21) – *íamos... buscar a única tribuna então aberta à palavra: a dos COMÍCIOS populares na Bahia* (Rui C. de F. 156) *não fremete nos COMÍCIOS populares aquele vento impetuoso que, no dizer bíblico, precedia a chegada do Espírito* (Laet J. do C. ano 58 n.º 68 pg. I.^a col. 2.^a).

572 – MÉNAGE = MENEIO.

À mesa... gabava as iguarias, o serviço, a limpeza, a polícia da casa, até que se não pejava o hóspede de êle saber quem tinha das portas a dentro o MENEIO dela (Lucena A. P. I-84) – *o MENEIO da casa e provimento dela estava à conta do Padre fr. João de Leiria* (Sousa V. do A. I-89) – *era professor, o Padre João Rodrigues da Cunha... o qual... não podia bastar a tôdas as funções do magistério e do MENEIO da casa* (Silvério V. D. V. 46)... *meigo andar peneirado da mulher caseira, tôda ela empenhada no MENEIO da casa* (Antero J. em P. 53).

573 – NONCHALANCE = negligência, displicência, desleixo, descaso, relaxamento, caçaria, acídia, descuido, INCÚRIA.

Estais expostos a evidentes infortúnios, causados da INCÚRIA dos pais (Sacramento V. H. P. 23) – *uma medida legislativa... pode com facilidade pôr termo a tal inconveniente que, repito, apenas se arraigou pela nossa habitual INCÚRIA* (Laet V. de P. I.º/2/1915 pg. 138).

574 – NOURRISSON = MENINO DE PEITO.

Vendo então uma MENINA DE PEITO, lhe perguntara de quem era (Camilo C. V. H. J. A. 187).

MENINO DE MAMA:

Eram trespassados com feridas cruéis os MENINOS DE MAMA, dentro dos braços das mães (J. Barros Pan. 19).

575 – PARVENU tem o sentido de *filho da fortuna, homem que subiu da plebe a uma alta posição, que enriqueceu da noite para o dia*. Camilo apresenta a forma aportuguesada.

PÁRVENA:

O acôrd, que êles faziam com a sua dignidade beliscada, era imaginarem-se desfrutadores do PÁRVENA (Camilo C. V. H. J. A. 118).

576 – *PLACET* (do latim) = complacência, consentimento, assentimento, conivência, comprazimento, PRAZ-ME.

Quiseram aquêles em que estava o PRAZ-ME do casamento (Bernardim M. e M. 80) – *e logo após a nomeação dos juizes, como se tiveram PRAZ-ME e compromisso de ambas as partes, foram capitulando muitas causas de importância* (Sousa A. D. J. II-25) – *ela sacrificara o direito de falar às suas ovelhas, sem o PRAZ-ME do rei* (Rui D. e C. 377) *um leigo... abre pósto fiscal para vigiar-nos a língua no Brasil, negando-se o seu PRAZ-ME às deslocações de pronomes* (Leda Q. L. B. 16).

APRAZIMENTO:

Não nos temos que ocupar com o APRAZIMENTO de estranhos (Rui G. G. 116) *o povo, porém, não foi ouvido, e, fôsse, negaria o seu APRAZIMENTO semelhante emprêsa* (Antero L. T. 33).

BENEPLÁCITO:

Em tais casos, compete ao govêrno ou fazer os necessários protestos ou negar inteiramente o seu BENEPLÁCITO (Seixas C. das O. III-95) – *nenhum ato seu deixava de ter o BENEPLÁCITO de tão alta potestade* (Rui G. C. V. B. 51).

577 – *POSEUR* = enfatuado, enfronhado, empertigado, presumido, ENTONADO.

Folgo de saber isto porque, quando via êstes homens tão ENTONADOS, cuidava dêles que eram os pais da sabedoria (F. M. Melo A. D. 263).

DESEMPENADO:

Antônio da Cruz... dava-se ares de moço mui DESEMPENADO, debaixo das abas do chapéu novo de Braga (Rebello C. dos F. 175).

578 – *QUE* = quando em correlação com *APENAS*. Não se deve dizer como disse Filinto Elísio: *Apenas se puseram a caminho para Belém, QUE a estréia lhes luziu diante mas QUANDO A ESTRÊLA etc.*, ou então suprimindo-se a conjunção: *apenas se puseram a caminho para Belém, A ESTRÊLA lhes luziu diante*.

APENAS prosseguiam outra vez a marcha, QUANDO já lhe vinham no alcance oitocentos cavalos (S. Maria A. H. I-141) *Angelina... APENAS tocou na duodécima primavera de seus anos, QUANDO logo consagrou todos a Deus* (Bernardes N. F. II-341) – *APENAS foi vista da cidade, QUANDO o governador... fêz despedir dois lanchões* (Pita H. A. P. 268) *APENAS o alcançamos, QUANDO logo se forma em nós um desejo imperceptível de o esquecer* (M. Aires R. V. H. 74).

APENAS se divulgou o seu trânsito, CONCORREU logo a venerá-lo tôda Lisboa (S. Maria A. H. I-156) – *APENAS encarou com D. Maria, a ESPERANÇA fugiu* (Rebello O. V. N. C. 214) *APENAS lhe toquei no assunto, ACENDEU o cachimbo* (Camilo R. H. R. 224) *APENAS publicava*

alguma cousa, CORRIA a minha casa (M. Assis M. P. B. C. 158) APENAS Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, EURICO alevantou-se (Herculano E. P. 265).

579 – RECUEIL = RECOLTA.

Seria todavia possível realizar maior RECOLTA (Laudelino N. e P. VI-73) *desta RECOLTA vocabular... provirá porventura o singular emaranhado de portuguesismos e brasileirismos puros* (Leda Q. L. B. 6).

580 – REFRAIN = adágio, estribilho, brocardo, REFRÃO.

O REFRÃO *dêsses tempos era: Papel não abona papel* (Rui F. P. R. 207).

581 – RENDEZ-VOUS = entrefala, entrevista, encontro, colóquio, conferência, palestra, VISTA:

Depois da sua última VISTA com o Secretário de Estado, o santo homem apercebia-se, na oração, para a suprema luta (Camilo H. G. M. 164).

Um encontro marcado é chamado, na linguagem clássica, PRAZO DADO:

Por desgraça tenho PRAZO DADO a que faltar não posso, que é negócio que tem de me ocupar ainda amanhã o dia todo (Filinto O. C. XI-496) – *certo, seguro de si resolveu ir ao PRAZO DADO para a tarde* (Garrett V. M. T. I-167) *onde, como em PRAZO DADO, podia encontrar-se o nosso olhar* (Castilho M. U. M. 322).

582 – SAILLIE = chiste, piada, BOM DITO.

Bernardo Guimarães... incumbia-se de pontuar o diálogo com um BOM DITO, um reparo, uma anedota (M. Assis P. R. 163) – *e porque fazia alforje de BONS DITOS, nos banquetes, nas caçadas, tinha sempre uma saída, uma sentença trocista que causava hilaridade* (Antero L. T. 10).

583 – SÉJOUR = permanência, estada, demora, ESTÂNCIA.

Ali foi mais dilatada a ESTÂNCIA do sábio português (Latino E. C. 60).

ESTADIA:

Não seja de breve dura a ESTADIA entre nós dêsse destre e exímio timoneiro (E. C. Ribeiro P. L. E. 192).

584 – SE + O, A, Os, As. Os clássicos não escrevem: *não se o faz, não se a tem* (o que é francesia injustificável) mas: NÃO SE FAZ ELE, NÃO SE TEM ELA.

Também se deve esperar da dor aquilo para que cada um a tem; de outra maneira não SE DEVIA ELA TER (Bernardim M. e M. 57) *verdade é que há aí verdades que se não hão de dizer; e há aí outras que, caso*

que é bem que se digam, QUEREM-SE ELAS cozidas (H. Pinto I. V. C. I-102) *entre as reais, SE CONTOU ELA sempre em tôda parte* (Sá Miranda O. C. I-302) – *não pela fé como SE ELA SE PUDESSE ALCANÇAR pelas obras* (Pereira B. S. Rom. cap. IX.º v. 32) – *com espadas SE FAZ ELA, padre* (Garrett Alf. de S. 21) *para êles especialmente e para seu particular benefício, é que ELA SE INVENTOU* (Castilho C. A. I77) – *DIZEM-SE ELAS indiferentemente “viable” ou “vital”* (Rui R. n.º 247 pg. 123) *por demais fôra acumular as citações, tanto e tão explícitas SE DEPARAM ELAS* (Laet H. P. 10) *Laudelino excomungado... a locução... e manda que SE ELA SUBSTITUA* (Sá Nunes A. L. N. I-225) *isto de correção, às vêzes, é conforme ELA SE ENTENDE* (Cândido F. e E. III-57).

585 – SIFLAR = apitar, sibilar, SILVAR.

Viu... o golpe SILVAR e descer, e cair destroncado o corpo (Rebello O. V. N. C. 228) – *o comboio SILVAVA na noite escura* (Antero R. e V. 107).

586 – SIFLO – assobio, apito, SIBILO.

Os SIBILOS dos dragões e serpentes ajudavam a entoar esta desventurada e triste música (Bernardes P. P. P. 120) – *e tremam de ouvi-lo, pior que o SIBILO das setas ligeiras* (G. Dias P. II-137) *e tu, locomotiva do Corcovado que trazes o SIBILO da indústria humana ao concêrto da natureza, bom dia!* (M. Assis Sem. 110).

SILVO:

Um SILVO de peloiro soou (Garrett Cam. 41) *deu um SILVO agudo, a cujo soído Egas pareceu reconhecê-lo* (Herculano B. 123).

587 – SOIRÉE = SARAU.

Há tôda a aparência possível de um SARAU suntuoso que se prolongou até de manhã (Garrett Alf. de S. 91) *de manhã, quando o SARAU apagava o seu rumor, chegava Lia à janela* (G. Dias P. II-49) *teve naturalmente muitas ocasiões de frequentar os SARAUS do paço* (Sotero C. L. P. B. I-106) *pela noite brilhante e ardente dos SARAUS... o bufão tomava ao acaso o temor que infundia o príncipe* (Herculano B. 29) – *a Sociedade de Quarteto do Rio de Janeiro continua dando as suas magníficas sessões de música de câmara; no SARAU de quarta-feira 20, tocou-se... um trio de Beethoven* (Laet J. do C. ano 65 n.º 114 pg. I.^a col. 7.^a).

SERÃO:

O Imperador quis que houvesse SERÃO para pagar, nos nóveis cavaleiros, o trabalho daquele dia, dançando cada um com sua dama (F. Morais P. de I. 32) – *José Ricaldo começava a cumprir a promessa dada à formosura estrangeira no famoso SERÃO do palácio dos Marialvas* (Rebello L. e T. II-105) *uma flor desabrochada em seus quinze anos, que o moço viu num dos SERÕES da côrte* (M. Assis A. 171).

SEROADA:

Nas SEROADAS do paço, discutia-se a fidalguia portuguesa, a bravura dos guerreiros, a gentileza dos cavaleiros (Antero L. T. 20).

588 – *SOUBRETTE* = DONA ÍNTIMA.

Era sua DONA ÍNTIMA, Maria Teles (Antero L. T. 21).

CUVILHEIRA:

D. Leonor entrou seguida das CUVILHEIRAS e donzelas da sua câmara (Herculano L. e N. I-I67).

589 – *SUPERCHERIA* = fraude, dolo, chatinaria, trampolinagem, traficância, tranqui-bérnia, ardil, NEGAÇA.

... Sabem quão própria NEGAÇA é esta... para sermos enganados (Bernardes N. F. II-270).

TRAPAÇA, EMBUSTE:

Tudo o mais que vos ocorre contra esta resolução são TRAPAÇAS e EMBUSTES do demônio (Bernardes P. P. P. 90).

MAROSCA, TRAMPOLINA:

Sr. doutor... os tratantes sabem grandes MAROSCAS! pois não acha V. Sia. que êle se fingiria surdo e cego para alguma TRAMPOLINA? (Camilo F. D. N. I47).

TRATADA:

Se te fingisses doente? – vinha o médico, a TRATADA era logo descoberta (Castilho Av. 72).

TRAMOIA, MAROTEIRA:

Foram os sofismas, as TRAPAÇAS, as ladras TRAMÓIAS da sua habilidade... fêz a MAROTEIRA e gabou-se de a fazer (Camilo F. D. N. 99).

VELHACADA:

No cimo da administração, outrora, se acabava um homem inteligente, honestíssimo, implacável inimigo de tôda VELHACADA (Laet A. I. ano II.º n.º 17 pg. 6).

BURLA:

Êsse compromisso era uma BURLA (Rui F. P. R. I67).

TRETA, TRICA, TRAFULHA:

Tenho-o por demasiada astúcia, mas êle fazia muito caso desta TRETA (F. M. Melo C. G. C. 187) – *libréu tem de agarrá-la, mau grado a quantas TRETAS use a lebre* (Filinto O. C. VI-156) – *não precisam de TRICAS, TRAFULHAS ou TRETAS para mascarar as suas intenções* (Rui G. C. V. B. 70).

ALICANTINA:

Sabem ser a República uma ilusão... e os pleitos eleitorais, uma série de ALICANTINAS (Laet V. de P. I.º/I/1915 pg. 13).

FALCATRUA:

Que ali há FALCATRUA bei grã suspeita (Filinto O. C. VI-I48).

EMBAÇADELA:

A paz das cidades só se podia obter à custa de EMBAÇADELAS recíprocas (M. Assis M. P. B. C. 261) – *o que neste projeto ressumbra é (perdoem-me a frase) uma formidável EMBAÇADELA armada ao país* (Rui F. P. R. 227).

BATOTA:

Todos, pelo negócio pelo negócio... das BATOTAS nos ministérios, secretarias e corredores parlamentares (Rui R. de G. III).

590 – *SURCHARGE, SURMENAGE* = sobernal, esgotamento, ergastenia, estafa, SOBRE-POSSE.

No meu tempo de estudante, aconselhavam os médicos ao que se excedia na luta: não trabalhe sobre posse; a SOBREPOSSE é origem de variadíssimas doenças (Silva Ramos P. V. F. 114).

591 – *TÊTE-A-TÊTE* = (como substantivo) colóquio, entrevista, encontro, entendimento; (como advérbio) = face a face, mão por mão, só por só, ROSTO A ROSTO, DE ROSTO A ROSTO.

Mas as almas que de todo o coração vos desejam... a vossa voz desejam ouvir e a vós querem DE ROSTO A ROSTO conversar (T. de Jesus T. de J. II-70) *nem o mesmo Padre o pôde bem negar a Mestre Diogo de Borba, quando DE ROSTO A ROSTO lho perguntou em Goa* (Lucena A. P. I-76) – *esperava Fernando ver o inimigo ROSTO A ROSTO* (R. Lobo C. de P. 54) – *eu sòzinbo... ROSTO A ROSTO contigo e no teu campo digo-te, ob! Gurupema, ob! rei das selvas, qu'és vil, qu'és fraco* (G. Dias P. II-218) *ROSTO A ROSTO os guerreiros pelejam* (M. Assis A. 15) *grande foi o enleio em que me vi, ROSTO A ROSTO de tão egrégia dona* (Camilo C. V. H. J. A. II) – *a fama só nos diz seus ilustres feitos, raros*

dotes, calando os defeitos inerentes à natureza humana que não escapam aos olhos de quem os contempla ROSTO A ROSTO (Silvério V. D. V. 344) ROSTO A ROSTO *com o tribunal aberto, rompeu a farrândula de fraldas* (Rui C. L. 201) *Cícero... rompeu ROSTO A ROSTO a acusação formidável contra o monstro que planeava a extinção da cidade* (Laudelino N. e P. IV-141).

CARA A CARA:

A dona dum hotel... tem criados que servem e dispensam de tratar CARA A CARA com os hóspedes (Camilo C. V. H. J. A. 67).

DE FRONTE A FRONTE, FRONTE A FRONTE:

Ao falar o vaqueiro, FRONTE A FRONTE seu amo a Damastórides lanceia (O. Mendes Od. I. XXII v. 216) – *tudo isso que a minha palavra inflamada lhe dizia DE FRONTE A FRONTE, ouviu-o mudo como um canhão encravado* (Rui E. da C. 14).

FACE POR FACE:

Há mal em vê-lo FACE POR FACE (Garrett Cam. 8).

592 – *TOAST* (do inglês) = brinde, saudação, SAÚDE.

No decurso do jantar, fizeram-se mutuamente muitas SAÚDES (Camilo T. I. 43) *estivemos juntos uma noite, há alguns meses, na Tijuca... não se lembra? em casa do Teodorico, aquela grande ceia de Natal, por sinal que lhe fiz uma SAÚDE* (M. Assis P. A. 195).

593 – *TROTTEUR* = andarilho, papa-léguas, andejo, andeiro, VIAGEIRO.

Com um bando de cegonbas, andorinhas ou grouns, faça-te, de um caseiro, um VIAGEIRO (M. Assis H. S. D. 114).

CAMINHEIRO:

Os filhos de Israel e os gafanhotos, antes de haver passarola, já eram os maiores CAMINHEIROS do mundo (Rebelo O. V. N. C. 161).

594 – *VITRAUX* = vitrais, vidrais, vidramentos.

Seu olbar anojado fugiu... para os VIDRAMENTOS coloridos das janelas geminadas (Antero L. T. 114).

GALICISMOS NATURALIZADOS

595 – Damos a seguir uma lista de palavras oriundas do francês, porém, já pelo uso, incorporadas no nosso léxico, louvando-nos numa enumeração ainda maior e mais completa, apresentada por Antenor Nascentes no seu “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa”:

Agiotagem, altruísmo, anisete, apanágio, aprendiz, approche, arcobotante, arranjar, artesiano, artilharia, assembleia, avenida, bagagem, baioneta, baixela, barricada, barril, bastilha, batel, bateria, beterraba, bilhar, bilbete, biltre, bisturi, blusa, bobina, bombom, boné, bossa, botão, breu, brida, broche, brochura, burocracia, cabaré, cabotino, cabriolé, cadete, cais, calembur, calote, caporal, carburador, carbureto, carrilhão, carruagem, cartonar, cêntimo, cerne, chalé, chamalote, chaminé, champanhe, chanceler, chantre, chapa, chapéu, charada, charamela, charrua, chefe, chinó, chique, clara-boia, cobarde, colcheia, colete, comandita, comboio, compota, comuna, concertina, coruchéu, crachá, craião, cré, creme, crepe, cretino, cretone, croché, daguerreótipo, dama, deão, departamento, derrapar, divisa, ducha, endossar, engrenagem, equipar, ergotismo, escamotear, espoleta, esquina, estágio, estrangeiro, etapa, evoluir, fabordão, fanfarra, ferrabraz, fiacre, ficha, filé, filete, finança, forja, formato, forrar, framboesa, franco, franja, fricassê, funicular, furriel, gabinete, galocha, galopar, garage, geleia, gorja, gravata, greve, gripe, grisalho, guante, guilbotina, hotel, huguenote, imã, instalar, jacobino, jaqueta, jardim, jaula, joalheiro, joia, lanceta, leste, loja, lote, luneta, macabro, maçonaria, manivela, manjar, manobrar, mansarda, marchar, maré, marmita, mascote, massagem, mastim, mecha, menestrel, metralha, mimuto, moda, morena, nordeste, nórdico, oboé, obreia, ogiva, pacotilha, país, paisagem, paisano, paladino, palitô, paquebote, passamanes, passaporte, patuá, percalina, personagem, petardo, petiz, pingüim, piquete, piramidona, pistão, placa, placar, plancha, plantão, plataforma, plúmifício, polaina, potro, prancha, prato, pré, proeza, projétil, puré, quepe, rampa, rapé, restaurante, retreta, retrós, ricochete, rocha, rocó, rolar, roleta, romanesco, romantismo, rosicler, sabre, saia, salada, salão, sargento, silhueta, sinete, tabagismo, talante, tamborete, tarlatana, terrina, timbre, tocha, trem, trenó, trinchar, trinchete, turbilhão, ultraje, usina, valete, varicela, vendaval, viável, vinbeta, viseira, vitrina.

Além destes termos, que documentar com exemplos clássicos seria quase sempre desnecessário e ainda por cima demasiadamente enfadonho, pareceu-nos apresentar, acompanhadas de trechos que as autorizam, mais algumas palavras ou locuções generalizadas pelo uso, sobre as quais poderia suscitar-se alguma dúvida. Por aqui veremos que os clássicos, assim como não são pela total aceitação dos galicismos (o que nos poria numa

posição de vil dependência para com a língua francesa, além de que muitos vocábulos desta não se compadecem de forma alguma com o gênio da nossa) assim também não opinam pela sua total condenação pois, se temos, no nosso léxico, palavras derivadas do inglês, do italiano, do espanhol etc., com maioria de razão havemos de tê-las derivadas do francês, dada a larga influência por este exercida na literatura de todos os povos civilizados, máxime na dos latinos. A questão está, muitas vezes, em saber quais os galicismos que havemos de rejeitar e quais os que havemos de admitir, embora saibamos, de modo geral, que a necessidade, ou o uso constante de par com a semelhança flexional com as nossas palavras, sejam fatores que nos possam induzir à sua legítima aceitação.

Sirvam as citações que damos neste capítulo para desfazer alguns escrúpulos que porventura possamos alimentar, quanto a certos termos ou expressões que nos vieram por imitação da língua francesa, é verdade, mas que já é tempo de considerarmos como fazendo parte integrante do vocabulário da nossa língua.

596 – ASSASSINATO.

Francamente não atinamos por que tenha sido tão condenada esta palavra pelos puristas, os quais acham que só se deva dizer *assassinio*. Admitir ASSASSINO, ASSASSÍNIO, ASSASSINAR é admitir o tema; e o sufixo ATO é bem nosso, e não é só na palavra ASSASSINATO que este sufixo indica *ação, cena, crime*, pois temos também: *pugilATO, estelionATO, plagiATO*.

Lá estão as fôrças, os algozes, os ASSASSINATOS (Garrett P. B. E. I58) *quanto aos processos que ocasionara o ASSASSINATO do alcaide-mor, sabemos que duraram, em suas diversas fases, mais de quatro anos* (Lisboa V. P. A. V. 252) *uma tentativa de ASSASSINATO assalariada pelo gabinete de Lisboa veio provar-lhe...* (Rebello História de Portugal t. III pg. 37 apud M. Barreto. De Gramática e de Linguagem vol. 2.º pg. 138) *um degenerado com ausência do senso moral comete um ASSASSINATO* (F. Castro E. C. I29) *encontra a senha que dera para o ASSASSINATO do Marquês de Terras Novas* (Camilo Marquês de Terras Novas 2.ª edição pg. 118) *mas então é um ASSASSINATO?* (M. Assis P. A. 114) – *compungidos, derramam lágrimas os mesmos que consideram justíssimos os ASSASSINATOS políticos* (Laet A. I. ano II.º n.º I supl.).

597 – ATAQUE no sentido de *acesso, insulto* (fr. *attaque*) já está amplamente vulgarizado.

Depois do ATAQUE de apoplexia, lhe era o andar dificultoso (Filinto O. C. XI-455) – *padeci, a falar a verdade, meus ATAQUES, assaz agudos dessa moléstia* (Garrett V. M. T. I-72) *o marquês combatia um ATAQUE de tosse que o sufocava* (Rebello D. N. T. G. S. P. 173) *um ATAQUE de nervos que era já o terceiro que o insultava* (Camilo A. de S. 52) *isto é como os ATAQUES de nervos, que se pegam às crianças* (T. Vasconcelos P. A. D. 104).

598 – AUDACIOSO.

É verdade que, aos substantivos portugueses terminados em ÁCIA, correspondem adjetivos em AZ: *falácia* – FALAZ; *contumácia* – CONTUMAZ; *eficácia* – EFICAZ; *perspicácia* – PERSPICAZ. Mas ao lado de *astucioso* = cheio de astúcia, *blandicioso* = cheio de blandícias; *malicioso* = cheio de malícia; *tendencioso* = que mostra tendência etc., etc., *audacioso* = cheio de audácia, que mostra audácia, se é galicismo, o é tão inocente, que não chega a macular a pureza da língua.

Desfere os vãos AUDACIOSOS para os céus (Rebelo L. e T. I-162)... *excedem os poderes da mais AUDACIOSA fantasia* (Latino E. C. 64) *e mais AUDACIOSO não ousava fitá-la de rosto* (Camilo A. de P. II) *duas senhoras, achando a cortesanie, excessiva e AUDACIOSA, interrogaram os olhos do dono da casa* (M. Assis P. A. 34) – *converter AUDACIOSAMENTE o título de um livro espanhol num substantivo português, não importa, para os lexicógrafos a obrigação de registar o invento* (Cândido C. S. S. 149) *semelhante caterva... perseguirá AUDACIOSAMENTE a glória no domínio das letras* (Leda Q. L. B. 99)... *encabeçando as AUDACIOSAS delinquentes no 219 do código criminal* (Laet J. do C. ano 58 n.º 89 pg. I.^a col. 6.^a).

599 – AVALANCHE, AVALANCHA.

A palavra AVALANCHE designa em francês *a massa de neve que rola das montanhas*, e passou a designar, por metáfora, *qualquer invasão temerosa e tumultuária*. O *runimol* proposto por Castro Lopes não conseguiu suplantá-la e a palavra tem tido aceitação em bons autores.

O povo assustou-se e tremeu com a ameaça daquela AVALANCHA que o esperava (Garrett Arc. de S. 89) *as águas refrescam a verdura das suas encostas e fertilizam as suas várzeas, sem se precipitarem com o estampido medonho das AVALANCHES* (Latino A. e N. 35) – *vimos hoje prevenir-vos contra certos perigos que ameaçam soverter a fé e a moral, já tão atrozmente combatidas pela AVALANCHE dos escândalos, que nos assalta de todos os lados* (Silvério C. Past. 174) *o neveiro se evola das AVALANCHES* (Rui C. L. 64) *os visigodos... invadiram a península... descendo, sob o comando de Ataulfo, como uma poderosa AVALANCHE, as escarpas meridionais dos Pirineus* (Eduardo Carlos Pereira, Gramática Histórica 5.^a ed. pg. 246).

600 – BANAL é palavra muito antiga; remonta aos tempos do feudalismo e nos veio do germânico, através do francês. Chamava-se antigamente banal um poço, moinho ou forno etc., quando o senhor feudal por meio de um *banho* ou proclamação, autorizava o povo a servir-se dele, mediante certo tributo. Naturalmente arcaizou-se neste sentido por não estarem mais em vigor os costumes feudais. Daí passou depois a designar uma coisa *comum, vulgar, trivial, que chega para todos, comezinha, corriqueira*. Apesar de poder ser bem substituída, já não é possível bani-la da nossa língua e bem poucos decerto pensarão em fazê-lo.

Dizer que eram três graças é uma vulgaridade cansada e tão BANAL... (Garrett V. M. T. II-130) a política nas províncias cifra-se tôda... na BANALIDADE das declamações (Lisboa O. C. I-194) viu defronte de si uma criada que lhe dizia BANAIS e frias expressões de alívio (Camilo A. de P. 148) atravessaram-lhe o cérebro algumas memórias BANAIS (M. Assis Q. B. 322) – a expressão “a vida é um sonho” deixou de ser um lamento BANAL do romantismo suspiroso (Silva Ramos P. V. F. 53) não poderão pretender que são licenças... ou outro qualquer BANAL argumento (M. Barreto N. E. L. P. prefácio VI) eis o meu raciocínio, BANAL como eu mesmo (Rui G. C. V. B. 77).

601 – BIFAR vem do *biffer* francês – apagar o que está escrito, cancelar, riscar e significa também em nossa língua *tirar, roubar, subtrair*.

Uma traça BIFARA o resto da palavra (M. Assis P. R. 122) derriçar pelas orelhas do judeu, BIFAR-LHE as jóias (Rebello O. V. N. C. 235) vai-te restituir aos gregos e latinos o que lhes tens BIFADO (Castilho Sab. 141) – com o mesmo direito com que BIFOU êsse artigo, podia ter BIFADO quantos outros lhe aproovessem (Rui R. de G. 221).

602 – BOM-TOM vem do francês (*le bon ton*).

Ao abismo profundo do seu desprezo das frioleiras humanas, atirara os figurinos de Keill e do Catarro, juntamente com a carta constitucional, com o código de BOM-TOM (Camilo C. V. H. J. A. 48) era de BOM-TOM não ser menos generoso (M. Assis Q. B. 349) – atafula-se no BOM-TOM do desdém e da calúnia (Rui D. e C. 313) o BOM-TOM mandava, entre cultos, aparentar humor eclético (Antero U. O. J. 80) entre as pessoas de BOM-TOM... é mui corrente essa maneira de pensar (M. Barreto N. E. L. P. 24).

603 – BONOMIA (do fr. *bonhomie* – *lbaneza, candura, simplicidade, bondade, singeleza*) tem sido bem aceito em nossa língua.

Sendo assim, que mal há na BONOMIA que Tartufo atribui ao céu? (M. Assis Sem. 90) – da sua BONOMIA no humorismo... darão testemunho perpétuamente os seus escritos (Rui C. L. 226) êle não chamava “Cordeiro” mas “Borrego” pela conhecida BONOMIA do poeta da “Doida de Albano” (Cândido M. S. 181) a incandescência do meu olhar de pecado... é hoje substituída... pela luz plácida da BONOMIA complacente (Antero U. O. J. 14) à fina malícia do humorista, casava-se a despretensiosa BONOMIA do salão (Laet J. do C. ano 58 n.º 90 pg. I.^a col. 8.^a).

604 – CHAMBRE.

É abreviação do francês *robe* de CHAMBRE.

De CHAMBRE e de chinelas, pela comprida sala passeava... Sua Senhoria (Cruz e Silva Hiss. 22) não duvidava, com tal elmo, tais braçais e tal couraça dar cabo dum campeão de barrete e CHAMBRE (Filinto O. C. IX-161) – dê-me o CHAMBRE de cetim-primavera (Rebello M. D. J. II-33)

vestia uma espécie de CHAMBRE de sêda azul (T. Vasconcelos P. A. D. I68) *apenas lbe toquei no assunto, acendeu o cachimbo, cobriu as pernas com as abas do CHAMBRE de sêda desbotado* (Camilo R. H. R. 224) *quem o visse com os polegares metidos no cordão do CHAMBRE...* (M. Assis Q. B. 7) – *ao lado o tear que tece o burel dos seus CHAMBRES e polainas* (Antero J. em P. I45) *um patife bem desmoralizado... pelo fato de pendurar o CHAMBRE no cabide... muda de caráter* (Laet J. do C. ano 58 n.º 6I pg. I.ª col. 4.ª).

605 – CHICANA vem do francês (*la chicane*), mas tem origem remota, pois o francês o recebeu do grego, e o grego, do persa.

Veríamos extinguir-se e acabar-se êsse maldito espírito de CHICANA que é uma verdadeira peste destrutiva da paz e tranqüilidade das famílias (Seixas C. das O. III-32) *a CHICANA, os doutores e os magistrados são os que governam* (Lisboa O. C. I-I6I) *vá promover já, já, sem sombra de CHICANA o enlace que há de unir Valério e Mariana* (Castilho Tart. 94) *mas são capazes de fazer CHICANA os meus inimigos* (M. Assis Q. B. 37) – *estira-se no chão, com o cambapé de uma CHICANA ou o pontapé de uma violência, o direito* (Rui R. de G. II4) *longa, interminável CHICANA dignou-se de mover-me o Sr. Álvaro Reis* (Laet H. P. 59) *se as julgou tais o jornalista, é porque se deixou ilaquear nessa rêde de sutilezas, CHICANAS e regrinhas, impostas pela tirania dos gramáticos* (M. Barreto N. E. L. P. I54).

606 – COFIAR veio do francês (*coiffer* = pentear).

Ali, COFIANDO uma cabeleira mal empoada, e de cachos à antiga, pôs o chapéu de lado sôbre a copa (Rebello M. D. J. I-19) *pôs-se a COFIAR amorosamente o bigode* (Herculano C. U. A. 278) – *quando eu, há poucos anos, lho lembrava, COFIAVA a longa pêra branca e confessava ter saudades de Vizeu* (Cândido M. S. 36).

607 – CONDUTA (*la conduite*) pode admitir-se, sem crime, para designar o modo de alguém dirigir ou conduzir suas próprias ações (ou por outra) *conduzir-se a si mesmo*. A flexão portuguesa seria *condução*; mas *condução* já tem outro sentido.

Quem tem boas leis, tem má CONDUTA (Durão C. c. III.º e. 6I) *não imitas a CONDUTA de um príncipe prudente* (Basílio O. P. 228) *segura a tua CONDUTA com a recepção dos santos sacramentos* (Sacramento V. H. P. 48) – *a Lei e a Constituição, eis a norma invariável da minha CONDUTA* (Seixas C. das O. II-II) – *tôdas as regras de CONDUTA, todos os preceitos e ensinamentos aí se acham claros* (Laet A. I. ano II.º n.º I.º pg. 5) *admitir a CONDUTA como resultado exclusivo dos móveis conscientes não é certo* (Laudelino N. e P. VI-I32).

608 – DE RESTO (fr. *du reste*) tem, a seu favor, ligeira semelhança com o latim *de reliquo*.

DE RESTO, Henrique Clay... é um dos homens mais eminentes da União (Lisboa O. C. I-I37) *DE RESTO, tratavam-se com aparente cordialidade* (Herculano L. e N. 252) *era prova de uma rara*

isenção de espírito; DE RESTO o finado era exímio nos retratos (M. Assis H. S. D. 78) DE RESTO, muito mais modestos que justos juízes dos seus produtos (Camilo apud E. C. Ribeiro Tr. 782) – DE RESTO Regina tem idéias assentes sobre pontos de honra, nos quais não transige (Antero Cômicos 4.^a ed. pg. 112).

609 – DESCOBERTA = descobrimento (fr. *découverte*) está por demais generalizado.

Tal DESCOBERTA cabe ao tempo e às fatalidades (Camilo D. da M. 102) em baixo sobre o pilar... o infante D. Henrique, primeiro fautor das DESCOBERTAS e conquistas dalém mar (Latino A. e N. 54) Vossa Alteza não se digna permitir que os nossos pilotos genoveses reclamem alguma parte na glória marítima de suas DESCOBERTAS? (Garrett F. L. S. 184) não é investigando as especulações e as DESCOBERTAS dos filósofos... que os homens podem ser felizes (Seixas C. das O. II-87) donde aguardavam os aplausos da DESCOBERTA, só vêm atirar a apupada da gralha entre os pavões (Castilho N. do C. 124) falaram da DESCOBERTA do contrabando (T. Vasconcelos P. A. D. 22) dá lugar à observação, a DESCOBERTA da droga curativa (M. Assis Q. B. 7) – um ato de fé vale mais do que tôdas as DESCOBERTAS da ciência humana (Silvério C. Past. 166) mas onde faria o Sr. pastor esta sua impagável DESCOBERTA do sono letárgico dos justos? (Laet H. P. 92) qual dos meus amigos seria capaz de afirmar, à luz do sol, diante das últimas DESCOBERTAS da ciência de governar os povos, que o dia tem rigorosamente vinte e quatro horas? (Silva Ramos P. V. F. 21) neologias serão, pois, os termos científicos chamados a batizar DESCOBERTAS e invenções (M. Barreto N. E. L. P. 317).

610 – DESOLAR, DESOLAÇÃO, DESOLADO.

DESOLAR tem a significação vernácula de *assolar, arruinar, estragar, devastar, depredar: Donde nascem os flagelos que, há tanto tempo DESOLAM os nossos campos?* (Seixas C. das O. I-157).

DESOLADO significa também *isolado, sem companhia*, sentido que já possuía no latim: *Que autem vere vidua est et DESOLATA, speret in Deum* – lemos na I.^a epístola de S. Paulo a Timóteo cap. V.^o v. 5. *Aquela, porém, que é verdadeiramente viúva e FICOU SÓ, espere em Deus.*

Não vemos repugnância em que DESOLADO de *devastado e solitário* passe, por extensão e por metáfora, a significar o estado de uma alma *aflita, isolada, sem amigos, sem consolo ou devastada pela dor.*

Mesmo sem a influência francesa, esta transposição de sentido poderia ter-se realizado. Tanto é assim, que a Igreja não hesita em aplicar a Maria Santíssima, em sentido acomodaticio, no Ofício de Nossa Senhora das Dores, aquelas palavras com que Jeremias se refere à devastação de Jerusalém: *Posuit me DESOLATAM tota die moerore confectam* (Lamentações I-13) *Pôs-me EM DESOLAÇÃO, afogada em tristeza todo o dia* (Pereira B. S.).

Dize à alma DESOLADA e trêmula: eu sou o teu amparo (Caldas S. de D. 166) é dado (disse) perguntar donde vem tal DESOLAÇÃO? (Filinto O. C. XI-472) – junto àquele médico não havia DESOLAÇÃO que sofresse indiferença ou desamparo (F. Castro E. C. 33) – Carlos Afonso teve ordem

de embarcar... com destino à Europa, levando em sua companhia a DESOLADA família (Laet A. I. ano II.º n.º 12)... *serras nuas que no verão devem esaldar o corpo e DESOLAR a alma* (Antero J. em P. 134) *saí DESOLADO* (Silva Ramos R. de C. ano I.º n.º I.º).

611 – EMOÇÃO.

O latim possui o verbo *emovere* que significa *agitar, mover, abalar, perturbar, sacudir*. Isto daria naturalmente *emotio-nis*. Mas tal substantivo não se conhece em latim. O francês *emotion* nos deu EMOÇÃO, que a analogia com *remoção* (latim *remotio-nis*) *comoção* (latim *commotio-nis*) *promoção* (latim *promotio-nis*) etc., faz francamente aceitável. Além disto o uso...

Que se acrescente... a prolixidade das EMOÇÕES finas e rebuscadas (Camilo R. do P. 189) *o mesmo órgão... tem sido prostituído a sons lascivos e incompatíveis com as puras e santas EMOÇÕES de uma piedosa sensibilidade* (Seixas C. das O. I-228) *o meu peito de homem não basta a tantas EMOÇÕES* (Castilho M. U. M. 20) *poeta que fôsse, não poderia... transmitir-lhe a EMOÇÃO da grandeza, do deslumbramento, da felicidade* (M. Assis H. S. D. 192) – *vi os senadores deixarem a sua cadeira tomados de EMOÇÃO inexprimível* (Rui D. e C. 196) *pensar-se-ia na maneira de injetar-lhes na alma as grandes EMOÇÕES interiores* (Silva Ramos P. V. F. 44) *eu devia à minha terra esta romagem de EMOÇÃO às suas cousas lindas* (Antero J. em P. 54) *outros escândalos há, mais dignos da grande EMOÇÃO do nosso crítico* (M. Barreto F. L. P. 301).

612 – FUNERAIS.

A mais antiga forma é a do singular FUNERAL:

Viram os nossos... dar sepultura ao corpo com todo o FUNERAL militar e político que ensinou a vaidade da guerra (Jacinto V. D. J. C. 105) *que são as galas e enfeites? FUNERAL do siso e modéstia* (Bernardes P. E. 269) – *chorado ocultamente e sem as honras de régio FUNERAL, desconhecida pouca terra os honrados ossos cobre* (Basílio O. P. 118) *pedindo-se emprestada a certa confraria a cêra necessária para o seu FUNERAL* (Gaspar M. H. C. S. V. 158) – *ressumbra não sei quê tão solene e grave e agosto de um FUNERAL, entrando a passo lento as portas da igreja* (Garrett Cam. 8) *nunca houve FUNERAL tão rico de prantos e louvores* (Rebello C. e L. 6) *entre os parentes da casa que assistiram ao FUNERAL, estava o morgado de Pôrto-Alvo* (Camilo R. H. R. 207) – *foi necessário vender os animais do tráfego, a liteira e os livros de seu uso particular, para saldar as despesas do FUNERAL* (Silvério V. D. V. 342) *escolbido para tributar, no FUNERAL público dos primeiros heróis da luta contra Esparta* (Rui D. e C. 532).

Mas por influência francesa começou de se usar com mais insistência a forma do plural, a qual aparece nos bons autores:

O grão Pacheco sem FUNERAIS se enterra (Bocage Son. 123) – *a nobilíssima ordem do senado confirmou a eleição e decretou FUNERAIS esplêndidos e honras divinas ao divino Cláudio* (Lisboa O. C. I-94)... *FUNERAIS instaurando a Polidoro* (O. Mendes E. I. III.º v. 61) *as ocupações motivadas*

pelos FUNERAIS de Pedro II.^o justificaram, aos olhos de todos, a reclusão do príncipe (Rebelo M. D. J. II-177) viera depois dos FUNERAIS (Camilo H. de P. I-22) – são os FUNERAIS de um deus, orquestrados com labaredas (Antero J. em P. 97).

613 – GAMENHO (fr. *gamin*), além de ser popular (veja-se o “Vocabulário Pernambucano” de Pereira da Costa), tem a seu favor o haver sido usado por Camões.

Vós sois das GAMENHAS (Camões T. I77) – também gizava para a sobrinha (moçoila assaz GAMENHA) e para a serva sirigaita, saias (Filinto O. C. VI-290) – e Cláudio, o doce poeta, não o vemos todo ali... GAMENHO no perigo...? (M. Assis N. R. I55).

614 – HORDA nos veio do tártaro ou talvez do turco, por intermédio do francês.

Maiorais de nações, de povos, de tribos, de HORDAS, de famílias (Castilho F. pela A. 233) os sábios eram as novas HORDAS setentrionais chamadas a desmembrar um novo império (Latino E. C. 25) o solo pátrio estremecia, batido pelo trolpel das HORDAS conquistadoras (Camilo F. D. N. I6) contou-lhe os prodígios de negócio nos Estados-Unidos, as HORDAS de moedas que corriam de um a outro dos dous oceanos (M. Assis H. S. D. I73) –... chamassem, à luz da fé e da civilização, as HORDAS selvagens de índios (Silvério V. D. V. I7) uma restauração assente na vitória de uma HORDA de mentecaptos (Rui D. e C. 472).

615 – ISOLAR.

Sobre este vocábulo diz Gonçalves Viana nas suas “Apostilas”: “Muitos escritores preferem *insular* como verbo a ISOLAR – *apartar, deixar só, desacompanhado* “por ser galicismo”. Galicismo ou não, porque a forma é mais italiana que francesa, pois em toscano é que se diz ISOLA por *ilha*, entanto que em francês o nome é *île* antigo *isle*, entendo que já não é tempo de desterrar palavra tão útil e tão expressiva; *insular* é igualmente neologismo e em latim seria barbarismo”.

Todos os dias se engrandece e nobilita, adquirindo conhecimentos, talento e amor que não alcançaria, se visse ISOLADO (Camilo R. do P. I96) *as grandes massas de árvores eram indígenas, primitivas; eram as mesmas florestas selvagens, mas desassombradas em grupos* ISOLADOS (Garrett H. 75) *além, uma pedra, um fóssil* ISOLADO (Latino E. C. 26) *o reconhecimento da albumina urinária, como fato* ISOLADO, *é completamente estéril de vantagens clínicas* (F. Castro E. C. 97) – *o projeto 12 de maio* ISOLOU *absolutamente os escravos de sessenta anos* (Rui D. e C. I38) *nada mais fez do que abundar em dizeres que, tomados* ISOLADAMENTE, *induziriam à prática epicúrea* (Laet H. P. 42) *a gestação precede a existência, em estado* ISOLADO, *dos dois seres* (M. Barreto N. E. L. P. 281).

616 – LEGENDA = lenda é uma acepção discutida, porém não estranha, de todo, aos autores clássicos:

... *Exaltando-lhe também a imaginação infantil com LEGENDAS misteriosas em que a sua razão descobriu depois absurdas fábulas* (Garrett H. I68) *a poesia nebulosa do norte teceu as mais românticas LEGENDAS* (Latino A. e N. 42) *o que tenbo visto é virgens mais autênticas que as onze mil da LEGENDA* (Camilo Sangué I.^a edição pg. 54) – *a LEGENDA de terror incendiário com que os interessados na escravidão procuravam especializar o abolicionismo radical é a mesma com que, há quatorze anos, se caluniava o primeiro tentame de emancipação gradual no Brasil* (Rui D. e C. I67) *parece incrível que semelhante praga, já quase extinta nos tempos do LEGENDÁRIO chefe Siqueira, ainda hoje dê que fazer ao Sr. Tito* (Laet J. do C. ano 58 n.º 33 pg. I.^a col. I.^a).

617 – LIBRÉ.

Desde os primórdios do período clássico está naturalizado este galicismo (fr. *la livrée*).

Assim como a contínua prática sobre embaraços e vaidades é a LIBRÉ dos negociadores, assim o silêncio é o traje dos solitários (H. Pinto I. V. C. II-42) – *com custo, riqueza e variedade de LIBRÉS* (Sousa A. D. J. I-194) *vê-se falto de vestidos e LIBRÉS para seus criados* (Arte I22) – *pediu-me com eficácia que lhe descrevesse... qual LIBRÉ vestia o cocheiro* (Filinto O. C. X-312) – *trajavam, interesseiros e covardes, as LIBRÉS do vencedor* (Garrett V. M. T. I-62) *a pálida LIBRÉ nem todos vestem* (G. Dias P. I-285) *o sair para tôda a parte sem a pesada LIBRÉ das galas* (Castilho F. pela A. 89)... *distintivos da LIBRÉ dos Ponces de Leão da Espanha* (Camilo Q. de A. I82) – *corre a Roma e veste a LIBRÉ do Vaticano* (Rui C. L. I71).

618 – MADAMA.

Madame, aportuguesado em MADAMA, tem sido usado por autores respeitáveis.

Eu não trocarei duas peçoçadas da minha... por quantos sonetos estão escritos nos troncos das árvores do Vale Luso, nem por quantas MADAMAS Lauras vós idolatrais (Camões T. I96) – *bofé, MADAMA, que não é bem difícil isto* (Filinto O. C. X-42) *em urdir e tramar uma só teia, dez anos consumia a tal MADAMA* (Cruz e Silva Hiss. 61) – *isto não é conosco, é lá com as MADAMAS* (Castilho C. A. 203) *não é necessário ter mudança para poder afligir tristes MADAMAS* (Camilo D. da M. 61) – *o ferrageiro Lopes, êsse disse-me que há de ir com a sua MADAMA à feira de Alcântara e disse muito bem; já assim escrevia o Filinto* (Cândido F. e E. I-232).

619 – MAISTARDE.

Esta locução, no sentido oposto ao de *mais cedo*, nada há que se lhe diga p. ex.: *ele chegou MAISTARDE do que o professor*. Porém no sentido de *dias depois, tempos depois* é apontada como galicismo.

Galicismo, entretanto, bem inocente.

... *Tufão maligno que não soubemos como nos cumpria prevenir em tempo e que MAIS TARDE há de zombar das nossas capitulações e das nossas fraquezas* (F. Castro E. C. 70) *todo o organismo aspira e elabora os elementos nutritivos... só MAISTARDE, quando chega à perfeição, lhe é dado reproduzir-se* (Latino A. e N. 121) *dizei a essas criancinhas que já existem e às que vierem MAIS TARDE, o que Deus vos fêz entrever* (Camilo R. do P. 210) *falava-me do obséquio a cada passo, dava-me grandes nomes, enfim acabou; MAIS TARDE relacionamo-nos intimamente* (M. Assis H. S. D. 79) — *a derrama que se fêz dessas ações foi o lençol de petróleo que, MAIS TARDE, se ateou e propagou a conflagração* (Rui F. P. R. 22) *só depois, MAIS TARDE, nos apercebemos do que vimos* (Antero J. em P. 3) *eu aprendi primeiro com meus pais, e MAIS TARDE no Colégio de Pedro II.º, com o professor de religião* (Laet A. I. ano II.º n.º I.º pg. 5) *inflamou os primeiros arroubos de eloquência com que, MAIS TARDE, assombrava os ouvintes* (E. C. Ribeiro P. L. E. 65).

620 – MATALOTE, MATALOTAGEM.

MATALOTE vem do francês *matelot* (marinheiro); é um galicismo de cabelos brancos, como diria o *Cândido* de Figueiredo. MATALOTAGEM (fr. *matelotage*) exprime, em geral, *provisões para viagem*.

De meu MATALOTE se me tornou senhor (Camões T. 284) *os passageiros e navegantes têm tudo prestes, sem lhes ser necessário ir carregados de MATALOTAGEM* (Lucena A. P. II-218) *tudo foi avaliado em quatro mil cruzados, afora uma boa MATALOTAGEM de arroz, açúcar, lacões e duas capoeiras de galinhas* (F. M. Pinto Per. I-115) — *contei por graça isto ao MATALOTE* (Arte 252) — *delas consta a MATALOTAGEM da gente marítima* (Pita H. A. P. 23) *aos mesmos deu embarcação, MATALOTAGEM de biscoito, carne, pescado até tomarem pôrto em Lisboa* (A. Barros V. A. P. A. V. I-118) — *era um popular deveras, um bom MATALOTE* (Garrett Alf. de S. 109) *deu-nos um cabazinbo em que levássemos a nossa MATALOTAGEM* (Herculano L. e N. II-304) *e pondo aquela resumida MATALOTAGEM ao ombro da escrava lacrimosa, a despediu e encomendou à sua ventura* (Latino A. e N. 198) *ignoro se tais vestes, houve-as de casa ou deu-lhas em viagem hóspede ou MATALOTE* (O. Mendes Od. I. XIX v. 186).

621 – PETIMETRE.

Temos *casquilho, janota, pelintra, peralvilho, frança, papo-seco, pisa-flores, pintalegrete*, etc., para designar o *almofadinha*, mas PETIMETRE (do fr. *petit-maitre*) não tem desagradado aos bons autores.

Êsse barrete, fê-lo Le Roy ou Mlle. Despreaux — acudiu um dêsses velbos PETIMETRES que, mais impudentes que os moços, carecem de graça (Filinto O. C. X-73) — *a párvoa chusma dos galãs mais parvos, dos foços PETIMETRES já do sexo gentil não quer favores* (Garrett F. F. C. 54) *um moço peralvilho, um frança, como se chamavam os PETIMETRES, não o excedia no apuro* (Rebello M. D. J. 70) *duas de minbas filbas tiveram tendência para PETIMETRES que tafulavam miraculosamente* (Camilo F. D.

N. 58) *êle andara de pantorilbas em rapaz e parece que foi um dos PETIMETRES da cidade* (M. Assis Q. B. 68) – *aquêle barão, ridículo PETIMETRE* (M. Barreto N. E. L. P. 343).

622 – PIQUENIQUE nos vem do inglês (*pick-nick*) através do francês.

Relevem-me esta expressão familiar: fizeram um PIQUE-NIQUE de ilusões (M. Assis H. S. D. 231) – *o absinto amargo do PIQUE-NIQUE da vida nos sobe à cabeça* (Silva Ramos P. V. F. 43) *estou aqui há dois dias e já vi dois PIQUE-NIQUES* (Antero J. em P. 365).

623 – ROTINA vem do francês (*la routine*).

Extraordinários sucessos interromperam a ROTINA ministerial (Garrett P. B. E. 51) *que desgraça finalmente não é, ver confessores... conferindo, por uma espécie de ROTINA... absolvições tão perigosas* (Seixas C. das O. I-119)... *não capitulasse ao péso da ROTINA* (F. Castro E. C. 122) – *tudo o mais, no seu mecanismo, pode rolar à mercê da ROTINA* (Rui R. de G. 167) *a mim próprio significou o malogrado Santos Valente desejos de se penitenciar da sua transigência... com a ROTINA inconsciente dos ilustres escrevedores do seu tempo* (Cândido P. de L. I-99)... *em homenagem à ROTINA* (Silva Ramos P. V. F. 170).

624 – TER LUGAR = realizar-se.

No sentido de *ter cabimento, ser admissível, ser possível*, a construção TER LUGAR é estreme vernáculo. Algumas vezes, na prática, a diferença desta acepção para a de *realizar-se* é quase imperceptível.

Em obras albeias... TEM LUGAR essa desculpa (R. Lobo C. na A. 65) *o seu jejum era mais estreito; a sua disciplina, mais rigorosa e, se TINHA LUGAR, mais prolongada* (Souza V. do A. I-23) *não devia TER LUGAR a piedade onde perigava o bem público* (S. Maria A. H. I-54) *tendes muita razão no que dizeis... mas nada comigo TEM LUGAR* (Bernardes N. F. III-11) – *a justiça dêste intento não TEVE LUGAR onde reinava a cobiça* (A. Barros V. A. P. A. V. I-110) *com esta alma, não TEM LUGAR a vossa misericórdia* (Sacramento V. H. P. 72) *com os anos irmos mudando de umas vaidades para outras... algumas há que em certos anos são incompatíveis e só TÊM LUGAR em outros* (M. Aires R. V. H. 71) – *sòmente no ideal, no inteligível TEM LUGAR a certeza filosófica* (Latino O. da C. intr. CCLIV) – *qual a vantagem com que beneficia o texto, em clareza, elegância ou energia? nenhuma. Logo não TEM LUGAR; deve sumir-se* (Rui R. n.º 58 pg. 30) *naquelas construções, não TEM LUGAR o sinal da crase no segundo complemento coordenado* (Sá Nunes A. L. N. II-34).

Quando a TER LUGAR se segue um complemento de lugar real ou virtual, acontece muitas vezes que esta locução equivale exatamente a *acontecer, realizar-se, efetuar-se, fazer-se, ser levado a efeito* e não pode ser condenada como galicismo, pois aí o verbo TER tem o sentido natural, próprio, irrecusável de *possuir* como se vê no seguinte exemplo de D. Silvério: *TEVE LUGAR a cena nas Águas Virtuosas de Lambari* (Silvério V. D. V. 247). Assim

como se pode dizer que um crime TEVE *autor* EM *Fulano*, TEVE *origem* NO *ciúme*, pode-se também dizer que TEVE *lugar* NO *Recife*. E dizer que um fato TEVE *lugar* no *Recife* é o mesmo que dizer que *aí se realizou*. O verbo HAVER no exemplo infratranscrito de Fr. Heitor Pinto vem sempre ao caso, pois sabe-se a perfeita equivalência dos verbos TER e HAVER, máxime no século em que viveu aquele escritor.

Que males não TERÃO EM MIM LUGAR? (T. de Jesus T. de J. I-312) *bem vejo eu, disse o italiano, que houve muitos homens que desprezaram o mundo e fugiram dêle por não serem dêle vencidos, mas vós não me podeis negar que fugir-lhe é fraqueza, porque a verdadeira vitória contra o mundo é vencê-lo sem lhe fugir. Antes, disse o português, é ao contrário. Bem que NAS BATALHAS CORPORAIS HÁ isso LUGAR, mas nas espirituais diz S. Jerônimo que fugir é vencer* (H. Pinto I. V. C. II-15) — *pediu, se decretasse que não TIVESSE mais LUGAR NA CÔRTE ROMANA êste gênero de graça* (Sousa V. do A. I-262) *pedem seus feitos, dignos de memória eterna, a relação mui diferente da que aqui TEM LUGAR NA NOSSA HISTÓRIA* (R. Lobo C. de P. 17) *o chorar é efeito ou consequência do ver... dir-me-eis por ventura que EM EVA e NO SEU PECADO TEVE LUGAR esta consequência, em nós e nos nossos olhos, não* (Vieira S. V-95) — *não pode isto TER LUGAR e, menos com solenidade, EM ORATÓRIOS PARTICULARES* (Seixas C. das O. I-57) — *TEVE LUGAR a cena NAS ÁGUAS VIRTUOSAS de Lambari* (Silvério V. D. V. 247).

Se TER LUGAR não é construção bárbara, mas existe há muito tempo na língua, no sentido de *ter cabimento* etc., se TER LUGAR seguido de complemento locativo coincide perfeitamente com *fazer-se, efetuar-se, realizar-se* etc., achamos que houve demasiado rigor em condenar-se categoricamente o uso de TER LUGAR = realizar-se, mesmo sem este complemento. Seria apenas um caso de natural generalização de sentido, embora provocada pela influência do francês; por isto nos não admirou, além de vê-lo tão vulgarizado, encontrar este uso em bons autores.

...Decorrendo os anos sem que TIVESSE LUGAR o casamento, começou a padecer a reputação de minha mãe (Filinto O. C. X-183) — *a negociação de que êle reza, TIVERA LUGAR durante a primeira embaixada do marquês* (Lisboa V. P. A. V. 106) *neste dia, o mesmo em que TIVERA LUGAR a conferência de Sebastião de Magalhães com o seu visitador, o Sr. D. Pedro obrara prodígios* (Rebello M. D. J. I-233) *além de quê, se tal prodígio devia TER LUGAR* (Camilo Freira no Subterrâneo 2.^a ed. pg. 153) — *... entregando-lhes tôda a direção do Seminário, o que TEVE LUGAR a 2 de fevereiro de 1853* (Silvério V. D. V. 140) *agora TENHA LUGAR e entre como um raio de luz... a genuína interpretação cristã* (Laet H. P. 140).

625 – TOCANTE = comovente é imitação do francês *touchant*, mas já está consagrado pelo uso.

Tal é, senhores, a misteriosa bênção e TOCANTE profecia (Seixas C. das O. II-25) *a êste lugar pertence agora a narração de uma das cenas mais TOCANTE destes três memoráveis dias* (Lisboa O.

C. I-179) o TOCANTE *era ir ela nos braços das espôas do Senhor* (Camilo R. H. R. 132) *bem diverso... é o testemunho público de solidariedade e de afeto que transluz do TOCANTE discurso* (F. Castro P. P. 6) *o adeus do cemitério foi proferido pelo João Braz, um adeus TOCANTE com algum excesso de estilo para um caso tão urgente* (M. Assis H. S. D. 75).

626 – TUALETE.

Achamos melhor aportuguesar a escrita de *toilette* do que proscrever este termo, que não é estranho aos bons autores.

Tal era a TUALETE de Isabel (Garrett H. 110) *as damas tinham graça palaciana, espírito, donaire, TUALETES a primor das modas* (Camilo N. B. J. M. 16) *as melhores TUALETES foram descritas por ambos, com muita particularidade* (M. Assis H. S. D. 103) – *se são brasileiras... as elegâncias das TUALETES em que se moldura a graça das nossas mulheres* (Rui C. L. 167) *são rentes no palco à hora das TUALETES* (Antero Cômicos 4.^a ed. pg. 129).

627 – VIR DE FAZER = acabar de fazer.

A construção VIR DE FAZER *alguma coisa* não foi copiada do francês, mas sempre existiu na língua portuguesa. Assim como Rocha Pita disse: *Voltava Caetano de Melo de Castro, vice-rei da Índia, de governar aquêl Estado* (Pita H. A. P. 267) podia também ter dito: VINHA Caetano etc. O verbo VIR neste caso não tem propriamente o sentido de *acabar* mas o significado próprio, que lhe compete, como a *verbo de movimento*. Não só se diz *venho da missa, venho da caça, venho da guerra*, como VENHO DE OUVIR MISSA, VENHO DE CAÇAR, VENHO DE GUERREAR.

VINDO, *uma manhã, êstes quatro da irmandade, DE VISITAR os enfermos da casa, nós lhes pedimos... que quisessem falar... ao chaém* (F. M. Finto Per. I-183) *para isso queria que feridas as filhas de Nereu no ponto fundo, damor dos lusitanos incendidas, que VÊM DE DESCOBRIR o novo mundo* (Camões L. c. IX.^o e. 40) VINDO *um dia dêstes de PREGAR de fora, cheguei a uma fragosa rocha* (H. Pinto I. V. C. III-196) – *chegou àquele pôrto Luiz Falcão que VINHA DE GOVERNAR Ormuz* (Jacinto V. D. J. C. 274) *não tardou muito o beato Columbino que com seu companheiro VINHA DE OUVIR MISSA* (Bernardes N. F. III-22) – *a Providência Divina parece que com particularidade dispôs... que um pregador, que VINHA DE PREGAR à gentilidade, declarasse o mistério da vocação do gentilismo à fé* (A. Barros V. A. P. A. V. I-255) *raivava-lhe de prazer o rosto quando voltou: VINHA DE VER um pai, um amigo, um benfeitor* (Filinto O. C. X-308) – *êle aí VEM DE DIZER a sua missa* (Garrett AIf. de S. 13) *aquêles VÊM DE JORNADEAR* (Castilho F. 154) *hoje, a horas de têtça, VINHA eu, pelas Fangas acima, da banda dos cobertos do Pelourinho, DE FAZER as minbas mercancias* (Herculano M. de C. I-284) *as pessoas que VINHAM DE FEIRAR na cidade contavam tôdas que dois homens tinham aparecido mortos* (Camilo A. de P. 69).

Vê-se bem que nestas expressões VENHO DE OUVIR MISSA, VENHO DE CAÇAR, VENHO DE GUERREAR e em mil outras análogas, embora o verbo VIR exprima *movimento*, acontece que o sentido da frase coincide exatamente com o de *acabar de fazer*: *acabo de ouvir missa, acabo de caçar, acabo de guerrear*. Por isto insensivelmente se poderia ter passado de uma a outra acepção. O fato, porém, é que só sob a influência francesa, esta translação se verificou. Rui Barbosa, na sua “Réplica”, aduziu vários textos para provar que VIR DE FAZER não era galicismo. Mas os exemplos, que apontou, de quinhentistas e seiscentistas traziam todos o verbo VIR no sentido de movimento; o uso da acepção de *acabar* está claro, ali na sua documentação, a partir do século XVIII, quando é já patente o influxo francês.

Encontramos uma frase em Bernardes, a qual ainda deixa certa dúvida se a intenção do autor foi empregar VIR = movimento ou VIR = acabar: *Agora que uma alma VEM DE SE CONFESSAR e comungar, necessita de ser mais instruída e doutrinada para se poder conservar na graça* (Bernardes P. P. P. 85).

Seja como for, embora galicismo, VIR DE FAZER = *acabar de fazer* já está legitimado e naturalizado por bons escritores que, ou de moto próprio ou levados pela autoridade de Rui, gostosamente o perfilharam.

Tinha a minha alma dito quanto VEM DE PRONUNCIAR-ME a vossa bôca (Filinto O. C. X-177) — *o dia VEM DE ACABAR* (Garrett F. F. C. 214) *a moça falava num tom sêco e imperioso em que mais dominava a impaciência do que a comiseração, a que VINHA DE ALUDIR* (M. Assis M. e L. 69) — *quase sempre os desvalia um dos senões que VENHO DE APONTAR* (Rui R. n.º I09 pg. 53) *a incerteza, como SE VEM DE VER, não fica...* (Laudelino N. e P. V-53) *Leonor Teles... tinha dentro de si...as maldades que a existência apega a quem VEM DE tempestuosamente a TRILHAR* (Antero L. T. 356) *e a prova insofismável... dá-no-la o próprio Dr. Carneiro na mesma assinalada obra que VENHO DE CITAR* (Sá Nunes A. L. N. I-137).

628 – VÍVERES.

Apesar do clássico VITUALHAS, que não se deve deixar cair em desuso:

Propôs aliviar a fortaleza de tôda gente inútil como escravos, mulheres e meninos que ajudavam a diminuir a água e consumir as poucas VITUALHAS que havia (Sousa A. D. J. I-115) —... *como um pobre soldado, sem socorro, sem VITUALHAS* (Filinto P. 83) — *o reverendo abade favoreceu el-rei de Castela, prestando-lhe abundantes VITUALHAS para o seu exército* (Herculano M. de C. I-113) *tomando terra em Tenerife para refrescar e aperceber-se de VITUALHAS* (Latino F. de M. 156) *além da injúria que Vítor Hugo irrogava à gramática, aos frades e às VITUALHAS saborosas...* (Camilo C. V. H. J. A. 50) *VITUALHAS apresta e acondiciona em ânforas o vinho* (O. Mendes Od. I. II.º v. 217).

a palavra VÍVERES generalizou-se, prevalecendo no uso sobre aquela; seu emprego remonta ao século XVII.

Não seria fácil render-se uma praça onde havia tão valorosos soldados e tão bem providos de VÍVERES, como aquêlê regalo mostrava (S. Maria A. H. I-31) – com todos os mantimentos e VÍVERES de que pode carecer a maior povoação (Pita H. A. P. 50) concorreram tantas esmolas, que para muitos meses sobejaram VÍVERES (A. Barros V. A. P. A. V. I-105) tomaram êstes, como própria cura, de VÍVERES prover a gente armada (Durão C. c. IV.º e. 19) mas não havia VÍVERES na cidade, por ser o ano sétimo (Pereira B. S. I.º Mac. cap. VI.º v. 53) – não lhes valeu a aberta proteção de Espanha que lhes dava munições, quartel, VÍVERES, auxiliares (Garrett P. B. E. 159) cortar os VÍVERES em campanha é tão meritório aos soldados como dar de comer a quem tem fome, na paz de Deus (Rebelo A. D. J. I-285) os VÍVERES, amigos, transportemos que hei no aposento (O. Mendes Od. I. II.º v. 313) carecia de VÍVERES e pólvora, mas não poderia remediar esta falta (T. Vasconcelos P. A. D. 241) – o bloqueio que esterilizara a escravidão como produtora de oiro... acabou inutilizando-a na qualidade de produtora de VÍVERES (Rui C. de I. 244).

CAPÍTULO X

GALICISMOS APARENTES

629 – Palavras e locuções possuímos na nossa língua que parecem ridículas imitações do francês, sendo, no entanto, genuinamente portuguesas. Muito contribuem para este fato a natural semelhança que há entre o português e o francês, como línguas irmãs que são, e a riqueza do nosso idioma.

Não raro, de duas palavras sinônimas ou de duas formas sincréticas, na língua portuguesa, uma é mais distanciada da palavra francesa e outra, mais aproximada. Assim temos – *contágio* e *contagiação* (francês *contagion*), *menino* e *infante* (fr. *enfant*), *descontente* e *malcontente* (fr. *malcontent*), *operário* e *obreiro* (fr. *ouvrier*), *potente* e *possante* (fr. *puissant*), *recusar* e *refusar* (fr. *refuser*). E à prima vista parece que a mais aproximada do francês é grosseiro galicismo, quando ela pode ser, igualmente com a mais distanciada, legítimo vernáculo. Sirvam de exemplo os casos seguintes.

630 – APRESTO, APRESTAR, APRESTAR-SE são formados do adjetivo *prestes*, não vêm do francês: *apprêt, apprêter, s'apprêter*.

É muito notável ua ordem que S. Alteza deu a Nuno da Cunha... quando SE APRESTAVA para sua embarcação (Sousa A. D. J. II-36) mandou... APRESTAR vinte e cinco caravelas (Jacinto V. D. J. C. 6) o mesmo sucede nos APRESTOS das armadas para a costa (Arte 29) – enquanto a feral pompa já se APRESTA, tôda a pena em favor se lhe comuta (Durão C. c. I.º e. 3I) em tudo o mais pertencente ao APRESTO das suas embarcações... são cortês e amorosamente tratados e servidos (Pita H. A. P. 40) de antemão ME APRESTEI a me dar por desentendida (Filinto O. C. X-29) – já SE APRESTAM guerreiros luzentes (G. Dias P. II-54) o salso farro APRESTAM (O. Mendes E. I. II.º v. 136) sigamos a narração de Gaspar Correia descrevendo os APRESTOS da pequena armada (Latino F. de M. 154) – nem um botão de polaina faltava aos APRESTOS da tropa (Rui C. de I. 220) de uma e outra parte faziam-se temerosos APRESTOS (Laet A. I. ano II.º n.º I.º pg. 7).

631 – ARENGA = discurso, alocução. ARENGAR = discursar (de latim bárbaro *barenga*, donde vem igualmente o francês *la harangue*).

E lhe pedimos esmola, começando com algumas lágrimas o intróito da nossa ARENGA (F. M. Pinto Per. I-II66) como aqui se detivesse um pouco por cuidar com que palavras faria sua ARENGA (F.

Morais P. de I. 81) — *fêz um dos vereadores sua estudada ARENGA* (Jacinto V. D. J. C. 27) *pois esperai que hei de ir trincando-vos a cada passo vossa ARENGA* (F. M. Melo A. D. 75) *mais ARENGAS enfiou a esta* (Arte 233) — *escusem de quebrar-nos os ouvidos com uma insulsa, dilatada ARENGA que ouve por uso o povo e não entende* (Cruz e Silva Hiss. 65) *que tal acha a destampada ARENGA?* (Filinto P. 94) — *subiu com Vasco ao primeiro andar, chegou à janela com êle e fazendo daí rostrum ou tribuna de suas ARENGAS...* (Garrett Arc. de S. 172) *Sueiro Gundes... de cima fêz sinal de que desejava ARENGAR ao povo* (Rebello O. V. N. C. 49) *D. João d'Ornelas escutou silencioso a longa ARENGA do venerável prelado* (Herculano M. de C. II-347) *ARENGAVA nas praças de Atenas* (F. Castro E. C. 140) *tudo quanto êste homem ARENGOU me pareceu acertado* (Camilo C. V. H. J. A. 18) *era o próprio Alcebiades, cheio daquela elegância e desgarre com que usava ARENGAR às grandes assembleias de Atenas* (M. Assis P. A. 239) — *M. de la Chaise, prefeito de Arras, numa ARENGA endereçada a Napoleão lhe dizia: Deus fêz Bonaparte e descansou* (Rui R. de G. 165) *depois da missa, eu subia ao púlpito e atirava uma ARENGA aos colegas e ao público* (Cândido M. S. 58) *escrevia-se em francês traduzido, ARENGAVA-SE da mesma sorte* (Leda Q. L. B. 24).

632 — ASSAZ DE. ASSAZ é empregado pronominalmente na locução ASSAZ DE: ASSAZ DE MAL, ASSAZ DE GUERRAS por *muito mal, muitas guerras*. Tal uso, que é velho na nossa língua, não é galicismo, apesar da semelhança com o francês — *assez de*.

Navegou agôsto, setembro e outubro com muitas tormentas de ventos, chuvas e cerrações, com que se todos viram em ASSAZ DE perigo (Castanheda H. do D. I-8) *ASSAZ DE mal lhe quero* (Camões L. c. II.º e. 40) *com ASSAZ DE trabalho e risco de nossas vidas, nos recolhemos ao junco de Mem Taborda* (F. M. Pinto Per. I-129) — *ASSAZ DE guerras e inimigos tínhamos na Índia* (Jacinto V. D. J. C. 76) — *tive ASSAZ DE sentimento* (Filinto O. C. X-26) — *ASSAZ DE crimes e horrores, de virtudes e heroicidades matizam a história das nações antigas e modernas* (Garrett P. B. E. 108)... *ASSAZ DE propriedade* (Castilho F. 13) — *os ingleses tiveram ASSAZ DE bom senso sempre, para não cultivar êsse ideal* (Rui F. P. R. 91) *há certos elementos... que, por se reproduzirem ASSAZ DE vêzes, a língua os assimila* (M. Barreto F. L. P. 73).

633 — BEM = muito (*bene*, no sentido de *muito*, antes de adjetivos e participios passados, já era de uso no latim popular).

Foi ter a umas ilbas que estavam BEM junto da costa (Castanheda H. do D. I-26) *ab! BEM dura é* (A. Ferreira P. L. I-32) — *ficara por visitar na vigairaria de Valença na igreja BEM pequena* (Sousa V. do A. I-107) *BEM ocioso estava êste autor, quando fêz êste exercício* (F. M. Melo A. D. 348) — *na terra firme, defronte da Ilba Grande... mora o célebre frade, BEM conhecido dos moradores e navegantes da costa* (Gaspar M. H. C. S. V. 118) *o meio BEM seguro de que os respeitem é viverem... unidos entre si* (Filinto O. C. IX-390) — *somente algum dos seus conselheiros antigos... não deixaria de interpretar, como BEM ameaçador para D. João de Ornelas, o pálido sorriso que lhe brincava nos lábios* (Rebello C.

e L. 251)... *minha terra que é BEM grande e BEM formosa e BEM cheia de delícias* (Castilho F. pela A. 227) – *BEM mais fácil era arrebatat o ânimo a tropas em marcha* (Rui C. L. 254).

Portanto não há por que condenar BEM-AMADO:

Noutro dia o cocheiro ia-me tão pasmado a compor um soneto ao BEM-AMADO (Castilho Sab. 74) *sois o BEM-AMADO entre os últimos de Coimbra* (M. Assis P. R. 209) – *tu vais dizer-me, oh! BEM-AMADA, em confidência, a mais discreta* (Silva Ramos P. V. F. 285).

634 – CONTAGIÃO (do latim *contagio-onis* que deu origem ao *contagion* francês).

É única contra o veneno e preserva da CONTAGIÃO e apeçamento de peste (Orta C. S. D. I. I-85) – *seguiu a tantas misérias, a maior de tôdas que foi a CONTAGIÃO do ar* (Sousa A. D. J. I-88) – *evita a CONTAGIÃO que às mais vem já vizinha* (Castilho G. I. II.º v. 686) *outras macas levavam os mortos de CONTAGIÃO aos valados dos cemitérios* (Camilo Coisas espantosas apud Rui R. n.º 454 pg. 192) – *entrando com energia heróica ao domínio das CONTAGIÕES assoladoras, deu à ciência o poder ultra-humano de varrer grandes regiões terrestres das endemias* (Rui F. B. 27).

635 – DEFENDER = proibir. DEFESO = proibido são de velho uso na língua e não constituem erros de galicparlas.

Mas comer o gentio não pretende, que a seita que seguia lho DEFENDE (Camões L. c. VII.º e. 75) *outros entraram acusando-o falsamente, que DEFENDIA pagar tributos a César* (T. de Jesus T. de J. II-49) *se Eva não vira árvore DEFESA, pode ser que não pecara* (H. Pinto I. V. C. I-30) *DEFENDEU-LHES a circuncisão* (J. Barros Pan. 55) *não vêem quanto Deus DEFENDE o rei tomar officio de prelado* (Couto S. P. II 6) – *não comia peixe contínuo... por lho DEFENDEREM os médicos* (Sousa V. do A. I-78) *têm obrigação os meirinhos e alcaides de tomarem as armas DEFESAS* (Arte 13) – *nem todos os capitães têm o zelo de Alarico que nos saques se punha à porta dos templos, a DEFENDER que se não cometessem desacatos* (Pita H. A. P. 185) *o sórdido avarento em vão DEFENDE que possa o filho entrar no seu tesouro* (Gonzaga M. de D. 15) –... *uma coisa que tôdas as leis da guerra proíbem, que nas atuais circunstâncias e em semelhante guerra ainda é mais DEFESA* (Garrett V. M. T. I-188) *o filho de Filipe DEFENDERA, por decreto, que algum outro escultor o retratasse* (Latino E. C. 123) *unir destra com destra me é DEFESO?* (O. Mendes E. I. I.º v. 429) *as universidades lbes estão fechadas, DEFESAS a magistratura e os tribunais* (Castilho F. pela A. 75) – *o carro do imperador era multado por atravessar uma rua DEFESA* (Rui R. de G. II 5) *cerremo-nos hoje aqui, para prosseguir na caça, enquanto o não impede o tempo DEFESO* (Cândido C. S. S. 227).

636 – DEMANDAR = pedir, perguntar, exigir, procurar, é de velho uso clássico.

Mas os cavaleiros que eram já ali, foram causa de se espedirem mais asinha do que o pranto de suas derradeiras tristezas DEMANDAVA (Bernardim M. e M. 125) *a que dizes ora isto? me DEMANDA*

(A. Ferreira P. L. I-187) *bem parece que o nobre e grão conceito do lusitano espírito DEMANDE maior crédito e fé de mais alteza* (Camões L. c. VII.º e. 69) – *se o ofício DEMANDA tantos requisitos, quem poderá satisfazê-los?* (F. M. Melo A. D. 224) *privilégio que tantas virtudes supõe e tantas graças DEMANDA* (Bernardes N. F. I-9) – *a mim só, se me deve a glória inteira (fala o soberbo Tejo) eu o DEMANDO* (Cláudio O. I36) *perguntai-me as cousas futuras, DEMANDAI-ME que é o que eu estou para fazer acêrca de meus filbos* (Pereira B. S. Isaías cap. XIV v. II) – *não mais o ortígio oráculo DEMANDES* (O. Mendes E. I. III.º v. I58) *esta delicada combinação... DEMANDA, ela mesma... o mais subido grau de inteligência e moralidade* (Seixas C. das O. II-89) – *o nome vernâculamente não DEMANDA o artigo* (Rui R. n.º. I79 pg. 85) *quanto, porém, ao DEMANDAREM a esmola, não o fizeram com a mesma prontidão* (Silvério V. D. V. 25) *o privado de D. Fernando disse que o rei DEMANDAVA o que lhes prazia* (Antero L. T. 85).

637 – DEMORAR = morar, estar situado, habitar, é vernáculo, apesar de bem parecido com o francês *demeurer*.

Acêrca da meia-noite viu uma ilba muito grande que lbe DEMORAVA ao norte (Castanheda H. do D. I-28) – *sáiram a uma ilba deserta que DEMORAVA perto* (S. Maria A. H. I-74) – *só anelava aos valimentos daquele Rei que DEMORA muito além de todos os sublunares* (A. Barros V. A. P. A. V. I-40) *os que DEMORAM da parte do Ocidente temerão o nome do Senhor* (Pereira B. S. Isaías cap. LIX v. I9) *lá para os descampados de Oreb, DEMORAVA a sua tribo* (Filinto O. C. IX-I03) – *por entre algumas choupanas que DEMORAVAM da esquerda, via-se um reluzir vago* (Herculano M. de C. I-273) *suponhamos que as suas barcas apenas se aventuram... quando muito, até aos portos estrangeiros que lbe DEMORAM mais à mão* (Latino F. de M. II2) *aquela mocidade esperançosa... não sabia topográficamente em que parte DEMORAVAM os povos, seus comitentes* (Camilo Q. de A. 20) – *mais perto da França e de Portugal, DEMORA a Alemanha* (Rui R. n.º 39 pg. 24) *na gruta que DEMORA junto ao sopé do monte, não piedosa modernamente gravou uma inscrição* (Laet A. I. ano II.º n.º I.º. pg. 8).

638 – DIFERENÇA = desavença não veio de *differeñd*.

Então os moveu a DIFERENÇA que tinham com el-rei Charles de França (D. Góis C. D. E. 33) *não sòmente com os vassalos, mas com os filbos, irmãos e parentes, tiveram já muitos príncipes DIFERENÇA e guerra civil* (J. Barros Pan. 30) – *não faltaram desgostos e DIFERENÇAS até os competidores chegarem a Cochim* (Sousa A. D. J. II-25) *atalhou as DIFERENÇAS que entre as religiões pode haver sòbre a maior excelência do seu instituto* (Bernardes N. F. II-2I8) – *chegavam êles com o espírito, afervorando os católicos e compondo-os nas suas DIFERENÇAS* (Pita H. A. P. 74)... *vinham ter com ela em tôdas as suas DIFERENÇAS* (Pereira B. S. Juizes cap. IV.º v. 5) – *os bispos eram então os árbitros... que julgavam de tôdas as causas ou DIFERENÇAS suscitadas entre os individuos da sociedade cristã* (Seixas C. das O. III-3I) – *o ministro... nada tivera com a DIFERENÇA* (Rui R. de G. I5I).

639 – FORTUNA = riqueza.

A palavra FORTUNA no sentido de *riqueza, cabedal, haveres, opulência*, tem sido condenada como galicismo. No seu livro “Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa”, página 253, Mário Barreto, depois de afirmar que só se emprega tal acepção “em português pouco limpo” acrescenta: “Os franceses, entendendo que o dinheiro é que faz a felicidade, empregam FORTUNA em vez de *riqueza*; o termo vulgou-se, os escritores franceses adotaram-no, desde há mais de um século e os filólogos lá de França não tiveram outro remédio senão registar essa evolução de uma palavra que primitivamente queria dizer *destino, sorte* e se acompanhava de um qualificativo para indicar a próspera e adversa FORTUNA”.

Entretanto, sem desfazer na grande autoridade de Mário Barreto e outros que assim opinam, pedimos vênias para as seguintes observações:

1.º – Desde o tempo dos quinhentistas, se tem empregado na nossa língua a expressão BENS DA FORTUNA, no sentido de *riquezas, cabedais, haveres, juntamente com todas as vantagens que possam advir de uma sorte privilegiada*.

A minguá dos amigos acompanha a dos BENS DA FORTUNA (Arrais D. 4) *haveis, senhor, de saber que eu fui filha de um alto homem tão rico de vassalos, como dotado de BENS DA FORTUNA* (Bernardim M. e M. I 75) – *êstes, prevenidos com o estrago albeio, resolveram-se a defender suas casas ou morrer dentro nelas, tão iguais andam na estimação com a vida êstes BENS DA FORTUNA* (Jacinto V. D. J. C. 205) – *ficou, pois, convindo que fôssem a prosápia e os BENS DA FORTUNA o mais assinalado princípio de desigualdade entre os homens* (Filinto O. C. IX-360) – *são as letras uma útil ocupação na mocidade... não se perdem, como os BENS DA FORTUNA* (Sotero C. L. P. B. I-4) *faltavam-lhes BENS DE FORTUNA: os haveres dêle não excediam a trinta mil cruzados* (Camilo A. de P. 5).

2.º – Deste emprego para a abreviação FORTUNA é mui pequeno passo. Que seja fácil esta transição, mostra-se no seguinte trecho de D. fr. Amador de Arrais, escritor, note-se bem, quinhentista:

Mas vemos aquêle ter mais cópia de amigos, que de tôdas as mais cousas, tem menos falta; e que sempre a minguá dos amigos acompanha a dos BENS DA FORTUNA e a cópia daqueles, a dêstes. E, se queremos ver quais são os nossos amigos e quais os da nossa FORTUNA, quando ela se parte de nós, o sentiremos: porque então os nossos seguem a nós e a ela, os seus; e, caso que o nosso acompanhamento seja melhor, sempre o seu é maior” (Arrais D. 4).

Alguém poderá observar que não consta aí, à evidência, que o autor haja empregado FORTUNA em lugar de *cabedais* e que ele talvez quis dizer que há amigos nossos e amigos da nossa boa sorte; quando ela se vai, desaparecem eles. Achamos mais razoável que o autor tenha querido dizer que há amigos nossos e amigos dos nossos cabedais, dos nossos haveres, da nossa riqueza, pois acabara de dizer que “*a minguá dos amigos acompanha a dos*

BENS DA FORTUNA". Em todo o caso, só o fato de caberem numa só frase duas interpretações FORTUNA = riqueza, FORTUNA = sorte, mostra que, sem ser preciso recorrer à imitação francesa, a passagem de um para outro sentido bem se podia dar normalmente em português, como, aliás, já se havia dado realmente no próprio latim, conforme, daqui a nada, mostraremos. Mas se o leitor quer trechos que mostrem com certeza o emprego de FORTUNA em vez de *riqueza*, apresentamos-lhe, à testa de vários outros, três do Padre Manuel Bernardes que não era nenhum galicizarla e precedeu, não um século mas dois, ao tempo em que viveu Mário Barreto.

Se não houvera POBREZA, não houvera artes mecânicas, nem agricultura, nem navegação e a comunicação que por elas veio ao mundo, não houvera nenhuma das indústrias e habilidades que inventou o desejo de ter; nem recorreríamos a Deus em nossos apertos, nem exercitaríamos com o próximo as obras de misericórdia; ninguém quisera servir a outro, nem trabalhar e suar; entrara o ócio que junto com a FORTUNA é um manancial de vícios (Bernardes P. E. 97) venceu-a generosamente um Feraules, persiano que, subindo, por favor del-rei Ciro, de FORTUNA baixa a grande opulência, como viu que não podia dormir descansado como antes, demitiu tudo, ficando só com o que lhe bastava (Bernardes N. F. II-244) que doçura há maior no coração, que segurança e quietação maior na terra que a da boa consciência? longe está de temer na FORTUNA danos; na honra, injúria; no corpo, tormentos, a que até com a mesma morte, em vez de ser oprimida, se levanta (Bernardes N. F. II-302) – a perda da honra aflige mais que a da FORTUNA (M. Assis R. V. H. 5) saiu de Samardã certo pedreiro, faminto de ouro, em busca de FORTUNA (Filinto P. 238) – basta uma pequena FORTUNA em propriedade territorial... para conferir o direito de voto (Lisboa O. C. I-I30) não basta a FORTUNA que é sua? junte aos seus os meus bens, que os leve, que os possua, que seja mui feliz e deixe-me (Castilho Tart. 119) estava naquele dia capaz de lhes dar de presente metade da sua FORTUNA (Herculano L. e N. II-237) a FORTUNA adquirida pelo primeiro, à custa dos seus talentos (M. Assis N. R. 69) – nem do que rouba um cofre ou uma FORTUNA ao que rouba do seu detentor legal, um Estado, vai diferença (Rui R. de G. 229) Salústio fôra expulso pelo censor Ápio e se achava em precaríssimas condições de FORTUNA (Laudelino N. e P. II-105) numa terra em que há tão poucas FORTUNAS, apela-se para os cofres públicos (Laet A. I. ano II n.º 21 pg. 4).

3.º – Não é de admirar que Bernardes tenha usado FORTUNA no sentido de *riqueza*, quando o mesmo sentido já competia a esta palavra na língua latina, desde os tempos de Cícero e Ovídio. O latim não só possui a expressão *bona fortunae* no sentido de haveres, mas até a própria palavra FORTUNA com esta significação. Vejamos o Dicionário Latino Português de Francisco dos Santos Saraiva:

“Fortuna —... 4.º *Bens, haveres, posses, riquezas, réditos, rendas*, sing. com a mesma significação – *Fortunas adimere alicui* (Cícero) esbulhar alguém de seus bens. *Imminere omnium fortunis* (Cícero) ameaçar todos os haveres – *Fortunis expertes* (Salústio) os que não têm nada de

seu. *Per fortunas!* (Cícero) pelo que há mais caro! *Nec mea concessa est alii fortuna* (Ovídio) nem meus bens foram cedidos a outro. *Totam fortunam in nominibus habere* (Scaevola) ter todos os seus haveres em crédito”.

Podemos, pois, concluir que FORTUNA = riqueza nem foi invenção francesa, nem nunca foi galicismo.

640 – GAIO = alegre, jovial, vivaz (do antigo alemão *gâbi* = pronto, vivaz que deu *gayo* no espanhol, *gajo* no italiano, *gai* no francês).

...*Entre dois eméritos professores da GAIA ciência* (Rebello C. e L. 133) *tudo isto diziam os olhos GAIOS da menina* (M. Assis Q. B. 174) – *eu amo tanto a minha língua... que era meu regalo... ir ouvi-la... à GAIA gente da planície* (Antero J. em P. 47).

641 – GENTIL-HOMEM (composto de duas palavras bem portuguesas).

Lancemos de nossas casas os que são GENTIS-HOMENS penteados e mui astutos (Arrais D. 98) *um mancebo valenciano que já lhe começara de vir a barba; soía de ser GENTIL-HOMEM* (Sá Miranda O. C. II-178) *o mesmo trabalho o fêz parecer mais GENTIL-HOMEM do que era do seu natural* (F. Morais P. de I. 50) – *S. Isaque Sírio sente o mesmo da vista e trato fácil com mancebos GENTIS-HOMENS* (Bernardes N. F. II-396) *procurou acompanhá-lo, loução e GENTIL-HOMEM* (Sousa A. D. J. I-27) – *aqui o grande Almeida, GENTIL-HOMEM da Câmara... o discurso lhe atalba* (Cruz e Silva Hiss. 34) *bem apessoado e GENTIL-HOMEM* (Filinto O. C. X-182) – *Junot ainda ficou muito guapo e GENTIL-HOMEM depois disso* (Garrett V. M. T. I-60) *não achava outra razão possível, depois de um sarau a que tinham assistido tantos cavaleiros mancebos e GENTIS-HOMENS* (Herculano B. 79).

642 – GRABATO (do grego, através do latim GRABATUS-I, *leito, cama* – daí procede o francês *le grabat*).

O mendigo da aldeia, o velho cego, sôbre o duro GRABATO em choça humilde, achou a paz (Herculano P. II 16) *tristinha, muda e só, nas palbas de um GRABATO* (Castilho F. 217) *gozam disto as que repousam em tábuas de vis GRABATOS* (G. Dias P. I-146) *esteve a morte alguns dias vacilante à cabeceira do GRABATO de Alberto* (Camilo T. I. 241) – *não nos tomes todo o GRABATO* (Rui R. de G. 49).

643 – GRANDE SENHOR formado de duas palavras portuguesas e usado desde os primórdios do período clássico; não é imitação de *grand seigneur*.

Davi, um pobre pastor, veio a ser rei e GRANDE SENHOR (H. Pinto I. V. C. I-69) *às mesas dos príncipes e GRANDES SENHORES se cantavam antigamente em metro os feitos notáveis dos grandes homens* (J. Barros Pan. I) – *tenho desperdiçado tantas ceias no Paço e nas casas dos GRANDES SENHORES, que*

as quiseram muitos para o jantar de muitos anos (F. M. Melo A. D. 23) mas, sôbre todos, se assinalou em honrar e estimar ao Arcebispo, o Cardeal Carlos de Lorena, Arcebispo de Reims, GRANDE SENHOR em França (Sousa V. do A. I-343) – humilham louvores semelhantes e se parecem com os que aos GRANDES SENHORES se dão (Filinto O. C. IX-352) – em meio desta profusão de riquezas quase fabulosas, aparecia uma simplicidade de GRÃ-SENHOR (Garrett H. 63) era de GRANDE SENHOR não se afligir com a vista casual e instantânea de um pedaço oculto do seu reino (M. Assis Q. B. 310) – mas os GRANDES SENHORES da política brasileira não se indignaram (Rui R. de G. 51).

644 – INFANTE = menino (do latim *infans-tis*, donde se origina o francês *enfant*).

Aquela que, das fúrias de Atamante fugindo, veio a ter divino estado, consigo traz o filho, belo INFANTE (Camões L. c. VI.º e. 23) – quando na rêde encosta o tenro INFANTE, pinta-o de negro todo e de vermelho (Durão C. c. II.º e. 63) nascido INFANTE, ao mundo aflito, nosso delito paga em amor (Cláudio O. 296) quem primeiro pintou o amor em figura de alado INFANTE com facho e setas, muita invenção mostrou (Filinto O. C. IX-396) – gentil INFANTE engraçado, que vives tão sem cuidado, serás homem, mal pecado, findará teu sonbo então (G. Dias P. II-45) rompem à voz de “morto” os gritos da família, clamor de INFANTES, uivos de mulheres (Castilho N. do C. 29) a sabedoria abriu a bôca dos mudos e fêz eloqüentes as línguas dos INFANTES (Herculano M. de C. II-21) – é o INFANTE Jesus dos presepes (Silva Ramos P. V. F. 30).

645 – INUSITADO é imitação do latim *inusitatus* – a – um e não do francês *inusité*.

Pasmava ouvindo o instrumento INUSITADO (Camões L. c. II.º e. 107) – não procuram conhecer, nem deslindar as formas divergentes, duvidosas ou INUSITADAS (Cândido P. de L. I-29) a forma “sei o a que devo ater-me”, “não sei o em que pensas” é artificiosa e quase INUSITADA (M. Barreto A. D. G. 227) a fortuna o afaga com INUSITADA constância (Leda Q. L. B. 10) quando fui meter o periódico no bôlso, senti-lhe INUSITADO volume (Laet J. do C. ano 58 n.º 19 pg. I.ª col. 2.ª).

646 – LETRAS = carta (do latim *litteræ-arum*).

O Papa... mandou suas LETRAS ao Arcebispo, pelas quais lhe agradecia a diligência e o trabalho do caminho (Sousa V. do A. I-197) sempre que V. R. possa dar-me novas suas, pode crer que os meus alívios se acham nas suas LETRAS (Chagas E. C. 217) uns, como outros, agenciam dispensações... que vêm por breves e LETRAS apostólicas (Arte 248) – nela lbes dá o antedistintivo de Veneráveis Padres, têrmos poucas au raras vêzes usados em semelhantes escritos, muito menos em vida dos próprios sujeitos e em LETRAS a êles dirigidas (Jaboatão N. O. S. B. II-126) – de quem vem? de quem não manda mais palavra que as LETRAS vos não digam (Garrett Cam. 47) apenas haverá algum esquadrinhador de antiguidades que tenha notícia das três malogradas LETRAS (Lisboa O. C. I-93) inda agora partiu e, que tardasse? suas LETRAS de amor não tardariam (Castilho N. do C. 53) – chegados em Ouro Preto, apresentaram ao general... as LETRAS régias (Silvério V. D. V. 27) estamos ansiosos pela mala

de boje ou amanbã, porque esperamos que ela nos traga LETRAS suas (Rui Mocidade e Exílio Comp. Editôra Nacional 1934 pg. 289) *se Galatéia continuar a distinguir-me com as suas LETRAS, assine “Galathea”* (Cândido F. e E. II-86).

647 – MALCONTENTE é formado de MAL prefixo negativo e CONTENTE; não é macaqueação do francês *malcontent*.

Eu vejo arder teu peito em nova glória, claríssimo, D. Pedro, MALCOTENTE de não largar já as penas altamente (A. Ferreira P. L. I-82) – *até nos MALCONTENTES amainou a raíva* (Sousa V. do. A. I-65) *e se lhe lançarmos Ludovico de Casteveltro e a escola dos MALCONTENTES, que dirão dêle?* (F. M. Melo A. D. 332) *não se experimentariam os graves inconvenientes e contínuos dissídios que resultam de se meterem... os súditos MALCONTENTES com a reforma dos Superiores* (Bernardes N. F. III-157) – *bem que ambos saíssem MALCONTENTES de uma solução que não podia satisfazer cabalmente a um e outro...* (Rui R. n.º 25 pg. 18).

648 – MEIO-DIA = sul não veio do francês *midi*.

E destas doze portas, três olhavam para o oriente, três para o ocidente, três para o setentrião, três para o MEIO-DIA (Vieira S. III-35) *levantando os olhos para a parte do MEIO-DIA, viu um anjo do Senhor* (Bernardes N. F. II-151) – *correndo o das Amazonas para o norte e o da Prata para o MEIO-DIA* (Pita H. A. P. 7) *levanta-te e vai contra o MEIO-DIA, em direitura ao caminho que vai de Jerusalém a Gaza* (Pereira B. S. Atos cap. VIII.º v. 26) – *os povos do MEIO-DIA não professam aquela religião dos bosques* (Garrett V. M. T. II-13) *expulsos do MEIO-DIA, como já o fomos do norte, passaremos ao mar* (Rebello M. D. J. II-234) *provençal ou língua romance do MEIO-DIA da França* (Sotero C. L. P. B. I-10) *os homens do norte haviam-se confundido juridicamente com os do MEIO-DIA, em uma só nação* (Herculano E. P. 4) *levam os frutos da cultura do setentrião aos longínquos moradores do sul, as produções regaladas do MEIO-DIA às praias severas do norte* (Castilho F. pela A. 13).

649 – NÃO... MAIS não é a reprodução do *ne pas... plus*.

No Estégio lago jura a fama de MAIS NÃO celebrar nenhum de Roma (Camões L. c. VII.º e. II) *Aônia, que se determinou consigo, NÃO pôde MAIS descansar* (Bernardim M. e M. 64) – *como já achasse onde repousar, NÃO tornou MAIS à arca* (B. Brito M. L. I-6) *enfim NÃO pôde MAIS esperar e cortou a prática sêcamente* (Sousa V. do A. I-327) *NÃO quis MAIS comer, nem beber* (S. Maria A. H. I-159) – *enfraqueceu de sorte, que NÃO pode MAIS dar um passo* (A. Barros V. A. P. A. V. I-161) *demos que um dia se NÃO fale MAIS a língua francesa* (Filinto O. C. IX-414) – *é assim: NÃO se fala MAIS nisso* (Garrett F. L. S. 32) *desde êsse dia NÃO houve saber MAIS, nem da mãe, nem da filha* (Herculano L. e N. II-14) *orai para que NÃO caia MAIS essa vergonha em nossa idade* (Castilho F. pela A. 238) *Rubião deu um grito e NÃO viu MAIS nada* (M. Assis Q. B. 97) – *... essa generalizada impressão de que NÃO há nada MAIS que fazer* (Rui R. de G. I39) *e NÃO*

falemos MAIS nisso (Cândido P. de L. I-I44) o sr. pastor NÃO tem MAIS coortes, senão guerrilhas (Laet H. P. 84) chora a Pátria que NÃO ouvirá MAIS a voz eloqüente do repúblico extremado (E. C. Ribeiro P. L. E. 214).

650 – NÃO... OUTRO... QUE = não outro... senão – é de uso antigo na língua; não é imitação francesa.

NENHUMA OUTRA *cousa se salvou QUE a gente (D. Góis C. D. E. 159) as ninfas do Oceano tão formosas, Tétis e a ilha angélica pintada OUTRA coisa NÃO é QUE as deleitosas honras (Camões L. c. IX.º e. 89) – NÃO lhe deram OUTRO dote QUE as qualidades e virtudes de espôsa (Jacinto V. D. J. C. 4) sua condição NÃO É OUTRA QUE vir e passar (Bernardes N. F. II-122) – a diferença que há entre eles NÃO tem OUTRO fundamento QUE o que vem da preocupação e do conceito (M. Assis R. V. H. 141) OUTRO fito NÃO leva QUE o de a fazer venturosa (Filinto O. C. XI-452) – a intercessão de Maria Santíssima... NÃO tem OUTROS limites QUE os do Universo (Seixas C. das O. II-5) NÃO julguem os homens por OUTRO critério QUE o dos seus atos (E. Castro P. P. 14) –... realização de seu alto destino que OUTRA coisa NÃO é QUE o próprio bem (E. C. Ribeiro P. L. E. 153)... o senado... OUTRA coisa NÃO fêz QUE exercer o seu direito fundamental (Rui D. e C. 200) a sua pena... OUTRA coisa NÃO fêz QUE produzir e alcandorar-se (Laudelino N. e P. IV-230).*

651 – OBREIRO (do latim, *operarius-ii*, segundo todas as normas da etimologia) não vem do francês *ouvrier*.

Jesus-Cristo busca OBREIROS (Sá Miranda O. C. II-84) não havendo quem, como êle, desejasse muitos OBREIROS na Índia, a alguns despediu com grande resolução (Lucena A. P. I-274) eram, entre mestres e OBREIROS, mais de 156 mil homens (B. Brito M. L. I-I01) S. Francisco Xavier, como fiel OBREIRO da vinha do Senhor, alimpon em grande parte aquela terra... (Jacinto V. D. J. C. 58) – mandou o seu geral, por visitador das fundações dêste Estado, a animar os outros OBREIROS (Pita H. A. P. 88) êle estava no salão com alguns OBREIROS (Filinto O. C. X-I26) – eu vi morrendo os OBREIROS cair (G. Dias P. II-8) queria que os meus OBREIROS cantassem em côro (Castilho F. pela A. 121) – os suores, porém, dêste infatigável OBREIRO do Senhor não eram improfícuos (Silvério V. D. V. 220) triunfou a paciência do OBREIRO (Laudelino N. e P. VI-18) estas palavras... falaria de uma vida laboriosa, a outros OBREIROS (Rui C. L. 310).

652 – POSSANTE, POSSANÇA devem de ter origem no latim bárbaro e não no francês *puissant, puissance*.

Giges... cuidando em tanta POSSANÇA, inchado a Apolo pergunta pela bem-aventurança (Sá Miranda O. C. II-58) a POSSANÇA dos (in)imigos a terra lhe corria (Camões L. c. VIII.º e. 31) não é todo o Universo POSSANTE para lhe tolher sua luz (H. Pinto I. V. C. I-33) –... com os pequenos, benigno e com os POSSANTES, amigo liberal e generoso (R. Lobo C. de P. 30 v.) engrossa-lhe a raiz

com que depois vareja mais POSSANTE (F. M. Melo A. D. I80) – rendem-se os mais ao vencedor POSSANTE (Durão C. c. I.º e. 91) eu vou subindo a nau POSSANTE (Gonzaga M. de D. I78) – empório antigo, na milícia aspérrimo, POSSANTE e opimo (O. Mendes E. I. I.º v. 23) o terror do seu nome, ainda maior do que a sua POSSANÇA e malefícios, lbes servia de muralhas e baluartes (Castilho Q. H. P. II-I07) os cavaleiros mais POSSANTES arcavam com pedras enormes (Herculano B. I6) – aquêles mesmos, cuja POSSANÇA é inegável, professam o desprezo da retórica (Rui R. n.º 22 pg. 17).

653 – POSTA = correio, mala do correio (do latim POSITA-ORUM – coisas postas, colocadas, que deu no português, italiano e espanhol – POSTA e no francês, poste).

Achando-se a uns espetáculos públicos de grande gôsto, lhe veio uma POSTA que trazia novas de uma insigne vitória (Bernardes N. F. II-I96) – Madama Pichard acorreu logo pela POSTA, tôda sustos pelo filbo (Filinto O. C. XI-432) – o correio da POSTA interna havia trazido alguns papéis (Camilo C. V. H. J. A. I89) – não será um meio de circulação congênera à via férrea ou à POSTA no transporte das pessoas, valores e novas (Rui R. n.º 434 pg. I84).

654 – QUE... (encabeçando orações optativas).

QUE meu irmão, metade de minha alma... NOS TORNES vivo e são do fogo e tempestade (A. Ferreira P. L. I-I25) QUE ME MATEM, se esta não é a paixão com que agora anda o doudo de meu criado Amente (Sá Miranda O. C. II-I28) – fiéis, por aquêl Senbor Sacramentado, cujo zêlo me incita, cujo espírito me arrasta, QUE NÃO VOS ESCANDALIZEIS de minhas palavras (A. de Sá S. N. S. M. 28) – QUE te CONCEDA Deus, ministro justo (diz-lhe a alma venturosa) prêmio eterno (Durão C. c. I.º e. 62) – QUE ME NÃO LEIAM os tais (Garrett V. M. T. I-20) QUE ME TRAGAM o meu cavalo (Rebello C. e L. 221) que o DIGAM Lestrigões (Castilho F. pela A. I05) que ENFREIEM e selem o meu cavalo de batalha (Herculano L. e N. II-71) QUE o nume, a que devemos a fortuna dos dias bonançosos, NÃO DESVIE de nós a sua face propícia (F. Castro P. P. I3) cá os espero! QUE SE ACAUTELEM no dia em que subirmos (M. Assis Q. B. 217) – QUE SE MULTIPLIQUEM prodigiosamente as vocações para tão santo instituto (Silvério C. Past. I6) QUE O DIGAM os estudantes prejudicados em Portugal e no Brasil (Sá Nunes L. V. 83).

655 – QUE DE = quantos.

QUE DE dificuldades, QUE DE temores, QUE DE perigos, QUE DE remorsos, QUE DE desgraças lhe custou o ir ao inferno! (Bernardes N. F. I-214) QUE DE reinos, QUE DE impérios, QUE DE repúblicas se não têm destruído com pretexto de piedade e religião (E. Matos E. C. I8) – QUE DE sangue vos correu em casa, QUE DE mártires; contar-me-eis tudo (Filinto O. C. X-303) na mente QUE DE horrores antecipo! (Bocage P. VI-I63) – campa! campa! QUE DE terror incutes (G. Dias P. II-22) hereditário trono... QUE DE ranchos pueris te haverão rodeado a rir de idade a idade (Castilho

F. 203) QUE DE *apelidos ilustríssimos*, QUE DE *glórias venerandas*, QUE DE *varões verdadeiramente beneméritos...* (Latino F. de M. 20) – QUE DE *contrastes para as obras de Deus...!* (Silvério V. D. V. 152) *entre os resgatados*, QUE DE *cidadãos benfazejos, influentes, venerados, exemplares!* (Rui D. e C. 173).

656 – RECONTAR (de RE e CONTAR) nada tem que ver com o francês *raconter*.

Vai RECONTANDO o povo que se admira, o caso, cada qual, que mais notou (Camões L. c. V.º e. 91) e no dia seguinte, RECONTANDO esta visão a seus discípulos, chegou o pai de Plato oferecendo-lhe o filho (Arrais D. 17) – depois de lhe dar os parabéns de sua vinda... lhe RECONTOU o triste estado daqueles reinos (Sousa A. D. J. II-200) por grande que o perigo fôsse, seria depois maior o gôsto, quando o RECONTASSEM gloriosos e seguros (Jacinto V. D. J. C. 247) – já RECONTAVAM os mareantes, como ressuscitados, as mortes em que se tinham visto (A. Barros V. A. P. A. V. I-14) os menores casos que lhe eu especificava, se lhe estampavam na memória e houve lances em que êle mesmo mos RECONTAVA (Filinto O. C. X-II9) – escusa RECONTÁ-lo (Castilho Tart. 163) as misérias e lástimas que o rico-homem aí RECONTAVA, eram tais... (Herculano L. e N. II-32) um dia (RECONTA o Gênesis no capítulo XVI) Sara disse a Abraão... (Latino A. e N. 191) – não devemos omitir aqui um fato acontecido em casa de Antônio, o qual sua virtuosa mãe lhe costumava RECONTAR (Silvério V. D. V. 5) não RECONTAREI, pois, senhores, a minha experiência (Rui O. M. 70).

657 – RECONTRO (de RE e ENCONTROS, e não de *rencontre*).

Depois de vários RECONTROS, enfim lhe tirou o reino (B. Brito M. L. I-12) certos bárbaros, que em dois RECONTROS tinha vencido, lhe armaram cilada (Sousa A. D. J. I-62) começaram a engrossar e pôr-se em campo os dous exércitos do Bem e do Mal, cuja guerra, ora em batalhas campais, ora em RECONTROS mais ligeiros, se há de continuar (Bernardes N. F. III-155) – e teve com êles diversos RECONTROS (Pereira B. S. I.º Mac. cap V.º v. 7) – aqui num RECONTRO com os nossos, foi Junot gravemente ferido na cara (Garrett V. M. T. I-60) o péso do braço igualava, nos RECONTROS a altura dos espíritos (Rebello C. e L. 183) Garcia salvara o conde em certo RECONTRO (Herculano B. 76) – ser vencedor nesses RECONTROS é submeter a animalidade à humanidade (E. C. Ribeiro P. L. E. 211) feliz nos primeiros RECONTROS regressou, com a sua divisão, a proteger a fronteira meridional (Rui C. de I. 340) é natural que, nos primeiros RECONTROS, os católicos, apenas organizados, sejam vencidos (Laet V. de P. I.º / I / 1915 pg. 15) num RECONTRO travado recentemente entre êle e o distinto poeta... (M. Barreto F. L. P. 325).

658 – REFUSAR (do latim REFUSARE que deu *rebusar* no espanhol, *rifusare* no italiano e *refuser* no francês).

E a gente popular, avante, não REFUSAR (Gil T. 56) o Albuquerque irá amansando de Ormuz os parseus, por seu mal valentes, que REFUSAM o jugo honroso e brando (Camões L. c. X.º e. 40) e vós

quereis subir às honras e colhêr os frutos e REFUSAIS o trabalho? (Couto S. P. 121) REFUSAM-NO os poderosos (F. M. Melo C. F. 178) – *a formosura é soberba... não só REFUSA, mas despreza* (M. Aires R. V. H. 187) *boje REFUSA êste obsêquio render* (Cruz e Silva Hiss. 40) – *uma vez eleito, nunca REFUSAVA os cargos* (Lisboa V. P. A. V I-34) *contava dantemão com a obediência que não lhe podíamos REFUSAR* (Herculano L. e N. II-314) – *os jurisconsultos italianos REFUSAM o vocábulo “viabile”* (Rui R. n.º 253) *tendo S. Paulo e Barnabé REFUSADO, como sacrílego, o culto que o povo de Listra lhes queria tributar...* (Laet H. P. 71).

659 – RENDER GRAÇAS (do latim *reddere gratias*).

Pôs os joelhos no chão, RENDENDO AS GRAÇAS daquela mercê a quem de tal perigo o livrara (F. Morais P. de I. 41) – *à Virgem Santa, clara e pura, cada um... AS GRAÇAS RENDE* (R. Lobo C. de P. 21) *Luiz Falcão a aceitou, RENDENDO ao governador AS GRAÇAS por tão honrado castigo* (Jacinto V. D. J. C. 274) – *vieram depois os oficiais da Câmera... a RENDER-LHE GRAÇAS pelos bens que negociara na côrte para aquêle povo* (A. Barros V. A. P. A. V. I-142)... *eu te RENDO, Senhor, AS GRAÇAS, porque te iraste contra mim* (Pereira B. S. Isaías cap. XII v. I.º) *para RENDER a Deus AS GRAÇAS pelo benefício da sua não esperada felicidade, mandou levantar uma cruz* (Gaspar M. H. C. S. V. 104) – *RENDAMOS infinitas GRAÇAS ao Altíssimo* (Seixas C. das O. I-85) *o feliz candidato corria imediatamente ao templo, para RENDER GRAÇAS aos deuses* (Lisboa O. C. I-20) – *do fundo dalma lhe RENDAMOS GRAÇAS* (Silvério C. Past. 24) *cada mãe... depois de RENDER GRAÇAS a Deus, lhe dirigiria uma oração por êsses benfeitores ignorados* (Rui F. B. 33).

660 – REPORTAR-SE não é imitação de *se rapporter*.

A mim tudo SE REPORTE (Camões T. 43) *sempre SE REPORTAM às cartas que os viso-reis lhe escrevem* (Couto S. P. 101) – *REPORTAM-SE à vossa prudência* (Filinto O. C. XI-525) – *1641, a cuja época SE REPORTA provavelmente o primeiro opúsculo que escreveu sôbre a matéria* (Lisboa V. P. A. V. 40) – *a... lei preliminar REPORTA-SE ao código civil* (Rui R. n.º 35 pg. 23) *seja-me lícito solicitar-lhe a atenção... para o preceito que SE REPORTA à ordem indireta da frase* (Laudelino N. e P. IV-32) *o escritor luso SE REPORTA a uma cena selvagem* (Leda Q. L. B. 62) *e aqui tem o Fonseca o que dizem os papiros, a que ME REPORTO* (Cândido F. e E. II-188).

661 – REPROCHAR (do castelhano *reproche, reprochar*).

Ia ao armazém visitar o Palha; êste, ao fim de cinco semanas, REPROCHOU-LHE a ausência (M. Assis Q. B. 232) – *em que pese aos grandes mestres que REPROCHAM esta sintaxe... a mim não me é possível condená-la* (Sá Nunes A. L. N. I-9) *Alexandre da Conceição que assim é tão àsperamente REPROCHADO* (Laudelino Linguagem e Estilo Rio 1937 pg. 17) *o crítico encapuzado REPROCHA-ME o emprêgo de inversões* (M. Barreto F. L. P. 26).

662 – SOFRER no sentido de permitir, tolerar.

Quisera o Rei sublime ser primeiro, mas não lbo SOFRE a régia majestade (Camões L. c. VI.º e. 51) *não pode ter mudança, porque não se SOFRE tamanha imperfeição na majestade, grandeza e divindade do nosso Deus* (T. de Jesus T. de J. I-28) *quem traz o cuidado em reger bem, deve ganhar a vontade de seu povo, nem SOFRENDO que lbe seja feita sem-razão, nem a tendo em pouco, depois de feita* (J. Barros Pan. 62) – *não lbe SOFRIA o ânimo haver de chamar espôsa a quem dera o nome de mãe* (Sousa A. D. J. I-74) *não podia SOFRER a nossa bizarra infantaria... que fôssemos réus onde desejavam ser autores* (Vieira S. VIII-45) *SOFRA-SE o dizermo-lo assim* (Bernardes N. F. II-218) *SOFREI que vos diga dêsse pássaro... que tem mais pena que corpo* (F. M. Melo A. D. 404) – *mas, grande Deus, não SOFRAS que essas feras com crueza hajam de devorar a quem te adora* (Durão C. c. I.º e. 87) *nem Horácio tratou de durar um feito que não SOFRIA desculpa* (Filinto O. C. IX-242) – *a terra fria não deseja, nem SOFRE o ser rasgada* (Castilho F. pela A. 98) *rixas e apupadas no dia do bem-aventurado S. Pantaleão? não o SOFRO* (Herculano L. e N. II-269) *SOFRE, SOFRE, ao coração da tua amiga estas derradeiras perguntas* (Camilo A. de P. 222) – *não lbe SOFRIA o ânimo cruzar os braços* (Silvério V. D. V. 63).

663 – SUCESSO no sentido de bom êxito, feliz resultado. Não só no latim *successus* tinha este sentido, como também a palavra SUCESSO aparece com esta acepção em escritores antigos.

Descansemos um pouco da continuação dêste estilo que, se ao gôsto dos curiosos leitores fôr bem aceito, sairá brevemente à luz outro volume de diálogos que espera ver o SUCESSO dos primeiros (R. Lobo C. na A. 77) *era capelão da Patrona Frei Bernardo de Ocampo, religioso de S. Domingos, o qual pregou e persuadiu nela a devoção do Rosário com tal eficácia e SUCESSO, que os capitães, os soldados, os marinheiros e a chusma dos forçados, todos, sem faltar nenhum, ainda quando remavam ao som ou compasso da voga, cantavam o Rosário da Senhora* (Vieira S. XI-II4) *eu prego a um auditório tão cristão, tão dócil e tão piedoso que, desconfiando de mim mesmo, do SUCESSO não desconfio* (E. Matos E. C. 2) – *é de vós que depende em grande parte o SUCESSO da nossa Missão* (Seixas C. das O. I-5) –... *sendo, como de fato é, condição de SUCESSO a pesquisa hematológica noturna* (F. Castro E. C. 93).

664 – SUJEITO = assunto não é tradução servil de *sujet*, mas exprime aquilo que foi *sujeitado* ou SUJEITO à consideração de alguém.

Carregou a mão o Arcebispo neste ponto, porque era o SUJEITO geral de todos os pregadores daquele tempo (Sousa V. do A. II-22) *livros que... tratam de matérias políticas e engraçadas, de côrte, de aldeia, de qualquer SUJEITO aprazível* (R. Lobo C. na A. 33) *quis minha sorte que, êstes próprios dias, me faltassem alguns documentos competentes ao SUJEITO da obra* (F. M. Melo A. D. 55) – *inda eu mais largo fôra em tão largo SUJEITO, se não crera enojar-te coas mui sobejas provas* (Filinto P. 83) – *quiséramos poder lustrar, com todos os primores das artes e do estilo, obra que assim é rica de seu SUJEITO*

(Castilho Q. H. P. I-9) e que, nesta comuníssima realidade da natureza, houvesse o artista de buscar o SUJEITO e a inspiração da sua tela (Latino A. e N. I50) o SUJEITO do evangelho do dia não podia decerto ser mais propício às intenções e interesses do orador, pois versava sôbre a primitiva conversão da genti-lidade (Lisboa V. P. A. V. 376) — esta intercalação, espero, merecerá vênia pelo muito que nos economiza de tempo, livrando-nos de tornar de novo sôbre o mesmo SUJEITO (Silvério V. D. V. I58) recebem, essas páginas avulsas, uma unidade íntima como outras tantas faces do mesmo SUJEITO, outras tantas perspectivas da mesma verdade, outros tantos horizontes da mesma situação (Rui C. de I. I22).

665 – SURTIDA (do verbo SURTIR) escaramuça feita pelos cercados que saem a combater os cercadores, sentido que também compete ao francês *sortie*.

Fizeram os nossos algumas SURTIDAS, porém de pouco efeito (Jacinto V. D. J. C. I05) obrou só Judite em uma SURTIDA que fêz a pé (Vieira S. XIV-317) — tendo pouca gente para estas SURTIDAS, se abstiveram delas (Pita H. A. P. 276) os estrangeiros foram banidos do seu país e também os que estavam em Jerusalém... na fortaleza, da qual faziam as suas SURTIDAS (Pereira B. S. I.º Mac. cap. XIV v. 36) — numa dessas SURTIDAS vai o Andeiro (Antero L. T. 211).

666 – TACHA = mancha, culpa, labéu, pecha (do b. — latim *taxa*, do verbo *taxare*, estimar, avaliar, censurar, arguir, repreender),

Os prelados não são divinos e têm TACHAS de humanos pecadores (T. de Jesus T. de J. I-159) eu, como ando remoto da côrte, não é muito usar de palavras toscas; e quanto é nisto, não se me deve pôr TACHA (H. Pinto I. V. C. I-80) — o vulgo não sabia pôr TACHA nos louvores de D. João de Castro (Jacinto V. D. J. C. 297) — teve que romper mais duma lança com os campeões de Roma, por ter ousado pôr TACHA em escritos que, há longas eras, logravam títulos de divinos (Filinto O. C. IX-289) — e mais a TACHA que tinham era ser fraco e não mais (G. Dias P. II-225) sem me provocar censura, nem merecer TACHA de menos boa (Castilho F. I0) —... justificando a própria deserção com a TACHA que aos outros assaca, de que já não há ninguém capaz de luta (Rui R. de G. I40) não sou eu, o último dos mortais, o que hei de pôr TACHAS a escritores de tamanho porte (M. Barreto N. E. L. P. 334).

667 – TODO O MUNDO, no sentido de *toda a gente*, parece ser tradução servil do francês: *tout le monde*, mas já no latim se empregava, como se vê na Vulgata. Os fariseus diziam a respeito de Cristo: *ecce MUNDUS TOTUS post eum abiit* (S. João cap. XII v. 18) eis que TODO O MUNDO vai após ele.

Vossas mostras são tais que TODO O MUNDO é contente (Gil T. 45) TODO O MUNDO sabia que eram falsidades (T. de Jesus T. de J. II-50) servindo meu ofício como TODO O MUNDO sabe agora, já no derradeiro quartel da vida, um mancebo... anda de todo pôsto em me matar (Sá Miranda O. C. II-130) — para eu me declarar ainda mais e TODO O MUNDO me entender melhor, vinba-me vontade de armar aqui um Conselho de Estado (Arte I43) foi tal a graça que teve em ganbar vontades, que

TUDO O MUNDO *pretendia servi-lo e contentá-lo* (B. Brito M. L. I-84) – TUDO O MUNDO *te pragueja* (Tolentino Sat. 235) – *essa senhora me deu o direito de... declarar a TODO O MUNDO* (Garrett Alf. de S. 99) *eu não falo nem dessa singular afabilidade... com que ela acolbia e tratava a TODO O MUNDO* (Seixas C. das O. II-40) *S. Excia. tinha asseverado a TODO O MUNDO que nada pretendia da província* (Lisboa O. C. I-I65) – *acusado, o teu nome? TODO O MUNDO o sabe* (Rui C. L. 247) *estado assaz conhecido de TODO O MUNDO, pelo nome picaresco de “macaquinhos no sótão”* (Silva Ramos P. V. F. 43).

668 – A ELIPSE DA PREPOSIÇÃO “COM” nos complementos circunstanciais de modo não constitui galicismo; é de uso bem antigo e constante no vernáculo.

Viu vir um homem... dizendo em voz alta, o ROSTO ALEGRE e risonho... (F. Morais P. de I. 44) *vê-lo, cá vai com os filhos a entregar-se, A CORDA AO COLO, nu de sêda e pano* (Camões L e. VIII.º e. 4) – *viram (borrendo espetáculo) uma mulher pendurada pelos cabelos, o PEITO E VENTRE ESCALADOS, de cujos fígados havia o imperador Juliano feito supersticiosas observações* (Bernardes N. F. II-279) – *quem viu o Pe. Antônio? um clérigo alvo, OLHOS AZUIS, AS FACES MUI ROSADAS, CASTANHAS, as MELENAS ESTIRADAS e na burnida testa, um pouco calvo* (Garção O. P. I-35) *os ROIXOS OLHOS PARA O AR ALÇADOS, encostado na quina de um bufete, pensativo taful mordía uns dados* (Tolentino Sat. 155) – *as damas vêem cair, DE SANGUE AS MÃOS TINGIDAS e A LAMINA ESPUMANDO* (O. Mendes E. I. IV.º v. 694) *vinha quase descalço, o COTOVÊLO AGUDO, a JANELA NA MANGA e agora carrancudo a dar-nos leis* (Castilho Tart. 7) *Bernardim Ribeiro, embuçado na capa, O CHAPÉU SÔBRE OS OLHOS, aparece com Paula Virgínia* (Garrett F. L. S. I64) *o pajem estava no meio da casa, como um criminoso, OS OLHOS PREGADOS NO CHÃO e OS BRAÇOS PENDENTES* (Herculano M. de C. I-34) – *ainda nos parece prestes para a batalha, como o corpo do lidador cristão do Romancero espanhol, embalsamado de aromas, AS CÔRES DA VIDA NO ROSTO, erecto no seu ginete de guerra, O MORRIÃO NA CABEÇA, a ESPADA NA DESTRA, comandando a batalha e desbaratando os inimigos* (Rui F. B. 203) *à frente, CENHO CARREGADO, silencioso e turvo, a passos agigantados se adiantava Caim* (Laet R. de C. ano VIII.º n.º 93 pg. 147).

669 – CORRELAÇÃO DOS TEMPOS. Em português tanto se diz *fui eu que fiz* como sou EU O QUE FIZ. Esta 2.ª forma é também genuína; não veio de imitação francesa.

Ela É A QUE TROUXE Deus do céu à terra (H. Pinto I. V. C. I-215) *isto é O QUE Satã, logo no princípio do mundo, TRATOU de lbes persuadir* (Arrais D. I5) *tu ÉS O QUE MORRESTE* (A. Ferreira P. L. II-290) – *EU SOU O QUE GANHEI com braço forte a terra, a quem tu vais trocando a sorte* (R. Lobo C. de P. 4) *isto, padres, É O QUE PASSOU por mim* (Bernardes P. P. P. 80) – *importa menos saber quem É O QUE VENCEU ou como venceu, do que saber sòmente se venceu* (M. Aires R. V. H. III) *esta É A QUE GUIOU por caminhos direitos ao justo* (Pereira B. S. Sab. cap.

X.º v. 10) *eu sou o primeiro QUE PECOU, sou o QUE COMETI o primeiro pecado* (Sacramento V. H. P. 237) *êste negociante É QUEM ENDEREÇOU meu filho a esta respeitável família* (Filinto O. C. X-12) – *deixai-o ir que É a Providência QUEM O ENVIOU* (Castilho F. pela A. 172) *ESTAS SÃO as palavras QUE Inácio de Loyola FALOU aos seus irmãos de batalha* (Camilo H. de P. II-137) – *a situação pertence aos abolicionistas, porque SÃO ÊLES QUE A CRIARAM* (Rui D. e C. II4) *É o próprio Dr. Rui Barbosa... QUEM, antes de mim, OFERECEU os mais seguros abonos em favor do vocábulo* (E. C. Ribeiro Tr. 133).

∞ TERCEIRA PARTE:
Variedade Sintática

CAPÍTULO XI

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

670 – A toda a opulência de vocabulário de que, dentro dos limites da pureza vernácula, se utilizam os bons autores, vem ajuntar-se ainda no campo da sintaxe uma imensa variedade de recursos e meios de expressão. As regras normais de concordância têm que admitir exceções elegantes, autorizadas pelo uso. Além das regências mais generalizadas, surgem outras que, embora um pouco insuetas na conversação, não deixam de demonstrar a grande capacidade de variar de que dispõe a nossa língua. Quando o leitor espera a construção mais natural da frase, surge, bastas vezes, o imprevisto da elipse, do pleonasma, do anacoluto, do idiotismo. Admitindo sempre o exemplo dos clássicos por critério seguro na investigação dos fatos do nosso idioma, temos que acompanhá-los nos domínios já bem explorados da sintaxe, aprendendo deles a nos socorrermos, em proveito da harmonia, clareza e energia da frase, à ampla liberdade que nos faculta, em tantos casos, o idioma incomparável que falamos e escrevemos.

Iniciamos o estudo desta parte sintática, dedicando o presente capítulo a algumas observações sobre concordância.

671 – Desconcordância por atração do predicativo.

A regra geral de que o verbo concorda com o sujeito, indo para o plural se ele está no plural e para o singular se ele está no singular, sofre uma exceção bem conhecida com o verbo SER: a concordância, por atração, com o predicativo, quando o sujeito não é nome de pessoa: TUDO FORAM *desconfianças*; os BASTIDORES *É só o que me toca*.

Quanto enfim cuidava e quanto via, ERAM tudo memórias de alegria (Camões L. c. III.º e. 121) *o tempo que lhe é dado não são mais que três meses* (Couto S. P. 23) – *como tudo ERAM armas de fogo, obrava menos o valor que a contingência* (Jacinto V. D. J. C. 121) *o que pregam SÃO as ostentações de feliz memória* (Bernardes N. F. III-31) – *os bastidores É só o que me toca* (Garção O. P. II-86) *nos príncipes, os benefícios É grandeza; nos mais homens, É comércio* (M. Aires R. V. H. 76) – *aquilo FORAM escrúpulos de consciência* (Garrett Alf. de S. 80) *os sons que ouviste foi perpassar dos teus* (G. Dias P. I-241) *uma nação não SÃO quatro linhas onduladas traçadas num mapa geográfico* (Latino F. de M. II6) *isto SÃO caprichos de menina mal educada* (M. Assis M. e L. 58) – *tudo FORAM desconfianças* (Rui D. e C. 471) *tudo SÃO magias oratórias e páginas*

de eloquência (Laudelino N. e P. IV-151) os seus verdadeiros amôres ERA a riquíssima biblioteca que êle tinha na Granja (Cândido M. S. III).

672 – A concordância normal, porém, não é proibida.

Já tudo É cinzas; tudo, destruição (G. Dias P. II-57) um livro nem sempre é uma obra; às mais das vêzes É palavras, das quais as obras distam muito (Castilho F. pela A. 147) o que ainda indelêvelmente diviso na tela do meu espírito, É as grandes árvores, as sombras escuras, os penhascos musgosos (Camilo N. B. J. M. 9).

673 – Desconcordância por atração do complemento no plural que se segue ao sujeito coletivo.

Outro caso de desconcordância por atração, dá-se com os coletivos, quando se lhes segue complemento no plural, regido da preposição DE: A MAIORIA DOS SOLDADOS FUGIRAM. O verbo pode ficar no plural, já por influência da própria natureza do coletivo que logicamente exprime uma ideia de plural, já pela atração do complemento.

Já neste tempo SE TINHAM DECLARADO em Goa, GRANDE NÚMERO DE FIDALGOS, por parte de Pero Mascarenbas (Sousa A. D. J. II-24) UM GRANDE TRÔÇO DOS MORADORES, cortados do temor e do ferro, desampararam o campo (Jacinto V. D. J. C. 47) – desembarcaram das lanchas GRANDE QUANTIDADE de franceses (Pita H. A. P. 85) UM RAMO DÊSTES LEITÕES PASSAM para o Rio de Janeiro (Gaspar M. H. C. S. V. 152) DIGAM-nos, porém, A MAIOR parte dêles que frutos hão colhido de vigílias tais (Filinto O. C. IX-437) – a MAIOR PARTE DOS INIMIGOS do Cristianismo AFETAM desprezar as armas divinas da Revelação (Seixas C. das O. I-9) ALEGRAVAM-NA TANTO A CHUSMA DE CAVALEIROS MANCEBOS (Herculano B. 21) UM GRANDE NÚMERO DE HOMENS ILUSTRES ESTÃO BANIDOS da França (Lisboa O. C. I-I45) – aí lamentava o abandono em que SE VÃO SUMINDO GRANDE NÚMERO DE VOCÁBULOS EXCELENTES (Rui R. n.º 350 pg. 161) no fim de tudo, SOMBRIA MASSA DE HOMENS E MULHERES vão rezando e chorando lamentosamente (Antero J. em P. 72) A GENERALIDADE DOS QUE FALAM NÃO PODEM ter clara e exata compreensão (M. Barreto N. E. L. P. 307) a MAIORIA DÊLES METEM os pés pelas mãos (Sá Nunes A. L. N. I-25).

674 – Desconcordância por influência de sentido do coletivo sem complemento.

Mesmo desacompanhado de complemento no plural, o coletivo pode ainda levar o verbo para o plural, e esta concordância não com a palavra material, mas com o sentido, legítima no latim (*multitudo convenerant*) não é estranha de todo ao português moderno. Verdade seja que os antigos a usaram muito mais largamente. Hoje se considera deselegante, escandaloso e risível dizer-se abertamente: o povo chegaram. Mas desde que haja algum distanciamento entre o sujeito e o predicado, que evite a deselegância,

não faltam exemplos, ainda entre os clássicos modernos, que autorizam tal desconcordância.

Se *ESTA GENTE que busca outro hemisfério não queres que PADEÇAM vitupério... não ouças mais... razões* (Camões L. c. I.º e. 38) *a pior GENTE do mundo é a que, deixada a fé católica, SOLTAM a rédea aos vícios* (T. de Jesus T. de J. II-28) *isto dizia era seu favor e da GENTE do seu exército que então GUARDAVAM a lei inteiramente* (J. Barros Pan. 45) – *MUITA GENTE desta, sentindo em si a pena de sua temeridade, se IAM ao lugar onde ficara a Arca* (B. Brito M. L. I-8) *era GENTE junta em nome do Senhor; não VOTAVAM por respeitos humanos, nem DEFENDIAM por teima suas opiniões* (Sousa V. do A. I-265) – *vai tu, Manuel, pergunta a TÔDA A GENTE SE CONHECEM um padre rabugento* (Garção O. P. I-35) *e subitamente apareceu, com o anjo, uma MULTIDÃO da milícia celestial que LOUVAVAM a Deus e DIZIAM* (Pereira B. S. Luc. cap. II.º v. 13) – *se não VIAJAM, se não SAEM, se não VÊEM mundo, esta GENTE de Lisboa!* (Garrett V. M. T. I-43) *a MAIOR PARTE nem sequer PODEM pagar a uma mestra de meninas* (Castilho C. A. 94) *e todavia é o meu enlévo ver a MOCIDADE que folga, e ri e tripudia em volta de mim, esquecendo-se de que ESTÃO diante do seu rei* (Herculano M. de C. II-239) – *o povo, com entranháveis demonstrações de amor e veneração, por quase todos os lugares e pousos, CONSOLAVAM-NOS das fadigas* (Silvério V. D. V. 138).

675 – Um caso curioso de combinação da concordância com o predicativo, de que falamos no número 671, com a concordância, pelo sentido, com o coletivo, que já vimos no número precedente, se nota no seguinte exemplo de Castilho:

Tudo SÃO GENTE muito útil ao país (Castilho C. A. 118).

676 – Concordância de pronome indefinido com substantivo por atração.

O pronome *UM POUCO* acompanhado da preposição *DE* pode concordar por atração com o nome que se lhe segue: *UMA POUCA DE TERRA, UNS POUÇOS DE CASOS*.

Empresto eu a nosso amigo UNS POUÇOS DE MAUS DIAS com suas noites (Sá Miranda O. C. II-128) *isso é UMA POUCA DE AREIA SÔLTA, sôbre que fundastes vossas razões* (H. Pinto I. V. C. I-30) – *contudo inda trouxe seis cativos e três cavalos tomados e UMAS POUCAS DE VACAS* (Sousa A. D. J. II-88) *o detraído, quando muito, perde UMA POUCA DE REPUTAÇÃO* (Bernardes N. F. II-203) – *e adiantando-se UNS POUÇOS DE PASSOS se prostrou com o rosto em terra* (Pereira B. S. Mat. cap. XXVI v. 39) *foram tão bárbaros, que me deixaram lá 17 dias... deitada sôbre UMA POUCA DE PALHA* (Filinto O. C. X-282) – *há MAIS UMAS POUCAS DE DÚZIAS da homens ricos* (Garrett V. M. T. I-18) *com UNS POUÇOS DE COBRES podeis fazer aos vossos vizinhos um benefício sumo* (Castilho C. A. 97) *obtinham, para última jazida, UMA POUCA DE TERRA* (Herculano E. P. I47) – *contra o uso geral DE UNS POUÇOS DE SÉCULOS* (Rui R. n.º 79 pg. 41) *UMA POUQUITA DE ATENÇÃO bastaria a corrigir a frase* (M. Barreto N. E. L. P. 177).

677 – SOU EU QUEM FAÇO.

QUEM, O QUE, precedidos de pronome reto, claro ou oculto, podem ter o verbo, como é natural, na 3.^a pessoa, ou, por atração, na pessoa do pronome que os precede: *sou eu quem faz*; SOU EU QUEM FAÇO. Damos exemplos do 2.^o caso, pois o primeiro está dentro das leis da concordância normal.

Eu SOU O QUE VENÇO o preto (Camões T. 77) *eu sou O QUE lbe FALTO* (H. Pinto I. V. C. III-78) – *eu SOU O QUE TE CHAMO, O QUE TE OBRIGO a sustentar a fé desta vitória* (R. Lobo C. de P. 4v.) *não lbes deve desviar tão boa sorte, o ser eu QUEM lba SOLICITO* (F. M. Melo C. F. 243) – *sou o elemento QUE DOU as mais palpáveis notícias* (Sacramento V. H. P. 134) *dize que sou QUEM te MANDO* (Gonzaga M. de D. 151) *tu és QUEM, da funérea, escura campá, meu vulto DESENCERRAS* (Caldas S. de D. 26) – *sou eu, Senhor, QUEM VOS PEÇO ser a hóstia a Deus votada* (G. Dias P. II- 233) *cuida que sou o QUE PADEÇO menos?* (Rebello D. N. T. G. S. P. 82) *não sou eu o QUE ERRO* (Rui R. n.º 96 pg. 49) *não sou eu, o último dos mortais O QUE HEI de pôr tachas a escritores de tamanho porte* (M. Barreto N. E. L. P. 334).

678 – Sujeito composto posposto ao verbo.

É lógico que o sujeito composto leve o verbo para o plural. Tal regra, porém, admite várias exceções. Assim, quando o sujeito composto é posposto ao verbo, pode este concordar com o elemento mais próximo.

Muito pouco VAL ESFÓRÇO e arte contra infernais vontades enganosas (Camões L. c. II.º e. 59) *na bôca do homem ESTÁ O MAL e o bem* (Couto S. P. 194) – *assim o PEDIA A OCASIÃO e as circunstâncias da solenidade* (Vieira S. VII-75) *onde se cantam salmos com espírito devoto, aí ESTÁ DEUS e seus anjos* (Bernardes N. F. II-I6) – *FOI TAL O NOSSO VALOR e a nossa indústria... que últimamente nos deixaram a vitória* (Pita H. A. P. 153) *SERÁS SALVO TU e tôda a tua casa* (Pereira B. S. Atos cap. XI v. 14) *sentiu Zadig que lbe INFUNDIA respeito o VULTO, a barba e o livro do ermitão* (Filinto O. C. IX-I50) – *naquelas quatro galés... VAI A FORTUNA de Portugal e os destinos da moderna Europa* (Latino A. e N. 78) *no dia seguinte VEIO O MORGADO e a filha a Lisboa* (Camilo R. H. R. 153) – *os dois barcos são irmãos; em ambos REINA A SURRA e a morte* (Rui R. de G. 36).

Mesmo quando o sujeito é composto de nomes de pessoas, encontram-se casos de predicado no singular quando o verbo precede ao sujeito:

...Desta moeda FAZ menção DIÃO CÁSSIO e PIÉRIO VALERIANO e LÁZARO VIENENSE (H. Pinto I. V. C. IV-6) – *vendo-se o capitão Sisara desbaratado... fugiu do campo... té dar em um casal onde VIVIA ABNER CINEU e SUA MULHER JAEL* (B. Brito M. L. I-71) – *com êle, a instância do mesmo vice-rei, EMBARCOU para Lisboa o PADRE ANTÔNIO VIEIRA e o PADRE SIMÃO VASCONCELOS* (A. Barros V. A. P. A. V. I-I4) *veio MARIA MADALENA E OUTRA*

MARIA *a ver o sepulcro* (Pereira B. S. Mat. cap. XXVIII.º v. I.º) *entramos no salão onde* JÁ ERA MADAMA DE MONZEAU E M. D'EMBLEVILLE (Filinto O. C. XI-452) *o que queria o Sr. Coronel que Sua Alteza fizesse em tão grande apêrto? – o que* FÊZ D João I.º e D. João IV.º (Rebelo C. dos F. 196) *depois* CHEGOU GASTÃO NORONHA, MAFALDA E ELISA (Camilo Est. P. 207) – *pelo menos* USOU-O CAMÕES E GIL VICENTE (Cândido F. e E. III-III).

679 – Sujeito composto de sinônimos.

Quando os elementos do sujeito composto são sinônimos, mais ou menos perfeitos, o verbo pode ficar no singular.

Eu tenbo imaginada no conceito outra MANHA e ARDIL *que te* CONTENTE (Camões L. c. I.º e. 81) *o* PERDÃO DOS PECADOS, A MISERICÓRDIA E PIEDADE *só na vossa mão* ESTÁ (T. de Jesus T. de J. I-267) – *o* EFEITO, A OBRA E A AÇÃO *própria de Salvador é salvar* (Vieira S. VII-29) *esta* INDULGÊNCIA E REDENÇÃO *primeiramente* ESTÁ *na sangue e paixão de Cristo* (Bernardes N. F. II-158) – *a* TRIBULAÇÃO E A ANGÚSTIA *virá sobre tôda a alma do homem que obra mal* (Pereira B. S. Rom. cap. II.º v. 9) – *o* LUXO E A RIQUEZA *dos romanos não* FÊZ *com que a arte se aprimorasse* (Herculano C. U. A. 78) – *uma obrinha...* CUJA IMPORTANCIA E ALCANCE ESTÁ *na razão inversa de seu volume* (Silvério V. D. V. 159) *a* OBSERVAÇÃO E O ESTUDO *PREENCHE o resto* (Cândido F. e E. I-262).

680 – Sujeito composto formando um todo.

Quando os elementos do sujeito composto são considerados como formando um todo, ou são de tal natureza, que a ação de um está incluída logicamente na ação do outro, o verbo também pode ficar no singular.

O Senhor da natureza de que o CÉU E A TERRA É CHEIA... *de real sangue se preza, por rei na cruz se nomeia* (Sá Miranda O. C. II-32) *já a êste tempo a* REVOLTA e a GRITA *da gente* ERA TAMANHA, *que não havia quem se entendesse* (F. M. Pinto Per. II-137) *parecia que* A TERRA E O CÉU SE RIA (A. Ferreira P. L. I-196) *a maior perigo, a mor afronta por vós, ob! Rei, o* ESPÍRITO E CARNE É PRONTA (Camões L. c. IV.º e. 80) – *a* CIDADE E O REINO *TODO TROCOU a tristeza em alvoroços e contentamento* (Sousa A. D. J. I-4) *constou quando* A CALAMIDADE, O PRANTO E A DESESPERAÇÃO DO POVO *ESTAVA no ponto mais vivo* (Bernardes N. F. III-73) *DEUS e a JUSTIÇA, sua filha, o* FÊZ *acredor daquele prêmio* (F. M. Melo A. D. 162) – *de riso e de alegria o* CÉU, A TERRA, O MUNDO *SE COBRIA* (Cláudio O. 92) – *o* RACIOCÍNIO E A DISCUSSÃO *SAIU do templo para a escola* (Herculano L. e N. II-203) *vamos para a nossa terra, que* DEUS e A VIRGEM MARIA *DARÁ remédio* (Camilo A. de S. 175) *querer que* A PRESCRIÇÃO e a POSSE *de muitos séculos CONSTITUA direito só em favor do poder temporal é seguramente* *faltar às regras da equidade e da boa razão* (Seixas C. das O. III-34).

681 – Sujeito composto abstrato também pode ter o verbo no singular.

O AMOR do Senhor e o DESEJO de o imitar GERA na alma uma facilidade para as obras das virtudes (T. de Jesus T. de J. I-5) – O TRABALHO e a NECESSIDADE FÊZ vencer o perigo (Jacinto V. D. J. C. I34) O IR a Roma e O MANDAR ERA igualmente dificultoso (Sousa V. do A. I-329) confesso a V. Mcê. que a MODÉSTIA e a PACIÊNCIA política se ACABA (F. M. Melo C. F. I57) O MADRUGAR E O CHORAR PRÓPRIO da aurora (Vieira S. V-I26) – a FOME E A SÊDE, o GÔSTO E A PENA É COMUM a tudo aquilo que respira (M. Aires R. V. H. 57) a RAZÃO E O DEVER TO PERSUADE (Basílio O. P. I47) a PREGUIÇA E O PRECONCEITO SOBREPUJOU a ânsia de agradar ao Soberano (Filinto O. C. IX-330) A GRAÇA de Deus e a sua MISERICÓRDIA ESTÁ sôbre o santos (Pereira B. S. Sab. cap. IV.º v. I5) – O PROGRESSO E A LIBERDADE PERDEU, não ganhou (Garrett V. M. T. I-92) também aqui TRABALHO E FAMA vos AGUARDA, fortes colonos meus (Castilho G. I. II.º v. 421) em tal sorriso O PASSADO E O FUTURO ESTAVA IMPRESSO (Herculano P. I54) o ESTRÉPITO E A DISTRAÇÃO de tais universidades não SE COMPADECIA com a educação própria do clero (Seixas C. das O. III-I04) lá CANSAÇO E MÁGOA nos RALOU (O. Mendes Od. I. IX.º v. 57) a DESGRAÇA e a OPULÊNCIA É de tôdas as gerações e de tôdas as épocas (Camilo H. de P. II-93) – se a HARMONIA entre os dous poderes, civil e eclesiástico, como é vontade do Autor de ambos, e a PROTEÇÃO leal dos governos à Religião Católica É de resultado mui benéfico para os bons costumes... (Silvério V. D. V. 90).

682 – UM E OUTRO pode ter o verbo no singular.

UMA E OUTRA deusa a VISITOU (A. Ferreira P. L. I-182) havemos de sair dela humilhados e tanto agradecidos pelo açoute, como pelo favor, porque UM E OUTRO É da mão de pai amorosíssimo (T. de Jesus T. de J. I-20) – e UMA COUSA E OUTRA, diz Nazianzeno, que É de gente néscia (Sousa V. do A. I-58) UMA E OUTRA COISA LHE DESAGRADA (Bernardes N. F. II-288) – UM E OUTRO SE RETIRA (M. Aires R. V. H. 75) UMA E OUTRA coisa É dom de Deus (Pereira B. S. Eclesiástico cap. I.º v. 23) – nas asas breves do tempo UM ANO E OUTRO PASSOU (G. Dias P. II-45).

683 – É PRECISO, É NECESSÁRIO são expressões que se podem empregar como invariáveis, dando margem assim a desconcordâncias com o sujeito da oração.

É NECESSÁRIO A PRIMAVERA para ir passando por oitenta léguas de povos (Chagas C. E. I03) – não só nos É PRECISO CONSTANCIA para sofrer, também necessitamos paciência para gozar (M. Aires R. V. H. I31) para que É NECESSÁRIO TANTA PENITENCIA? (Sacramento V. H. P. I15) – não basta: É PRECISO OUTRAS TESTEMUNHAS (Garrett Alf. de S. I44) NÃO ERA PRECISO ESTA minuciosa GENEALOGIA (M. Assis H. S. D. I89).

684 – É DE VER.

Nós dizemos: *não são de admirar tais rasgos de generosidade*. Apesar da sua forma ativa, o verbo tem aí significação passiva. Entretanto as expressões É DE VER, É DE NOTAR, É PARA ESQUECER etc., por eufonia, se encontram muitas vezes no singular, embora se siga nome no plural, assumindo assim um sujeito indeterminado e um sentido ativo.

Não É POUCO DE ESTIMAR AS CONVERSACÕES virtuosas (F. Morais P. de I. 45) – *não É PARA ESQUECER OS BONS MOTIVOS que a V. Mcê. obrigam a estar nesta côrte* (F. M. Melo C. F. 22) *DE VER AS FESTAS com que anima aquêlo homem agreste, aos filhos doudos, ternos* (Castilho G. I. II.º v. 644) *ERA DE VER OS ASSÍDUOS DESVELOs com que as famílias apor fiavam em mitigar-lhe as penas* (Camilo R. H. R. 210) – *MUITO É DE NOTAR êsses apuros de ortodoxia em um sectário do livre exame* (Laet H. P. 16).

685 – FAZ MUITOS ANOS.

Não se deve dizer *fazem muitos anos* porém FAZ MUITOS ANOS. O verbo FAZER neste caso é impessoal.

Fui cativo de Gaspar de Melo que êsse perro, que aí está atado, matou, agora FAZ DOIS ANOS (F. M. Pinto Per. I-78) – *hoje FAZ 452 ANOS que acabou a vida mortal el-rei D. Afonso Henriques* (Vieira S. XIV-332) – *hoje FAZ QUATRO DIAS que estava orando em minha casa* (Pereira B. S. Atos cap. X.º v. 30) – *FAZ hoje QUINZE DIAS* (Rebelo O. V. N. C. 21) *lembrava-se perfeitamente de uma noite – FAZIA nesta TRÊS ANOS – em que assim a vira abrir* (Herculano B. 131) – *FAZIA VINTE E UM ANOS que não se viam* (Silvério V. D. V. 247) *VAI FAZER QUATRO ANOS que a campanha civilista me trouxe a estas montanhas* (Rui R. de G. 13) *vivendo, VAI agora FAZER VINTE E CINCO ANOS, sob um regime que lhe foi imposto pela força das armas* (Laet J. do B. 10-IX-1914).

686 – UM DOS QUE FEZ.

A expressão UM DOS QUE pode ter o verbo no singular ou no plural. A forma do plural escusa exemplos, por ser a mais lógica.

UMA DAS COUSAS QUE menos ESTÁ POSTA em controvérsia, é ser o sabedor bem-aventurado e poderoso (H. Pinto I. V. C. IV-224) – *esta cidade foi UMA DAS QUE mais se CORROMPEU da heresia* (Sousa V. do A. I-191) *UMA DAS COUSAS QUE DERRUBOU a Galba do império foi tardar algum tanto em aplacar, com donativos, os cabos do exército* (Bernardes N. F. II-211) – *se êste documento fôsse universal... estava achado o meio de abreviar UMA DAS CIÊNCIAS QUE nos É mais importante* (M. Aires R. V. H. 100) – *e quem foi UM DOS PRIMEIROS QUE LEMBROU a comparação?* (Garrett P. B. E. 82) *Camões, um dos mestres mais autorizados da língua, porque foi UM DOS QUE melhor a SOUBE manejar, assim se exprime* (Sotero C. L. P. B. I-14) *NENHUM DOS QUE, abatidos pela fome, se ENCOSTAVA ao tronco venerando da árvore...* (Camilo H. de P. I-59).

687 – Sujeito composto de diversas pessoas gramaticais.

Ensinam os gramáticos que, concorrendo, no sujeito composto, mais de uma pessoa gramatical, o verbo vai para a pessoa que tem precedência, entendendo-se que a 1.^a o tem sobre a 2.^a, e a 2.^a sobre a 3.^a. Mas os bons autores, tendo em vista sobretudo a elegância da frase, nem sempre seguem esta regra dos gramáticos, quando se faz a junção da 2.^a com a 3.^a pessoa.

JOVE E TU só PODEM tanto (Bocage Son. 155) – TU E TEU PERO CÃO *hoje* o PAGARÃO (Garrett Arc. de S. 67) *justiça del-rei? quando a houve neste reino? quando* TU E OS TEUS IGUAIS a não FAZIAM *por suas mãos* (Rebello O. V. N. C. 91) *preparava eu só comigo os meios para a redenção de nós todos, sem que* VÓS *nem os* INIMIGOS *me* ADIVINHASSEM (Castilho Q. H. P. II-133) ÊLE, MEU TIO E TU SÃO *um só e único amor* (T. Vasconcelos P. A. D. 62) TU E OS OUTROS VELHACOS *da tua laia lbe* ESTORROARAM *na cara lixo e terra* (Herculano M. de C. I-158) MATARAM-ME ELA E TU (Camilo N. B. J. M. 125) – TU E OUTROS *como tu* CONTINUAM *á a mesma vida de estudante* (Antero R. e V. 33) *acho bom que* TU E O CARLITO PROCEDAM *a um inventário cuidadoso de tudo nosso que naquele lugar se acha* (Rui Mociidade e Exílio 1934 pg. 196).

CAPÍTULO XII

SINTAXE DE REGÊNCIA

a) Sujeito Regido de Preposição

688 – Sujeito infinitivo com preposição “DE”.

Em regra geral, o sujeito não vem regido de preposição. Tal regra, porém, admite exceções.

Quando o sujeito é representado pelo infinitivo, aparece, muitas vezes, regido da preposição DE como na frase de Garrett: *desaire real seria DE A DEIXAR sem prêmio*. Já houve quem não quisesse ver aí um caso de sujeito preposicionado, afirmando haver nesta oração uma elipse: *desaire real seria o de a deixar sem prêmio*. O contexto, porém, não nos parece permitir esta hipótese; além disto, damos outros exemplos, nos quais ninguém pensará em elipse.

Quem muito quiser ter, cumpre-lhe DE SER primeiro o mais ruim que puder (Gil T. 187) *parecia desnecessário DE MANDAR-LHE por ora maiores declarações* (Sousa A. D. J. I-58) – *utilíssima obra fôra, mormente para os infantes, cuja memória não seria desde o intróito assoberbada com fatos e com nomes bárbaros, nem antegostada dos que mais lhes releva DE SABER* (Filinto O. C. IX-434) – *desaire real seria DE A DEIXAR sem prêmio* (Garrett Cam. 74) *éstees democratas, se acontece DE CAÍREM nas prêsas da justiça...* (Camilo Q. de A. 57).

689 – Sujeito infinitivo com preposição “A”.

Também aparece o sujeito infinitivo regido da preposição A na expressão: CONVÉM A SABER e com o verbo CUSTAR: CUSTA-ME A TER PERSEVERANÇA.

Imitar e seguir a Cristo é fazer o que êle fêz... CONVÉM A SABER, *louvar a seu Eterno Pai, dar-lhe tôda a glória e honra* (Chagas C. E. 133) CONVÉM A SABER *que... não restaria quem pudesse tomar as armas* (Bernardes N. F. III-69) – *de Cristo... se lê ter, muitas vêzes, usado dêste dote nesta vida mortal,* CONVÉM A SABER: *quando nasceu do ventre virginal, ficando êste intacto e cerrado* (Sacramento V. H. P. 206) *as pessoas mesmo, com quem eu íntimo vivera, lhes custou A CONHECER-ME* (Filinto O. C. XI-607) – *meu irmão, custa-lhe A DEVER estas obrigações* (Garrett Alf. de S. 8) *custa A CRER que a inconseqüência da incredulidade chegasse até êste ponto* (Seixas C. das O. I-30) *custara A CRER semelhante monstruosidade, se não andara tão autenticada* (Lisboa V. P. A. V. 94)

tanto me custa A DEIXAR uma idéia por outra (M. Assis Sem. 376) o manboso camponês soubera disfarçar o embaraço e as apreensões, mas custara-lhe A CONFORMAR-SE com a presença dos amos na casa (Rebello C. e L. 49) custou-me A RECONHECER-LHE as feições (Herculano M. de C. I-22) custa-me A TER PERSEVERANÇA para seguir a mesma idéia (Latino F. de M. 74) – o uso profissional, CONVÉM A SABER, a linguagem da lei, da praxe e dos autores (Rui R. n.º 206 p.189) custa realmente A ENTENDER que a melomania saiba acertar com o jeito de tão desafinadas vinganças (Rui C. L. 206) custava A CRER, que ouvidos portugueses se acomodassem àquela singular posição do pronome (E. C. Ribeiro Tr. 85).

690 – Sujeito partitivo.

Há sujeitos partitivos regidos da preposição DE: *ainda existem DESTES HOMENS*. Há quem explique o caso por uma inversão: *ainda existem homens destes*. Mas os exemplos de Bernardes e Garrett, que damos em seguida, desautorizam esta interpretação.

DE CONSELHEIROS pouco pios e políticos falsos nunca faltam nas aulas dos príncipes (Bernardes N. F. III-79) – amarelo, sempre é verdade, e torcido de bom torcer... mas não entram DE OUTROS SORRISOS naquela cara (Garrett Arc. de S. 184) na arrecadação do nosso mosteiro ainda se guardam DAQUELES PANOS de rás (Rebello L. e T. I-40) ainda hoje restam, entre o vulgo, DÊSTES LIBELOS em ação (Herculano M. de C. II-26) – DESTAS PROVAS, Senhor, esgotam a paciência cristã (Rui R. n.º 370 pg. 168) até nos melhores escritores se soem encontrar DÊSTES PECADILHOS (M. Barreto N. E. L. P. 175).

691 – Sujeito preposicionado da subordinada infinitiva.

O sujeito de uma oração subordinada infinitiva preposicional pode ser regido de preposição: *São horas DO PROFESSOR chegar*. É verdade que alguns gramáticos têm condenado construções como esta, mandando que se evite a contração e se diga: *São horas DE O professor chegar*. Baseiam-se em exemplos clássicos, que viram, em que a preposição vem separada. Devido a esta condenação dos gramáticos, muitos escritores modernos se mostram medrosos em fazer a contração. Mas nem por isto esta contração, mais natural, mais elegante, mais eufônica, mais usual na conversação, deixa de ser consagrada pelo uso dos escritores clássicos, não só antigos, como modernos.

O maior sinal DA NATUREZA ESTAR no cabo é não sentirem os sentidos appetite (T. de Jesus T. de J. I-206) depois DESTA revolta DURAR um grande espaço, chegaram uns três balões (F. M. Pinto Per. II-138) os maus humores são causa do ESTÔMAGO NÃO ACHAR gosto nas boas iguarias (H. Pinto I. V. C. II-68) ninguém se espante DOS CHINS CONTINUAREM as montanhas com muros na terra firme (Lucena A. P. II-222) êste é o mor sinal que eu tenbo DA ÍNDIA NÃO PREVALECER (Couto S. P. 58) – antes DAS LÍNGUAS SEREM confusas, êle o mandou a povoar a Espanha (B. Brito M. L. I-8) os soldados que estavam ali de guarda, com a nova DO BALUARTE S. TOMÉ

SER PERDIDO... *se foram a socorrê-lo* (Jacinto V. D. J. C. II8) *os toledanos se prezam DO SEU JOÃO RUFO SER mestre de Lope da Vega* (F. M. Melo A. D. 326) *o santo se devia enfadar DELA O TRAZER no peito sem o meter no coração* (Chagas C. E. 5) *antes DO SOL NASCER, era já nascido* (Vieira S. V-161) *depois DO ENFÊRMO LHE HAVER CONTADO os excessos da sua vida, lhe disse...* (Bernardes N. F. II-71) *bem pode ambas as cousas, se não houver perigo NOS FIÉIS SE PERVERTEREM* (Arte II5) – *mostrando-se sentido DÊLES SE PORTAREM tão bravos, cheio de fé e de zêlo, tirou do seu crucifixo* (A. Barros V. A. P. A. V. I-154) *ANTES DÊLE CHEGAR, completara o curso da sua gloriosa vida, o feliz rei D. Manuel* (Gaspar M. H. C. S. V. 106) *respondi que não era costume dos romanos condenar homem algum, ANTES DO ACUSADO TER presentes seus acusadores* (Pereira B. S. Atos cap. XXV.º v. 16) *lisonjeara-se, outrossim, NA AMIZADE DOS PARENTES SER tal, que não empeceriam à nossa união* (Filinto O. C. XI-454) – *o vate esquecer-se de prever a hipótese DO ANDADOR... LEVANTAR a luva* (Rebello M. D. J. I-216) *o seu João saiu do moinho antes DÊLES ACORDAREM* (Castilho M. U. M. 86) *sabia-o, Senhor, antes DO CASO SUCEDER* (Herculano L. e N. I-283) *antes DÊLE AVISTAR o palácio de Pôrto-Alvo, é de bom historiador dizer que o morgado... ergueu-se* (Camilo R. H. R. 206) *são horas DA BARONESA DAR o seu passeio pela chácara* (M. Assis M. e L. 31) – *apesar DAS COUVES SEREM uma só das muitas espécies de legumes existentes... não deixa de existir o monopólio do plantio de couves* (Rui D. e A. 172) *quando, depois DA MÃE FECHAR a porta... êle ficou só no silêncio opressivo do seu quarto, sentiu no coração o pêso de um remorso de chumbo* (Antero S. do A. 67) *pelo fato DO VERBO “restituir” numa de suas acepções e “entregar” em certos casos TEREM... o mesmo sentido que o verbo “indenizar”, não se segue...* (E. C. Ribeiro Tr. 579).

b) Objeto Preposicionado

692 – Objeto partitivo.

O complemento objetivo aparece, não raro, com o caráter de partitivo, regido da preposição DE.

Busco, disse o ermitão, DESSA ÁGUA (Bernardim M. e M. 87) *começou a contar DAS SUAS FAÇANHAS* (Sá Miranda O. C. II-152) *êsse que bebeu tanto DA ÁGUA AÔNIA* (Camões L. c. V.º e. 87) – *a hiena, animal feroz e traidor, que costuma desenterrar os cadáveres, para comer DÊLES* (Bernardes N. F. II-313) *comi, Senhor, DO FRUTO, contra o vosso divino preceito* (Sacramento V. H. P. 236) *seus discípulos, que tinham fome, começaram a tirar espigas e a comer DELAS* (Pereira B. S. Mat. cap. XII v. I.º) – *DISSO é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do ocidente, senão a nossa terra* (Garrett V. M. T. I-64) *sem ter uma voz amiga que em minba aflição me diga DESSAS PALAVRAS que fazem a dor no peito abrandar* (G. Dias P. I-293) *e abrindo depois a caixa ofereceu-lhe silenciosamente DO SEU RAPÉ* (Rebello M. D. J. II-217) *política do soalheiro e do mexerico... DESSA não fazemos nós* (Castilho F. pela A. 83) *vai cantar DESSAS TROVAS, Estevens, em casa*

do senhor conde (Herculano M. de C. I-153) – a lenda imperial tem DESSAS CONTRADIÇÕES monstruosas (Rui D. e C. 372).

693 – Objeto infinitivo com a preposição “DE”.

Também o objeto direto infinitivo de muitos verbos que exprimem disposição ou estado d’alma como: DESEJAR, DETERMINAR, ESPERAR, JURAR, OUSAR, etc., embora mais comumente apareça hoje sem preposição: *desejar fazer, determinar fazer, esperar fazer* etc., encontra-se nos clássicos, às vezes, regido da preposição DE: DESEJAR DE FAZER, DETERMINAR DE FAZER, ESPERAR DE FAZER, etc.

DESEJAR DE FAZER

Fernão Veloso DESEJOU DE, *em companhia dalguns destes negros... IR VER suas habitações* (D. Góis C. D. E. 71) *fortíssimos consócios*, EU DESEJO, *há muito*, DE ANDAR *terras estranhas* (Camões L. c. VI.º e. 54) *natural é ao homem* DESEJAR DE SABER, *como afirma Aristóteles* (Couto S. P. 26) – DESEJAVA DE ENRIQUECER *Espanha de moradores e povoações* (B. Brito M. L. I-10) – *o meu trágico fim não teria, aos teus olhos, o pavoroso, o sublime, o sangüinolento que eu* DESEJO DE LHE IMPRIMIR (Castilho M. U. M. 21).

DETERMINAR DE FAZER

DETERMINOU DE PROSEGUIR *o descobrimento da costa de Guiné* (Castanheda H. do D. I-2) *vendo Egas que ficava fementido...* DETERMINOU DE DAR *a própria vida* (Camões L. c. III e. 37) *os atenienses* DETERMINAM DE MORRERES (H. Pinto I. V. C. II-295) – *e porque as minas eram de menos risco...* DETERMINOU DE AS IR *prosseguindo* (Jacinto V. D. J. C. I67) – *a Providência* DETERMINAVA DE FAZER, *neste particular, um milagre que não cabia na humana previsão* (Lisboa V. P. A. V. 98) *o infante* DETERMINOU DE FUNDAR *ali uma ermida* (Latino A. e N. 51) *vi uma coisa tão interessante, que* DETERMINEI logo DE *começar por ela esta crônica* (M. Assis Sem. 131).

ESPERAR DE FAZER

ESPERO no *Senhor, que te criou*, DE TE SER *fiel em tudo* (Sacramento V. H. P. 21) *adoço assim o tormento que me cerca o coração*, ESPERANDO DE CANTAR-TE, *sobre as margens do Jordão* (Caldas S. de D. 196) – *alguma cousa chegou a decifrar no confuso objeto dos seus estudos, como no progresso da sua narração* ESPERA DE COMPROVAR (Castilho M. U. M. 19).

JURAR DE FAZER

No sangue português JURAM *descritos* DE BANHAR os *bigodes retorcidos* (Camões L. c. X. e. 68) – *tinham* JURADO em seu *Alcorão* de MORREREM com *êle* (Sousa A. D. J. I-230) JURAIS

vós DE MANTER *silêncio?* (F. M. Melo A. D. 17) – JURA DE ABRIRES *mão do atroz projeto* (Bocage P. VI-300) e *ali JURAM...* DE O SUSTENTAR (Cruz e Silva Hiss. 35) – JURAS-ME DE O NÃO DEIXAR? (Garrett V. M. T. II-67) *o mais rigoroso de todos os códigos das nações... é aquêlê que o soldado...* JURA DE CUMPRIR (Castilho F. pela A. 212) JUREI *comigo* DE *nunca mais REPETIR o nome de Teodora* (Camilo A. de S. 71).

OUSAR DE FAZER

Não OUSO DE RESISTIR *a meus apetites* (T. de Jesus T. de J. I-145) *quem* OUSAR DE REPREENDER *algum príncipe por ser dado às letras, é-lhe necessário que repreenda também a êstes todos* (J. Barros Pan. 118) – *não há certificar cousa certa, pois a não OUSAM DE AFIRMAR os autores antigos* (B. Brito M. L. I-42) – *os principais chefes já não OUSAVAM DE SAIR à rua* (Lisboa O. C. I-48) *aquêlê, entre alvoroços e receios, não OUSA DE PENSAR se ao pai enfêrmo... ósculo filial lhe é dado imprimir* (Garrett Cam. 13) *não OUSAVAM DE ABRIR o coração aos pátrios folguedos de tal dia* (Castilho Q. H. P. II-22) *os que a vêem naquela mágoa, nem OUSAM DE A CONSOLAR* (M. Assis A. 61).

PROIBIR DE FAZER

Sua mãe TINHA PROIBIDO às filha DE TROCAREM vistas com as pessoas daquela casa (Camilo A. de P. 25) – *é honradora a companhia, mas infelizmente a consciência PROÍBE-ME DE ACEITÁ-LA* (M. Barreto A. D. G. 305).

PROMETER DE FAZER

Com as mãos sobre o missal, PROMETE DE GUARDAR os privilégios da cidade (Couto S. P. 31) PROMETENDO, *a deusa Caliope, a Ulisses, DE LHE CONCEDER a imortalidade* (Vieira S. VII-77) e o bispo PROMETEU DE O FAZER (Bernardes N. F. II-411) – *havia... quem não temia o fogo do inferno, PROMETENDO DE O APAGAR, e lá fôsse* (A. Barros V. A. P. A. V. I-187) eu PROMETI DE TE SER *fiel conselheira* (Sacramento V. H. P. 50) PROMETI DE TORNAR, *hei de cumpri-lo* (Bocage P. VI-219) PROMETERA-ME *Adolfo DE me ESCREVER muito* (Filinto O. C. X-22) – *prometendo a Deus e à sua honra DE o não TORNAR a cruzar mais* (Garrett V. M. T. I-171) PROMETES DE *não JOGAR mais, Duarte?* (Camilo T. I. 71).

RECEAR DE FAZER

RECEANDO *Hiarbas DE PERDER todo o reino, se veio meter em suas mãos* (B. Brito M. L. I-22) – *quem não tem de que se envergonhe, NÃO RECEIA DE FALAR* (Filinto O. C. X- 312) – *não RECEIES DE SER VISTA* (G. Dias P. II-81) *meu pai...* RECEIA DE NÃO ZELAR *os teus interêsses, como queria* (Camilo A. de S. 177).

TEMER DE FAZER

Só por ela TEMIA DE SER ACOMETIDO (Sousa A. D. J. I-305) – TEMO DE SAIR *fora* (Garção O. P. II-6) – a luz *receia profanar-se*, e TEME o ar DE CORRUMPER-SE (Latino A. e N. III).

c) Verbos Facultativamente Pronominais

694 – Alguns verbos pronominais podem ter ou não ter o pronome. Assim tanto se diz: *ele ajoelhou-se diante do altar* como *ele* AJOELHOU *diante do altar*; *casar-se com alguém* como CASAR *com alguém*; *desanimar* como DESANIMAR-SE; *sobressair-se* como SOBRESSAIR; *recolher-se a sua casa* como RECOLHER *a sua casa*. Dentre as duas formas, o leitor nos irá dispensando de apresentar exemplos daquela que mais comumente está em uso.

ADORMECER-SE = adormecer

Colhe o fruto sem medo... seguro SE ADORMECE, *com o som que oferece a fonte* (R. Lobo P. 46) – *mas o expirante recebeu as injúrias com inalterável peito... e assim* SE ADORMECEU *na paz do Senhor* (Camilo H. G. M. 5).

AJOELHAR = ajoelhar-se

Entrou na ermida com respeito e AJOELHOU *diante de uma devota imagem de Cristo Crucificado* (Sacramento V. H. P. I43) – *a comunidade* AJOELHOU *na capela-mor* (Rebello D. N. T. G. S. P. 94) AJOELHARAM *todos* (T. Vasconcelos P. A. D. 257) *chegados à santa vivenda*, AJOELHARAM *diante da estátua da Santa Virgem* (Camilo H. G. M. III) *muitos corpos que* AJOELHAM *aos vossos pés nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua* (M. Assis H. S. D. 5).

CASAR = casar-se

Foi conselheiro del-rei... CASOU *com D. Helena* (Jacinto V. D. J. C. 282) *CASAVA cada homem com muitas mulheres* (Paiva C. P. I58) – *CASAM, têm filhos; aí temos declarada a guerra* (Castilho C. A. 274) *eu CASEI com o homem da minha escolha* (Garrett H. 97).

CONSPIRAR-SE = conspirar

CONSPIRARAM-SE *contra êle certos homens pestilenciais de Israel* (Pereira B. S. I.º Mac. cap. X.º v. 6I) – *tudo* SE CONSPIRAVA *para o punir e demorar a invasão* (Rebello C. dos F. 27) *os gênios, porém*, CONSPIRAM-SE *diariamente* (Camilo D. da M. I35) – *era de esperar que os interesses associados a êsse vício* SE CONSPIRASSEM *contra a vitória do regime* (Rui F. P. R. 254).

DESANIMAR-SE = desanimar

Por uma parte tomem os homens motivos de SE não DESANIMAREM com os perigos da vida (E. M. Pinto Per. I-7) – *DESANIMA-SE a gente de Castela* (R. Lobo C. de P. 55 v.) – *não temas, nem SE DESANIME o teu coração* (Pereira B. S. Isaías cap. VII.º v. 4) – *não SE DESANIMEM com a frieza de uns, com a dureza de outros* (Silvério C. Past. 33).

DESARMAR = desarmar-se

Os santuários do culto, ante o qual DESARMAVAM godos e hunos, são hoje odiosos aos seus sucessores (Rui G. G. II5).

DESESPERAR-SE = desesperar

Quem SE DESESPERA, não sabe aprender no sofrimento (Antero R. e V. I07).

DIVERSIFICAR = diversificar-se

Em tôdas as terras do sertão o caráter do povo DIVERSIFICA do dos habitantes dos lugares marítimos (Herculano C. U. A. I33) no livro “*Da natureza da criança*”, os homens DIVERSIFICAM de nome e natureza (Latino O. da C. intr. CCCXXV).

ENCARNAR = encarnar-se

Quando nos mostrou Deus mais amor, quando ENCARNOU ou quando nos remiu? (E. Matos E. C. 63) – *a natureza humana... é inferior à natureza angélica, porém... depois que o Verbo divino ENCARNOU, ficou mais enobrecida* (Sacramento V. H. P. 246) – *os deuses, para ENCARNAR, parece elegerem de preferência as figuras dos animais* (Latino O. da C. intr. XV).

ESREAR-SE = estrear

Herman... justificava, ao primeiro volver de olbos, a reputação de melindre e de primor, merecida desde que SE ESTREARA na carreira pública, exercendo as funções de cônsul em Portugal (Rebelo C. dos F. I03).

ESTREMECER-SE = estremecer

Nunca o dia de juízo lhe lembrava, que não SE ESTREMECESSE (Bernardes P. P. P. 65) – *o criminoso que de longe a considera, SE ESTREMECE* (M. Aires R. V. H. 97) – *sempre o meu espírito SE ESTREMECE com o mesmo confrangimento* (Camilo N. B. J. M. I69).

ESTRIBAR = estribar-se

A recusa ESTRIBAVA nestas razões dadas por êle ao seu amigo (Camilo A. em P. I41) *o universo inteiro... ESTRIBA sobre o número* (Latino O. da C. intr. CXLVI) – *o estado social que não ESTRIBA nesta verdade é um estado social de opressão* (Rui G. G. I5).

PASSAR = passar-se (no sentido de suceder, acontecer, realizar-se)

Como Vasco da Gama soube o que PASSAVA... mandou fazer sinal aos capitães para o seguirem (D. Góis C. D. E. 72) dão os vice-reis conta ao conselho do Estado de quanto PASSA em cada província (Lucena A. P. II-219) não vêem o que trazem ante os pés e querem saber o que passa sôbre as estrêlas (Arrais D. I2) oh! senhor, dizei estas verdades a el-rei, para que saiba o que PASSA (Couto S. P. I84) – o alcaide teve bom padrinho, em Muley Abraham que, sabendo o que PASSAVA, se veio a êle, cheio de cólera (Sousa A. D. J. I-285) ainda que se não sabia o que entre as duas PASSAVA (Bernardes N. F. I-149) tratou logo o grande Vieira, com profunda indústria, de saber o que PASSAVA em Nápoles (A. Barros V. A. P. A. V. I-37) eu estava como estúpida, tinha como sonho o que PASSAVA (Filinto O. C. X-191) – estranho inteiramente a quanto PASSAVA à roda (Rebello C. e L. 177) parecia alheio ao que PASSAVA à roda dêle (Herculano L. e N. I-89) converto minha atenção e temor a ti, oh! Lisboa, considerando o que em ti PASSA (Camilo Q. de A. 86) – o mesmo PASSA em tôdas as nações do mundo (Rui R. n.º 39 pg. 24) igual fenômeno de aglutinação PASSA com os vocábulos franceses (M. Barreto N. E. L. P. 304) o mesmo PASSA com a expressão “outra das tuas” do “Fausto” (E. C. Ribeiro Tr. 191).

RECOLHER = recolher-se

RECOLHAMOS, disse o italiano, pois se nos encobriu de todo a clara luz do sol (H. Pinto I. V. C. II-83) – voltava o velho de uma aldeia perto... e RECOLHIA agora aos subúrbios de Leiria, sua ordinária residência (Garrett Arc. de S. 194) tendo RECOLHIDO à sua cela, ninguém mais o vira (Herculano M. de C. II-296) Duarte Pereira adoeceu e licenciou-se para RECOLHER à casa (Camilo T. I. 25) – o ministro pode RECOLHER à casa, entre a adulação de uns e a resignação de outros (Rui F. B. 172).

REPERCUTIR-SE = repercutir

Convertendo a lira em alauíde, deu-lhe, portanto, maior bôjo para que os seus sons SE REPERCUTISSEM com mais valentia (Castilho N. do C. I2).

RETIRAR = retirar-se

Álvaro Pereira montava um excelente cavalo e, sendo atacado pelo sargento da cavalaria, RETIROU para trás de um rochedo enorme (T. Vasconcelos P. A. D. I83) não queria ela RETIRAR, sem ver o rosto do vate (Camilo R. H. R. I35) – o chefe desta, porém, enfadou-se com a devoção da sua gente... e RETIROU para o jardim da casa (Silvério V. D. V. 257) Villeneuve, hesitando em acometer Cornwallis, RETIROU para Cadiz (Rui C. de I. 231).

SOBRESSAIR = sobressair-se

A atenção do observador se fixa particularmente sôbre algumas que SOBRESSAEM pela sua configuração, beleza e fragrância (Seixas C. das O. II-100) entre as diversas exclusões, SOBRESSAI a dos

cobardes (Lisboa O. C. I-21) *junto da abadessa uma donzela de trajos brancos SOBRESSAI entre as monjas* (Herculano E. P. 131) – *entre os gêneros de pregação cristã... SOBRESSAI a missão* (Silvério C. Past. 33) *se alguma das taras dessa nacionalidade, porém, SOBRESSAI às outras, é o duro, pérfido e cruel egoísmo* (Rui C. de I. 162).

SORRIR-SE = sorrir

A fortuna é feita assim: mal a conhece o vilão, cuida que a tem na mão, ela SORRI-SE entre si (Sá Miranda O. C. I-151) *e Vasco da Gama, que o ouviu, olhou para êle, SORRINDO-SE* (Castanheda H. do D. I-57) *veio Vênus, SORRINDO-SE consigo* (A. Ferreira P. L. I-250) – *e últimamente SORRINDO-SE, disse...* (Sousa V. do A. I-151) *êle, ouvindo os seus louvores, com um modo desdenhoso, SE SORRIU e não falou* (Gonzaga M. de D. 6) *não se apontariam as más línguas a SORRIR-SE* (Filinto O. C. X-325) – *Tupã SORRI-SE lá dos astros* (G. Dias P. II-162) *o monarca SORRIU-SE* (Rebello M. D. J. I-233) *o padre SORRIU-SE* (Camilo R. H. R. 62) – *já os senhores SE estão a SORRIR* (Silva Ramos P. V. F. 21).

695 – Verbos de movimento.

Entre os verbos facultativamente pronominais estão muitos verbos de movimento que se usam com o pronome oblíquo, quando se quer dar à ação mais uma feição de espontaneidade.

Todos SE DESCERAM a pé para ir acompanhando-a (F. Morais P. de I. 54) *com todos juntamente SE PARTIA* (Camões L. c. II.º e. 19) *bem mostram êstes que SE SAÍRAM da religião e murmuram dela, nas palavras que dizem, as más entranhas que trazem* (H. Pinto I. V. C. I-99) – *PARTIU-SE Hércules para Itália* (B. Brito M. L. I-34) *após isto, SUBIU-SE a um têso sôbre o mar* (Sousa A. D. J. I-112) *D. João SE VEIO à côrte* (Jacinto V. D. J. C. 3) *a Senhora, em sua assunção, SE PARTIU de nós para o céu* (A. de Sá S. N. S. M. 22) *SUBIU-SE o profeta a um monte* (Vieira S. VII-103) – *naquela tarde SE EMBARCOU com os seus o grande missionário* (A. Barros V. A. P. A. V. I-57) *furtivamente SE EMBARCOU com o resto do seu exército* (Pita H. A. P. 136) – *às nossas costas SOBE-TE, oh! caro* (O. Mendes E. I. II.º v. 730) *já mancebos SE PARTEM contentes* (G. Dias P. II-54) *a flor dos pelejadores dêsses contornos SE ANDARIA fora com o Príncipe D. Sancho* (Castilho Q. H. P. II-176) *chegando a Espanha Carlos V.º, SE FOI Magalhães à cidade de Burgos* (Latino F. de M. 152) – *penetra pela grade do jardim e SE SOBE a uma das árvores* (Silvério V. D. V. 8) *outros ingleses... em rancho SE PARTIAM, afrontando solbeiras* (Antero R. e V. 71).

d) Verbos Factitivos

696 – Muitos verbos intransitivos podem assumir o caráter de transitivos equivalentes a eles próprios acompanhados do verbo FAZER. Tanto dizemos: *Aquele homem desanimou*

como os *contratempos* DESANIMARAM *aquele homem*, isto é, *fizeram desanimar*; o *cavaleiro enlouqueceu* como a *raiva* ENLOUQUECEU o *cavaleiro*, isto é, *fez enlouquecer*; *Cristo ressuscitou* como *Cristo* RESSUSCITOU a *filha de Jairo*, isto é, *fez ressuscitar*.

O uso destes verbos chamados factitivos é mais frequente entre os clássicos do que geralmente se imagina.

AMADURECER = fazer amadurecer

A experiência da nossa primeira tentativa nos ensinou... a AMADURECER as nossas resoluções (Rui D. e C. 52).

BROTAR = fazer brotar

BROTAVAM, *aqueles dois olhos sacratíssimos, bolbões e fontes de lágrimas* (T. de Jesus T. de J. I-74) – e quando pensaram que o coração que as BROTARA de si tinha particular amor ao estalido do chicote, deitaram um olhar oblíquo à terra (M. Assis P. R. I07).

CHEGAR = fazer chegar

A vista da graveza dêles foi uma das cousas que no Horto o CHEGARAM a suores e agonias quase mortais (T. de Jesus T. de J. I-73) – CHEGOU Deus o *noviço ao prazo que tanto desejava* (Sousa V. do A. I-25) – a *tamanbo paraíso nos pode CHEGAR a agricultura* (Castilho F. pela A. 34) *rasgou o papel em dous pedaços, CHEGOU-os à vela e os destruiu* (M. Assis H. I42).

CHOVER = fazer chover

Êle o justo acarinha e odeia o ímpio; sôbre o malvado CHOVERÁ tormentos, tempestuosos raios e hórrido enxôfre (Caldas S. de D. 32) – o *firmamento CHOVE*, nos campos mais áridos e tristes, a *orvalhada das noites* (Rui O. M. I3).

DEMORAR = fazer demorar

Não quero DEMORÁ-LO mais (Rebello M. D. J. I-220) *mas eu estou A DEMORAR a V. Excia.* (T. Vasconcelos P. A. D. 77) *a agrura das montanhas e a profundeza dos vales das Astúrias DEMORARÃO os inimigos* (Herculano E. P. 204).

DESANIMAR = fazer desanimar

De dia em dia, porém, o rigor do bloqueio DESANIMAVA a indústria dos aventureiros (Rui C. de I. 244).

DESBOTAR = fazer desbotar

A graça do mundo... DESBOTA as flores; a de Deus, refloresce-as (Camilo R. H. R. I30).

DESCER = fazer descer

La trocar o brial de cavaleiro e o cetro do rei pela mortalha com que o DESCERAM ao sepulcro (Herculano B. I).

DESFALECER = fazer desfalecer

Nem o pêso da enxada lbe DESFALECERA o braço (Rebello C. e L. 88).

DESMAIAR = fazer desmaiar

Nem por isso vos vença ou DESMAIE o temor (Vieira S. XI-122).

EMUDECER = fazer emudecer

A lira cantarás tão docemente, que EMUDEÇAS as aves do arvoredo (R. Lobo P. 58).

ENDOUEDECER = fazer endoudecer

ENDOUECE-LO-IAM com impertinentes consolações (Herculano M. de C. II-229).

Enlouquecer = fazer enlouquecer

Pois, Senhor meu, quem os ENLOUQUECE? (T. de Jesus T. de J. II-114) – *a raiva ENLOUQUECEU o cavaleiro* (Rebello C. e L. 92).

ESTOIRAR = fazer estoirar

Quero ESTOIRAR de inveja aquelas criaturas (Castilho Tart. 109).

ESTREMECER = fazer estremecer

Êsse clamor, êsse embate que nunca ESTREMECEU a minha consciência (Rui D. e C. 528).

HERDAR = fazer herdar

Tôdas as mazelas e corrutelas do idioma, que nossos pais nos HERDARAM, cabem na indulgência plenária dessa forma de relaxação (Rui R. n.º 423 pg. 181).

PROSPERAR = fazer prosperar

Deus PROSPERE o illustre estado de Vossa Senhoria (Orta C. S. D. I. I-5) *a vida de Vossa Alteza... a qual Nosso Senhor conserve, acrescente e PROSPERE por muitos anos* (J. Barros Pan. 219) – *punha tôdas suas fôrças em PROSPERAR e engrandecer o que de novo fundava* (B. Brito M. L. I-89) *peçamos à Divina Majestade seja servido PROSPERAR-NOS estas tão bem fundadas esperanças* (Vieira S. IX-325) – *Roma crê que sois ditosas, que a deusa com tranqüilos, puros gostos, PROSPERA, aformoseia os vossos dias* (Bocage P. VI-145) *quem tudo governava era algum destino cruel que oprimia os bons e*

PROSPERAVA *os cavaleiros verdes* (Filinto O. C. IX-149) – *aquêle é o monumento erigido às nossas emprêsas transatlânticas, porque é levantado a Deus que no-las influiu* e PROSPEROU (Latino A. e N. 142) – *as leis do bom govêrno que* PROSPERAM OS Estados (Rui O. M. 23).

RESOLVER = fazer resolver

Agora o caso é RESOLVER o alfageme a partir (Garrett Alf. de S. 95) *fácilmente poderiam os progressistas RESOLVÊ-LO a insurreccionar-se* (T. Vasconcelos P. A. D. 49) – *o sábio francês OS RESOLVEU a visitar a hospedaria* (Rui R. de G. 73).

RESSUSCITAR = fazer ressuscitar

Mas Deus o RESSUSCITOU dentre os mortos (Pereira B. S. Atos cap. XIII.º v. 30) – *parecia que a sua voz RESSUSCITAVA de repente os homens e as cousas* (Rebello C. e L. 13).

RETROCEDER = fazer retroceder

Emancipai-a dêsses freios... RETROCEDEI-A ao domínio dos instintos bravios (Rui C. L. 272).

SAIR = fazer sair

Eu, a quem SAÍRAM do vão da estátua... (Filinto O. C. IX-137).

SOÇOBRAR = fazer soçobrar

Foram, aquela tarde e noite, lutando com a tormenta, esperando que cada onda os SOÇOBRASSE (Jacinto V. D. J. C. 163) *as ondas a uns ajudam, e a outros SOÇOBRAM* (E. Matos E. C. 50) – *a alegria muitas vêzes nos SOÇOBRA* (M. Aires R. V. H. 143) – *o ambicioso coração daquela mãe não esperava, nem sonhava tanto; SOÇOBROU-A o transporte de alegria* (Camilo R. H. R. 79) – *o batelão voltou à tona dágua... no mesmo sítio onde o seu pêso o SOÇOBRARA* (Rui D. e C. 470).

SUBIR = fazer subir

A lei tenbo d'Aquêle... que do céu à terra enfim desceu, por SUBIR os mortais da terra ao céu (Camões L. c. I.º e. 65) – *o número dos exércitos inimigos se não pode averiguar ao certo... uns o SOBEM a sessenta mil* (Jacinto V. D. J. C. 219) *não eram na terra os virtuosos e exemplares outra cousa, senão braços de que eu me ajudava, para SUBIR almas ao céu* (Bernardes N. F. III-53) – *intimidou-me e me SUBIU côres ao rosto a tal pergunta* (Filinto O. C. XI-455) – *ela queria um homem que... sentisse dentro em si a fôrça bastante para SUBI-LA aonde a vissem todos os homens* (M. Assis M. e L. 130).

TREMER = fazer tremer

O horror e o susto... lhe TREME o corpo todo (Castilho N. do C. 92).

e) Dupla Regência

697 – Em geral condenam os gramáticos o empregarem-se, com o mesmo complemento, dois termos que têm regência diversa e assim acham errônea a seguinte frase: *É proibido SUBIR OU DESCER dos bondes em movimento*. É muito lógica esta condenação dos gramáticos. Mas da lógica da teoria para as conveniências da prática vai alguma distância. Acontece que, muitas vezes, têm os escritores que fazer rodeios ou apresentar frases forçadas e deselegantes para não contrariarem a regra dos gramáticos, razoável porém incômoda para se pôr em execução. Os clássicos é que nem sempre estão por isto. Preferem manter o alinhamento da frase e encaixar o mesmo complemento com dois termos de vária regência, certos de que os leitores os entendem e de que no escrever mais se deve atender à elegância do que à lógica.

Lutero... CONFESSA ou SE GABA DE QUE êle e o demônio eram tão amigos... (Vieira S. XI-155) o demônio facilmente PODE e grandemente FOLGA DE TRANSPOR as espécies que servem aos nossos sentidos e fantasia (Bernardes N. F. II-267) – houve naquelas quatro palhoças trevas tão espessas que RESISTIRAM ou ZOMBARAM DE tanta luz (A. Barros V. A. P. A. V. I-133) serve esta de dar passagem aos que ENTRAM e SAEM DA cidade (Jaboatão N. O. S. B. II-140) – quando se resolvesse a interpor os seus officios A FAVOR ou CONTRA ALGUÉM (Rebello L. e T. II-53) os seus interesses, quero dizer, os da província dos quais um bom presidente não SABE nem é CAPAZ DE SEPARAR os próprios (Lisboa O. C. I -201) muito se tem escrito A FAVOR e CONTRA A APARIÇÃO de Cristo a D. Afonso Henriques (Castilho Q. H. P. I-183) bando de aves palmeiras que SAINDO e ENTRANDO DOS aposentos de suas “donas” se cruzavam (Herculano M. de C. II-159) V. S.^a pode consentir que minha irmã RESIDA e SE ALIMENTE DE UMA DAS QUINTAS que foram de seu marido (Camilo T. I. 173) – todo o homem GOSTA e AMA OS PRODUTOS do próprio engenho (Silvério V. D. V. II 7) ANTES, durante ou APÓS A ELEIÇÃO (Rui D. e A. 12) Adelino não SE SUBMETEU ou não SUPORTOU A DURA DISCIPLINA da vida comercial (Laudelino N. e P. II-57).

f) Regências Dignas de Registo

698 – Damos a seguir algumas regências verbais que, ou por injustamente condenadas ou por menos comuns no uso, nos pareceram dignas de registo. Documentar as várias regências dos verbos que aqui citamos seria, sobre desnecessário, nimamente longo para a natureza da obra que publicamos, por isto nos dispensamos de fornecer exemplos das regências mais em voga, as quais nos limitamos a mencionar após o sinal de igualdade.

699 – ACOMPANHAR COM = acompanhar (transitivo).

Não tratar, nem ACOMPANHAR COM pessoas que não têm temor de Deus (Bernardes P. P. P. 86) –

ninguém terá compaixão daquele que ACOMPANHA COM o homem iníquo (Pereira B. S. Eclesiástico cap. XII v. 13) – *quem ACOMPANHA COM hereges é herege* (Rebello M. D. J. I-25).

700 – ACREDITAR (transitivo) = acreditar em.

Não há quem ACREDITE UM DELIRANTE (Cláudio O. 19) *não sei se OS MEUS OLHOS ACREDITE* (Filinto O. C. X-417) – *não OS ACREDITE Vossa Majestade* (Rebello M. D. J. I-234) *tiveram a fraqueza de ACREDITAR OS MAIS INCRÍVEIS EMBUSTES* (Seixas C. das O. I-34) *caluniaram-me e tu ACREDITASTE A CALÚNIA* (Herculano B. 137) – *tão repleto de sinceridade era o tom quente da sua voz... que... muitos A ACREDITAVAM* (Antero L. T. 93).

701 – ADMIRA-ME ALGUMA COISA = admiro-me de alguma coisa.

A grande multidão que irá matando, A TODO MALABAR TERÁ ADMIRADO (Camões L. c. X.º e. 15) – *às suas pregações estava tão atento que OS ADMIRAVA SUA PRONTIDÃO* (Sousa V. do A. I-20) *o que ME ADMIRA MUITO é que sejam tão cegos os nossos olhos que vejam para chorar* (Vieira S. V-93) – *ADMIROU AOS OFICIAIS da câmara, A INJUSTIÇA do despacho* (Gaspar M. H. C. S. V. 308) *O QUE MAIS O ADMIROU foi seu velho criado* (Tolentino Sat. 223) – *já não ME ADMIRA, amados irmãos, QUE O PROFETA-REI PATENTEASSE tantos receios* (Seixas C. das O. II-203) *O QUE ADMIRA MENOS é que tais opiniões, em tal matéria, pudessem excitar as desconfianças do sombrio tribunal* (Lisboa V. P. A. V. 204) – *não ADMIRARÁ pouco AOS LEITORES ESTA INDULGÊNCIA DOS nossos missionários* (Silvério V. D. V. 30) *nem TAL VOS ADMIRE, senhores* (Laet A. I. ano II.º n.º 2 pg. 5).

702 – ALEGAR COM = alegar (transitivo).

Essa autoridade dos “Provérbios”... COM a qual agora ALEGASTES, me parece a mim, que se não deve entender geralmente de todos os banquetes (H. Pinto I. V. C. IV-I43) – *ALEGOU êste COM a necessidade da família que não podia desamparar* (Silvério V. D. V. 165) *todo o engôdo... está nesses dezoito mil cavalos de força COM que os concessionários ALEGARAM na proposta* (Rui D. e A. 182).

703 – APROXIMAR-SE A = aproximar-se de.

À morte me APROXIMO a cada passo (Bocage P. VI-I83) – *formosa cavalgada SE APROXIMA finalmente AO castelo* (Castilho Q. H. P. II-205) *quando o gato ou vénea... SE APROXIMAVA... AOS muros de qualquer castelo...* (Herculano B. 16) *a arte medo-persa é porventura a que mais SE APROXIMA À expressão característica do belo* (Latino E. C. 100) – *AO seu leito de morte, APROXIMOU-SE um amigo obscuro* (Laet A. I. ano II.º n.º 2 pg. 7).

704 – ASSISTIR EM = morar, residir, permanecer – é popular e clássico.

Na escola de Flandres, que foi a Atenas da milícia da Europa, ONDE eu ASSISTI algum tempo, era

vício então abominável (F. M. Melo A. D. 194) um religioso de certa ordem ASSISTIA EM Sulapur (Bernardes N. F. III-9) – *tenho próprio casal e NÊLE ASSISTO* (Gonzaga M. de D. I) enquanto ASSISTIU NA Rússia, nenhuma ocasião perdeu, que contribuir pudesse aos progressos da medicina (Filinto O. C. IX-28) – o costume observado em algumas dioceses... só tenha lugar a respeito daqueles que ASSISTEM NO campo (Seixas C. das O. I-55) a costureira ASSISTE lá NA vila que é daqui meia légua (Castilho C. A. 98) cada um deles tinha seus parciais e clientes nos muitos portugueses que ASSISTIAM NA côrte (Herculano C. V. 106) – *pedi-lhe, me dê um raio da infinita sabedoria que ASSISTE EM seu trono eterno* (Silvério C. Past. 8) EM Maceió ASSISTE o reverendíssimo Padre Júlio de Albuquerque (Sá Nunes A. L. N. I-267).

705 – CARECER (transitivo) = carecer de.

Bastara em seu louvor, se o CARECERA, ser bem vista e prezada em toda a Europa (Filinto P. 5) – *sem inscrições; nem AS CARECEM, tanta é a viveza da pintura* (Castilho Q. H. P. I-167) o estro da poesia CARECIA A CONFIRMAÇÃO da extravagância (Camilo R. H. R. 158).

706 – CHAMÁ-LO (no sentido de cognominar) = chamar-lhe.

Pois Serapião, que é arábio e de autoridade, o CHAMA assabel diriri (Orta C. S. D. I. I-141) *afrontam-se, OS CHAMAIIS enganadores* (H. Pinto I. V. C. III-97) *sai dando vozes pelo “grande padre”, assim o CHAMAVAM uns; outros, o padre santo* (Lucena A. P. I-73) – *monte Parnaso ou Larnaso como, além de Tiraquelo, O CHAMA Ludovico Vives* (B. Brito M. L. I-59) *mártires os CHAMAVAM os companheiros* (Sousa V. do A. I-14) *a câmera de Goa O CHAMOU duque* (Jacinto V. D. J. C. 219) – *CHAMAM-NA a Santa Casa do Loreto* (Filinto O. C. XI-529) – *enquanto cabeça, caput orbis Ecclesiae, como O CHAMA o Papa Inocêncio, dêle dimana a seiva da vida* (Silvério C. Past. 158).

707 – COMEÇAR DE = começar a.

E como meus cuidados me COMEÇASSEM DE entrar pela lembrança de algum tempo que foi... (Bernardim M. e M. 8) *e assim COMEÇARAM DE caminhar* (D. Góis C. D. E. 58) *um mancebo valenciano que já lhe COMEÇARA DE vir a barba, soía de ser gentil-homem* (Sá Miranda O. C. II-178) *COMEÇANDO já DE cortar as ondas do Levante, por ela abaixo um pouco navegamos* (Camões L. c. V.º e. 61) – *para guarda, tanto que COMEÇOU DE andar, lhe deu Gonçalo Figueira* (Sousa A. D. J. I-8) *COMEÇARAM DE subir a um mesmo tempo* (Jacinto V. D. J. C. 212) – *ei-los, os pobretes COMEÇAM DE afracar-se* (Filinto O. C. VI-126) – *os mesmos partidos COMEÇAVAM DE agitar-se* (Lisboa O. C. I-163) *as ramas do arvoredo... COMEÇAM DE murmurar* (G. Dias P. I-503) *passados aquêles primeiros tempos... COMEÇARAM DE me alvorecer dias mais claros* (Castilho F. pela A. 137) *mas o céu COMEÇOU DE toldar-se com o anoitecer* (Herculano L. e N. I-28) – *COMEÇARAM-SE DE sentir... os seus inconvenientes* (Rui R. n.º 199 pg. 94) *assim COMEÇA o*

historiador DE narrar o assalto dos mouros (E. C. Ribeiro P. L. E. 113) lembramo-nos todos do modo como Luiz de Camões COMEÇOU DE cantar os *Lusíadas* (Laudelino N. e P. IV-15).

708 – COMPARECER EM = comparecer a.

Vais COMPARECER NA presença de Deus (Rebello C. e L. 114) não tinham despejo bastante para COMPARECER NESSE ato vergonhoso e ridículo (Garrett P. B. E. 151) quantas vezes puderem, COMPAREÇAM NAS igrejas (Seixas C. das O. I-36) falhava ou COMPARECIA NELAS tarde e às más horas (Lisboa O. C. I-239) D. Afonso de Portugal... COMPARECERÁ NAS vossas côrtes de Leão (Castilho Q. H. P. I-94) – extraordinário também êsse frade que... COMPARECE EM comícios anarquistas (Laet V. de P. ano XI.º n.º 21 pg. 1283) mais com curiosidade, portanto, do que com esperanças em resultados práticos, COMPARECI NA primeira sessão daquela comissão (Cândido M. S. 279) a minha presença devia ser também suficiente, assim como de cada um dos que NAQUELA casa COMPARECERAM (Rui G. G. 168).

709 – CONFIAR ALGO DE ALGUÉM = confiar algo a alguém. CONFIAR DE ALGUÉM = confiar em alguém.

Teus segredos DE MIM com razão sempre CONFIASTE (A. Ferreira P. L. II-220) CONFIA DE MIM (Sá Miranda O. C. II-271) os atenienses estimaram tanto Zeno... que lhe fizeram uma estátua de bronze e CONFIAM DÊLE as chaves da cidade (H. Pinto I. V. C. III-36) – se de amor tratais segredos, DE MIM não os CONFIEIS (R. Lobo P. 157) mais depressa roubam os criados a um senhor avarento e desconfiado... que a outro fácil e liberal que CONFIA DÊLES sua fazenda (Paiva C. P. 123) – conseguiu que muitos índios CONFIASSEM DÊLE seus filhos (Gaspar M. H. C. S. V. 220) de tua justiça só, CONFIA A minha liberdade (Caldas S. de D. 141) – rebanho que a Providência... CONFIOU DA nossa reconhecida insuficiência (Seixas C. das O. I-47) CONFIO DO tempo que é um insigne alquimista (M. Assis P. R. 66) que separeis de vós a má gente que vos rodeia e que chameis os honrados DE quem o povo CONFIA (Garrett Arc. de S. 257) eu CONFIAVA DE ti (T. Vasconcelos P. A. D. 65) conduz aqui a última das minhas cativas que especialmente CONFIEI DE TI (Herculano E. P. 189) risos francos e abertos não os CONFIAVA sequer no espelho (Camilo C. V. H. J. A. 93) – CONFIOU DE remédios caseiros (Antero R. e V. 267).

710 – CONTENTAR-SE DE = contentar-se com, contentar-se em.

Não sòmente ousados SE CONTENTAM DE sofrerem da terra firme os danos, mas inda o mar instábil expr'imentam (Camões L. c. X.º e. 91) não SE CONTENTAM OS chins DE edificar e morar sòmente na terra (Lucena A. P. II-211) – nunca nos CONTENTAMOS DO estado que nos coube (Filinto O. C. IV-241) – perdoaram por fim, SE CONTENTARAM DE a açoitar no pelourinho (Garrett Arc. de S. 203) estes CONTENTARAM-SE DE condenar com o silêncio essa mal-aventurada resolução (Herculano L. e N. I-67) era não sòmente plausível mas forçoso... que o espírito... SE CONTEN-

TASSE modestamente DE *mais fáceis disquisições* (Latino O. da C. intr. CLXXXIV) os *vencidos* não SE CONTENTARAM DE *dormir sobre os louros do vencedor* (M. Assis P. A. 215) *Luiz Filipe...* CONTENTOU-SE DE *degradar para América a Meunier* (Rui D. e A. 59).

711 – CONVERSAR (transitivo) = conversar com.

Com tanta *familiaridade, paciência, mansidão e amor* OS CONVERSAVA, COMO *se eles já foram de um perfeito espírito e coração com êle* (T. de Jesus T. de J. I-274) quanto mais OS CONVERSAIS, tanto mais *mostram sua destemperada música* (H. Pinto I. V. C. III-46) – *teve o cardeal lugar e ocasião para* O CONVERSAR *devagar* (Sousa V. do A. I-343) *os que buscam lugares mais retirados têm ermidas plantadas entre as árvores, dentro das quais podem* CONVERSAR OS ANJOS (Esperança Exc. 94) – *um dia só, não falbo em* CONVERSÁ-LO e *vê-lo* (Filinto O. C. VI-162) – *quando em Moçambique* VOS CONVERSEI *primeiro, senti nalma não sei quê dizer-me* (Garrett Cam. 39) *el-rei...* OS CONVERSAVA (Castilho Q. H. P. II-31) *viu-o ela em casa de seus pais, CONVERSOU-O* (Camilo T. I. 56) *vê-lo era ainda* CONVERSÁ-LO (M. Assis H. S. D. 77) – *teve o singular dote de entrar o coração de quantos uma só vez o viam e* CONVERSAVAM (Silvério V. D. V. 41) *constituindo-lhe predileção especial* o CONVERSAR JOÃO DE BARROS, *Damião, Bernardes e Vieira, havia como felizes as horas que passava no silêncio das bibliotecas* (Leda Q. L. B. 25).

712 – CRER (transitivo) = crer em.

Também sou *chamado dos pastôres poeta e não* OS CREIO (Ferreira P. L. 210) *não* CREIO TAL (Couto S. P. 36) – *os ministros, todos os adoram, mas ninguém* OS CRÊ (F. M. Melo A. D. 7) *ao prior deu a nova... que admirado ficou sem poder* CRÊ-LA (R. Lobo C. de P. 71) – *tomou forças a fama, CRERAM-NA aquêles serranos* (A. Barros V. A. P. A. V. I-199) *mas tu não* OS CREIAS (Pereira B. S. Atos cap. XXI v. 21) – *parece que efetivamente os não poupou nessas informações, se havemos de* CRER OS SEUS PRÓPRIOS ESCRITOS (Lisboa V. P. A. V. II8) *chegara enfim a* CRER UMA COUSA *que nunca sonhara* (Herculano M. de C. I-187) – *enquanto os meus compatriotas não* CREREM, *sobre todos, ÊSTE ARTIGO máximo de fé* (Rui D. e C. 414).

713 – CRER A = crer em.

Chamai-o, *dirá verdade se não quereis* CRER A *mim* (Gil T. 51) *para que é* CRER AO *mundo pois é enganador... ?* (H. Pinto I. V. C. II-58) *e há quem* CREIA AOS *adivinhos* (Arrais D. 13) – *ambos* CRERAM *mais* AO *demônio que a Deus* (Vieira S. XI-156) *eu antes quero* CRER A *êstes que, não obstante serem santos, viviam temerosos* (Bernardes N. F. II-325) – *vós em algum tempo não* CRESTES A *Deus* (Pereira B. S. Rom. cap. X.º v. 30) – *os votos que então faziam dous amantes... eram testemunhados por Deus, A quem eles* CRIAM (Camilo H. de P. II-16).

714 – DAR A ALGUÉM PARA = alguém dar para.

Quando TE DÁ PARA LER, estou sempre a cismar que te dá voltas o juízo (Camilo T. I. 41) – SE AO ANO LHE DER PARA MAU, *poucas teigas de centeio colherão decerto* (Antero J. em P. 145) o *diabo agora*, DEU-LHE PARA REPUBLICANO (Laet J. do C. ano 58 n.º 61 pg. I.^a col. 2.^a).

715 – DAR EM = dar para.

De lugar humilde e baixo não pode ser grande a queda, salvo se DERMOS EM ser soberbos, altivos e soberanos (Arrais D. 101) – *de covarde cristão DEU EM valente mouro* (Sousa A. D. J. II-127) o *relógio da côrte...* DEU EM mentiroso (F. M. Melo A. D. 27) *certo superior, que havia sido seu discípulo*, DEU EM o mortificar (Bernardes N. F. II-196) *a república ociosa cria muitos pobres que logo DÃO EM ladrões* (Arte 104) – *Santa Maria de Alcáçova nos acuda, que DEU EM fazer política o alfageme, em vez de fazer espadas* (Garrett Alf. de S. 21) *DESTE EM beato ou EM teólogo, D. Nunes?* (Rebello O. V. N. C. 197) *muitos entendimentos aventureiros...* DERAM EM *negar abertamente... a sua realidade objetiva* (Latino O. da C. intr. CXVII) o *senhor seu pai*, DEU agora EM *zombar* (Castilho Tart. 39) – *nunca houve quem lhe desentranhasse o “sipó” que agora essa crítica de ocasião DEU EM lhes enxertar* (Rui R. n.º 47 pg. 27).

716 – DEPARAR (transitivo) no sentido de encontrar.

Então me resolveria quando acertasse com outro êle... a ser impossível DEPARÁ-LO, aguardaria pela vivuvez (Filinto O. C. X-12) – *a cada passo DEPARO as pinturas mais tenebrosas* (Lisboa O. C. I-12) *não me recorde de os haver DEPARADO na Crônica de Guiné* (Sotero C. L. P. B. I-100) *Fouché... enviara... tôda a prata que DEPARARA mal empregada no serviço dos ídolos* (Camilo H. de P. I-27).

717 – DEPARAR (transitivo) no sentido de ministrar, apresentar, proporcionar, mostrar.

A Santo António rogo eu que nunca mo cá DEPARE (Gil T. 13) *esperávamos que Nosso Senhor, por alguma via, nos DEPARASSE algum remédio de salvação* (F. M. Pinto Per. II-112) – *não era bem que estivesse prevenido, se Deus DEPARASSE alguma boa ocasião para o que êle, Arcebispo, determinava fazer* (Sousa V. do A. I-305) *sai-se êle para fora, prometendo candeinbos a Santo Antônio ou ao Mexias que lhe DEPARE boa saída a sua fazenda perdida* (Arte 27) – *a fortuna me DEPARA feliz ocasião de executá-lo* (Garção O. P. II-82) *DEPARA, um só dia, cem ocasiões de fazer mal e um ano não abre às vêzes uma de fazer bem* (Filinto O. C. IX-74) – *veio depois Péricles, o mais brilhante e magnífico ambicioso, que porventura nos DEPARA a história* (Lisboa O. C. I-23) *a ocasião que me hoje o Céu DEPARA, se a deixasse fugir, talvez me não voltara* (Castilho Tart. 96) *por êste lugar e muitos outros que DEPARA a leitura das “Lendas da Índia” se depreende...* (Latino F. de M. 179) – *Orígenes DEPARA numerosos textos que comprovam a intercessão dos santos* (Laet H. P. 9) *o partido liberal... não tem por tarefa atual outras reformas, senão as que a Providência lhe DEPARA* (Rui D. e C. 33).

718 – DEPARAR COM, isto é, encontrar.

Voa a Leide, DEPARA COM quem deseja (Filinto O. C. IX-17) – *ei-lo DEPARA COM vilã jumenta* (Garrett F. F. C. 45) *haveis de DEPARAR COM rasgos tais de virtude e heroísmo...* (Lisboa O. C. I-152) – *na obra parlamentar de Vergnaud, Danton, Saint Just, Robespierre, não se DEPARA COM um só vocábulo inovado por êstes grandes subversores* (Rui R. n.º 474 pg. 202) *nas minhas leituras TENHO DEPARADO COM vários exemplos de tal sintaxe* (Sá Nunes L. V. 38) *no Almanaque fui DEPARAR COM um milhão de doutôres* (Laet J. do C. ano 58 n.º 19 pg. I.^a col. 6.^a).

719 – DEPARAR-SE no sentido de apresentar-se por acaso, ocorrer.

Fácil SE nos DEPARA a chave do enigma (Castilho F. pela A. 17) *que ilustres condiscípulos SE DEPARAVAM ao grande naturalista português!* (Latino E. C. 59) – *de outra forma deveríamos ter sempre como exatos quantos caprichos e costumeiras SE nos DEPARAM em documentos clássicos* (Cândido P. de L. I-56) *a faculdade de construir livremente o período é um dos inesgotáveis recursos que SE DEPARAM ao escritor* (Laudelino N. e P. IV-7).

720 – DESDENHAR DE = desdenhar (transitivo).

A mais rija vingança que uma mulher consegue é quando leva o vencimento das que DELA DESDENHARAM (Filinto O. C. X-84) – *o útil DESDENHOU quase DO belo* (Latino A. e N. 98) – *não DESDENHEIS DO risco* (Rui D. e C. 423) *recorre às teorias, coisas DE que êle geralmente DESDENHA* (Cândido P. de L. I-42) *não admira que DESDENHEM DA Virgem* (Laet H. P. 59).

721 – DESERTAR (transitivo) = desertar de.

Fundaram nova aldeia no terreno que agora ocupa a cidade de S. Paulo, DESERTANDO A OUTRA de Piratininga (Gaspar M. H. C. S. V. 221) – *não DESERTO O MEU PÔSTO* (Garrett H. 39) *DESERTANDO O ABRIGO da cidade, se arrojaram em chusma ao campo azul da esfera* (Castilho G. I. III.º v. II4) *raça ingrata... DESERTA A FÉ E A LEI do Senhor* (F. Castro E. C. I48) – *os criados do paço DESERTARAM OS CORREDORES de S. Cristóvão* (Rui C. de I. 440).

722 – DESFAZER EM = desfazer de.

Começaram de buscar todos os meios e modos que puderam para DESFAZER EM nosso partido (D. Góis C. D. E. I52) *só por seu amor sofria ver DESFAZER NAS eternas verdades* (T. de Jesus T. de J. II-52) – *a opinião dos quais, eu tenbo por mais verdadeira... não DESFAZENDO NO muito que merecem os autores alegados* (B. Brito M. L. I-69) *a insolência dêste opróbrío não DESFAZ NA grandeza daquele título* (A. de Sá S. N. S. M. 24) *DESFAZER NÊLE era impossível* (Arte 44) – *hão de, a seu tempo, ir introduzindo, pelos casais, costumes mais brandos e sociáveis, sem DESFAZEREM NO bom da singeleza primitiva* (Castilho C. A. I02) *a casa de Pôrto-Alvo, não DESFAZENDO NO seu brasão, encerrava uma tribo de celerados* (Camilo R. H. R. 219) *DESFAZER NO retrato só para elogiar a*

peessoa (M. Assis Q. B. I44) – *sentiam os mações o pêsso de tão grande autoridade, nem desconbeciam quanto lbes convinha* DESFAZER NELA (Silvério V. D. V. 210) *eu não* DESFIZERA NAS qualidades literárias de tão laureado escritor (Rui R. n.º I44 pg. 65).

723 – DETERMINAR-SE EM = determinar-se a.

O primeiro português, que SE DETERMINOU EM empreender o descobrimento desta região nova da arte, foi... meu irmão (Castilho F. 8) DETERMINOU-SE EM estimular a desídia inata dos governos (Latino E. C. 68).

724 – DEVER DE = dever (exprimindo cálculo, conjectura, suposição, probabilidade etc.).

Grande estudante DEVEIS DE *ser, porque, segundo vejo, fizestes na memória um rico tesouro de verdades sólidas* (Arrais D. 34) *eu sou homem e, como tal,* DEVO DE *errar em muitas cousas* (Couto C. P. I6) – *quem é... aquêlê senhor que ali vem naquele andor tão rodeado de gente?... DEVE DE ser grande pessoa* (F. M. Melo A. D. I45) *que fazeis aqui, vilões muito ruins?* DEVEIS DE *estar bêbedos* (Arte 38) – *os insensíveis parece que amam e que sentem; a diferença DEVE DE estar no modo de amar e de sentir* (M. Aires R. V. H. I69) *e êles diziam: DEVE DE ser o seu anjo* (Pereira B. S. Atos cap. XII v. I5) DEVEIS DE *estar agravada de mim (me disse ao ouvido a dona da casa)* (Filinto O. C. X-75) – *houve um anjo, um anjo que DEVE DE estar no céu* (Garrett V. M. T. I-69) *uma novela rigorosamente cronológica DEVE DE ser bem insípida e emperrada coisa* (Rebelo C. e L. 271) *a soberba cavaleira... DEVE DE ser a espôsa raptada de algum grão-vizir* (Camilo A. de S. 9) – *aceitaram-na os zelosos sacerdotes, conbecendo bem os montes de dificuldades com que DEVIAM DE lutar* (Silvério V. D. V. I7) *bem doces DEVEM DE ter corrido os dias* (Rui C. L. 59).

725 – DEVER DE = dever (exprimindo obrigação).

DEVEIS DE *vender as taças* (Gil T. 53) *antes vos DEVEIA ainda DE agradecer quererdes saber de mim* (Bernardim M. e M. II) *não se DEVE nunca o tentado DE ter por desamparado, enquanto lbe aborrece a tentação* (T. de Jesus T. de J. I-13) – *não DEVEIS DE admitir quem só pretende Portugal a Castela andar sujeito* (R. Lobo C. de P. 65) *indo-me a lançar pela janela fora, me teve respeito por ver em mim essa cruz de Deus, com quem não DEVEM DE brigar os homens do seu trato* (F. M. Melo A. D. 93) – *o que mais entre inimigos DEVEMOS DE temer são, muitas vêzes, os mais pequenos dêles* (Filinto O. C. VI-I04) – *um apologista da rasoira social... DEVEIA DE ser mais consequente consigo mesmo* (Camilo F. D. N. 39) – *Deus, bem DEVERA DE sabê-lo um homem que lê as Escrituras, não precisaria dialogar com os seus santos* (Laet H. P. 48) *os requisitos essenciais, portanto, da boa escrita, não prescindem da observância de cânones sistematizados que DEVE DE ter o escritor presentes ao espírito* (Laudelino N. e P. IV-29).

726 – DIGNAR-SE DE FAZER = dignar-se fazer.

O *Diviníssimo Sacramento* SE DIGNOU DE autorizar com sua real presença a celebridade dêste dia (Vieira S. XI-83) DIGNOU-SE êste Senhor DE BAIXAR ao mundo para conversar com os homens (Bernardes N. F. III-127) – tudo se seguirá... em glória de Deus que SE DIGNOU DE vos chamar (Sacramento V. H. P. I48) eu abençoarei êste trabalho do meu curto engenho, se Vossa Excelência SE DIGNAR DE pôr benignamente os olhos sôbre êle (Tolentino Sat. I63) – DIGNA-TE, oh! Leneu, DE honrar êstes lugares (Castilho G. I. II.º v. 6) a pessoa ainda viva que me confiou estas cartas possui outras da mesma data, que também SE DIGNOU DE me entregar (T. Vasconcelos P. A. D. 72) – retirou para o jardim da casa, sem SE DIGNAR ao menos DE olhar para o bispo que passava (Silvério V. D. V. 257) só podemos saber dessas questões o que Deus SE DIGNOU DE revelar-nos (Laet H. P. 17).

727 – ENCARAR COM = encarar (transitivo).

Por mais natural que aos homens seja o desejo da reputação, logo êste humilba, apenas COELE ENCAREREM olhos filosóficos (Filinto O. C. IX-335) – o homem voltou-se rapidamente e ENCARANDO COM o mancebo que assim o interpelava, exclamou em voz baixa: oh! vós aqui? (Garrett Arc. de S. I02) apenas ENCAROU COM D. Maria, a esperança fugiu (Rebello O. V. N. C. 24).

728 – ENCARAR EM = encarar (transitivo).

Quando viu a Pedro que se aquentava, ENCARANDO NÊLE, disse-lhe (Pereira B. S. Marc. cap. XIV v. 67) – ENCARAVA NO retrato (Castilho M. U. M. 212) é êste espírito que aqui se levanta; é NÊLE que eu ENCARO, aparentemente trêmulo, mas profundamente firme (F. Castro P. P. 56) à saída do templo ENCAROU NO militar (Camilo A. de P. 6) – quando Abel ENCAROU NO irmão, viu-lhe de todo transmudadas as feições (Laet R. de C. ano VIII.º n.º 93 pg. I47) sabe atirar-se, intrépido, para o touro, depois de ENCARAR NÊLE resoluto (Antero J. em P. 25).

729 – ENCONTRAR COM = encontrar (transitivo).

Levava uma bandeira... para por ela ser conhecido por vassalo del-rei nosso senhor, se no mar ENCONTRASSE COM alguns navios nossos (F. M. Pinto Per. II-77) – onde lhe aconteceu ENCONTRAR três ou quatro vêzes COM embarcações de mouros (Sousa A. D. J. I-234) a espôsa diz que ENCONTROU COM as sentinelas (Bernardes N. F. I-197) – os nossos discursos raramente ENCONTRAM com a verdade; com a dúvida, sempre (M. Aires R. V. H. 45) neste estado é que ENCONTREI COM Sôror de Santa Úrsula (Filinto O. C. X-7) – dificilmente ENCONTRAREMOS COM objeto que, no todo ou em grande parte, não devesse o seu ser à indústria agrícola (Castilho F. pela A. I3).

730 – ENTRAR (transitivo) = entrar em.

E desengane de Ceita a moura túmida vaidade, primeiro ENTRANDO AS PORTAS da cidade (Camões L. c. VIII.º e. 37) nem isso bastou para os inimigos deixarem de A ENTRAR (F. M. Pinto

Per. I-9) — *dos que ENTRARAM O BALUARTE poucos baixaram vivos* (Jacinto V. D. J. C. II7) *de volta com êles ENTRARAM A CIDADE* (S. Maria A. H. I-9) — *o dito religioso, cometendo a cêrca, foi o primeiro que A ENTROU* (Jaboatão N. O. S. B. II-78) — *disse, apontando o féretro que ENTRAVA A IGREJA, então o missionário* (Garrett Cam. 8) *aquêlê homem que ENTRA O LIMIAR da paz e vai lá dentro verter o fel da desordem... tal homem devera ser punido três vêzes* (Camilo H. de P. I-193) *se alguém há que tema ENTRÁ-LA comigo, que fique* (Castilho Q. H. P. II-133) — *teve o singular dote de ENTRAR O CORAÇÃO de quantos só uma vez o viam e conversavam* (Silvério V. D. V. 4I) *ENTRA A BARRA e sobe o Tejo, uma frota castelã* (Antero L. T. 20I) *médico, ENTRASTE O soalheiro opulento? estás alugado* (Rui C. L. 35).

731 — ESCUSAR = ser escusado.

Basta a mana dizê-lo; ESCUSA citar Dido (Castilho Sab. 22) — *ESCUSA descrevê-las aqui* (Rui C. de I. 265).

732 — ESFORÇAR é empregado sem o pronome e transitivamente no sentido de fortalecer, reanimar, revigorar, reforçar.

Minha honrada irmã, ESFORÇAI o coração (Gil T. I63) *vossa mansidão M'ESFORÇA* (Sá Miranda O. C. II-34) *virá ali o Samorim porque em pessoa veja a batalha e os seus ESFORCE e anime* (Camões L. c. X.º e. I7) *cerrai, Senbor, minha língua e ESFORÇAI meu coração* (T. de Jesus T. de J. I-235) — *ESFORCE, sustente e anime as esperanças dos homens* (Vieira S. IX-312) *a alegria espiritual dilata o coração... não só o dilata para o caminho, senão que o ESFORÇA para as batalhas* (Bernardes N. F. I-39) — *ESFORÇOU os clarins a fama* (A. Barros V. A. P. A. V. I-277) *êste é o seu único merecimento, o qual me ESFORÇA a levantá-la à grande honra de ser oferecida a Vossa Excelência* (Tolentino Sat. I6I) — *Jove mesmo acorçoa e ESFORÇA os gregos* (O. Mendes E. I. II.º v. 639) *concluiria o govêrno o... como animar e ESFORÇAR as sociedades comerciais* (Castilho C. A. I46) *era mais ampla a missão desta santa milícia ESFORÇADA pelo exemplo de Vicente de Paula* (Camilo H. de P. I-54) — *êle mesmo ensine em presença delas, para guiá-las e ESFORÇÁ-LAS* (Silvério C. Past. 38) *expôs a vida em Vilafranca ESFORÇANDO... a divisão, que comandava, contra o fogo dos imperiais* (Rui D. e A. 53).

733 — ESQUECER (transitivo) = esquecer-se de — sempre foi de uso clássico.

Folgaria então poder ESQUECER-VOS (A. Ferreira P. L. I-34) *a dor que o amor me deu, nunca A mais pude ESQUECER* (Gil T. 47) *com a companhia de seu Criador, ESQUECERAM sua ferocidade* (T. de Jesus T. de J. I-24I) — *os soldados, com dansas e folias, ESQUECIAM os trabalhos passados* (Jacinto V. D. J. C. I52) — *apenas o alcançamos, quando logo se forma em nós um desejo imperceptível de O ESQUECER* (M. Aires R. V. H. 74) *rompimento que quase sempre nasce do ESQUECER resguardos* (Filinto O. C. IX-366) — *teu reino, ab! tudo ESQUECES* (O. Mendes E. I. IV.º v.

282) *esta fadiga* ESQUECEREI (G. Dias P. II-83) ESQUECEI *êsse monarca despíritos* (Castilho F. pela A. 73) *assim pudésseis* ESQUECER a vossa *má-vontade* (Herculano M. de C. II-37) *aos meus queridos alunos... peço que* ESQUEÇAM o incidente (F. Castro P. P. 41) *ninguém lhe pede que* A ESQUEÇA (M. Assis H. 133).

734 – ESQUECE-ME ALGUMA COISA = esqueço-me de alguma coisa.

Sempre ME ESQUECE O BENZER *cada vez que me levanto* (Gil T. 241) *como, por um caminho duvidoso,* VOS ESQUECE A AFEIÇÃO *tão doce nossa?* (Camões L. c. IV.º e. 91) – *algumas cousas me lembrastes* QUE ME ESQUECERAM (Couto S. P. 37) *foi o acometimento dos mouros, bravo e temerário... como de gente que estava aos olhos de seu príncipe e não* LHE ESQUECIAM SUAS PROMESSAS e ameaças (Souza A. D. J. I-113) JÁ LHE ESQUECIA A ORAÇÃO (Bernardes N. F. I-165) *já* A DOR PASSADA ou ESQUECIA ou se *afogava nesta esperança* (A. Barros V. A. P. A. V. 109) *não* NOS ESQUEÇA APONTÁ-LO (Filinto O. C. IX-31) – *todo o* PASSADO ME ESQUECEU, *assim que te vi* (Garrett V. M. T. II-96) *já vejo que* TUDO LHE ESQUECEU (Castilho F. 370) *besteiros dêste conselho, que não* VOS ESQUEÇAM em casa VOSSAS BESTAS e aljavas (Herculano L. e N. I-71) ESQUECEU-ME APRESENTAR-LHE *minha mulher* (M. Assis Q. B. 45) – *entre as demonstrações, com que os mineiros acolheram e festejaram seu novo pastor,* NÃO NOS ESQUEÇA UMA que, por sua novidade... *merece particular menção* (Silvério V. D. V. 69) *mas, se os nossos republicanos querem ir buscar modelos na festa imperial daquele reinado... não* LHES ESQUEÇA o seu desfecho (Rui R. de G. 172) ESQUECEU AO *ilustre contraditor que... a si próprio é que refutava* (E. C. Ribeiro Tr. pg. XXVII).

735 – FIAR DE, FIAR-SE DE = fiar-se em.

O *Capitão seguramente* SE FIA DA *infidel e falsa gente* (Camões L. c. II.º e. 6) *quem nos engana para* NOS FIARMOS DOUTRA *vontade senão da vossa?* (T. de Jesus T. de J. I-216) os *senhores tanto* SE FIAM DOS que *hoje morreram por êle, como dos que ontem conjuraram de os matar* (Lucena A. P. II-149) – FIAI mais DE *meus pensamentos* (R. Lobo C. na A. 21) *mandou fazer orações públicas e secretas... FIANDO mais* DOS *sacrifícios que das armas* (Jacinto V. D. J. C. 7) *não* vos FIEIS DE sua *quietação* (Vieira S. XI-120) e *aqui são repreendidos os que* FIAM muito DO *seu desvelo, indústria e prevenção* (Bernardes N. F. III-5) – FIANDO-SE só DOS *olhos das estrelas, fugiu de sua casa para a da Companhia de Jesus* (A. Barros V. A. P. A. V. I-8) *não* FIES DÊLE (Bocage P. VI-201) *ai dos dissolutos de coração que não* SE FIAM DE Deus (Pereira B. S. Eclesiástico cap. III.º v. 15) *muitos só* DÊLE SE FIAVAM (Lisboa V. P. A. V. 24) *não* FIEIS DO *cavalo* (O. Mendes E. I. III.º v. 53) *Damião esteve menos alegre ao jantar que na primeira parte do dia; NÃO* FIAVA DO *caráter mole do padrinho* (M. Assis P. R. 10) FIAI-VOS DE *mim* (Herculano M. de C. I-14) – FIE DO que *lhe digo* (Antero R. e V. 188) *como* FIAR DO que, *ao seu entender, não tinba, nesse assunto gramatical, opinião segura?* (E. C. Ribeiro Tr. pg. XV).

736 – FIAR ALGO DE ALGUÉM.

DE quem, *Deus meu*, FIAIS TÃO CONTÍNUA E CRUEL PELEJA? (T. de Jesus T. de J. I-264) os lavradores primeiro olham DE que terra HÃO DE FIAR SUAS SEMENTES (Arrais D. 41) – DE MIM FIAVA ACENOS E RECADOS (R. Lobo C. de P. 66 v.) o patriarca seguiu seu caminho... a dar conta de si a quem o mandara e FIARA DÊLE UM TAMANHO NEGÓCIO (Souza A. D. J. II-4) nada, contudo, FIO DA JUSTIÇA (F. M. Melo C. F. 43) nomeou, a Rainha Mãe, a D. Raimundo de Alencastre... FIANDO DO SEU VALOR e atividade AS RELEVANTÍSSIMAS CONSEQUÊNCIAS da liberdade da pátria (S. Maria A. H. I-96) – embarcou-se com pouco séquito de naus, FIANDO DO SEU VALOR TODOS OS TRIUNFOS (Pita H. A. P. 259) servindo-se dêle o augustíssimo rei e FIANDO muitas vêzes só DÊLE, em relevantes segredos, A COROA novamente com tanta glória adquirida (A. Barros V. A. P. A. V. I-22) eu DE ti FIO O MEU DESTINO (Caldas S. de D. 142) – que fiz eu da berança QUE teu pai FIOU DE mim para te eu ir entregando? (Camilo A. de S. 106) – a sua obrigação e a aguardar o resultado, FIANDO sempre do SUPERIOR comum o REMÉDIO e a solução da dificuldade (Rui D. e A. I30).

737 – FITAR admite duas construções:

a) – Fitar os olhos, a vista ou o olhar em alguém:

Os salmos entoava, EM mim FITANDO a carrancuda VISTA (Cruz e Silva Hiss. 33) FITO OS OLHOS NA janela (Gonzaga M. de D. 53) quando FITO OS OLHOS NO NOSSO retrato e me lembro do que fostes... recobro um pouco de coragem (Filinto O. C. X-128) FITO OS OLHOS escrutados no próprio sol (Castilho F. pela A. 148) FITO NA dama e trovador o ASPECTO imóvel (Castilho N. do C. 22) D. João d'Ornelas FITARA A VISTA... Fernando Afonso (Herculano M. de C. I-175) FITARA OS OLHOS NO alferes-mor (Herculano B. 157) Miguel e Gabriel FITARAM NO Senhor UM OLHAR de súplica (M. Assis H. S. D. 5) – FITANDO OS OLHOS EM Deus, não lhe puseram remoras ao intento (Silvério V. D. V. 12) NÊLE FITEI amorosamente OS OLHOS (E. C. Ribeiro P. L. E. I61) FITAVA OS OLHOS EM nós a ironia daquele estilista francês (Rui F. P. R. 5).

b) – Fitar alguém:

Em má hora A FITEI (Garrett F. F. C. I30) dito isto, FITOU-O (Rebelo M. D. J. I-148) a compadecida amargura com que EU A FITAVA (Camilo A. de S. 98) Helena ouvira o médico sem olhar para êle; quando êle acabou, FITOU-O admirada e curiosa (M. Assis H. I34) – FITANDO UM dos nossos colegas... disse com acentuada ironia (Rui F. P. R. 185) sempre se queima quem se aproxima do sol; FITÁ-LO só é dado às águias (E. C. Ribeiro Tr. 180).

738 – FUGIR (transitivo) = fugir de.

Os HOMENS FOGEM, *foge a luz e o dia* (A. Ferreira P. L. II-208) – *por FUGIR O PERIGO busco, deixando a minha, a terra estranha* (R. Lobo P. 14) *buscara a religião para FUGIR OCASIÕES de perigos dalma* (Sousa V. do A. I-56) *no meio, pois, de tantos aplausos começou a lidar com o pensamento de OS FUGIR* (A. Barros V. A. P. A. V. I-40) *tendes à vista... uma infeliz mulher que ora se bumilha à face dos altares, ora OS FOGEM* (Bocage P. VI-94) *FUGI-LA quer* (Garrett F. F. C. 51) *em tôda parte O FUJO* (Castilho N. do C. 68) *o egoísta... detesta E FOGEM O CASAMENTO* (Camilo R. do P. 93) – *desde que os pudemos FUGIR, não há como relevar êsses abusos do feio* (Rui R. n.º 44 pg. 26) *devem os estudantes pôr estudo em FUGIR... AS CONSTRUÇÕES indiretas que prejudicam o sentido* (Sá Nunes L. V. 42).

739 – FUGIR A = fugir de.

Fugia Crates AO OURO, como um covarde, ao ferro (Sá Miranda O. C. II-62) *SE FUJO A Deus, não posso FUGIR A homem* (T. de Jesus T. de J. I-36) – *nem LHE FUJO nem a persigo* (F. M. Melo C. G. C. 183) *conheçam o mundo e FUJAM-LHE* (Chagas C. E. 217) – *a virtude costuma FUGIR AO tumulto* (M. Aires R. V. H. 44) *FUGINDO AO bulício do mundo, queriam dar-se a uma vida mansa e cômoda* (Filinto O. C. IX-236) – *não é fraqueza FUGIR AOS males* (Garrett F. F. C. 106) *e A MIM me FOGES* (O. Mendes E. I. IV.º v. 328) *ninguém FOGEM Á sorte* (Rebelo C. e L. 102) – *ser claro, FUGINDO A êsses torneios viciosos e obscuros que tornam o discurso difuso, frouxo, arrevesado e embaraçoso* (E. C. Ribeiro P. L. E. 68).

740 – HAJA VISTA (transitivo), HAJA VISTA A, HAJA VISTA DE, HAJAM VISTA (seguindo-se nome no plural).

HAJA VISTA A *Plutarco e a Xenofonte* (Filinto O. C. IX-434) – *HAJA VISTA A LENDA que se formou em tórno do nome de Malthus* (F. Castro E. C. 41) – *HAJA VISTA OS TEUS FAVORES às obras do pôrto da Babia* (Rui C. L. 250) *HAJAM VISTA os seguintes exemplos* (Cândido C. S. S. 215) *HAJA VISTA OS seguintes excertos* (Sá Nunes A. L. N. I-195) *HAJA VISTA, por exemplo, AO que se encontra no Manual do Cristão de Goffiné* (Sá Nunes A. L. N. I-276) *HAJA VISTA DOS excertos seguintes* (Sá Nunes A. L. N. II-107) *HAJAM VISTA os lances que seguem* (Sá Nunes A. L. N. II-37) *o “coucelo” também se tornou apelido: HAJA VISTA o senhor Manuel Coucelo* (Cândido F. e E. II-130).

741 – HAVER MISTER (transitivo) isto é, necessitar.

Deixai, senhora, por mercê as lágrimas, se ME HAVEIS MISTER para algum serviço (Bernardim M. e M. 149) *para nós merecia... tudo o mais QUE HAVÍAMOS MISTER* (T. de Jesus T. de J. I-27) *não menos SABER E JUSTIÇA HÁ MISTER o príncipe para conservar a paz com os naturais que com os estrangeiros* (J. Barros Pan. 28) *os que levavam a seu favor as sentenças, como já O NÃO HA-*

VIAM MISTER, *nunca mais lhe tiravam o chapéu* (F. M. Melo A. D. 319) *nem o inimigo aguardou a que viesse o socorro nem nós* O HOUVEMOS MISTER (Vieira S. VII-51) *as naus da Índia não* HÃO MISTER PILOTOS (Arte 30) – *facultou ir ver seus amigos e prover-se do QUE HAVIA MISTER* (Pereira B. S. Atos cap. XVII v. 3) *nada curo teus sacrifícios, nem dos teus rebanhos, eu* HEI MISTER ASVÍTIMAS (Caldas S. de D. 232) – *e ide descansar que* O HAVEIS MISTER (Garrett F. L. S. 222) *tivesse a bondade de mandar-lhe os volumes das leis de Minos e Licurgo, pois* OS HAVIA MISTER (Lisboa O. C. I-19) *todavia* HÁS MISTER PASSAR *avante* (O. Mendes E. I. III.º v. 473) – *pedia as graças QUE HAVIA MISTER para servi-lo dignamente* (Silvério V. D. V. 15).

742 – HAVER DE MISTER (transitivo), isto é, necessitar.

Isto de galantear damas em terra albeia HÁ DE MISTER *não só* ARTE *mas* FORTUNA (F. M. Melo A. D. 232) – *respondei-lhe que o Senbor* OS HÁ DE MISTER (Pereira B. S. Mat. cap. XXI v. 3) *QUE DONS HÁ DE MISTER quem tem ventura?* (Bocage Son. 25) – *faremos por onde* OS *não* HAJAMOS DE MISTER (Castilho Q. H. P. I-110) – *as vaidades irritadas na pendência* HAVIAM DE MISTER *ÊSSE* DESAGRAVO (Rui R. n.º 10 pg. 10) *não* HEI DE MISTER CONTINUAR (Sá Nunes A. L. N. I-94).

743 – HAVER MISTER DE, isto é, necessitar.

Muitas coisas HAVIA MISTER DE SABER quem houvesse de responder a essa pergunta (Bernardim M. e M. 21) *nada* HÁ MISTER DE *ti* (A. Ferreira P. L. I-III) *o feito não podia passar muito pelas horas em que a gente HAVIA MISTER DE COMER* (Lucena A. P. II-53) – *haverá maior júbilo no céu sobre um pecador que fizer penitência que sobre noventa e nove justos que não* HÃO MISTER DE *penitência* (Pereira B. S. Lucas cap. XV v. 7) *se êle* HÁ MISTER DE *algo, todo o mais* corpo *o sente* (Filinto O. C. VI-I26) – *HAVEREIS MISTER DE ir descansar* (Garrett F. L. S. 76) *a braços com misérias imensas* HÁ MISTER DE *imensas forças* (Castilho C. A. 130) *dos políticos e de nós se condoa o Senbor, porque tanto nós como êles* DISSO HAVEMOS MISTER (Herculano M. de C. prefácio XIV) – *a alusão em tais casos não* HÁ MISTER *de se arrear com a faixa auriverde* (Rui R. n.º 39 pg. 24) *não* HEI MISTER DE *provar senão a legitimidade da primeira construção* (Sá Nunes A. L. N. I-73) *onde o termo que* HÁ MISTER DE *explicação?* (E. C. Ribeiro Tr. 41).

744 – HAVER MISTER, HAVER MISTER DE – também são empregados impessoalmente no sentido de – haver necessidade de, ser necessário.

E se essas cantigas vossas não forem para escutar e quisermos espirar, HÁ MISTER *cordas mais grossas* (Camões T. 178) *para isto HAVIA MISTER mais tempo* (Couto S. P. 100) – *não* HOUVE MISTER *larga informação* (R. Lobo C. de P. 42) – *quando fôr preciso destruí-los, HAVERÁ SÓ então* MISTER DE *outra resposta* (Garrett P. B. E. 9) *fixada a época por tal nome, não HAVIA MISTER datas, nem descrições de costumes* (Camilo D. da M. 189) *contra o rompante dêsses lidadores... não*

HÁ MISTER *pôr de permeio um espírito importuno e desconsolador* (M. Assis M. e L. 175) – *não* HÁ MISTER DE *maior insistência neste ponto* (Laet H. P. 13) *em regra hoje a observam, sem que* HOUVESSE MISTER DE *se apelar para a existência de uma sintaxe de feito indígena* (Laudelino N. e P. IV-35).

745 – IMPORTAR (transitivo) = importar em.

Abnegação e ódio de si mesmo que... IMPORTA UM AMOR *bem entendido e legítimo* (Seixas C. das O. I-24) *esta vantagem presente* IMPORTAVA UMA DESVANTAGEM *futura* (Herculano C. V. 17) – *contrairão os pais... graves deveres cuja infração* IMPORTA CONSEQUÊNCIAS *desastradas* (Silvério E. dos F. 7) *objetam que a eleição direta* IMPORTA UMA ALTERAÇÃO *constitucional* (Rui D. e C. 31) *enormidade que* IMPORTA DESCONHECIMENTO *da fonética histórica* (M. Barreto N. E. L. P. 8).

746 – IMPORTA-ME ALGUMA COISA = importo-me com alguma coisa.

Não ME IMPORTOU O DEVER *de cristão e não senti remorsos* (Herculano M. de C. I-38) *que* ME IMPORTAM DISCURSOS *que não entendo?* (M. Assis H. S. D. 106) – *não* LHE IMPORTAVA *muito* A QUESTÃO *das letras dobradas ou singelas* (Cândido F. e E. II-I38) A MIM *pouquíssimo ou nada me* IMPORTAM ESSAS *vãs sutilezas de classificação gramatical* (Sá Nunes A. L. N. II-95).

747 – INVESTIR (transitivo) = investir com, investir contra, investir para.

Todavia não se animava a INVESTI-LOS (S. Maria A. H. I-159) *tornaram a tomar os remos e* INVESTI-LO (Sousa A. D. J. II-92) *INVESTIU OS TURCOS* (Jacinto V. D. J. C. 120) – *dispôs a forma de* OS INVESTIR *com o capitão-mor Estácio de Sá* (Pita H. A. P. 82) *a multidão confusa* INVESTE O NAUFRAGANTE *enfraquecido* (Durão C. c. I.º e. 24) – *nisto, empinado vagalhão desaba, horrísono,* INVESTINDO A FRÁGIL BARCA (O. Mendes Od. I. V.º v. 229) *Aristeu... com grão clamor* O INVESTE *e algema-o* (Castilho G. I. IV.º V. 590) *o touro arremete contra êle... uma e muitas vezes* O INVESTE, *cego e irado* (Rebelo C. e L. 125) *quando a onda* INVESTE A PRAIA, *alaga-a muitos palmos a dentro* (M. Assis M. P. B. C. 289) – *quando* O INVESTISSEM *para tirar-lhe a vida, não fôra capaz de fugir um passo para se remir da morte* (Silvério V. D. V. 18) *aguardar que* A INVESTISSEM *era aguardar além do que no seu orgulho... poderia caber* (Rui G. G. 123).

748 – IR A FAZER ALGUMA COISA = ir fazer alguma coisa.

Alguns anos depois, FUI A VISITAR O Nizamoxa (Orta C. S. D. I. I-60) *quando as gentes mauritanas... entraram pelas terras de Castela,* FOI o soberbo Afonso A SOCORRÊ-LA (Camões L. c. III.º e. 95) – *declarou que* IA A BUSCAR o embaixador D. Rodrigo de Lima (Sousa A. D. J. I-291) *não como quem* VAI A FERIR, *senão a curar* (Bernardes N. F. III-I07) – *foi preciso ao governador* IR A

CASTIGAR *aqueles gentios* (Pita H. A. P. 90) IRÁS A DIVERTIR-TE *na floresta* (Gonzaga M. de D. 3) *da nova Lusitânia o vasto espaço* IA A POVOAR *Diogo* (Durão C. c. I.º e. 9) – VAMOS A JANTAR (Garrett V. M. T. II-20) *Abmed* IA A FALAR (Herculano L. e N. I-9) *a mulher* IA A SAIR (*M. Assis Q. B. 102*) – *nem ao refeitório* IA A CEAR (Silvério V. D. V. 329).

749 – IR PARA FAZER = ir fazer, isto é, estar prestes a.

O *mancebo, aturdido com o baque, vacila*, VAI PARA CAIR (Castilho M. U. M. 80) IA PARA FALAR *e as palavras não se articulavam* (Rebello O. V. N. C. 71).

750 – IR BEM ou IR MAL A ALGUÉM = alguém ir bem ou ir mal.

Em tôda parte NOSVAI MAL (Bernardim M. e M. 49) *quando ME FOI MAL, seguindo-a, ou quando ME FOI BEM fazendo a minba?* (T. de Jesus T. de J. II-I6) MELHOR IA AO POVO *romano no tempo da guerra que no da paz* (J. Barros Pan. 87) – MAL VAI AO MUNDO *quando o diabo é pregador* (F. M. Melo A. D. 177) *é virtude própria dos cristãos dar graças a Deus... dá-las sempre quando NOSVAI BEM, isso faz qualquer gentio ou judeu* (Bernardes N. F. I-48) – *deixa que o rôto taful a quem na pátria FOI MAL, vá cruzar de Norte a Sul* (Tolentino Sat. 165) MAL VAI ÀS CARTAS *não endereçadas a alguém* (Filinto O. C. IX-433) – MAL VOS IRIA, *senhor, se o vosso pendão fugisse diante dos homens darmas de um monge* (Rebello C. e L. 252) *à fé que MAL TE FOI a noite passada* (Herculano B. 77).

751 – IR FAZER ALGUMA COISA A (PARA) ALGUM LUGAR = ir fazer alguma coisa em algum lugar.

Foi mártir, porque FOI BUSCAR o martírio A África (Vieira S. VII-32) *a de Jó FOI TENTÁ-LO AO esterquilínio, com palavras iradas; a de Moro FOI TENTÁ-LO AO cárcere, com palavras brandas* (Bernardes N. F. II-82) – *tratou de IR BUSCAR AS brenbas estas gentes imensas* (A. Barros V. A. P. A. V. I-109) *à boa educação que seu pai lhe dera em Roma, sucedeu o estudo da filosofia que FOI APRENDER A Atenas* (Filinto O. C. IX-234) – *não tive ânimo de IR DORMIR esta noite A Alcobaça* (Rebello C. e L. 170) *havemos de IR PASSEAR todos PARA o jardim* (Castilho M. U. M. 173) *êste, demitido de todos os seus cargos, FOI VIVER PARA a sua quinta de Pombal* (Sotero C. L. P. B. I-58) *pois então, moça, se bás de IR COSTURAR PARA a varanda, vem aqui para a beira do senhor Simão* (Camilo A. de P. 86) *Tomásia e Eugénia FORAM JANTAR A Andaraí* (M. Assis H. 92) – *êle mesmo IA todos os sábados PERNOITAR AO Seminário* (Silvério V. D. V. 102) *o Guilherme de Azevedo —... depois de ter publicado três formosos livros de versos, FOI MORRER A Paris* (Cândido M. S. 185) *de outros sabe-se vagamente que FORAM MORRER PARA suas terras* (Antero R. e V. 193).

752 – LEMBRA-ME ALGUMA COISA = lembro-me de alguma coisa.

LEMBRE-NOS *para isto QUE o primeiro ato da vontade de Deus feito homem... foi amorosa e voluntária obediência* (T. de Jesus T. de J. I-7) *esta comparação ME LEMBRA QUE li em Crisóstomo* (H. Pinto I. V.

C. I-94) – LEMBRA-ME QUE... *vi já o pobre de meu amo* (F. M. Melo A. D. 78) não ME LEMBRA HAVÊ-LO COMETIDO *em tôda a vida* (Bernardes N. F. I-10) – *não tenbo um leve cuidado, nem ME LEMBRA SE SÃO HORAS de levar à fonte o gado* (Gonzaga M. de D. 53) *Floris mandava pôr em ordem tudo o que LHE LEMBROU PODER LEVAR consigo* (Filinto O. C. IX-191) – *já te não LEMBRA A INJÚRIA que sofreste de um vilão?* (Garrett Alf. de S. 97) *já TE não LEMBRAM, farçola, AS DUAS VÊZES que lá te derrearam as costas* (Castilho F. 67) não ME LEMBRARAM OS trinta mil CRUZADOS (Camilo A. de S. I80) – *já não LHE LEMBRARAM AS tremendas OBRIGAÇÕES de sacerdote* (Silvério V. D. V. I63) *do meu quinto e último ano da Faculdade, não ME LEMBRAM INCIDENTES mencionáveis* (Cândido M. S. II5) LEMBROU AO crítico REFUGÁ-LA (E. C. Ribeiro Tr. pg. XV).

753 – LER EM = ler (transitivo).

LEDE, *Senbor, NESTAS leis... e por elas me julgai* (T. de Jesus T. de J. I-327) – *correndo logo Filipe, ouviu que o eunuco LIA NO PROFETA Isaías* (Pereira B. S. Atos cap. VII.º v. 30) *bá homens tão lardinos que sabem LER NO livro dos destinos* (Filinto O. C. VI-I09) – *está sempre a LER NUM livro que trata dos cavaleiros da Távola Redonda* (Garrett Alf. de S. I35) *não têm êles ambos de LER NO mesmo livro comum?* (Castilho C. A. 44) – LER NESSES livros e de pois nos outros (Antero R. e V. I60).

754 – LER POR = ler (transitivo).

LEDE PELAS *Escrituras* (H. Pinto I. V. C. I-246) o imperador César Augusto quando LIA POR *algum livro latino ou grego...* (J. Barros Pan. I19) – *aquêle mau costume de LER sempre POR ruim letra* (F. M. Melo A. D. I57) o piloto... *se pôs mui descansado a LER PELA Escritura Sagrada* (Bernardes N. F. III-43) – LÊ PELO *teu Camões* (Basílio O. P. 325) *tu que LÊS PELOS livros de fitinba, não me dirás quem dá êste desejo?* (Filinto P. 243) – *Vossa Alteza não LÊ POR outro* (Garrett F. L. S. 223) *sentara-se a LER POR sua Bíblia* (Castilho Q. H. P. I-144).

755 – MORDER EM = morder (transitivo).

MORDE NO *chão* (Basílio O. P. 227) *fazes que te digam que te deleitas em MORDER NOS outros* (Filinto O. C. IX-269) – *aqui está o cão que MORDEU NO gato* (Garrett V. M. T. I-91) *qual resvala, qual todo se enterra no inimigo que MORDE NA terra* (G. Dias P. II-107) os dois compadres, antes da ceia, estavam amolando inocentemente a maledicência, MORDENDO NA honra e NO crédito do próximo (Rebello D. N. T. G. S. P. IO) no campo literário não se ostenta o valor MORDENDO NO adversário (Castilho Sab. I66) o burro MORDENDO NO pai pintado na porta, quando a mãe queria espancá-lo (Herculano C. U. A. I86).

756 – OPTAR POR é regência autorizada.

Junot OPTOU PELO último arbítrio (Rebello C. dos F. 222) *se a ética profissional... OPTASSE PELO segundo...* (F. Castro E. C. 60) *eu poderia OPTAR POR encargo mais senboril e lucrativo*

(Camilo C. V. H. J. A. I09) – *na grafia POR que OPTEI estava eu com todos os colaboradores do projeto* (Rui R. n.º 362 pg. 164) *P. M. notou que uns escrevem cérebro-espinhal e outros cérebro-spinal e pergunta-me POR qual das fórmulas OPTO* (Cândido F. e E. I-234) *não OPTAREI POR nenhum dos partidos militantes* (Laet J. do C. ano 58 n.º 54 pg. I.^a col. 3.^a) *devemos OPTAR PELA forma mais simples, mais racional e mais lógica* (M. Barreto F. L. P. 292).

757 – PARECER. ELES PARECE ESTAREM = eles parecem estar.

Aquêles QUE PARECE ESTAREM mais alagados nas doces águas do seu amor... (T. de Jesus T. de J. I-4) – *viu diante de si... dous homens... QUE, no modo da linguagem, PARECIA PEDIREM misericórdia* (Sousa A. D. J. II-I94) – *podem ser... dous como gigantes QUE... PARECE QUEREREM tragar o mar* (Jaboatão N. O. S. B. II-5) – *MUITOS RICOS HOMENS de Portugal PARECIA CONSERVAREM-SE fiéis* (Herculano B. 74) *a humanidade é como os astros QUE PARECE RETROGRADAREM por um erro de visão* (Latino E. C. 85) *os homens QUE PARECE GOZAREM-SE em coadjuvar a má fortuna... não queriam que Sebastião de Brito pudesse deitar-se em tábuas suas* (Camilo R. H. R. I93) – *agora CLARÕES sucessivos de esperança PARECE AFASTAREM a nuvem fatal* (Rui D. e C. 243) *MESTRES eminentes PARECE EVADIREM-NA cuidadosamente* (Sá Nunes A. L. N. I-205) *AS NAVES sagradas... PARECE LOBRIGAREM teu vulto sereno* (E. C. Ribeiro P. L. E. 79).

758 – PARECER-SE A = parecer-se com.

Assim permitiu Deus, tivesse, naqueles primeiros anos, alguma coisa de Saulo, para que em tudo SE PARECESSE A Paulo (Lucena A. P. I-18) *disse bem quem disse que os ciúmes SE PARECIAM A Deus em fazer de nada alguma coisa* (F. M. Melo C. G. C. 230) *a quem direi se assimilham os homens desta geração? e A QUEM SE PARECEM êles?* (Pereira B. S. Lucas cap. VII.º v. 31) *sai de uma planta púrpura rubente, sangue dimana PARECIDO AO nosso* (Bocage P. VI-I9) –... *esperanças mal distintas, mais PARECIDAS A saudades que a esperanças* (Castilho Q. H. P. I-193) *PARECIDO A Luiz XIV, que desejou imitar... D. João V.º sempre saiu dos seus encontros como cavalheiro* (Rebelo M. D. J. I-9) – *PARECEMO-NOS A essas aves de grandes travessias* (Rui F. B. II 6).

759 – PARTICIPAR (transitivo) = participar de.

A glória de todos é própria de cada um; tanto será maior o gôzo, quanto fôr maior o número dos que A PARTICIPAM (Sacramento V. H. P. I85) – *tão vivas se pintavam, nos semblantes, estas idéias aos calados nautas, que lhas leu nêles quem TAIS PENSAMENTOS TRISTES não PARTICIPA* (Garrett Cam. 23) – *chamamos em nosso auxílio os Revmos. Vigários que PARTICIPAM conosco A TREMENDA RESPONSABILIDADE* (Silvério C. Past. 50).

Usa-se igualmente a regência PARTICIPAR EM:

Não PARTICIPO absolutamente NO entusiasmo com que vejo receberem-se em geral as condições da paz delineada na proposta alemã (Rui G. G. 289).

760 – PRESIDIR EM = presidir a.

PRESIDE NO *governo da Câmara* (Sousa V. do A. I-I69) PRESIDIU *muitos anos NO tribunal do Santo Ofício* (S. Maria A. H. I-I45) – TÊM PRESIDIDO NELA *sujeitos eruditíssimos* (Pita H. A. P. 329) *da religião severa, imóvel no tribunal sagrado* *êle PRESIDE* (Bocage P. VI-I78) *o Provincial... não é o Padre Bento de Siqueira que PRESIDIU NA referida congregação* (A. Barros V. A. P. A. V. I-I41) – *na Igreja de Jesus Cristo ninguém pode ser sacerdote... sem ser para isso chamado pelos que PRESIDEM NESSA mesma igreja* (Camilo H. de P. I-I05).

PRESIDIR pode ser transitivo:

Dansavas nos jogos públicos, eu PRESIDIA-OS e pagava-os (Latino O. da C. 79) – *o Ministro das Relações Exteriores, no banquete do Embaixador brasileiro, ante o chefe da Nação que O PRESIDIA, respondeu ao meu discurso* (Rui G. G. 95).

761 – RENEGAR DE = renegar (transitivo).

RENEGO DE *tal amor que nos quer deitar a perder* (Sá Miranda O. C. II-210) – *estão RENEGANDO DOS votos que fizeram* (Bernardes P. P. P. 127) – *assassinar-te a ti próprio e RENEGARES DA vida eterna* (Herculano M. de C. I-4).

762 – RENUNCIAR (transitivo) = renunciar a.

Êste Diocleciano... RENUNCIOU totalmente O IMPÉRIO (H. Pinto I. V. C. II-30) *pretendeu despir a humanidade e RENUNCIAR OS AFETOS naturais* (Arrais D. 9) – *RENUNCIOU Dardano O DIREITO que tinha ao reino de Itália* (B. Brito M. L. I-59) *como bom católico, antes de comungar RENUNCIOU publicamente O OFÍCIO* (F. M. Melo A. D. 183) – *deixamos livremente o comércio dos homens, mas não RENUNCIAMOS O VIVER na admiração e notícia dêles* (M. Aires R. V. H. 54) *RENUNCIANDO êle O BISPADO do Rio de Janeiro* (Gaspar M. H. C. S. V. 381) – *exige de mim a declaração se o dito Cônego Proposto RENUNCIA inteiramente o LUGAR que ora ocupa* (Seixas C. das O. II-271) *aceita a possibilidade de que a sobrinha tivesse RENUNCIADO TÔDAS AS IDÉIAS de pudor* (T. Vasconcelos P. A. D. 7) – *sem hesitar RENUNCIOU O BENEFÍCIO* (Silvério V. D. V. 113) *já Rosas RENUNCIARA três vêzes O GOVÉRNO supremo* (Rui C. de I. 348).

763 – REPARAR EM = reparar (transitivo).

Nunca REPARASTES NAQUELA misteriosa figura do Messias (A. de Sá S. N. S. M. 13) *não sei se REPARAIS NAS mãos e nos instrumentos dêstes músicos do Céu* (Vieira S. XI-I31) – *todos RE-*

PARAM NO *descuido do prêmio* (M. Aires R. V. H. 79) – *se REPARÁSEIS atentamente NOS olhos dos dous monges, os afetos se vos trocariam* (Herculano M. de C. I-163) *notei que êle REPARAVA NELA* (Camilo T. I. 20) – *ninguém REPARA NÊLES* (M. Barreto N. E. L. P. 264) *Leonardo esculpia sem REPARAR NA mãe* (Antero U. O. J. 135).

764 – SER DE MISTER = ser mister.

Que mais SERÁ DE MISTER para definir êste artefacto da incompetência e da ira? (Rui R. n.º 21 pg. 18) *É DE MISTER a chave de ouro* (Sá Nunes A. L. N. I-199).

765 – SERVIR (transitivo) = servir a.

La muito desejoso de O SERVIR (D. Góis C. D. E. 105) *favorecia Deus não sòmente aos judeus que O SERVIAM, mas também a quem os ajudava* (J. Barros Pan. 56) – *que cousa há no mundo como ter um senhor muitos criados que O SIRVAM?* (F. M. Melo A. D. 116) *qual será melhor diligência para mover a Deus a que vos dê muitos bens, SERVI-LO ou ofendê-lo?* (Vieira S. III-22) – *são ministros de Deus, SERVINDO-O nisto mesmo* (Pereira B. S. Rom. Cap. XIII v. 6) *são espias dos corações dos reis e dos corações das rainhas, os escravos que OS SERVEM* (Filinto O. C. IX-94) – *SERVI-OS para que me pagassem* (Garrett Alf. de S. 113) *os infiéis e os renegados que os SERVEM quantos são?* (Herculano E. P. 163) *parecia-lhe melhor que os toureadores, sendo fidalgos, SERVISSEM O ESTADO com a pena ou com a espada* (Rebello C. e L. 119) *os mais sêres O SERVEM às cegas* (Silvêrio E. dos F. 6) *os que A SERVEM SÃO os que não invejam* (Rui C. L. 216).

766 – SERVIR DE FAZER = servir para fazer.

SERVIRAM todos êles DE muito mais REALÇAR a luz e formosura de suas palavras e obras (T. de Jesus T. de J. II-42) *tinha um pajem que SERVIA DE DIZER cada dia estas palavras: Filipe, és homem* (H. Pinto I. V. C. I-42) – *SÓ SERVEM DE ENCHER o ano e fazer número* (Vieira S. XI-79) *SERVIAM só de ESCALAVRAR a chaga de seu peito* (Bernardes N. F. I-211) – *quando o cautêrio não é poderoso a curar a chaga, só SERVE DE AGRAVAR a ferida* (Pita H. A. P. 131) *querem que a suntuosidade do túmulo SIRVA DE INSPIRAR veneração* (M. Aires R. V. H. 2) – *referirei um caso que, pela sua mesma singeleza, SERVE DE CHARACTERIZAR a integridade e inocência daqueles tempos* (Lisboa O. C. I-53) *o nome de Magalhães... SERVIRIA DE ENCADEAR a tradição* (Latino F. de M. 228) – *não concorri nunca, todavia, para agitações que só SERVEM DE ESTIMULAR o prurido da desordem* (Rui D. e C. 323).

767 – SOCORRER-SE DE = socorrer-se a.

Compelia os fiéis a SOCORREREM-SE DOS sacramentos (Camilo H. G. M. 152) – *não ME SOCORREREI DOS portugueses* (Rui R. n.º 433 pg. 184) *é ordinariamente o verbo “tomar” ou “apanhar” DE que SE SOCORREM OS NOSSOS escritores* (E. C. Ribeiro Tr. pg. 371).

768 – TARDAR EM = tardar a.

NÃO TARDOU *Cid Abalú* EM *querer provar a mão com Arzila* (Sousa A. D. J. II-10) – não TARDOU *Deus* EM *vir a sindicatado delito* (Sacramento V. H. P. 235) – *mas a prudência não TARDOU* EM *mitigar a ira* (Rebello C. e L. 251) *a situação, porém, da formosa viúva não TARDARA* EM *mudar* (Herculano M. de C. II-147) – *a grande instituição do crédito não TARDARIA* EM *se ressentir profundamente da invasão dos interessículos eleitorais* (Rui F. P. R. 181).

769 – TEMER-SE DE = temer (transitivo).

Barborá SE TEME DO *mal de que o empório Zeila geme* (Camões L. c. X.º e. 50) *ninguém* SE TEMERIA DA *sua crueldade* (T. de Jesus T. de J. I-135) – *só DAS mulheres* ME TEMO *nesse livro* (F. M. Melo A. D. 406) *Davi, tantas vezes vitorioso nas tempestades de sangue, SE TEMIA* *mais das tempestades de água* (Vieira S. XI-107) *ainda que* DE *ninguém* NOS TEMAMOS, *devemos TEMER-NOS* *muito de nós mesmos* (Bernardes N. F. I-55) – TEMEU-SE DOS *novos hóspedes* *o inferno* (A. Barros V. A. P. A. V. I-176) *Judas logo SE TEMEU DÊLE* (Pereira B. S. I.º Mac. cap VII.º v. 30) – *o prelado... pouco SE TEMIA* DO *futuro* (Rebello M. D. J. I-166) *a insânia do crime aturde a consciência; não a minha que SE NÃO TEME* *das escadas da fôrça* (Camilo A. de P. 108) – *os mais justos são os que mais SE TEMEM DÊLE* (Silvério V. D. V. 289) *não NOS TEMEMOS* *tanto dos grandes impérios já saciados* (Rui O. M. 94).

770 – TOPAR (transitivo) = topar com.

Atequi sempre zombei de qualquer outra pessoa QUE *afeiçoada* TOPEI (Camões T. 239) *traziam escritos... letreiros antigos, QUE TOPAVAM* *em sepulturas* (H. Pinto I. V. C. II-1) – *nem torne* A TOPAR *o que, não há muito tempo, me passou por estas mãos* (Sousa V. do A. I-259) *não venha cá* N. *por* TOPAR VOSSO CAVALO (F. M. Melo C. F. 41) *com ter mais de setenta... nem por isso, onde que* AS *eu* TOPO, *lhes perdô* (Cruz e Silva Hiss. 66) – *quantos* o TOPAVAM *iam logo bradando: ali vai um dos tais* (Lisboa O. C. I-103) *eu* TOPEI *ESSA DESGRAÇADINHA* *por uma noite fria e chuvosa* (Herculano M. de C. I-94) – TOPA-SE *agora... o desgraçoso* VERBO “solucionar” (M. Barreto N. E. L. P. 316) *investindo contra tôdas as cachopas palreiras* QUE TOPAM *nas estradas* (Antero J. em P. 21) *o termo é tão novo e tão técnico, que os dicionaristas ainda o não TOPARAM* (Cândido F. e E. I-136).

771 – TORNAR-SE EM ALGO = tornar-se algo.

O seu lume SE TORNOU EM *trevas* (H. Pinto I. V. C. III-30) – *tudo* SE TORNOU EM *vaidade* (Bernardes. P. E. 145) *confio eu no mesmo Senhor que me dará paciência... para que estas rosetas* SE TORNEM EM *rosas* (Sousa V. do A. II-25) – *êle* SE TORNOU *para mim* EM *salvação* (Pereira B. S. Isaías cap. XII v. 2) *NUM teatro de horror* SE TORNA *o campo* (Bocage P. VI-290) – *a pequena semente que devia crescer e TORNAR-SE* EM *árvore frondosa* *recebe... o mais pasmoso*

incremento (Seixas C. das O. II-70) *TORNAM-SE EM peste* (Castilho N. do C. 63) *bastava ser Ale um truão professo... para não lhe ser estranhada uma falta... que até para os cristãos...* SE TORNARA EM ação indiferente (Herculano M. de C. I-85).

772 – VALE A PENA DE FAZER = vale a pena fazer.

Uma tal opinião... nem sequer VALE A PENA DE SER REFUTADA (Sotero C. L. P. B. I-23) *o espêlho nada encontrava nela que VALESSE A PENA DE SE TRASLADAR tantas vêzes* (Castilho M. U. M. 44) *vejo agora que era um insensato, quando imaginava que VALIA A PENA DE SACRIFICARES alguma cousa ao teu e ao meu futuro* (Herculano M. de C. I-290) *se pensou nisso, fê-lo tão vagamente que não VALE A PENA DE O PÔR aqui* (M. Assis H. S. D. 239) – *não VALE A PENA DE TER escrípulos* (Rui R. n.º 32 pg. 21).

773 – VIR A FAZER = vir fazer.

VINDES A BUSCAR homens (T. de Jesus T. de J. I-68) – *êstes turcos... VÊM A RESTAURAR conosco a honra que no primeiro cerco perderam* (Jacinto V. D. J. C. 90) *diz Cristo que VEIO A RESGATAR cativos* (Vieira S. XI-89) – *êle... VINHA A PROPOR a S. Majestade esta tão apertada obrigação de justiça* (A. Barros V. A. P. A. V. I-124) – *agora cheguei para dizer que VENHAIS A COMER alguma coisa* (Garrett Alf. de S. 22) *VINDES A ASSISTIR a uma luta de oradores* (Latino O. da C. 76) – *A doutrina do século não é esta que tu VIESTE A ENSINAR-NOS* (Silva Ramos P. V. F. 30).

774 – ZOMBAR COM = zombar de.

ZOMBO CONTIGO (Sá Miranda O. C. II-275) – *ZOMBANDO COM êles venci os trabalhos da existência* (Garrett Alf. de S. 66) *a questão já era de capricho e com a província, COM quem se não devia ZOMBAR impunemente* (Lisboa O. C. I-180) *cuidas que neste estado ZOMBO COM a desgraça?* (Rebelo O. V. N. C. 249) *você está ZOMBANDO COMIGO?* (M. Assis M. e L. 34) *papai está A ZOMBAR COMIGO* (Camilo Est. P. 78).

g) Duas Regências Autorizadas

775 – AMOR POR ALGUÉM.

O emprego da preposição POR no complemento terminativo de certos substantivos que exprimem afeto vulgarizou-se largamente em português: *dedicação, amor, afeição, admiração, veneração, estima, culto, devoção por alguém*.

Cada vez mais cresciam os AFETOS PELO SUMO BEM a quem amava (Sacramento V. H. P. 130) – *o suposto delito era pretexto, e a causa verdadeira, o ÓDIO de Pombal PELA “Fala do duque de Coimbra recusando a estátua”* (Garrett F. L. S. 237) *daí finalmente o DESVELO e o ZÊLO PELA*

vida do Soberano (Seixas C. das O. I-85) *o seu RESPEITO PELO mestre não deixava explicar em alta voz* (Rebello C. e L. 218) *a sua AMIZADE POR Egas, seu irmão, fôra até ali o seu culto exclusivo* (Rebello O. V. N. C. 68) *e o outro francês, o tenente Lassagne?... tenbo POR êle tanta SIMPATIA!* (Rebello C. dos F. 285) *O AMOR cego delrei D. Fernando PELA mulber de João Lourenço da Cunha* (Herculano L. e N. I-63) *a sua AFEIÇÃO POR Egas fôra constante e sincera* (Herculano B. II2) *não admira, pois, que José Bonifácio conciliasse a austera DEVOÇÃO PELAS ciências com o ameno trato das musas nacionais* (Latino E. C. 87) *O CULTO AFETIVO que sempre teve POR êles... torna-se mais intenso e duradouro* (F. Castro P. P. 6) — *nós a confiamos ao AMOR de nosso clero PELO Pai comum dos fiéis* (Silvério C. Past. 84) *qual deve ser o nosso DESVELO PELA vida, liberdade e prosperidade dêste Pai, os bens que dêle recebemos... assaz o demonstram* (Silvério C. Past. 9) *a poesia e o civismo não recolheram, de tudo aquilo, mais que a ADMIRAÇÃO POR alguns valentes, a PIEDADE PELOS trucidados* (Rui D. e C. 470) *meu AMOR PELOS moços divinizava outrora a mocidade* (Rui D. e C. 481) *Bulhão Pato tinha POR ÊLE ESTIMA fraternal* (Cândido M. S. 36) *professamos máxima VENERAÇÃO PELO santíssimo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Laet H. P. 70) *é inquestionavelmente mais profunda a minha ESTIMA PELO autor de “Pêcheur d’Islande”* (Silva Ramos P. V. F. 91) *a minha ADMIRAÇÃO PELO grande prosador não me cega* (M. Barreto N. E. L. P. 179) *tenbo instintiva ADMIRAÇÃO PELOS grandes médicos* (Laudelino N. e P. IV-194).

776 – O QUE HÁ A FAZER.

Ao lado de *há alguma coisa que fazer, nada tenbo que dizer*, vai-se generalizando a outra regência: **HÁ ALGUMA COISA A FAZER, NADA TENHO A DIZER.**

Na própria presença d’Aquêlo que está no altar, te quisera eu dizer o que TENHO A DIZER-TE (Garrett Arc. de S. 103) *o que HÁ A FAZER, agora é seguir o aforismo precioso de Hipócrates* (Rebello M. D. J. I-353) *tudo o que HAVIA A DIZER DE parte a parte ficou dito* (Herculano M. de C. II-137) *eis aqui o que eu TINHA A DIZER sôbre esta matéria* (Seixas C. das O. III-85) *ei-lo... acudindo, correndo, voando aonde HÁ um fenômeno curioso A conhecer, uma planta interessante A coligir, um acidente geológico A investigar* (Latino E. C. 30) *dêle nada TINHA A esperar* (Lisboa O. C. I-130) *eu vou acabar o que TINHA A dizer* (Camilo C. V. H. J. A. 39) — *além do abrandamento da labial p, HÁ A NOTAR, na grafia arcaica pôboo, a duplicação de dois sons vocálicos* (M. Barreto F. L. P. 227).

h) Dativo com Infinito

777 – «LHE» sujeito.

Os verbos FAZER, DEIXAR, VER e OUVIR seguidos de infinito podem ter como objeto seu e ao mesmo tempo sujeito do infinito, não só as formas oblíquas acusativas *o, a, os, as, fazê-lo saber, deixá-la falar, vê-los sair, ouvi-las contar*, mas também as dativas LHE, LHES: *fazer-*

lhe saber, deixar-lhe falar, ver-lhes sair, ouvir-lhes contar. Esta segunda construção é apelidada pelos gramáticos DATIVO COM INFINITO.

Dá Deus muitas vèzes por castigo... DEIXAR-LHES COMETER e levar avante quanto mal querem (T. de Jesus T. de J. I-311) *a mim me lembra... que LHE OUVI eu LOUVAR uma vez aquela sentença de Tales* (H. Pinto I. V. C. II-94) *a experiência fêz tal mudança em seus pensamentos que LHES FÊZ MUDAR a opinião* (H. Pinto I. V. C. III-37) *abateu-o Deus tornando-o mortal... para LHE FAZER AMAINAR as velas de seu fasto e arrogância* (Arrais D. I08) *e lembre-vos o que LHE VISTES FAZER em Quânsi* (F. M. Pinto Per. II-8) – *se quereis conhecê-los, OUVI-LHES CONTAR uma história* (R. Lobo C. na A. 67) *relâmpago de uma luz tão clara foi esta palavra para o santo, que LHE FÊZ TROCAR a queixa em ação de graças* (Bernardes N. F. II- 200) – *Herodes... folgou muito, porque de longo tempo tinba desejo de o ver... e esperava VER-LHE FAZER algum milagre* (Pereira B. S. Lucas cap. XXIII v. 8) – *depois que LHE VI FAZER aquela ação* (Garrett F. L. S. 51) *César, recusando-a, LHE FÊZ SABER que estava resolvido a gastar quantia maior* (Lisboa O. C. I-70) *tudo LHE VÊ SORRIR* (Herculano P. I57) *não puderam impedir, acompanhasse na oração aquelas que o trato de poucas horas já LHE FAZIA AMAR como irmãs* (Herculano E. P. I31) *demos a palavra ao incorreto cronista das “Lendas” para LHE OUVIRMOS NARRAR... as coisas da expedição* (Latino F. de M. I58) – *são exemplos chocantes de como se fabricam coisas... para se ensinarem aos alunos e, o que ainda é pior, FAZER-LHES PERDER um tempo precioso* (M. Barreto F. L. P. 61) *o professor verá se é conveniente apontar ao aluno certas metáforas... bem como FAZER-LHE DIRIGIR a atenção para a etimologia desta ou daquela palavra* (Sá Nunes L. V. 86) *e assim foi que LHE OUVI LER extensos e interessantíssimos estudos* (Cândido M. S. 59).

CAPÍTULO XIII

SINTAXE DO PRONOME “SE”

778 – “SE” APASSIVANTE.

Canta-se os louvores, escreve-se livros, fez-se leis, deu-se passos, bate-se palmas, procurar-se-á os meios etc., etc., são frases que absolutamente não são autorizadas pelo uso dos autores clássicos, onde sempre se lê: *cantam-se os louvores, escrevem-se livros, fizeram-se leis, deram-se passos, batem-se palmas, procurar-se-ão os meios*. Um ou outro exemplo perdido, de frases semelhantes com verbo no singular que possa porventura ser encontrado em algum escritor antigo não pode de maneira alguma ser arrimo de doutrina, pois faltaria para isto o apoio dos escritores modernos que todos cerram fileiras em prol do caráter apassivante da partícula SE, uma das mais sólidas tradições da nossa língua.

Na hora que a morte vier... SE PERDOAM QUANTOS DANOS a alma tem (Gil T. III) *para a dor grande, não SE FIZERAM LEIS* (Bernardim M. e M. 27) *JULGAM-SE AS COUSAS pelos seus sinais melhor que por palavras* (Sá Miranda O. C. II-II) *XAROPES pela maior parte SE COSTUMAM DAR aos doentes para disposições dos humores incruados de que AS DOENÇAS SE CAUSAM* (T. de Jesus T. de J. II-269) *OS SEGREDOS, disse o teólogo não SE HÃO DE DESCOBRIR* (H. Pinto I. V. C. III-I65) *não SE DEVEM JULGAR AS COUSAS pelo apetite, senão pela razão* (J. Barros Pan. 26) – *as leis penais mais SE FIZERAM para escarmento que para castigo* (F. M. Melo A. D. 274) *AS MÃOS não SE TIRARAM à Senhora no mesmo dia em que se lhe tirou o Filho* (A. de Sá S. N. S. M. 21) *aqui SE CANTAM OS LOUVORES das rosas* (Vieira S. XI-I23) *E SE DISSERAM pela defunta ALGUMAS MISSAS e SE FIZERAM algumas ORAÇÕES* (Bernardes N. F. III-58) – *delas SE FIZERAM preciosos ANÉIS na Babia* (Pita H. A. P. 198) *eu sou de parecer que só SE FAÇAM AS portuguesas ÓPERAS impressas* (Garção O. P. II-92) *custoso é o sacrifício... mas lembrai-vos que nunca ÊSTES SE FIZERAM à virtude, que a virtude os não premiasse* (Filinto O. C. X-317) – *DISSERAM-SE COISAS DIVINAS* (Garrett Alf. de S. 195) *e SE PROCURARÃO os meios para que se êles realizem* (Castilho F. pela A. 38) *hoje ESCRIVEM-SE MUITOS LIVROS e ERIGEM-SE raras CONSTRUÇÕES monumentais* (Latino A. e N. 97) *no outro mundo sòmente SE RECEBEM ORAÇÕES e não cartas* (Camilo A. de S. 204) – *PODEM-SE DEIXAR DE SENTIR ÊSSES RECEIOS* (Rui C. de I. 222) *aqui não SE INCULCAM INFALIBILIDADES, nem SE IMPÕEM ALCORÕES com o alfange de Mafamede* (Cândido F. e E. II-33) *FAZIAM-SE temerosos APRESTOS* (Laet A. I. ano II.º n.º I.º pg. 7).

779 – “SE” COM CAUSA EFICIENTE.

Serve ainda mais de ressaltar este caráter de apassivadora da partícula SE, a presença muitas vezes de um complemento de causa eficiente nas proposições em que se ela nos depara.

Se em algum tempo SE ACHAR êste livrinho DE PESSOAS ALEGRES, não o leiam (Bernardim M. e M. 5) *por êle o mar remoto navegamos que só DOS FEIOS FOCAS SE NAVEGA* (Camões L. c. I.º e. 52) *tanta cousa SE FAZIA POR sacerdotes, POR letrados, POR príncipes, POR gente farisaica que professava santidade* (T. de Jesus T. de J. II-61) *a verdade é que aí há verdade e que SE ACHA DOS que a buscam com verdadeiro coração* (H. Pinto I. V. C. II-203) – *tinham vivo a José POR QUEM SE GOVERNAVA tudo* (B. Brito M. L. I-40) *tem destinado a ordem soberana que sejas tu POR QUEM SE RESTITUA o antigo louvor da pátria tua* (R. Lobo C. de P. 62 v.) *ASSINARAM-SE estas condições POR el-rei e D. Luiz e o governador Xarajo* (Sousa A. D. J. I-127) *a mão, a cabeça e tudo se me desconserta... cada vez que cuida... na malícia do malvado sancristão, POR OUEM SE me CAUSARAM tantos males* (F. M. Melo A. D. 6) *deve a correção DAR-SE PELO súdito com muita prudência e humildade* (Bernardes N. F. III-107) *ordenou el-rei D. Diniz que... SE FIZESSEM solenemente os ofícios divinos POR CERTO NÚMERO DE CAPELÃES E CANTORES* (S. Maria A. H. I-69) – *que tôdas as terras que SE FÔSSEM DESCOBRINDO PELA COROA PORTUGUÊSA fôssem adjudicadas à ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Pita H. A. P. 28) *POR TI, o reino indigno SE DESTRUA, dos negros monstros que a discórdia incendem* (Basílio O. P. 176) *entretanto PELA IGREJA (ab ecclesia) SE FAZIA sem cessar a oração a Deus por êle* (Pereira B. S. Atos cap. XII v. 5) *os caminhos do engano... por vós pisados são, POR VÓS SE CORTAM* (Cláudio O. 77) – *alguns esforços, algumas tentativas SE TÊM FEITO, assim POR INDIVÍDUOS, como PELO GOVÉRNO* (Garrett F. L. S 141) *A FÉ SE REANIMARÁ menos PELA ELOQUÊNCIA das homilias que PELOS MILAGRES da caridade* (Castilho F. pela A. 72) *há alguma esperança de que PELO GOVÉRNO que apesar dos seus bons desejos não tem ainda as necessárias fôrças para tais despesas, SE EMPREENHAM e SE ULTIMEM semelhantes obras?* (Seixas C. das O. III-12) – *estas razões estavam clamando SE EXECUTASSE em Mariana e PELO PRELADO DELA a consagração do Bispo de Fortaleza* (Silvério V. D. V. 269) *êste verbo em nossa língua nunca SE USOU PELOS escritores vernáculos senão como equivalente de amar* (Rui R. n.º 384 pg. 172) *Tiago Junqueira Filho, de Teresina... escreve-me prolixa carta onde mostra sólido conbecimento da língua pátria que lá SE CULTIVA com vero carinho POR um pugilo de estudiosos* (Sá Nunes A. L. N. II-116).

780 – PASSIVA IMPESSOAL.

É também uma das mais constantes tradições da língua o emprego de SE impessoalizante, fenômeno a que chamam os gramáticos PASSIVA IMPESSOAL: VIVE-SE, MORRE-SE, COME-SE, DORME-SE.

Chegaram a uma capela redonda... lavrada de cantaria com uma porta estreita darame a que SE SUBIA por degraus de pedra (D. Góis C. D. E. 92) *não SE pode da terra SUBIR ao Céu sem trabalho e cansaço*

(Arrais D. 79) – *pelas ruínas da batária SE podia SUBIR ao muro* (Jacinto V. D. J. C. 94) *não SE COMIA até hora de nona* (Bernardes N. F. I-15) *no mar SE ADOECE* (Arte I40) – *por largas e seguidas ruas, compostas de muitas casarias, SE SOBE ao Monte Carmelo* (Pita H. A. P. 36) *VIVIA-SE sem temor de leis divinas e humanas* (A. Barros V. A. P. A. V. I-76) *FALOU-SE acêrca das paixões do ânimo* (Filinto O. C. IX-153) – *logo SE FALA disso* (Castilho Tart. I7) *depois dos combates é que SE DORME plâcidamente* (Herculano E. P. 256) *BAILAVA-SE, CANTAVA-SE, PASSEAVA-SE, IA-SE ao teatro* (M. Assis M. e L. I4) – *COMEÇANDO-SE insensato, ACABA-SE atroz* (Rui D. e C. 493) *de quando em quando ASSISTE-SE ao recrudescer de violentas campanhas* (Laudelino N. e P. VI-39) *para lá chegar, SOBE-SE a fêsto por um carreiro de cabras* (Antero J. em P. 243).

781 – É-SE.

Destes casos de SE impessoalizante, não estão isentos os próprios verbos SER e ESTAR.

Ouvi eu sempre dizer que nem poeta, nem casamenteiro SE podia SER (F. M. Melo C. F. 40) – *formentando a emulação e o amor de uma disciplina, sem a qual não SE pode SER bom pároco, nem bom confessor* (Seixas C. das O. I-122) *com o próprio demo SE deve SER justo* (Garrett Arc. de S. 191) *Catarina bem sabe; quando SE É nova, o orgulho imagina que os leões nos obedecem.* (Rebelo M. D. J. II-202) *só há tesoiro público onde SE não É obrigado a arrecadar para êle sangue, lágrimas e maldições* (Castilho F. pela A. 27) *devia dar-se por completamente feliz, ao menos quanto feliz SE pode SER no destêrro dêste mundo* (Herculano M. de C. I-254) *não SE É feliz em parte alguma, quando SE não pode SER entre as reliquias da infância* (Camilo R. H. R. 201) – *não SE pode SER mais amável, senhores, do que o almirante Alexandrino* (Rui R. de G. 150) *condições estas... sem as quais... SE não pode nunca SER um grande escritor* (Silva Ramos P. V. F. 99) *não SE pode SER cristão sem se ter coração* (Antero S. do A. 187) *para as confundir é necessário SER-SE mais que medianamente estúpido* (M. Barreto F. L. P. 267) *não SE pode SER menos sangüinário* (Laet J. do C. ano 65 n.º 100 pg. I.^a col. 8.^a).

782 – ESTÁ-SE.

Assim SE ESTAVA muitos séculos antes (Bernardes N. F. II-295) – *enfim não é posição em que SE ESTEJA* (Garrett Arc. de S. 85) *é mister dizer a dúvida em que SE ESTAVA a respeito desta questão fundamental* (Camilo R. do P. 146) *que SE ESTÁ num banquete, o nidor mostra* (O. Mendes Od. I. XVIII v. 198) *no tempo de el-rei D. João IV.º, de saudosa memória, não SE ESTAVA melhor* (Rebelo M. D. J. I-268) *aqui, senhor Pancrácio, ESTÁ-SE ôtimamente* (Castilho Sab. 87) – *e todavia até então SE ESTAVA ainda no período que se encerrou de 1880 a 1881* (Rui F. B. 26).

783 – LOUVA-SE A DEUS.

Muitas vezes nestes casos de impessoalidade, o caráter passivo é esquecido e acrescenta-se a designação do ser que sofre a ação, o qual, para se evitar a confusão com os verbos reflexivos, é regido da preposição A: *louva-se A DEUS*.

É justo e conveniente que SE RESPEITE também aos dotes (Paiva C. P. 134) só nesta suposição SE pode LOUVAR A DEUS (Vieira S. XI-77) – forçoso é que SE AME ou A um SENHOR infinitamente amável... ou A UM MUNDO enganoso (Seixas C. das O. II-108) de tôda a parte SE VÊ A DEUS (Rebello M. D. J. I-293) não SE deve AMAR A NINGUÉM como a Deus (M. Assis Q. B. 266) – na idade de quem escreve estas linhas... já SE não TEME senão A Deus (Rui C. de F. 192) não posso, sem protesto, permitir que SE CALUNIE A QUEM nunca nos ofendeu (Laet V. de P. I.º/2/1915 pg. 140).

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

784 – Uma das qualidades com que mais conquista, o escritor, a admiração dos seus leitores é a harmonia, a boa disposição, a cadência suave, a melodiosa composição da frase. Autores há, mesmo talentosos e competentes, que possuem um modo de dizer duro, forçado, áspero, desigual, um frasear mal-arranjado que mortifica, aborrece, cansa depressa a quem os lê. Outros trazem nos seus escritos uma música doce, suave, cadenciosa, harmônica, insinuante, que prende, encanta, cativa, delicia grandemente o leitor. São estes que gozam de mais popularidade, dado que nem sempre sejam irrepreensíveis enquanto à vernaculidade da linguagem. Com que delícia não se lê um Frei Luiz de Sousa, um Garrett, um José de Alencar para não citarmos muitos outros!

Observa o Sr. Laudelino Freire que, na prosa de alguns escritores, se podem contar muitas vezes as sílabas de verdadeiros versos ritmicamente medidos e cita como expoentes neste gênero Latino Coelho e Rui Barbosa. Idêntica descoberta já havia sido feita pelo Sr. Osório Duque Estrada em escritos de José de Alencar e Coelho Neto; pelo Sr. Alberto de Oliveira, numa página de Eça de Queiroz; pelo Sr. Mário Barreto, nas obras de Fr. Luiz de Sousa.

Mas onde iriam os gramáticos buscar regras para esta harmônica disposição das palavras na frase e das frases no período? Claro está que se trata de um dom inato no escritor que, como artista da palavra, mostra o seu jeito, o seu bom gosto e senso estético, a sua intuição do belo, a sua habilidade.

Não há regras que ensinem aquilo que não se aprende nas escolas, mas apenas sente-se, adivinha-se, percebe-se por intuição.

À necessidade de escrever artística e primorosamente, prende-se a de colocar bem os pronomes oblíquos na frase. São partículas móveis: podem vir imediatamente antes, imediatamente depois, às vezes no meio do verbo e até um pouco afastados deste com algum vocábulo de permeio. Não poderia escrever bem, um escritor que colocasse arbitrariamente estes pronomes. Ora, foi justamente um tal ou qual desleixo na colocação dos tais pronomes que se começou a notar entre escritores mesmo de nomeada, do século XIX. Contra isto levantou-se uma reação de filólogos de fins do século passado, mostrando que não era assim a torto e a direito que se dispunham as tais partículas;

havia regras que respeitar e observar no assunto. Daí nasceu a grande questão da colocação dos pronomes. Como, porém, surgiu ela justamente no tempo em que já começava a prevalecer francamente, no estudo da língua, o critério da autoridade clássica – nem de outro modo podia ser, pois regrinhas lógicas, apriorísticas e individuais se afogariam bem depressa no turbilhão das discussões gramaticais – procurou-se aprender, nos grandes clássicos da língua, o modo mais elegante e harmônico de ajustar os tais pronomes oblíquos na textura da frase. Era o critério da experimentação: observaríamos como escreveram os mestres para, baseados no seu exemplo, estabelecermos normas sobre a disposição daquelas partículas, de acordo com a tradição e com a mestria com que eles as colocaram.

Bem quiséramos silenciar sobre esta velha e cansada questão da colocação dos pronomes. Mas é ela tão agitada aqui e acolá, nas aulas, nas obras didáticas, na imprensa, em toda a parte, que o leitor nos não perdoaria num livro sobre tradições clássicas da língua portuguesa, o não referirmos o que achamos que, sobre tão discutido assunto, estabelece a tradição.

Corre-nos, além disto, a obrigação de dar uma penadazinha (juntamente com tantos outros que assaz louvavelmente já o fizeram) contra certas tradições falsas que se tentaram impingir nesta matéria. Sabe-se que as reações feitas com ardor e entusiasmo costumam exceder os justos limites. Ótimo seria que, para todos os casos de sinclitismo pronominal, houvesse regras seguras e infalíveis; não ficaria esta colocação ao sabor dos gostos e preferências individuais. Mas em muitos casos a regra de fato não existe; a regra é a eufonia, a elegância, o bom soído. Havemos de aceitar os fatos da linguagem como eles são na realidade e não como para maior comodidade ou melhor disciplina gramatical desejaríamos que eles se nos apresentassem.

Não entenderam assim, porém, muitos e muitos doutrinadores nesta matéria. Na ânsia de mostrar aos maus arranjadores de pronomes que existe regulamentação a respeito, forjaram regras e negrinhas a valer, regras que de fato nunca existiram, mas que eles, ou ingênua ou deslealmente, apresentaram aos discípulos como verdadeiras. Se o que vale como documentação é a citação clássica, ao formularem uma regra, tinham o cuidado de acrescentar-lhe inúmeros trechos de escritores que pareciam aboná-la – e de feito podiam apresentar milhares – mas tinham o cuidado de ocultar inúmeros outros trechos que contra ela abertamente militavam e portanto a destruíam.

E – o que é pior ainda – quando se ouviam legítimas contestações, quando se mostravam muitas frases de escritores modelares que iam de encontro à regrinha falsificada, atribuíam tais frases a erro, descuido ou deslize de tais escritores. Estranha pretensão. Escritores antigos que fizeram sair a lume seus escritos num tempo em que ninguém se lembrava de discutir colocação de pronomes, que procuravam somente colocá-los

conforme melhor lhes soava às suas bem-educadas orelhas e era praxe na sua época, escritores em cuja maneira de dizer vão estes, os doutrinadores, os gramáticos, buscar orientação para formular suas regras, desde que os trechos citados de autoria deles não se enquadravam nas regrinhas que os dogmatistas da posição dos pronomes haviam sonhado, eram condenados e tachados de incorretos. Erraram porque não obedeceram a um código minucioso de sínclise pronominal que veio a formular-se anos e até séculos depois.

Não se conclua daí que somos infensos a toda e qualquer norma sobre colocação de pronomes, nem que pleiteamos a anarquia e a arbitrariedade em tal assunto. Há regras científicas, de valor absoluto, de que não se pode afastar o escritor sem incorrer no grave erro de ir de encontro a toda a tradição clássica. Há regras diretivas cuja infração nem sempre importa um erro, mas que têm a vantagem de orientar o aluno, o redator pouco experimentado, o escritor incipiente. E há também regras manifestamente, abertamente, escandalosamente arbitrárias.

Quando se pode e se deve condenar uma colocação de pronomes oblíquos como errônea? 1.º – Quando é manifestamente antieufônica, porque a primeira de todas as regras é não desagradar ao ouvido. 2.º – Mesmo que a frase não seja deselegante, quando vai ela de encontro abertamente à tradição constante de cinco séculos da nossa língua, porque é preciso também respeitar a praxe que vem sendo usada dos bons escritores; ela faz parte do patrimônio que havemos recebido dos nossos maiores que melhor manejaram nossa língua até os dias de hoje, e não nos é lícito alterar a língua que receber do berço.

Mas haverá sobre algum ponto uniformidade dos nossos escritores de todos os tempos? Há, sim, e é o que dá lugar a

REGRAS CIENTÍFICAS DE VALOR ABSOLUTO

785 – 1.º – Não se inicia período com pronome oblíquo.

As expressões ME MELEM, TARRENEGO usadas por Castilho, Herculano, etc., são exceções típicas já bastante conhecidas e que perderiam sua feição pinturesca, se fossem obrigadas a enquadrar-se nesta regra.

Além disto, não cogitamos aqui da linguagem familiar. Nesta, especialmente no Brasil, é muito usual começar o período com os pronomes oblíquos. Mas tratamos nesta obra das tradições da linguagem literária e não da familiar. Assim como não é lícito ao escritor usar o verbo TER pelo verbo HAVER ou empregar LHE a torto e a direito como objeto direto, sob o pretexto de que na conversação brasileira é tudo isto muito comum, assim não lhe é permitido abrir o período com a variação pronominal em caso oblíquo.

786 – Note-se bem, que dizemos *o período*, porque uma oração no meio do período, mesmo sendo a principal, pode começar com o pronome oblíquo. Sobejam os exemplos que a isto nos autorizam, contra a opinião de gente de grande autoridade que condenou este uso.

Concedido que foi pelo cavaleiro, SE LHE ENTREGOU para que dêle fizesse o que a sua vontade fosse (Bernardim M. e M. I62) *trazida a água, A BEBEU tão apressadamente que se lhe entornou quase tôda* (F. M. Pinto Per. I-I07) *senhora, desde que a ventura me quis dar-vos por mulher, ME SINTO emeninecer* (Camões T. I26) – *ali... se passava o tempo, SE GOZAVAM as noites, SE SENTIAM menos as importunas chuvas e ventos de novembro* (R. Lobo C. na A. I8) *se me murmuram, ME RIO; se me emendam, ME APROVEITO* (F. M. Melo C. F. II) *quando começava a sentir as faltas do correio, ME VIERAM, por outra via, dobradas novas de V. Mcê.* (Chagas C. E. 60) *para que esta verdade se faça mais cruel, vos CONTAREI um exemplo* (Bernardes P. E. 280) *deposta tôda a emulação, SE APLICOU a conseguir a vitória com esquisitíssimo empenho* (S. Maria A. H. I-97) – *quando a província de Pernambuco estava tiranizada e possuída dos holandeses, SE CONGREGARAM E UNIRAM quase quarenta negros do gentio de Guiné* (Pita H. A. P. 235) *enquanto pasta alegre o manso gado, minha bela Marília, NOS SENTEMOS à sombra dêste cedro levantado* (Gonzaga M. de D. 49) *antes que o galo cante, ME NEGARÁS três vêzes* (Pereira B. S. Lucas cap. XXII v. 6I) *logo que Adão fêz a sua adoração a Deus, reconhecendo-o por seu Criador, LHE lançou o Senbor a bênção com íntimo afeto de amor* (Sacramento V. H. P. 228) *já a gratidão fizeste vir do Olimpo, ME ACENAS que a corteje* (Filinto P. I07) – *ainda quando os homens te odiassem e anát'ma contra ti bradasse o mundo, por ti sentira amor, TE AMARA sempre, TE AMARA eternamente* (G. Dias P. I-I72) *toma, LHE DIZ a mãe, libemos reverentes em honra do Oceano* (Castilho G. I. III.º v. 517) *cada dia lhe desfolha um afeto, LHE DISCUTE uma crença, LHE MATA uma esperança, LHE TRAZ um desengano cruel* (Herculano L. e N. II-II3) *chegando à Espanha Carlos V.º, SE FOI Magalhães à cidade de Burgos* (Latino F. de M. I52) *hoje estarás comigo no Paraíso, LHE RESPONDEU o Filho de Maria* (Camilo H. de P. I-77) – *para a gente dissoluta como para a honesta se extinguiu o cativoiro, SE ABOLIU a pena de morte, SE ASSEGUROU a propriedade, SE INSTITUÍRAM os tribunais, SE RESTRINGIU a prepotência e se consolidou o “habeas-corpus”* (Rui C. de F. 243).

787 – 2.º – Não se usa a ênclise com o particípio passado, nem com o futuro e o condicional. Isto, além de ser inteiramente estranho à praxe dos escritores clássicos, é manifestamente antieufônico. Assim é condenável dizer: *tinha entregado-me, tendo visto-me, havendo falado-lhe, direi-te, comunicarás-te, falará-te.*

788 – 3.º – A negativa (NÃO, NEM, NINGUÉM, NADA, NUNCA) e a partícula QUEM atraem o pronome.

A esta atração não está sujeito o pronome que vem acompanhando o infinito, pois o infinito sempre pode ter o pronome enclítico.

NÃO FAZÊ-LO *é usar mal do cetro* (A. Ferreira P. L. II-239) – *a pena de NÃO VER-VOS não se entende* (R. Lobo P. 78) *puдера...* NÃO DAR-LHE *signal algum* (Bernardes P. E. 256) – NÃO pode DISCERNIR-SE *o mais forçoso* (Durão C. c. IV.º e. 56) NÃO *queiras* ELEVAR-TE *quando houveres de fazer a tua obra* (Pereira B. S. Eclesiástico cap. X.º V. 29) *prometo* NEM TOCAR-LHES (Filinto O. C. VI-217) *não sei se é risco maior da pátria nossa*, NÃO CURVAR-SE *ao péso dos teus prósidos conselhos ou perder quem os dá* (Bocage P. VI-218) – NÃO posso VENCER-ME (Rebello O. V. N. C. 77) NÃO deve EXIGIR-SE *o juramento, quando pode temer-se o perjúrio* (Camilo Q. de A. 35) *no caso de NÃO ADOTAR-SE a criação de Cabidos...* (Seixas C. das O. III-98) NÃO VÊ-LO, *e que sossegue?* (Castilho N. do C. 52) *a proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensações últimas, que eu cheguei a NÃO ENTENDÊ-LA bem* (M. Assis M. P. B. C. 107) *seria afronta ao gênio grego, o NÃO CHAMAR-LHES oriundos e nativos do solo fecundíssimo da Grécia* (Latino O. da C. intr. CDII) – *a respeito do estado de sítio, numa situação como esta, seria um crime NÃO CONCEDÊ-LO sendo necessário* (Rui G. G. 237) “*o tratador*” *de cavalos pode ser homem de bem, mas o tratante...* NEM VÊ-LO (Cândido F. e E. III-231) *apesar, porém, de NÃO ENTREGAR-LHES logo todo o Seminário* (Silvério V. D. V. 139) *disto NÃO preciso* ESCUSAR-ME (Laet A. I. ano II.º pg. 5).

789 – O gerúndio está sujeito à atração da partícula NÃO. Dir-se-á NÃO SE VENDO, NÃO SE ENCONTRANDO em vez de *não vendo-se, não encontrando-se*. Mas não está sujeito à atração das outras partículas que apontamos como atrativas.

Viu Alexandre Apelles namorado da sua Campaspe e deu-lhe alegremente não sendo seu soldado exp’rimentado, NEM VENDO-SE num cerco duro e urgente (Camões L. c. X.º e. 48) – *e tal era a sofreguidão com que ouviam, que NEM AMEAÇANDO-AS com que iria a outra pousada, quisera desistir de seu exercício* (F. M. Melo C. G. C. 211) *mas nem ouvindo todos a todos, NEM OUVINDO-SE cada um a si, ouviam o que é a glória* (Vieira apud E. C. Ribeiro Tr. 485) – *torcendo algumas flexíveis bastas, aqui para as reunir, além para separá-las, sujeitando-as a diversas configurações, submetendo-as a pequenos vínculos e NUNCA AMPUTANDO-AS, conseguira tornar praticável e mais pictórica e cômoda tôda a copa* (Castilho M. U. M. 269).

A própria atração de NÃO sobre o gerúndio obriga a uma advertência. Às vezes, esta negativa vem imediatamente antes do gerúndio, mas atinge a frase inteira que se lhe segue e não propriamente o gerúndio como palavra isolada. Isto ocasiona uma pausa na leitura, pois a negação se vai exercer sobre toda a oração e não sobre um membro dela; esta pausa destrói a atração. O ilustre filólogo Said Ali foi quem mui judiciosamente chamou, pela primeira vez, a atenção dos estudiosos para este caso.

Tirando do seio as chaves dos já abertos muros e NÃO – LANÇANDO-LHES AOS PÉS mas pendendo-as do alto, mais alto da lança arrimada ao lado de el-rei, disse... (Castilho Q. H. P. II-78) *o grande conquistador quis honrar, como costumava, o gênio dos sábios NÃO – CHAMANDO-OS APENAS*

AOS LUGARES HONORÍFICOS E RENDOSOS DO IMPÉRIO — *senão ao maior e mais trabalhoso ofício de Estado* (Latino E. C. 15) *quem quiser ter em Portugal uma pátria amável tem de refazer o país franqueando as fronteiras aos iniciadores da civilização e NÃO* — TRANCANDO-LHAS COM O FERRO E COM O PEITO (Camilo F. D. N. 29).

790 — Observação de idêntica natureza tem lugar mesmo no caso de verbo em qualquer tempo. Algumas vezes, apesar de vir a negativa imediatamente antes de um verbo, modifica outro verbo subentendido e não aquele que se lhe segue. Neste caso não se dá atração, desde que se trata de um verbo que a negativa não atinge. Vejamos os seguintes exemplos:

1. — *Dá cá êsse tredó e SE NÃO, MATAR-TE-EMOS* (F. M. Pinto Per. II-I34) isto é, se não deres, matar-te-emos. 2. — *E SE NÃO, DIGAM-ME* (Bernardes P. E. II4) isto é, *se não é assim, se não pensam assim*, então digam-me. 3. — *E SE NÃO, DÊ-ME V. Santidade licença para perguntar* (Sousa V. do A. I-307) isto é, *se não concorda, se não acha que é assim, dê-me V. Santidade etc.* 4. — *Não tugir, nem mugir; SE NÃO, ASSO-O numa camisa de pez* (Rebelo O. V. N. C. 234) isto é, *se não me obedecer, asso-o etc.*

791 — Prevemos logo uma oposição que se possa fazer a tais regras: a alegação de uma ou outra frase que se encontre em desacordo com elas, como a *de Vieira: ME AVISAM em muito secreto que a Espanha tem resolutó romper a guerra com a França*; — a *de Filinto Elísio: tinha d’Olmancé TRAZIDO-ME já o meu sustento nesse dia* — a *de Fr. Tomé de Jesus: REFORMAREIS-ME tudo em mim* — ou a *de Gonçalves Dias: Também me não lembra... por que razão da morte me queixo que vejo e NÃO VÊ-ME tão sem compaixão.*

Entretanto, a leitura serena e desapaixonada dos clássicos de todas as épocas da nossa língua levará o leitor à conclusão de que tais exemplos, aliás raríssimos, estão muito e muito fora do modo comum de falar dos bons autores da língua portuguesa. Encontrará, quando muito, raros exemplos de negativa sem atrair em autores brasileiros do século XIX, desviados, às vezes, da tradição por algum desleixo que houve entre nós, no tocante a esta matéria no século passado. Sirva para confirmação do que dizemos o fato que nunca ninguém enfeixou exemplos de clássicos em número suficiente para nem de longe abalar o valor destas regras. Que um ou outro exemplo raríssimo não sirva de argumento para infirmar uma regra, já o dissemos; pois o que vale em filologia é a tradição, e uma ou outra citação isolada não faz tradição; do contrário cairiam por terra todas as regras da gramática. Ainda mesmo que se apresentassem contra alguma destas três regras (o que não acreditamos) um bom número de citações de autores antigos, era preciso ainda confirmá-las com o uso dos escritores modernos, pois o retraimento destes acarretaria uma solução de continuidade na tradição.

REGRAS DIRETIVAS

792 – Além destas regras absolutas, de valor científico, por serem firmadas na tradição constante da língua, há também regras diretivas que servem de orientar o estudante da língua na intrincada questão de que tratamos e que, no entanto, não obrigam rigorosamente em todos os casos, pois algumas vezes são infringidas sem prejuízo da estética e até em certos casos com vantagem da infração sobre a observância.

Ninguém pode negar que, na grande maioria dos casos, nas orações ligadas por partículas subordinativas (adjetivos, pronomes e advérbios relativos, e conjunções subordinativas) a frase se torna mais eufônica, quando se faz proclítico o pronome oblíquo. Assim é mais agradável ao ouvido: *as qualidades que ME faltam* do que *as qualidades que faltam-me*; *o lugar onde SE mora* do que *o lugar onde mora-se*; *por que ME ufano do meu país* do que *por que ufano-me do meu país*; *quando SE revolta a criatura* do que *quando revolta-se a criatura*.

Infinitos exemplos pudéramos acrescentar, o que achamos desnecessário; tome o leitor, à ventura, um trecho qualquer em língua vernácula, ponha, nas orações subordinadas que for encontrando, o pronome oblíquo depois do verbo e não antes, verá que sempre ou quase sempre a frase fica muito mais harmoniosa e agradável com a próclise.

Acostumados a ver assim na imensa maioria dos casos, a próclise dar melhor resultado, os bons escritores antigos foram-se acostumando a antepor o pronome nas orações subordinadas e, levados pela lei do menor esforço, eles que não escreviam como escrevemos hoje, com o espírito prevenido de regras e mais regrinhas sobre colocação de pronomes (questão que naqueles tempos não se discutia ainda), eles, instintivamente, para não se darem ao trabalho de estar parando, de vez em quando, a fim de consultar o ouvido, escolhiam a próclise como mais espontânea, mais usada e mais segura. Daí o notar-se muitas e muitas vezes o pronome proclítico em casos em que o enclítico e o mesoclítico dariam também um bom resultado. Mas segue-se daí, infalivelmente, que nas orações subordinadas, nunca o pronome possa aparecer mais bem colocado, como enclítico do que como proclítico?

Note-se bem que a partícula atrai o pronome, mesmo havendo interposição de umas poucas palavras. Estas palavras podem variar em formas inúmeras e o próprio verbo pode ser oxítono, paroxítono ou proparoxítono, de uma, duas, três ou mais sílabas, dando margem a situações variadíssimas, donde logo se vê ser temerário garantir que em todo e qualquer caso, necessariamente, impreterivelmente, a posição do pronome antes do verbo é melhor do que a posição depois, ou pelo menos igual a ela.

Se por acaso, em alguma frase, o escritor verificar que, colocando o pronome depois, há mais harmonia e elegância, que deverá fazer? Deverá cegamente obedecer à regra que viu nas gramáticas, ou é melhor atender antes de tudo à estética da frase? Será obrigado

a fazer rodeios e circunlóquios, a construir a frase de outra maneira, pelo mero respeito humano de não ser apontado como néscio infringidor dos preceitos gramaticais?

Achamos que, se os gramáticos formulam regras, é visando sobretudo à estética da frase, e por isto, se surgir, porventura, um conflito entre esta e a opinião dos gramáticos, à estética, acima de tudo, é que se deverá atender.

Agora observe o leitor os seguintes exemplos:

Semelha a donzela QUE RI-SE e que chora, a límpida aurora que orvalha dos Céus (G. Dias P. I-193). Que nos diz daquele QUE RI-SE? Mesmo que se tratasse de prosa e não de poesia, *que se ri* ali no caso seria tão agradável e tão eufônico como o QUE RI-SE? Por qual regra de estética se permite dizer *que disse, que visse, que risse* e não se permite dizer QUE RI-SE?

Veja o exemplo de Camilo:

O acaso me fez encontrar um indivíduo vestido de simples operário O QUAL, reconhecendo-me, LANÇOU-SE-ME ao pescoço (Camilo H. de P. I-41).

Preferiria o leitor obedecer às regras da gramática dizendo *reconhecendo-me, se me* lançou ao pescoço? Que acha deste *me- se- me?*

Observe-se igualmente o seguinte passo de D. Silvério: *Montou em um cavalo escuro, até a igreja mais vizinha que é a da Arquiconfraria de S. Francisco de Assis, ONDE APEOU-SE, fez oração, revestiu-se em pluvial* (Silvério V. D. V. 68).

Não lhe parece ao leitor mais doce e mais agradável ao ouvido a ênclise do que a próclise naquela oração: ONDE APEOU-SE? É o caso também do verso do Dr. Antônio Ferreira: *achei ONDE PERDI-ME, meu tesouro* (A. Ferreira P. L. 43).

Repare bem na seguinte passagem de Machado de Assis: *Uma das tranças — era de manhã, trazia o cabelo em duas tranças pelas costas abaixo — uma delas servia-lhe de pretexto a alhear-se de quando em quando, PORQUE PUXAVA-A para a frente e contava-lhe os fios do cabelo* (M. Assis P. A. 141).

Porque a puxava, salvo engano nosso, parece-nos de menos efeito e menos elegante. De vez em quando, estamos topando nos bons autores exemplos de não atração do pronome pelas subordinadas, não só nestes casos em que a eufonia aconselhava a não fazer atrair, mas também em muitos outros em que a atração daria igualmente bom ou até melhor resultado. Isto mostra que os clássicos, embora praticando com muito mais frequência a próclise nestas orações relativas e conjuncionais de subordinação, nunca se sentiram presos a alguma regra que a isto os obrigasse, sob pena de erro de palmatória. Citaremos muitos exemplos e mais poderíamos citar, porém temos tomado como norma não fazer neste livro mais de uma citação de um só autor sobre o mesmo assunto. Fôssemos, p. ex., registrar todas as frases que encontramos em Vieira (apontado como o grande consolidador da disciplina gramatical) com o PORQUE sem atrair, iríamos decerto muito mais longe.

Pelos exemplos que vamos, daqui a pouco, mencionar, verá o leitor que a atração das subordinativas, especialmente das mais usuais QUE e PORQUE, não é uma regra de

absoluto valor científico. Ela é um preceito ótimo para orientar praticamente o escritor, mas não para o gramático teorizar e dogmatizar sobre o assunto. Deparando em algum escritor uma frase em que o pronome não é atraído pela subordinativa, o crítico ou o gramático não poderá, sem mais nem menos, tachá-la de solecismo, pois o autor a poderá apadrinhar com muitos textos clássicos. Para condená-la, é mister verificar se, no caso em apreço, a não atração veio provocar uma construção, mais ou menos, antieufônica.

793 – QUE (conjunção).

Irei não por jantar QUE quem vive descontente, MANTÉM-SE de imaginar (Camões T. 228) isto é o que se deve, o que se dá, sem merecer, QUE o merecido PAGA-SE e não se dá (H. Pinto I. V. C. III-84) podia mandar à terra homens que os fôssem buscar, QUE a êle BASTAVA-LHE já o tê-los enviado (J. Barros D. I.^a I. IV.^o pg. 84) que havemos de fazer? QUE nós IMO-NOS lá remediar (Couto S. P. 214) – mas era tempo perdido, QUE o Arcebispo VALEU-SE da palavra dada e levantou-se como fugindo (Sousa V. do A. I-297) haverá tanta diligência, QUE pelo menos DESCULPE-ME os meus desconsertos (F. M. Melo C. F. 148) humildade, humildade, QUE disto FALTA-LHE muito (Chagas C. E. 34) essa diferença há de ter o tempo da Redenção do tempo do cativo, QUE no tempo do cativo ESPERAVAM-SE quatro mil anos... (Vieira S. V-199) deixo as relações e histórias de sua entrada para quem as tiver por verdadeiras, QUE EU FUNDO-ME em não levar cousa tirada de autores escrupulosos (B. Brito M. L. I-99) já nas palavras de amizade fingida não falo... QUE essas PARECEM-SE com as de Joab e de Judas (Bernardes P. E. 86) – desça a mentira ao último terceto nos outros; QUE eu DESEJO-TE saúde, mas seres imortal não te prometo (Bocage Son. 139) menos que a ti me é temeroso o vento, QUE eu CURVO-ME e não quebro (Filinto O. C. VI-91) – está no céu, QUE o céu FÊZ-SE para os bons e para os infelizes (Garrett F. L. S. 53) – nós veremos QUE o jesuíta ESQUECEU-SE inteiramente das suas cautelas contra os governadores (Lisboa V. P. A. V. 297) fique entendido porém QUE, se tornar a descomedir-se, TORÇO-LHE o pescoço (Rebelo M. D. J. I-148) em Portugal estuda-se muito mais a língua que no Brasil e acrescentarei QUE VOTA-SE-LHE ali uma espécie de culto (Sotero C. L. P. B. I-84) para a cidade remai, QUE eu VOU-ME aos campos e pastios (O. Mendes Od. I. XV v. 377) já ouvi aqui dizer QUE, em algumas nações da Europa SABE-SE menos ler e escrever do que no Brasil (Seixas C. das O. III-87) escreviam ou executavam trabalhos em tão profundo silêncio, QUE o ranger das penas sobre o papel OUVIA-SE distintamente (Herculano C. U. A. 246) empurre para o centro a sua esposa... ou deite-a abaixo da mula, QUE o amigo TEM-NA de olho (Castilho M. U. M. 160) não se zangue, Sr. Simão, QUE depois ARREPENDE-SE (T. Vasconcelos P. A. D. 139) é destarte QUE a geração de hoje MOSTRA-SE digna legatária dos espíritos que a precederam (F. Castro E. C. 23) não me lances de ti, QUE as minhas lágrimas PURIFICARAM-ME (Camilo R. H. R. 254) aposto QUE mamãe ESQUECEU-SE de dar lembranças a papai (M. Assis P. A. 145) – foi o caso QUE o homem METEU-SE um dia em fôfas de fazer parte de um júri de geografia (Cândido M. S. 87) quero para aqui a verdade tôda, QUE, se a disser, CURA-SE, se não, não (Antero S. do

A. 92) *pesarosos deploram QUE aos poucos VÃO-SE extinguindo as vetustas usanças legadas pelos nossos maiores* (Laet J. do C. ano 58 n.º 5 pg. I.^a col. 3.^a).

794 – PORQUE

PORQUE VAI-SE-ME às figueiras e come verde e maduro (Gil T. I98) PORQUE o sofrer FAZ-SE por vontade (Bernardim M. e M. 75) o que ela viu, ela conte, PORQUE eu VOU-ME para o monte (Camões T. 243) PORQUE O sol MOVE-SE circularmente (H. Pinto I. V. C. II-258) – é muito arriscado PORQUE êle EMBARCOU-SE em um navio e desembarcou na bôca de uma baleia (Vieira S. V-I83) distinguem-se pelas origens PORQUE o Filho ORIGINA-SE e procede do Pai (Bernardes P. P. 40) é um gênero de morte muito mais penoso que o de força; PORQUE esta ACABA-SE em uma hora e aquela dura muitos anos (Arte 227) – PORQUE, se quiserem dizer, RESPONDER-LHE-ÃO: eis aqui o Altar do Senhor que fizeram nossos pais (Pereira B. S. Josué cap. XXII v. 28) – assim devia ser... PORQUE os cobardes ESCONDEM-SE nas costas dos criados que se deixam matar (Camilo A. de P. I23) não serás tu, minha irmã, não que não deves; PORQUE eu AMEI-TE com um coração que já não era meu (Garrett V. M. T. II-I28) mas nem tal sacrifício e abandono havia, PORQUE CAPITULAVA-SE também passagem livre para a Bahia (Lisboa V. P. A. V. 73) tenho, porém, ouvido expressões que eu desejara se não tivessem proferido neste Augusto recinto, PORQUE razões COMBATEM-SE com razões e não com sarcasmos (Seixas C. das O. III-30) sobravam-lhes razões para tentarem corromper, PORQUE em virtude das leis antigas ERA-LHES permitido associar-se (Latino O. da C. 34) citava trinta mil parágrafos do código, tudo de cor; PORQUE o livro que trazia na algibeira TINHA-LHE saltado fora durante a luta (Castilho M. U. M. 210) recomendou-me, porém, segrêdo, PORQUE as almas ASSANHAM-SE, diz êle, contra quem põe em praça as suas misérias e necessidades (Herculano M. de C. II-I69) e isto agora serve-nos, PORQUE o govêrno INCLINA-SE à paz (M. Assis Q. B. I27) é PORQUE a espada QUEBRA-SE; a coroa cai, o rei morre; mas o coração e a alma do homem são sempre os mesmos (Rebello M. D. J. I-I85) – tinha a certeza de ir encontrar tudo tal qual o deixara, PORQUE em casa de gente velha os objetos HABITUAM-SE ao canto que lhes deram (Antero R. e V. I6) a quem iludem êles? a si mesmos não pode ser, PORQUE a velhice, em sua marcha contínua, DÁ-LHES a consciência de que a mocidade há muito desapareceu (Rui G. C. V. B. 21) lá poderá ver “*affez-lo*” o que nem ao diabo lembra, a não ser a algum diabo castelhano, PORQUE em Espanha DIZ-SE decir-lo (Cândido F. e E. I-I9).

795 – Outras conjunções subordinativas.

Confessamos lealmente serem muito menos encontradiços, os exemplos de não atração com as outras conjunções subordinativas (COMO, QUANDO, ENQUANTO, SE etc.) do que com as conjunções QUE e PORQUE. No entanto, a circunstância, a que já aludimos, da imensa variedade de tipos de frases que possam surgir, dando margem assim ao aparecimento de casos imprevistos, em que seja mais elegante ou mais eufônico deixar de

obedecer à regra da gramática, esta circunstância nos levou a incluir, em geral, a regra de que as subordinativas atraem o pronome, na lista das regras diretivas e não na das regras absolutas, de valor científico.

Ordena o que faça, ANTES QUE VÃO-SE (Sá Miranda O. C. I-261) – AO MESMO TEMPO *que o pecador está* DESENFADANDO-SE... *Deus anda solícito em lhe fazer bem* (Bernardes P. E. 254) QUANDO *a tanta neve pura* LIQUIDA-SE *ardor luzente...* (Botelho M. do P. 86) – ignoro SE *a cidade* ILUMINOU-SE *depois desta esplêndida vitória* (Lisboa O. C. I-54) *feito o ajuste, os guardadores dormiram a sono sólto; e COMO, a quem dorme,* DORMEM-LHE os cuidados, *êles ficaram e os gados foram-se* (Rebello M. D. J. I-286) *nós conhecemos a vida pública dos visigodos e não a sua vida íntima,* ENQUANTO *os séculos da Espanha restaurada* REVELAM-NOS *a segunda com mais individualização e verdade que a primeira* (Herculano E. P. 296) *desfruto outro viver que não vivia,* QUANDO ESCUTAM-TE *a voz os meus ouvidos, como sons de celeste melodia* (G. Dias P. I-152) *se o viste ou se* NARROU-TE *um peregrino... por dó nada me ocultes* (O. Mendes Od. I. III.º v. 76) *cala, coração, mais suportaste* QUANDO *o atroz ciclope* DEVOROU-ME os sócios (O. Mendes Od. I. XX.º v. 14) *nada diverte um padecente,* AO PASSO QUE *a boa harmonia da nossa máquina* DISPÕE-NOS *ao prazer e torna-nos a felicidade fácil* (Camilo R. do P. 13) SE MOSTRO-ME *inconstante... me vai crescendo o amor* (G. Dias P. II-174) QUANDO *a sombra de três esquifes sucessivamente* PROJETOU-SE *no recinto desta Academia...* (F. Castro E. C. 26) ASSIM COMO *a ciência vai na Grécia por suas pautadas variações* LEVANTANDO-SE *do hilozoísmo iônico...* (Latino E. C. 9) – *esteve o Seminário funcionando alguns anos* ATÉ QUE, *com a revolução de 1842,* DISPERSARAM-SE os alunos (Silvério V. D. V. 99) *a presente reforma da guarda nacional,* SE *até certo ponto* ATENUOU-LHE *a ação compressiva, manteve-lhe intacta a influência corrutora* (Rui D. e C. 17) QUANDO *o Sr. Dantas* ATREVEU-SE *à ousada iniciativa da reforma...* (Rui D. e C. 74) *tornando-se de rigor a regência* TÔDA VEZ QUE *o objeto ou o sujeito deslocados* PODER-SE-IAM *reciprocamente confundir* (Eduardo Carlos Pereira. Gramática Histórica 7.ª ed. pg. 325) *apeava-me eu de um bonde em uma das tardes da semana finda,* QUANDO SENTI-ME *seguro pela aba do palitô* (Laet J. do C. ano 58 n.º 19 pg. I.ª col. I.ª) SE os *passageiros* RESIGNAVAM-SE *ao papel de fiscais gratuitos, justo era também que a companhia condescendesse* (Laet J. do C. ano 58 n.º 33 pg. I.ª col. 7.ª).

796 – RELATIVOS: QUE, O QUAL, CUJO, ONDE.

Desde que a colocação dos pronomes oblíquos é questão de ritmo e de eufonia, e a conjunção QUE não atrai infalivelmente o pronome, daí se conclui imediatamente que há de suceder o mesmo com o QUE relativo, pois para o ouvido o efeito é igual, seja QUE conjunção, seja QUE pronome. Porém, como o leitor, talvez menos fácil de conformar-se com a existência de casos de não atração do relativo, exige provas, vão aqui abaixo vários exemplos de QUE relativo sem atrair, juntamente com exemplos dos outros relativos: O QUAL, CUJO, ONDE.

O QUAL, *por seu modo de comprazer a el-rei*, PEDIU-LHE licença que lhe deixasse ir ver o cêrco da cidade (J. Barros Década 3.^a livro 4 cap. 5.^o) *vendo-a Franco alvoroçou-se e foi correndo ao cão*, QUE nos pés ALEVANTOU-SE e deu-lhe a fruta na mão (Bernardim Ecl. 83) *achei*, ONDE PERDI-ME, meu tesouro (A. Ferreira P. L. 43) – *meu vigoroso corpo mirrado já secou-se, qual o barro* QUE ao fogo DEFINHOU-SE (Caldas S. de D. 7) *assustado*, o cura recorreu a um hábil cirurgião dalgumas léguas longe, QUE ACODIU-ME com a sangria (Filinto O. C. XI-605) *na fuga e desbarato, em que nos pôs o exército, confuso da pujante ignorância*, a QUAL CERCOU-NOS e de vencida nos levou (Filinto P. 4) – *um dia em QUE eu SENTEI-ME junto dela, sua voz murmurou nos meus ouvidos* (G. Dias P. 64) *uma tentativa feita para êste fim e QUE REALIZOU-SE nos princípios do ano de 1650, malogrou-se por motivos que não chegaram ao nosso conhecimento* (Lisboa V. P. A. V. 146) *há muitíssima gente QUE, em se lhe mostrando o bem*, FAZEM-NO (Castilho C. A. 102) *o organismo animal é em última análise um complicado mecanismo, CUJA função AJUSTA-SE às leis físico-químicas gerais* (F. Castro E. C. 27) *o acaso me fêz encontrar um indivíduo vestido de simples operário*, o QUAL reconhecendo-me, LANÇOU-SE-ME ao pescoço (Camilo H. de P. I-41) o QUE o Céu SUGERIU-ME, eu to assevero (O. Mendes Od. I. I.^o V. 165) *ao pé crescia da ara apolínea um renôvo da palmeira, CUJO aspecto ASSOMBROU-ME* (O. Mendes Od. I. VI.^o v. 123) *não pôde ser proposto o poeta QUE, beliscado na sua vaidade*, ASSANHOU-SE contra o govêrno (Camilo Q. de A. 23)... *a não ser as reformas do célebre Pedro I.^o da Rússia*, O QUAL PARECE-ME ser o único que se lembrou dessa idade... (Seixas C. das O. III-174) *um padre que o alienista conhecera em Lisboa e QUE de aventura ACHAVA-SE em Itaguaí* (M. Assis P. A. 16) *a sala era pequena, alumuada a velas, CUJA luz FUNDIA-SE misteriosamente com o luar que vinha de fora* (M. Assis P. A. 221) – *montou em um cavalo escuro até a igreja mais vizinha...* ONDE APEOU-SE, *fêz oração, revestiu-se em pluvial* (Silvério V. D. V. 68) *quis ir expor de voz a S. M. as graves razões que tinha para resignar um cargo para* O QUAL ESCASSEAVAM-LHE as forças do corpo (Silvério V. D. V. 289) *os fatos são mui respeitáveis, muito mais respeitáveis do que tôdas as nossas filosofias QUE, se nêles se não fundam*, DESFAZEM-SE como bolas de sabão (M. Barreto A. D. G. 124) *o mesmo aconteceu com “arbor”, QUE de feminina TORNOU-SE masculina* (E. Carlos Pereira. Gramática Histórica 7.^a ed. pg. 354) *e rainha QUE SOME-SE na obscuridade do lar doméstico... não pode deixar de merecer veneração ilimitada* (Rui D. e C. 34) *CUJAS águas, em tôda parte, COALHAM-SE de botes* (Rui C. de F. 37) *o estimável colega QUE em outra folha ENCARREGOU-SE de celebrá-las em verso, já depôs fatigado a lira* (Laet J. do C. ano 58 n.^o 12 pg. I.^a col. I.^o) *os quadros... não os achará o leitor nas colunas do meu rodapé, mas na Academia de Belas-Artes, ONDE INAUGUROU-SE uma exposição* (Laet J. do C. ano 58 n.^o 75 pg. I.^a col. 4.^o).

797 – Pelos exemplos acima apontados, poderá bem ver o leitor que a atração exercida pelas subordinativas não pode ser exigida pelos gramáticos com a mesma rigidez com que se exige a atração exercida pelas negativas e pela partícula QUEM, não só porque NÃO, NEM, QUEM, NINGUÉM terminam em tônica bem forte e, ainda por cima, em di-

tongo (não gráfico nos três últimos casos, mas prosódico, que é o que interessa à nossa questão) o que não se dá com – QUE, PORQUE, CUJO, QUANDO, COMO, SE etc. – senão também e principalmente porque NÃO, NEM, QUEM, NINGUÉM e mais ainda as outras duas negativas NADA e NUNCA costumam vir imediatamente antes do verbo (NÃO *se viu*, NEM *me falou*, QUEM *me chama*? NINGUÉM *nos responde*, NADA *nos separa*, NUNCA *me arrependi*) e no caso então pode-se garantir, sem medo de errar, que a próclise dá sempre infalivelmente bom resultado, o que não se dá com as subordinativas que frequentemente entre si e o verbo têm alguns vocábulos de permeio, os quais podem muito e muito variar o ritmo da frase. É justamente a imensa variedade de situações em que pode achar-se o pronome oblíquo nas orações subordinadas, que nos leva a julgar improcedente ou temerária qualquer regra absoluta reclamando a atração infalível e matematicamente, nestes casos. O gramático poderá incluir a atração das subordinativas no meio das normas principais para uma boa colocação dos pronomes oblíquos; poderá aconselhar o aluno de português, o escritor, a usar em regra desta atração, pois aí é que está a colocação mais segura e normal e, na grande maioria dos casos, a mais eufônica. Mas precisa reconhecer que há casos em que a anormalidade pode surgir com mais ênfase e elegância. E o bom escritor há de ter ouvido bem delicado e fino gosto para saber até onde o obriga esta regra diretiva, pois que há finezas e segredos de eufonia e ritmo da frase que nem sempre as regras da gramática podem elucidar.

798 – Gerúndio preposicionado.

Com o gerúndio precedido de EM geralmente dá melhor resultado pôr o pronome antes do verbo: EM ME *vendo*, EM SE *escurecendo* é melhor do que *em vendo-me*, *em escurecendo-se*. Contudo não será impossível encontrar em autores modelares, casos de ênclise sem prejuízo da eufonia, pois já EM VENDO-A é melhor do que *em a vendo*.

Jano, EM VENDO-A, *foi pasmado* (Bernardim Ecl. 41) – *eu que* EM VENDO-A *ceguei, pude ainda ver* (R. Lobo P. 78).

799 – Objeto direto anteposto.

Quando o objeto direto está anteposto ao verbo, quase sempre a próclise produz melhor efeito. É o caso do verso que deu origem à larga discussão sobre topologia pronominal: *Um soneto pediste-me, criança*, quando *um soneto* ME *pediste* é mais eufônico. Daí se segue que infalivelmente com o objeto direto vindo antes, a ênclise soe menos bem do que a próclise?

Sinceramente duvidamos.

Já não falamos do caso em que o pronome é pleonasticamente uma repetição do próprio objeto, pois aí a ênclise é comum.

E ISTO DISSE-O na linguagem português (F. M. Pinto Per. I-177) o VENENO *espalhado pelas veias*, CURAM-NO *às vèzes ásperas triagas* (Camões L. c. IX e. 33) – o BOM DIA, METAMO-LO *em casa* (F. M. Melo A. D. 138) O PRIMEIRO CRAVO *do temor de Deus*, PREGA-O *um algoz que se chama Pensamento da Morte* (Vieira. S. V-44) – A PACIÊNCIA *dos aprimoradores sumos*, RECUSOU-LHA *a natureza* (Castilho F. 9) A SATISFAÇÃO, DOU-A *mas é ao público* (Camilo H. de P. I-142) OS NOSSOS ANTEPASSADOS, INCENDIA-OS *a febre dos descobrimentos* (Latino A. e N. 77) – A PROVA *insofismável...* DÁ-NO-LA *o próprio Dr. Carneiro* (Sá Nunes A. L. N. I-137) ÊSSES EXEMPLOS, TRANSCREVEMO-LOS *naquele nosso trabalho* (E. C. Ribeiro Tr. 294).

Mesmo sem o pleonasma, em dado momento pode aparecer uma frase em que a ênclise não soe mal.

UNS REINOS PROMETEU-NOS *que ou Hespéria ou Itália apelidava* (O. Mendes E. I. III.º v. 187) SEMENTES VÁRIAS DAVA-TE *coa alpista* (Herculano P. 240) *a delicada virgem primeiro volve a si*; OS LINDOS DEDOS CORRE-LHE *ao longo da nevada barba* (M. Assis A. 72) *desvanecia-se em exceder, nas graças de espírito, os seus contubernais*; A REPUTAÇÃO *de néscio* CRIARAM-LHE *êstes* (Camilo C. V. H. J. A. 118) – *entre os majestosos portentos da grandeza antiga, não nos pareça modesta a moderna grandeza. A antiga foi, pelo espírito dos tempos, universal, é nacional a nova. Da primeira se teve uma Itália romana.* UMA ROMA ITALIANA DÁ-NOS *a outra* (Rui D. e A. 53) *duas cousas sòmente querem êles: dinheiro e mulheres.* O MAIS DÁ-LHES *o Evangelho, isto é, a faculdade de viverem conforme lhes apraz* (Laet H. P. 159).

800 – Optativas com sujeito.

As orações optativas que têm o sujeito expresso antes do verbo quase sempre soam bem melhor com a próclise; *Deus proteja-nos, Nossa Senhora guie-te, bons ventos levem-o* não agradam de maneira alguma ao ouvido. *Deus NOS proteja, Nossa Senhora TE guie, bons ventos O levem*, isto sim, é que é o ritmo agradável. Entretanto, não é impossível surgirem casos em que a optativa com sujeito expresso antes do verbo comporte bem a posição enclítica do pronome.

Os que acharem que têm a sua carne assim crucificada, CONSOLEM-SE *muito* (Vieira S. V-44) – e os ALVAZIS *do conselho* FORREM-LHE *depois os ossos com outra pele* (Rebello O. V. N. C. 45) *bóspede*, os NUMES RESTITUAM-TE *à pátria e à mulher cara* (O. Mendes Od. I. VIII.º V. 306) *some-te, abóbada tórva e sombria; éter cerúleo, verte alegria neste lugar*; AS NUVENS SUMAM-SE! (Castilho F. 108) *assobie o pelouro nos ares*; ÊSTES CAMPOS CONVERTAM-SE *em mares* (Herculano P. 81) – AS FESTAS *argentinas e o CARTÃO de oiro boliviano* SIRVAM-LHE *de talismã para afugentar, do périplo memorável, o pesadelo cearense* (Rui C. de F. 205).

REGRAS ARBITRÁRIAS

801 – Além destas regras, a que acima aludimos e que têm total ou parcial apoio na generalidade dos fatos linguísticos há muitas outras regras arbitrárias, feitas aprioristicamente e que vêm a cada passo desmentidas por exemplos de bons autores. Já não queremos dar-nos ao trabalho de refutar a afirmação tão inaudita para os brasileiros que fizera um filólogo de grande nomeada: “São anormais, excepcionais ou irregulares as formas como esta: *o que não se diz; porque não me falas? quando não te vejo; é para não se esquecer; como não o encontramos.* Normal, regular e corrente é pois o dizer-se e escreve-se: *o que se não diz; porque me não falas? quando te não vejo... é para se não esquecer; como o não encontramos...*” e que animou outro legislador em matéria de colocação de pronomes, este então brasileiro, a formular a seguinte regra: “Regra XV – antepor sempre o pronome regime à negativa”. O leitor nos dispensará de acudir com milhares de textos para destruir tal preconceito.

Igualmente com esta, andam por aí muitas regrinhas que nenhum fundamento foram buscar na lição dos grandes autores. Assim:

802 – Não é exato que as conjunções coordenativas atraíam o pronome oblíquo.

PORÉM DIZEM-LHE *todos que tem perto Melinde* (Camões L. c. II.º e. 70) *eu não nego a lei,* MAS INTERPRETO-A (H. Pinto I. V. C. I-145) *ainda que o Santo Evangelho não faça menção desta fonte,* CONTUDO TEM-SE *par causa certíssima* (H. Pinto I. V. C. IV-287) – *não falta o conhecimento a este menino,* MAS SOBEJA-LHE *o amor* (A. de Sá S. N. S. M. 14) PORÉM CONSOLA-A *branda e cortezmente, o que por fero só nomeia a fama* (R. Lobo C. de P. 70) *cremos que nos há de vir a julgar e* CONTUDO CRUCIFICAMO-LO (Vieira S. V-46) – *ainda que a virtude não tira o mêdo,* CONTUDO ESCONDE-O (M. Aires R. V. H. 93) POIS DIGO-VOS *que, só se a minha Aldonsa fôr de contrário voto, o meu dinheiro servirá para as bárbaras idéias* (Garção O. P. II-94) MAS *eu DOU-VOS lições inúteis* (Basílio O. P. 156) PORTANTO ROGO-VOS, *por vida vossa, que comais alguma causa* (Pereira B. S. Atos cap. XXVII v. 33) ORA *o traidor TINHALHES DADO uma senha* (Pereira B. S. Marc. cap. XIV v. 44) – POIS ACREDITE-ME *o leitor amigo* (Garrett V. M. T. I-43) *se aí os triunfos eram menos fáceis...* TODAVIA GANHAVAM-SE *mais puros e duráveis* (Rebello C. e L. 144) MAS CONCEDAMOS-LHES (Castilho F. pela A. 78) TODAVIA CONTEVE-ME *a inoportunidade da ocasião* (Camilo N. B. J. M. 173) – *advogado, aceitaste a causa do rico;* POIS VENDESTE-TE (Rui C. L. 35) *a vossa musa, Sr. Adelmar Tavares, não reflete as reações bruscas de um temperamento nervoso,* MAS MOSTRA-NOS *um sonhador* (Laudelino N. P. VI-187) *expressões são estas reforçadas,* MAS SÃO-NO... *no ponto de vista etimológico* (M. Barreto N. E. L. P. 229).

803 – O pronome reto não atrai o oblíquo.

Tu OLHAS-ME de través (Sá Miranda O. C. I-153) *VÓS FAZEIS-VOS chocarreiro* (Camões T. 93) *E EU TENHO-ME por mofino* (T. de Jesus T. de J. I-18) *E ÊLESTINHAM-ME a mesma afeição* (H. Pinto I. V. C. I-266) *NÓS HAVEMOS-NOS com a alma, como se fôra vil* (Arrais D. 67) – *ELA COBRIU-SE com sua própria capa* (E. Matos E. C. 22) *elas correm, elas passam, ELAS ENXUGAM-SE, ELAS SECAM-SE* (Vieira S. V-109) – *eu DOU-LHE os parabéns, Senhor Bigodes* (Garção O. P. II-69) *pois EU SOU-O de nascimento* (Pereira B. S. Atos cap. XXVII v. 28) *ELA CHAMA-SE Dutíl* (Filinto O. C. X-91) *TU JULGAS-ME cruel e inexorável* (Bocage P. VI-205) – *TU ILUDES-TE* (Garrett V. M. T. II-52) *insano, TU COBRISTE-A de lódo terreal* (G. Dias P. II-68) *EU MORDIA-ME por dentro* (Rebelo C. e L. I40) *EU FINO-ME de mêdo* (Castilho F. 221) *e VÓS AVENTURAI-VOS a exprimi-la na forma?* (Latino A. e N. 176) *EU ENGANEI-ME e êle foi enganado por mim* (Camilo A. de S. 69) *faltam-nos, é certo, os fundamentos da asseveração; mas EU INCUMBO-ME de ir buscá-los* (M. Assis H. 271) – *ELAS OBRIGAM-NA a pensar* (Rui C. de I. 221) *EU ESTIMO-O e conto fazer de você um cônego pelo menos* (Cândido M. S. 62) *nós ENCONTRAMOS-TE sempre* (Silva Ramos P. V. F. 49) *EU INCLINO-ME a ela* (Laet R. de C. ano VIII.º n.º 93 pg. I46).

804 – Com os demonstrativos e indefinidos ISTO, ISSO, TUDO, MUITO, TODO, OUTRO, ALGUM, o escritor colocará os pronomes oblíquos como achar melhor, pois não consta que tenham em rigor a força de atrair o pronome.

Quando ela faz extremos, em TUDO QUER-SE extremar (Camões T. I27) – *ALGUNS CONSOLAM-SE* (Vieira S. V-171) *ISSO CHAMA-SE lei de Deus* (Arte 262) – *O OUTRO AMORTALHOU-SE* (Garrett P. B. E. 96) *ISTO PASSAVA-SE um dia antes do solene depósito régio de D. Catarina de Ataíde em casa de Lourenço Teles* (Rebelo M. D. J. I-364) *A OUTRA PARECEU-LHE desconhecida* (Rebelo M. D. J. I-368) *onde é a escola?* *ISSO PERGUNTA-SE* (Castilho C. A. 79) *pois ISSO ARRANJA-SE cá de casa* (T. Vasconcelos P. A. D. 121) *isso TUDO SUMIU-SE* (Herculano M. de C. II-61) *OUTRO CONTAVA-ME maravilhas do sangue* (Camilo H. de P. I-123) *ISTO REMATA-SE em duas palavras* (Camilo T. I. 28) – *ISSO AFIGURAVA-SE absurdo ao grande jurisconsulto* (Rui D. e A. II) *ISTO PASSOU-SE em Coimbra* (Silva Ramos P. V. F. 15) *ISSO EXPLICA-SE* (M. Barreto N. E. L. P. 321) *ISTO DEU-SE com êste* (Antero S. do A. 80) *uns comem os figos e a OUTROS REBENTAM-LHES os beiços* (Cândido F. e E. II-133).

805 – O mesmo se diga dos ADVÉRBIOS em geral, excetuando apenas o de negação.

AQUI CALOU-SE como muito maravilhado (Bernardim M. e M. 63) *ENTÃO GABA-O de discreto* (Camões T. 207) *AGORA VEJO-O no fim* (Camões T. I49) *FINALMENTE HEI-LHA de dar* (Camões T. I62) *e isto sucedia, porque se não davam os cargos senão a quem os merecia e trabalhava; HOJE DÃO-SE a quem tem mais valias e aderências* (Couto S. P. I52) – *AGORA PARECE-ME*

muito fácil (Bernardes P. E. 138) *comungue... e DEPOIS CONFESSE-SE, em podendo cômodamente* (Bernardes P. P. P. 82) *E DEPOIS FORAM-SE me tendo muitos dias em meio* (Sousa V. do A. I-229) – *ali nasce a nobreza; AQUI EXTINGUE-SE; ALI PERDE-SE a vida com honra, AQUI CONSERVA-SE a mesma vida com ignomínia* (M. Aires R. V. H. 92) *vai ter ao ventre e DEPOIS LANÇA-SE em lugar escuso* (Pereira B. S. Marcos cap. VII.º v. 19) *HOJE ATREVE-SE a mais* (Bocage Son. 96) *e a voz ALI DESMAIA-LHE* (Filinto P. 226) – *AGORA COSPEM-TE no cadáver* (Garrett V. M. T. II-77) *MAS HOJE CUSTA-LHE?* (Rebello M. D. J. I-265) *eu CÁ ARRASTAVA-O* (Rebello M. D. J. I-25) *AGORA SEGUE-SE por força o que devera ter sido antes de nenhuma destas coisas* (Castilho C. A. 87) *a boa vontade daquela quebranta-se, esmorece e AFINAL PERDE-SE de todo* (Castilho C. A. 233) *DORAVANTE PREGA-SE também aos pobres* (Castilho C. A. 220) *AQUI MORREU-LHE a voz* (Castilho N. do C. 105) *HOJE RENOVA-SE o mesmo jato noutra esfera* (Herculano C. U. A. 225) *HOJE ESCREVEM-SE muitos livros* (Latino A. e N. 97) *HOJE ACABA-SE o mundo* (T. Vasconcelos P. A. D. 126) *ENTÃO FAZIA-SE um profundo silêncio* (Herculano B. 39) *isto AGORA PARECE-ME que é verdade* (Camilo N. B. J. M. 22) *DEPOIS MANDARAM-NO em paz* (Camilo N. B. J. M. 158) *AQUI DIZIA-SE que Ifigênia era parenta do cavaleiro* (Camilo Q. de A. 226) *DEPOIS ESQUECEU-O* (M. Assis P. A. 145) *e desde ENTÃO ADORARAM-ME* (M. Assis P. A. 211) *ÁI DETEVE-SE um instante* (M. Assis H. 261) – *se ali os meninos vão perder a fé, AQUI NAUFRAGA-LHES a inocência* (Silvério C. Past. 99) *ENTÃO LEVANTAR-SE-Á neste país um clamor* (Rui D. e C. 19) *POR AGORA REFERIR-ME-EI a dois ou três verbos* (Cândido C. S. S. 197) *ENTÃO MANDOU-SE um religioso* (Laet A. I. ano II.º n.º I.º pg. 7) *AQUI APEGA-SE ao fardão do magnate, envolve-se além na cogula* (Laet J. do C. ano 58 n.º 103 pg. I.ª col. 2.ª) *pouco DEPOIS SOUBE-SE tudo* (Antero S. do A. 66).

806 – QUIS-ME DIZER.

É inteiramente arbitrário querer obrigar a colocar o pronome após o infinitivo, quando vem este acompanhado de um verbo auxiliar ou regente. Segundo esta regra não seria correto: *quis-ME dizer, vem-SE confessar, querendo-SE despedir* mas sim: *quis dizer-me, vem confessar-se, querendo despedir-se*. Os fatos entretanto...

E QUIS-ME DIZER que veio de siso desconsertado (Camões T. 106) *PODE-SE DIZER* (J. Barros Pan. 170) *QUERO-ME CONSOLAR* (Arrais D. 3) *PODEIS-VOS GABAR* (Couto S. P. 199) *QUIS-VOS TRAZER tanto número de varões eminentes que não foram de Atenas... para rebater a autoridade de Platão* (H. Pinto I. V. C. IV-259) – *QUERENDO-SE DESPEDIR* (Sousa V. do A. I-297) *VEM-SE CONFESSAR uma devota* (Vieira S. V-174) – *QUIS-LHE DAR o merecimento* (A. Barros V. A. P. A. V. I-17) *DEVE-SE ADVERTIR* (Sacramento V. H. P. 214) *VÃO-SE APINHAR* (Filinto P. 4) *PODE-SE APETECER tão duro estado?* (Bocage P. VI-148) *o vinho novo DEVE-SE CONSERVAR em odres novos* (Pereira B. S. Lucas cap. V.º v. 37) – *QUISERAM-ME ENGANAR* (Garrett F. L. S. 46) *o Tejo PODE-SE DIVIDIR em três grandes secções* (Hercu-

lano C. U. A. 155) QUER-ME PARECER *que não morreu de outra cousa* (M. Assis M. P. B. C. 149) VAMOS-TE FADAR (Rebello M. D. J. 329) QUER-SE RIR (Castilho F. 251) QUIS-ME PARECER (Camilo N. B. J. M. 54) – DEUIA-SE AUMENTAR *o número dos jurados* (Rui C. de F. 67) PODE-SE AFIRMAR (Sá Nunes A. L. N. II-84) QUER-LHE PARECER (E. C. Ribeiro Tr. pg. XXIV).

807 – Imperativo.

É mais comum usar a ênclise com o imperativo; não é, porém, uma regra. Veem-se, nos melhores autores, também exemplos de próclise.

Filhos teus nos chamemos; como pai, NOS AMA, NOS CASTIGA e NOS PERDOA (A. Ferreira P. L. II-36) *quem vos isto pede, é o senhor D. Duardos; por isso o FAZEI que a êle não se pode negar nada* (F. Morais P. de I. 50) *agora tu, Calíope, ME ENSINA o que contou ao rei o ilustre Gama* (Camões L. c. III.º e. I.ª) *lede, Senhor, nestas leis... e por elas ME JULGAI* (T. de Jesus T. de J. I-327) *ponde em suas mãos vossa consciência e de quanto vos ela arguir, VOS ACUSAI* (Arrais D. 70) – *vós o VÊDE* (F. M. Melo C. F. 81) *por amor de vossa afrontosa e amargosíssima morte de cruz, ME CONCEDEI uma boa morte* (Bernardes P. E. 174) *pelas lágrimas daquela Senhora, que não teve pecados que chorar, NOS CONCEDEI hoje lágrimas com que choremos nossos pecados* (Vieira S. V-91) – *por mim LHE DAI graças* (Sacramento V. H. P. 35) *tu ME VALE em meus males* (Cruz e Silva Hiss. 27) *se hei de ser com Tirsália desgraçado, ME DIZE* (Bocage Son. II 14) *de quinhentistas VOS PREZAI, algunos* (Filinto P. 64) – *não no admitas a pai; das ovelhas O AFASTA* (Castilho G. I. II.º v. 565) *excoro-vos, oh! deuses imortais, para que nenhum de vós aceda aos votos destes ímpios; antes LHES INSPIRAI mais retas intenções* (Latino O. da C. 105) *não adormeças em cismar o céu, também TENTREGA à leitura santa dêste meu livro* (Camilo D. da M. 74).

CASOS DE COLOCAÇÃO MENOS USUAIS

808 – Damos a seguir alguns casos de colocação de pronomes, sobre os quais se não discute, mas que por se terem tornado mais ou menos raros entre nós, brasileiros, hão mister lembrados.

809 – O PRONOME OBLÍQUO é frequentemente ANTEPOSTO À NEGATIVA.

E não contentes ainda... cortando os mares procelosos, NOS NÃO querem deixar viver seguros (Camões L. c. VII.º e. 70) *já vejo, disse o ermitão, QUE ME não posso escusar* (H. Pinto I. V. C. I-37) – *se ME NÃO mente o que sei do mundo, tu vais para não tornar* (Sousa A. D. J I-60) *entretanto que NOS NÃO, me encomende V. Reverência muito a Deus* (Chagas C. E. 109) *não se sabe com certeza, porque o NÃO referem os evangelistas* (Vieira S. XI-72) – *alguma que disparou NOS NÃO*

fêz dano (Pita H. A. P. 86) *inda, meu pai, TE NÃO pedimos dote* (Garção O. P. II-51) – *noite de Natal, QUEM TE NÃO ama?* (Castilho F. pela A. 223) *mas, doutor... por que motivo NOS NÃO tranqüiliza o espírito?* (M. Assis H. II) – *quem o acentua, se a memória ME NÃO falba, é o Sr. Antônio Alcorta* (Rui C. de I. 160) *o meu irritado contendor que ME NÃO poupa contumélias, às quais não respondo, foi seminarista* (Laet H. P. 158).

810 – O PRONOME OBLÍQUO é frequentemente ANTEPOSTO AO PRONOME RETO.

Já que TE EU não busco, tu me buscas (T. de Jesus T. de J. I-51) *esta tamanha vantagem nasce* (se ME EU não engano) *da bondade* (J. Barros Pan. 96) – *tem por fraqueza e cousa indigna voltar para onde O ÊLES vão guiando* (R. Lobo C. de P. 49) *se VOS EU agora disser* (Bernardes P. E. 292) – *amigo Frei Joaquim, assim TE EU veja vigário de Pondá ou Taprobana* (Garção O. P. I-I6) *três honrosos empregos que LHES ELA queria dar em seus domínios* (Filinto O. C. IX-I9) – *um rochedo em que ME EU sente ao pôr do sol* (Garrett V. M. T. I-52) *morto Tibério, Caio Greco, seu irmão, determinou seguir o exemplo glorioso que LHE ÊLE legara* (Lisboa O. C. I-52) *eis o que tenbo, oh! donzela, só harpa, alaúde e lira, nem vejo sorte mais bela nem coisa que LHE EU prefira* (G. Dias P. I-85) *espaço de tempo suficiente para SE ÊLE generalizar na península* (Sotero C. L. P. B I-I5) *coos vivos também é que ME EU quero* (Castilho F. 33) – *segui o caminho que VOS ÊLE indicar* (Silvério C. Past. 7)... *autorizando aos seus executores precisamente o que LHES ELA quis vedar* (Rui R. de G. I18) *quantas vêzes me viste sem TE EU ver* (Silva Ramos P. V. F. 259) *tôda vez que SE ELA exibira, um novo acontecimento se registava nas crônicas artísticas daquelas cidades* (Laudelino N. e P. IV-I40) *opulentas obras que NOS ÊLES herdaram* (Leda Q. L. B. 143) *seja qual fôr o aspecto por que os miremos e SE ÊLES nos manifestem...* (E. C. Ribeiro P. L. E. 65).

811 – METÁCLISE.

Podem-se colocar algumas palavras entre o pronome oblíquo e o verbo que o rege. Esta colocação do pronome, assim separado do verbo, é chamada METÁCLISE.

A quem LHE esta vitória PERMITIU, dão louvores (Camões L. c. III.º e. 82) *tem perfeita disposição para tudo o que LHE Deus QUER DAR* (T. de Jesus T. de J. I-228) – *ficou o velho ilustre tão contente do que LHE o bom sobrinho COMUNICA, que ao mestre vai buscar mui diligente* (R. Lobo C. de P. 63) – *de suas próprias vontades, sem os ninguém CONSTRANGER, pediram, queriam que nós os doutrinássemos* (Jaboatão N. O. S. B. II-57) *achou granjeio ali meu amor próprio com razão das lindas cousas que ME lá DISSERAM* (Filinto O. C. XI-400) – *o território... era o mais azado para receber prontos avisos e socorros na Europa e para SE o inimigo ESTENDER fâcilmente para os lados* (Lisboa V. P. A. V. 92) *a ocasião que ME hoje o céu DEPARA, se a deixasse fugir, talvez me não voltara* (Castilho Tart. 96) – *do que houve de mágoas... podemos tirar as contas pelo termo com que os sempre TRATOU* (Silvério V. D. V. 41) *o “sucesso” de que SE os castelhanos LEMBRARAM, fôra para êles um “revés”*

(Rui R. n.º 453 pg. 192) *mais atrevido é estoutro gênero de derivação que SE agora COMEÇA a exercitar* (M. Barreto N. E. L. P. 42) *tangei-as, para que se não passe um ano, como SE este PASSOU, sem que as letras se opulentem* (Laudelino N. e P. VI-24) *tem receio de estudar a língua em outras gramáticas por causa da confusão que LHE isso ACARRETARIA* (Sá Nunes A. L. N. I-200) *Rui Barbosa que LHE bem COMPREENDEU os intuitos...* (E. C. Ribeiro P. L. E. 177).

812 – Pronome com o auxiliar.

Também fazem os clássicos transposições originais nas conjugações perifrásticas, pondo junto do auxiliar os pronomes oblíquos que lógica e gramaticalmente pertencem ao verbo principal.

HAVEMOS-TE *de obedecer* (Gil T. 42) HÃO-SE *de fazer as coisas necessárias* (Bernardim M. e M. 38) *quantas vêzes quisera honestamente PODÊ-LA DAR a mim!* (A. Ferreira P. L. II-208) *mas HÁ-SE de sofrer que o fado desse a tão poucos tamanho esforço e arte?...* (Camões L. c. I.º e. 75) – *para João a lograr por mãe, não se há de considerar como Maria, HÁ-SE de considerar como mulher* (A. de Sá S. N. S. M. I6) – *HÁ-SE de advertir que já eram passados quatro anos* (Jaboatão N. O. S. B. II-60) – *ENTREI-O a socorrer* (Castilho Tart. 22) *meu pai, sossegue, que lhe presta o ESTAR-SE A ENRAIVECER?* (Castilho Av. 45) *o governador PASSA-SE A CHAMAR presidente de Estado* (M. Assis Sem. I7) – *segundo Carneiro, HÁ-SE de corrigir* (Rui R. n.º 208 pg. 102).

CAPÍTULO XV

ELIPSE

813 – Apesar de mais empregada pelos antigos do que pelos modernos, pois a linguagem moderna é mais clara e analítica, a elipse usada amiúde e com elegância continua a ser um dos primores e características da linguagem clássica.

a) Elipse do Verbo

814 – ZEUGMA.

Faz-se frequentemente a elipse do verbo da oração, quando já foi enunciado na oração precedente, figura esta que os gramáticos chamam ZEUGMA.

Ali QUIS DAR, *aos já cansados ossos, eterna sepultura e* NOME AOS NOSSOS (Camões L. c. VIII.º e. 3) *assim como o outono* VAI DESFOLHANDO *as árvores, assim* A VELHICE, AS ALEGRIAS (H. Pinto I. V. C. III-182) – *pelas luas* SE TIRAM *as marés e* AS CARTAS, PELOS SOBRESCRITOS (F. M. Melo A. D. I48) *nunca me FÊZ mal algum, ANTES SEMPRE INUMERÁVEIS BENEFÍCIOS* (Bernardes N. F. II-202) – *a passagem* ERA *impossível; O LUGAR, HORROROSO e para uma e outra cousa, o* REMÉDIO, NENHUM (A. Barros V. A. P. A. V. I-9) *algumas vêzes me* ARGUÍA, *meu espôso, o meu muito mimo, e* EU, A ÊLE, A MUITA SEVERIDADE (Filinto O. C. X-17) – *o jornal mesmo da oposição os* TEM RECEBIDO *com louvor; O POVO, COM AGRADECIMENTO; O TRONO, COM SATISFAÇÃO* (Castilho F. pela A. II7) *quem NOS ENSINOU a esperar? QUEM, A SER FELIZ pela fé no meio das agonias?* (Herculano E. P. I32) – *nunca* TEVE *cejas mais tétricas, a loucura; NUNCA A IMPIEDADE, EXCESSOS MAIS INVEROSSÍMEIS* (Rui R. de G. 33).

815 – Esta elipse ou zeugma se dá mesmo quando o verbo subentendido teria, se fosse enunciado, número ou pessoa diferente do verbo da oração antecedente.

Do referido cabo para o Grão-Pará É *perpétua a monção, NAVEGÁVEIS, OS MARES E OS VENTOS de servir sempre* FAVORÁVEIS (Pita H. A. P. 8) *não só no povo daquela vila, mas nos circunvizinhos por onde correu, FOI grande o abalo, MUITAS, AS MUDANÇAS DE VIDA E NOTÁVEIS, AS CONVERSÕES* (A. Barros V. A. P. A. V. I-40) – *se Cristo nos socorrer, ambos* TEREIS, *o que*

pedis e NÓS TODOS, MUITA GLÓRIA (Rebello C. e L. 171) *os pães com tais indícios já se ESTÃO regalando e RINDO-SE, A LAVOURA* (Castilho G. I. I.º v. 122) *É nova a terra; nova, a natureza; NOVOS, OS COSTUMES* (Latino E. C. 80) – *a língua dos dois países É a mesma e IGUAIS, OS INTERÊSSES da linguagem* (Cândido C. S. S. 5).

816 – Merecem examinadas.

Suprime-se muitas vezes o infinito do verbo SER, quando precede a participípios passados e vem após de certos verbos como MERECER, HAVER MISTER, QUERER, CARECER etc.: *As gravuras MERECEM EXAMINADAS em vez de merecem ser examinadas.*

Ob! doudinho de Antoniotto, como HAVIAS MISTER CURADO desta tua cabeça (Sá Miranda O. C. II-203) *nesse deserto, apartado de tôda a conversação, MERECÍEIS DEGRADADO* (Camões T. 272) *a LÃ Há MISTER CARDADA para o pano ser fino* (H. Pinto I. V. C. I-243) – *o cargo de aio de um príncipe é ser mestre de tôdas as ações políticas que assim HÃO MISTER APRENDIDAS* (Sousa A. D. J. I-9) *tal relógio MERECIA QUEIMADO e cortada a mão que cuidava dêle* (F. M. Melo A. D. 25) – *quantos varões de superior talento que ARGUÍDOS MERECEM como o general cartaginês* (Filinto O. C. IX-347) – *silêncio, amigos! estas coisas QUEREM TRATADAS mansamente* (Garrett Arc. de S. 234) *levanta a hóstia nas mãos que MERECIAM RASPADAS e carregadas de ferros* (Rebello C. e L. 236) *tudo quanto nasceu, MERECE ANIQUILADO* (Castilho F. 102) *os mortos CARECEM momentaneamente DESPERTADOS no remanso do tûmulo* (F. Castro E. C. 112) – *não dissimulou como as condições... HAVERIAM MISTER MODIFICADAS* (Silvério V. D. V. 155) *MERECERELIDA e meditada a parte inicial da réplica* (Rui R. n.º I.º pg. 3) *a sua justiça não Há MISTER RECOMENDADA* (Rui R. n.º 326 pg. 153) *MERECER ainda LIDA e MEDITADA, a majestosa pintura do mesmo grande e eloqüente escritor* (E. C. Ribeiro P. L. E. 124).

817 – Nas orações de sentido concessivo é frequente a omissão do verbo SER.

Não é coisa nova no mundo, PÔSTO QUE LASTIMOSA, que homens letrados e religiosos degenerassem em hereges (Vieira S. XI-151) *não se esqueceu, o Autor da Natureza, de dar passagem por ela, AINDA QUE ÁSPERA, aos que atravessam de uma a outra banda* (Esperança Exc. 101) *caso sempre engraçado, SEM EMBARGO DE REPETIDO* (Bernardes N. F. II-106) – *a natureza angélica é perfeita, porém, AINDA QUE MUITO EXCELENTE, é limitada* (Sacramento V. H. P. 244) *o Altíssimo, AINDA QUE SOFRIDO, é justiceiro* (Pereira B. S. Eclesiástico cap. V.º v. 4) – *os nomes antigos... não seria já hoje muito fácil empenbo, definir precisamente o que significassem, PÔSTO QUE USADOS de escritores de tempos mais chegados aos nossos* (Castilho Q. H. P. II-186) – *BEM QUE DIVERSOS, unem-se tão estreitamente* (E. C. Ribeiro P. L. E. 135) *não se assentam fórmulas... nas quais não caibam a pronúncia de Portugal e a do Brasil, AINDA QUE DIVERGENTES* (M. Barreto F. L. P. 323).

818 – Suprime-se também, muitas vezes, o infinito do verbo SER em cláusulas infinitivas que vêm com as preposições: PARA, POR, SOBRE ALÉM DE.

O arbítrio, PARA CONVENIENTE, *deve ser firme* (F. M. Melo A. D. 213) foram ineficazes os tributos POR VIOLENTOS (Vieira S. VII-139) *não fala senão da vida eterna que é só PARA DESEJADA* (Bernardes N. F. II-118) – *a apurada elegância dêsse poeta, POR UNIFORME e continuada, cansa o leitor* (Filinto O. C. IX-406) – *a modificação... deve, POR ABSURDA e intolerável, ser combatida* (Sotero C. L. P. B. I-84) *dirão os que desdenham, POR HUMILDES e plebeus, os galinheiros* (Latino A. e N. 151) –... *dizer verdades muito ingratas e custosas PARA OUVIDAS* (Silvério V. D. V. 85) *tais trivialidades cediças e corriqueiras não são PARA CONTEMPLADAS num discurso acadêmico* (Rui O. M. 51).

b) Elipse do Pronome.

819 – Os soldados não temos licença.

Quando os pronomes *nós, vós* são seguidos de apostrofo ou de oração relativa podem suprimir-se, dando-se um caso elegante de silepse: OS SOLDADOS *não TEMOS licença* em vez de *nós, os soldados não temos licença*; OS QUE *as ondas NAVEGAMOS* em vez de *nós, os que as ondas navegamos*.

Esta ilha pequena que habitamos é em tôda esta terra certa escala de todos OS QUE AS ONDAS NAVEGAMOS (Camões L. c. I.º e. 54) *oh! Madre de Deus e Senhora minba... por quem OS MORTOS PODEMOS alcançar a vida* (T. de Jesus T. de J. I-147) *são matérias em que OS SOLDADOS NÃO TEMOS LICENÇA para falar* (Couto S. P. 117) – OS QUE *tão costumados ÉRAMOS a vencer...* (Vieira S. XIV-281) *quer Deus que OS HOMENS APRENDAIS dos homens* (Bernardes N. F. I-200) – *o capitão denominou Angra dos Reis por ter chegado a ela em 6 de janeiro, dia a que OS PORTUGUESES CHAMAMOS “dos Reis”* (Gaspar M. H. C. S. V. 117) *varões israelitas e OS QUE TOMEIS A Deus, ouvi* (Pereira B. S. Atos cap. XIII v. 16) *senhores, OS QUE SOMOS de terra DEIXEMOS repousar os navegantes* (Garrett F. L. S. 221) *CONFEDERAMO-NOS OS SOLÍCITOS* (Castilho F. pela A. 235) – *TODOS OS QUE NOS DESSEDENTAMOS nesta fonte, OS QUE NOS saciamos dêsse pão, OS QUE ADORAMOS êsse ideal, nêle vamos buscar a chama incorruptível* (Rui O. M. 30) *TODOS OS BRASILEIROS TEMOS o dever de prestigiar e enaltecer essa portentosa autoridade* (Sá Nunes A. L. N. I-81).

820 – Elipse de “TUDO” antes de “QUANTO”.

Parece, QUANTO digo, desvario (A. Ferreira P. L. I-24) *depois de aparelhados desta sorte de QUANTO tal viagem pede e manda, aparelhamos a alma para a morte* (Camões L. c. IV.º e. 85) *passam, com incrível sofrimento, QUANTO se pode imaginar de dureza e trabalho* (Lucena A. P. II-20) – *não só disse QUANTO êles reconheciam e calavam, mas muito mais* (Vieira S. XI-72) – *sonho cuidado*

ser QUANTO desejo (Garção O. P. I-10) QUANTO vês é troféu de uma vitória (Cláudio O. I9) perdi QUANTO me dera a fortuna (Filinto O. C. X-6) – embebido na sua mágoa parecia estranho a QUANTO o rodeava (Rebello C. e L. 243) louva a QUANTO êle fêz; QUANTO lhe ouviu, recita (Castilho Tart. I4) – QUANTO acabou de novo nas construções foi executado pelo Reitor (Silvério V. D. V. I50).

821 – Elipse de “TODOS” antes de “QUANTOS”.

O melhor verso de QUANTOS Homero poeta grego fizera, era um em que el-rei Agamenão era gabado de bom cavaleiro e justo (J. Barros Pan. 6) – o Samorim tentou uma obra que fora a mais danosa de QUANTAS tinha feito, se Deus a não remediara com sua providência (Sousa A. D. J. 243) – em ti, Senhor, esperem QUANTOS sabem e invocam o teu nome (Caldas S. de D. 25) QUANTOS nesse êro e astúcia estavam néscios pasmaram (Filinto O. C. VI-221) – Maria... abraçava vertiginosamente QUANTAS entravam ao pé da cama (Camilo R. H. R. 80) o ponto respectivo às febres do torrão fluminense... envolve o problema mais complexo de QUANTOS se abrangem na patologia das terras tropicais (F. Castro E. C. I32) – temos muito que aprender, QUANTOS cuidamos de coisas do idioma (M. Barreto F. L. P. 326).

e) Elipse da Preposição

822 – QUE = de que.

A expressão DE QUE regida por certos verbos, substantivos ou adjetivos que pedem a preposição DE, aparece muitas vezes sem esta preposição: *Lembro-me QUE foi assim; isto é sinal QUE venceremos; estou certo QUE irei.*

Eu os asseguro QUE a virtude da penitência tenha em seu coração seu devido lugar (T. de Jesus T. de J. I-194) lembra-te QUE és homem (H. Pinto I. V. C. I-42) todos, inda os que mais a esfolaram, se hão de jactar QUE não foi em seu tempo (Couto S. P. I26) – isto é sinal QUE Deus os quer entregar nas nossas mãos (Vieira S. XIV-325) maravilho-me QUE Horácio, descrevendo os efeitos da velhice, se esquecesse dêste do esquecimento (Bernardes N. F. III-37) – um infeliz não se persuade QUE a sua sorte possa ter mudança (M. Aires R. V. H. 67) lembrado estou, oh! penhas, QUE algum dia... comuniquei convosco o meu segredo (Cláudio O. 30) muito inteirado estava QUE não era o Dr. Sanches homem capaz de fomentar sedições (Filinto O. C. IX-27) vem depois destas particularidades o lastimar-se o autor QUE entre tantos estabelecimentos... (Filinto O. C. IX-40) era altamente persuadido QUE o ano tinha 365 dias e um quarto (Filinto O. C. IX-60) – Gil Vicente... persuadido QUE ela merecia tudo, viveu independente (Garrett F. L. S. I42) você é testemunha QUE eu trabalho (M. Assis Q. B. 372) – estará certo QUE Deus o chama?... (Silvério V. D. V. 55) sem querer lembrar-se QUE outro povo existe... oficializou uma reforma (Laudelino N. e P. V-258).

823 – O QUE HÁ MAU.

Não só se diz *o que há de mau*, *o que há de mais belo*, *o que achardes de romanesco* mas também O QUE HÁ MAU, O QUE HÁ MAIS BELO, O QUE ACHARDES ROMANESCO.

Senhor, vos ofereço... tudo O QUE em mim HÁ MAU e bom (T. de Jesus T. de J. I-125) – *tudo O QUE HÁ FORMOSO na terra, tudo O QUE HÁ RESPLANDESCENTE no Céu era feio e escuro em sua comparação* (Vieira S. XI-67) – *fôra (creio eu) mais valioso extremar nas diferentes obras de cada autor O QUE elas contêm MAIS ÚTIL e mais formoso* (Filinto O. C. IX-474) – *gentes prostituidoras de QUANTO HAVIA nobre, popular e respeitado nesta terra* (Garrett V. M. T. I-148) *vós fabricareis sem estrondo DO QUE HÁ MAIS BELO e amável sôbre a terra* (Castilho F. pela A. 62) *D. João d’Ornelas encaminhou-se para a porta do aposento... sorrindo com um sorriso em que havia O QUE QUER QUE ERA DIABÓLICO* (Herculano M. de C. I-126) *não me culpeis PELO QUE lhe ACHARDES ROMANESCO* (M. Assis H. 5) – *ALGUMA COISA HÁ IRREDUTÍVEL no combate das crenças mais dísparas* (Silva Ramos P. V. F. 141).

824 – Elipse de “EM”.

A partícula EM quando vem exprimindo ideia de tempo, seja antes de substantivo, seja antes do pronome relativo QUE, muitas vezes pode suprimir-se: O ANO *passado* em vez de *no ano passado*; *no tempo QUE reinou D. Pedro* em vez de *no tempo em que reinou D. Pedro*.

I.º – Elipse do EM temporal, antes de substantivo

Pousos que a Escritura conta que fizeram os filhos de Israel OS QUARENTA ANOS que andaram no deserto (H. Pinto I. V. C. I-54) *era ali dos que melhor tinham de seu, Pero Vêlho... QUE O ANO PASSADO viera também com êle de Japão* (Lucena A. P. I-257) – *as naus que ÊSTE ANO tornaram para o reino* (Sousa A. D. J. I-16) *queixava-se o ANO PASSADO (se bem vos lembra) a sua e nossa pátria* (Vieira S. VII-77) – *tudo deixei, ob! Nise, AQUELE DIA* (Cláudio O. 20) *por ventura não és tu aquêlê egípcio que os DIAS PASSADOS levantaste um tumulto?* (Pereira B. S. Atos cap. XXI v. 38) – *o terceiro adoeceu A NOITE passada* (Rebelo D. N. T. G. S. P. 99) *não peço Ave-Marias, mas só que pense nêle ESTES PRIMEIROS DIAS* (Castilho Tart. 24) – *a décima edição impressa O ANO PASSADO reproduz literalmente a lição de 1888* (Rui R. n.º pg. 90).

2.º – Elipse do EM temporal, antes de QUE

Na hora QUE el-rei faleceu, os senhores e pessoas principais... abriram o testamento (D. Góis C. D. E. 5) – *esteve todo êste tempo QUE Tubal reinou em Espanha o sacerdócio e pontificado sumo em mão de Sem* (B. Brito M. L. I-11) *ao tempo QUE as naus dêste ano chegaram a Lisboa, estava el-rei em Coimbra* (Sousa A. D. J. II-3) – *teve muitas, em todo o tempo QUE andou entre hereges* (A. Barros V. A. P. A. V. I-26) *ao tempo QUE elas iam, eis que vieram à cidade alguns dos guardas* (Pereira B. S. Mat. cap. XXVIII v. II) – *no instante QUE sucedeu o que vos contei, o Mestre me deu esta carta* (Garrett

Alf. de S. 49) *um dia QUE Tibério Graco assistia no capitólio...* (Lisboa O. C. I-49) *nos primeiros tempos QUE se instituiu a caixa nem um lá aparecia* (Castilho C. A. I77).

d) Elipse da Conjunção

825 – Elipse de “QUE” integrante.

Quisestes que se fizesse em vós o que MEREÇO, SE FIZERA em mim (T. de Jesus T. de J. II-78) *e houve um, a quem PEDIU, O ENCOMENDASSE a Nosso Senhor* (Lucena A. P. I-263) – *com grande providência PERMITE DEUS, HAJA entre os homens êstes enganos* (F. M. Melo A. D. 29) *eu então, prostrando-me a seus pés LHE PEDI, ME FIZESSE cristão* (Bernardes N. F. II-112) – *É PRECISO, LHES DECLAREMOS os nomes* (Pita H. A. P. 6) *eu TE SUPLICO, ME OUÇAS com paciência* (Pereira B. S. Atos cap. XXVI v. 3) *ordenas-me, oh! rainha, RENOVE a dor infanda* (O. Mendes E. I. II.º v. 3) *a estas propostas PEDE o rigor lógico, AJUNTEMOS outra* (Castilho F. pela A. 38) – *com êste intento SOLICITOU dos Padres Lazaristas, se INCUMBISEM de satisfazer àquela necessidade* (Silvério V. D. V. I7) *o destino não PERMITIU, CHEGASSE ao têrmo da jornada* (Laudelino N e P. VI-28).

826 – Elipse de “QUE” nas locuções conjuntivas: QUE, POSTO QUE, SE BEM QUE, SUPOSTO QUE.

Nem D. Sancho Henriques pôde escapar de acabar às mãos dos mouros de Bintã, SE BEM escapou dêles no rio de Muar (Sousa A. D. J. I-268) *assim escreve êste caso um autor grave, SE BEM o padre Engelgrave o traz com alguma variação* (Bernardes N. F. II-132) – *esta consideração nos alentará neste lugar, porque, SUPOSTO não seja bastante para nos aliviar a saudade... sempre nos consolará na nossa pena* (Sacramento V. H. P. 26) *o monarca, SUPOSTO desejava que a armada se recolhesse com brevidade, deixou ao arbítrio do comandante a sua volta, para o reino ou demora no Brasil* (Gaspar M. H. C. S. V. I38) *sirva-nos de exemplo o gênero que, DADO nos agrada ainda no teatro... ei-lo resfriado e insôso quando escrito e nu* (Filinto O. C. IX-397) *sem o menor susto recebeu a honrosa, POSTO arriscada, nomeação* (Filinto O. C. IX-208) – *nesta, PÔSTO não desaparecessem os motivos da minha primeira admiração, tive azo de ir descobrindo suas máculas* (Castilho F. I0) *SE BEM a efigie de Afonso de Albuquerque... esteja sempre bem e justamente em qualquer parte... a colocação da sua estátua no arco da Rua Augusta... destoaria do pensamento fundamental* (Latino A. e N. I35) *a festa correu animada, PÔSTO a reunião fôsse restrita* (M. Assis H. I27) – *seus pais, SE BEM muito lhes custasse a separação... não lhes puseram remoras ao intento* (Silvério V. D. V. I2).

827 – É lícita a elipse da primeira parte das locuções conjuntivas que terminam por QUE ou por SE quando as referidas locuções na oração precedente já foram expressas por inteiro.

A urtiga e outras ervas desta qualidade POR MAIS QUE as semeiem nas frescas e deleitosas hortas E QUE as reguem e curem, sempre picam e magoam (H. Pinto I. V. C. III-145) – *E DADO QUE nada perca e QUE traga uma grande prêsa está bem esmada e malbaratada* (Arte 252) – *deixai-o passar, porque êle vai onde vós ides; vai, AINDA QUE zombeis dêle QUE o calunieis, QUE o assassineis* (Garrett F. F. C. 120) *DESDE QUE a liberdade política trouxe a liberdade do pensamento e QUE o engenho pôde aparecer à luz do dia* (Herculano L. e N. prólogo VI) *os seus olbos relampejavam... COMO SE tivesse diante o inimigo e SE o golpe fôsse a descer* (Rebello C. e L. 184).

828 – DE MANEIRA... QUE.

Nas conjunções consecutivas: DE *tal* MANEIRA, DE *tal* SORTE, DE *tal* MODO, DE *tal* FEIÇÃO, DE *tal* JEITO... QUE, pode suprimir-se a partícula *tal*.

Fui abalado DE MANEIRA que dei a negociação tôda por perdida (Sá Miranda O. C. II-220) – *e se perdeu Nino por seus amôres DE MANEIRA que a tomou a seu primeiro marido* (B. Brito M. L. I-15) e *êle se houve DE SORTE na embaixada... que deixa a dona ilustre afeiçoada a quem nunca pôs nela o pensamento* (R. Lobo C. de P. 26) *o negócio se apertou DE FEIÇÃO que aos gregos só deixaram a Iliada* (F. M. Melo A. D. 334) – *a população cresceu DE SORTE, que, achando-se nesta capitania o primeiro governador geral Tomé de Sousa, pelos anos de 1553, mandou criar nela uma vila* (Gaspar M. H. C. S. V. 219) *vem médico loquaz que com a pena homicida governa as cousas DE SORTE, que no esteio da vida levanta o trono de morte* (Tolentino Sat. 222) – *votou um ódio tão entranhável ao gênero humano e DE MANEIRA o reputava entregue aos crimes e aos vícios, que se pagava mais do desprezo que da estima dos homens* (Lisboa O. C. I-10) *um cocheiro... havia manobrado DE MODO a sua carruagem, que dera com ela na água dum canal* (Lisboa O. C. I-124) *DE MODO o vira, que não ousara aproximar-se* (Camilo T. I. 133) – *não poupando a correção corporal... DE JEITO, porém, a executava, que os meninos, depois de castigados, mais bem lhe ficavam querendo* (Silvério V. D. V. 32) *o recinto encheu-se DE MANEIRA que para entrar na platéia... era preciso jogar o murro e perder os botões do casaco* (Laet J. do C. ano 65 n.º 107 pg. I.^a col. 7.^a).

829 – Elipse da conjunção condicional.

Pode-se fazer a elipse da conjunção condicional *se*; neste caso a oração principal pode vir ou não com a partícula *E* e mais raramente com a partícula *QUE*.

I.º – Elipse do “SE” (sem “E”)

ACHASSE já o amigo, VÊ-LO-IA e saberia da filha (Sá Miranda O. C. II-172) *QUISÉSSEIS, Lília, espreitar-me uma hora, TU VERIAS sinais do meu amor* (A. Ferreira P. L. I-211) – *NÃO FÔRA tão formosa a luz, SE COMUNICARA com as trevas* (Bernardes N. F. II-198) *nunca T’EU VIRA, nem me viras nunca, MENOS AGRA talvez nos fôsse a vida* (G. Dias P. II-78) *FÔSSE única esta chave, AO LAGO a dera* (Castilho N. do C. 102) – *OUTRA FÔSSE aqui a ordem... DESFAR-SE-IA a beleza da forma* (Laudelino N. e P. IV-15).

2.º – Elipse do “SE” (com “E”).

TOMASSEM-LHE a doutrina, E tudo nesta casa iria òtimamente (Castilho Tart. 8) FÔSSE ela menos esquivada, E teria sobeja beleza para acorrentar os leões de S. Carlos (Camilo R. H. R. 211) RANCOROSO FÔSSE EU E estaria sobrecheia a medida da minha vingança (F. Castro P. P. 61) – FÔSSE realmente forte a esquadra chinesa... E o exército japonês certamente teria tornado às praias do Japão (Rui C. de I. 227) ARMADO SE ACHASSE o meu órgão visual com a luneta astronômica E por miríades contaria os astros cintilantes (Laet H. P. 15).

3.º – Elipse do “SE” (com “QUE”).

DISSERA-ME V. Mcê. injúrias, QUE elas chegaram mais diligentes (F. M. Melo C. F. 9) – NÃO FÔSSE a festa e o conde, QUE esta luva achava oitenta mãos (Castilho N. do C. 23) ESTIVESSE na Esquéria e me asilara outro brioso rei, QUE boa escola me daria ao trajeto (O. Mendes Od. I. XIII.º v. 53) NÃO FÔRA esta circunstância decisiva, QUE eu nêle insistiria (Rui R. n.º 188 pg. 87).

830 – Elipse da conjunção “PARA QUE”.

Logo secretamente lhe mandava que se tornasse à frota que deixara, NÃO FÔSSE salteado dos enganados que esperava dos ferros maometanos (Camões L. c. VIII.º e. 88) Senbor... alumia minbalma, NÃO SE CEGUE no perigo em que está (A. Ferreira P. L. 250) – no telhado o porei, NÃO NOS EMPESTE com seus malignos e mortais vapôres (Garção O. P. II-93) – então irás tu também, NÃO DESCONFIE teu pai (Garrett H. 103) iremos nós também, NÃO NOS ESCAPE o exame de consciência destes corações que o amor embalava nas asas da esperança (Rebello M. D. J. I-312) – chamo para o caso a atenção de quem o possa remediar, NÃO SURJA por aí algum vereador que queira mudar “Lisboa” para “Ulisboa” (Cândido C. S. S. 166) lá vêm êles... fazendo cruzeiros e figas às gentes que topam em seu caminho, NÃO VÃO elas impetirá-los com maus olhados (Antero S. do A. 46).

831 – Elipse da alternativa “NEM”.

Nas alternativas *nem... nem* suprime-se às vezes o primeiro NEM.

Mas de Deus... a escondida providência... o porá onde ESFÔRÇO NEM PRUDÊNCIA poderá haver (Camões L. c. X.º e. 29) o que naquela hora sentiria, deixo à consideração dos devotos, porque LÍNGUA NEM PENA podem declarar tamanhos excessos (T. de Jesus T. de J. I-63) – o qual, DE DIA NEM DE NOITE, cessava de velar sobre o seu rebanho (Bernardes N. F. II-151) – ânimo destemido, a quem TÓDAS AS MÁXIMAS de prudência bebidas nos livros e nas escolas, NEM TODOS OS CONSELHOS de seu pai... puderam subjugar (Filinto O. C. IX-182) – JURAMENTO NEM LEI me liga à pátria (O. Mendes E. I. II.º v. 161) uma felicidade que êle BEM NEM MAL sabia definir (Camilo A. de S. 199) podemos crer que A VELHA NEM RUBIÃO entenderam o dito (M. Assis Q. B. 139) – DEUS NEM SEUS anjos não podem executar as cenas ridículas... (Silvério C. Past. 181).

e) Elipse de Partículas já Enunciadas

832 – Uma vez já enunciados, podem elidir-se quando chega a vez da repetição: a preposição, o advérbio e o pronome *se*.

833 – Elipse da preposição já enunciada.

DESTAS E MUITAS OFENSAS *agravado... o mar de brancas velas traz coalhado* (R. Lobo C. de P. 3) – *quando se medita atentamente SÓBRE O ESPÍRITO do Cristianismo E A SABEDORIA com que seu divino Autor proporcionou os seus preceitos às necessidades e à fraqueza do homem, desaparecem tôdas as ilusões* (Seixas C. das O. II-35) *as argolas do caixão foram seguras PELOS CINCO familiares E O BENJAMIM* (M. Assis H. S. D. 75) – *êste documento... enche de gôzo a quantos se interessam... PELA EXTIRPAÇÃO ou SEQUER DIMINUIÇÃO dos crimes e pecados* (Silvério C. Past. 84) *blasfêmia CONTRA A RAZÃO E A FÉ* (Rui O. M. 41) *DESSAS E OUTRAS “palhas” me ocuparei talvez noutra ocasião* (Cândido C. S. S. 9).

834 – Elipse do advérbio já enunciado.

Enfim tornou a aparecer MAIS FORMOSA E RESPLANDESCENTE que dantes (Vieira S. V-120) – *o povo, desta feita, ao menos, MAIS MODERADO E PRUDENTE que os seus inimigos, satisfêz-se com esta pequena reforma* (Lisboa O. C. I-46) *é, todavia, uma das instituições MAIS FORMOSAS e PURAS dos nossos dias* (Herculano C. V. 238) – *a velbacaria explorada consiste na MAIS PÉRFIDA E CALUNIOSA propaganda* (Rui C. de F. 22).

835 – Elipse do pronome “SE” já enunciado.

O ânimo angustiado e lastimado SE ALEGRA E DESMELANCOLIZA com as palavras doces e consolatórias do leal amigo (H. Pinto I. V. C. III-154) *sòmente o cálamo é o que SE VENDE e USA, e não a raiz* (Orta C. S. D. I. I-144) *na soberba SE VÊ E ACHA a vareza* (Arrais D. 15) – *tudo o que SE ADMIRA E LOUVA em uma árvore... está na semente dela* (Bernardes N. F. III-133) *quando sucedia morrer algum, logo aquela, a quem êle fôra mais afeiçoado, SE ENTERRAVA E QUEIMAVA com êle* (Paiva C. P. 158) – *alguns sentimentos há que SE INCORPORAM e UNEM de tal sorte a nós, que vêm a ficar sendo uma parte de nós mesmos* (M. Aires R. V. H. 15) *as várias plantas... tecem compridas ruas, por onde a vista saudosa SE ESTENDE e PERDE* (Basílio O. P. 123) – *não TE APRESSES, NEM ALVOROCES, filho* (Camilo R. H. R. 245) *só ali é que SE ENCONTRAM e AJUNTAM os indivíduos todos da paróquia* (Castilho C. A. 78) – *então é que SE GAGUEJA e TITUBEIA* (Silva Ramos P. V. F. 116).

CAPÍTULO XVI

PARTÍCULAS EXPLETIVAS

836 – “NÃO” expletivo exclamativo.

Nas orações exclamativas que começam por QUE ou por QUANTOS é comum introduzir-se o advérbio NÃO sem lhes alterar o sentido. *Que belas vitórias alcançou o nosso exército!* ou *Que belas vitórias NÃO alcançou o nosso exército!*

Que grandezas NÃO estávamos nós já crendo do seu espírito (A. Ferreira P. L. I-149) – *que mortes, que roubos, que delitos, que incêndios NÃO temos ocasionado!* (F. M. Melo A. D. 109) *que de culpas nossas NÃO cobris com essa capa* (E. Matos E. C. 23) – *não digas: que poder NÃO tem sido o meu!* (Pereira B. S. Eclesiástico cap. V.º v. 3) *quantas vêzes NÃO via Madama d’Olmancé prostrados êsses camponeses aos pés de seu benfeitor!* (Filinto O. C. X-152) – *Oh! Figueiredo, Figueiredo, que grande homem NÃO foste tu!* (Garrett V. M. T. I-58) *vêde e considerai quantas dificuldades NÃO venceu a perseverança do ilustre português!* (Latino F. de M. 207) – *que mudança NÃO poderia operar na face do Ocidente o advento dêsse fator inesperado!* (Rui C. de I. 221) *e quantos olhos cegos ou fechados, abertos por êle à luz do céu, o NÃO contemplaram agradecidos!* (Laudelino N. e P. IV-200).

837 – “NÃO” expletivo comparativo.

Também nas orações comparativas usam os clássicos a partícula NÃO, dando mais realce à superioridade: *êle foi mais valoroso do que o foram seus companheiros* ou *êle foi mais valoroso do que o NÃO foram seus companheiros*.

Dom Jaime, duque de Bragança... foi homem prudente e dado à religião, mais desejoso de nela servir a Deus que NÃO em outro estado (D. Góis C. D. E. 160) *têm mais respeito aos bons costumes de seus vassallos que NÃO à qualidade e grandeza de sua real pessoa* (J. Barros Pan. 148) – *a ruína do Império Romano foi mais causada das inumeráveis gentes que do norte saíram que NÃO de sua destreza militar* (Severim N. de P. I-10) *à nossa ordem, mais crédito lhe granjeara a virtude de nosso Padre São Domingos que NÃO suas letras* (Sousa V. do A. II-55) *mais padecem os homens na contradição de seus juízos que NÃO de suas obras* (F. M. Melo A. D. 177) – *mais preciso de sossêgo que NÃO de inquietar o repouso de ninguém* (Filinto O. C. X-42) – *êstes gabinetes de leitura haviam de ser mais concorridos do que o NÃO são os das cidades* (Castilho C. A. 124).

838 – “QUE” expletivo com advérbios.

É comum acompanharem-se advérbios como QUASE, TALVEZ, DEVERAS, CERTAMENTE, POR FORÇA, VERDADEIRAMENTE, etc., de um QUE expletivo.

VERDADEIRAMENTE QUE *mor inveja tenho a um atribulado paciente que a quantos vivem em tôdas as prosperidades do mundo* (H. Pinto I. V. C. III-70) REALMENTE QUE *não sei como os não remorde a consciência* (Couto S. P. 66) – ENFIM QUE *chegaram nossos olhos a ver Deus Menino esquarterado* (A. de Sá S. N. S. M. I) *no caminho da vida* PORVENTURA QUE *estou já no fim* (Bernardes P. E. 152) *já* QUASE QUE *não tinha remédio* (Arte 102) – QUIÇÁ QUE *presago, o coração lhe anunciava as calamidades* (Pita H. A. P. 278) TALVEZ QUE *ao bem de a ver amor resista* (Gonzaga M. de D. 192) VERDADEIRAMENTE QUE *muitas casas grandes e vistosas virão a ficar êrmas sem habitador* (Pereira B. S. Isaías cap. V.º v. 9) QUASE QUE *sempre se despedem dêstes mansos retiros para serem desposadas* (Filinto O. C. X-9) – QUASE QUE *não há vento* (Garrett F. L. S. 31) TALVEZ QUE *o assaltava um pensamento* (G. Dias P. II-125) *quem assim fala*, POR FÔRÇA QUE *tem visto muita cousa* (Castilho C. A. 181) *se os que o acatavam como um predestinado soubessem quão negra era a predestinação do poeta*, PORVENTURA QUE *essa espécie de culto... se converteria em compaixão* (Herculano E. P. 20) CERTAMENTE QUE *as ironias dêle eram cruéis* (M. Assis H. S. D. 108) – ora DEVERAS QUE *muito atrevidos estamos sendo* (Rui C. L. 206) *não a mestres, mas aos que o não são*, TALVEZ QUE *a leitura do presente volume... possa ministrar alguns conhecimentos* (M. Barreto A. D. G. 8).

839 – Também é comum o uso de: “QUE” expletivo exclamativo.

Quanto QUE *sabe êste malvado!* (Sá Miranda O. C. II-172) *oh! QUE não sei de nojo como o conte!* (Camões L. c. V.º e. 56) *oh! que luz tamanha QUE abrir sinto!* (Camões L. c. X.º e. 39) – *oh! meu amantíssimo Jesus que lastimado, que ferido, que atormentado QUE estais!* (E. Matos E. C. 5) – *ab! QUE já chega Márcia* (Garção O. P. II-234) *ab! QUE eu sinto gemer a humanidade!* (Basílio O. P. II5) *ab! QUE de quanto vi fiquei pasmado!* (Cláudio O. II5) *que diversos QUE são os gênios nossos!* (Gonzaga M. de D. 15) *sôbre a minha ventura é que eu estremecia? oh! QUE não!* (Filinto O. C. X-I40) – *oh! Mendo, Mendo, QUE não sei que te diga!* (Garrett Alf. de S. 96) *estólido QUE fui* (G. Dias P. II-67) *Jesus, QUE estou perdido!* (Castilho Tart. 178) *oh! senhor que lisonjeiro QUE estais* (Herculano M. de C. II-238) *que abismo QUE há entre o espírito e o coração!* (M. Assis Q. B. 8) – *que palmas QUE teve então para êle a mocidade* (Rui C. L. II0) *que tesouro QUE são os livros de Rui* (Laudelino N. e P. IV-226).

840 – “QUE NÃO” expletivo.

Podem-se juntar na mesma frase exclamativa os dois expletivos QUE e NÃO.

Que mêdos QUE NÃO põem ao vulgo os mascarados coos rostos de cortiça! (Castilho G. I. II.º v. 460) – *que tratos QUE NÃO dão aos pés em que se parte o metro!* (Silva Ramos P. V. F. 272) *que*

extraordinário assunto para pintar QUE NÃO é êste vale de Penacova, visto do Penedo do Castro (Antero J. em P. 227).

84I – “SE” expletivo interrogativo.

As orações interrogativas podem às vezes começar pela conjunção SE.

Aquêle é meu amo; SE me ouviria? mas êle não ouve já muito bem (Sá Miranda O. C. II-149) *oh! meu bom Jesus, SE será esta pior dureza que a dos judeus e SE vos descontentarei com ela pior do que êles?* (T. de Jesus T. de J. I-314) – *SE terão também disso a culpa os relógios da cidade?* (F. M. Melo A. D. 9) *SE será Deus servido de dar poder ao diabo para meter na cabeça a V. Mcê. que se perde pelo caminho do Céu, depois de lhe fingir que se podia salvar pelo caminho do inferno?* (Chagas C. E. 163) – *SE a quererá mesmo assim o alfaçame?* (Garrett Alf. de S. 69) *SE o aguardaria no paço rasgo ainda mais cômico?* (Rebelo D. N. T. G. S. P. 208) *SE voltaria boje Fr. Isidoro?* (Herculano M. de C. I-304) *SE nos vai ler uma nova Eneida o Caminha?* (M. Assis P. R. 229).

CAPÍTULO XVII

PLEONASMO

842 – “ESSE”, “ELE”, “ELE MESMO” enfático.

Muitas vezes, o sujeito já expresso de uma oração é reforçado enfaticamente pelos pronomes ESSE, ELE, ELE MESMO, TODO ELE, etc.

Os HOMENS *de rasteiros pensamentos...* ÊLES MESMOS *se deserdam...* (H. Pinto I. V. C. I-57) QUEM MAIS CUIDA *que vive*, ÊSSE *mais sonha* (A. Ferreira P. L. I-71) O AMOR *que tão afervorado foi e apressado em padecer por mim*, ÊSSE *abra neste coração uma fonte de lágrimas* (T. de Jesus T. de J. I-41) – OS LAMENTOS *e GRITOS das mulheres*, ÊSSES *as descobriam, sendo seus ais seu maior perigo* (Jacinto V. D. J. C. 242) ESTA TIRANA, ELA MESMA, *era o ídolo* (Vieira S. XI-64) AQUÊLE *que se exercita em obras do amor de Deus e do próximo*, ÊSSE *toma o livro de Jó ao ombro* (Bernardes N. F. III-18) – *pois a MANA, senhor, ESSA não zomba* (Garção O. P. II-67) o ÍDOLO, *que é feito por indústria das mãos, tão maldito é* ÊLE MESMO *como quem no fêz* (Pereira B. S. Sab. cap. XIV v. 8) MALEBRANCHE *que vivia retirado...* ÊSSE, *pelo seu estilo, deu aos filósofos o traslado que deviam seguir* (Filinto O. C. IX-371) – *o Sr. D. João V^o, ÊSSE teve paz e fortuna* (Garrett F. L. S. I35) *se ÊLES acabassem assim* TODOS OS ROMANCES, *bem bonitos eram* (Garrett Alf. de S. I35) os INSTRUMENTOS *de que Deus se serve*, ÊSSES *sim, podem ser bons ou maus* (Lisboa V. P. A. V. 56) *qualquer que ÊLE fôsse, porém*, O PRAZO *fatal daquele cativoiro* (M. Assis M. e L. 5) – *o largo e soberbo CONFRONTO que êle fêz entre o mar e o sertão... é*, TODO ÊLE *uma hipotipose grandiosa* (Laudelino N. e P. IV-I33) *isso, porém, não demonstra que* O MUNDO REAL *se reduza*, TODO ÊLE, *a violência e arbitrariedade* (Rui G. G. 38).

843 – Infinito enfático.

Também, por ênfase, antes de uma oração qualquer que tem o predicado no modo finito pode-se pôr este verbo no infinito.

SONHAR, *sonhas tu acordada, filha* (Garrett F. L. 35) PERTENCER, *pertenciam ao município*; GUARDÁ-LOS, *guardava-os o mestre no armário da escola* (Castilho C. A. I23) VESTIR, *não se soube vestir* (M. Assis N. R. 204) – LER, *não leu*; ESCREVER, *não escreveu*; RUMINAR, *não ruminou*; PRODUZIR, *não produziu* (Rui O. M. 6).

844 – Dupla negativa.

A duplicação da negativa é não só de uso popular mas também de largo uso clássico.

NÃO *fiquei homem* NÃO (Camões L. c. V.º e. 56) *a lei velha por si NÃO levava NINGUÉM à eterna bem-aventurança* (H. Pinto I. V. C. I-74) *quando o Arcebispo fôr às juntas, NÃO poderão fazer NADA* (Couto S. P. I37) – *éstes que aqui acodem, NUNCA mataram NINGUÉM* (F. M. Melo A. D. I36) *NUNCA NINGUÉM entrou por arcos triunfais mais gloriosos* (Vieira S. IX-306) *buscava ainda a torrente por dizer-lhe que a NÃO deixasse NÃO* (Bernardes N. F. I-206) – *acordei e NÃO vi NADA* (Gonzaga M. de D. I91) *cumpram-se as leis do fado, que com todo seu poder NÃO atalhou NUNCA os maus pensamentos de se dirigirem sempre a vós* (Filinto O. C. IX-220) – *um drama em que NÃO morria NINGUÉM era havido por sensabor* (Garrett V. M. T. II-41) *bás-me de jurar que NÃO te custará NADA* (Herculano L. e N. II-21) *aquele malandro NÃO pensa em NADA* (M. Assis Q. B. 03) – *acima dela NÃO deve existir NENHUM poder* (Rui C. L. 37) *NÃO faltou NINGUÉM à chamada* (Cândido M. S. 93) *eu não disse, NUNCA NENHUM católico disse que a onisciência seja atributo dos anjos* (Laet H. P. II2).

845 – NUNCA JAMAIS.

Entre estes casos de dupla negação, é frequente o uso da locução NUNCA JAMAIS.

E trabalhando o padre todo o possível por soldar, com sua virtude, esta quebra e esta discórdia, NUNCA JAMAIS pôde (F. M. Pinto Per. II-I56) *NUNCA JAMAIS se faça paz ao Samorim* (Couto S. P. I24) – *NUNCA JAMAIS houve remédio* (F. M. Melo A. D. 67) *NUNCA JAMAIS chegarão aos ouvidos dos homens* (Vieira S. III-39) – *NUNCA JAMAIS da autenticidade desta epístola se duvidou* (Pereira B. S.) *NUNCA JAMAIS se apaga o afeto que à luz do mérito e da virtude se acendeu* (Filinto O. C. XI-559) – *Elisário trazia no peito da camisa um botão de coral, objeto de grande espanto e aclamação por parte dos rapazes que NUNCA JAMAIS o viram com jóias* (M. Assis P. R. 37) *sociedade... qual NUNCA JAMAIS a poderiam ter os sarões das maiores côrtes e dos maiores reis* (Castilho F. pela A. 19) – *NUNCA JAMAIS... se lhe ouviu a menor queixa* (Silvério V. D. V. 256) *só quem NUNCA JAMAIS leu os clássicos poderá contestar a legitimidade daquelas construções* (Sá Nunes A. L. N. I-264).

846 – Tríplice negativa.

Às vezes até, por ênfase, gracejo ou ironia, pode aparecer a negação triplicada.

NÃO *viste NUNCA NENHUM verdadeiro humilde que fôsse cobiçoso ou avarento* (H. Pinto I. V. C. I-56) *tem sempre o que deseja, com NÃO ter NUNCA NADA* (A. Ferreira P. L. I-I20) – *NÃO vi coisa NUNCA JAMAIS que tanto horror me produzisse como aquela carranca* (Castilho F. 277) *NUNCA JAMAIS NINGUÉM acreditará que o sangue de rato, dado a beber a um homem, possa fazer do homem um ratoneiro* (M. Assis H. S. D. II3) – *incontestavelmente desde o barão de Munckausen, NINGUÉM NUNCA JAMAIS amou e honrou tanto a verdade* (Rui R. de G. 54) *NÃO serei eu*

NUNCA JAMAIS *quem serei mais realista que o rei* (Sá Nunes. A. L. N. II-46) *o mesmo pode dizer-se... de outras inumeráveis palavras homográficas e homofônicas e por certo NUNCA JAMAIS NINGUÉM vacilou tomando uma pela outra* (M. Barreto F. L. P. 267).

847 – SEU, DELE.

Para maior clareza, reforça-se, por vezes, o possessivo: SEU, SUA, SEUS, SUAS, com as contrações DELE, DELA, DELES, DELAS.

Que música A SUA DÊLES e que contraponto (Sá Miranda O. C. II-125) *já êle matou e comeu muitos dos SEUS DÊLES* (D. Góis C. D. E. I42) *descobriu a verdade ao tirano, pedindo-lhe que não matasse aquêlê menino que era filbo dum seu amo, mas que matasse o SEU PRÓPRIO DÊLE* (H. Pinto I. V. C. II-284) – *e o dinheiro se quer lançar no mar pelos SEUS duelos DÊLES* (F. M. Melo A. D. I08) – *o SEU Deus DÊLE é um Deus de terrores* (Garrett V. M. T. I-183) *indignas-te de ver que homens, cheios de benefícios e honras pela rainha de Portugal, venham, nos SEUS paços DELA, urdir o trama dos seus pérfidos desígnios* (Herculano B. I61) *a espôsa... deixava ao pai o gôzo inteiro das regalias do SEU patrimônio DELA* (Camilo R. H. R. I39) *estas é que deviam falar ali a SUA língua DELAS* (M. Assis M. e L. 30) – *como não hão de ensinar contra a Religião Católica, se o SEU fim DÊLES, abrindo colégios, aulas e escolas é combater essa Religião?* (Silvério C. Past. 95).

848 – ME... A MIM.

Não raro os pronomes oblíquos ME, TE, SE, LHE, NOS, VOS são pleonasticamente reforçados pelo acréscimo da forma analítica: A MIM, A TI, A SI, A ELE, A ELES, A NÓS, A VÓS.

Quem ME manda A MIM olhar por culpas, nem por desculpas? (Bernardim M. e M. 6) *se ME não perder A MIM por minha vontade, não vos posso perder a vós* (T. de Jesus T. de J. I-36) *nem me pode A MIM parecer bem aquela opinião do imperador Tibério César* (J. Barros Pan. 8) – *assim, senhores, vos pedem que VOS não invejis a VÓS mesmos* (Sousa A. D. J. I-249) *falta-ME A MIM coragem para mostrar aqui o que recolhem* (Arte 268) *abominando a fé de uns homens, tantas vêzes quebrada, quantas LHES fôra A ÊLES índios oferecida* (A. Barros V. A. P. A. V. I-153) *A TI se TE permite falar* (Pereira B. S. Atos cap. XXVI v. I.º) *A MIM mais ME diverte* (Garrett V. M. T. I-58) *que NOS importa A NÓS que essa comemoração seja a 27 ou a 28?* (Herculano L. e N. II-177) *tendo-LHE ouvido A ELA uma porção de coisas bonitas e vagas* (M. Assis Q. B. I83) – *venceram-ME êles A MIM* (Rui O. M. 22).

849 – Objeto pleonástico.

Os complementos objetivos e os terminativos regidos da preposição A SÃO mui frequentemente lembrados com o pronome oblíquo, quando vêm antepostos ao verbo.

O VENENO *espalhado pelas veias, curam-NO às vêzes ásperas triagas* (Camões L. c. IX.º e. 33) AO DOENTE *não se LHE há de fazer a vontade* (Sá Miranda O. C. II-I68) *as TAIS JORNADAS, nem Deus AS consente, nem o rei AS quer* (Couto S. P. 53) – AOS MOÇOS LHES *falta aquela balança das ações que só dos anos se pendura* (F. M. Melo A. D. 233) o MARTÍRIO, *não o faz a pena senão a causa* (Bernardes N. F. III-I4) A EL-REI Davi LHE *aconselharam os seus, que não saísse à campanha* (Vieira S. XIV-312) – *há poucos dias que, AO PASTOR Montano, LHE morreu uma ovelha* (Cláudio O. 64) SUA JUSTIÇA, *todos os cidadãos A celebravam* (Filinto O. C. IX-86) – A ÊSTE *negrejavam-LHE na idéia o calaboiço, as varas, a grilbeta, a farda rasgada, o fuzilamento* (Castilho F. pela A. 213) AS OUTRAS FLORES, *tinham-NAS mirrado os ardores do estio* (Herculano L. e N. II-I23) *nem AO PRIOR, nem AO CAPITÃO do mar, LHES ocorreu de certo a mais leve sombra destas reflexões* (Rebelo C. e L. 216) – AO HOMEM, *deu-LHE Deus a sensibilidade para amar o bem* (E. C. Ribeiro P. L. E. 97) OS PORTENTOS *de que esta força é capaz, ninguém OS calcula* (Rui O. M. 41) PROVA *disto, nós A temos no IV.º livro dos Reis* (Laet H. P. 24).

850 – LHE... A ALGUÉM.

Muitas vezes o pronome LHE é quem antecede ao complemento terminativo regido da preposição A.

Muitas vêzes LHO *ouvi contar AO MESMO MÁRIO* (Sá Miranda O. C. II-275) *que LHE parece a V. MERCÊ, que torpezas e fealdades se cometem nas míseras cidades que êles vão visitar?* (Couto S. P. 68) – *que LHE doeria ao RELÓGIO Metropolitano?* (F. M. Melo A. D. 16) *nenhuma parte LHE falta A S. ANTÔNIO* (Vieira S. VIII-I34) *sem LHE valerem, entretanto, AO ANIMAL, nem o refinado dos gritos, nem o assanhado da cólera* (Bernardes N. F. II-39) – *não LHE ESQUECE, porém, AO SÁBIO que, aos títulos, respeito externo lhes cabe* (Filinto O. C. IX-365) – *praz-LHE AO SENHOR BERNARDIM RIBEIRO zombar de nós* (Garrett F. L. S. 201) *que LHE importam AO DESGRAÇADO as ameaças do céu ou as ruínas da terra?* (Rebelo C. e L. 33) *a Virgem Santíssima há de acudir-LHE AO SEU FILHO* (Herculano L. e N. II-201) *o que LHE doía Á MULHER não era tanto o mal do homem* (M. Assis Q. B. 392) – *na Salve-Rainha, nós LHE deprecamos à MÃE DE MISERICÓRDIA que nos mostre Jesus* (Laet H. P. 120) *parece-LHES A ALGUNS GRAMÁTICOS ser o único emprêgo correto, o da terceira pessoa* (M. Barreto N. E. L. P. 333) *quer-LHE parecer AO AUTOR da Réplica que “levantamos testemunho” a Juvenal* (E. C. Ribeiro Tr. pg. XXIV).

851 – AMBOS OS DOIS não é considerado pleonasmo vicioso, pois é de uso clássico.

Ob! meu grande Deus, que parvos são AMBOS OS DOUS e ambos crianças (Filinto O. C. XI-497) – *o que um pouco mais embaraço poderia causar é a coincidência... de serem AMBOS OS DOIS, Henrique e Afonso, cavaleiros do tempo das cruzadas* (Castilho N. do C. 120) *o certo é que AMBOS OS DOUS monges... caminhavam juntos* (Herculano M. de C. I-I02) *ambas as formas são gramati-*

cais? são-no AMBAS AS DUAS? (Rui R. n.º 40 pg. 68) *diz-se “fazer em pedaços” ou “fazer pedaços”;* AMBAS AS DUAS *formas são autorizadas* (M. Barreto N. E. L. P. 72).

852 – O mesmo se diga da expressão VER COM SEUS OLHOS.

Eu VI COM MEUS OLHOS na coroação do Papa Pio IV... irem queimando diante dèle umas estôpas (H. Pinto I. V. C. II-91) – *como não?...se o VI COM OS MEUS OLHOS e tinha êstes e êstes sinais!?* (Bernardes N. F. II-344) *VIRA êle COM OS SEUS OLHOS, no Pará, a um soldado português, pegar por um braço à mulher de um índio* (A. Barros V. A. P. A. V. I-I47) *VI COM OS MEUS OLHOS ao Senhor Rei dos exércitos* (Pereira B. S. Isaías cap VI.º v. 5) – *o infante decidiu-se A VER, PELOS SEUS OLHOS, um espetáculo que só imaginado lhe cortava a alma* (Rebelo O. V. N. C. 24) *mais de um dirá que a VIU, COM OS SEUS PRÓPRIOS OLHOS* (M. Assis P. A. I68) *E VI EU, COM ESTES OLHOS... o mar de Genezaré* (Castilho Q. H. P. I-121).

853 – O PARA QUE... É PARA.

Comparem-se as duas frases de Vieira: *O fim, PARA que Deus veio ao mundo, foi VENCER a morte* (Vieira S. XIV-323). *O fim, PARA que vinham buscar a Cristo, era PARA O CONSULTAR* (Vieira S. VII-15). É muito usada pelos clássicos, nestes casos e outros semelhantes, a repetição pleonástica da preposição que se nota na segunda frase.

O principal DE que naquele Conselho... se tratava, era DA vida e doutrina do Senhor e achar coisa de que o pudessem acusar (T. de Jesus T. de J. I-49) *o A que êstes homens vão, é A mandar dinheiro* (Couto S. P. 81) *o EM que mais se esmeram... é EM edificar e sustentar hospitais* (Lucena A. P. II-28) – *a coisa EM que mais agradareis a Deus é EM fazer a sua vontade* (Chagas C. E. 208) – *o DE que se havia mister era DE braços e não de terras* (Lisboa V. P. A. V. 74) *o PARA que elas vão àquela casa, é PARA aprenderem a trabalhar* (Castilho C. A. I03) – *o DE que precisamos é DE paz, o POR que suspiramos é PELA paz* (Silvério C. Past. I99) *o DE que se temem sòmente, é DO govêrno das leis* (Rui R. de G. 244).

CAPÍTULO XVIII

ANACOLUTO

854 – O... LHE.

O caso mais frequente de anacoluto entre os clássicos é o de pleonasma do complemento terminativo antecedente ao verbo, relembrado depois pelo pronome oblíquo LHE: *ao desgraçado tremiam-lhe as pernas* tornado anacoluto pela supressão da preposição A: O DESGRAÇADO, *tremiam-LHE as pernas*.

OS CAVALEIROS *por amôres... tudo LHES está bem fazer* (Bernardim M. e M. 26) ÊSTE *depois que contra os descendentes da escrava Agar, vitórias grandes teve... deu-LHE o supremo Deus, em tempo breve, um filho* (Camões L. c. III.º e. 26) o REI *que há de ter o seu povo livre de todo o mal e descansado, cumpre-LHE que não creia nenhum falso contentamento* (J. Barros Pan. 105) – D. MANUEL, *não entendendo o sinal do navio, pareceu-LHE que de confiado o chamava à peleja* (Jacinto V. D. J. C. 228) *os que estão fora dela, não LHES é lícito comer daquele pão* (Vieira S. XI-85) – *o que perde a honra, não LHE serve de alívio a vida que conserva* (M. Aires R. V. H. 5) OS FRUTOS *que brotaram no sítio que lhes é natural, basta-LHES um cultivo ordinário e mediano desvelo* (Filinto O. C. IX-467) – e O DESGRAÇADO, *tremiam-LHE as pernas e sufocava-o a tosse* (Garrett V. M. T. I-63) O MOLEIRO, *desde que o filho casara, andava-LHE tudo à medida dos seus desejos* (Herculano L. e N. II-234) O HOMEM *de hoje, compunge-LHE o coração ao vaguear por aquelas galerias* (Latino A. e N. III) – UM *que se achava em miserável estado, vivendo com a má ocasião de portas a dentro, escreveu-LHE D. Antônio estranhando seu viver desregrado* (Silvério V. D. V. 163).

855 – QUEM... LHE.

É comum também encontrar-se este caso de anacoluto em frases que começam com o pronome QUEM.

QUEM *vive sem ventura, em grã tristura, ver prazeres LHE é mais morte* (Gil T. 45) QUEM *há de ser pastor de seu povo, cumpre-LHE ser limpo e afastado de todo o vício* (J. Barros Pan. 7) – QUEM *tem por si o braço de Deus, não LHE são necessários para vencer, muitos cavalos, nem um só cavalo* (Vieira S. XIV-317) QUEM *recebe a pobreza e vive em paz com ela, promete-LHE Deus o reino do Céu* (Bernardes P. E. 101) – QUEM *não tivesse vaidade, não LHE importaria nunca que outros a tivessem* (M. Aires R. V. H. 7) e QUEM *segundo suas posses a tiver escolhido, a houver bem estudado e digerido na mente, nem ordem, nem facúndia tem de LHE falecer* (Filinto O. C. IX-399) – QUEM *tem o coração*

folgado, folgue-LHE o rosto, que é de razão (Garrett Alf. de S. 15) – *QUEM isto desprezar, eu LHE aconselho que antes se dê a fazer prosa* (Silva Ramos P. V. F. 274).

856 – EU... ME PARECE.

Prende-se aos casos precedentes o uso do pronome reto solto e depois o pronome oblíquo: EU... ME PARECE em vez de a mim... me parece.

Dali via o mar mais ao longe; ali as suas ondas mais bravas que em outro lugar batiam, mas ÊLE, tudo LHE parecia manso em comparação de seu pesar (F. Moraes P. de I. 39) *EU que cair não pude neste engano... encheram-ME com grandes abundanças o peito de desejos e esperanças* (Camões L. c. V.º e. 54) – *TU que no santo templo, a par de mim, aos olhos, te mostravas, dos filhos de Israel, como é possível que a medonha perfídia, que a feia ingratidão não TE horrorizem* (Caldas S. de D. 265) – *e EU quase que também já se ME pega o mal* (Garrett F. L. S. 70) *ora EU que (Deus louvado) de ruínas me não temo e a escutar néscios me não detenho, parece-ME que não poderia, por enquanto, empregar melhor a minha fôlba de papel* (Castilho F. pela A. 83) *e EU, qual é então o papel que Vossa Paternidade ME destinou?* (Rebello L. e T. II-89) *EU cá por mim, depois que chegou o Sr. Simão, parece-ME que lhe devíamos dizer tudo* (T. Vasconcelos P. A. D. 157) *vós, que se VOS dá das agonias do espírito?* (Herculano C. V. 238).

857 – QUEM LHE FALTAR ALGO.

Dá-se com o pronome QUEM outro caso notável de anacoluto, quando em vez de se dizer p. ex.: *não seja ordenado quem não possuir esta qualidade* se diz como Fr. Luiz de Sousa: *não seja ordenado QUEM LHE FALTAR ESTA QUALIDADE.*

Mal vos dará de comer QUEM DE TODO LHE É DEFESA A CASA e mais a mulher (Camões T. 92) *açoutava e não achava QUEM LHE DOESSE* (T. de Jesus T. de J. I-206) – *de subdiácono não seja ordenado QUEM LHE FALTAR ESTA QUALIDADE* (Sousa V. do A. I-II4) *nem o Senhor se ausentou de todo de QUEM LHE DÃO CUIDADO SUAS AUSÊNCIAS* (Bernardes N. F. I-228) – *que rejúbilos de coração para QUEM FADADO LHE FOI DE CIMA O ENTENDER E AMAR!* (Camilo Q. de A. 67) – *não poderá fazer consciencioso estudo de textos, QUEM LHE FALTAM conhecimentos extensíssimos em matéria literária, filológica e histórica* (M. Barreto A. D. G. 254).

858 – Anacoluto com o possessivo.

Outro caso frequente de anacoluto dá-se com o possessivo. Põe-se um substantivo ou pronome solto na frase e depois um possessivo que a ele se refere: OS PODEROSOS E SOBERBOS, *todo o mundo é SEU.*

Bem me disseram a mim que O AMOR de homem estrangeiro, estrangeiras eram as SUAS obras (Bernardim M. e M. 106) *para os pequenos há de estar o rei e governador aparelhado para os favorecer e lhes fazer justiça, porque OS PODEROSOS E SOBERBOS, todo o mundo é SEU* (Couto S. P. 61) – os

HUMILDES *tudo* o SEU *lhes parece pouco* (F. M. Melo C. F. 63) ÊSTES TAIS o SEU *lucro é a miséria* (Bernardes P. E. 90) – ÊLES o SEU *único desejo é exterminar-nos* (Garrett V. M. T. I-100) *mas VÓS, senhor conde, qual é VOSSO título para constranger minba vontade?* (Herculano B. 171) e TU, *minha alma, encontrei* o TEU *cordial* (Camilo R. do P. 216).

859 – Outros exemplos originais de anacoluto pomos aqui para que se possa bem observar a liberdade com que usam os bons autores deste expediente, quando, sem prejuízo da elegância, querem dar mais energia à frase.

Mas é necessário que, O QUE *não vive em si, viva Cristo* NÊLE (H. Pinto I. V. C. II-144) *veréis ÊSTE que agora pressuroso por tantos mêdos o Indo vai buscando, tremer DÊLE Netuno de medroso, sem vento suas águas encrespando* (Camões L. c. III.º e. 47) – *árvore que com pequena tempestade cai, ou tem poucas raízes ou é muito terra ainda; V. S.^a. que com pouco se turba,* OU A VIRTUDE É TENRA, *ou não tem nenhum fundamento* (Chagas C. E. 36) QUEM *madruga mais, é PORQUE necessita mais* (Vieira S. V-153) *resolvera o seu caritativo zêlo dar o pasto da divina palavra àquelas ovelhas QUE, ainda que poucas, NÃO CUSTARA POUCO A SUA REDENÇÃO* (Bernardes N. F. I-94) – EU VERMELHA *e como carmesim coos forcejos que fazia por me dar ar,* TOMARAM-NO *por delírio* (Filinto O. C. XI-484) – *não vejo senão uma graciosa aldeia da Suíça, um grupo de choupanas inglesas QUE LHES NÃO FALTAM NEM OS PINHEIROS ALPINOS para completarem a ilusão* (Garrett H. 82) POESIA OU ROMANCE, *música ou drama que as mulheres não gostem, É PORQUE não presta* (Garrett V. M. T. I-70) ÊLE, *por exemplo, que teria dito DÊLE o finado?* (M. Assis H. S. D. 82) VOCÊ *que não quer mostrar, POR ALGUM MOTIVO HÁ DE SER* (M. Assis H. S. D. 261) ECOS *do mundo, NENHUM chega a nosso êrmo* (Camilo A. de S. 211) – *energias foram-se abaixo, brios, perdidos; PROTESTOS SAGRADOS passei por cima DÊLES* (Antero Cômicos 4.^a ed. pg. 251).

860 – Anacoluto aparente.

Às vezes, porém, o anacoluto é só aparente. Não há anacoluto, mas somente uma graciosa ordem inversa v. g. no exemplo de Sá Miranda: *HOMEM QUE NO MAR ENTRA, O MENOS QUE TEME É O MESMO MAR* em vez de *o menos que teme homem que no mar entra é o mesmo mar*.

HOMEM que no mar entra, O MENOS QUE TEME é o mesmo mar (Sá Miranda O. C. II-156) – *AS GRANDES VIRTUDES mor é o espanto que PÕEM que o trabalho que dão* (H. Pinto I. V. C. IV-248) ÊSTES, *o rei que TÊM não foi nascido príncipe* (Camões L. c. X.º e. 130) – *mas BRICO, como quem entendia a facilidade com que se ganham vontades de povo, a primeira jornada QUE FÊZ foi à Lusitânia* (B. Brito M. L. I-19) EU *na minba Curta Latiniparla e O AUTOR na sua Carta de Guia, não parece que nos AMASSAMOS bem com mulheres doutôras* (F. M. Melo A. D. 495) *é digno de observação que o DEMÔNIO, para arruinar a êste varão santo... o instrumento que ES-*

COLHEU *foi sua própria mulher* (Bernardes N. F. II-81) — *por isso EL-REI D. Filipe II.º, quando VIU Lisboa, logo a sua prudência determinou e prometeu passar a sua côrte para ela* (A. Barros V. A. P. A. V. I-36) — OS DOIS, *o que QUERIAM no fim de tudo era salvar as aparências* (Rebello M. D. J. II-126) O LETRADO, *está sabido o que lhe RESPONDE* (Castilho C. A. 278) *os olbos da minha face viram as grandezas da arte, OS DA ALMA, voltados sôbre si mesmos, o que VIAM era a enchente do fel sem intermissão* (Camilo N. B. J. M. 146) — *mas ESSAS EXCEÇÕES já vimos os limites em que SE ENCERRAM, para que o bloqueio não deixe de ser efetivo* (Rui G. G. 201) O PASTOR *que deveras quisesse conseguir sua mudança e pô-la em caminho de melhoramento perdurável, era fôrça COMEÇAR pela reformação do clero* (Silvério V. D. V. 99) *aqui nesta Veneza americana, QUEM QUISEER divagar por noites de luar, o instrumento de que SE DEVE MUNIR, não é o mandolim, é o apito* (Silva Ramos P. V. F. 47).

CAPÍTULO XIX

OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

a) Orações Concessivas

861 – Com SER.

As concessivas podem ser substituídas por infinitivas regidas da preposição COM: *embora fosse cristão nascido, nunca mais ajoelbara à cruz* OU COM SER *cristão nascido, nunca mais ajoelbara à cruz* (Rebello).

Êles mesmos os escondiam em suas casas... COM SABEREM *que nisso faziam contra a lei e premática de seu rei* (D. Góis C. D. E. 36) *se*, COM os *viso-reis* ESTAREM *amarrados ao Conselbo geral da Índia, muitas vêzes por cima dêles, fazem o que querem, que seria deixando tudo em só seu parecer?* (Couto S. P. 131) – *a mesma artilharia de bronze*, COM SER FEITA *do mais paciente dos metais, também se esquentava com perigo* (F. M. Melo A. D. 178) COM SER *tão freqüente a sua oração, as distrações dela tôdas juntas montariam o espaço de uma Ave-Maria* (Bernardes N. F. III-104) – *a mesma humildade*, COM SER *uma virtude oposta, também costuma nascer da vaidade* (M. Aires R. V. H. 9) *um justo*, COM SER *santo, muitas vêzes cai no dia* (Sacramento V. H. P. 146) – COM SER *cristão nascido, nunca mais ajoelbara à cruz ou se encomendara à Virgem* (Rebello C. e L. 20) *a idéia*, COM SER *imaterial... tem deixado, muitas vêzes, na sua marcha triunfante, um sulco de sangue* (Latino F. de M. 165) – COM SEREM *difíceis, as ia preparando e explicando tão cabalmente como se fôra provento nelas* (Silvério V. D. V. 15) *esta verdade, porém*, COM TER *o consenso universal... não dirime a estranheza* (Latino N. e P. V-106).

862 – Concessiva com indicativo.

Nas orações concessivas, usam os clássicos não só o modo subjuntivo, mas também o indicativo.

Camboldão... levantou-se o melhor que pôde, PÔSTO QUE a ferida, que recebera, lhe ESTORVAVA não o poder fazer à sua vontade (F. Moraes P. de I. 41) *o que diz Galeno é o certo...* INDA QUE *nunca FALTAM partos monstruosos e de muitas formas* (Arrais D. 50) – *a primeira causa da falta de gente, que se padece neste Reino, são as nossas conquistas, porque estas, AINDA QUE FORAM de grande utilidade... todavia defraudaram muito êste Reino da gente que lhe era necessária* (Severim N. de P. I-15)

a murmuração, AINDA QUE SAIU pela língua, teve a ocasião nos olhos (Vieira S. V-I00) – PÔSTO QUE esta superioridade ERA eletiva, lbe durava por tôda a vida (Pita H. A. P. 236) AINDA QUE o mancebo ou mulber, com algumas boras de sossêgo, OUVÉ as inspirações do anjo... não se resolve a retirar-se dos vícios (Sacramento V. H. P. 68) – PÔSTO QUE FALTOU indignamente à sua palavra, não há certeza de que o mêdo de um ou de outro partido lba não faça cumprir ainda (Garrett P. B. E. 92) INDA QUE a nossa essência É saltitar à toa, eu farei diligência (Castilho F. 315) – outro tanto não sucederá talvez com os de hoje, BEM QUE os paradoxos do grego não DERRAMAVAM sangue, ao passo que os do militarismo atual cobrem de luto a face do globo (Rui G. G. 36) pululam grande número de vezes que, AINDA QUE PARECEM novas, e de fisionomia tirante ao francês, são de mui antiga e acrisolada ascendência (M. Barreto F. L. P. 117) de todo lbe faltavam as forças do corpo para o trabalho da pregação, AINDA QUE TINHA vigôres as do espírito (Silvério V. D. V. 223) AINDA QUE FOI porventura essa concepção que ditou as seguintes palavras ao escritor latino... o ensino é que... dá atividade, força e vida atual a essas disposições (E. C. Ribeiro P. L. E. 146) SE BEM QUE HOUE um gramático illustre chamado Lobato, êste meu Lobato de agora está alheio à gramática (Cândido F. e E. III-I57).

b) Orações Temporais

863 – QUANDO FOI DO.

As orações iniciadas com a conjunção QUANDO admitem duas construções:

QUANDO *foi* A *insurreição*.

QUANDO *foi* DA *insurreição*.

Exemplos do primeiro tipo: *a sua cabeça rolara no cepo do verdugo, QUANDO FOI A INSURREIÇÃO contra o despótico Pedrarias de Ávila (Latino F. de M. I33).*

Exemplos do segundo:

QUANDO FOI DAS FESTAS *pelo casamento do príncipe D. João, pai del-rei, viu-se aí, no Céu, por cima da Sé e muitas noites, um fogo em forma de ataúde (Castilho Cam. apud M. Barreto N. E. L. P. 223) o avô da nossa vizinha Leonarda morreu enforcado, QUANDO FOI DO levante da companhia (T. Vasconcelos P. A. D. I27) QUANDO FOI DO terramoto, contava ela cinqüenta anos (Camilo Perfil do marquês de Pombal apud M. Barreto N. E. L. P. 223) – êste patife, QUANDO FOI DO CÊRCO, ao avistar um burguês adiposo... gritava-lbe logo Gare l'obus (Silva Ramos P. V. F. 22) vira êsses rancores... QUANDO FOI DO primeiro beija-mão que ela no Pôrto obtivera do rei (Antero L. T. 119).*

c) Orações Condicionais

864 – A TER = se tivesse.

As orações condicionais podem ser substituídas por uma infinitiva regida da preposição: A TER EU *a desgraça de ser govêrno* ou *se tivesse eu a desgraça de ser govêrno*.

E o fizera sem falta, A NÃO SE ATRAVESSAR o bom zelo de um seu criado (F. M. Melo A. D. 68) *A NÃO SER assim, não fôra possível o que vejo* (Bernardes N. F. III-10) – *A NÃO HAVER êste desconto, seriam, os senhores de engenho, os vassalos de maiores rendas* (Pita H. A. P. 10) *A VIVEREM num congresso menos luzido... melhor escreveriam* (Filinto O. C. IX-372) – *A SER-ME isto vedado, contento-me com o prazer bebido nas ficções de Vergílio* (O. Mendes Vergílio Brasileiro pg. 203) *tu nem deste melhor conselho do que o meu; A HAVÊ-LO DADO, não se houveram aproveitado os que eu ditei* (Latino O. da C. 67) *A TER eu a desgraça de ser govêrno... havia de fazer tudo para ilustrar o povo* (Castilho F. pela A. 181) – *A NÃO SE TRATAR de um miserável... só duas forças seriam capazes de forrar uma alma contra a abjeção incomparável daquela queda* (Rui C. de I. 137) *A NÃO SE ACODIR com algum remédio novo e extraordinário, não há mais esperar, se restitua essa Província ao antigo estado* (Silvério V. D. V. 60).

865 – Subjuntivo pela condicional.

Podem também as condicionais ser substituídas por orações com o verbo no subjuntivo, podendo vir este acompanhado ou não com a partícula QUE.

QUE SE LEVANTE a mais ligeira brisa, basta o seu macio bafejo para encrespar a superfície espalhada do mar (Garrett V. M. T. I-82) *QUE O NÃO FAÇA, varridos mar e terra e céu profundo lá se vão pelos ares* (O. Mendes E. I. I.º v. 71) *HAJA, PORÉM, um EXCESSO de ácido, a albumina não se separará na urina submetida ao seu reagente físico* (F. Castro E. C. 94) – *QUE A FORTUNA BAFEJE um arcaísmo, QUE UM ESTRANGEIRISMO CORRESPONDA a uma verdadeira necessidade; QUE UM NEOLOGISMO LOGRE o favor do público ou QUE UM BARBARISMO SE IMPONHA pela força do hábito e todos sairão da classe a que pertencem* (M. Barreto A. D. G. 300).

d) Orações Modais

866 – Nas orações com a conjunção COMO, a clareza exige muitas vezes que a preposição ou ausência de preposição especifique a quem se refere o termo ou locução que se segue ao COMO. Por exemplo:

falei-lhe COMO amigo.

falei-lhe COMO A amigo.

No primeiro caso *amigo* refere-se à pessoa que fala, no segundo à outra pessoa a quem ela falou.

Os antigos, como bem observou o Sr. Mário Barreto, eram mais cuidadosos em observar, quando era o caso, este louvável uso da preposição, empregando-a mesmo quando não havia perigo de ambiguidade.

Depois da ceia, muitos do lugar os foram ver, COMO A COUSA NOVA (Castanheda H. do D. I-15) *todos se arrimaram à doutrina e modo de S. Tomaz... COMO A FIRME COLUNA* (H. Pinto

I. V. C. II-74) igualmente o reverenciavam COMO A VIVO e o choravam, COMO A DEFUNTO (Lucena A. P. II-272) – o bom ladrão pediu a Cristo, COMO A REI, que se lembrasse dêle (Vieira S. V-82)... tratando, COMO A INIMIGOS, aos que eram fiéis e leais ao seu rei natural (S. Maria A. H. I-50) a mim, COMO A SENHOR, cabe a primeira (Filinto O. C. VI-70) – dão os mais dos profissionais o primeiro lugar aos poetas, COMO A NOSSOS PRIMEIROS MESTRES (Sotero C. L. P. B. I-II) *Elisiário que a conbecia desde pequena, falava-lhe*, COMO A UMA IRMÃ mais moça (M. Assis P. R. 51) *recebia-os el-rei* COMO A BONS AUXILIARES e amigos (Castilho Q. H. P. II-28) *reconbeciam-no, mas não o adoravam*, COMO A UM SÓ DEUS (Camilo H. de P. II-25) – todos, COMO A PAI EXTREMOSO, o traziam dentro do coração (Silvério V. D. V. 33) COMO A MOZART, *te selou a natureza com o sinete do gênio* (E. C. Ribeiro P. L. E. 80).

ÍNDICE ALFABÉTICO

(em que se mencionam os números marginais)

A

- À baila, à balha 342
abaixar, abastar, aboiar etc. 204
abantesma, avantesma, aventesma 240 e 241
abóbada e abóboda e 240
à boca cheia 343
à boca pequena 452
à bofé 125
a bom mercado 533
a bom recado 344
a brule – pourpoint 526
absurdeza, absurdidade, absurdo 238
abundoso e abundante, aviltoso e aviltante 228
acabar com alguém 20
acabar consigo 21
a cavaleiro 345
aceifar, acingir, acipreste, acurvar etc. 204
acepções de sabor clássico 18 e segs.
achacado e achacoso 223
achanar 172
acompanhar com 699
à competência, à compita 346
acordar-se = recordar-se 22
açoteia 108
acreditar (trans.) 700
à desgarrada 347
adjetivo adverbado 329
adjetivo qualificativo substantivado 269
admira-me alguma coisa 701
adonde = onde; amedrentar; amenbã etc. 13
adormecer-se = adormecer 694
a eito 348
a espaços 349
afã e afano 207
à fé, a la fé 350
à feição 351
afeminado e efeminado 240
aférese 208
a festo 352
affigido 325
à fula-fula 353
a furta-passo, a furto 354
agora ... agora ... = ora... ora 511
à grande, a la grande 355
agro = campo 109
aguçoso 110
à guisa de 356
ajoelhar = ajoelhar-se 694
à justa 357
al III
a la grande 355
a la mira 358
alamiré, alâmpada, alanterna etc. 204
a la moda 359
a lanço, a pelo 360
a lanço e lanço 361
a la par 362
aldemenos 112
alegar com 702
alevanto (subst.) 113
alfanado 114

- alfim 115
 Algumas observações: sobre as categorias gramaticais 264 e segs.; sobre orações subordinadas 86I e segs.
aliagem 527
 alicantina 589
 à ligeira 363
 almadrake 116
 almoçado = que almoçou 324
 almuinha, almuinheiro 117
 alto e malo 364
 aluado 551
 aluguel e aluguer 248
 albergue e alvergue 241
 à mão-tenente, à mão-tente 526
 amamar, amamar-se 118
 à matroca 365
 ambos os dois 851
 a medo 366
 ametade e metade 204
 amiúde e a miúdo 244
 a modo que 173
 admoestar e amoestar 209
 amor por alguém 775
 anacoluto 854 e segs.
 anacoluto aparente 860
 anacoluto com possessivo 858
 ancho 176
 andurrial 119
 anumerar 120
 ao compasso de 367
 ao demais 368
 ao justo 357
 a olho, a olho visto 369
 a olhos vistos 370
 ao mesmo passo 371
 ao parecer 372
 ao presente 422
 ao revés 373
 à pancada 374
 a par de 465
 Apelidar: = denominar 23; = convocar 24
 apelido 23
 apenas = dificilmente 330
 apesar de que 499
 apetite 25
aplomb 528
 apócope 209
 apontado = atilado, correto 25
 a ponto 375
 após de 466
 aposentar = alojar 27
 a pouco e pouco 455
 a preceito 376
 apresto, aprestar, aprestar-se 630
 A prostético 204
 aproximar-se a 703
 aprumo substituindo *aplomb* 528
 à pureza 377
 a qual = cada qual 304
 à queima-roupa 526
 aquilo = aquela sentença 28
 aravia 529
 Arcaísmos: de uso popular 13;
 inaproveitáveis 104
 arenga = discurso, arengar = discursar 631
 a revezes 378
argot 529
 armar a 29
 a rôdo, a rodos 379
 arraigar e arreigar, arrezoar e arrazoar 240
 arreçar, arrenegar, arruído 204
 arteiro 175
 a sabendas 121
 asinha 122
 às invejas 380
 à socapa 381
 a só por só, a sós por sós 462
 aspecto e aspeito 257
 às rebatinhas 382
 assassinato 596
 assaz 336

assaz de 632
 asselar, asserenar, assoprar etc. 204
 assim como assim 383
 assim como = assim que 512
 assim... como = não só... mas também 489
 assim... quanto = não só... mas também 490
 assim que = de modo que 506
 assim... que = não só... mas também 491
 assinar = indicar 30
 assistir em 704
 assombrar = cobrir de sombra 31
 assuada 542
 às surdas 385
 à sua guisa 356
 a súbitas 386
 à surreifa 387
 às testilhas 385
 às vexas e às avexas 208
 às vinte 388
 a talho, a talho de foice 389
 ataque = acesso 597
 a toda a luz, a todas as luzes 390
a tout basard 531
 aturdido 532
au bon marché 533
 audacioso 598
 à uma 391
au rabais 534
 ausência do *n* que se costuma pôr entre o verbo e o pronome oblíquo 300
 autoridade dos filólogos – é critério de certeza? 6
 avalanche 599
 avante = adiante 176
 avença 123
 à ventura 392
 avergar, avexar, avincular, avojar 204
a vol d'oiseau 535
 a vozes 393
 azurrar 204

B

bago = báculo 124
 banal 600
 bancarrota 548
 bandalheira 177
 baque 178
 barregania 557
 bastas vezes 394
 batota, burla substituindo *supercheria* 589
 bêbado e bêbedo 240
 bem-amado 633
 bem = muito 633
 bem no sei 301
 bem que = decerto 179
 beneplácito 576
 bens da fortuna 639
 bexigas 276
 bifar 601
 bizarro 536
blasé 537
 boda 282
 bofé 125
 bolhão 126
 bom dito 582
 bom-tom 602
 bonomia 603
 bons dias, boas tardes, boas noites 277
 botar 180
 bote = arremesso 181
boudoir 538
bouquet 539
 brâmane e brâmene 240
 bravaria 127
 bucho 182
 bulha 542
 burnir e brunir 212

C

cabedal 58
 cachola 183
 cadimo 128

- cafejaste 184
calma = calor 32
câmara e câmara, camaleão e cameleão 240
camilha, canapé 541
cantarina 129
característica da linguagem clássica 16 e 17
carecer (trans.) 705
cárrego 130
casal = casa de campo 33
casar = casar-se 694
cascavel, caudal, cólera (masc. e fem.) 273
casos menos usuais de colocação de pronomes
808 e segs.
casquete, casqueta 540
casquette 540
catar = olhar 18
categorias gramaticais 264 e segs.
Caterina, *concrusão*, *contia*, *corenta* 13
cativar = prender 34
causas de sincretismos 203
ceado = que ceou 324
cem – dobro 131
chá das cinco 558
chaise-longue 541
chamá-lo = cognominá-lo 706
chambre 604
charivari 542
chefe de obra 543
chicana 605
chilique 188
ciumoso e ciumento 236
claustra 132
cofiar 606
colocação dos pronomes oblíquos 784
e segs.
com cedo 395
começar de 707
cometer = confiar 35
comício 571
como = quando 513
como que = como se 514
compadecer-se = coadunar-se 36
comparecer em 708
cômplice e cúmplice, concorrente e
concurrente 252
complot 544
compor = reconciliar 37
com ser (concessivo) 861
com veras 396
concessiva com indicativo 862
concordância do pronome indefinido com
substantivo por atração 676
concrudir 105
condicional substituído pelo imperfeito 317
conduta 607
confiar algo de alguém, confiar de alguém 709
conjunção = circunstância 38
conjunções concessivas 498 e segs.
conjunções coordenativas não atraem o
pronome 802
conjuração, conspiração substituindo *complot*
544
conspirar-se = conspirar 694
contagão 634
contentar-se de 710
contração das preposições com os
determinativos não é obrigatória 478
contração de *por* com o pronome oblíquo 480
conversar (trans.) 711
convinhável 133
copa = taça 39
corbelha substituindo *corbeille* 545
correlação dos tempos 669
corrença 134
correr (a obrigação) 40
correr-se de = envergonhar-se de 41
craro 105
crasta 135
credo = pequeno espaço de tempo 42
crer a 713
crer (trans.) 712
cujo (interrogativo e predicativo) 302

culpado e culposo 223
 cumprir = completar 43
 curar de 44
 cuvilheira 588

D

dado que = ainda que 500
dandy 547
 dar a alguém para = alguém dar para 714
 dar em = dar para 715
 dativo com infinito 777
debacle 548
 de boa avença 397
deboche 549
 de cachapuz, de chapuz 398
 de cambulhada 399
 de corrida 400
 de cotio 401
 de escantilhão 402
 de esconso 403
 de espaço 404
 de espaço em espaço 405
 de estudo 406
 de feição que 507
 de feito 407
 defender = proibir 635
 defendimento, desapegamento 227
 defesa, defesa, defesa 257
 de força 408
 de frente a frente 591
 de futuro 409
 de golpe 410
 de gorra 411
 degradar e degredar 240
 de guisa que 508
 deixonção 189
 deleixo e desleixo 216
 de lés a lés 412
 de ligeiro 413
 de longe a longe, de longe em longe 414
 de mais a mais 415

demandar = pedir, perguntar 636
 de mano a mano 416
 de maravilha 417
 demonstrativos e indefinidos não atraem o
 pronome 804
 demorar = habitar 637
 de moto próprio 418
 dentro em 469
 donde a onde, de onde em onde, de ora em
 onde 431
 deparar com 718
 deparar-se = apresentar-se por acaso 719
 deparar (trans.) 716 e 717
 de pausa 419
 de per si mesmo, de per si só 420
 de plano 421
 de = por 467
 depós 466
de prão 105
 de presente 422
 deram onze horas 6
dereito, depois, devação 13
 de resto 608
 de rojo 423
 de roldão 424
 derredor de 470
 desbarato, desabe, , desgraça,
 desmantelamento substituindo *debacle* 548
 desamparar 45
 desanimar-se = desanimar 694
 desarmar = desarmar-se 694
 desaventura e desventura 206
 descoberta 609
 descômmodo, desmoralidade, despiedoso,
 desquietar 218
 Desconcordância: com as expressões *é preciso, é*
necessário 683; por atração do complemento
 (no plural) quando o sujeito é coletivo
 673; por atração do predicativo 671;
 por influência de sentido do coletivo sem
 complemento 674

descrido = descrente 324
descuidoso, despeitoso, desventuroso 223
descurioso, descuriosidade 185
desdenhar de 720
desejar de fazer 693
desencalmar 32
desenho = projeto 46
desertar (trans.) 721
desesperar-se = desesperar 694
desfazer em 722
desgarre 528
desinquietar, desinquietao 259
desjeito substituindo *gaucherie* 561
de siso 425
desmancho, desbragamento, desordem,
deuassidade, dissoluçao substituindo
deboche 549
desmiuçar, despavorido, destorcer-se 217
desnudez 259
de = sobre 468
de sobremão 426
de sobre pensamento 427
de socapa 381
desolar, desolaçao, desolado 610
de sorrate 428
despegar e desapegar, desassossego e
dessorsego 209
despejo = falta de pejo 258
desprimor substituindo *gaffe* 560
dessert 550
desta guisa 356
desvario e desvairo 211
desvelado = sem dormir; desvelar = privar do
sono 47
detençoso 136
determinar de fazer 693
determinar-se em 723
de todo o ponto 429
de torna viagem 430
detraquê 551
deuassidade 549

devedado 137
dever de 724 e 725
deveu 321
de voo 535
dezassei e dezessei, dezassete e dezesete,
dezanove e dezenove 240
diferença = desauença 638
digerido = que digeriu 324
dignar-se de fazer 726
Discurso = raciocínio 48 = decurso 49
divertir, diversao 50
díuido 138
dona íntima 588
donde a onde 431
dupla negativa 844
dupla regência 697

E

ear e ejar 235
é bem = é bom 285
economia de som 19
é de ver 671
efetuar e efetuar 257
elegante (subst.) 547
Elipse: da preposiçao na expressao *de*
que 822; de *com* nos complementos
circunstanciais de modo 668; de *em* 824;
de *nem* alternativo 831; de *para que* 830; de
partículas já enunciadas 833 e segs.; de *que*
integrante 825; de *que* nas concessivas *dado*
que, *se bem que*, etc 826; de *se* condicional
829; de *tal* nas conjunçoes: *de tal modo...* *que*,
de tal maneira ... que etc. 828; de *todos* antes de
quantos 821; de *tudo* antes de *quanto* 820; do
verbo *ser* com os verbos *merecer*, *haver mister*,
querer etc. 816; do verbo *ser* nas oraçoes de
sentido concessivo 817; do verbo *ser* nas
oraçoes infinitivas com as preposiçoes *para*,
por, *sobre* etc. 818; zeugma 814
embaçadela, embuste substituindo *supercheria*
589

- em barda 432
 embeleco 186
 emboras, êxtasis (masc. e fem.) 273
 emboras = parabéns 51
 emburilhada 139, 566
 emoção 611
 em e re 219
 em o, em este 478
 em ordem a 471
 empiorar e piorar 205
 empós, empós de 466
 em que = ainda que 501
 em talas 433
 em tanta maneira ... que = de tal modo que 515
 em tanto 434
 encalmar, desencalmar 32
 encarar com 727
 encarar em 728
 encontrar com 729
ende 105
 enfadonho e enfadoso 257
enfant gâté 552
 enfrear e refrear 219
 engenho = inteligência 52
 enquanto a 472
enragé 553
 entender com = referir-se a 53
 entender em = aplicar-se a 53
entêté, entestado 554
 entono substituindo *aplomb* 528
entourage 555
 entrar (trans.) 730
 entrecalar, entremeter, entremetente 220
 entre, inter e intro 220
 entre lusco e fusco 435
 entremez substituindo *intermezzo* 568
 entre mim, entre si 436
 entrenhas e entranhas, estandarte e estendarte 240
 entretanto = neste ínterim 331
 entretanto que = enquanto 516
 epêntese 206
 epítese 207
 eremita e ermita 209
 erros dos clássicos 12
 esboroamento substituindo *debacle* 548
 esburgar e esbrugar 212
 escanção, escancear 140
 espedaçar e despedaçar 217
 escondrijo e esconderijo 209
 escontra 141
 escote 142
 escusar = ser escusado 731
 é-se 781
 está-se 782
 esforçar (trans.) 732
 esgares 564
 esmarrido 143
 esperar de fazer 693
 espíritos = ânimo, fortaleza 278
 esquece-me alguma coisa 734
 esquecer (trans.) 733
 esquecido = que esquece 324
 esse, ele, ele mesmo enfático 842
 estadia, estância, substituindo *séjour* 583
 estar que, estar em que = julgar que 54
 estrangeirismos 521 e segs.
 estrangeirismos viciosos 526 e segs.
 estranja 187
 estremeção substituindo *frisson* 559
 estremecer-se = estremecer 694
 estribar = estribar-se 694
 estruir e destruir 208
 eu... me parece 856
 expressões populares 171 e segs.
extrait 556

F

- fábrica = construção 55
 fabricar = construir 55
 facção = feito 56

face por face 591
 falcatrua substituindo *supercheria* 589
 falecer = faltar 57
 faniquito 188
 fantasia e fantesia, fregata e fragata 240
 fantasma (masc. e fem.) 273
 fartas vezes 394
 fagulha e faúlha 209
faux ménage 557
 faze e faz (imp.) 210
 fazem-o, provam-o 300
fazenda = ação 18
 fazer cabedal de 58
 fazer deixação 189
 faz muitos anos 685
 febres 279
 felicitar = tornar feliz 59
 fenecer = acabar 60
 fiar = crer 61
 fiar de, fiar-se de 735
 ficar = assegurar 62
 filho de algo 144
 fio a fio 437
 fitar 737
five-o-clock-tea 558
 fleumático e fleugmático 206
 folgança e folguedo 226
 formas arcaicas ainda hoje populares 13
 Fortuna: = sorte 63 = boa sorte 64
 frança substituindo *dandy* 747
 fraudulento e frauduloso 236
 frauta e flauta, flecha e frecha 248
fremoso, frof, fruíta 13
frisson 559
 fugir a 739
 fugir (trans.) 738
 fulgurante e fulguroso 228
 funeral, funerais 612

G

gaffe 560

gaifonas 564
 gaio 640
 Galicismos: aparentes 629 e segs.; de Camilo
 II; naturalizados 595 e segs.
 gamenho 613
 ganância = lucro 65
 ganhado 325
 garnir 145
 gastado 325
gaucherie 561
 gênero dos substantivos 273
 gentil-homem 562, 641
gentleman 562
 gerúndio preposicionado 319
 gerúndio preposicionado com sujeito
 interposto 320
 gesto = semblante 66
giolho 105
 goela (o) 190
 goliardo 146
 gorra substituindo *casquette* 540
 governança 67
 grabato 642
grande mundo 563
 grande senhor 643
 grande e grão 210
grimaças, grimanças 564
guai = ai 105
 guarda-roupa (masc. e fem.) 273
 guarecer 147

H

habitudo substituindo *habitué* 565
 haja vista, hajam vista 740
 haver aí 312
 haverá trinta anos 322
 haver de mister 742
 Haver = conseguir 69; = julgar
 68; = ter 310; vista de = ver 148
 haver mister 741, 743 e 744
 haver-se = proceder 70

haver vista de 148
 hecatomba e hecatombe 240
 heis, hemos = haveis, havemos 327
 hipértese 211
 homem (pronome indefinido) 308
 horda 614
 humanal e humano 224
 humilhamento e humilhação 227

I

ícia e ície 239
 idas e venidas 149
imbroglio 566
 imos = vamos 328
 imperativo com próclise 807
 imperfeito pelo condicional 317
 importa-me alguma coisa 746
 importar (trans.) 745
 incúria substituindo *nonchalance* 573
 inda e ainda 208
 indicativo na oração concessiva 862
 inelegante, inobediente, irrespeitoso 218
 infante = menino 644
 infinitíssimo 292
 Infinito: enfático 843; impessoal
 substantivado 264; não está sujeito
 à atração da negativa 788; pessoal
 substantivado 266; substantivado com
 complementos 267; substantivado no
 plural 265; substituindo o imperativo 318
 ingranzéu 529
 ingresia 191, 542
 inimizio 150
in perpetuum 567
 interlôquio 569
intermezzo 568
 intertecer, intertenimento 220
interview 569
 inusitado 645
 inversão na contração 481
 investir (trans.) 747

invictíssimo 292
 ir a fazer alguma coisa 748
 ir bem ou ir mal a alguém 750
 ir fazer alguma coisa a (para) algum lugar 751
 irado e iroso 222
 ir para fazer 749
 isolar 615

J

já e jamais (reforços de superlativos) 340
 jantado = que jantou 324
 jurar de fazer 693

L

lameda, laúde 208
 lanço dolhos 546
 legenda = lenda 616
leixar 105
 lembra-me alguma coisa 752
 ler em 753
 ler por 754
 letras = carta 646
 lhe... a alguém 850
 “lhe” pelo possessivo 297
 “lhe” sujeito 777
 liança 204
 libré 617
 lição = leitura 72
 lido = que leu 324
 liga substituindo *aliagem* 527
 ligar e liar 209
 linguagem = idioma vernáculo 73
 locuções adverbiais 341 e segs.
 Locuções conjuntivas: concessivas 498 e segs.;
 conclusivas 505 e segs.; copulativas 488
 e segs.
 lógica e linguagem 3 e 4
 Longes: substantivo 271; adjetivo 287
 louva-se a Deus 783
 lustroso = ilustre 74
 luz = aproveitar 75

M

macacoa 192
 madama 618
 madorna 193
 magote 194
 maior de, mais de = maior do que, mais do que 289
 mais (adjetivo) 289
 mais bem – com adjetivo participial 333
 mais ínfimo, mais mínimo, mais péssimo 292
 mais pequeno 288
 mais tarde 619
 malcheio, malcontente, malfecundo, malfirme 260
 maldoente, malferido 261
 mal pecado 151
 mal que = logo que 517
 malseguro, malsereno, malsinceramente 260
 manso e manso 438
 mantéu e mantol substituindo *manteau* 570
 mão por mão 439
 marosca, maroteira substituindo *supercheria* 589
 mas que = ainda que 502
 matalote, matalotagem 620
 matóide 551
meeting 571
 meio-dia = sul 648
 meio (flexionado) 332
 melhor ou mais bem com adjetivo participial 333
 menagem = homenagem 152
 meneio substituindo *ménage* 572
 menino de mama 574
 merecem examinadas 816
 mascarar, mascabar e menoscar 209 e 240
 mesnada 153
 mesteiral 154
mesura = generosidade 18
 metáclise 811
 metátese 212

meter-se de gorra com alguém 411
 mimoso = predileto 76
 moda e linguagem 12
 mole mole 440
 moléstia = incômodo 77
 momos 564
 montar = aproveitar 78
 morder em 755
 mui e muito 210
 muita vez 441

N

na cola 442

 nanja, nenja 195
 não (expletivo comparativo) 837
 não (expletivo exclamativo) 836
 não há (com infinito) 313
 não... mais 649
 não obstante que 503
 não pouco 296
 não outro... que = não outro... senão 650
 não só... como 492
 não só
 ... porém sim 493
 não só... que também 494
 não só... senão que 495
 não só... senão também 496
 não só... também 497
 narizes 280
 neblina e nebrina 248
 negaça 589
nego = *senão* 105
 nem =
 ou 518
 nenhuns 294
 neologismos de Castro Lopes 523
 neste comenos, neste em meio, neste entanto,
 neste entremeio, neste entrementes, nesse
 entretanto 443
 N eufônico 300 e 301

neutral e neutro 224
 noite desvelada 47
 nomear = denominar 79
 no mesmo ponto 444
nonchalance 573
 no presente 422
nourrisson 574
 novador e inovador 205
 num átomo 445
 número dos substantivos 274 e segs.
 num flagrante 446
 num repente 447
 nunca dos nunca 448
 nunca jamais 845
 nunca (reforço de superlativos) 340

O

obdurado 553
 obfirmado 554
 Objeto: infinitivo com a preposição *de*
 693; partitivo 692; pleonástico 849;
 preposicionado 692 e 693
 obreiro 651
 Observações: sobre algumas orações
 subordinadas 861 e segs.; sobre as
 categorias gramaticais 265 e segs.
ogano 105
 o para que ... é para 853
 opiniático 553
 optar por 756
 o que há a fazer 776
 o que há mau 823
 o que (interrogativo) 303
 o quer que 307
 ora = agora 335
 Orações: concessivas 861 e 862; condicionais
 864 e 865; modais 866; temporais 863
 orate 551
 ordem inversa 860
 orelhas = ouvidos 80
 Oscilações: entre *a* e *e* 240 entre *b* e *v* 241;

entre *c* e *g*, *qu* e *gu* 242; entre *d* e *t* 243;
 entre *e* e *o* na desinência 244; entre *hi* e *j*
 245; entre *ca* e *x* na desinência 246; entre *l*
 e *lh* 247; entre *l* e *r* 248; entre *n* e *nh* 249;
 entre *o* e *a* na desinência com duplicidade
 de gênero 250; idem, sem mudança de
 gênero 251; entre *o* e *u* 252; entre *ou* e *oi*
 253; entre *s* e *z* 254 entre *t* e *tr* 255; entre
 vogal oral e nasal 256
 ousar de fazer 693

P

paladar e padar 209
 paladim e paladino 207
 palavras substantivadas 264 e segs.
 paleio 196
 palhaço = de palha 155
 pantalonas 156
 parabém 282
 para eterno 449
 paragoge 207
 para logo 450
 par a par 451
 para perpétuo 567
 para que é? 314
 Parecer: = semblante 81 = aprazer 82; eles
 parece estarem 757; parecer-se a 758
 parlenda, parlenda, perlenda, parlenga 240 e
 257
 parteleira e prateleira 212
 partes = qualidades 83
 participar (trans.) 759
 participípios depoentes 324
 partículas expletivas 836 e segs.
 párvena substituindo *parvenu* 575
 pascigo, pascigoso 157
 passar = passar-se 694
 passiva impessoal 780
 patuá 529
 pela boca pequena 452
 pela flor 535

pela ventura = por ventura 158
 pelos anos de 1430 275
 pender = depender 84
 pensão = encargo 85
 pequenez e pequenez 249
 peralvilho, pintalegrete substituindo
 dandy 547
 perdimento e perdição 227
 pernejar e espernejar 205
 pérola e perla 209
peró 105
 per si, per si só 453
 personagem, preamar (masc. e fem.) 273
 pertender e pretender 212
 petimetre 621
piadoso, prefeição 13
 pique-nique 622
placet 576
 pleonasma 842 e segs.;
 Plural: de infinito substantivado 265; de
 substantivos abstratos 283
 pojar 159
 polícia = civilização 86
 por = como 473
 por esta guisa 356
 por fás e por nefas 531
 porfiado e porfioso 223
 por maneira que 509
 por modo que, por forma que 510
 por o 480
 por = para 474
 Porque = para que 519; sem atrair o
 pronome 794
 por sem dúvida 454
 por todo o sempre 567
 porventura = talvez 336
poseur 577
 pospasto 550
 possante, possança 652
 possessivo reforçado com *dele, dela* etc. 847
 posta 653

postres 550
 pouco e pouco 455
 poupado = que poupa 324
 prática, praticar 87
 prazer e aprazer (verbo) 204
 praz-me (subst.) 576
 prazo dado substituindo *rendez-vous* 581
 Prefixo: *des* intensivo 259; *des* negativo 258;
 mal intensivo 261; *mal* negativo 260; *re*
 262; *sem* 263
 preguntar e perguntar 212
 preitejar 160
 presidir em 760
 préstito substituindo *entourage* 555
 pretendido = pretenso 325
 prevenção 88
 previsto = que prevê 324
 primeiro que nenhum 309
 proibir de fazer 693
 prognóstico e pronóstico 209
 prol 161
 prometer de fazer 693
 Pronome oblíquo: sua colocação 784 e segs.;
 anteposto à negativa 809; anteposto ao
 pronome reto 810
 pronome reto não atrai o oblíquo 803
 propoedor 162
 próprio = mesmo 295
 prótese 203 e 204
 próximos 281

Q

qual a qual = cada qual 305
 qual deles, qual delas 305
 qualidades primordiais dos autores clássicos
 16 e 17
 qual... qual = este... aquele 299
 qualquer (pronome indefinido) 306
 quamanho 163
 quando foi do 863
 quantia = quantidade 89

quanto = quão grande 293
 Que: alternativo 484; causal 485; concessivo 487; copulativo 483; = de que 822; encabeçando optativas 654; expletivo com advérbios 838; expletivo exclamativo 839; final 486; = o que 298; = *quando* em correlação com *apenas* 578; = quão 337; sem atrair o pronome 793 e 796; substituindo *e* na oração principal, após a elipse da condicional *se* 829.

que de = quantos 655

que fará? 197

que farte 164

que não (expletivo) 840

que nem = como 198

quere e quer 210

quintessência substituindo *extrait* 556

quis-me dizer 806

R

ramalhete, ramilhete, raminho substituindo

bouquet 539

rebentina 165

reacar de fazer 693

recolher = recolher-se 694

recolta substituindo *recueil* 579

recontar 656

recontro 657

recueil 579

reforço de superlativos 340

refrão substituindo *refrain* 580

refusar 658

regaçada de flores 539

Regências dignas de registro 698 e segs.; autorizadas 775 e segs.

Regras sobre colocação de pronomes:

arbitrárias 801 e segs.; científicas 785 e segs.; diretivas 792 e segs.

relancear de olhos, relance de olhos 546

rem 105

remoinho e redemoinho 206

render graças 659

rendez-vous 581

renegar de 761

renunciar (trans.) 762

reparar em 763

repelão substituindo *frisson* 559

repercutir-se = repercutir 694

repetição do artigo antes do superlativo relativo 530

reportar-se 660

reprochar 661

resoluto = resolvido 326

responder = corresponder 90

resquícios de regras ditadas pela lógica 5

ressábio e ressaibo 211

retirar = retirar-se 694

revivescência léxica 104 e segs.

roda fina 563

rosto a rosto 591

rotina 623

S

saber a 91

saciado 537

saillie 582

salácia 549

salamão, saluço, salvage, sancristão, somana 13

salvo = senão 338

samica 105

saque e saco 244

sarau, serão, seroada substituindo *soirée* 587

saúde = brinde 592

“se” apaixonante com causa eficiente 779

“se” expletivo interrogativo 841

segunda forma do condicional e do imperfeito do subjuntivo 316

segurança e seguridade 225

séjour 583

sem conta 456

sêmel 166

sem-justiça, sem-razão 263

sem questão 457
 sem tir-te nem guar-te 458
 sem tom nem som 459
 senão = mas 520
 sentinela (masc. e fem.) 273
 se + o, a, os, as 584
 ser de mister 764
 Ser = estar 315; = existir 92; = ter, como
 auxiliar 311
 ser parte = contribuir 93
 servir de fazer 766
 servir (trans.) 765
 seu dele 847
 silvar, silvo, sibilo, substituindo *siflar, siflo* 585
 e 586
 silepse 819
 síncope 209
 sincretismos 203 e segs.
 Sinonímia de prefixos: *a* e *com* 213; *a* e *em* 214;
 contra e *contro* 215; *de* e *des* 216; *des* e *es* 217;
 des e *in* 218; *em* e *re* 219; *entre*, *inter* e *intro*
 220; *per* e *por* 221; *trans*, *tras* e *tres* 222
 Sinonímia de sufixos: *ado* e *oso* 223; *al* e *o* 224;
 ança e *dade* 225; *ança* e *edo* 226; *ança*, *ença*,
 mento, *ção* e *o* (*a*) 227; *ante* e *oso* 228; *ar* e *ear*
 229; *ar* e *iar* 230; *aria* e *eria* 231; *dão*, *or* e
 ura 232; *dela* e *dura* 233; *dor* e *tivo* 234; *ear* e
 ejar 235; *ento* e *oso* 236; *eza* e *ez* 237; *eza* ou
 ez, *ura*, *dade*, *dão* e *o* 238; *ícia* e *ície* 239
 Sintaxe: de concordância 670; e segs.; de
 regência 688 e segs.; do pronome *se* 778
 e segs.
 sisudo = prudente 94
 sítio = lugar 95
 sob color de, sob cor de, socolor de 475
 sobre = além de 476
 sobremedida, sobreposse 460
 “sobre” no superlativo relativo 477
 sobreposse substituindo *surmenage* 590
 sobressair = sobressair-se 694
 sobretarde 461

socorrer-se de 767
 sofrer = permitir 662
soirée 587
 soldão e sultão 243
 solidão e soidão 209
 sonido e soído 209
 só por só, sós por sós 462
 sorrir-se = sorrir 694
soubrette 588
 sou eu quem faço 677
 subjuntivo pela oração condicional 865
 Substantivos: adjetivados 284; de duplo
 gênero 273
 subverter e soverter 209
 Sucesso = fato 96; = bom êxito 663
 Sujeito = assunto 664; sem o sentido
 pejorativo 97
 Sujeito: coletivo com verbo no plural 674;
 composto abstrato 681; composto
 de diversas pessoas gramaticais 687;
 composto de sinônimos 679; composto
 formando um todo 680; composto
 posposto ao verbo 678; infinitivo
 com preposição *a* 689; infinitivo com
 preposição *de* 688; partitivo 690;
 preposicionado da subordinada infinitiva
 691; regido de preposição 688 e segs.
supercheria 589
 superlativo absoluto pelo relativo 291
 superlativos com tema duplo 290
 suposto que = ainda que 504
surcharge, *surmenage* 590
 surtida 665

T

tacha = mancha 666
 tal = assim 339
 tal qual vez 463
 tanger = tocar (instrumentos) ou
 dizer respeito a 98
 tanto = tão grande 293

tão mínimo, tão ínfimo, tão péssimo, tão único 292
 tardar em 768
 teiró, tigre, trama (masc. e fem.) 273
 tema duplo nos superlativos 290
 temer de fazer 693
 temer-se de = fazer 769
 tenção e intenção 208
 ter = julgar 99
 ter lugar 624
 ter mão 100
 terra a terra 464
 terramoto e terremoto, toscanejar e tosquenejar 240
tête-a-tête 591
 tibieza e tibiez 237
 titubar e titubear 229
toast 592
 tocante 625
 todo o mundo 667
todalas cousas, treição etc. 13
 tomara 199
 topar (trans.) 770
 tornar-se em 771
 traça, traçar = plano, planejar 101
 trifulha, tramoia, trampolina, trapaça, tratada, treta, e trica substituindo *supercheria* 589
 tramoia 200
 transposição de letras 211 e 212
 trans, tras e tres 222
 tremolar e tremular, troncar e truncar 252
 trigoso 167
 tríplice negativa 846
 triunfante e triunfoso 228
trotteur 593
 trupitante 168
 tualete 626

U

ulo, ula 105
 um dos que fez 686
 um e outro (com verbo no singular) 682
 uso de prefixos 258 e segs.
 utensil e utensílio 207

V

vaganau 169
 vale a pena de fazer 772
 val e vale 210
 várias categorias substantivadas 263 e segs.
 vários casos de sincretismo 256
 vaqueiro 201
 vela = vigilância 102
 veneta 202
 Verbos factitivos 696; facultativamente pronominais 694 e 695; substantivados no modo finito 268
 ver com seus olhos 852
 verdade seja 323
 vidramentos substituindo *vitraux* 594
 vilta 170
 vir a fazer 773
 vir de fazer 627
 visagens 564
 vista substituindo *rendez-vous* 581
 vista dolhos, volver de olhos 546
 víveres, vitualhas 628
 vodas e bodas 241
 voz = vocábulo 103

Z

zeugma 814
 zombar com alguém 774

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

(em que se menciona o número das páginas)

Introdução27

PRIMEIRA PARTE: *Opulência Léxica*

Capítulo I	ACEPÇÕES DE SABOR CLÁSSICO	43
Capítulo II	REVIVESCÊNCIA LÉXICA	75
Capítulo III	EXPRESSÕES POPULARES.....	89
Capítulo IV	SINCRETISMOS.....	95
Capítulo V	USO DE PREFIXOS.....	133
Capítulo VI	ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS CATEGORIAS GRAMATICAIIS.....	139

SEGUNDA PARTE: *Genuinidade*

Capítulo VII	ESTRANGEIRISMOS	213
Capítulo VIII	ESTRANGEIRISMOS VICIOSOS (I).....	219
Capítulo IX	GALICISMOS NATURALIZADOS.....	241
Capítulo X	GALICISMOS APARENTES.....	257

TERCEIRA PARTE: *Variedade Sintática*

Capítulo XI	SINTAXE DE CONCORDÂNCIA	277
Capítulo XII	SINTAXE DE REGÊNCIA	285
Capítulo XIII	SINTAXE DO PRONOME “SE”	321
Capítulo XIV	COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS	325
Capítulo XV	ELIPSE	345
Capítulo XVI	PARTÍCULAS EXPLETIVAS	355
Capítulo XVII	PLEONASMO	359
Capítulo XVIII	ANACOLUTO	365
Capítulo XIX	OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS ORAÇÕES SUBORDINADAS	369

